Cinthia Tragante

RIO EM OBRAS

Habitação e Urbanismo em
Machado de Assis e Lima Barreto

USP

FAPESP

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

RIO EM OBRAS:
habitação e urbanismo em
Machado de Assis e Lima Barreto

Cinthia Tragante

São Carlos
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

RIO EM OBRAS:

habitação e urbanismo em

Machado de Assis e Lima Barreto

Cinthia Tragante

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo.

(Versão final)

Orientadora: Prof. Dra. Telma de Barros Correia

São Carlos

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

T765

Tragante, Cinthia Aparecida

Rio em obras: habitação e urbanismo em Machado de
Assis e Lima Barreto / Cinthia Aparecida Tragante;
orientador Telma de Barros Correia. São Carlos, 2014.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em
Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo --
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de
São Paulo, 2014.

1. Rio de Janeiro. 2. Cidade. 3. Literatura. 4.
Representação. 5. Machado de Assis. 6. Lima Barreto. I.
Título.

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidata: Arquiteta e Urbanista Cinthia Aparecida Tragante

Título da dissertação: *"Rio em Obras: habitação e urbanismo em Machado de Assis e Lima Barreto"*.

Data da defesa: 13/11/2014.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. **Telma de Barros Correia (orientadora)**
(Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP)

Prof. Dr. **Joubert José Lancha**
(Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP)

Prof. Dr. **Paulo César Garcez Marins**
(Museu Paulista - USP)

Resultado:

Presidente e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: Professor Associado **Márcio Minto Fabrício**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Maria e Carlos, que possibilitaram e deram suporte aos diversos estudos durante os longos últimos anos e que, quaisquer que fossem elas, sempre acreditaram nas minhas escolhas;

À Chris, irmã que sempre foi um exemplo para mim e por tanto tempo ouviu e discutiu ideias e projetos com muita atenção e também debateu e opinou durante o desenvolvimento deles;

Ao Ivan que acompanhou e ajudou cada processo, principalmente nesses últimos anos, e soube pressionar a cada momento que havia a necessidade, mas também dar carinho, calma e atenção nas horas mais difíceis, me fazendo jamais me sentir sozinha nessa empreitada;

A todos os amigos e amigas que me incentivaram e estiveram comigo concebendo e desenvolvendo esta pesquisa, desde as graduações: os letranianos Valeria, nas discussões e trocas de figurinhas do mestrado e sobre a burocracia da Fapesp, Guilherme, por ser esse eterno amigo mesmo que estejamos tão ausentes, Vanessa, nas discussões e companhias nas horas de lazer; e aos arquitetos Vanessa Barbosa pela companhia pelo Rio e durante a graduação, Isabela Costa e Naiane Marcon, por deixar o início da vida da pós-graduação mais animada, Camila Schiavetto que, mesmo achando que “grifar substantivos” era coisa do Jardim de Infância, sempre foi uma ótima companheira, Camila Bortoluzzi que por um bom tempo continuou na companhia da vida são-carlense e depois acompanhou os momentos finais na metrópole paulistana, Marina de Holanda e Fausto Rodrigues, casal amigo e acadêmico, Tânia Bulhões pelas discussões e trocas de experiências da vida acadêmica, Julianna Prota, que incentivou este trabalho mesmo quando ele ainda era apenas uma ideia fixa, e a todos os amigos da graduação, que não estão tão presentes mais na vida cotidiana, mas fazem parte deste trajeto.

Aos funcionários das instituições cariocas que pude visitar, em especial do Arquivo Geral da Cidade, que me trataram e me auxiliaram com muita atenção;

Aos professores do curso de Letras, na UFSCar, que me mostraram o universo infinito e apaixonante da Literatura, em especial ao Wilton José Marques, quem me fez iniciar todo esse trajeto; Tania Pelegrini, pela eterna sabedoria e Rejane Rocha, pela orientação e atenção no trabalho final do curso, contribuinte a este trabalho.

Aos funcionários e professores do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, prestativos e

apoiadores da pesquisa, em especial ao Manoel Rodrigues Alves, o primeiro orientador da vida acadêmica, Joubert Lancha, pelo carinho à pesquisa, Paulo Castrol e Simone Vizioli pela atenção, Paulo Fujioka por sempre acompanhar e apoiar a vida acadêmica;

Ao professor Paulo Garcez Marins, que leu o trabalho com muita atenção e fez considerações muito importantes para a finalização desta pesquisa no Exame de Qualificação;

À Fapesp, que financiou e possibilitou essa pesquisa e os eventos dos quais pude participar e neles enriquecer o trabalho com novas ideias e sugestões;

E, finalmente, à querida professora e orientadora Telma de Barros Correia pelo apoio, incentivo e confiança no trabalho desde a primeira conversa.

*O meu fim evidente era atar as duas pontas da minha vida,
e restaurar na velhice a adolescência.*

Machado de Assis

RESUMO

TRAGANTE, Cinthia. **Rio em obras**: habitação e urbanismo em Machado de Assis e Lima Barreto. Dissertação de Mestrado – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014.

Durante o século XIX e início do XX, a cidade do Rio de Janeiro passou por diversas mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais por conta de ocorrências históricas marcantes principalmente no período oitocentista, como a vinda da família real no início do século, o crescimento econômico e as transformações políticas que se manifestaram depois da independência do país, o declínio do regime escravocrata, a ascensão da economia cafeeira e o investimento no transporte e indústrias. Tais fatores contribuíram para a transformação da configuração urbana e social da cidade carioca, emergindo, no início do século XX, uma cidade bastante diferenciada da que se apresentava no século anterior, inclusive no que se refere à habitação. Diversos destes acontecimentos, cenas urbanas e formas de morar são retratados nas obras de Machado de Assis e Lima Barreto, em meados do século XIX e início do XX respectivamente. Considerando o texto literário como representação desta cidade como fonte de pesquisa, este trabalho procura investigar quais características e elementos da cidade são presentes nas obras, bem como a maneira como os escritores retratam e incorporam à trama narrativa as alterações ocorridas na cidade carioca durante o período apontado, no que tange às mudanças socioespaciais e habitacionais. A percepção da cidade se dá de maneira distinta entre os dois autores que utilizam a ambientação e descrição de espaços (casas, chácaras, morros, espaços de lazer, comércio etc.) para composição da trama literária e a literatura como veículo de crítica a uma cidade em intensa transformação.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; Cidade; Literatura; Representação; Machado de Assis; Lima Barreto.

ABSTRACT

TRAGANTE, Cinthia. **Rio em obras**: habitação e urbanismo em Machado de Assis e Lima Barreto. Dissertação de Mestrado – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014.

During the nineteenth and early twentieth centuries, the city of Rio de Janeiro went through several social, economic, political, cultural and historical changes. Since 1808, when the royal family arrived in Brazil, the city was radically transformed, with political and economical developments - like the Declaration of Independence, the economical increase caused by coffee culture, the end of the slave trade and investment in the city urbanistic reform. These transformations led to substantial changes in the urban and housing factors of the city of Rio de Janeiro in early twentieth century. These changes are portrayed in literature, especially in the novels of Machado de Assis and Lima Barreto, during the mid-nineteenth century and earlier 20th century. Considering the literary text as the city representation as a historical source, this work investigates which features and elements of the city of Rio de Janeiro are present in the novels and the way the writers portray the changes that occurred during this period, from the sociospatial and housing perspectives. The two authors compose the literary fiction using the environment and space description (homes, farms, hills, commerce, leisure spaces) as a vehicle to criticize a city under intense transformation.

Keywords: Rio de Janeiro; City; Literature; Representantion; Machado de Assis; Lima Barreto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELA

Figura 1 - Trajeto de Nóbrega em Esaú e Jacó. Fonte: produção própria sobre mapa “Rio de Janeiro, fim do século XIX” (CARRIER, 1999).....	82
Figura 2 - Trajeto de Cassi Jones em Clara dos Anjos. Fonte: produção própria sobre mapa “Rio de Janeiro, fim do século XIX” (CARRIER, 1999).	83
Figura 3 - Marcações de verbos (amarelo) nos recortes analisados. Acima: Recorte 1, texto de Machado de Assis, predominantemente narrativo. Abaixo: recorte 2, texto de Lima Barreto, predominantemente descritivo. Fonte: produção própria.	84
Figura 4 - Marcações de adjetivos (azul) e substantivos (laranja) nos recortes analisados. Acima: Recorte 1, texto de Machado de Assis, predominantemente narrativo. Abaixo: recorte 2, texto de Lima Barreto, predominantemente descritivo. Fonte: produção própria.....	85
Figura 5 – Mapeamento esquemático dos espaços de serviços e comércio presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1913) e Andreatta (2006).....	101
Figura 6 - Mapeamento esquemático dos espaços de serviços e comércio presentes nos romances de Lima Barreto. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1913) e Andreatta (2006).....	105
Figura 7 - Mapeamento esquemático das vistas e paisagens presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e Andreatta (2006).....	111
Figura 8 - Mapeamento esquemático das vistas e paisagens presentes nos romances de Lima Barreto. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e Andreatta (2006).	113
Figura 9 - Mapeamento esquemático dos espaços de habitação presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1913) e Andreatta (2006).....	145
Figura 10 - Mapeamento esquemático dos espaços de habitação presentes nos romances de Lima Barreto. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1913) e Andreatta (2006).....	149
Figura 11 - Mapeamento esquemático dos passeios e lazeres presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).....	288
Figura 12 - Mapeamento esquemático dos passeios e lazeres presentes nos romances de Lima Barreto. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).....	288
Figura 13 - Mapeamento esquemático dos caminhos e passagens presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).	289
Figura 14 - Mapeamento esquemático dos caminhos e passagens presentes nos romances de Lima Barreto. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).	289
Figura 15 - Mapeamento esquemático dos espaços referenciais presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).....	290
Figura 16 - Mapeamento esquemático dos espaços referenciais presentes nos romances de Lima Barreto. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).	290
Figura 17 - Mapeamento esquemático dos igrejas presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1913) e de Andreatta (2006).....	291
Tabela 01 – Adjetivos posposto e antepostos nos recortes analisados. Comparativamente, o segundo recorte possui mais incidência de adjetivos antepostos.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS

AGCRJ – Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro;

CA – Clara dos Anjos;

DC – Dom Casmurro;

EJ – Esaú e Jacó;

HE – Helena;

IC – Recordações do Escrivão Isaías Caminha;

IG – Iaiá Garcia;

LB – Lima Barreto;

MdeA – Machado de Assis;

MA – Memorial de Aires;

MJ – Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá;

ML – A Mão e a Luva;

MP – Memórias Póstumas de Brás Cubas;

NN – Numa e Ninfá;

PQ – Triste Fim de Policarpo Quaresma;

QB – Quincas Borba;

RE – Ressurreição;

APRESENTAÇÃO

Tal qual o emplasto Brás Cubas, essa pesquisa surgiu de uma ideia fixa que foi se desenvolvendo lenta e gradualmente, muito antes do ingresso no mestrado. Recém-ingressante no curso de Letras, há dez anos, passei a ler e reler romances diversos com muito mais atenção do que fazia nos anos do Ensino Médio. A busca por compreender o trabalho dos críticos literários me fazia ler com calma e notar as várias formas de empregar os elementos narrativos: tempo, narração, personagens e, junto com esses, espaço.

Um certo quê de Policarpo Quaresma me trouxe o encanto pela produção literária nacional, em especial por Machado de Assis com sua refinada ironia. Seus romances e contos me cativavam, exceto por uma parte que só me deixava intrigada: a cidade – eu não diria cenário – presente em suas obras. Eu não conhecia o Rio de Janeiro e ficava extremamente frustrada ao pensar que a cidade que eu imaginava poderia estar muito distante daquela que os personagens de Machado de fato vivenciavam.

Ainda, talvez também toda a magia que o Rio parecia causar em mim (e ainda causa) seja simplesmente ou, em parte, pelo imaginário que temos da cidade maravilhosa, formado pelas diversas mídias: telenovelas, canções, filmes e todo o aparato turístico. Mas mesmo sabendo disso, eu continuava entristecida por não ser capaz de compreender bem uma das categorias da construção da narrativa, isto é, o espaço.

Tudo que eu queria naquele momento era entrar em uma livraria e me deparar com um livro que mostrasse os espaços do Rio de Machado de Assis, colocar na mochila e seguir viagem para lá, pronta para descobrir então, no meio do centro urbano, uma praça ou um edifício pelos quais um dos personagens passou, onde viveu ou frequentou. Procurei bastante e pude conhecer diversos trabalhos sobre a cidade de Machado, mas, em sua maioria, eles tratavam dos locais mais comentados, conhecidos ou que com mais frequência eram colocados nas obras. Nenhum me pareceu que buscava encontrar e explorar todos os cantos do Rio em Machado, como eu queria.

A essa altura já cursava a graduação em Arquitetura e Urbanismo e, então, de fato, os espaços me intrigavam ainda mais. A primeira visita ao Rio, na ocasião de uma viagem didática do curso, foi um ensaio para esta pesquisa. Enquanto todos os colegas se encantavam com os edifícios modernos, eu vibrava por estar passando pela Rua do Ouvidor, visitando o Palácio do

Catete ou subindo o outeiro da Glória. Para mim, esses e outros espaços não se tratavam unicamente de lugares importantes de bela arquitetura, mas possuíam histórias (reais e imaginárias). Ora, mas uma paulista nata que acabara de pisar no Rio de Janeiro, como poderia saber sobre um edifício que jamais havia visto, uma rua na qual jamais havia passado? A resposta foi dada anteriormente, na leitura atenta de Machado, depois de Lima, mais tarde de Clarice, Vinícius e diversos outros autores que me contaram, pouco a pouco, as maravilhas e mazelas expostas e escondidas do Rio.

A pesquisa estava concebida. Descobrir o Rio de Machado foi o trabalho de quase dois anos de Iniciação Científica durante a graduação. Tempo dedicado à busca de mapas, textos, fotos e tudo aquilo que fosse capaz de explicar e remeter aos espaços da cidade carioca literária dos meados do XIX.

Grande parte da cidade foi “descoberta” nesses anos de pesquisa, nos quais me dei conta que todo o Rio de Machado era relativamente pequeno, concentrado. Eu queria também compreender a cidade suburbana, esquecida e marginal. Agora, no mestrado, Lima Barreto, autor sobre o qual venho aprendendo cada dia mais, foi inserido para que as dualidades do Rio pudessem ser exploradas neste trabalho.

Ao longo da pesquisa, principalmente neste último ano, fui percebendo que além do Rio “concentrado” de Machado e do Rio “suburbano” de Lima, havia muito mais. Depois de buscar e tentar entender cada canto da cidade que aparecia em cada um dos escritores, comecei a tentar entender o que eles queriam mostrar e como de todo esse urbano tão presente nos textos...

Aqui se segue parte da pesquisa. Ciente de que ela não se esgotará jamais com a conclusão do mestrado, busco expor parte dos resultados obtidos nesses últimos cinco anos. Claramente haverá questões pertinentes que ainda não foram solucionadas, outras tantas que procurarei prosseguir pesquisando em um futuro próximo.

Em resumo, para fechar assim como abri, parafraseando Machado: “se te agradar, pago-me da tarefa!”

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO.....	11
ABSTRACT	13
LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS.....	15
APRESENTAÇÃO.....	19
INTRODUÇÃO	23
OS CONSENSOS E SEUS LIMITES.....	41
Machado de Assis e “um círculo deste tamaninho no Rio de Janeiro”	45
Lima Barreto, “ficcionalista dos subúrbios”	51
As obras.....	55
O MEIO E A TRAMA	65
Os lugares e as ideias: apropriações	67
Texto e linguagem: construções	77
A CIDADE E SEUS MEANDROS	93
O centro e os subúrbios: limites	95
Espaços de habitação: marcações.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS	155
APÊNDICE.....	161

INTRODUÇÃO

A partir principalmente do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro passa por diversas transformações urbanas e sociais em consequência dos muitos acontecimentos importantes para sua história como capital que era, como a vinda da família real, o grande aumento da população, a independência do país e mais tarde a proclamação da República, e ainda o declínio do regime escravocrata, a instalação de indústrias e o crescimento do comércio.

A cidade colonial do início do XIX era caracterizada por limitar entre os principais morros sua concentração habitacional, pela grande população escrava e carência de transportes (ABREU, 1988, p. 35).

A chegada da família real impulsionou melhorias urbanas de forma a adequar a cidade à nova população residente com a criação de espaços de cultura, bancos e reforma da infraestrutura, como uma maneira de se criar uma “Europa possível” (SANTOS, 1998, p. 10). A independência do país enfatizou a necessidade de transformar a cidade em algo que se aproximasse da imagem que setores das elites faziam de uma legítima capital, tornando o Rio alvo de investimentos que se intensificaram com o crescimento da economia cafeeira e do comércio.

Fundamental a todas essas transformações foi o investimento em transportes, com a circulação do bonde de burro e do trem a vapor, em 1870, que colaborou para aprofundar a

segregação socioespacial em função das possibilidades de mobilidade nas diferentes regiões¹.

Quanto à habitação, esta também passou por transformações, as quais envolveram mudanças espaciais, mas também alterações de usos e significados (CORREIA, 2004, p. 01).

A vinda da Missão Francesa, no início do século, contribuiu para que se instalasse no Rio ideias sobre “arte, arquitetura e organização do espaço que correspondia à Europa da razão burguesa” (SANTOS, 1998, p.10), referentes predominantemente à arquitetura neoclássica, seguida do gosto eclético e sua valorização.

O cenário do Rio de Janeiro na entrada do século XX, no contexto do crescimento territorial e populacional, era então marcado por mudanças intensas na conformação da cidade e arquitetura, convivendo, entretanto, com uma sociedade ainda próxima das recém abolidas relações sociais baseada no sistema escravocrata (SANTOS, 1998, p. 11).

Ao fim do século XIX e início do XX, a população da cidade cresce de forma exorbitante e a capital passa por um processo de metropolização (SEVCENKO, 2010, p. 75) agregando sua população de forma precária nas áreas centrais. Os anos seguintes são os marcados pelas grandes reformas urbanas que têm como objetivo principal deslocar o pobre das áreas centrais da cidade (SEVCENKO, 2010, p. 81) e instaurar, de fato, ares europeus e, pelas elites locais, dignos de uma capital no Rio de Janeiro.

A essa altura os subúrbios já estão em pleno desenvolvimento – guiado, sobretudo, pela linha férrea – conduzindo parte significativa da população menos favorecida a se instalar nos longínquos bairros enquanto as elites se mantêm à orla e Zona Sul da cidade.

Todas estas transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro do século XIX e início do XX são enunciadas na literatura deste período, em especial nos dois autores que interessam a essa pesquisa: Machado de Assis e Lima Barreto. Os dois escritores retrataram a cidade de maneira excepcional, em momentos subsequentes – Machado na segunda metade do XIX e Lima já abrangendo o início do XX – de forma que se complementam no intuito de narrar o Rio de Janeiro.

As obras literárias destes autores se configuram como representações importantes da cidade. A percepção de alguns espaços da cidade é distinta entre eles e a maneira como criticam as transformações urbanas também. Enquanto Machado parece refinado e irônico, Lima trata das mazelas da cidade de maneira clara e denunciativa. Em ambos, entretanto, a cidade parece ser

¹ Sobre a importância do transporte para o desenvolvimento da cidade, discorrem Abreu (1988) e também Villça (2001).

sempre contribuinte para a construção dos dramas humanos e/ou sociais sobre os quais fazem reflexão.

A pesquisa busca, portanto, explorar os romances da literatura machadiana e barretiana no que tange à ambientação do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX, procurando compreender como a cidade é retratada nestes autores: o que é ou não percebido e mostrado por eles; como retratam as transformações socioespaciais pelas quais passou a cidade e sua habitação; quais os focos desses dois olhares distintos temporalmente; como a cidade é incorporada na construção da narrativa. Assim, busca-se entender as interfaces entre as descrições – de moradias e espaços urbanos em geral – e narrativa, isto é, as relações entre cidade e a narrativa, assim como as interfaces entre escritor e cidade, para compreender que elementos da arquitetura e do urbanismo desta cidade estavam em jogo nas críticas veiculadas através da literatura.

A comparação entre as duas formas distintas de ver e mostrar a cidade – com a sutileza de Machado ou com a crítica escancarada de Lima – nos permite avaliar a maneira como a cidade era tratada por diferentes grupos, metaforizados aqui através dos romances dos dois escritores e, portanto, na visão de cada um deles. Procura-se compreender a cidade do Rio que não se restrinja unicamente aos fatos históricos que vemos constantemente narrados, mas através da compreensão da vivência dos diferentes grupos sociais, retratados nas obras.

Sevcenko (1983), analisando a produção literária de Lima Barreto e Euclides da Cunha e a maneira como retratam o contexto social em suas obras, procura evidenciar que a literatura pode ser contribuinte à compreensão histórica. Afirma que o historiador se ocupa de fatos, enquanto o escritor é atraído pela possibilidade (SEVCENKO, 1983, p. 21). Assim, conclui que:

A literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é um testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. Mas será que toda a realidade da história se resume aos fatos de seu sucesso? (SEVCENKO, 1983, p. 21).

Um intuito do trabalho é, portanto, avaliar quanto uma fonte de pesquisa como a literatura pode ser contribuinte para a compreensão de aspectos de transformação da cidade e sua arquitetura, compreendendo os diferentes discursos veiculados pelas distintas percepções dos escritores².

² O trabalho pretende ser parte dos estudos de História Cultural do Social, temática defendida por Chartier que tem por objeto “a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que,

É ainda objetivo deste trabalho avaliar consensos da crítica literária, como a forte predominância em caracterizar as obras de Machado como aquelas que retratam o Rio imperial e elitista, com os costumes da alta sociedade carioca, assim como afirmações que colocam Lima Barreto como o grande escritor que retratou o subúrbio carioca. Portanto, a partir das análises e estudos dos espaços e das formas como são retratados pelos escritores, busca-se aferir os limites dessas duas visões.

De forma sintética, portanto, o intuito da pesquisa é unir essas duas áreas de conhecimento e compreender os diálogos que se fazem entre elas: a literatura enquanto veículo de representação e criação de um imaginário urbano e a cidade como contribuinte à construção literária.

O objeto de estudo da pesquisa é o Rio de Janeiro e suas representações e as fontes são constituídas, sobretudo, pelos romances de ambos os escritores: *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), de Machado de Assis e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909); *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915); *Numa e Ninfa* (1915); *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e *Clara dos Anjos* (1922), de Lima Barreto.

Os objetivos específicos da pesquisa são: investigar a presença e a maneira como os espaços e habitações da cidade do Rio de Janeiro aparecem nos romances dos escritores Machado de Assis e Lima Barreto entre a segunda metade do século XIX e o início do XX; comparar aspectos das representações da cidade, habitação e sociedade, retratados nas obras dos dois escritores; analisar as relações entre as diversas localidades da cidade vinculadas à moradia, trabalho, lazer e classe social nas obras dos dois escritores; avaliar o papel da cidade na construção da crítica social pelos escritores; verificar os limites da visão de uma dicotomia urbana entre eles, que considera Machado escritor da elite e Lima dos subúrbios.

A importância das obras de Machado e Lima, as converteu em objeto de análises na forma de livros, ensaios e artigos. Diversas das pesquisas referentes a estes autores tratam de suas relações com o Rio de Janeiro. Em sua maioria, elas se relacionam às áreas de História e Estudos Literários ou são biografias.

Sobre Machado de Assis, é bastante incisiva a abordagem de estudiosos quanto à representação da cidade e dos costumes da época em suas obras, mas em sua maioria, os trabalhos abordam a obra no sentido panorâmico, verificando a presença da cidade nas crônicas,

paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1990, p. 19).

contos e romances. Não foram encontrados trabalhos que analisassem os romances machadianos no enfoque aqui proposto de forma cautelosa e sistemática. Os trabalhos que tratam da amplitude da obra machadiana, via de regra, abordam algumas passagens pontuais, ou são ensaios breves. Quando esta ocorre, em algumas dissertações, teses e artigos que foram consultados, os trabalhos se limitam à análise de alguns dos romances, suas crônicas e contos.

Nesse sentido, a obra de Miécio Tâti (1961) parece ser inaugural dentro deste tema. Tâti trabalha o Rio de Machado fazendo um panorama que aborda os principais temas presentes no universo machadiano, desde partes da cidade como as principais ruas e bairros presentes nas obras, até jogos, esportes e alimentação. A obra de Miécio é bastante interessante para uma aproximação com a obra de Machado dentro do universo da contextualização. O trabalho não procura ser crítico, mas explicativo em relação aos costumes presentes nos enredos machadianos.

Valdir Ribeiro do Val (1977) trabalha no mesmo sentido que Tâti (1961), mas procura ter uma visão mais ligada à geografia. Seu texto trata mais de questões urbanas que de costumes, embora um capítulo seja dedicado ao lazer. O seu foco está em verificar a presença da cidade e a absorção das questões sociais e históricas por Machado dentro de sua obra, com bastante referência às crônicas. É um texto bastante curto, mas que introduz o tratamento de questões como a presença e descrição de habitação e arquitetura nas obras.

Luciano Trigo (2001) trabalha as informações tempo-espaciais presentes na obra de Machado em conjunto com sua biografia. O próprio autor enfatiza a vasta produção sobre o Rio de Machado, mas também lembra que grande parte desta obra é de difícil acesso ou está fora de catálogo (TRIGO, 2001, p.16). Seu trabalho transcorre entre biografia e produção de Machado, passando por diversos assuntos, aos moldes de Miécio Tâti (1961). Comporta-se como um almanaque das curiosidades que remetem ao Rio presente nas obras.

O trabalho de Alessandro Silva (2005) também caminha como um olhar para o Rio presente na obra machadiana, inclusive, como o próprio autor introduz, através de uma leitura geográfica e histórica da cidade (SILVA, 2005, p. 02). Silva restringe-se, entretanto, ao último livro de contos do escritor (*Relíquias da Casa Velha*) e entrelaça aspectos da obra com a profissão exercida por Machado enquanto funcionário público. Um fato interessante, que talvez se compreenda pelo desenvolvimento metodológico típico de cada área, é que, embora o autor enfatize (e mostre realmente ao longo do texto) que procura trabalhar histórico-geograficamente o entrelaçamento entre o texto e a cidade, através de consultas aos mapas dos acervos cariocas, Silva não apresenta ao leitor nenhuma interpretação visual destes mapas. As ruas, bairros e demais espaços que ele analisa e mostram-se importantes para compreensão do texto

machadiano, se mantém no plano da palavra, sem nenhuma abordagem visual.

As pesquisas que tratam da relação de Lima Barreto com o Rio de Janeiro percorrem o mesmo caminho. Grande parte está ligada às áreas de História ou focadas nos seus aspectos literários e outro montante analisam o seu viés social, isto é, as críticas ao preconceito e as denúncias sobre o cotidiano perverso que enfrentam as classes mais pobres. Grande parte do trabalho sobre Lima Barreto também é biográfico. Estes trabalhos são importantes para esta pesquisa, no entanto, não contemplam as questões ligadas à cidade e à arquitetura que nos interessam aqui.

O trabalho de Afonso Santos (1983) trata da relação de Lima com o Rio enfatizando questões sociais e políticas presentes na crítica barretiana. Com bons textos introdutórios, o trabalho em si trata de uma seleção de trechos barretianos ligados aos diversos temas sociais, funcionando como uma coletânea comentada.

Beatriz Resende (1993) também aborda a presença das questões urbanas e sociais na obra de Lima, em uma leitura bastante ligada à cidade, fazendo com que seu trabalho seja de fundamental importância para esta pesquisa. As fontes de Resende, no entanto, são as crônicas e os diários íntimos do escritor, textos que possuem temporalidade e dinâmicas bastante distintas dos romances que aqui se propõem para estudo.

Ainda, Osman Lins (1976), trata do espaço na obra de Lima Barreto, com uma análise muito interessante no que diz respeito aos espaços em romances de maneira geral, na qual categoriza as maneiras como eles são inseridos nas obras literárias. Neste estudo, como em outros, o foco é direcionado à Literatura, e, especialmente sobre Lima, o autor trabalha principalmente o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Diversos outros trabalhos que tratam de Lima, utilizam de forma incisiva a biografia do autor, uma vez que seus enredos denotam aspectos autobiográficos. Nestes trabalhos, as incidências da relação com a cidade do Rio de Janeiro, a inserção dos espaços suburbanos nos textos, as críticas às reformas e à vida política da cidade, entre outros aspectos presentes nas obras barretianas, são bastante apontados, porém não funcionam como chave de leitura³.

Há ainda, também dentro dessa perspectiva, produções acadêmicas resultantes de pesquisas de doutorado ou mestrado que tratam de questões pertinentes a esta pesquisa. A tese de Pedro Belchior (2011) também entrelaça aspectos biográficos e foca essencialmente o universo suburbano na obra barretiana. O autor traça seu texto a partir de diversas passagens de toda a

³ Como o trabalho biográfico de Francisco de Assis Barbosa (2003), excelente, porém focado na vida e produção do escritor ou o texto de Zilda Cury (1981), que enfoca as questões sociais na literatura de Lima Barreto.

obra de Lima Barreto, romances, crônicas e contos, ligadas à temática apresentada.

O texto de Celi Freitas (2002), por outro lado, procura trabalhar a duplicidade urbana na produção do escritor: o subúrbio e a área central. Sua perspectiva, no entanto, é bastante guiada pela vida de Lima e por questões ligadas à análise do discurso.

Ainda, há artigos que foram de fundamental importância para este trabalho, cada um contribuindo com um aspecto pontual para a compreensão da obra barretiana. Neste caso, temos o texto de Noronha (2011) e de Gileno (2003), que tratam, cada um, de um romance especificamente de Lima: *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* e *Numa e Ninfa*, respectivamente.

Sobre a análise de ambos os autores tratados nesta dissertação visando a temática em comum, temos o trabalho de Níncia Teixeira (2008), muito enriquecedor a esta pesquisa. Teixeira estuda unicamente as crônicas destes autores, mas seu argumento é totalmente cabível aqui:

[...] para erigir a metrópole textual, é essencial que se compare os dois escritores, para que se consiga uma visão abrangente da cidade de papel e tinta. A leitura da cidade, feita por Machado de Assis e Lima Barreto, permite a visualização de cidades outras, que convivem no espaço simbólico de um Rio de Janeiro que se modernizava (TEIXEIRA, 2008, p. 02).

Nota-se, portanto, que a relação com o Rio de Janeiro foi um tema de grande importância nos estudos das obras de Machado de Assis e Lima Barreto, a qual mereceu análises sob diferentes enfoques.

Justificativa

A pesquisa proposta explora um aspecto inédito, enquanto estudo que se foca na representação do Rio de Janeiro, nos seus aspectos urbanos, de arquitetura e de habitação a partir das obras dos dois autores. Desta maneira, a relevância desta pesquisa está no seu esforço de investigar a arquitetura, habitação e urbanismo do Rio de Janeiro a partir de fontes literárias, com base nas obras de dois autores que evidenciam esta cidade como componente essencial de seus enredos, oferecendo olhares múltiplos sobre seu espaço.

Julga-se pertinente para esta pesquisa, a utilização de duas fontes de investigação – as obras dos dois autores – que possuem características próprias e que retratam momentos distintos de uma mesma cidade. Com isso, entende-se que, além da riqueza que traz para a pesquisa ora a relação, ora o distanciamento das obras, a sua distinguibilidade temporal interessa no sentido de

se tornarem complementares. Desta forma, busca-se compreender o olhar sobre a cidade e a habitação carioca no início do século XX de Lima Barreto, a partir dos acontecimentos e conformação que a cidade apresentava no século anterior, tema das obras de Machado de Assis.

Através de análises que investigam o olhar quanto à presença da cidade nas obras e dados da história da arquitetura, urbanismo e habitação, a pesquisa busca avaliar os limites dos consensos literários.

Estrutura dos capítulos

As partes textuais desta dissertação foram estruturadas a partir de uma linha de aproximação entre literatura e cidade. A primeira parte procura trabalhar as questões referentes à literatura. A segunda parte intermeia as duas temáticas buscando analisar o texto enquanto veículo que discute o espaço da cidade e as temáticas a ela relacionadas. A última parte foca-se na relação entre cidade e habitação.

O primeiro capítulo, *Os Consensos e seus limites*, trata das questões mais próximas à literatura. Em seu primeiro item, procura-se traçar um panorama da visão da história e crítica da literatura no que se refere aos autores e obras analisadas neste trabalho, tais como a maneira que são classificados e estudados e os consensos e estigmas construídos sobre eles, bem como suas relações com a cidade do Rio de Janeiro. Esta parte objetiva trazer à tona tais questões preconizadas para que possam ser avaliados os seus limites ao longo do trabalho. O item seguinte procura relacionar as obras abordadas de modo a facilitar a leitura deste trabalho. Neste espaço, temos uma pequena contextualização crítica sobre cada um dos romances abordados.

No segundo capítulo, *O meio e a trama*, se inicia a abordagem crítica dos romances de forma comparativa entre os dois escritores. Nesta parte, já se busca avaliar a presença da cidade ou de temáticas a ela relacionadas, no entanto, de maneira ainda bastante concentrada nas questões relacionadas ao texto. O objetivo deste capítulo é evidenciar a maneira como os escritores impregnam seus textos com suas percepções, a partir de apropriações temáticas e construções textuais. Procura-se, portanto, demonstrar que os textos analisados dos dois escritores não são e nem parecem tender à neutralidade naquilo que concerne à percepção e presença da cidade.

O primeiro texto deste capítulo, *Os lugares e as ideias: apropriações*, trata, prioritariamente, da presença das temáticas relacionadas às teorias higienistas que eram bastante difundidas na época

em que se passam os romances. Para além disso, trata também das construções feitas pelos escritores no que diz respeito às diferenças sociais dos personagens retratados. A análise feita se dá sobre dois dos romances dos escritores (um de Lima, um de Machado), os quais parecem ser aqueles nos quais tais questões estão colocadas de maneira mais forte. Tal qual o texto seguinte, este funciona como uma síntese de leitura. O que é colocado nele pode, de alguma forma, ser compreendido na leitura dos outros romances, talvez de maneiras menos sinalizadas pelos escritores, mas perceptíveis ao leitor atento.

O item seguinte, *Texto e linguagem: construções*, discute a construção textual de maneira mais rigorosa, tendo o objetivo de mostrar como, no texto literário, a cidade e seus espaços podem ser percebidos de maneiras diferentes através do olhar de cada um dos escritores. Para isso, são analisados dois trechos dos dois escritores que tratam do mesmo espaço físico da cidade, mas que o fazem de maneiras muito distintas.

O terceiro capítulo, *A cidade e seus meandros*, discute a cidade de maneira mais direta. Para isso, os trechos literários analisados nos dois capítulos são aqueles que mais falam da cidade e de moradias, entremeados da crítica explícita ou do olhar próprio de cada um dos escritores.

O centro e os subúrbios: limites, trata dos limites da dicotomia entre centro e subúrbio a partir da análise da presença e percepção destes espaços nos romances. São discutidos aspectos das transformações da cidade do Rio de Janeiro, como as reformas urbanas e a expansão suburbana. Tais temáticas são exploradas à medida que se tornam necessárias para a compreensão da cidade descrita pelos escritores.

A parte final, *Espaços de habitação: marcações*, procura explorar a presença da cidade nos romances no que diz respeito às formas de morar. Busca-se, nesse espaço, evidenciar alguns pontos das diferenças habitacionais nas obras dos dois escritores e avaliar a maneira como estes espaços são incorporados às tramas dos romances.

Ao final, com as conclusões, apresenta-se um balanço do trabalho feito.

No apêndice, seguem as tabelas sistematizadas e os mapeamentos produzidos a partir dos romances e utilizados nesta dissertação.

Metodologia da pesquisa

A pesquisa é basicamente bibliográfica e se baseou em leituras divididas em três grandes blocos: leituras dos textos para análise (romances de Lima Barreto e Machado de Assis); leituras

temáticas (obras que tratem da relação da literatura com a cidade, urbanismo e arquitetura) e leituras teóricas sobre a historiografia em Arquitetura e Urbanismo no contexto estudado. No segundo bloco, foram incluídas também leituras sobre a produção e biografia dos autores analisados, de forma a respaldar a análise da maneira como cada um dos dois escritores retrataram a cidade, buscando compreender assim o porquê das duas visões distintas.

A partir das leituras, foram realizadas a identificação e localização dos espaços presentes nas obras e a sistematização destas informações através de tabelas e mapeamento. Posteriormente, foi feita a análise desse material balizada pelas leituras temáticas e teóricas.

As fontes literárias são trabalhadas a partir da noção de representação e construção da história cultural cunhadas por Roger Chartier em suas pesquisas.

A literatura trabalha a representação baseando-se no conceito de verossimilhança⁴. A discussão sobre a verossimilhança no discurso literário ou do historiador é ampla, mas resumimos aqui como Massaud Moises, uma das referências em teoria literária no Brasil, define:

Sabemos todos que um romance (ou um conto, ou uma novela) formula as próprias leis sob as quais se desenvolve, leis essas que cumpre ao leitor conhecer e aceitar.[...] Este [o ficcionista] inventa um mundo com base na *observação, na memória e na imaginação*, que o leitor deve entender como tal (MOISES, 1969, p. 90, grifo nosso).

O diálogo do texto literário com a realidade ocorre enquanto este retrata e discute valores e acontecimentos que se passam de fato dentro do plano real de forma participativa. O texto literário, portanto, se torna um instrumento de análise e reflexão sobre a realidade da qual participa.

À medida que o diálogo com o real acontece, o texto literário não só se apresenta como, mas parece ser contribuinte com a realidade que o sustenta. Com esse pressuposto, a literatura passa a se comportar como um dos suportes que se relaciona e constitui o imaginário urbano, sendo referencial a seus leitores quanto a condutas e valores⁵.

Dentro deste contexto, as obras de Machado e Lima, na mesma medida que retratam um Rio de Janeiro condizente às condições que se apresentavam na cidade na época, também mostram visões da cidade distintas e selecionadas pelos dois autores, com o possível intuito de

⁴ A discussão da verossimilhança do texto literário remonta à Aristóteles e ao conceito de mímese como imitação representativa. Aristóteles enaltece o caráter artístico da poesia enfatizando sua ação mimética da realidade como aquilo que se circunscreve dentro da noção do possível ou verossímil no contexto interno do texto (ARISTÓTELES, 1997).

⁵ Tal noção é abordada por Sandra Jatahy Pesavento (1999) que entende o texto literário de representação da cidade como um discurso capaz de criar um imaginário social que dialoga e é contribuinte ao real. Tal conceito é inserido dentro da história cultural urbana, com referência a Chartier.

assinalar aos seus leitores uma maneira de entender a cidade em que viviam. Essas obras literárias, portanto, focando uma parte deste todo urbano, contribuem para que seus leitores entendam a cidade da maneira como os escritores buscavam apresentá-la.

Chartier (1990, p.17) assinala que tais representações, por mais que busquem uma compreensão universal e racional de uma realidade, acabam sempre sendo guiadas pelos grupos que as compartilham. Podemos entender, em primeira instância, que Machado representa um grupo, enquanto Lima, outro: o primeiro mais ligado ao círculo refinado da cidade, e o segundo tendendo a atingir ao público em amplo e tratar das mazelas suburbanas na sua obra. Esta, entretanto, é uma aproximação geral que não expressa toda a complexidade da questão. Veremos, ao longo deste trabalho, que a visão elitista de Machado não deve ser encarada da maneira escancarada que pode parecer à primeira vista em suas obras. Noções como a ironia e o humor devem ser incorporadas à leitura machadiana para uma compreensão mais refinada de seu texto. Lima Barreto, por sua vez, mostra a realidade que procura revelar de maneira mais aberta. Lima também não trata unicamente do subúrbio, sendo bastante abrangentes os temas e espaços urbanos em seus romances. Estas ideias serão, no entanto, apresentadas ao longo do texto. Por ora, podemos manter parcialmente a visão dicotômica como um fator metodológico, mas procurando avaliar criticamente se estas afirmações, bastante difundidas na fortuna crítica literária de ambos, é unânime nas obras.

Tais maneiras distintas de criar uma representação da realidade possuem motivos vários e, busca-se aqui, entender suas razões. Cada um dos autores passa a seu público uma forma de ver, vivenciar e pensar a cidade. A realidade criada por Lima Barreto em seus romances, por exemplo, mostra aspectos da cidade muitas vezes ignorados por outros observadores.

O estudo destas outras formas de ver a realidade – não baseadas unicamente nos documentos oficiais – e a compreensão dos motivos pelos quais tais agentes traduzem seus pontos de vista através da descrição da sociedade, se aproxima da noção de história cultural que Chartier defende (1990, p. 19).

Entende-se aqui, portanto, que este trabalho procura ser contribuinte à história cultural urbana do Rio de Janeiro entre a segunda metade do século XIX e o início do XX, procurando compreender duas das visões que a cidade carioca suscitou em seus habitantes e observadores.

Segue como pressuposto então, para a pesquisa, assumir que os discursos colocados nas obras dos dois autores em questão não são e nem pretendem ser neutros, mas buscam retratar parte da realidade urbana dentro do contexto em que estão ou como imaginariam e gostariam que ela fosse. O escritor descreve a cidade tal qual assinalou Moisés (1969), com formas de

criação baseadas na *observação*, *memória* e *imaginação*. Podemos resumir esta tríade com a noção de *percepção*, pois esta se dá a partir da observação associada a questões subjetivas tais quais a memória e imaginação.

O trabalho, portanto, procura ser investigativo das distintas percepções que os dois escritores possuem da cidade do Rio de Janeiro no período apontado, avaliando a presença da cidade observada, imaginada ou lembrada e as possíveis razões das maneiras de perceber e retratar a cidade que os dois escritores possuíam.

A literatura é tratada aqui como fonte de pesquisa. O texto literário, dialogando com a realidade, pelo seu caráter artístico, é capaz de produzir diferentes olhares sobre o urbano “que traduzem não só as transformações do espaço como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes” (PESAVENTO, 1999, p. 13). Busca-se então trabalhá-lo aqui como uma fonte de pesquisa capaz de elucidar sensibilidades e percepções urbanas de forma a somar-se com as outras fontes de estudos urbanos.

Além disso, deve-se considerar, ao longo do percurso da leitura e apreensão literária, a participação efetiva do leitor, que lê o texto produzindo sentidos vários (tratando-se aqui inclusive todo o trabalho, de alguma forma, de uma das possíveis leituras das obras).

Nesse sentido, dentro das possibilidades metodológicas para a análise destes textos, procura-se equalizar as produções de sentido que podem ser feitas pelos leitores juntamente aos mecanismos e estratégias através dos quais os escritores buscam passar ao leitor suas percepções e criar uma leitura ao seu público⁶. Tais estratégias podem ser explícitas (presentes em prefácios, advertências, glosas e notas) ou implícitas, “fazendo do texto uma maquinaria que, necessariamente, deve impor uma justa compreensão” (Chartier, 1990, p.123).

Em uma primeira análise – a qual deverá ser explorada neste percurso - podemos inferir que tais mecanismos podem ser da ordem:

- da descrição e presença da cidade nas obras, avaliando como certos espaços pontuais são descritos e participam do romance em detrimento de outros;
- relacionada à temática do texto e assim claramente apresentada – o que é mais recorrente e perceptível em primeira instância quando Lima se colocar com críticas abertas a certas temáticas (as reformas, o subúrbio, a política, etc.);

⁶ Definição de Chartier (1990, p. 123) para a abordagem adequada de pesquisa do historiador que se utiliza de fontes literárias.

- mais próxima à construção do texto em si e, portanto, ligado diretamente à literatura, tais como o uso de palavras associadas a certo discurso, formas de escrever e tipo de linguagem empregada, entre outros;
- da construção do enredo através da criação de personagens e acontecimentos que sintetizem e retratem o que os escritores buscaram denunciar da sociedade que retratam (que veremos ser bastante forte nas obras dos escritores aqui analisados);

Sistematização: Tabelas

Os romances selecionados para análise neste trabalho foram lidos de forma bastante cuidadosa a fim de que as informações encontradas nas narrativas sobre cidade, arquitetura, habitação e costumes pudessem ser anotadas e organizadas de maneira cautelosa. Para tal, estas informações foram organizadas em grandes tabelas que se dividem em dois grupos:

- *Tabelas das citações dos espaços da cidade*: nestas tabelas estão listadas todas as ocorrências dos espaços conhecidos e citados nas obras, como ruas, becos, morros, bairros, praças, igrejas, lojas etc., acompanhados da referência da ocorrência e da localização (capítulo e página). A partir destas tabelas é que são desenvolvidos os mapeamentos.

- *Tabelas de descrição de lugares costumes*: nestas tabelas são organizadas as passagens dos romances que tratam de descrições diversas que se mostraram pertinentes ao estudo proposto. Essas tabelas são divididas em subcategorias como as de descrição de habitação, de cidade, de costumes relacionados à educação, festas, rendas, política etc.

As tabelas citadas encontram-se no apêndice desta dissertação.

Sistematização: Mapeamento

A sistematização das tabelas dos espaços citados possibilita a criação dos mapas que demarcam a cidade do Rio de Janeiro citada pelos escritores analisados nesta pesquisa.

O uso dos mapas foi adotado porque se entende que eles podem elucidar a apresentação das informações aqui compiladas. Isto é, a partir do mapeamento pode-se entender de maneira mais concreta a presença da cidade nas obras analisadas e compreender qual cidade é mostrada pelos autores. Como indica Barcellos, referenciando-se ao uso de mapas literários por Moretti⁷

[...] mapas não como metáforas, mas como ferramentas analíticas que dissecam o texto de uma forma incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas. Os mapas literários nos permitem ver a natureza espacial das formas literárias (suas fronteiras e rotas favoritas) e também trazem à luz a lógica interna da narrativa, ou seja, o domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza (BARCELLOS, 2009, p. 47).

Franco Moretti (2003) utiliza os mapas como o elemento principal em seu trabalho, o qual dialoga totalmente com seus mapeamentos, numa relação *sine qua non*. Aqui, nesta pesquisa, os mapas foram frutos da síntese de várias percepções na leitura dos romances, mas funcionam mais como ferramentas de análise do que como o próprio elemento delas.

A ideia inicial para adoção dos mapas partiu de uma necessidade de compreensão da cidade descrita pelos autores para visualização das distâncias, relações entre os espaços, quase em um processo de verificação dos espaços citados. Essa necessidade surgiu inicialmente com os textos de Machado, os quais retratam diversos deslocamentos.

O Rio, à época descrita por Machado, estava crescendo e o autor parece jogar a todo momento com essa transição entre o provincianismo colonial e o crescimento imperial. Ao mesmo tempo em que seus personagens moram em bairros tradicionais, eles mesmos passeiam e caminham pelas ruas do centro em um ritmo mais acelerado que o do interior da casa.

Em Lima, essa necessidade se fez menos pela questão de deslocamento (ainda que também muito presente, mas talvez na leitura de Lima a compreensão da cidade já estava mais assentada), mas principalmente pelas várias descrições da cidade como paisagens vistas pelos personagens ou narrador. A necessidade de colocação no papel se deu com o intuito de compreender de onde vinham e para que lugar estavam indo tais personagens.

Em Lima, já com a cidade bem mais adensada e crescendo em direção aos espaços suburbanos, a necessidade de compreensão da abrangência dos espaços se fez de forma mais enfática. Em relação a ambos os autores, no entanto, a produção de mapas foi voltada para o esclarecimento e a leitura da cidade da maneira mais ampla possível que se pôde encontrar, abrangendo as obras analisadas. Nesse sentido, os mapas parecem ter partido do mesmo ponto colocado por Moretti que, analisando Londres, se pergunta como os romances leram a cidade,

⁷ MORETTI, *Atlas do Romance Europeu 1800-1900*, 2003.

dada a “supercomplicação” do cenário oitocentista (MORETTI, 2003, p. 88). Talvez troquemos a “supercomplicação” de Moretti por “cenário conturbado” ou “diversas transformações”, mas a ideia abrange o mesmo desafio. Ele ainda se questiona o que tentaremos aqui explorar de alguma forma: “por meio de quais mecanismos narrativos [os romances] tornaram-nas ‘legíveis’ e transformaram o ruído urbano em informação?” (MORETTI, 2003, p.88).

Se a literatura pode então ser instrumento de leitura da cidade, Moretti toca em um dos questionamentos iniciais do trabalho: como a história da cidade pode ser compreendida não só através das suas fontes de documentação oficial, mas a partir de fontes com vieses artísticos, como a literatura? Ou, olhando pelo outro lado, como a literatura pode ser contribuinte à compreensão da história da cidade?

Nessa perspectiva, os mapas entram no sentido de buscar interligar de uma forma bastante explícita os campos de estudo aqui considerados.

Para a confecção de tais mapeamentos foram consultadas diversas fontes cartográficas disponíveis em instituições cariocas (AGCRJ e Museu Nacional). Entre estas fontes, encontram-se plantas cadastrais datadas de diferentes épocas que tratam de diversos bairros cariocas.

A base principal adotada para a confecção do mapa foi a “Planta da Cidade do Rio de Janeiro, organizada na Administração do Prefeito Bento Ribeiro”, datada de 1913. Embora esta planta trate da cidade com cerca de meio século de diferença da citada por Machado de Assis, este foi o material com data mais próxima entre as encontradas no acervo, que abrangia os três grandes espaços interessantes à pesquisa: centro, orla e subúrbio. Eventualmente, naqueles espaços citados por Machado que já em 1913 se apresentem diferentes, são utilizadas outras plantas anteriores para elucidar o mapeamento.

Além dessa, foi também utilizada a “Mensagem do Prefeito do Distrito Federal à Câmara Municipal”, de 1906, a partir da reprodução presente em Rabha et al (2008). Esta planta foi usada unicamente para localizar espaços mais distantes que ultrapassavam os limites da primeira utilizada, principalmente para localizar os espaços presentes nas obras de Lima Barreto.

A localização dos espaços foi feita com o auxílio de mapas anteriores ou posteriores às obras. Tais mapas, em alta resolução, permitiram a localização de diversos espaços, buscando as ruas e prédios citados nas obras. Para a devida compreensão dos diversos espaços, foram utilizados também livros que descrevem o Rio de Janeiro oitocentista, como os de Coaracy (1955) e Gerson (2000). Estas obras contam a história de diversas ruas e bairros cariocas e suas transformações. A partir delas, foi possível fazer a correta localização de vários dos espaços

citados. Ainda assim, muitos destes espaços, principalmente os das obras de Lima Barreto, foram de difícil e imprecisa localização ou ainda de impossível localização. A listagem dos espaços que não foram encontrados se encontra ao final desta dissertação.

No caso de bairros ou localizações de regiões – que não apresentam muita precisão – a localização se fez a partir de um ponto central da região, ou aquele tomado como mais característico. Esse caso se aplica, por exemplo, às praias, bairros ou ruas citadas. Assim, a marcação no mapa, de maneira geral, mostra localizações aproximadas dos lugares, suficientes, entretanto, para a compreensão e comparação geral entre os dois autores.

A partir da observação da recorrência dos espaços citados, foram adotadas categorias para a classificação dos espaços encontrados, sendo elas: *habitação*, *comércio e serviços*, *lazer e passeios*, *caminhos e passagens*, *logradouros diversos*, *igrejas* e *paisagens*. Vale ressaltar que em cada espaço citado a categorização levou em consideração o contexto em que se inseria. Desta maneira, um mesmo local pode ser apontado no mapa várias vezes e sua classificação pode variar. A seguir, a definição de cada uma das categorias adotadas:

- *habitação*: locais de moradia na cidade ou nos arrabaldes, inclusive casas referidas nas obras ainda que não se tenha referência de seus moradores. Exemplos: o bairro ou a rua da casa do Major Policarpo Quaresma, a chácara da família Cubas ou as casas alugadas e fonte de renda de D. Glória, em *Dom Casmurro*. Exclui-se deste item aqueles espaços de habitação que parecem funcionar como lazer, como as casas de veraneio em Petrópolis;

- *comércio e serviços*: espaços citados nas obras em que a predominância de sua existência e de sua citação é em razão comercial ou de serviços e definem assim, as características econômicas da cidade. Exemplos: lojas, armazéns, hospitais e hotéis;

- *lazer e passeios*: locais em que há predomínio das atividades de lazer ou aqueles em que foram citados com esta característica. Exemplos: o Passeio Público, citado em diversos romances como local de lazer, bairros e ruas em que o Conselheiro Aires ia simplesmente para passear, teatros e salões de bailes;

- *caminhos e passagens*: caminhos percorridos pelos personagens, a pé ou em veículos, ou espaços que são citados somente por passagem dos mesmos sem necessariamente caracterizar uma função. Exemplo: diversas ruas, pontos de referências e bairros citados como caminho;

- *espaços referenciais*: aqui se colocam espaços que são caracterizados e citados, mas não necessariamente têm ligação direta com o contexto temporal do enredo, ou seja, aparecem na narrativa, mas não possuem uma função definida pelas categorias anteriores. Muitas vezes são

citados como referências visto que na maioria se tratam de logradouros importantes e conhecidos da época narrada ou anterior. Exemplo: Bentinho conta que o escritório de seu tio Cosme era próximo ao Aljube. O Aljube aqui não participa necessariamente da obra, pois não se encaixa em nenhuma das outras categorias citadas; no entanto, funciona como ponto de referência por ser um espaço conhecido. Diversos outros espaços são assim utilizados nas obras, principalmente igrejas e praças.

- *paisagem*: categoria presente principalmente nas obras de Lima Barreto. Nesta, se encaixam todos os lugares que são citados simplesmente como descritivos de paisagens. Em diversas passagens dos romances barretianos, o narrador se detém em parar a narrativa e descrever o espaço, assim, diversos pontos de referência, bairros e ruas são citados como criadores de paisagem.

- *igrejas*: categoria que parece só estar presente em Machado. Exatamente por isso foi criada, para chamar atenção ao fato de que essa categoria não é importante dentro da obra de Lima Barreto. Aqui se catalogam os espaços da igreja que são usados como tal, para missas, batizados e etc. pelos personagens. Algumas igrejas aparecem na obra de Lima Barreto, mas de maneira geral, elas só são citadas quando componentes de paisagens e cenas urbanas.

Pesquisa de Campo

A atividade de pesquisa de campo e coleta de dados cartográficos foi feita na cidade do Rio de Janeiro durante o segundo semestre de vigência do mestrado.

Durante a estada na cidade, foram visitadas instituições que forneceram material cartográfico para a pesquisa, como o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) e o Arquivo Nacional. Além disso, foi feita também a visita a alguns lugares remetentes à cidade do século XIX estudada, como o sítio histórico da Quinta da Boa Vista e o Museu Nacional lá instalado entre outros tantos.

Partindo desta apresentação geral dos objetivos, métodos e maneiras como a pesquisa busca ser guiada, os capítulos seguintes procuram explorar os temas colocados – a cidade, arquitetura e habitação na cidade do Rio de Janeiro através da representação literária, seus limites e suas contribuições.

A estrutura dos capítulos, como colocado anteriormente, procura ser da aproximação entre as temáticas da literatura e da arquitetura e urbanismo. Assim, o capítulo seguinte discute alguns pontos referentes à história da literatura no que concerne aos autores e obras aqui abordados.

Capítulo I

OS CONSENSOS E SEUS LIMITES

.....

Tanto Machado quanto Lima são bastante reconhecidos pela crítica literária devido a diversas qualidades de suas obras, ainda que Lima Barreto tenha sido reconhecido tardiamente. Entre essas qualidades está a representação da cidade nas produções desses autores, respeitando as diferenças temporais ou temáticas que há entre eles ou o momento literário em que se encontram.

Diversos trabalhos procuram explorar as temáticas relacionadas à descrição da cidade do Rio de Janeiro nas obras dos dois escritores. Como mote para a maioria das pesquisas – salvo algumas exceções que também analisaremos adiante – está a forte presença da descrição dos elementos suburbanos e dos problemas sociais da cidade nas obras de Lima Barreto e, em Machado, a excelência com que descreve os costumes e espaços da cidade imperial, isto é, a cidade essencialmente concentrada nos bairros tradicionais da orla, nos cafés do centro e nos círculos intelectuais da Rua do Ouvidor.

A comparação de ambos, quando ocorre, busca contrapor estas duas formas de cidades representadas pelos escritores. Esta pesquisa também se baseia em tal comparação, no entanto, procura-se aqui avaliar os seus limites, uma vez que tal dicotomia entre a cidade elitista e a suburbana talvez não dê conta de toda a complexidade da questão. Não só o Rio imperial aparece em Machado e não só o subúrbio é descrito por Lima. A crítica literária, no entanto, em diversos trabalhos, parece se restringir a essa polaridade.

1.

Machado de Assis e “um círculo deste tamaninho no Rio de Janeiro”⁸

Machado de Assis nasceu em 1839, no Morro do Livramento, local marcadamente empobrecido da cidade do Rio. Aos dez anos, após a morte da mãe e da irmã, passa a viver com a madrastra e seu pai, mudando-se para a região de São Cristóvão.

Aos dezesseis, Machado começa a escrever poesias na *Marmota Fluminense*, jornal de Francisco Paula Brito, e um ano depois passa a ser aprendiz de tipografia, na *Tipografia Nacional*, cargo que ocupa por três anos.

A partir de então, Machado vai crescendo no trabalho literário: ainda na *Marmota* como contista, revisor no *Correio Mercantil*, crítico teatral no *Diário do Rio de Janeiro* e, já em 1862, crítico literário na *Semana Ilustrada*.

Crisálidas, seu primeiro livro de poesias, data de 1864. Três anos depois, inicia a carreira pública, na qual será nomeado primeiro oficial da Secretaria da Agricultura, Comércio e obras públicas em 1873. Em meio a isso, casa-se com Carolina em 1869.

O primeiro romance, *Ressurreição*, data de 1872 e é publicado pela *Garnier*. Os três seguintes surgem a cada biênio: *A Mão e a Luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*, de 1874, 1876 e 1878, respectivamente. Esses romances possuem linguagem e temática predominantemente romântica, embora já se possa notar neles algumas características da literatura realista.

⁸ Em referência a Callado (1982, p.318-319) sobre os espaços do Rio de Janeiro nas obras machadianas.

A grande virada literária se deu em 1881, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romance icônico em que Machado é inovador na temática, linguagem e referências dentro do romance. Todos os aspectos literários são diferenciados do que estava presente em seus romances anteriores. Alvo da maioria das críticas sobre Machado, *Memórias Póstumas* é considerado precursor do realismo brasileiro. A cidade torna-se mais presente, a saga dos personagens perde a aura romântica de mulheres ingênuas e finais felizes e a crítica social (camuflada na ironia) se mostra como protagonista.

A partir de então, os romances machadianos (assim como sua produção em contos e crônicas) assumem esse caráter crítico-realista e o intervalo entre a publicação dos romances aumenta. *Quincas Borba*, que segue como continuação do enredo de *Memórias Póstumas*, é publicado em 1891, dez anos depois de seu antecessor. *Dom Casmurro*, talvez o segundo mais estudado romance de Machado, data de 1899. Os dois últimos, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, que também funcionam com enredos interligados por um personagem em comum, datam de 1904 e 1908 respectivamente.

A essa altura, Machado já está viúvo e certa melancolia após a morte de sua esposa Carolina, em 1904, parece ser transpassada em seu último romance. No mesmo ano de publicação deste último, o escritor morre deixando um imenso legado literário.

Machado se destacou no meio literário ainda em vida. Embora de origem pobre, existem várias especulações sobre sua ascensão social e intelectual. Seus pais sabiam escrever, o que era incomum na época entre os pobres, mas ele nunca teve uma educação formal. Indica-se que se dedicou aos estudos e leituras por interesse próprio e através de alguns contatos mais instruídos que foi tendo ao longo da vida. O domínio do francês é uma incógnita que, de fato, não se sabe resolver. Certo é que Machado era culto e fez-se destaque entre grandes nomes já em seus primeiros trabalhos. Alguns críticos colocam que, à medida que ele ascendia social e culturalmente, negava sua origem pobre, estando essa evidência presente em suas próprias obras, que pouco têm do cotidiano dos mais pobres e, quando eles aparecem, são em situações até mesmo vexatórias. Essas hipóteses podem ter controversas, mas muito se especula sobre a origem e vida desse grande escritor.

O que resta ressaltar aqui é que Machado, ainda com origem pobre e com características que poderiam fazê-lo um excluído – mulato e epilético – obteve prestígio em vida e foi reconhecido nos grupos intelectuais de elite.

A produção de Machado se dá então na segunda metade do século XIX, quando as temáticas tratadas pela literatura parecem se caracterizar, de modo geral, por retratar com mais

aíncio as problemáticas sociais e, dentro disso, os ambientes urbanos, em detrimento dos assuntos ligados aos assuntos amorosos e conflitos cotidianos que predominavam no período literário anterior – o romântico. Isso seria o chamado realismo ficcional (BOSI, 2006, p. 172), classificação dada pela crítica literária ao estilo ao qual Machado de Assis pertenceria.

A tendência literária à época de Machado enfatiza a maior presença da cidade e Machado assim também o faz, sendo dele a obra que inaugura o Realismo no Brasil, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Machado, no entanto, faz o Rio de Janeiro presente em suas obras, desde, inclusive, seus romances considerados ainda com estilo romântico (os quatro primeiros, desde *Ressurreição* até o lançamento de *Memórias Póstumas*), ainda que nestes primeiros a presença da cidade seja mais tímida⁹.

Carioca nato sem praticamente nunca ter deixado a cidade do Rio de Janeiro, Machado de Assis morou e vivenciou vários espaços e momentos do Rio trazendo-os aos seus textos, sendo marcado pela eloquente forma de retratá-los em suas obras.

Nos livros que escreveu, Machado de Assis, escritor carioca por excelência, fixou de maneira admirável sua cidade natal. Todos os aspectos do Rio de Janeiro estão visíveis na obra machadiana. O homem e a sociedade, o meio físico e o ambiente. [...] Pelos seus romances, contos e crônicas pode-se conhecer o que de mais característico havia no Rio de Janeiro de seu tempo (VAL, 1977, p. 19).

Os romances machadianos, em quase a totalidade dos enredos, são ambientados no Rio de Janeiro imperial, isto é, durante o século XIX, quando as questões sociais e urbanas mais críticas da cidade carioca ainda não estavam escancaradas como ficariam mais adiante. Seus romances possuem enredos protagonizados por personagens de famílias abastadas e se passam nos bairros mais nobres da cidade de então como Botafogo, Glória, Flamengo e Catete, com algumas cenas e episódios que retratam os ambientes de vida dos mais empobrecidos.

Lúcia Miguel Pereira, autora de uma das biografias mais respeitadas de Machado de Assis, coloca, no capítulo que resume e encerra seu texto, que Machado foi um escritor não só tipicamente brasileiro, mas carioca, regionalista (PEREIRA, 1988, p. 292) e ainda afirma que o ambiente dos seus livros, contos e romances, é carioca com “alguma coisa que não é a evocação do Rio, porque é mais do que isso, é o próprio Rio” (PEREIRA, 1988, p. 292). Mas deixa claro que este Rio representado em Machado é aquele com o espírito da sociedade imperial (PEREIRA, 1988, p. 291).

Outras afirmações como “Machado fez o império dele [...], criou sua corte total, no

⁹ Isso pode ser evidenciado nesta pesquisa através das tabelas de cada um dos romances. De fato, nos quatro primeiros, a presença se mostra menor em quantidade de ocorrências que nos demais romances.

Centro do Rio de Janeiro, de maneira quase maníaca. Ele se move do Andaraí ao Botafogo, para Santa Teresa. É um círculo deste tamaninho no Rio de Janeiro” (CALLADO, 1982, p.318-319), reafirmam a intensa descrição das áreas centrais do Rio descritas em Machado.

Luiz Antônio Aguiar, com uma linguagem despretensiosa em seu *Almanaque Machado de Assis*, livro que trata de diversas curiosidades da vida e obra machadiana, parece palpitar que Machado buscou retratar o Centro e a alta sociedade carioca após sua infância empobrecida, quase como uma maneira de compensação pelas carências materiais sofridas:

Mais ou menos na metade do século XIX – justamente quando um jovem Machado de Assis, com cerca de 17 anos, deixa o Morro do Livramento e começa a percorrer o Centro da cidade – ávido por escapar à vida pequena que levava até então –, a cidade, como que de propósito [...] começa a se transformar. [...] Já havia espaços urbanos nos quais se podia alimentar a ilusão de que não estávamos tão distantes da Europa [...] E foi essa Corte que começava a borbulhar, com seus personagens, que cativou a imaginação do escritor, em sua juventude, a ponto de se tornar o cenário de grande parte de suas histórias (AGUIAR, 2008, p. 143-144).

Barcellos (2009), analisando três dos romances machadianos (*Memórias Póstumas*, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*) evidencia em seu artigo que Machado descreve nestes romances a cidade do centro velho com suas ruas, praças e morros (p.48). Ainda comenta sobre a constante presença das áreas litorâneas nos textos, mas enfatiza que, à época de tais romances, as praias não eram vistas como espaços de lazer, mas estavam em transformação, com a valorização do vetor de ocupação das elites cariocas (BARCELLOS, 2009, p.49-50).

É comum, inclusive, a direta associação de Machado à Rua do Ouvidor, ícone da alta sociedade carioca na qual se concentravam lojas de moda e espaços de sociabilidade. Toda a aura encantadora do Rio antigo se resume às diversas passagens dos personagens machadianos pela elegante Rua do Ouvidor, ainda que, como coloca Aguiar

saindo da rua [do Ouvidor], um pouco acima ou abaixo, dava-se com os cortiços dos pobres, mas na maioria dos romances e contos da época, inclusive em Machado de Assis, os personagens saíam de suas boas casas e desembarcavam na Rua do Ouvidor (AGUIAR, 2008, p. 147).

Ou seja, Aguiar afirma que, mesmo com a cidade já apresentando certos problemas urbanos e de moradia, esta parte da cidade era ignorada pelo escritor, que ambientava seus romances apenas nos espaços em que existiam boas casas, cafés e teatros, enfim, os lugares mais associados à alta sociedade e o centro intelectual e boêmio da cidade.

Santos (1998) resume a presença da cidade machadiana:

Do ponto de vista físico surge a evidência maior dos morros da cidade: Conceição, Castelo, Santa Teresa; bairros e caminhos são percorridos:

Matacavalos, Catumbi, Valongo, Cidade Nova, Rio Comprido, São Cristóvão, Engenho Velho, Andaraí, Tijuca, Glória, Catete, Laranjeiras, Flamengo e Botafogo. Também os lugares da vida social: casas de comércio, hotéis, tavernas, teatros e igrejas (SANTOS, 1998, p.28).

Mas, como bem colocou, se trata do ponto de vista físico. Parte do questionamento que instiga este trabalho é saber até que ponto a cidade retratada por Machado se resume a seus espaços físicos. Tratando somente dos espaços elitistas, Machado apenas apresenta o modo de vida desta sociedade? Contrapondo os espaços físicos machadianos à suas críticas dentro de seus textos, busca-se aqui evidenciar que a cidade descrita pelo escritor pode não se resumir somente a isso.

2.

Lima Barreto, “ficcionista dos subúrbios”¹⁰

A novidade do subúrbio encontrou em Lima Barreto um intérprete obstinado, conduzindo a um certo consenso no interior da crítica literária acerca dele como um “ficcionista dos subúrbios”. Contudo, tal como os subúrbios, outras partes da cidade – como o centro e Botafogo – foram envolvidas na sua crítica ampla e profunda à sociedade carioca de seu tempo, que teve na organização espacial da cidade uma de suas dimensões.

Lima Barreto nasce no Rio de Janeiro em um treze de maio, numa época de grandes mudanças políticas e sociais. Perto do final do século XIX, 1881 mais precisamente, Lima vivenciou momentos conturbados da cidade carioca. Na infância viu a Proclamação da República e rumo à vida adulta com as mudanças urbanas da virada do século.

De origem mestiça, sua família era marcadamente pobre e, aos seis anos de idade, perde sua mãe. Ingressa no Colégio Pedro II e depois na Escola Politécnica com a ajuda de seu padrinho. Sua formação educacional, no entanto, é interrompida após o pai ser internado no hospício e Lima precisar trabalhar para sustentar a família. Passa então a trabalhar na Secretaria da Guerra.

Sua produção literária se dava em publicações em jornais cariocas. Entretanto, sua literatura jamais seguia os padrões da época (em termos de linguagem principalmente, mas

¹⁰ Em referência a Massaud Moisés (1997, p.197), sobre a abrangência da obra barretiana.

também na temática), contribuindo para que Lima não tenha sido reconhecido pela crítica literária em vida pela sua produção.

Foi internado por problemas psiquiátricos e sofria de depressão, além de ser alcoólatra. Sua vida foi curta, morrendo em 1922, aos 41 anos de idade. A fase em que se encontra no hospício é alvo de muitos estudos principalmente por conta do seu diário íntimo, em que narra a sua situação.

Sua obra tem muito de autobiográfico e também por isso foi criticada por estudiosos por muito tempo.

Lima Barreto produz toda sua obra em uma época em que a importância social da literatura tende a se manifestar mais claramente, durante o chamado pré-modernismo, caracterizado pela clara problematização da realidade social e cultural, mas ainda vinculado de certa forma, ao estilo formal do momento literário anterior, trazendo à tona as críticas à República Velha e as contradições sociais existentes no país.

As duas primeiras décadas deste século experimentaram a vigência e o predomínio de correntes realistas de nítidas intenções sociais. Inspiradas nas linhagens intelectuais características da *Belle Époque* – utilitarismo, liberalismo, positivismo, humanitarismo – faziam assentar toda a sua energia sobre conceitos éticos bem definidos e de larga difusão em todo este período (SEVCENKO, 1983, p. 22).

Lima Barreto é dado pela crítica literária como um dos escritores que melhor fez crítica social através da literatura no início do século XX, com significativos elementos para a elucidação, quer das tensões cruciais do período, quer dos seus dilemas culturais (SEVCENKO, 1983, p. 23).

Estando mais próximo do romance social, é comum afirmar que Lima Barreto busca retratar em suas obras, cenas ligadas ao cotidiano dos excluídos, empobrecidos e suburbanos. Moisés coloca que Lima Barreto “conhece bem a arraia-miúda, a pequena burguesia: é o ficcionista dos subúrbios, como a crítica já tem assinalado” (MOISÉS, 1997, p. 197).

Nos diversos estudos sobre sua produção, é possível observar a direta associação de Lima aos subúrbios cariocas e ao modo de vida dos mais pobres. Nesse sentido, Belchior inicia seu trabalho afirmando que

Como escritor e periodista, flagrou como poucos um Rio de Janeiro em fervilhante processo de fazer-se metrópole, numa era de reformas conservadoras e excludentes. Fez dos subúrbios espaço e ambientação *por excelência* de sua produção literária. Nessa perspectiva, ajudou a constituir e dar

visibilidade a territórios plurais e multifacetados, com suas tensões sociais próprias e sempre na ordem do dia (BELCHIOR, 2011, p. 08; grifo nosso).

Belchior coloca também a presença da cidade metropolitana – e não só dos subúrbios – na produção de Lima Barreto. De fato, dentro da crítica literária e dos trabalhos que tratam das obras de Lima, é possível verificar que outros tantos deles afirmam a presença das áreas centrais e a crítica barretiana às transformações da cidade em consequência das reformas urbanas. Santos (1983), assim como outros estudiosos, afirma que o Rio é “sem dúvida, a personagem fundamental da obra de Lima Barreto. Ele foi capaz de captá-la, tanto nos aspectos particulares e mais simples, como no seu conjunto” (SANTOS, 1983, p. 24). Também coloca Silva (1976), sobre a mesma ideia:

Lima Barreto tem sido chamado o romancista dos subúrbios carioca. Verdade ele foi o primeiro a descrever o refúgio dos infelizes, (frase sua) mas nem só de subúrbio vivem seus romances. O Rio de Janeiro, de ponta a ponta, aparece de forma menos detalhada, é certo, mas o suficiente para que se tenha uma visão dos seus costumes, modos de trajar, linguagem, meios de transporte, teatros, banhistas, repartições públicas e toda sorte de aspectos característicos (SILVA, 1976, p. 24).

Quanto à diferença entre o Rio narrado por Machado e por Lima, Silva ainda continua dizendo que escrever sobre o subúrbios (tal qual Machado indica ao final de *Dom Casmurro*), não era “do feitio machadiano” (SILVA, 1976, p. 25). Silva parece um pouco equivocado quanto a Machado em sua crítica. Ele afirma que *Dom Casmurro* é um “tratado da dissimulação feminina”¹¹ e que Machado se preocupou demais com a redação dos textos e pouco comunicou (p.25). Ora, isto está bastante longe do que todos os estudos críticos de Machado mostram atualmente, seja em relação a *Dom Casmurro* especificamente, ou da sua obra como um todo. Machado comunicou muito acerca de sentimentos, práticas, costumes, lugares...

Mesmo com tais questões controversas em Silva (1976) ou as afirmações em Santos (1983) da abordagem ampla de Lima sobre a cidade, de maneira geral, a associação de Lima aos subúrbios aparece como dominante. Atualmente esta concepção vem mudando, com trabalhos que mostram as várias faces da cidade carioca na obra de Lima. Cientes disso, pretende-se verificar em que instâncias a descrição suburbana e a denúncia das mazelas sociais de seus moradores foram tão amplas na obra de Lima a ponto do escritor ter sido e, em parte ainda ser,

¹¹ O trabalho de Caldwell (2002) analisa *Dom Casmurro* buscando evidenciar que o relato todo é fruto do ciúme doentio de Bentinho, o qual, usando diversas artimanhas de narração e ponto de vista (inclusive dotado da arte de persuadir, Bento é formado em Direito) tenta convencer o leitor da traição de Capitu. Caldwell mostra que toda a trama possui diversas “dicas” que evidenciam as meias-verdades que Bento conta. Após a publicação deste trabalho na década de 60, a crítica literária, de maneira geral, buscou se atualizar e reavaliar suas posições. Silva (1976) parece que não se convenceu com os argumentos de Caldwell.

cunhado como o escritor dos subúrbios pelos críticos.

O trabalho de Beatriz Resende (1993), já mais recente, se encaixa neste grupo dos críticos que reforçam que a cidade barretiana é extensa, ao menos naquilo que é colocado nas crônicas. A autora diz que Lima Barreto vê a cidade de forma ampla com representações de todos os grupos sociais, de presidentes, senadores e doutores a “funcionários públicos de todos os escalões, meninas do subúrbio, poetas empobrecidos, músicos não reconhecidos, prostitutas infelizes ou de sucesso, aposentados, donas de casa, vagabundos, bêbados e loucos” (RESENDE, 1993, p.26). Mesmo reconhecendo a abrangência dos personagens de Lima, ela ainda coloca que “são, no entanto, aqueles que a cidade rejeita que constituem o objeto principal de suas crônicas” (RESENDE, 1993, p.26).

Os trabalhos mais recentes sobre Lima Barreto parecem de fato buscar a compreensão sobre o escritor que vê toda a cidade. Mas, como já assinalado, de maneira geral na crítica literária, predomina certa tendência da associação de Lima aos subúrbios e às regiões menos abastadas da cidade.

3.

As obras

Busca-se aqui uma breve contextualização das obras analisadas para que a compreensão dos aspectos apontados nas análises não fique truncada. Parte das obras utilizadas neste trabalho é amplamente conhecida, como os clássicos machadianos *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas*, assim como *Triste Fim de Policarpo*, de Lima Barreto. No entanto, como toda a obra dos autores é utilizada, outros romances menos conhecidos são também analisados e, portanto, devem ser comentados.

Os textos que seguem, portanto, visam ser diretos e apenas informativos, de modo que deem sustentação ao leitor desprecavido e sirva de apoio durante a leitura do texto principal. O foco nas datas dos enredos dos romances se justifica pela busca da correta associação com o momento em que a cidade estava passando.

Romances de Machado de Assis

Ressurreição

O romance conta a história de Félix, um boêmio bem apessoado que não acredita no amor – e/ou nas pessoas – e por conta disso procura sempre namoros curtos. Félix conhece Lúvia, uma bela viúva e mãe de um menino, irmã de um de seus amigos. Após algum tempo se

apaixonam, iniciam um namoro e mais adiante Félix propõe casamento à viúva. Uma denúncia anônima sobre uma possível traição de Livia faz com que Félix desista de tudo e se refugie em sua chácara, abandonando Livia na véspera do casamento. Ao fim do romance Félix assume o erro e Livia o perdoa, mas prefere ficar sozinha cuidando de seu filho. O romance trata, de maneira geral, dos ciúmes e das desconfianças de Félix e parece funcionar como um experimento de Machado para a posterior concepção de *Dom Casmurro*.

Este e os três romances seguintes de Machado são considerados com características da literatura romântica principalmente pela linguagem simples e trama prosaica. No entanto, Machado já insere marcas do Realismo no romance como a exploração dos perfis psicológicos dos personagens como ponto principal do enredo e surpreende os leitores com a separação do casal ao final. Além disso, Livia seria a primeira das várias mulheres criadas por Machado com personalidade forte, bastante distinta das frágeis personagens dos romances românticos.

*Publicação:*1872;

Marcação temporal no enredo: Não há evidências temporais do enredo no romance, exceto que a história a ser contada data de dez anos antes da narração da mesma. Os bairros de Catumbi e Laranjeiras já estão parcialmente desenvolvidos, pois aí moram os personagens. Não há menção de bondes ou trens. Tomando a data de publicação como limite máximo da data do enredo, presume-se que o romance tenha se passado no final da primeira metade do XIX, com a cidade ainda concentrada nas regiões centrais.

A Mão e a Luva

Narra a história que leva ao casamento de Guiomar, moça de origem modesta e personalidade forte, que após perder sua mãe é acolhida por sua madrinha, uma baronesa. Guiomar procura o casamento ideal, analisando com certa frieza o melhor dos seus três pretendentes: Estevão, que nutria forte atração por ela, era rejeitado pela moça pela sua simplicidade e excesso de sentimentalismo; Jorge, sobrinho da baronesa, que desejava que com ele Guiomar se casasse, mas que parecia superficial à moça; e, finalmente, Luís Alves, que tinha sentimentos por ela, mas não sabia que se tratava da mesma moça por quem seu melhor amigo (Estevão) era apaixonado, e era ambicioso e calculista tal qual Guiomar. Após diversas desenvolvimentos estratégicas, Guiomar acaba por se casar com Luís Alves e sua madrinha compreende sua escolha. O enredo acaba com Estevão desiludido e os recém-casados felizes.

Este também se trata de um romance com características românticas (linguagem simples,

temática banal e final marcado pelo sucesso do desenlace matrimonial), exceto pelas fortes personalidades femininas e a explicitação dos relacionamentos por interesse.

Publicação: 1874;

Marcação temporal no enredo: a história se inicia em 1853 (citado capítulo I) ainda quando os dois amigos estão na faculdade. A maior parte do romance se passa dois anos mais tarde, em 1855.

Helena

Após a morte do Conselheiro Vale, Helena é introduzida à sua família como filha bastarda do Conselheiro. A família a acolhe com certo preconceito e sua presença passa a gerar conflitos na casa. Aos poucos, a jovem menina vai agradando a todos e se apaixona por Estácio, seu suposto irmão, que corresponde ao sentimento. No decorrer do enredo, no entanto, é revelado ao leitor que Helena na verdade não é filha do conselheiro Vale, mas sim de um senhor muito pobre que foi abandonado por sua mulher – mãe de Helena, Ângela –, para se juntar ao Conselheiro. O Conselheiro Vale tratava Helena como filha oferecendo-lhe boa educação e ascensão social. Quando a família de Vale descobre toda a verdade, Estácio entende que pode então se declarar à moça. No entanto, entre tantas emoções, Helena adoece e morre, colocando fim a todo o conflito familiar.

Os aspectos que mais enunciam a quebra com a literatura romântica neste caso é a narração do trágico conflito da personagem principal denunciando a gritante e perversa desigualdade social.

*Publicação:*1876;

Marcação temporal no enredo: Inicia-se e se passa entre os anos de 1850 e 1851 (referência da data no capítulo XI, no desenho de Helena).

Iaiá Garcia

A história contada trata dos conflitos de interesses amorosos e sociais entre diversos personagens que se entrelaçam. Luís Garcia é um viúvo que tem uma jovem filha, Iaiá, e é amigo de uma também viúva, Valeria, mãe de Jorge. Jorge é apaixonado por Estela, uma moça socialmente inferior a ele e para que este casamento não ocorra, sua mãe o envia à Guerra do Paraguai. Lá, Jorge descobre que Estela se casou com Luís Garcia, em um casamento por pura comodidade, para trazer companhia ao viúvo e a figura materna à Iaiá.. Quando regressa ao Rio,

Jorge se torna amigo íntimo da família de Luís Garcia. Entre diversas situações, Iaiá percebe que Estela nutre sentimentos por Jorge, mas ela também, Iaiá, se apaixona por ele e é correspondida. Após a morte de Luís Garcia, os dois jovens se casam e Estela se afasta do casal, mudando-se do Rio.

O foco da narrativa parece ser, assim, os conflitos envolvidos nos relacionamentos entre pessoas de diferentes classes sociais. Aqui ainda há características românticas no enredo, porém a linguagem passa a se modificar cada vez mais, assim como a caracterização forte das personagens, principalmente as femininas.

*Publicação:*1878;

Marcação temporal no enredo: Se inicia em 1866 e se passa nos anos seguintes, durante cerca de cinco anos.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

O romance, narrado pelo defunto Brás Cubas, conta a história de sua vida. A história se inicia pelo fim (sua morte) e vai voltando algumas passagens, até que toma o caráter linear e Brás Cubas passa a contar sua história desde o nascimento. Brás Cubas é um personagem típico da classe alta carioca: sua família possui propriedades das quais ele vive de rendas, foi estudar na Europa embora jamais tenha exercido a profissão e vive em teatros e bailes desfrutando do bom lazer carioca. A história se finaliza com Brás Cubas solteiro e sem filhos após uma vida amorosa tumultuada.

O enredo é simples, porém a complexidade do romance é desenvolvida através das diversas críticas sociais que Machado busca fazer através da caricatura de um personagem elitista e mimado. O romance, como se sabe, foi o inaugural de Machado em termos de características de linguagem e construção de enredo marcantes: ironia e conversa com o leitor, digressões e críticas ao padrão romântico.

Publicação: 1881 (Folhetim iniciado em 1880 na Revista Brasileira);

Marcação temporal no enredo: de 1805 a 1869. Brás Cubas nasce em 1805 e morre em 1869, contando toda sua vida na obra.

Quincas Borba

Este romance narra a saga de um personagem que surgiu em *Memórias Póstumas de Brás*

Cubas. Quincas Borba é, no romance inicial, um amigo de Brás que se encontra em estado de mendicância. Ao final do romance de Brás Cubas, Quincas havia enriquecido com uma herança de família. Já no romance Quincas Borba, este personagem se encontra de volta à sua terra natal, em Minas. Doente, morre logo no início da narração deixando, por sua vez, sua herança a Rubião, um companheiro que havia se tornado discípulo de Quincas nos últimos meses de sua vida. Rubião, inexperiente na vida enriquecida, se muda para o Rio e à caminho conhece um casal – Sofia e Palha – de quem se torna amigo íntimo. Entremeada de diversos pequenos conflitos e com Rubião apaixonado por Sofia, toda a trama se dá na sutilidade em que o casal acaba por atrair a confiança de Rubião e usurpar-lhe de maneira que, ao fim do romance, Rubião se encontra empobrecido, louco e vivendo às custas do casal. Regressa a Minas, onde morre de maneira trágica e triste. Em todo o romance, há a exposição da satírica filosofia Humanitas, criada pelo próprio Quincas Borba. Em linhas gerais, a filosofia trata da sobrevivência dos mais fortes (“Ao vencedor, as batatas!”), que pode ser aplicada ao próprio desenvolvimento do enredo e ao fim de Rubião.

Publicação: 1891, com diferenças do folhetim (Folhetim iniciado em 1886 na *Estação*);

Marcação temporal no enredo: segunda metade do século XIX. Não há referências exatas das datas, mas há indicações de vários fatos ocorridos a partir dos anos 40 do século XIX.

Dom Casmurro

Narrado em *flashback*, o romance se inicia com Bento Santiago adulto, contando ao leitor a história de seu casamento com Capitu, desde a infância. Assim, Bento inicia a história quando criança, ao saber que será enviado ao seminário para ser padre por promessa de sua mãe. Após a denúncia do perspicaz agregado da família, José Dias, Bentinho percebe que está apaixonado por Capitu e juntos, os dois jovens buscam maneiras de evitar o seminário. Depois de promessas, intervenções de José Dias e do padre conselheiro da família, Dona Glória se convence que Bento não precisa ser padre para cumprir sua dívida com a religião e então os jovens se casam. O casamento vai bem por um bom tempo, até que Bento passa a ter grandes crises de ciúmes de Capitu, especialmente em relação a seu amigo Escobar (casado com a amiga de Capitu, Sancha), duvidando da paternidade de seu filho Ezequiel. Separados pelas brigas, Capitu se muda para a Europa com seu filho e ambos acabam morrendo. Bento é indiferente quanto à morte dos dois e termina solitário em uma casa que constrói tal qual a de sua infância, para rememorá-la. É nessa situação que se encontra Bento escrevendo o romance como forma de buscar compreender tudo o que havia acontecido. Toda a narrativa, contada em primeira pessoa segundo a visão de Bento,

acaba sendo guiada de forma a convencer o leitor da traição de Capitu.

Publicação: 1899;

Marcação temporal no enredo: de 1857 a fins do século XIX. O enredo se inicia em 1857 com a cena da conversa na sala de visitas (cap. III); há o casamento de Bentinho e Capitu em 1865 (cap.CII); o último ano marcado no romance é 1872, quando começam as dúvidas de Bentinho (cap.CXXXI); imagina-se que o fim da trama tenha se dado no fim do século XIX.

Esaú e Jacó

Trata da dualidade de dois irmãos gêmeos, Pedro e Paulo. Filhos de uma abastada família carioca, os dois irmãos sempre tiveram visões diferentes e, no romance, passam a lutar até mesmo pela amada Flora. O romance narra as brigas de criança dos irmãos, seguidas da adolescência e vida adulta, quando os gêmeos manifestam visões políticas distintas: Paulo é republicano e Pedro, monarquista. Diversas alusões são feitas como crítica à política e exatamente na metade do enredo se dá a proclamação da República, fazendo assim com que o romance seja literalmente dividido em duas partes. O conflito se dá ainda pela preocupação de Natividade, mãe dos meninos, com o futuro dos mesmos. Ao fim, ambos se tornam deputados, ainda que rivais politicamente, mas sem Flora, que falece antes de escolher um deles.

Publicação: 1904;

Marcação temporal no enredo: de 1871 (nascimento dos gêmeos Pedro e Paulo) ao fim da segunda metade do século XIX; o meio do enredo é dado na Proclamação da República (1889).

Memorial de Aires

O romance toma a forma do diário pessoal do Conselheiro Aires durante dois anos. Após sua morte, o narrador (assinado por M. de A., ou seja, o próprio Machado) relata ter encontrado o diário e deseja publicá-lo sem mais interesse que não de matar o tempo na leitura. O Conselheiro já havia aparecido no romance Esaú e Jacó. Assim, tal qual Quincas Borba, este romance se posiciona como continuidade do anterior, sendo interligado por um personagem principal que era secundário naquele.

O romance não enfoca grandes conflitos. Trata das impressões e reflexões do aposentado Conselheiro Aires que passa o tempo com os amigos – Fidélia, uma viúva que desperta interesse no conselheiro, e o casal Aguiar que, sem filhos, passam a acolher Fidélia e Tristão, um jovem

que tem os Aguiar como pais. Ao fim do romance, Fidélia se casa com Tristão mudando-se para a Europa e os Aguiar se encontram novamente sozinhos. Com enredo bastante simples, a excelência do romance se dá na sutileza das observações do Conselheiro, principalmente porque na estrutura de diário, ele pode contar tudo o que pensa ao leitor, fazendo críticas à sociedade e à política da época.

Publicação: 1908;

Marcação temporal no enredo: Trata-se de um memorial que se inicia em janeiro de 1888 e termina em agosto de 1889.

Romances de Lima Barreto

Recordações do Escrivão Isaías Caminha

Narra a história de Isaías Caminha, um jovem mulato que, nascido no interior, vai ao Rio de Janeiro onde logo percebe as dificuldades pela quais tem que passar. Embora tenha uma carta de recomendação a um deputado, demora a conseguir contato com ele e, quando consegue, de nada lhe adianta. Aos poucos vai criando um círculo de amigos e acaba indo trabalhar no jornal *O Globo*. Lá, passa a descrever e denunciar ao leitor as mazelas por trás das notícias, da relação de poderes e do sensacionalismo dos jornais. Aos poucos, entretanto, ele mesmo entra nesse círculo e acaba sendo promovido não por mérito, mas por guardar um segredo do seu superior. Ao fim do romance, Isaías faz um balanço num tom melancólico, momento em que percebe quão distante esteve de seus ideais iniciais.

Publicação: 1909;

Marcação temporal no enredo: Não há nenhuma referência direta a datas no enredo. As únicas presentes referem-se a datas de leis ou acontecimentos passados, as quais são de meados da segunda metade do XIX e caracterizadas no romance como um momento de um passado relativamente distante. Como exemplo, a passagem da conversa entre Isaías e o Coronel Figueira, que fala sobre o Rio antigo e, quando indagado, diz que não visita o Rio desde 1882 (IV, p. 145-146). Infere-se, a partir disso que o enredo se passe próximo à data de publicação, isto é, início do século XX.

Numa e Ninfa

O romance *Numa e Ninfa* trata de um relato sobre a vida política na Primeira República. Através de personagens que mantêm relações políticas, o romance passa a denunciar a fusão da vida privada e política naquele conturbado momento histórico. O enredo em si é guiado através do personagem Numa Pompílio, que se casa para ascender socialmente e se torna deputado por influência do sogro. Numa tem uma carreira política muito medíocre e sua mulher é quem faz as melhores análises e escreve seus discursos. O romance termina com Numa chegando um dia em casa supondo que sua mulher estava madrugada fora escrevendo seu discurso. Quando olha pela fechadura, vê que quem escreve os discursos na verdade é Benevenuto, primo e amante da mulher. Ciente de que qualquer crise arruinaria sua carreira, sua atitude diante do fato é extremamente passiva.

Publicação: 1915;

Marcação temporal no enredo: Não há referência direta de datação dos acontecimentos. Pelo contexto e narração, porém, pode-se perceber que se trata das eleições de 1910.

*Triste Fim de Policarpo Quaresma*¹²

O romance, o mais conhecido de Lima Barreto, narra a saga do major Policarpo Quaresma, um grande patriota, sistemático e estudioso do Brasil. Na primeira parte do livro é feita a sua caracterização através de fatos e manias que o colocam de maneira cômica como defensor do país em todas as instâncias: aspectos naturais, cultura, arte, etc. Entre esses fatos, se encontra o episódio em que ele propõe que todos falassem tupi e, após redigir um documento nessa língua, é internado no hospício. Na segunda parte do romance, após sua saída do hospício, Policarpo se muda para um sítio no interior, onde pretende viver à base da agricultura, certo de que a terra é fértil. O major passa por uma grande decepção ao perceber que a terra é ruim e nada pode ser cultivado, inclusive pelo grande número de formigas que atacavam à plantação. Já na terceira parte do livro, Quaresma volta ao Rio para servir à pátria na Revolta da Armada, momento em que busca exaltar seu nacionalismo mais uma vez. Em meio à revolta, Policarpo se dá conta das mazelas políticas do país e, indignado e desiludido, escreve às autoridades

¹²Esta obra é dividida em três partes compostas por 5 capítulos cada, assim, a estrutura da obra é de Parte 1- I, II, III, IV, V; Parte 2 - I, II, III, IV, V e Parte 3 - I, II, III, IV, V. As anotações aqui colocadas se referem a obra utilizando o número da parte antecedente ao número do capítulo, omissos o número 1 na primeira parte. Assim, por exemplo, capítulo “III”, refere-se ao terceiro capítulo da primeira parte, enquanto capítulo “2II” ou “3II” refere-se ao segundo capítulo da segunda e terceira parte, respectivamente.

denunciando tais problemas. Por essa atitude é preso e este é seu triste fim.

Publicação: 1915;

Marcação temporal no enredo: Em torno de 1891, visto que em meio ao enredo se desenvolve a Revolta da Armada.

Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá

O romance não trata de um enredo linear específico, mas sim de diversas divagações de Gonzaga feita através da narração de Machado, amigo íntimo, que rememora passagens juntos após a morte de Gonzaga. Gonzaga era um homem solitário e pessimista que não se casou ou teve filhos. Dedicara-se aos estudos em busca da compreensão dos aspectos filosóficos da vida. Suas colocações são altamente críticas em relação aos diversos temas presentes em Lima Barreto: a futilidade das classes altas cariocas, os problemas do poder público, a cidade suburbana, as reformas urbanas e o preconceito racial. As diversas passagens no romance abordam passeios e conversas entre os dois amigos pela cidade, sendo este o romance que mais trata de cenas e espaços do Rio em que o narrador, na voz de Gonzaga, relembra o Rio antigo e narra histórias sobre os diversos lugares.

Publicação: 1919;

Marcação temporal no enredo: Não há referências diretas de data no enredo, exceto em alguns trechos que remetem à segunda metade do XIX como algo antigo, como na exemplificação da busca de Gonzaga para lembrar uma casa antiga que data 1876 (V, p. 576); entretanto, há a “Explicação Necessária”, que antecede o romance e é assinada pelo seu narrador, Augusto Machado, na data de 08 de outubro de 1906, possivelmente então marcando a data final do enredo, após a morte de Gonzaga.

Clara dos Anjos

Clara dos Anjos conta a triste história da personagem homônima. O romance é considerado o mais suburbano de Lima Barreto, relatando de forma muito incisiva o cotidiano e a cultura desta população através da narração de diversas histórias de vida de vários personagens tipicamente suburbanos. Negra e filha de um carteiro de origem pobre e simples, Clara dos Anjos é uma moça ingênua que acaba se deixando seduzir por Cassi Jones, um mestre do violão e das modinhas, branco e de posição social superior à dela. Este último é caracterizado como um

homem desprezível, conquistador de moças inocentes suburbanas que, após tê-las, as abandona. Clara se envolve com Cassi, assim como tantas outras e acaba grávida. Cassi desaparece e abandona a menina, tal qual fez com outras. Desesperada, conta o ocorrido a sua mãe e ambas vão à casa da mãe de Cassi para resolver a situação. Lá, Clara é humilhada por ser negra e querer casar-se com Cassi. Clara então se dá conta da sua situação e conclui que “não é nada” na sociedade em que vive.

Publicação: 1922;

Marcação temporal no enredo: Não há referências datadas no enredo, mas presume-se que se passa no início do XX, já que Praxedes, que se dizia advogado, fala sobre a lei de 1899. Logo, o enredo deve necessariamente se passar entre 1900 e 1921, data que o autor assina a obra.

A seguir trataremos da cidade presente na literatura destes dois autores analisada. Como vimos, Machado de Assis e Lima Barreto são escritores que se aproximam pelo objeto descrito – a cidade do Rio – ou pela crítica social presente em suas obras, entre outros fatores concernentes à Literatura. Ao mesmo tempo, são escritores que, em suas obras, falam de espaços distintos e com visões muito diferentes: Machado, na maioria de suas obras, trata da elite de maneira a criticar a sociedade carioca que estava em formação; Lima Barreto busca fazer a crítica social a partir da denúncia crítica dos espaços excluídos da cidade: o subúrbio e as camadas sociais mais empobrecidas. Há muito do centro do Rio também em Lima, mas a visão deste é bastante distinta da machadiana.

O trabalho comparativo entre essas duas visões se faz aqui com intermédio da historiografia em Arquitetura e Urbanismo, buscando-se sempre o encadeamento entre as duas fontes de pesquisa: a literatura e a historiografia, além – embora menos explorada, mas presente – da crítica literária. Assim, a revisão teórica do tema se encontra em conjunção com a análise do objeto de pesquisa, uma vez que, ao que parece, ambas desassociadas não trariam significativa contribuição ao campo de trabalho.

Ainda, os temas foram divididos em tópicos pela busca de organização. Os diversos tópicos – arquitetura, habitação, urbanismo, transportes, costumes – se intercalam a todo momento. Não há como falar de habitação sem explorar as transformações urbanas, tampouco dos costumes sem ter pleno conhecimento sobre as alterações habitacionais. Enfim, as divisões adotadas buscam organizar as informações e jamais as deixar estanques, pois se entrelaçam umas às outras quanto ao conteúdo.

Capítulo II

O MEIO E A TRAMA

1.

Os lugares e as ideias: apropriações

Os romances oitocentistas ligados ao realismo e naturalismo, tomam como pressuposto parte das teorias que circulavam em outros campos de conhecimento, resumidas na questão da influência do meio nos indivíduos. Dimas assinala que tais romances são um campo extraordinário para pesquisa do espaço (DIMAS, 1994, p.48). Os romances aos quais se refere são aqueles em que tal pressuposto fica claramente colocado, como os de Aluísio de Azevedo, obras nas quais a influência do meio é o tema principal.

Machado, embora realista, não se enquadra muito neste grupo de romancistas. O grande diferencial de Machado, que o faz ficar entre os realistas, é a inovação da linguagem e a temática desassociada da tradição romântica¹³. Lima, pela denúncia da cidade, preocupação com a problemática urbana e linguagem fluida quase como a falada, já se enquadra naquele grupo chamado dos pré-modernistas.

Dessa maneira, os romances desses escritores não deveriam possuir, portanto, muito desta questão da relação indivíduo-meio com o meio como influenciador.

Este capítulo procura mostrar, no entanto, que tais questões perpassam as obras, não só por influência do contexto literário ou das preocupações das outras áreas de conhecimento da época, mas também porque o espaço (em todas as suas instâncias) é construtor da trama literária. A colocação de Moretti (2003), após diversas análises em romances europeus, é exatamente essa:

¹³ Como a inserção do leitor na obra, o foco em aspectos psicológicos complexos e os desfechos incomuns das tramas até então.

“histórias específicas são produto de espaços específicos [...]: *sem um certo tipo de espaço, um certo tipo de história é simplesmente impossível*” (MORETTI, 2003, p. 110, grifo do autor). Desta maneira, procura-se aqui mostrar como a cidade, seus espaços (e, no caso deste capítulo, suas teorias) são marcantes a ponto de estarem tão presentes e participantes em um texto artístico, como o literário.

Em uma leitura geral, a associação entre meio e indivíduo, que se difunde no século XIX, parece pautar a construção do romance mais suburbano de Lima Barreto, *Clara dos Anjos*. Aqui, busca-se analisar essa característica de forma comparativa com um romance de Machado, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o qual melhor sintetiza o contexto da elite carioca.

Todo o romance *Clara dos Anjos* é criado através de vários personagens típicos do subúrbio: trabalhadores com várias ocupações, malandros, vagabundos, donas de casa etc. Permeando toda a narrativa, em diversas passagens, Lima Barreto introduz descrições dos ambientes suburbanos, de seus bairros, costumes e cotidiano e vai construindo os personagens e suas ações através do espaço em que se colocam. Em algumas passagens da obra, o autor explicita essa associação:

Estendia essa sua confiança à sua mulher, no que tinha razão; mas não à filha, como fazia, porque, no tocante a esta, precisava contar com a crise da idade, a estreiteza de sua educação doméstica e a *atmosfera de corrupção com que o meio a envolvia*, admitindo tacitamente que ela estava fadada ao destino das "outras" (CA, VIII, p. 711; grifo nosso).

Tanto parece ser este o mote da narrativa de Lima Barreto que *Clara dos Anjos* em sua primeira versão – inacabada e escrita em 1904 – não se passa todo no subúrbio. Nessa versão, a família de Clara vive em uma rua entre Rio Comprido e Catumbi, bairros populares mas ainda próximos ao centro da cidade, sendo o romance construído, entretanto, com as mesmas ações (BELCHIOR, 2011, p.157). Deste modo, podemos intuir que Lima Barreto avalia posteriormente que o subúrbio seria mais propício para as ações que ocorrem no romance – ligadas à imoralidade, aos vícios, à falta de trabalho e à pobreza em geral – por se constituir em *locus* principal da moradia do pobre na cidade.

Em vários momentos a construção dos personagens na narrativa parece ser pautada pelo ambiente. Como exemplo, temos a casa de Marramaque. Este personagem é colocado pelo autor como um homem humilde, bom e honesto (CA, IX, p. 724) e sua casa, organizada e limpa, reflete essa sua personalidade:

A sua casa era inteiramente o contrário da de Meneses. Estava sempre limpa, móveis em ordem, completamente cercada, o jardimzinho da frente bem tratado. Helena, a tia de Marramaque, era muito metódica e econômica, de

forma que a vida doméstica do sobrinho era regular e plácida. Ela costurava para os arsenais do governo e, com o que Marramaque lhe dava dos seus exíguos vencimentos, a vida deles corria sem contratempos (CA, IX, p. 723).

Em Machado também podemos observar alguma relação entre o personagem e o ambiente em que ele está, mas, no caso de Brás Cubas a relação parece estar invertida. Não é o ambiente que reflete o personagem, mas sim o personagem – o mimado Brás Cubas – que qualifica demasiadamente o ambiente em que se encontra, como na descrição de sua estada na sua chácara da Tijuca, em que se percebe inclusive o intenso sentimento de posse sobre tudo.

Trouxeram-nos café; era uma hora da tarde, estávamos na minha sala de estudo, uma bela sala, que dava para o fundo da chácara, bons livros, objetos d'arte, um Voltaire entre eles, um Voltaire de bronze, que nessa ocasião parecia acentuar o risinho de sarcasmo, com que me olhava, o ladrão; cadeiras excelentes; fora, o sol, um grande sol, que o Quincas Borba, não sei se por chalaça ou poesia, chamou um dos ministros da natureza; corria um vento fresco, o céu estava azul. De cada janela, — eram três — pendia uma gaiola com pássaros, que chilreavam as suas óperas rústicas. Tudo tinha a aparência de uma conspiração das coisas contra o homem: e, conquanto eu estivesse na minha sala, olhando para a minha chácara, sentado na minha cadeira, ouvindo os meus pássaros, ao pé dos meus livros, alumiado pelo meu sol, não chegava a curar-me das saudades daquela outra cadeira, que não era minha (MP, CXL, p. 628).

Dentre as teorias difundidas da influência do meio no indivíduo estava também a ideia de que, uma vez tendo como única opção um espaço desconfortável e insalubre dos ambientes pobres e sujos, os trabalhadores e demais indivíduos acabavam por buscar lazer em espaços como nos bares, bordéis e locais promíscuos de maneira geral. Beguin (1991) cita um trecho de um relatório sobre as condições sanitárias de Londres, de 1842, que afirma que

A influência imoral da sujeira e do desconforto nunca foi suficientemente levada em consideração. Esta influência é anti-social no mais alto grau, o estado miserável de sua casa é uma das causas essenciais que conduz um homem a gastar seu dinheiro em prazeres egoístas: ele entra em casa esgotado, aspira à tranquilidade, tem necessidade de repousar: a sujeira, a miséria, o desconforto sob todas as formas o cercam, ele só deseja então ir embora, se puder” [...] (CHADWICK apud BEGUIN, 1991, p. 40)¹⁴.

No Brasil, logo após a abolição e, portanto, no momento que as classes mais altas temiam o ócio dos escravos libertos, começa a se difundir o conceito de “classe perigosa”, ligada à classe pobre. Inclusive nesse momento estava em pauta um projeto de lei sobre a repressão da ociosidade (CHALHOUB, 1996, p. 20). Isso porque, assim como na Europa, associava-se o ócio aos vícios e falta de moralidade.

¹⁴ A referência completa do relatório citado por Beguin (1991) é: CHADWICK, Report to her Majesty's principal secretary of state for the home department from the poor law commissioners on na inquiry into the sanitary condition of the labouring population of G. B., London, 1842. Embora o texto trate de Londres, as ideias foram aqui no Brasil apropriadas de maneira similar.

Essa associação também permeia todo o romance *Clara dos Anjos*, sendo frequentes os episódios que se passam em um bar onde diversos personagens sempre se encontram. O alcoolismo é o vício mais presente no romance, associado à ideia da fuga à vida difícil que estes personagens levavam, assim como temos ilustrado na seguinte passagem que explica como Mme. Bacamarte havia chegado ao seu estado de vida desgraçada:

Ao fim deles, devido a reveses, o marido começou a emburrar com ela, a atribuir-lhe toda a sua desgraça, a espancá-la, mas dando alguma coisa com que ela se sustentasse e aos filhos. Já bebia, o marido dela; e, por esse tempo, fazia-o sem método nem medida. Bebia a mais não poder, em casa, nos botequins, em toda a parte. Faltava à oficina para beber. Rosalina "pegou" o vício do marido e, do pouco dinheiro que ele lhe dava ou com o seu trabalho obtinha, comprava parati. O marido devia seis meses de casa - um modesto barracão de madeira, com uma sala, um quarto e um pequeno adendo para a cozinha (CA, V, p. 676).

Também Meneses, o dentista de Clara que é cúmplice de suas cartas com Cassi e se sente culpado ao longo do enredo por possibilitar essa comunicação – que ao final do romance resultará na desgraça de Clara – bebe diariamente, havendo diversas passagens, como a que se segue. A passagem trata de sua relação com o álcool, sendo o personagem descrito pelo próprio Cassi como um “velho, alquebrado, necessitado, viciado na bebida, sem dinheiro” (CA, VII, p. 696):

- Antunes, dá uma garrafa de "cachaça" - "cachaça", estás ouvindo? - "cachaça"! - dá uma garrafa de "cachaça" para o nosso querido Meneses espantar as suas mágoas.

Quando Meneses apareceu em casa, a irmã foi-lhe logo dizendo:

- Juca, foi bom você aparecer. Estou sem dinheiro para carvão, farinha e querosene. O que você deu não chegou... Fui comprar carne-seca - lá se foi todo o dinheiro.

O velho Meneses, semi-embriagado, já sem decidir perfeitamente, tirou os cinco mil-réis que estavam escondidos na algibeira e destinados a Flores, juntou mais dez tostões e disse para a irmã:

- Tens aí seis mil-réis até segunda-feira. Mana, você até lá não tem direito de me pedir mais dinheiro. Hoje é sexta-feira, temos sábado e domingo garantidos.

Bebeu um cálice do parati que trouxera, deitou-se e tentou ler os jornais que os rapazes lhe deram; mas não pôde. O sono o tomou até à hora do jantar. Quando abriu os olhos e se lembrou de ter dado os cinco mil-réis, destinados a Flores, em troca de versos, aborreceu-se um pouco; mas pensou e fez de si para si: Eu me arrango. Comeu bem e, enquanto houve luz do sol, leu e releu os jornais que tinha; quando veio a noite, continuou a lê-los, sempre bebericando aguardente (CA, VII, 703).

Já em Machado, passagens com práticas que envolvem o consumo de bebida e a sexualidade desregrada são tratadas de forma diferente, associadas à juventude e, em parte, assim como em outros aspectos da narrativa, permeadas pela visão de Brás Cubas, como no trecho:

Três dias depois perguntou-me meu tio, em segredo, se queria ir a uma ceia de moças, nos Cajueiros. Fomos; era em casa de Marcela. O Xavier, com todos os seus tubérculos, presidia ao banquete noturno, em que eu pouco ou nada comi, porque só tinha olhos para a dona da casa. Que gentil que estava a espanhola! Havia mais uma meia dúzia de mulheres, — todas de partido —, e bonitas, cheias de graça, mas a espanhola... O entusiasmo, alguns goles de vinho, o gênio imperioso, estouvado, tudo isso me levou a fazer uma coisa única; à saída, à porta da rua, disse a meu tio que esperasse um instante, e tornei a subir as escadas.

— Esqueceu alguma coisa? perguntou Marcela de pé, no patamar.

— O lenço.

Ela ia abrir-me caminho para tornar à sala; eu segurei-lhe nas mãos, puxei-a para mim, e dei-lhe um beijo. Não sei se ela disse alguma coisa, se gritou, se chamou alguém; não sei nada; sei que descii outra vez as escadas, veloz como um tufão, e incerto como um ébrio (MP, XIV, p. 533-534).

A passagem acima faz referência a dois aspectos preocupantes na visão de observadores da época: a sexualidade e o alcoolismo. No entanto, se tratando de Brás Cubas, ou seja, da elite, ambos são colocados com naturalidade, não conotados como atos imorais. Marcela, prostituta da elite, é descrita como uma espanhola cheia de graça com a qual Brás possui mais adiante um caso amoroso.

À imoralidade também era associada à sexualidade exacerbada. Quanto a isso, Beguin também comenta que, de acordo com os relatórios e teorias, “o que o conforto traz [...] é uma possibilidade de trocas afetivas reguladas, o que ele tenta bloquear é o que a promiscuidade favorecia, entre outros, os prazeres sexuais anônimos e fáceis” (BEGUIN. 1991, p. 48).

Nesse sentido, temos o personagem principal de *Clara dos Anjos*, Cassi Jones, cuja caracterização e ações no romance se dão quase totalmente voltadas aos seus desejos sexuais diante de meninas inocentes. A associação não é direta, mas é explícito que o autor atribui ao meio suburbano em que vive a personalidade de Cassi, inclusive porque Cassi é descrito como exemplo típico de malandro dos subúrbios:

Fosse ele ou fosse o violão, fossem ambos conjuntamente, o certo é que, no seu ativo, o Senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas.

Todas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalo, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas ele, pela boca dos seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios da prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado (CA, II, p. 646).

Quanto às habitações presentes nos romances, um exemplo de salubridade dentro dos padrões das teorias higienistas, é a casa da Gamboa, onde mora Dona Plácida para encobrir o romance de Brás Cubas e Virgília. Brás Cubas a encontra e a considera perfeita para a ocasião “[...] Um brinco! Nova, caiada de fresco, com quatro janelas na frente e duas de cada lado, — todas com venezianas cor de tijolo, — trepadeira nos cantos, jardim na frente; mistério e solidão.

Um brincol!” (MP, LXVII, p. 581). Como se vê, a casa era nova e já era composta com o jardim à frente e aos lados – se nota as janelas laterais – além das venezianas. Além disso, vale ressaltar que esta casa se encontrava na Gamboa, ou seja, não era uma casa suburbana nem operária. Ainda que quem more nela seja Dona Plácida, uma personagem marcada pela pobreza e vida difícil, o seu verdadeiro dono é Brás Cubas, o personagem caricato da elite.

Em contraposição temos a casa suburbana de Meneses, de *Clara dos Anjos*, em que parece haver uma aspiração do dentista a torná-la mais atraente, mas são tentativas frustradas:

Não hesitou e tomou os atalhos, que conhecia bem; e, quase por instinto, os seguia até à sua residência. Ficava esta numa campina nua; e só era cercada na frente, toscamente, e, do lado direito, graças ao vizinho. Tinha um cajueiro mofino, que disfarçava a casinha e dava uma escassa sombra à torneira d'água, onde a irmã lavava roupa, de casa e de fora. De onde em onde, Meneses cismava em plantar algumas árvores de rápido crescimento, para sombra; mas lá vinham os cabritos da vizinhança e matavam-lhe os brotos. A muito custo, conseguiu fazer um caramanchão tosco com que ensombrasse a sala de jantar, onde dormia, e que se prestasse a cozinha, nos dias normais. A casa só tinha dois aposentos iguais, que se comunicavam por uma porta. Não fora a rua, não teria frente nem fundos, tão semelhantes eram essas extremidades dela (CA, VII, p. 700-701).

No trecho da casa da Gamboa, vemos como as novas concepções de moradia, pautadas pelas diretrizes de higiene, conforto e moral se tornam evidentes formalmente, isto é, a concepção espacial da casa é feita a partir das teorias médicas e higienistas que estavam em vigor. A princípio, estas teorias não se preocupavam diretamente com as mudanças formais na cidade, mas a partir delas é que os ambientes tradicionais urbanos e das moradias foram se modificando, isto é, o desenvolvimento de um campo do saber, da medicina, alterou, gradativamente, outro campo, o das questões urbanas e habitacionais. A preocupação com problemas típicos de grandes centros urbanos como alcoolismo, prostituição, falta de moradia, entre outros, se difundiu não só no âmbito social, mas atrelada à questão urbana e adiante, esta associada às grandes intervenções (MARQUES, 1995, p. 61).

Deste modo, inicialmente, essas teorias estavam mais preocupadas com a saúde e higiene e associavam a casa e os costumes dos pobres e a via como local propício e disseminador de doenças e epidemias, tão preocupantes diante de um contingente populacional em constante crescimento.

Em *Memórias Póstumas*, a relação entre pobreza e doença não aparece explicitamente, mas podemos associá-la. Depois de fracassar com o possível casamento com Virgília, Brás Cubas, vindo de família rica, conhece Eulália “[...] ou mais familiarmente Nhã-loló, moça graciosa, um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio. Faltava-lhe elegância, mas compensava-a com os

olhos [...]” (MP, XCIII, p. 601). Brás Cubas a caracteriza simplesmente com falta de elegância, mas, ao longo do romance, podemos perceber algumas indicações que ela provinha de uma família mais pobre. Seu pai indica tal posição social quando, em um episódio do livro fica fascinado pela briga de galo – considerada como atividade ligada aos pobres – causando vexame em sua filha.

O que vexava a Nhã-loló era o pai. A facilidade com que ele se metera com os apostadores punha em relevo antigos costumes e afinidades sociais, e Nhã-loló chegara a temer que tal sogro me parecesse indigno. Era notável a diferença que ela fazia de si mesma; estudava-se e estudava-me. A vida elegante e polida atraía-a, principalmente porque lhe parecia o meio mais seguro de ajustar as nossas pessoas. Nhã-loló observava, imitava, adivinhava; ao mesmo tempo dava-se ao esforço de mascarar a inferioridade da família (MP, CXXII, p. 619).

É esta mesma Nhã-Loló, com quem Brás Cubas tinha um casamento arranjado pela sua irmã, que não vai se juntar à família Cubas, pois falece jovem, por conta da primeira das crises de febre amarela no Rio de Janeiro, isto é, por volta de 1850.

Durante a epidemia de febre amarela, foram vários os estudos que indicassem uma teoria capaz de explicar seu surgimento: associava-se aos navios de negros que chegavam ao país, às condições da cidade, a contágios feitos pelo ar e a punições religiosas aos homens. Embora não se tivesse exatidão sobre como a doença se propagava, havia várias razões aparentemente plausíveis para as diversas explicações – longe porém da descoberta da lógica aleatória do mosquito. O que importa assinalar é que, via de regra, tais teorias associavam a propagação da doença com problemas sanitários da cidade e estas mesmas teorias, em grande parte, foram responsáveis pelo arcabouço ideológico básico às reformas urbanas (CHALHOUB, 1996, p. 65). Nesse sentido, ainda que a associação da pobreza com a febre amarela não fosse direta, ela estava agregada às medidas higiênicas recomendadas, as quais, como já foi assinalado, os sanitaristas acreditavam serem faltantes principalmente entre os mais pobres.

A associação do pai de Nhã-Loló com um costume ligado aos pobres – a briga de galo – é feita por Machado de Assis de maneira discreta, isto é, o escritor comenta o fascínio de seu personagem por essa atividade em uma passagem curta que ocorre em meio a outros acontecimentos no romance, passando quase despercebida. O mesmo costume, no entanto, é colocado no romance de Lima Barreto de maneira clara e evidente, associado ao personagem principal, Cassi, servindo inclusive na composição de seu caráter malandro e aventureiro:

Galos de briga eram a força de suas indústrias e do seu comércio equívocos. Às vezes, ganhava bom dinheiro nas apostas de rinhadeiro, o que vinha ressarcir os prejuízos que, porventura, anteriormente houvesse tido nos dados; e, assim, conseguia meios para saldar o alfaiate ou comprar sapatos catitas e gravatas vistosas. Com os galos, fazia todas as operações possíveis, a fim de ganhar

dinheiro; barganhava-os, com "volta", vendia-os, chocava as galinhas, para venda dos frangos a criar e educar, presenteava pessoas importantes, das quais supusesse, algum dia, precisar do auxílio e préstimos delas, contra a polícia e a justiça.

Incapaz de um trabalho continuado, causava pasmo vê-lo cuidar todas as manhãs daqueles horripilantes galináceos, das ninhadas, às quais dava milho moído, trigoilho, examinando os pintainhos, um por um, a ver se tinham bouba ou gosma.

Fosse se deitar a que hora fosse, pela manhã lá estava ele atrapalhado com os galos malaios e a sua descendência de frangos e pintos (CA, II, p. 651).

Aliás, as fontes de renda dos personagens dos dois romances são algo curioso de se avaliar. Em *Memórias Póstumas*, temos Brás Cubas afirmando ao fim do romance que “não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto” (MP, CLX, p. 639), ou seja, Brás Cubas passa a vida inteira vivendo de heranças e rendas, dinheiro da família. Outro personagem de *Memórias Póstumas* é Quincas Borba que, antes mendigo, enriquece através de uma herança. Ou seja, não há, na obra, quase nenhuma incidência de personagens que necessitem de trabalho para sobrevivência. Totalmente oposto, temos os diversos personagens suburbanos em *Clara dos Anjos*, que buscam diariamente formas de garantir a sobrevivência mínima: o pai de Clara é um carteiro, visto no romance como um emprego público digno; Meneses é um aspirante a engenheiro, mas se torna, por conveniência, um dentista frustrado que vive de fazer pequenos trabalhos e busca conseguir, diariamente, dinheiro para alimentação; além disso, há a descrição de vários personagens secundários que possuem ocupações diversas, como uma passagem que cita dona Vicência, uma senhora que “morava na vizinhança também e vivia de deitar cartas e cortar ‘coisas feitas’” (CA, IV, p. 666).

Em *Memórias Póstumas*, a associação da decadência moral e financeira à necessidade de trabalho – quase vista como indigna por Brás Cubas – é colocada no romance, quando Brás encontra Marcela decadente e doente, trabalhando em uma relojoaria.

Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo, à primeira vista; mas logo que se destacava era um espetáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário, via-se que fora bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce, destruíam-lhe a flor das graças. As bexigas tinham sido terríveis; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e encarnas, declives e aclives, e davam uma sensação de lixa grossa, enormemente grossa. Eram os olhos a melhor parte do vulto, e aliás tinham uma expressão singular e repugnante, que mudou, entretanto, logo que eu comecei a falar. Quanto ao cabelo, estava ruço e quase tão poento como os portais da loja. Num dos dedos da mão esquerda fulgia-lhe um diamante. Crê-lo-eis, pósteros? essa mulher era Marcela (MP, XXXVIII, p. 557).

De maneira geral, podemos perceber que, de modo ainda mais forte no caso do romance

de Lima Barreto, é constante a presença da ideia do meio como formador do indivíduo. As presenças urbanas não são meramente ilustrativas, elas definem a narrativa e mostram a visão denunciativa dos autores. Belchior (2011) observa isto em *Clara dos Anjos*

Muitas análises sobre Clara dos Anjos ressaltam a maneira como os subúrbios são “retratados” e “descritos”, mas que sempre endossam o mito da descrição objetiva, imparcial, “realista”, como que feita por um observador neutro e captada através de uma forma de linguagem – a literária – que flutua sobre as relações sociais, como se elas não fizessem parte (BELCHIOR, 2011, p. 158).

Ou seja, Belchior (2011) também acredita que a cidade tem uma participação maior na narrativa e com intenções definidas pelo seu narrador, não sendo apenas cenário objetivo e imparcial.

Machado faz uma denúncia social com uma construção mais complexa: através da construção de um personagem, de um indivíduo e de uma narração enviesada por esse personagem, faz a descrição e crítica à sociedade e ambiente cariocas oitocentistas. Quanto a isso, Facioli (2008) coloca, sobre a narração do romance feita em primeira pessoa por Brás Cubas, que:

passam a falar os humilhadores e ofensores de cima, completos de desfaçatez, hipocrisia e caprichos bárbaros do paternalismo, mesmo quando disfarçados por cara amena, e pródigos em camaradagem cínica. A sociedade brasileira (especialmente a que funcionava no Rio de Janeiro, capital do Império) passa a ser vista e narrada do alto, do ângulo das elites liberais, ou que consideram como tais, em geral narradores-personagens masculinos, brancos, letrados e ilustrados (FACIOLI, 2008, p. 51).

Assim, em Lima Barreto, fica clara a ideia de que a cidade e os costumes constroem os personagens; o enredo se tornaria incompleto sem a constante ambientação feita pelo autor, sem as diversas descrições do subúrbio tão marcantes na obra. Em Machado, entretanto, o enredo e toda a descrição e crítica da sociedade – feita sutil e ironicamente – desapareceria sem a personalidade marcante de Brás, afinal, a crítica feita em *Memórias Póstumas*, por ser irônica, se constitui nas próprias ações de Brás. É Brás quem narra e por quem as mazelas sociais passam despercebidas, uma vez que na sua posição social é indiferente a elas. As descrições urbanas e a percepção social se dão pelo narrador que, mesmo com a visão deturbada de Brás, consegue trazer ao leitor a crítica social, clarificando a este que a opinião “estrambólica” é do seu personagem mesquinho, mas que ele, o narrador, está preocupado com os problemas sociais causados, em grande parte, pelas diversas transformações (inclusive urbanas) naquele tumultuado século. Tudo isso perpassado, claro, pela visão satírica e irônica do seu personagem.

Os romances parecem ter um mesmo propósito: a denúncia do cotidiano e das formas de viver de uma certa classe social. A maneira como os dois autores fazem isso – e podemos aqui

ampliar a ideia para toda a obra de cada um dos autores – caminham em sentidos diferentes. Para falar com ironia da elite carioca em formação, Machado cria um personagem típico que sintetiza essa elite; para comentar a vida dos menos afortunados, Lima Barreto faz inúmeras descrições dos costumes e dos espaços suburbano. Mas em nenhum deles a descrição da cidade aparece como cenário ou os costumes como meras ações cotidianas. Pelo contrário, cada ação e cada descrição urbana ou das habitações parece contribuir para a construção de toda narrativa proposta pelos dois autores.

2.

Texto e linguagem: construções

Visando compreender como espaços da cidade podem ser vistos de maneiras diferentes e descritos de formas muito distintas pelos autores nas obras literárias, foram escolhidos dois recortes dentre os romances analisados – um trecho de *Esauí e Jacó*, de Machado de Assis e outro de *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto – os quais são ambientados em um mesmo espaço físico da cidade do Rio de Janeiro nos fins do século XIX.

Os dois trechos tratam de um mesmo espaço na cidade mas, logo em uma primeira leitura, é possível tomar uma percepção de tal espaço de maneiras muito diferentes. Há de se considerar a diferença temporal entre os dois romances, no entanto, a diferença na forma de descrever o espaço pelo qual passa seus personagens não parece ser só por conta das mudanças urbanas. Veremos, adiante, que os autores utilizam marcas textuais que acabam por trazer ao texto uma atmosfera muito peculiar a cada um dos trechos, ainda que as características físicas dos espaços indiquem semelhança.

Como embasamento teórico para análise, são utilizados alguns apontamentos concernentes aos estudos da Estilística, visando demonstrar, através da análise da composição textual dos dois recortes, as diferenças perceptíveis em uma primeira leitura entre os dois recortes.

As questões referentes à Estilística são complexas e, uma análise mais profunda, demandaria amplos estudos no tema. Assim, por ora, a teoria da Estilística foi utilizada como alguns apontamentos capazes de explicar as questões aqui abordadas.

Para tal compreensão, foram utilizados dois teóricos conceituados no tema: Manuel Rodrigues Lapa, autor de *Estilística da Língua Portuguesa* (1991), obra que estuda os

valores expressivos do vocabulário português, das várias classes de palavras, e de algumas construções sintáticas, com mais relevo da concordância irregular. Com certa frequência, dirige-se [o autor], em tom de conselho aos leitores que se iniciam na arte de escrever [...]. Sua obra tem, principalmente, um fim prático [...] (MARTINS, 1997, p. 05).

Complementar a Lapa, foi utilizada também a obra de Martins, *Introdução à Estilística* (1997), na qual a autora aponta questões de Estilística de uma maneira menos pedagógica e mais teórica, confrontando as diversas linhas que a temática possui.

Ambos os autores, no entanto, seguem a linha de Bally, que trata da estilística descritiva. Resumidamente, Bally, autor de diversos ensaios que discorrem sobre as aplicações da Estilística e de seus conceitos,

distingue duas faces da linguagem – a intelectual ou lógica e a afetiva; estuda os efeitos da afetividade no uso da língua, examina os meios pelos quais o sistema impessoal da língua (estudado por Saussure) é convertido na matéria via da fala humana. Ele foi o primeiro a distinguir com precisão o conteúdo linguístico do conteúdo estilístico, a informação neutra do suplemento subjetivo a ela acrescentado, mostrando que um mesmo conteúdo pode ser expresso de diferentes modos (MARTINS, 1997, p. 04).

Para a análise do material deste trabalho – os recortes das obras literárias – busca-se exatamente o que Bally propõe nos seus estudos, isto é, avaliar as diferentes maneiras de se tratar um mesmo conteúdo. No caso deste trabalho, avaliar a maneira como os dois autores, Lima e Machado, fazem a ambientação de um mesmo espaço físico.

Ambas as obras teóricas utilizadas tratam do conteúdo da Estilística através de diversos tópicos ordenados pelas recorrências de marcações de estilo nos textos. Assim, o foco foi dado aos tópicos mais recorrentes nos recortes apontados: três classes de palavras – verbos, adjetivos e substantivos – que serão melhor explicados adiante.

A escolha dos recortes aqui apresentados se deu pois, de certa forma, dentre toda a obra de Machado e Lima que trata do mesmo Rio de Janeiro, esse seja o trecho que mais semelhanças possui entre os autores. Os dois recortes sugeridos narram ações e situações diferentes que ocorrem com os personagens dos romances, mas tratam do mesmo espaço físico: arredores do então ainda existente Morro do Castelo e proximidades da Praça XV. As situações em que passam os personagens por este espaço são, entretanto, bastante distintas e esta disparidade se reflete na maneira como tal espaço é narrado nas duas descrições.

Assim, adotando a ideia da análise comparativa desta pesquisa, este talvez seja o capítulo

que trate isso da maneira mais rigorosa possível.

Seguem abaixo os recortes, sem ainda nenhum tipo de análise, e um breve contexto sobre os romances e as situações que estão sendo narradas nos trechos.

Recorte 1

O primeiro recorte trata-se de um trecho do romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, publicado em 1904 e que tem seu enredo situado entre 1871 até fins do século XIX, momento em que se passa o trecho em si.

Trata-se de um passeio de um personagem, Nóbrega, pelos arredores do Morro do Castelo. Nóbrega é um personagem secundário que aparece no início do romance como um “irmão das almas”, que pedia esmolas para a missa das “almas necessitadas”. Ainda anônimo nos primeiros capítulos, ele é surpreendido com uma nota alta – de dois mil réis – dada por Natividade (a mãe dos gêmeos Esaú e Jacó, protagonistas e de família refinada). O episódio fica marcado no início da trama, pois Nóbrega resgata tal nota para si, ao invés de mantê-la na bacia das esmolas.

Capítulos adiante, já no meio do romance, o narrador reinsere Nóbrega – agora identificado – e conta sua trajetória até se tornar rico. O trecho aqui analisado é o que segue após essa recharacterização do personagem e narra uma visita de Nóbrega, vinte anos depois do incidente da nota de dois mil réis, aos arredores do Morro do Castelo, local onde pedia as esmolas. No trecho, podemos perceber em uma primeira leitura, certa nostalgia do personagem ao revisitar o local, misturada com medo de ser reconhecido e finalmente algum orgulho de ter enriquecido e não fazer mais parte do universo local, empobrecido:

Posto não achasse já nenhum conhecido antigo, Nóbrega tinha medo de tornar ao bairro, onde andara a pedir para as primeiras almas. Um dia, porém, tais foram as saudades dele que pensou em afrontar o perigo e lá foi. Tinha cócegas de mirar as ruas e as pessoas, recordava as casas e as lojas, um barbeiro, os sobrados de grade de pau, onde apareciam tais e tais moças... Quando ia a ceder, teve outra vez medo e enfiou por outra parte. Só passava de carro; depois quis ver tudo a pé, devagar, parando, se fosse possível, e revivendo o extinto.

Lá se foi a pé; desceu pela Rua de São José, dobrou a da Misericórdia, foi parar à Praia de Santa Luzia, tornou pela Rua de D. Manuel, enfiou de beco em beco. A princípio olhava de esguelha, rápido, os olhos no chão. Aqui via a loja de barbeiro, e o barbeiro era outro. Dos sobrados de grade de pau debruçaram-se ainda moças, velhas e meninas e nenhuma era a mesma. Nóbrega foi-se animando e encarando. Talvez esta velha fosse moça, há vinte anos; a moça talvez mamasse, e dá agora de mamar a outra criança. Nóbrega acabou parando e andando devagar.

Voltou mais vezes. Só as casas, que eram as mesmas, pareciam reconhecê-lo, e algumas quase que lhe falavam. Não é poesia. O ex-andador sentia necessidade de ser conhecido das pedras, ouvir-se admirar delas,

contar-lhes a vida, obrigá-las a comparar o modesto de outrora com o garrido de hoje, e escutar-lhes as palavras mudas: "Vejam, manas, é ele mesmo". Passava por elas, fitava-as, interrogava-as, quase ria, quase as tocava para sacudi-las com força: "Falem, diabos, falem!"

Não confiaria de homem aquele passado, mas às paredes mudas, às grades velhas, às portas gretadas, aos lampiões antigos, se os havia ainda, tudo o que fosse discreto, a tudo quisera dar olhos, ouvidos e boca, uma boca que só ele escutasse, e que proclamasse a prosperidade daquele velho andador.

Uma vez, viu a matriz de São José aberta e entrou. A igreja era a mesma; aqui estão os altares, aqui está a solidão, aqui está o silêncio. Persignou-se, mas não orou; olhava só a um lado e outro, andando na direção do altar-mor. Tinha receio de ver aparecer o sacristão, podia ser o mesmo, e conhecê-lo. Ouviu passos, recuou depressa e saiu.

Ao subir pela Rua de São José, encostou-se à parede, para deixar passar uma carroça. A carroça subiu a calçada, ele refugiou-se num corredor. O corredor podia ser qualquer; aquele era o próprio em que ele fez a operação da nota de dois mil-réis de Natividade. Olhou bem, era o mesmo. Ao fundo estavam os três ou quatro degraus da primeira escada que dobrava à esquerda e pegava com a grande. Sorriu do acaso, reviu por um instante aquela manhã, viu no ar a nota de dois mil-réis. Outras lhe teriam vindo às mãos por maneiras assim fáceis, mas nunca lhe esqueceu aquela graciosa folha gravada com tantos símbolos, números, datas e promessas, entregue por uma senhora desconhecida, sabe Deus se a própria Santa Rita de Cássia. Era a sua particular devoção. Sem dúvida, trocou a nota e gastou-a, mas as partes dispersas não foram senão levar a outras notas um convite para a algibeira do dono, e todas acudiram a mancheias, obedientes e caladas, para que não as ouvissem crescer."

(EJ, p. 1043-1044)

Recorte 2

O segundo recorte, por sua vez, refere-se ao romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, publicado somente após a morte do autor, em 1922, mas iniciado desde o princípio do século XX, tendo seu enredo se passando, portanto, nesse período.

Esse trecho narra a ida de um dos personagens principais, Cassi Jones, à cidade, onde iria depositar um dinheiro na Caixa Econômica. Cassi é o vilão da história. Ele é o homem suburbano, malandro, que seduz as meninas e depois as rejeita, deixando-as tristes, sozinhas e desmoralizadas. Suas atividades diárias se resumem a rolos feitos com amigos e principalmente à criação de galos de briga. O dinheiro que vai depositar no banco provém da venda de alguns galos, já no fim do romance.

Cassi é tipicamente suburbano e sente-se deslocado no centro da cidade, pois neste espaço perde o seu poderio. No subúrbio é conhecido, tem amigos e sabe como manipular as pessoas, já na cidade tudo isso se perde diante da multidão e sente-se oprimido com tantas lojas e objetos inatingíveis à sua condição social. No texto, também como leitura inicial, podemos perceber esses sentimentos de repugnância, repulsa e falta de identidade do personagem com o local:

[...] Estava quase na hora. A Caixa Econômica não tardaria em abrir-se. Lá chegando, teve que aguardar a abertura da porta. Já havia gente à espera. Olhou-a de relance. Fisionomias diferentes de trato e de cor: velhas de mantilha, moças de peito deprimido, barbudos portugueses de duros trabalhos, rostos de caixeiros, de condutores de bonde, de garçons de hotel e de botequim, mãos queimadas de cozinheiras de todas as cores, dedos engelhados de humildes lavadeiras — todo um mundo de gente pobre ia ali depositar as economias que tanto lhes devia ter custado a realizar, ou retirá-las, para acorrer a qualquer drama das suas necessitadas vidas. Aborrecen-se com aquele contacto.

Penetrando no saguão, pôs-se a ler os cartazes onde estavam as disposições legais que interessavam ao público. Diabo! A providência não lhe servia... Para confirmar, dirigiu-se a um empregado num guichet, que tinha ao alto este letreiro: "Informações." Não lhe servia absolutamente. Para retirar mais de duzentos mil-réis, tinha que avisar previamente. Não; não depositaria. O dinheiro devia estar sempre ao alcance da mão... Saiu e, a fim de não ser visto por algum conhecido, procurou alcançar o Largo de São Francisco, atravessando aqueles velhos becos imundos que se originam da Rua da Misericórdia e vão morrer na Rua Dom Manuel e Largo do Moura. Penetrou naquela vetusta parte da cidade, hoje povoada de lóbregas hospedarias, mas que já passou por sua época de relativo realce e brilho.

Os botequins e tascas estavam povoados do que há de mais sórdido na nossa população. Aqueles becos escuros, guarneçados, de um e outro lado, por altos sobrados, de cujas janelas pendiam peças de roupa a enxugar, mal varridos, pouco transitados, formavam uma estranha cidade à parte, onde se iam refugiar homens e mulheres que haviam caído na mais baixa degradação e jaziam no último degrau da sociedade. Escondiam, na sombra daquelas betesgas coloniais, nas alcovas sem luz daqueles sobrados, nos fundos caliginosos das sórdidas tavernas daquele tristonho quarteirão, a sua miséria, o seu opróbrio, a sua infinita infelicidade de deserdados de tudo deste mundo. Entre os homens, porém, ainda havia alguns com ocupação definida; marítimos, carregadores, soldados; mas as mulheres que ali se viam, haviam caído irremissivelmente na última degradação. Sujas, cabelos por pentear, descalças, umas, de chinelos e tamancos, outras. Todas metiam mais pena que desejo. Como em toda e qualquer seção da nossa sociedade, aquele agrupamento de miseráveis era bem um índice dela. Havia negras, brancas, mulatas, caboclas, todas niveladas pelo mesmo relaxamento e pelo seu triste fado. Cassi Jones ia atravessando aquele bairro singular e escuro, quando, do fundo de uma tasca, lhe gritaram:

- Olá! Olá! "Seu" Cassi! Ó "Seu" Cassi!

(CA, IX, p. 730-731)

O que é semelhante em ambos os trechos é a passagem pelos arredores do Morro do Castelo e toda a região marcada por habitações precárias e pobreza. No início do romance *Esau e Jacó*, quando Natividade vai ao Morro, há até mesmo vergonha por parte dela e de sua amiga por visitar uma região tão empobrecida, e elas buscam se esconder e não deixar esse ato à mostra. À época dos romances (mais intensificado no texto de Lima), estes espaços decadentes, então próximos ao centro da cidade, eram onde as camadas mais pobres residiam em habitações precárias - como os cortiços - pela proximidade de ofertas de trabalhos e pela impossibilidade de deslocamento constante por bondes e trens, dispendiosos e dificultosos.

Por esta região os personagens passam e neles suscitam sentimentos vários — distintos, porém condizentes com a situação de cada um deles. Abaixo, segue um pequeno mapa das ruas e locais por onde cada um dos personagens — Nóbrega e Cassi — caminham:

Figura 1 - Trajeto de Nóbrega em Esaú e Jacó. Fonte: produção própria sobre mapa “Rio de Janeiro, fim do século XIX” (CARRIER, 1999).

Este primeiro mapa mostra o percurso feito por Nóbrega em sua caminhada: ele chega à Rua de São José, vira na rua da Misericórdia chegando à Praia de Santa Luzia e volta pela Rua de Dom Manuel, onde encontravam-se vários becos pelos quais ele vai passeando e rememorando.

O segundo mapa (próxima página) mostra o trajeto de Cassi que, depois de descer na estação Central, vai caminhando pelo centro em direção à Praça XV e chega à Caixa Econômica. Insatisfeito com o serviço do banco, de lá sai e busca alcançar o Largo de São Francisco, mas não pelo caminho usual. Assim, vai atravessando os becos que existiam (possivelmente os mesmos pelos quais Nóbrega passa) entre a Rua da Misericórdia e a de Dom Manuel e que desembocam no Largo do Moura.

Figura 2 - Trajeto de Cassi Jones em Clara dos Anjos. Fonte: produção própria sobre mapa “Rio de Janeiro, fim do século XIX” (CARRIER, 1999).

A partir destas informações sobre o recorte, segue um pequeno roteiro que procura ser capaz de analisar o texto em si e compreender a maneira como os escritores se utilizaram das marcações textuais para descrever e ambientar um mesmo espaço de maneiras tão distintas. Para isso, a partir de uma leitura preliminar, foi possível sistematizar algumas informações presentes nos recortes, principalmente no que se refere às classes de palavras que constam nos textos e que são fundamentais para a sua composição.

Para evidenciar as questões analisadas, os textos foram transformados em imagens, nas quais foram utilizadas cores e tamanhos de fontes diferentes a fim de tornar as informações mais claras. O destaque das palavras se deu pelas classes de palavras mais recorrentes e aparentemente estruturadoras, presentes nos textos. Assim, optou-se por focar em verbos e em adjetivos ligados a substantivos, duas recorrências que pareciam ser o ponto forte dos textos.

7. Estava quiloa na horta. A Calusa Economista não **tardaria** a **abrir-se**, se **chegando** aqui eu **aguardar**. Abstrato da porta... **havia** entre a
espera. **Olhou-a** e os resacas. Fisionomias diferentes das suas e da cor, **velhas de mantilha** moças de peito
deprimido barbudos portugueses dos duros trabalhos, resto de escravos, de estudantes de bordo, de **garçons**
de hotel e de botequim mãos queimadas de **cozinheiras** de todas as cores dedos
engelhados e humíldes lavadeiras todo um mundo de **gente pobre** lá depositar as economias que tanto Paio devia
ter custado realizar. Seria-lr-as para **acorrer** qualquer drama das suas **necessidades** vidas **Aborreceu-se** com
aquela confusão.

Penetrando o fragor, pôe-se a ler as cartazes onde **estavam** **disposições legais** que **interessavam** a público. Dada
a proximidade não **se servia** para confirmar **dirigiu-se** e só interrompeu mais quando, **tinha** se visto este leãozinho "Marmelões". Não he
servia necessariamente **retirar** para de dentro no seu **tinha** avisar prontamente. Não, não depositaria a chave, **devia estar** sempre de
atendimento de mão. Saiu à fim de não **ser visto** por alguns conhecidos, graxame alcançar e Largo de São Francisco **atravessando**
aqueles **velhos becós imundos** que se originam na Rua da Misericórdia e do **morrer** na rua Dom Manuel e Largo do Moura.

Penetrou naquela **vetusta parte da cidade** bem povoada **lóbregas hospedarias** nas que **passou** e era
época de **relativo realce e brilho**

Os botequins e tavernas **estavam povoados** porque há te mais sordida na nossa população. Aquelas **becos escuros** guarnecidos
de um e outro lado por **altos sobrados** de cujas janelas **pendiam** peças de roupa, **enxugar** mal varridos pouco
transitados formavam uma **estranha cidade** à parte, onde se **cham** refúgio homens e mulheres que **haviam caído** na
maior **baixa degradação** **jaziam** no último degrau da sociedade **Escondiam** na sombra das portas
betesgas coloniais nas alcovas sem luz, daqueles sobrados, nos fundos caliginosos das **sórdidas**
tavernas aqueles **tristonho quartearão** a sua miséria, o seu conformo, a sua **infinita infelicidade** se desdobrava de tudo
dentro mundo. Entre os homens, porém, ainda **havia** alguns com ocupação pedrada, maritimos, carregadores, soldados, mas de mulheres que ali se
viam haviam caído irreversivelmente na **última degradação**. Algumas cobriam ao **pentear** descapotes, umas de cabelos e
lençóis, outras, toda **metiam** em peça que desaja. Como em toda a qualquer seguia da nossa sociedade, aqui agrupamento da miséria havia
era um ser fétida dela. Havia negras, brancas, mulatas, católicas, forte **niveladas** no mesmo relaxamento pelo seu **triste fado**. Cassal
donde se **atravessando** aquele **bairro singular e escuro** quando, do fundo de uma lareira, lhe **gritaram**
«Ólá Ólá! "Bai!" Cassal Ó "Bai!" Cassal»

Habitação e Urbanismo em Machado de Assis e Lima Barreto[illegible]

"Estava quase na hora. A Casa Confessória não tardaria a abrir-se, ali chegando, livre que guardara, a abertura da porta e havia quem à esperasse. Olhou-a e viu-a com **fisionomias diferentes** de todas as outras, de **velhas de mantilha**, **moças de peito deprimido**, **barbudos portugueses**, de **duros trabalhos**, de **mulheres de convulsões**, de **condições da borda**, de **garçons de hotel** e de **botequim mãos queimadas**, de **cozinheiras de todas as cores**, **dedos enregelados**, **humildes lavadeiras**, de **uma mulher de gente pobre** lá depositara as economias que tanto fizesse para ter custado a realizar a hereditária, para **acorrer** a qualquer drama das suas **necessidades**, **vidas**. Aborreceu-se com aquele conto.

Penetrando no vagão, pôe-se a ler os cartazes onde estavam **disposições legais** que interessavam ao público. Diante a providência não **servia** para confirmar **dirigiu-se** a um empregado para que lhe **disse** o que ele queria: "Informações". Não lhe servia, naturalmente. Para **retirar** mais de duzentos réis, **tinha** que **avisar** previamente. Não lhe **depositara** o dinheiro, devia estar, segundo o acordo do talão. "Salu e a fim de não **ser visto** por algum conhecido, procurou alcançar o Largo de São Francisco, **atravessando** aqueles **velhos becos imundos** que se originam da Rua da Mouraria e vão **morrer** na Rua Dom Manuel e Largo do Moura.

Penetrou naquela **vetusta parte da cidade** que povoada de **lôbregas hospedeiras** não que lhe **passou** a rua que agora se **relativo realce e brilho**.

De longe e a pouco estavam povoados, to que há de mais sentido na nossa população. Aquela **becos escuros guardenidos** de um e outro lado, por **altos sobrados** de duas plantas **pendiam** por de longe e **enxugar** **mal varridos** **pouco transitados** formavam um **estranha cidade** a parte, onde se **am** refugiar homens e mulheres que **havia** **caído** na **baixa degradação** jaziam no **último degrau da sociedade**. Escondiam na sombra daquelas **betesgas coloniais** nas **alcovas sem luz** aquelas pessoas, nos **fundos caliginosos** das **sórdidas tavernas** beçavam **tristonho quarteirão** a sua miséria, a sua condição, a sua **infinita infelicidade** de descendente de tudo isto mundo. Era o homem, porém, ainda havia quem com propósito definido, martínico, categorizado, sobriamente mas se mulheres que se viam **havia** **caído** imensamente na **última degradação**. Suas cabeças por **pentear** descalças, sems de cabelos e tentativas, outras, todas **metiam** uma pena que despiu. Como em toda e qualquer região da nossa sociedade, aquela aglomeração de miseráveis era sem sem indicações. Havia negras, brancas, mulatas, caboclas, todas **niveladas** no mesmo desespero e pelo seu **triste fado**. Caei Jones lá atravessando aquela **baíro singular e escuro** quando do fundo de uma casa, lá **gritaram**

- Ohi! Ohi! "Bair! Caei! Ohi! "Bair! Caei!"

Figura 4 - Marcações de adjetivos (azul) e substantivos (laranja) nos recortes analisados. Acima: Recorte 1, texto de Machado de Assis, predominantemente narrativo. Abaixo: recorte 2, texto de Lima Barreto, predominantemente descritivo. Fonte: produção própria.

Nesta leitura atenta, pôde-se perceber que o texto de Machado de Assis contém uma quantidade de verbos bastante superior ao número de verbos do texto de Lima Barreto. Em contraposição, o segundo recorte possui um número maior de adjetivos associados a substantivos.

Com essa constatação inicial, pode-se afirmar que o texto de Machado de Assis é predominantemente narrativo, pois narra uma situação e as ações do personagem e para isso utiliza uma grande quantidade de verbos, inclusive os que demonstram deslocamento. Já o texto de Lima Barreto é descritivo e para assim ser caracterizado tem abundância de substantivos e adjetivos, capazes de descrever o ambiente pela qual o personagem passa.

A partir desta primeira constatação, foi possível analisar de forma mais aprofundada tais palavras, visto que nitidamente os verbos, adjetivos e substantivos são os elementos constituintes mais fortes em tais textos.

Em relação aos verbos, buscou-se classificá-los de acordo com a função que ele tomava no texto, assim temos:

- *Recorte 1*

- *Verbos de ligação* (que não serão listados aqui pois não influenciam de maneira significativa na percepção do texto);

- *Verbos de ação e movimento*: achar, tornar, andar, pedir, aparecer, enfiar, passar, parar, ir, descer, dobrar, ser, debruçar-se, mamar, dar, voltar, falar, conhecer, contar, obrigar, comparar, interrogar, sacudir, falar, confiar, proclamar, entrar, persignar-se, orar, recuar, sair, subir, encostar, passar, refugiar, fazer, pegar, entregar, trocar, gastar, acudir;

- *Verbos que indicam ação interior do personagem e relacionados aos sentidos*: pensar, mirar, ceder, ver, olhar, animar-se, encarar, sentir, ouvir, admirar, escutar, ver, fitar, rir, tocar, querer, sorrir, esquecer,

- *Verbos que apontam relações com o passado*: recordar, reviver, reconhecer, rever.

- *Recorte 2*

- *Verbos de ligação*;

- *Verbos de ação e movimento*: tardar, abrir, chegar, aguardar, custar, realizar, retirar, acorrer, penetrar,

servir, avisar, depositar, sair, alcançar, atravessar, originar, morrer, povoar, passar, pender, enxugar, formar, refugiar, cair, jazer, esconder, meter, nivelar, gritar;

- *Verbos que indicam ação interior do personagem e relacionados aos sentidos*: olhar, aborrecer-se, interessar, ver.

Através desta listagem é possível perceber novamente que há muito mais emprego de verbos no primeiro recorte. Além disso, ao avaliarmos quais são os verbos empregados em cada um dos textos, podemos intuir que, no primeiro recorte, há mais verbos que indicam subjetividade das ações do personagem como “sentir”, “admirar”, “sorrir”, além daqueles ligados à memória, que no trecho somam quatro: “recordar”, “reviver”, “reconhecer” e “rever”. Já no segundo recorte, os verbos empregados parecem ter menos relação com o personagem – são poucos os que possuem essa característica – e são mais objetivos, indicando ações precisas.

Se nos detivermos nos significados dos verbos empregados em ambos, também podemos perceber que há certa negatividade presente na maioria dos verbos do segundo recorte e sentimentos de apego e nostalgia nos verbos do primeiro trecho. Essa percepção pode ser definida como a tonalidade afetiva das palavras, no caso, dos verbos, que é definida por Martins (1997) como “A tonalidade afetiva de uma palavra pode ser inerente ao próprio significado ou pode resultar de um emprego particular, sendo perceptível no enunciado em razão do contexto [...]” e ainda coloca que tais palavras “são aquelas cujo lexema exprime emoção, sentimento, um estado psíquico. [...] podendo [...] haver cognatos emotivos das varias classes de palavras lexicais” (MARTINS, 1997, p. 78/79).

Deste modo, nos textos há alguns verbos que possuem notadamente significados afetivos distintos e que são responsáveis por marcar a tonalidade do texto. No primeiro recorte, que se trata de um texto com ar nostálgico e de apego ao ambiente, temos verbos que remetem a esses sentimentos e a significados relacionados a sentimentos brandos, puros, carinhosos e alegres, de maneira geral, como “orar”, “mamar”, “sorrir”, “persignar-se”, “admirar”, “animar-se”, “ceder”, “rir”. Além disso, os verbos de ação e movimento demonstram também movimentos suaves - principalmente depois que passa o medo de Nóbrega ser reconhecido e ele caminha pelo local – como “entrar”, “encostar”, “passar”, “dobrar”, “refugiar”.

No texto de Lima Barreto, estes significados parecem estar invertidos. Os verbos de movimento empregados demonstram ações bruscas e remetem a significados ríspidos, como “penetrar” e “meter”. Além desses, há verbos relacionados a sentimentos de negatividade como

os fúnebres “morrer” e “jazer”, além de “aborrecer-se”, “esconder”, “gritar”. Com o emprego destes verbos, não parece haver nenhum tipo de ligação do personagem com o ambiente, tratando tudo que se refere àquele local com certo ar animalesco e selvagem.

Em relação aos verbos, pode-se concluir então que, no primeiro recorte principalmente, seu uso é fundamental e estruturador, além de serem responsáveis pela caracterização do texto como nostálgico e por demonstrarem o apego do personagem ao local. No segundo texto, o elemento estruturador se encontra mais nos adjetivos e substantivos, como veremos adiante, sendo os verbos mais ligados às ações em si, mas ainda assim, dotados de rispidez e repugnância, sentimentos que Cassi mantinha para com o centro da cidade, no qual não se sentia integrado.

Quanto aos adjetivos e substantivos presentes nos recortes, também é possível analisá-los quanto à sua tonalidade afetiva. Martins (1997) inclusive refere-se a esta possibilidade especialmente sobre os adjetivos:

São também carregadas de afetividade as palavras que exprimem julgamento pessoal. Predominam neste caso os adjetivos que atribuem qualidades positivas/negativas, valorizadoras/depreciativas, que podem ser distribuídas semanticamente no campo de *bom/mau* e igualmente os substantivos abstratos, verbos e advérbios a eles correspondentes (MARTINS, 1997, p. 79).

Nesse sentido, temos a mesma relação de palavras que exprimem positividade no texto de Machado e negatividade no de Lima Barreto.

No caso do primeiro, são poucos adjetivos presentes, mas entre eles temos “graciosa”, que exprime positividade e outros adjetivos brandos, quando comparados com o recorte 2, como por exemplo “antigo” e “velho” no primeiro, em contraposição aos agressivos “vetusto”, “lóbrega” e “caliginosos”, no texto de Lima Barreto.

Não só estes, mas a maioria dos adjetivos do segundo recorte remete a significados fúnebres, obscuros e que transparecem forte repulsa de Cassi ao local. Assim, no texto de Lima Barreto, as negatividades do espaço são acentuadas pelo uso de adjetivos bastante negativos. No texto de Machado, entretanto, até mesmo os aspectos negativos do local são descritos de forma amenizada, como na descrição das “portas gretadas”: ao procurar o significado de “gretada” no dicionário nos deparamos com “1. Que tem gretas. 2. Diz-se da pele com pequenas rachaduras” (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, 2004) e por “gretas” temos “fendas”. Ou seja, o significado é ameno, refere-se a uma pequena fenda e até mesmo tem certa referência a uma característica humanizada. São portas que possivelmente testemunharam a juventude do personagem no lugar. São suas conhecidas.

Ainda sobre os adjetivos, mas também incluindo quaisquer outras palavras, como os

substantivos, Lapa fala sobre o uso de nomes que ele chama de “pretensiosos” e diz que

[...] nem sempre os componentes ligam bem entre si, porque há elementos que são ou se julgam mais do que os outros. Aquele adjetivo *vetusto* pertence à categoria desses pretensiosos. Destoa, entre os companheiros – *velho, idoso, ancião*, etc. – pelo seu ar alatinado (LAPA, 1991, p. 103).

No texto de Lima Barreto há um uso recorrente deste tipo de palavra. Ainda que se trate de um texto do início do século passado, podemos perceber que os adjetivos empregados possuem tal ar alatinado de que fala Lapa, ou seja, poderiam ser utilizadas palavras de usos mais recorrentes, mas o autor escolhe exatamente aquelas que trazem mais peso ao texto. Vejamos alguns exemplos presentes no texto de Lima Barreto e alguns de seus significados:

- Dedos *engelhados* (enrugados, encolhidos);
- Becos escuros *guarnecidos* (aparelhado, tripulado, equipado);
- *Betesgas* coloniais (rua estreita, beco);
- Fundos *caliginosos* (muito escuro e tenso, tenebroso);
- *Vetusta* parte da cidade (muito velho, antiquíssimo, antigo, deteriorado pelo tempo);
- *Lóbregas* hospedarias (relativo a luto, fúnebre, triste, soturno, escuro, sombrio);
- *Sórdidas* tavernas (imundo, abjeto, repugnante);

Sem se deter em uma análise pontual desta natureza, Lins (1976) faz avaliação semelhante, dizendo que o espaço que Cassi Jones percorre é uma “zona que Lima Barreto procura descrever, disseminando no texto notações ligadas às ideias de abjeção e sujeira” (LINS, 1976, p. 102).

Já no texto de Machado, podemos dizer que não há essa recorrência, mesmo porque o número de substantivos e adjetivos no recorte é pequeno.

Outra característica bastante forte no estilo dos textos e que foi percebida no desenvolvimento do objeto de análise foi a ordem de colocação do adjetivo, isto é, antes ou depois do substantivo. Em uma leitura inicial, é possível perceber que o recorte número 2 – ainda que contenha número muito superior de adjetivos – mantém a sua colocação predominantemente antes do substantivo. Enquanto isso, o recorte número 1, dos poucos adjetivos que possui, apenas um é anteposto (“velho andador”) e outro é ante e posposto (“graciosa folha gravada”).

Sobre essa ocorrência, nos deparamos com Lapa (1991) afirmando que:

Um fato importante de estilo, sobretudo em português, é a posição do adjetivo qualificativo. [...] Podemos [...] enunciar esta regra do estilo português: quando o adjetivo está

logo depois do substantivo, tende a conservar o valor próprio, objetivo, intelectual; quando está antes, tende a embrandecer-se, adquirindo matização afetiva (LAPA, 1991, p. 105).

Nesse sentido, o recorte número 1 parece conservar mais os valores objetivos e reais dos adjetivos empregados, enquanto o segundo recorte busca o apelo ao que o estudioso chama de matização afetiva, principalmente a partir do segundo parágrafo do texto, quando o ambiente pelo qual passa o personagem é descrito. Assim, essa matização se torna forte em “lôbregas hospedarias”, “vetusta parte da cidade”, “altos sobrados”, “estranha cidade”, “sórdidas tavernas”, “infinita infelicidade”. Esse último ainda com apelo inclusive fonético, com a repetição do prefixo “in-”, de negação.

Essa diferença entre o número de adjetivos pós e antepostos nos textos, se torna mais clara quando se faz a comparação através desta tabela:

Recorte 1	Recorte 2
substantivo + adjetivo conhecido antigo, sobrados de grade de pau, paredes mudas,; grades velhas, portas gretadas, lampiões antigos, senhora desconhecida, graciosa folha gravada;	substantivo + adjetivo fisionomias diferentes, velhas de mantilha, moças de peito deprimido, barbudos portugueses, garçons de hotel e de botequim, mãos queimadas, cozinheiras de todas as cores, dedos engelhados, gente pobre, disposições legais, becos imundos, becos escuros guarnecidos, sobrados mal varridos, sobrados pouco transitados, betesgas coloniais, alcovas sem luz, fundos caliginosos, bairro singular e escuro
adjetivo + substantivo <i>velho andador</i> , graciosa folha gravada.	adjetivo + substantivo duros trabalhos, humildes lavadeiras, necessitadas vidas, velhos becos, vetusta parte da cidade, lôbregas hospedarias, relativo realce e brilho, altos sobrados, estranha cidade, baixa degradação, último degrau da sociedade, sórdidas tavernas, tristonho quarteirão, infinita infelicidade, última degradação, triste fado

Tabela 01 – Adjetivos pospostos e antepostos nos recortes analisados. Comparativamente, o segundo recorte possui mais incidência de adjetivos antepostos.

Ainda sobre o adjetivo anteposto, Lapa (1991) comenta sobre seu significado quando se cria uma expressão pela formação adjetivo+substantivo:

[...] o adjetivo anteposto ao substantivo forma com ele uma espécie de grupo fraseológico, em que ambos os elementos perdem um pouco o seu valor, em proveito do conjunto. [...] Estas posições sentimentais não são favoráveis geralmente à nitidez das ideias. Por isso, o grupo do adjetivo antes do substantivo tende a construir series usuais de intensidade e clichês. [...] Donde

se pode tirar esta conclusão: o adjetivo anteposto serve de exprimir as qualidades primitivas ou geralmente consagradas (LAPA, 1991, p. 106).

Com estas constatações, percebemos que os adjetivos e substantivos são os estruturadores do segundo recorte e que o autor busca através deles descrever o espaço segundo a visão de Cassi, com bastante desprezo ao local. Para esse efeito, utiliza palavras que remetem a negatividades, espaços escuros e apela até mesmo para significados fúnebres. O primeiro recorte se mantém com poucos adjetivos, visto que sua intenção maior parece ser descrever a trajetória do andador e os sentimentos que esta causou no personagem e não unicamente a descrição do local em si. Desta maneira, um mesmo espaço da cidade, em épocas possivelmente semelhantes é visto nos dois autores, ou melhor, pelos dois personagens, de maneira bastante distinta.

Voltando à leitura de início, poderíamos tratar os dois textos com similaridade, afirmando que ambos tratam da descrição de um espaço da cidade. Ao olharmos com cautela para a construção textual feita pelos autores vemos que essa descrição, que pode parecer de início objetiva e realista, traz consigo vários significados intrínsecos.

O exame minucioso do texto possibilitou a compreensão de cada uma das suas partes e mostrou que a composição textual é algo subjetivo, guiado pelo autor, com intenções claras para passar ao leitor através da narrativa, certas percepções e sentimentos.

Assim, quando se afirma nesta pesquisa que seu objetivo é a compreensão dos espaços presentes nos romances dos dois autores, é importante sempre frisar que se trata de entender a maneira como se dá a percepção dos espaços urbanos através de um olhar específico dos escritores e de seus personagens. Estes olhares, embora sejam distintos, parecem possuir um objetivo em comum: a denúncia das mazelas sociais (e portanto, em grande parte ligadas à cidade, urbanismo e habitação). A grande problemática deste trabalho então é compreender como e quais características da cidade são incorporadas para a construção de tais denúncias.

Nesse sentido, este capítulo procurou evidenciar parte desta problemática, demonstrando que a cidade que os autores vivenciavam e inseriram em seus textos não pode ser vista como um objeto neutro. Desta maneira, ao ser feita a análise da presença da cidade e, portanto, de suas descrições nos textos, não se pode admitir total objetividade nestas ocorrências.

A próxima parte deste trabalho procura compreender exatamente tais questões. Avaliar qualitativamente os espaços e características da cidade que são colocados nas obras, ou seja, a que podem estar ligadas as escolhas dos espaços e quais os possíveis objetivos destas inserções urbanas. Assim, entender as descrições e as críticas urbanas presentes nas obras sob o olhar da denúncia social dos escritores.

Capítulo III

A CIDADE E SEUS MEANDROS

.....

1.

O centro e os subúrbios: limites

A presença do urbano da cidade do Rio de Janeiro em Machado e Lima é bastante densa e revela muito do ideal literário de cada um dos autores entremeado de um discurso que transfere aos leitores – da época ou atuais – as matizes de uma cidade em transformação. Esta presença, em forma de marcação espacial, descrição de ambientes e paisagens ou associações entre espaço e enredo se dá constantemente nos romances analisados.

Neste capítulo, busca-se mostrar os diferentes âmbitos nos quais a cidade carioca é presente nos romances estudados e, principalmente, a *maneira* como cada um deles a entende e a representa. Entende-se que a cidade descrita é retratada com um olhar subjetivo e, embora seja o Rio de Janeiro tal qual vemos na historiografia da Arquitetura e Urbanismo, com suas reformas urbanas, com os problemas sociais ou com o crescimento suburbano, os autores mostram ao leitor uma visão única e crítica, que põe em fala as diversas vozes daqueles que habitavam a cidade na época e reflete todo o contexto urbano. Conforme Sevcenko, a literatura, interagindo com a história, pode nos falar mais sobre a cidade:

[...] Todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais? (SEVCENKO, 1983, p. 20).

De maneira geral, é possível observar que a associação entre espaço e enredo – ambientes que contribuem para a descrição dos personagens, espaços que demonstram um aspecto particular de uma dada situação –, esta associação parece que se dá muito mais na escala da habitação e do ambiente próximo nos personagens, tal qual será visto adiante (Item 2, Capítulo III). Na ampla escala do urbano, o espaço parece ser inserido nas obras, sobretudo, como veículo de crítica à sociedade e às ações políticas como responsáveis e produtoras da cidade em transformação como se apresentava o Rio em fins do XIX e início do XX. Este, entretanto, é um tipo de ocorrência que aparece principalmente em Lima Barreto.

Não necessariamente estas descrições seguem o roteiro muitas vezes cunhado pela crítica literária que indica Lima àqueles que pretendem compreender os subúrbios cariocas e Machado aos amantes do centro e seus arredores elegantes. Em Machado, de fato, há maior presença dos espaços centrais do Rio nas obras. Em Lima, entretanto, a cidade não transparece muitos limites como se tem apontado.

Para compreender como a cidade aparece na obra dos dois autores é necessário ter em conta as transformações que ocorrem no Rio no momento no qual estão ambientadas as obras de Machado e as de Lima.

A cidade que, até meados do XIX, se mantinha concentrada principalmente nas áreas que atualmente compreendem o centro da cidade, passa a se expandir em direção ao continente, por conta, sobretudo, da instalação da família real na região da Quinta da Boa Vista. Por outro lado, com o aumento de toda a população agregada à Corte, o Rio passa a demonstrar incrementos em sua urbanização, no setor econômico e cultural¹⁵.

Um dos exemplos inaugurais das melhorias em infraestrutura ocorre por conta da necessidade de locomoção da corte. Para acesso à Quinta, foi fundamental o aterro do mangue de São Diogo que a separava da área central. Não só visando este acesso, a construção do Canal do Mangue foi parte das obras para a implantação da usina de produção de gás da Companhia de Iluminação que pertencia a Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá (MARQUES, 1995).

A intervenção inaugurou uma prática que se mostraria muito frequente a partir de então: comprar terrenos de ‘fronteira’ (praticamente sem valor) e, através de obras de infra-estrutura, incorporá-los à malha urbana, permitindo a

¹⁵A abertura dos portos intensificou o setor econômico (ALENCASTRO, 1997, p. 24); o aumento da população efetivou as necessidades de intervenção urbana em infraestrutura e a vinda da Missão Francesa buscou melhorias naquilo que se referia às artes e cultura

Villaça aponta os teatros (Teatro Real de São João, - depois Teatro Imperial de São Pedro de Alcântara -, Teatro São Januário e Teatro São Francisco) e suas diversas peças e óperas como exemplo de uma vida social e cultural da elite carioca desde a primeira metade do XIX, isto é, logo depois da chegada da família real e independência do país (VILLAÇA, 2001, p. 159).

transformação do seu uso e incorporação dos sobrelucros fundiários (MARQUES, 1995, p. 55).

Essa é uma das intervenções do montante dos planos e melhoramentos urbanos que vão ocorrer de forma mais impactante na virada do século XIX para o XX. Desde a chegada da família real, de maneira geral, a cidade passa a ter o ideal de se modernizar¹⁶.

Mais adiante, com a independência política do país e as riquezas geradas pela economia cafeeira, a cidade atrai capital internacional que é investido em mais infraestrutura, como serviços públicos, sob concessão do Estado na área de transporte, esgoto, gás, entre outros (ABREU, 1988, p. 35)¹⁷.

Principalmente a partir da segunda metade do século XIX, a expressão territorial da estratificação social da cidade passa a ser mais marcada, a partir do poder de mobilidade das elites, que ocuparam prioritariamente a orla, e das camadas menos favorecidas, ocupando os subúrbios¹⁸.

Em síntese, durante o XIX, ocorre

um período de transição na produção do espaço urbano carioca, que coincide com um período de transição na sociedade – de patriarcal, escravocrata e colonial, para capitalista, com uma nova estratificação social, uma nascente burguesia e classe média urbanas (VILLAÇA, 2001, p. 160).

A cidade no início do XX ainda se mantinha em um “espaço urbano acanhado, todo entremeado de morros e áreas pantanosas, [que] mal se prestava à acomodação de uma cidade de dimensões médias” (SEVCENKO, 2010, p. 75). A capital passa então por um processo de metropolização acompanhado de “uma maré de reformas” na presidência de Rodrigues Alves (SEVECENKO, 2010, p. 80).

Esta remodelagem se pautou por uma “rápida reforma da cidade com o simples instrumento de alinhamento” (ANDREATTA, 2006, p. 196)¹⁹. Muito dos problemas urbanos da

¹⁶ Santos considera que os projetos de Grandjean de Montigny, que veio ao Brasil junto com a Missão Francesa, já faz parte dos primeiros planos de modernização da cidade do Rio (SANTOS, 1998, p. 16).

¹⁷ É importante ressaltar desde já que os avanços urbanísticos foram efetuados principalmente naqueles espaços nos quais o investimento tem seu lucro garantido, atendendo a população mais enriquecida e moradora dos melhores bairros e os investidores comerciais da área central.

¹⁸ O transporte é visto como fundamental por Abreu, que aponta a chegada do bonde de burro em 1870 favorável a ocupação das áreas centrais e bairros em direção à zona sul pelas elites, e o trem a vapor, também surgido nesse período, com circulação entre o centro e os subúrbios - região norte e oeste - como indutor de crescimento dessa região pelas camadas menos favorecidas (ABREU, 1988, p.36-37). Villaça também comenta que as mudanças socioespaciais no Rio se relacionam a difusão dos transportes coletivos (VILLAÇA, 2001, p. 160).

¹⁹ Fizeram parte da reforma: abertura de ruas para o saneamento urbano, criação de bulevares, diversos embelezamentos pontuais, extinção das habitações insalubres nas áreas centrais, diversas leis que buscavam extinguir hábitos considerados não condizentes com os ideais modernos – como os vendedores ambulantes, modernização do porto e a criação da Avenida Beira Mar, valorizando ainda mais os bairros da orla, na Zona Sul (ABREU, 2003).

cidade são desconsiderados na reforma, que teve a atração do capital privado como o grande protagonista. Os menos favorecidos, uma vez expulsos do centro pelas demolições de suas casas e cortiços, ocuparam as áreas suburbanas com carência de infraestrutura, tal como Lima vai apontar em suas descrições e, outro montante passou a ocupar os morros, dando início às favelas (ABREU, 2003).

Estas alterações da cidade são importantes para entender como ela aparece na obra dos autores, assim como a origem social e a inserção urbana dos dois escritores, e seu público leitor. Vale lembrar que Machado, de origem pobre, nascido no Morro do Livramento, tem sua vida adulta marcada pela convivência com grupos intelectuais de elite e é bastante reconhecido pelo seu trabalho, tanto como funcionário público, mas especialmente pela sua carreira literária²⁰. Lima teve seu trabalho reconhecido em vida de forma bem mais tímida, seu grande prestígio é póstumo. Embora frequentasse cafés, livrarias e trabalhasse no jornalismo profissional, com artigos de destaque e grande dedicação à atividade, não conseguiu viver convenientemente das letras, como desejava (SILVA, 2009, p. 10).

Lima procura escrever para denunciar os problemas sociais que vivenciava ou observava, como o racismo que sofria e toda a discrepância urbana que presenciava no seu caminho diário pela cidade carioca²¹. “A função crítica, combatente e ativista ressalta por demais evidente” em seus textos (SEVCENKO, 1983, p. 162). Machado, em uma posição mais confortável, agrega a crítica social – presente claramente em suas obras – com construções com elegância, inteligência e espiritualidade, com artifícios da sedução oratória (TEIXEIRA, 2011, p. 75). Parece se deter em questões ligadas à construção artística na sua produção literária, sem deixar de enfocar as desgraças inerentes à condição humana, as quais Lima denuncia articuladas e agravadas pelas desigualdades e injustiças sociais.

Barretos's mark on Modernist and post-Modernist city fiction is most evidente in his attempt to demythologize the Brazilian urban experience by confronting aspiration with reality. Machado de Assis achieved this with subtle literary techniques, Barreto "agitated" the facts of city life, not so much with carefully conceived metaphor and image patterns as with a polemical-say style of fiction writing that was punctuated with authorial intrusion and argumentative dialogue (LOWE, 1982, p.92-93).

Essa diferença de visão e de inserção social é repassada, de alguma forma, nos romances dos dois autores. Em primeira instância, é perceptível a preponderância das áreas centrais nos

²⁰ Silva resume dizendo que “Seu tempo livre era curto e estava por completar 50 anos de vida, de uma vida muito bem sucedida. Escritor reconhecido, funcionário exemplar, um marido dedicado, enfim, atingira o sucesso que almejava, mas que sua origem não previa. Devia sentir orgulho de si mesmo, apesar de não externar euforia, mesmo diante de homenagens e elogios públicos (SILVA, 2005, p. 14).

²¹ Lima foi morador do subúrbio (Todos os Santos) e trabalhava como funcionário público no centro do Rio (como amanuense na Secretaria de Guerra) (BARBOSA, 2003). Fazia, portanto, diariamente, o trajeto entre subúrbio e centro da cidade, observando as contradições existentes entre estas duas regiões.

romances machadianos. Os personagens de Machado, em grande parte, são representantes da elite carioca oitocentista. São, especialmente, integrantes de famílias abastadas, capitalistas, grandes proprietários e homens ligados à política: Bento (DC) vem de uma família de proprietários rurais que tinha posses e vivia de rendas; Brás (MP) jamais comprou o pão com o suor do próprio rosto (MP, CLX, p. 639); Rubião herda uma grande herança (QB); Santos era um grande banqueiro (EJ). A grande maioria dos personagens machadianos são moradores dos bairros mais cobiçados pela alta sociedade carioca do XIX (Ver item 2, capítulo III) e, como era de se esperar, frequentadores dos espaços do centro da cidade que aglutinavam tais pessoas.

Caso típico é da Rua do Ouvidor, muito presente nas obras machadianas. A Rua do Ouvidor é a síntese da alta sociedade carioca. Aí se localizava a maioria das lojas relacionadas aos diversos setores do comércio e dos serviços direcionados à elite, referente à moda, mas também “hotéis, confeitarias e cafés, fazendo da rua o ponto de encontro da melhor sociedade carioca” (TRIGO, 2001, p. 254).

É possível pensar que Machado a utiliza como forma de demarcar as atividades, o estilo de vida e o meio dos seus personagens. Várias mulheres dos romances de Machado de Assis vão à Rua do Ouvidor em algum momento comprar artigos caros, que compunham o vestuário elegante das elites. É o caso de Livia (RE), que vai fazer compras para a sua viagem à Europa – que na verdade não aconteceu; de Sofia (QB), que sabia francês “para conversar, para ir às lojas, para ler um romance...” (QB, LXIV, p. 697) e o utilizava então para ir às compras. Também passeavam e procuravam coisas para a viagem nestas lojas as mulheres de *Esau e Jacó*, tanto Natividade que “se meteu no bonde, para ir a não sei que compras na Rua do Ouvidor” (EJ, XXXVII, p. 992), quanto Dona Cláudia e sua filha Flora, quando imaginavam que iam se mudar da capital:

As duas saíram de casa, uma lépida, a outra melancólica, e lá foram a escolher uma quantidade de objetos de viagem e de uso pessoal. D. Cláudia pensava nos vestidos da primeira recepção e de visitas; também ideou o do desembarque. Tinha ordem do marido para comprar algumas gravatas. Os chapéus, entretanto, foram o principal artigo da lista. [...]
Estavam justamente na loja de chapéus, Rua do Ouvidor, sentadas, os olhos fora e longe, quando a verdadeira matéria deste capítulo apareceu. Era o gêmeo Paulo, que chegara pelo trem noturno, e sabendo que elas andavam a compras, viera procurá-las (EJ, LVII, p. 1020).

Já os homens se encontravam na Rua do Ouvidor para conversar, se distrair e passear, enquanto se inteiravam da vida política, econômica e privada da cidade. É o ponto de encontro destes, onde colhem e espalham notícias e boatos. É onde Félix (RE) encontra Meneses logo depois de terminar com Cecília (RE, II, p. 123); onde Jorge (IG) encontra Procópio Dias e

travam uma conversa (IG, VII, p. 441); onde Brás Cubas (MP) encontra Lobo Neves e conversam sobre política (MP, CXII, p. 612), e também Virgília, logo que esta chega ao Rio (MP, I, p. 566). É também o ponto central a partir do qual circulavam diversas notícias da cidade, como a do casamento de Félix e Lúvia, através da qual, na verdade, Machado faz um passeio pelo centro carioca:

A notícia foi referida por ele na Rua do Ouvidor, esquina da Rua Direita. Daí a dez minutos chegara à Rua da Quitanda. Tão depressa correu que um quarto de hora depois era assunto de conversa na esquina da Rua dos Ourives. Uma hora bastou para percorrer toda a extensão da nossa principal via pública. Dali espalhou-se em toda a cidade.

Este também foi o caso da notícia que Brás Cubas espalha propositalmente sobre vir a ser secretário da província, sabendo que uma vez dita, ela percorreria muitos ouvidos:

Nesse mesmo dia, tratando de aparelhar os ânimos, comecei a espalhar que talvez fosse para o Norte como secretário de província, a fim de realizar certos desígnios políticos, que me eram pessoais. Disse-o na Rua do Ouvidor, repeti-o no dia seguinte, no Pharoux e no teatro. Alguns, ligando a minha nomeação à do Lobo Neves, que já andava em boatos, sorriam maliciosamente, outros batiam-me no ombro (MP, LXXXII, p. 591).

A observação do mapeamento do comércio e serviços em Machado (ao lado) aponta uma grande concentração de passagens na Rua do Ouvidor.

São diversas, enfim, as citações da Rua do Ouvidor em Machado. Em Lima, o espaço central e em especial ainda a Rua do Ouvidor, também recebe essa característica de espaço de encontro em algumas passagens. Assim, Isaías por lá vai passear e encontra Laje da Silva, que o apresenta a outros contatos que serão responsáveis pela sua entrada no jornal. Deste modo, a Rua do Ouvidor aqui continua cumprindo seu papel de ponto de encontro e negócios.

Aventurei-me pela Rua do Ouvidor já preso a outros pensamentos. Agora, tinha rápidas recordações de minha casa. Por momentos, em face daquelas damas a arrastar *toilettes* de baile pela poeira da rua, lembrei-me dos tristes vestidos de minha mãe, da sua cassa eterna, da sua chita e do seu morim... Mas não pude continuar por aí. Do interior de um café, o Laje chamou-me. Não estava só; acompanhava-o o doutor Ivã Gregoróvitch Rostóloff, jornalista brasileiro a quem fui apresentado (IC, III, p. 140).

Nesta passagem, é possível notar a contradição pela qual passa Isaías. Ao ver as damas luxuosas passeando na rua, lembra-se da empobrecida vestimenta da sua mãe e sua busca por

Figura 5

Mapeamento esquemático dos espaços de comércio e serviços presentes nos romances de Machado de Assis.

LEGENDA

--- linhas de bonde

— linhas de trem

morros

áreas verdes

comércio e serviços

Fonte

Produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1913) e Andreatta (2006).

Em diversas outras passagens em Lima, a Rua do Ouvidor (e outros espaços típicos do centro carioca) toma tal aspecto de local pouco íntimo e atrativo aos suburbanos, exatamente por ser o espaço mais representativo dos negócios da alta sociedade carioca, o verdadeiro coração urbano do Rio para esta classe no XIX e início do XX.

Em uma passagem de *Triste Fim*, o narrador explica claramente ao leitor esta relação dos suburbanos com o centro da cidade. Trata-se de uma colocação sobre o cantor de modinhas Ricardo Coração dos Outros (PQ), que é bastante conhecido “na alta sociedade suburbana”, mas que ficaria sem prestígio algum fora dos limites dos subúrbios:

Dessa maneira, Ricardo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana [...] Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente minguava, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas (PQ, I, 266).

Clara dos Anjos, que se passa quase todo nos subúrbios, tem uma passagem bastante singular, que trata da ida de Cassi Jones ao centro da cidade, para fazer transações monetárias na Caixa Econômica (a mesma analisada já no item 2 do capítulo II). O trecho mostra a visão do centro pelo suburbano e embora seja longo, sua transcrição se justifica pela precisão do tratamento da questão:

[...] Raramente, vinha ao centro. Quando muito, descia até o Campo de Sant'Ana e daí não passava. Não gostava mesmo do centro. Implicava com aqueles elegantes que se postavam nas esquinas e nas calçadas. Achava-os ridículos, exibindo luxo de bengalas, anéis e pulseiras de relógio. É verdade, pensava consigo, que ele usava tudo aquilo; mas era com modéstia, não se exibia. [...]

O que ele sentia diante daquilo tudo, daquelas maneiras, daqueles ademanos, daquelas conversas que não entendia, era a sua ignorância, a sua grosseria nativa, a sua falta de educação e de gosto. O seu ódio, então, ia forte para os poetas e jornalistas, sobretudo, para estes. [...]

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant'Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant'Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. [...]

[...]Tomou a Rua do Ouvidor e foi descendo, sempre parando em frente das casas que tinham artigos para homens. Por desfastio, desviou-se a olhar as vitrines de uma livraria. Olhou-lhe também o interior. Livros de alto a baixo. Para que tantos livros? Aquilo tudo só seria para fazer doidos. Ele tinha livros, na verdade; mas eram alguns, livros de amor... Que livros, meu Deus! Teve vontade de tomar café; hesitou um pouco! Mas, afinal, animou-se. Estava quase na hora. A Caixa Econômica não tardaria em abrir-se (CA, IX, p. 728-730).

A área central é aqui praticamente descrita como espaço de exibicionismo de poder aquisitivo, seja através da presença de “elegantes” com seus acessórios, seja através das vitrines do comércio. Além disso, é local associado à circulação do conhecimento e das notícias, através dos poetas e jornalistas. Toda a representação do centro neste trecho informa, na verdade, a descrição de Cassi, como típico suburbano. A repugnância de Cassi a tudo isso se dá como forma de afirmação de sua identidade suburbana: Cassi é cantor de modinhas, sua ocupação é com briga de galos, enfim, tudo que não estava presente no centro comercial.

As descrições de Lima da área central são cúmplices da discrepância existente entre os subúrbios e a área central. Ele mesmo fazia o trajeto entre subúrbio e centro da cidade diariamente (RESENDE, 1993, p. 26) e talvez por isso essa temática seja tão presente nos seus romances. O sentimento transpassado pelos personagens de Lima pode ser decorrente, então, de seus próprios, quando neste trajeto diário.

Ainda em Machado, outros espaços do centro são marcados com referências a comércios e serviços e mesmo de forma mais pontual e esporádica – como se pode observar no mapeamento. Nos romances, estes locais são prioritariamente associados a casas de comércios e a serviços associados aos costumes da elite, como charutarias, livrarias, barbeiros, armazéns, boticas e hotéis. O Hotel Pharoux, que também é marcante no mapa (próximo à praia) aparece exclusivamente em *Memórias Póstumas*, frequentado por Brás Cubas em almoços e reuniões.

Os personagens de Lima, diferente dos de Machado, não vão à Rua do Ouvidor fazer compras, mas utilizam o espaço do centro de maneira mais pontual ou com passagens mais breves. Assim, o centro utilizado pelos personagens de Lima Barreto equivale à Caixa Econômica, onde Cassi vai depositar seu dinheiro (CA, IX, p. 727); a Biblioteca Nacional, onde Isaías diz que “para onde muitas vezes fui, cheio de fome, ler Maupassant e Daudet” (IC, VII, p. 640).

A presença da área central enquanto espaço de comércio e serviços, em Lima, parece menor no número de ocorrências em relação à Machado, mas com uma abrangência mais ampla, se estendendo desde a estação Central, Cidade Nova até chegar aos arredores da Praça XV, como se observa no mapeamento ao lado. É como se todos os personagens de Lima – assim como possivelmente ele mesmo, o autor – conhecessem o centro da cidade chegando a partir dos subúrbios.

Figura 6

Mapeamento esquemático dos espaços de comércio e serviços presentes nos romances de Lima Barreto.

LEGENDA

--- linhas de bonde

— linhas de trem

morros

áreas verdes

comércio e serviços

Fonte

Produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1913) e Andreatta (2006).

Ainda quanto à percepção dos espaços urbanos pelos personagens, é possível observar que, diferente de Lima, em Machado, grande parte da cidade parece ser apropriada pelos personagens com sentimentos de pertencimento, memoriais e com sensações que remetem a conforto nos espaços que vivenciam.

Damasceno, em *Memórias Póstumas*, volta ao Rio após um tempo fora e o narrador, demonstrando toda a empolgação do personagem por estar de volta diz que “Ah! ele estava ansioso por voltar ao Rio de Janeiro. Já havia corrido a cidade toda, com umas saudades... Palavra! em alguns lugares teve vontade de chorar (MP, XCII, p. 600)”. A cidade de Machado evoca a emoção nos personagens através principalmente da memória.

No mesmo romance, a cidade é lembrada por Brás quando retorna da Europa:

Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política; era-o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher de mantilha, o preto do ganho, as coisas e cenas da meninice, buriladas na memória. Nada menos que uma renascença (MP, XXIII, p. 544).

A mesma ideia nos passa o narrador ao contar sobre o percurso de Ezequiel, filho de Bentinho, ao caminhar pela cidade na volta do enterro de Tia Justina, e diariamente, quando volta para casa, logo depois de regressar ao Rio:

No caminho para o cemitério, iam-lhe lembrando uma porção de coisas, alguma rua, alguma torre, um trecho de praia, e era todo alegria. Assim acontecia sempre que voltava para casa, ao fim do dia; contava-me as recordações que ia recebendo das ruas e das casas. Admirava-se que muitas destas fossem as mesmas que ele deixara, como se as casas morressem meninas (DC, CXLV, p. 943).

Aqui as memórias de Ezequiel parecem ter a função de evidenciar o quanto ele ficou distante da família, da cidade em que nasceu e quanto, ao regressar, sente-se acolhido pela cidade e também pelo pai. A narração, feita por Bento, tem certo desdém neste e em outros trechos da temporada que Ezequiel passa vivendo com ele de volta ao Rio. Isto porque Bento está convicto que não é o pai de Ezequiel, mas o acolhe – de maneira muito fria – para que Ezequiel saiba da “verdade” (ou fantasia de Bento). O trecho é curto, logo depois Bento narra que seu filho faleceu na viagem que fez a Jerusalém.

Ainda em *Memorial de Aires*, a sensação que passa o Conselheiro ao falar dos bairros do Rio é de puro amor e comunhão com a cidade:

Não vou viver com ninguém. Viverei com o Catete, o Largo do Machado, a Praia de Botafogo e a do Flamengo, não falo das pessoas que lá moram, mas das ruas, das casas, dos chafarizes e das lojas. Há lá coisas esquisitas, mas sei eu se venho achar em Andaraí uma casa de pernas para o ar, por exemplo?

Contentemo-nos do que sabemos. Lá os meus pés andam por si. Há ali coisas petrificadas e pessoas imortais, como aquele Custódio da confeitaria, lembra-se? (EJ, XXXII, p. 987).

Este trecho talvez seja o que mais demonstra o papel da cidade na visão machadiana. Os espaços marcadamente físicos aqui, como assinala o narrador, assumem o papel de companhia para Aires. Ele não precisa de ninguém para conviver pois tem os espaços da cidade. A cidade é, portanto, quase personificada e com ela se trava uma relação íntima e emotiva.

Em Lima, há diversas passagens em que a cidade assume um papel totalmente oposto a este adotado por Machado. A percepção da cidade por alguns de seus personagens é de um local inóspito, pouco acolhedor, que não corresponde a seus sonhos. O excluído da sociedade, é também da cidade. Exemplo disso é o trecho já comentado da ida de Cassi ao centro do Rio (ver p. 76) e da falta de pertencimento de Ricardo Coração dos Outros fora da área suburbana (ver p. 93). O romance barretiano em que estas visões da cidade mais são explicitadas é *Isaías Caminha*.

Avaliando sua ida ao Rio, Isaías, em suas reflexões, pensa nas dificuldades que pode ter e passa a “considerar que o Rio era uma cidade grande, cheia de riqueza, abarrotada de egoísmo, onde eu não tinha conhecimentos, relações, protetores que me pudessem valer...” (IC, I, p. 122).

Quando finalmente chega ao Rio, em plena cidade após a viagem de trem, narra sua experiência ao leitor:

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em fente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem beleza alguma (IC, II, p. 130).

A cidade para Isaías é decepcionante, nada lhe atrai nela nem em seus aspectos sociais, excludente principalmente por conta do racismo que sofre, tampouco em seus aspectos físicos.

No romance *Numa e Ninfa*, o conflito entre personagens e cidade é menos enfocado que em *Isaías*, porém é ainda existente e forte. Em *Numa e Ninfa*, os personagens moram em bairros mais nobres e se tratam em grande parte de políticos com rendas consideráveis. Possuem, portanto, melhores condições de desfrutar da cidade. A crítica à cidade se dá, entretanto, em momentos mais pontuais. O trecho abaixo explicita isso. Trata-se da narração sobre Edgarda pegando o bonde para ir à casa de Macieira, em Santa Teresa. O trajeto é simples, mas o narrador, sob o pensamento do personagem, revela ao leitor o contraste de diferentes ambientes

urbanos no Rio do início do XX e, através da cidade, questiona o sentido da obra humana:

O bonde ia agora atravessando os Arcos. Sob a luz de um dia brumoso, encoberto, um dia pardo, a cidade se estendia irregular e triste. Bondes, carros, transeuntes passavam por debaixo da arcaria secular. Escachoavam, marulhavam, redemoinhavam como as águas de um rio. As casas eram vistas pelos fundos e os passageiros entravam um pouco na vida íntima dos seus habitantes.

Viam-se criadas a lavar, homens em trajes de banho, casais que almoçavam - todas essas cenas familiares iam sendo desvendadas pelo elétrico que rodava devagar, quase roçando as bordas do velho aqueduto do conde de Bobadela.

[...]

Não se separavam bem as pessoas e as coisas: o que se via era aquele ajuntamento, aquela aglomeração, que lá do alto parecia ser uma existência, uma vida, feita de muitas vidas e muitas existências. Não era o palacete ou o cortiço, não era o patrão ou o criado, não era o teatro ou o cemitério, não era o capitalista ou o mendigo; era a cidade, a grande cidade, a soma de trabalho, de riqueza, de miséria, de dores, de crimes de quase quatro séculos contados.

O bonde chegou ao largo do Guimarães, e D. Edgarda se viu novamente mergulhada numa atmosfera urbana. Uma praça cercada de casas, “rails” a cruzarem-se, bodegas, armazéns, um cenário de praça de cidade pequena. O veículo continuou e agora lhe veio pensar para onde marchava aquilo tudo, para que fim, para que destino, se encaminhava o resultado de tanto trabalho e de tanta inteligência empregados na criação, na edificação daquela imensa colmeia humana (NN, IV, 458).

Em um sentido próximo a este presente no trecho acima, temos a cidade presente em *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, uma verdadeira ode ao Rio de Janeiro, em que Gonzaga, na companhia de seu amigo Machado, passeia pela cidade rememorando e descrevendo inúmeras paisagens.

Neste romance, entretanto, diferente de Machado, a cidade não aparece como espaço em que os personagens necessariamente vivenciam, mas em grande parte a cidade é paisagem. Os personagens passeiam por alguns lugares e descrevem outros. Parece ocorrer uma busca de conectividade com as primeiras formações da cidade, do território que ainda não apresentava os problemas urbanos e transformações constantes que o Rio do início do XX apresentava.

[...] havia no autor o anseio de uma estabilidade fundamental de todas as coisas, que neutralizasse toda forma de concorrência entre os homens e reorientasse as energias daí tiradas no sentido de um convívio mais íntimo, profundo e simpático com a natureza, seus frutos e seus filhos. Por toda parte em sua obra, abominando as atribuições sociais, o autor se entrega a longas descrições da paisagem ou de prédios que evocassem simbolicamente esse efeito de fixidez, permanência, placidez e eternidade (SEVCENKO, 1983, p. 184).

A cidade narrada por Gonzaga é melancólica e objeto de evocação da memória. Esta rememoração, no entanto, acontece de maneira diferente do que se vê em Machado. A memória da cidade, neste romance e em outras passagens de Lima, acontece muitas vezes como maneira de se lembrar de uma cidade que não mais é como outrora, como no trecho abaixo:

Gonzaga de Sá disse-me isto certa vez, no largo do Paço, olhando o chafariz do mestre Valentim. Depois continuou:

— Este chafariz é feio, é massudo; mas a esfera armilar que o encima, dá-lhe certa grandeza, certa majestade. Mas já foi bonito...

— Quando?

— Quando o mar chegava-lhe aos pés. Ele tinha essa moldura, ou melhor: esse «repoussoir» e possuía certa beleza. Eu ainda o conheci assim... (MJ, III, p. 572).

Todo o trecho a seguir demonstra essa marcação da transformação da cidade em tom melancólico, carregada de um sentimento de perda:

Gonzaga de Sá vivia da saudade da sua infância garrula e da sua mocidade angustiada. Ia em procura de sobrados, das sacadas, dos telhados, para que à vista deles não se lhe morressem de todo na inteligência as varias impressões, noções e conceitos que essas cousas mortas sugeriram durante aquelas épocas de sua vida. Entendi que havia nele uma parada de sentimento e que o volumoso caudal, de encontro ao dique incógnito, crescera com os meses, com os anos, subira muito, e se extravasara pelas coisas, pelo total de vivo e de morto que lhe assistia viver. Um dia faltou à Repartição (contou-me isso mais tarde) para contemplar, ao sol do meio-dia, um casebre do Castello, visto cinquenta e tantos anos atrás, em hora igual por ocasião, de uma gazeta da aula primária. Pobre Gonzaga! A casa tinha ido abaixo. Que dor! Assim, vivendo todo o dia nos mínimos detalhes da cidade, o meu benévolo amigo conseguira ama-la por inteiro, exceto aos subúrbios, que ele não admitia como cidade nem como roça, a que amava também com aquele amor de cousa d'arte com que os habitantes dos grandes centros presam as coisas do campo. [...] Certa vez, não sei a que propósito, lembrei-me de observar ao meu amigo o seguinte:

— Este Rio é muito estrambótico. Estende-se pr'a aqui, p'ra alli; as partes não se unem bem, vivem tão segregadas que, por mais que aumente a população, nunca apresentará o aspecto de uma grande capital, movimentada densamente (MJ, V, pp. 576-577).

Lins aponta como uma das chaves de leitura do romance *Vida e Morte*, a questões relacionadas à decadência, ruína e degradação (LINS, 1976, p. 114). Os espaços e suas formas nos romances estão relacionados a estas temáticas, como ele mesmo coloca ao longo de seu trabalho (LINS, 1976). Observando e discutindo as questões da existência humana, Gonzaga passeia por todo o Rio impregnando o espaço observado e descrito de sua melancolia. As transformações pelas quais passa a cidade, , não são só alvo de críticas diretas como são feitas em outras passagens de Lima, mas a crítica se dá pela descrição inebriada de carinho e conhecimento pela cidade por Gonzaga que, ao vê-la constantemente em modificação, passa a ter um discurso de melancolia e sentimento de perda.

Os mapeamentos a seguir apontam os locais de descrição de paisagens em Machado e em Lima. O número destas descrições em Lima é muito superior em relação a Machado e o *Vida e Morte* é o principal responsável por estas ocorrências.

Figura 7

Mapeamento esquemático das vistas e paisagens presentes nos romances de Machado de Assis.

LEGENDA

--- linhas de bonde

— linhas de trem

morros

áreas verdes

vistas e paisagens

Fonte

Produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e Andreatta (2006).

Figura 8

Mapeamento esquemático das vistas e paisagens presentes nos romances de Lima Barreto.

LEGENDA

— — — — — linhas de bonde

— — linhas de trem

MORRIS

áreas verdes

vistas e paisagens

Fonte

Produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e Andreatta (2006).

Com descrições de exaltação à natureza, em *Vida e Morte*, quando o urbano aparece com a cidade em modificação, das grandes construções, das avenidas, alvo das reformas urbanas, ele é descrito transparecendo sutis críticas, como exemplifica o trecho a seguir:

Quando cheguei ao terraço do Passeio, já os morros de Jurujuba e de Niterói haviam perdido o violeta com que eu os vinha vendo cobertos pela viagem de bonde a fora; sobre a Armação, porém, pairava ainda o jorro de densas nuvens luminosas, por onde, nas oleografias devotas, acostumamos a ver surgir os santos e anjos da nossa fé.

Fazia uma tarde dúbia, de luz irregular e ameaçando tempestade; mas, a minha secreta correspondência com o meio avisara-me que não choveria. Chegado que fui, sentei-me a um banco embutido no muro, bem defronte a uma das novas escadarias que levam gabada avenida «Beira-mar». Em seguida puxei um cigarro e pus-me a fumá-lo com paixão, olhando as montanhas do fundo, afogadas em nuvens de chumbo; e, engastado na barra de anil, um farrapo de purpura, que se estendia por sobre os ilhotes de fora da baía.

[...]

O negro costão do Pão de Açúcar dissolvía-se nas mansas ondas da enseada; e da magoa insondável do mar, se fazia a tristeza da Boa-Viagem.

Transmutavam-se naturalmente e tocavam-se amigavelmente.

[...]

O poeta tinha razão: era verdadeiramente a grandiosa Guanabara que eu via! (MJ, I, pp.564-565).

Os morros tinham a cor violeta, as nuvens estavam luminosas e evocavam santos e anjos, o Pão de Açúcar dissolvía-se nas mansas ondas e, entre outras considerações, o narrador conclui sobre a grandiosa Guanabara. Em meio a esta descrição, a Av. Beira Mar aparece como *gabada* avenida e não merece nenhuma descrição, nenhuma contemplação, só aparece em meio ao relato para mostrar onde o personagem repousou, em um banco defronte a uma das *novas* escadarias. Toda a exaltação se dá nos elementos naturais e não na parte que remonta às modificações urbanas pelas quais o Rio passava. Vale lembrar que aqui pode-se aplicar as mesmas ideias sobre a construção textual explicitadas no capítulo 2 (Item 2): a descrição dos elementos naturais com adjetivos brandos e até mesmo a ligação destes elementos a anjos é conflituosa com a adjetivação com tom pejorativo da Av. Beira-Mar.

A cidade essencialmente urbana, assim como na passagem já comentada em que Edgarda está no bonde vendo a cidade (ver pp. 97-98), está quase sempre associada à vida de seus cidadãos: cheias de dificuldades, com problemas sociais intensos, demonstrando o emaranhado de pessoas que ela tenta agregar. Cidade e vida urbana são inseparáveis. É como o narrador de Policarpo indica: “A cidade é como um esqueleto, faltam-lhe as carnes, que são a agitação, o movimento de carros, de carroças e gente”. O trecho abaixo demonstra esta visão da grande cidade, com sua diversidade de tipos humanos:

Deixando o hotel, ao chegarmos á Avenida Central, havia um movimento por ela acima. Subimos até o pavilhão Monroe. O público noturno de Domingo, nas ruas, tem uma certa nota própria. Ha os mesmos “flaneurs”, artistas, escritores e boêmios; os mesmos camelôs, mendigos e rôdeuses, que dão o encanto do pitoresco à via publica. No domingo, porém, como eles, vêm as moças dos arrabaldes distantes, com os seus pálidos semblantes e os vestidos característicos. Vêm as armênias das adjacências da rua Larga, em cujos grandes olhos negros, guarnecidos de longos cílios, e com uns duros reflexos de turmalina, a gente vê por vezes passar alguma coisa de ferocidade asiática. Além destes, ha operários em passeio, com as suas roupas amarfanhadas pela longa estadia nos baús. Ha caixeiros com roupas eternamente novas e grandes pés violentamente calçados ... Por entre essa gente, fomos indo até a balaustrada que dá para o mar, junto á qual nos encostamos, olhando em todo o comprimento a Avenida iluminada e movimentada (MJ, X, p.617).

Pouco aparece em Machado a crítica urbana direta como a faz Lima. Embora no tempo de Machado as transformações na cidade fossem menos drásticas, não eram pouco relevantes, mas o autor de *Memórias Póstumas* quase não as comenta.

Algumas passagens sugerem uma inquietação do autor, mas nada semelhante ao que vemos em Lima.

— Aqui está uma obra, que é mais velha que o tinteiro do Evaristo e a tabuleta do Custódio, e, não obstante, parece mais moça, não é verdade, D. Perpétua? A noite é clara e quente; podia ser escura e fria, e o efeito seria o mesmo. A enseada não difere de si. Talvez os homens venham algum dia a atulhá-la de terra e pedras para levantar casas em cima, um bairro novo, com um grande circo destinado a corridas de cavalos. Tudo é possível debaixo do sol e da lua. A nossa felicidade, barão, é que morreremos antes (EJ, L, p.XX).

A passagem sugere que as transformações da cidade podiam ser insuportáveis a Aires, agraciando o fato de estar morto antes de vê-las.

A crítica machadiana às transformações urbanas parece ser mais presente em suas crônicas²². Nos romances, ela é feita, como vimos, de maneira mais sutil e menos presente.

Em algumas passagens, o autor coloca seus personagens, típicos da elite, para vivenciar cenas e espaços urbanos que apresentavam problemas sociais. É o caso do início do romance Esaú e Jacó em que as duas irmãs vão ao Morro do Castelo visitar a vidente que dirá sobre o futuro dos gêmeos. A narração transpassa a denúncia dos espaços empobrecidos da cidade:

[...] mas o Morro do Castelo, por mais que ouvissem falar dele e da cabocla que lá reinava em 1871, era-lhes tão estranho e remoto como o clube. O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. Não obstante, continuavam a subir, como se fosse penitência, devagarinho, cara no chão, véu para baixo. A manhã trazia certo movimento; mulheres, homens,

²² Ver Teixeira (2005), comentada no início deste trabalho. A autora trabalha as questões da representação urbana e das transformações da modernidade em Machado e Lima, mas através de suas crônicas.

crianças que desciam ou subiam, lavadeiras e soldados, algum empregado, algum lojista, algum padre, todos olhavam espantados para elas, que aliás vestiam com grande simplicidade; mas há um donaire que se não perde, e não era vulgar naquelas alturas. A mesma lentidão do andar, comparada à rapidez das outras pessoas, fazia desconfiar que era a primeira vez que ali iam (EJ, I, p. 947).

No trecho, a denúncia do “íngreme, desigual e mal calçado da ladeira “se dá pois dificulta a sua subida pelos pés das duas senhoras que certamente não estavam acostumadas àquilo. Quando vão à missa em São Domingos, Natividade e Santos, também a precariedade do local é vista não como um problema urbano, mas unicamente um incômodo individual.

— Venho cheia de pulgas, continuou ela; por que não fomos a São Francisco de Paula ou à Glória, que estão mais perto, e são limpas?
Santos trocou as mãos à conversa, e falou das ruas mal calçadas, que faziam dar solavancos ao carro. Com certeza, quebravam-lhe as molas (EJ, VI, p. 955).

Em *Memórias Póstumas*, o mesmo desdém para com os espaços mais precários da cidade surge em Brás. Este deveria ir procurar Dona Plácida e ajudá-la no fim de sua vida, como pede Virgília. Brás vai procurar Dona Plácida depois de pensar bastante sobre o assunto, mas, de início, nega a ida, e seu argumento é simples: “Acresce que eu não sabia ou não me lembrava do tal Beco das Escadinhas; mas, pelo nome, parecia-me algum recanto estreito e escuro da cidade. Tinha de lá ir, chamar a atenção dos vizinhos, bater à porta, etc. Que maçada! Não vou” (MP, XLIII, p. 630). A recusa de ir ao local é por um capricho próprio, para não ter que adentrar aquele mundo “estreito e escuro da cidade”.

Um sentimento similar se dá na passagem em que Rubião, já enriquecido, passeia pelo Morro da Saúde, um local empobrecido. Nessa passagem, o narrador utiliza o personagem de Rubião para nos mostrar a realidade de um espaço precário da cidade:

Em verdade, era curioso. Aquelas grandes braçadas de mato, brotando do lodo, e postas ali ao pé da cara do Rubião, davam-lhe vontade de ir ter com elas. Tão perto da rua!

[...]

Entretanto, a praia ia mudando de aspecto. Dobrava para o Saco do Alferes, vinham as casas edificadas do lado do mar. De quando em quando, não eram casas, mas canoas, encalhadas no lodo, ou em terra, fundo para o ar. Ao pé de uma dessas canoas, viu meninos brincando, em camisa e descalços, em volta de um homem que estava de barriga para baixo.

[...]

Foi ainda a pé durante largo tempo; passou o Saco do Alferes, passou a Gamboa, parou diante do cemitério dos Ingleses, com os seus velhos sepulcros trepados pelo morro, e afinal chegou à Saúde. Viu ruas esguias, outras em ladeira, casas apinhadas ao longe e no alto dos morros, becos, muita casa antiga, algumas do tempo do rei, comidas, gretadas, estripadas, o caio encardido e a vida lá dentro. E tudo isso lhe dava uma sensação de nostalgia... Nostalgia do farrapo, da vida escassa, acanhada e sem vexame. Mas durou pouco; o feiteiro

que andava nele transformou tudo. Era tão bom não ser pobre! (QB, LXXXVI, p. 717).

A passagem acentua a elevação social a qual alcançou Rubião após a herança que recebeu de Quincas Borba e denuncia ao leitor a realidade deste espaço.

Machado, portanto, ao falar dos problemas urbanos da cidade os faz de maneira muito discreta e pontual. São poucas as passagens que tratam disso e quando ocorrem, possuem um realismo seco e antissentimental, adotado também em relação às pessoas pobres que habitam tais lugares (GLEDSON, 2006, p. 355). Mesmo com essa sensação de distanciamento emocional, Gledon acentua que a Machado estas visões não passam indiferentes e se mostram como um desejo de conservar uma dimensão humana que o próprio Machado vivenciou (GLEDSON, 2006, p. 355).

A estratégia que o autor utiliza para inserir tais visões em meio as obras é a apontada por Zilberman, em que trata do trecho de Brás passando próximo ao Valongo:

Posicionando o protagonista no centro do cenário criado para a exposição dos escravos e para o exercício do comércio de seres humanos, Machado pode delatar o problema que representa, não por meio de um panfleto denunciatório, mas por intermédio da paisagem que o simboliza (ZILBERMAN, 2012, p. 132).

Ou seja, posicionando o protagonista nos espaços precários e empobrecidos da cidade, Machado nos mostra esta realidade, mas nunca com um tom de denúncia, como faz Lima. A autora ainda conclui sobre a presença do espaço urbano em Machado:

Quando Machado de Assis se debruça sobre a vida urbana, cuja representação é tênue em sua obra e dá-se pelo viés da percepção de algumas de suas personagens, ele confere à paisagem a condição de texto. O espaço torna-se o significante de um significado moral, conforme se observou. Essa propriedade de seu discurso torna seu autor um alegorista, razão por que a maior parte das cenas em que o mundo urbano aparece [...] constitui fragmento isolado, que descontinua a sequência das ações, não sendo depois retomadas” (ZILBERMAN, 2012, p. 145).

Lima Barreto, ao contrário, como se pôde notar até aqui, é essencialmente denunciatório em suas representações, muito presentes e colocadas repetidas vezes nos romances. Suas críticas são ainda mais marcantes quando se trata dos subúrbios. A área suburbana da cidade, à época de Machado, ainda era pouco desenvolvida, não havendo praticamente nenhuma menção sobre ela em sua obra.

Foi possível verificar, até aqui, o quanto também as áreas centrais, além dos subúrbios cariocas, são presentes em Lima. As descrições, as críticas, as paisagens, tudo visto aqui traz muito de todo o Rio em Lima em sua completude. No entanto, como também já foi colocado, há uma forte incidência em apontar as áreas suburbanas como protagonistas dos romances

barretianos. Talvez esta constatação dentro principalmente da história e crítica literária se dê em parte pela constância, mas também pela força que as críticas aos subúrbios feitas por Lima têm em seus romances. Em meio à narração do enredo, o autor constantemente discute essa temática, fazendo longas descrições dos subúrbios, como acontece em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, romance no qual, entre capítulos da narrativa, o narrador faz uma pausa para dedicar um capítulo aos comentários dos traçados das ruas suburbanas. O recorte é longo, mas tem seu valor:

Os subúrbios do Rio de Janeiro são a mais curiosa coisa em matéria de edificação da cidade. A topografia do local, caprichosamente montuosa, influíu decerto para tal aspecto, mais influíram, porém, os azares das construções.

Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer, pode ser imaginado. As casas surgiram como se fossem semeadas ao vento e, conforme as casas, as ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como *boulevards* e acabam estreitas que nem vielas; dão voltas, circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto com um ódio tenaz e sagrado.

As vezes se sucedem na mesma direção com uma frequência irritante, outras se afastam, e deixam de permeio um longo intervalo coeso e fechado de casas. Num trecho, há casas amontoadas umas sobre outras numa angústia de espaço desoladora, logo adiante um vasto campo abre ao nosso olhar uma ampla perspectiva.

Não há nos nossos subúrbios coisa alguma que nos lembre os famosos das grandes cidades europeias, com as suas vilas de ar repousado e satisfeito, as suas estradas e ruas macadamizadas e cuidadas, nem mesmo se encontram aqueles jardins, cuidadinhos, aparadinhos, penteados, porque os nossos, se os há, são em geral pobres, feios e desleixados.

Os cuidados municipais também são variáveis e caprichosos. Às vezes, nas ruas, há passeios, em certas partes e outras não; algumas vias de comunicação são calçadas e outras da mesma importância estão ainda em estado de natureza. Encontra-se aqui um pontilhão bem cuidado sobre o rio seco e passos além temos que atravessar um ribeirão sobre uma pinguela de trilhos mal juntos (PQ, II, 319-320).

A crítica de Lima Barreto e a necessidade que o autor sente de descrever o subúrbio são tão fortes que podemos notar que praticamente se repetem nos romances, como é o caso do trecho a seguir, muito semelhante ao visto de *Policarpo Quaresma*, presente em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*:

Tomamos uma rua transversal e fomos indo quase sós, por ela afora. Eu ainda não tinha visto a casa, embora Gonzaga ma tivesse apontado. O arruamento do subúrbio é delirante. Uma rua começa larga, ampla, reta; vamos-lhe seguindo o alinhamento, satisfeitos, a imaginar os grandes palácios que a bordarão daqui a anos, de repente estrangula-se, bifurca-se, subdivide-se num feixe de travessas, que se vão perder em outras muitas que se multiplicam e oferecem os mais transtornados aspectos. Há o capinzal, o arremedo de pomar, alguns canteiros de horta; há a casinha açaçapada, saudosa da toca troglodita; há a velha casa senhorial da fazenda com as suas colunas heterodoxas; há as novas edificações burguesas, com ornatos de gesso, cimalha e compoteira, varanda ao lado e gradil de ferro em roda. Tudo isso se baralha, confunde-se, mistura-se, e bem não se colhe logo como a população vai-se irradiando da via férrea. As épocas se misturam; os anos não são marcados pelas coisas mais duradouras e

perceptíveis. Depois de um velho “pouso” dos tempos das cangalhas, depois de bamboleantes casas roceiras, andam-se cem, duzentos metros e vamos encontrar um palacete etilo Botafogo. O chalé, porém, é a expressão arquitetônica do subúrbio. Alguns proprietários, poupando a platibanda e os lambrequins, não esquecem de dar ao telhado do edifício o jeito característico e de rematar as duas extremidades da cumeeira com as flechas denunciativas. Em dias de névoa, em dias frios, se olhamos um trecho do alto, é como se estivéssemos na Suíça, na Holanda... (MJ, IX, 604).

Em *Clara dos Anjos*, seu romance mais marcadamente suburbano, em que todos os personagens moram nos longínquos bairros, o narrador associa à precariedade do lugar à forma de aplicação de recursos públicos na cidade:

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro (CA, VII, 692).

Os subúrbios, de fato, cresceram na época que Lima Barreto escrevia seus romances²³. O grande aumento populacional nesta área da cidade aliado a intensa reforma e remodelagem do centro da cidade que ocorreu no início do XX talvez tenha sido motivo de indignação diária de Lima, ao percorrer estes espaços diariamente e notar o abismo que os separava em termos sociais e urbanos.

A Reforma Passos, e as outras anteriores a ela²⁴, tiveram como prioridade sempre o investimento em melhorias e embelezamento das áreas centrais da cidade, onde se localizavam os investimentos do capital financeiro, em detrimento das áreas degradadas em crescimento que necessitavam de infraestrutura urbana.

A indignação de Lima perpassa essa temática a todo momento, sendo constantes assim como a descrição suburbana – como forma de denúncia em sua literatura militante – a crítica direta às reformas e transformações pelas quais passava a cidade no início do XX. A crítica de Lima é, portanto, pautada na discrepância presente dos investimentos feito no centro comparativamente às áreas suburbanas.

²³ Kessel nos aponta uma síntese do crescimento urbano pós-reformas do Rio no início do XX dizendo que, após o quadriênio de Passos, a imagem que caracteriza a cidade é a da expansão. A reforma deixou milhares de desalojados no Centro que, devido à mobilidade propiciada pelos trens e bondes, ocuparam a Zona Norte e Suburbana. A população dessas áreas, entre os Censos de 1890 e 1906, dobrou em relação à primeira e triplicou em relação à segunda. A população do Rio de Janeiro no mesmo período crescera 55% (KESSEL, 2001, p. 13).

²⁴ O plano inaugurador nos moldes das reformas do início do XX foi o *Informe de Obras do engenheiro H. de Beurepaire*, datado de 1843. Este relatório trata de mudanças como pavimentação em uma nova trama urbana e diretrizes para expansão a oeste da cidade, além de novas técnicas de drenagem e preocupação pela saúde e higiene pública. Mais adiante, o *Plano da Comissão de Melhoramentos*, de 1875, visava solucionar os problemas relativos ao saneamento básico, indicando inclusive a construção de moradias planejadas em busca da habitação salubre, além de abranger questões de drenagem, pavimentação e alargamento de ruas. Pouco ou quase nada do *Plano da Comissão de Melhoramentos* foi colocado em prática, sendo algumas das propostas efetivadas posteriormente, no início do século seguinte, com a reforma Passos (ANDREATTA, 2006).

A Reforma Passos, talvez a mais marcante e emblemática remodelagem do centro carioca, se apropriou das ideias da reforma de Paris de Haussmann para serem aplicadas no Rio²⁵. Não só se buscou referências em Paris e em outras cidades europeias, como se comparou o Rio a Buenos Aires e Montevideo em fins do XIX. Essas últimas cidades eram consideradas um modelo a ser seguido, com suas avenidas, parques e construções, enquanto o Rio era retratado com ruas acanhadas e mal cheirosas, prédios antiquados, carente de muitas melhorias que alguns julgavam essenciais a uma capital.

Lima Barreto não apenas critica o descaso da administração pública pelo subúrbio, como considera sem propósito as comparações com Buenos Aires, cuja elegância, limpeza e riqueza teriam sido elevadas a modelo a ser seguido por pessoas interessadas em valorizar seus patrimônios com as reformas e em se iludir com a possibilidade do Rio poder se parecer com uma cidade europeia. Nos seus romances, surgem algumas críticas satirizando, com bastante ironia, essa incansável comparação que enobrecia Buenos Aires e a associação das reformas ao nome de Haussmann:

Estávamos fatigados da nossa mediania, do nosso relaxamento; a visão de Buenos Aires, muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualá-la. Havia nisso uma grande questão de amor-próprio nacional e um estulto desejo de não permitir que os estrangeiros, ao voltarem, enchessem de críticas a nossa cidade e a nossa civilização. Nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente. Era como se um literato tivesse inveja dos carros e dos cavalos de um banqueiro. Era o argumento apresentado logo contra os adversários das leis voluptuárias que aparecem pelo tempo: “A Argentina não nos devia vencer; o Rio de Janeiro não podia continuar a ser uma estação de carvão, enquanto Buenos Aires era uma verdadeira capital européia. Como é que não tínhamos largas avenidas, passeios de carruagens, hotéis de casaca, clubes de jogo?”

Aires d'Ávila chegou mesmo a escrever um artigo, mostrando a necessidade de ruas largas para diminuir a prostituição e o crime e desenvolver a inteligência nacional.

E os da frente, os cinco mil de cima, esforçavam-se por obter as medidas legislativas favoráveis à transformação da cidade e ao enriquecimento dos patrimônios respectivos com indenizações fabulosas e especulações sobre terrenos. Os Haussmanns pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas squares, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais (IC, X, 209-210).

Acima ao escrever que “era como se um literato tivesse inveja dos carros e dos cavalos de um banqueiro”, o autor não apenas critica a ânsia de alguns por dar mostras de uma riqueza não condizente com a realidade do país, como sugere que nossa atenção se voltasse para outros valores, superiores à riqueza e à ostentação e que poderiam ser comprometidos na artificialidade de ambientes

²⁵ Ver Andreatta (2006).

“supercivilizados”. No mesmo sentido, a comparação com Buenos Aires, surge de forma mais pontual em um diálogo em *Vida e Morte*:

- De fato, mas enquanto se vive a gente deve procurar as coisas bonitas, os teatros... O senhor já foi ao bar?
- Nunca!
- Deve ser bonito!
- Não gosto de Botafogo. É Buenos Aires, supercivilizado... (MJ, IV, 606).

Nesse último trecho ainda se nota a crítica ao embelezamento como essencial à cidade e à associação tão comum na época, das mazelas sociais com o espaço urbano, como colocado no artigo escrito por Aires D’Ávila (e como já foi discutido aqui no item 1 do capítulo II). À visão das reformas não só como uma forma de embelezamento e ordenação da cidade, mas também como forma de higienizar e limpar a cidade dos seus problemas sociais, como uma ação civilizatória.

Ainda que sejam épocas de higienistas, vê-se como principal preocupação a higiene estética e o lazer, à procura de uma harmonia planejada e civilizada [...]. Largas avenidas, belos passeios públicos, iluminação moderna, são alguns dos diversos aspectos que passam a ser tratados com o rigor formalizado de uma ciência de regularização dos fluxos [...] (ARTUR COSTA & FONSECA, 2008, p. 05).

Em praticamente todos os romances o narrador de Lima busca um espaço no qual possa se dedicar à descrição dos subúrbios como uma das maneiras encontradas para criticar a valorização exacerbada da área central e o ambiente artificial dos bairros das elites contraposto ao descaso com a área suburbana e precariedade resultante. É uma crítica abrangente que inclui de Botafogo aos subúrbios, passando pela reforma do centro e que se coloca como uma dimensão de uma crítica mais ampla à nossa ordem social. Isso se deve, em parte, ao fato de Lima Barreto ver a literatura pela sua função social transformadora da realidade:

Como Lima Barreto via na literatura a função de reforçar a solidariedade entre os homens, explicando-lhes seus defeitos e zombando dos motivos fúteis que os separavam, essa remodelação da cidade do Rio de Janeiro se apresentou como um terreno profícuo para o desenvolvimento dos objetivos de sua escrita. Isso se deve ao fato de que ela promoveu uma maior segregação social, refletindo na organização do espaço urbano a ordem pretendida pelo regime republicano (NORONHA, 2011, p.04).

Deste modo, nos romances barretianos, há uma crítica focada nas contraposições da cidade, vista por alguém que a conhece perfeitamente pois, ao mesmo tempo que vivenciou os subúrbios cariocas, Lima Barreto tinha total domínio territorial da área central, onde vivia diariamente.

Em meio a tantas mudanças causadas pelas reformas que visavam criar uma cidade artificial, modernizada, atrativa para investimentos e focada somente nos espaços ocupados pelas elites, como é o Rio das reformas urbanas, a indignação do escritor o faz citar e valorizar aquilo que era esquecido: a cidade e o cotidiano dos mais pobres, com suas mazelas e seu cotidiano particular.

A ênfase que faz nos detalhes e na crítica direta nas passagens que tratam desta temática, o faz ser percebido quase que exclusivamente como ligado ao ambiente suburbano. Ao longo de sua obra, entretanto, como foi visto, há muito das outras partes da cidade e a crítica às áreas centrais está quase tão presente quanto àquela referente aos subúrbios.

Em relação a essa temática, como foi colocado até aqui (e também pode ser verificado nas tabelas sistematizadas pelos assuntos presentes neste trabalho), nos romances machadianos pouco são mencionadas as áreas mais empobrecidas ou feitas críticas tão diretas à administração urbana como em Lima. Talvez, nas crônicas machadianas, essas temáticas estejam mais presentes. O espaço urbano em Machado, como será explorado no capítulo a seguir, parece muito mais funcionar como construtor do enredo, que como veículo de crítica direta. Ainda, as temáticas relacionadas à localização das moradias parecem ser traços urbanos mais presentes e marcantes em Machado que os temas ligados aos espaços da cidade narrados como ambientes e paisagens.

A cidade nos dois autores é um elemento central na composição dos personagens, no desenvolvimento das tramas e na crítica da sociedade que nela se forma. Em Lima, entretanto, a crítica é mais abrangente, envolvendo inclusive de forma direta a cidade: o ordenamento ou desordenamento de seus espaços, os modelos perseguidos por setores das elites e a maneira como é administrada.

2.

Espaços de Habitação: marcações

As relações entre personagem, localização das moradias e suas características, talvez sejam as marcações mais fortes e de mais fácil percepção das características sociais da cidade atreladas ao texto e componentes do enredo, tanto em Machado quanto em Lima.

Tais presenças se referem, por exemplo, quanto à região de São Cristóvão, que, já na segunda metade do século XIX, quando os enredos machadianos se passam, pode ser considerada uma região na transição de bairro consolidado a início da sua decadência, ocasionada principalmente pelo declínio do regime imperial.²⁶

Viegas, personagem de *Memórias Póstumas*, deseja construir uma casa mais nova, pois acha que a sua já tem uma aparência envelhecida, tais como as erguidas quando Dom João VI estimulou a ocupação de São Cristóvão:

Iam, sentavam-se tornavam a ir, a falar de coisas várias, ora de um negócio de família, ora de uma bisbilhotice de sala, ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitiço moderno, porque a dele era das antigas, contemporânea de el-rei D. João VI, à maneira de algumas que ainda hoje (creio eu) se podem ver no bairro de São Cristóvão, com as suas grossas colunas na frente (MP, LXXXVIII, p. 596).

Neste trecho, em que se misturam a voz do narrador e as falas do personagem Viegas, o narrador interfere (nota-se pela colocação do “creio eu”) para dar ao leitor uma informação

²⁶ Na primeira metade do século XIX, a região de São Cristóvão era bastante requisitada pela elite pelo fato de estar situada nas proximidades da Quinta Imperial (VILLAÇA, 2001, p. 160 e 164). Como foi visto, muito da infraestrutura nesta região se deu para atender as necessidades da família real.

complementar. Comenta uma característica marcante na segunda metade do XIX para nos colocar a par do que o personagem utiliza como argumento para a necessidade de modernidade em sua casa. O comentário sobre São Cristóvão serve ao leitor para que ele compreenda de forma mais esclarecida o que o personagem falou sem muitos rodeios. Não só isso, mas a interferência do narrador marca certo juízo de valor. A decadência de São Cristóvão está associada, em parte, à queda do Império (ABREU, 1988, p. 47)²⁷. Portanto, a colocação do narrador (associada à fala de Viegas) alude ao declínio do sistema imperial, colocando-o como algo ultrapassado.

E ainda, Viegas é descrito no romance como um velho com várias doenças, “um hospital concentrado” (MP, LXV, p. 580) que tem planos de modernizar a sua moradia, mas de nada parece fazer para colocá-los em prática, falecendo pouco tempo depois. Não estaria, o autor, mais uma vez²⁸, falando ao leitor sobre o próprio país em que este romance se passa? Cabe bem ao retrato do Brasil oitocentista – e seu regime escravocrata, ainda presente no contexto do enredo – a metáfora da morada aos moldes antigos que precisa se modernizar.

O trecho acima é um dos poucos em que São Cristóvão é referenciado na obra machadiana. Mesmo com enredos passados no início da segunda metade do XIX, em poucos de seus romances há personagens moradores de São Cristóvão. Em *Helena*, sua mãe, Ângela, com a menina ainda jovem, vai para lá morar. Ângela é uma personagem pobre, com a vida marcada por várias dificuldades, mas que, devido a uma grande reviravolta em sua família, acaba por formar uma segunda família com o conselheiro Vale, que lhe dá uma casa em São Cristóvão e cuida da educação de Helena. Salvador, seu primeiro marido, que tinha sido dado como morto, quando sabe de toda a história vai procurar a mulher e se espanta com a casa que encontra:

Voei a São Cristóvão; gastei tempo em procurar a casa, mas dei com ela. Quando a vi, duvidei de meus olhos ou das indicações. Era uma casa elegante, escondida entre o arvoredado, no meio de um pequeno jardim. Podia ser aquela a residência da companheira de minha miséria? (HE, XXV, p. 374).

É possível avaliar que nesta passagem, a casa em São Cristóvão é elegante e valorizada, diferente da antiga referida por Viegas (MP). De fato, o enredo de *Helena* se passa numa época mais remota que *Memórias Póstumas*. Isto é, em *Helena*, a data mais próxima desta mudança de sua mãe deve ser por volta da década de 40, já a vontade de Viegas vender a casa se passa mais adiante, por volta da década de 60. Assim, estas distintas visões sobre a mesma região

²⁷ Agregado ao início das instalações industriais neste bairro, pelas facilidades que fornecia, e a ascensão do bairros próximos à orla, como Botafogo (ABREU, 1988, p. 47).

²⁸ A temática é recorrente nas leituras sobre tal romance, com expoência dos estudos de Roberto Schwarz, entre eles, o trabalho intitulado *Um mestre na periferia do Capitalismo* (Ver seção de Referência bibliográficas ao final deste trabalho).

demonstram a transformação pela qual esta região passou ao longo do século XIX. Aqui, portanto, a inserção do bairro parece informar ao leitor não muito senão a ascensão social de Ângela, mas funciona como um elemento forte neste caso já que, à época do romance, o bairro era bastante prestigiado.

Já mais ao fim do século, quem mora em São Cristóvão é o major Policarpo Quaresma, então possivelmente com a região já não mais tão admirada como outrora, mas ainda assim ele vive em uma “meiga e sossegada casa” onde havia uma “chácara em que predominavam as frutíferas nacionais” (PQ, II, p.270). Embora conte com chácara e biblioteca, a casa do major Quaresma não aparece caracterizada como luxuosa, o que efetiva a possibilidade de ser uma antiga casa da região de São Cristóvão no período de sua decadência, o que faria da residência um ambiente grande, mas pouco valorizado, como a da comparação da *Memórias Póstumas*. No caso do major, mesmo já estando a região caminhando para seu declínio, o bairro ainda era marcado pela imagem do Império, e portanto, do país. Um local com um significado forte para um nacionalista como Policarpo.

Marcações representativas fortes da cidade se dão também de forma recorrente nos romances quando se trata dos moradores e frequentadores da região de Botafogo. Durante bastante tempo inclusive, a região de São Cristóvão e a do Botafogo disputavam a atenção das famílias abastadas. São Cristóvão, por algum tempo, contava com uma infraestrutura que não estava presente no Botafogo, com sistema de fornecimento de água e de esgoto. (ABREU, 1988, p.45). Botafogo, entretanto, era também *locus* da aristocracia inicialmente (inclusive pelo fato da rainha Carlota lá residir) e depois das classes mais abastadas. Aos poucos, São Cristóvão vai decaindo, como apontado, dando mais espaço para a orla formada pela região entre o Centro e Botafogo, incluindo a Glória e o Catete.²⁹

A presença de Botafogo nos romances, tanto de Machado quanto de Lima é bastante forte. Em ambos aparece como símbolo de espaço elitista, embora esta representação seja feita através de marcações distintas. Em Machado, Botafogo é essencialmente local de moradia dos personagens mais enriquecidos.

O enriquecido personagem de Rubião (QB) mora no bairro do Botafogo, em uma bela casa herdada de Quincas Borba. Além dele, no final do mesmo romance, Palha e Sofia se mudam para um palacete – possivelmente comprado com grande parte do dinheiro do já falido Rubião – no mesmo bairro e buscam demonstrar a todos, a partir desta suntuosa residência, a sua nova

²⁹ No fim do século a expansão da cidade habitada pelas elites se dá muito mais para a orla do que para o interior do continente inclusive por conta da difusão do hábito do banho de mar, associado a uma cultura moderna. Os bairros da orla parecem, a partir de então, mais atraentes às elites (VILLACA, 2001, p 173).

posição social. Inauguram-na em tempo de todos poderem ver: “Cuidavam ambos de outra casa, um palacete em Botafogo, cuja reconstrução estava prestes a acabar, e que eles queriam inaugurar, no inverno, quando as Câmaras trabalhassem, e toda a gente houvesse descido de Petrópolis” (QB, CLXXXV, p. 799).

A família de *Esauí e Jacó*, marcadamente abastada, também reside em Botafogo em uma bela casa, ainda que Santos, o chefe da família, almeje um palácio tal qual o do Catete (EJ, IX, p. 961).

Botafogo ainda é o bairro em que vive a baronesa em *A Mão e a Luva* e dos outros personagens deste romance. Este romance, aliás, é um dos poucos machadianos em que quase não há deslocamento. Todos vivem em Botafogo e grande parte do enredo se passa dentro das casas de seus personagens, com incidência alta na casa e no jardim da própria baronesa. Há uma viagem em meio ao enredo, quando baronesa e sua afilhada vão passar um tempo em Cantagalo. A caracterização dos espaços com vários deslocamentos pela cidade, tão comum em Machado, entretanto, é praticamente ausente neste romance. Vale lembrar que este é um daqueles que são caracterizados como da fase romântica de Machado. Embora o final tenha bastante de realista, ainda está dentro da primeira fase machadiana, para cuja categorização esta pouca presença da cidade talvez seja contribuinte.

Nos romances de Lima Barreto, há também a presença de Botafogo como bairro de moradia dos personagens enriquecidos. É o caso do compadre de Policarpo, Coleoni, que aí morava:

Rico com os lucros das empreitadas de construções de prédios, viúvo, o antigo quitandeiro retirara-se dos negócios e vivia sossegado na ampla casa que ele mesmo edificara e tinha todos os remates arquitetônicos do seu gosto predileto: compoteiras na cimalha, um imenso monograma sobre a porta da entrada, dois cães de louça, nos pilares do portão da entrada e outros detalhes equivalentes. A casa ficava ao centro do terreno, elevava-se sobre um porão alto, tinha um razoável jardim na frente, que avançava pelos lados, pontilhado de bolas multicores; varanda, um viveiro, onde pelo calor os pássaros morriam tristemente. Era uma instalação burguesa, no gosto nacional, vistosa, cara, pouco de acordo com o clima e sem conforto (PQ, IV, p. 294).

Diferente de Machado, a colocação de Botafogo em Lima assume um papel não só de caracterizar a posição social através das habitações dos personagens, mas pode-se dizer que a região assume um papel de sintetizadora do modo de vida da elite no Rio *Belle Époque*, sendo o bairro caracterizado como espaço de moradia dos abastados, mas também marcado como espaço de exclusão social. Devemos lembrar que nos romances barretianos, a região de Botafogo já está bem mais desenvolvida comparada à descrição nas obras de Machado. Botafogo seria então, para

Lima, o extremo oposto dos subúrbios: elitista e admirado pela sociedade carioca da época, alvo, portanto, de crítica de Lima. Essa recorrência pode ser percebida nos comentários de Gonzaga (MJ), alertando o seu amigo Augusto Machado, companheiro de passeios pelo Rio, sobre a necessidade de explorar toda a cidade: “Vocês só conhecem a Tijuca e o Botafogo. O Rio tem mais coisas belas...” (MJ, IV, p. 574)

Lembremos a comparação já assinalada que faz Lima, na voz de Gonzaga sobre a comparação de Botafogo com Buenos Aires (ver p. 108).

Diversas outras citações barretianas em meio ao texto fazem esta alusão a Botafogo e críticas diretas, tal qual a colocação de Isaías quando começa a conhecer o Rio: “Eu não conhecia bem os bairros da cidade. Não lhes sabia a importância, o valor, nem as suas vias de comunicação com o centro, donde não me tinha afastado até ali, senão para fazer um passeio de pragmática a Botafogo, de que não gostei” (IC, IV, p. 150).

A comparação com o subúrbio se dá em uma passagem de Policarpo Quaresma, em que o narrador compara a alta sociedade suburbana com a burguesa, residente nos dois tipos de lugares: o subúrbio e os das elites (representados por Botafogo e Petrópolis):

Dessa maneira, Ricardo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana. É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo (PQ, I, 266).

Outras várias localidades aparecem, principalmente nos romances de Machado, como marcações das formas de morar e do desenvolvimento da cidade. Estas representações sempre parecem estar atreladas a uma necessidade do autor de marcar as condições sociais dos seus personagens e suas características. De modo geral, podemos entender as formas de morar e localização dos personagens machadianos como pistas para a compreensão total do enredo. Entremeadado a isso, o escritor nos conta muito sobre as aparências e condições sociais da cidade carioca da época, como forma de construir uma crítica social ao momento que vive e narra.

Regiões das áreas mais centrais e ligadas à orla, que no início e meados do XIX ainda se resumiam a terras com pouco adensamento ou consideradas como rurais, passam a ser espaço de residência permanente. (ABREU, 1988, p. 41). Laranjeiras, dentro deste contexto, foi essencialmente “um bairro de chácaras, no começo rústicas, para o abastecimento da cidade, com verduras, laranjas, etc., e mais tarde aristocráticas, para a moradia de fidalgos e outros homens ricos” (GERSON, 2000, p. 270). Em Laranjeiras morava Félix e também para lá se muda Livia

(RE). Machado descreve a casa de Félix como uma chácara, mostrando exatamente esse caráter de habitação de transição deste bairro: “Chilreavam na chácara vizinha à casa do doutor algumas aves afeitas à vida semi-urbana, semi-silvestre que lhes pode oferecer uma chácara nas Laranjeiras” (RE, I, p. 117). O local – meio cidade, meio campo – em que Félix escolheu para morar se parece, portanto, um pouco com o seu temperamento: indeciso quanto às suas escolhas, alternando entre dois lados, se casar ou se manter solteiro. E Lívia, que vivia em Catumbi quando viúva, acaba se mudando para lá, e compartilhando algo do comportamento e das dúvidas de Félix.

O bairro ainda era considerado um arrabalde da cidade, tanto que, em *Ressurreição*, quando Raquel adoece, o médico indica que vá “para algum arrabalde da cidade, a fim de respirar ares melhores” (RE, X, p. 152) e é para lá que ela vai.

Laranjeiras também é citada em uma das passagens de um dos romances barretianos. Em *Isaías Caminha*, o bairro é local de habitação de uma viúva conhecida por “viver em mancebia com o sobrinho e com o filho” (IC, IX, p. 206). Independente da fama de tal mulher, o que nos importa é a caracterização de sua casa como “um palácio na Rua de Laranjeiras” (IC, IX, p. 205). O enredo deve se passar no início do XX, quando, portanto, Laranjeiras já havia perdido seu caráter rústico das chácaras e passado a abrigar residências urbanas da elite. Lima, como em diversas outras passagens tais quais as já citadas aqui, faz questão de acentuar as características enobrecedoras nestes bairros, como uma forma de fazer uma crítica sutil cada vez que os cita nas obras.

Mas as chácaras, de modo geral, aparecem nas moradias dos romances machadianos. Grandes terrenos com a habitação em si e vários espaços auxiliares. Exemplo disso é a casa de Dona Úrsula, viúva do conselheiro Vale, em *Helena*, romance que se passa exatamente na virada da primeira para a segunda metade do século XIX. A casa descrita era vasta, com diversos ambientes propícios às distintas atividades nas quais seus moradores poderiam se ocupar. Era situada em um bairro que estava em expansão, Andaraí, do que podemos intuir que esta residência ampla era na verdade uma habitação de arrabalde, ainda com características das chácaras. Nas várias ambientações descritas neste romance, é possível notar que a casa é composta por uma extensa “varanda antiga, onde a família costumava às vezes tomar café ou conversar nas noites de luar, que ali penetrava pelas largas janelas [...]” (HE, VI, p. 293). Por meio de uma escada de pedra na varanda podia-se chegar ao terreiro, que dava aos fundos da casa, onde se situava a cavalaria. Entrando na casa pela mesma varanda, havia a sala de jantar com uma outra sala contígua, possivelmente a mesma espécie de sala de trabalho citada da casa

da baronesa em *A Mão e a Luva*, por Helena chamada de “sala de costura e das reuniões íntimas” (HE, IX, p. 309). A casa toda é descrita passando ao leitor a impressão de sua amplitude não só como maneira de acentuar a posição social da família, mas também como forma de indicar o acolhimento propiciado à Helena pelos seus familiares recém-conhecidos.

Outras habitações, também em Lima, embora em menor quantidade, são descritas como casas com diversos cômodos, específicos para várias funções, como, por exemplo, a casa do Gonzaga (MJ), que morava em uma confortável casa em Santa Teresa:

D. Escolastica obrigara-me a passar diante dela e Gonzaga de Sá seguira-nos com o jornal na mão. Penetramos na sala contígua, onde parei um bocado, a ver os retratos de família. O Mestre não rompera com a tradição, que os quer na sala de visitas. Aí os tinha, e não no seu gabinete de trabalho. [...]

E seguimos para a sala de jantar, não sem que eu deitasse um longo olhar sobre aqueles velhos moveis de jacarandá, tão amplos e fortes que se diria feitos para outra raça de homens que não a nossa, aquela que vemos por aí nas ruas, nos teatros, nas regatas, nas corridas, mesquinha e sórdida (MJ, VIII, 592-593)

Neste romance de Lima, a descrição desta vasta moradia, os sólidos móveis e até mesmo o apego a tradições da família funciona no enredo como reafirmação da decadência de Gonzaga, tal como aponta Lins (1976) em seu estudo. Pertencente a uma tradicional família, ele e sua irmã já não estão na mesma posição social que sua família se encontrara antes e a discrepância entre o seu modo de vida mais simples e a sua habitação demonstra isso. Prova disto é a própria frase do narrador “O Mestre não rompera com a tradição”, isto é, embora todo o resto houvesse já se rompido.

Na verdade, a grande maioria das casas descritas por Machado e aquelas pertencentes aos mais enriquecidos em Lima possuem pelo menos algumas partes destes espaços descritos acima, como a configuração na qual uma varanda dá acesso aos fundos da casa, isto é, à chácara. Nota-se, desta forma, que este tipo de habitação era realmente o mais comum àqueles que tinham uma posição social confortável, variando de tamanho ou de diferentes espaços de acordo com as necessidades e possibilidades de cada família.

Próxima às distribuições das chácaras, mas já afirmando um caráter mais próximo das casas urbanas, está a casa de Livia, quando se muda para o mesmo bairro de Félix, Laranjeiras, em *Ressurreição* (RE). Sua casa, a qual seu irmão Viana procura reformar era “[...] um prédio elegante, levantado no meio de uma chácara, não extensa nem esmeradamente tratada” (RE, X, p. 153). A casa possuía também um “jardim que ficava em frente da casa” (RE, XVI, p. 169) e um “patamar da escada que dava para o jardim” (RE, XV, p. 167). Aqui, portanto, já se esboça um terreno menor e um jardim na frente que remete às inovações de recuos das edificações

urbanas da segunda metade do século XIX.

Como já apontado no capítulo I, os recuos da casa no lote eram uma solução higienista para melhor circulação do ar. À medida que ele é incorporado nas casas urbanas, também é descrito nos romances, acompanhando sempre as alterações ocorridas na cidade.

A descrição da casa do deputado Macieira (NN) se assemelha a este tipo, pois era “toda era cercada pelo jardim e a varanda ao lado desaparecia sob um dossel de trepadeiras” (NN, IV, p.459). A casa dos Aguiar, em *Memorial de Aires*, provavelmente era mais antiga, mas já contava com um jardim na frente, pois a casa era “[...] na Praia do Flamengo, ao fundo de um pequeno jardim, casa velha mas sólida” (MA, 25/01/88, p. 1105).

A construção da casa de Santos e Natividade (EJ) remonta já ao fim do século XIX. Nela podemos observar os diversos ornamentos externos evidenciando amplo jardim na frente, tão apreciados pelas famílias mais abastadas como uma maneira de exteriorizar a posição social de tais personagens. No romance, Santos é um comerciante e banqueiro que enriqueceu muito.

A casa descobria-se a distância, magnífica; Santos deleitou-se de a ver, mirou-se nela, cresceu com ela, subiu por ela. A estatueta de Narciso, no meio do jardim, sorriu à entrada deles, a areia fez-se relva, duas andorinhas cruzaram por cima do repuxo, figurando no ar a alegria de ambos. A mesma cerimônia à descida. Santos ainda parou alguns instantes para ver o coupé dar a volta, sair e tornar à cocheira; depois seguiu a mulher que entrava no saguão (EJ, VI, pp. 956/957).

Ainda em Lima, nos romances que têm seus enredos já no início do XX, quando os lotes urbanos deveriam já ser menores, algumas habitações mantêm a configuração com a chácara ao fundo, como a casa da família da mulher de Numa que, certa vez “ocupou toda a manhã em coisas caseiras. Foi ao jardim, correu à chácara, viu bem a horta, porque era ela unicamente quem se interessava por aquelas dependências da casa” (NN, II, p. 434). Esse romance é o que talvez mais tenha ocorrência de pessoas enriquecidas em Lima. Nele, o autor trata predominantemente das relações políticas e usa como cenário os bairros mais elitistas, uma vez que os personagens são em sua maioria homens enriquecidos com cargos políticos importantes. Não é à toa, portanto, que a habitação que possui tais características está situada exatamente em tal romance. Também é deste romance a descrição da casa de Maciera, com o jardim frontal, como foi visto acima.

Ainda sobre os personagens de Lima em *Numa e Ninfa*, Cogominho e Numa, sogro e genro, moram na casa na Rua Humaitá, em Botafogo; Benevenuto reside no Catete e possui uma casa de encontros com sua prima em Matacavalos e os personagens secundários vivem no Catete - como Bogoloff - ou em outras regiões da orla.

Assim como em Machado, a marcação dos locais da residência funciona como uma forma de informar ao leitor que estes personagens não são como tantos outros barretianos, que passam por dificuldades financeiras, que moram em locais inóspitos, que possuem a preocupação do sustento diário. Em *Numa e Ninfa*, a caracterização dos personagens e do seu meio se dá pela pontual colocação de cada um deles em bairros notadamente de residência de pessoas mais abastadas.

Outras habitações mais refinadas também aparecem em Lima Barreto em outros romances, mas são pontuais e continuam mantendo a ligação dos personagens enriquecidos com a política. É o caso do Doutor Castro, deputado ao qual Isaías procura quando chega ao Rio para entregar-lhe uma carta de recomendação. Após passar dias à procura do deputado, finalmente Isaías descobre onde ele reside e vai procurá-lo. A descrição da sua residência é de uma

casa apalacetada, afastada da rua, no centro do terreno, entrada do lado e varanda, jardim na frente e bojudas compoteiras no telhado. A casa erguia-se do solo sobre um porão de boa altura, com mezaninos gradeados e as janelas, de sacadas a olhar para os pequenos canteiros do jardim, a essa hora povoados de flores que desabrochavam, murchas por aquela manhã quente (IC, IV, p. 150).

Aliás, a exaltação do porão “de boa altura” como um dos elementos que chamam atenção na fachada da casa é marcante em Lima Barreto. Também em *Numa e Ninfa* essa ênfase ocorre. A casa onde moram Numa, sua mulher e toda a família do sogro, é descrita como uma casa sem muitos adornos arquitetônicos, mas se ressalva que o porão é bastante alto

Era um casarão comum, sem movimento, quer na fachada, quer na massa toda do edifício. Muito simplesmente um paralelepípedo, com largas aberturas de portas e janelas, tinha um só pavimento, mas o porão era tão alto que bem se podia contar como outro.

Vasto de fato era, e as seis janelas da frente e a situação ao centro do jardim, mais amplo que os comuns, com velhas fruteiras nodosas, corrigiam de algum modo a indigência de sua arquitetura. Tinha uma certa imponência e, demais, com o fundo para a escarpa verde-negra dos contrafortes do Corcovado, o casarão ressaltava, saía, adquiria certa distinção solarenga entre as jovens e acanhadas edificações dos arredores. Não era novo; pertencera aos avós da mulher de Numa e fora edificado aí pelos meados do século passado (NN, II, p. 430).

Cercada de jardins, destituída de ornatos, com porão alto e erguida em meados do século XVIII, esta moradia, provavelmente, antecede a urbanização do local. A casa urbana de porão alto aparece depois e se configura como uma novidade do fim da primeira metade do XIX. Reis Filho (1978) explica que ela se afirma como uma transição entre os sobrados e as casas recuadas. Tratando das casas urbanas no alinhamento da rua, próximas às vias e passagens, o porão alto mantinha a privacidade do lar. Funcionalmente, a elevação do porão, evitando a proximidade do

piso com o solo, foi uma solução adotada para o combate da umidade, estando associada, portanto, às medidas de higiene, como aponta Correia (2004, p. 28). A exaltação do porão alto nos romances mostra, assim, tal transição. Evidencia certa superioridade em relação àquelas que se alinhavam nas vias urbanas diretamente, mas ainda é um pouco anterior às com jardim na frente.

Com exceção desta acima mencionada, algumas habitações descritas com porão alto e jardim à frente nos romances parecem ser urbanas e sintonizadas com as alterações da época na qual os romances foram escritos. Outras tantas são descritas nos romances – de Machado prioritariamente – mais amplas e com ares de chácaras, situadas nos bairros de transição, como a de Laranjeiras, em que vivia Félix e descrita acima. Catumbi, onde morava Livia e Viana antes de se mudarem para Laranjeiras (RE) também se caracteriza nos romances machadianos como um de tais bairros. Afinal, aí moravam tais irmãos em uma casa, mas também era onde se localizava a chácara onde faleceu Brás Cubas (MP), o qual exalta postumamente a beleza de sua propriedade: “Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi” (MP, I, p. 51).

Na verdade, Catumbi fazia parte do que se compunha a Cidade Nova, juntamente com Rio Comprido e Estácio. Atualmente estes bairros podem ser vistos como de classe média, mas no início de seu desenvolvimento foi local de moradia de grandes proprietários de terras e escravos (GERSON, 2000, p. 337), tal qual a família Cubas se apresentava.

E em Rio Comprido, mais adiante no início do XX, mora Isaías Caminha (IC) numa casa de cômodos, localizada não muito distante do centro, tampouco na região mais procurada pela elite. O romance, portanto, retrata exatamente a trajetória dessa região que atraía de início pessoas de elite e passa a ser local de residência de remediados, como aponta Gerson (2000), inclusive com casas de cômodo.

Durante todo esse tempo, residi em uma casa de cômodos na altura do Rio Comprido. Era longe; mas escolhera-a por ser barato o aluguel. Ficava a casa numa eminência, a cavaleiro da Rua Malvino Reis e, atualmente, os dois andares do antigo palacete que ela fora estavam divididos em duas ou três dezenas de quartos, onde moravam mais de cinquenta pessoas.

O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarelecidos, servia de coradouro. Da chácara toda, só ficaram as altas árvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem simpatia, sombra às lavadeiras, cocheiros e criados, como antes o fizeram aos ricos que ali tinham habitado. Guardavam o portão duas esguias palmeiras que marcavam o ritmo do canto de saudades que a velha casa suspirava; e era de ver, pelo estio, a resignação de uma velha e nodosa mangueira, furiosamente atacada pela variegada pequenada a disputar-lhe os grandes frutos, que alguns anos atrás bastavam de sobra para os antigos proprietários (IC, XI, p.219-220).

Quanto à região intermediária entre o centro e Botafogo, isto é, a região da freguesia da Glória, também costuma ser caracterizada nos romances como local de moradia das elites. Bento e Capitu (DC) vão morar na Glória, possivelmente muito bem instalados, possibilitando o contato próximo com a família que se mantinha em Matacavalos. “José Dias dividia-se agora entre mim e minha mãe, alternando os jantares da Glória com os almoços de Mata-cavalos” (DC, CIV, p. 909).

Quem também morava aparentemente bem localizado era o conselheiro Aires (MA) que residia no Catete, bairro de pessoas de cargo elevado no serviço público como ele. Quanto a isso, os personagens de *Memorial de Aires* moram, em sua maioria, em bairros próximos à orla, como o casal Aguiar residente no Flamengo, Aires no Catete e Fidélia em Botafogo. Tais personagens de Machado são bastante marcados pelos costumes que uma posição social bastante confortável lhes oferece. O grupo passa noites alternando entre jantares, conversas, jogos de cartas e chás. A Aires lhe agrada os passeios pela cidade e Fidélia vai à Rua do Ouvidor. Nenhum deles traz sequer algum resquício de preocupação que não sejam aquelas ligadas aos temas frívolos, como o tema da pintura de um quadro (MA, 22/10/88, pp. 1163-1164) ou, como se espera, seus problemas amorosos.

Várias das moradias dos romances de Machado se localizam também em bairros que serão considerados por algum tempo como bairros de casas de temporada. É o caso do Engenho Novo, Tijuca, Andaraí e Engenho Velho. Regiões estas, “excelentes para chácaras, como lugares de repouso, não para se morar, por causa da distância”, como comenta Miécio Táci, estudioso dos romances de Machado (TÁTI, 1961, p. 43).

Já no tempo de Lima, esses bairros estão absorvidos aos espaços da cidade considerados urbanos, e, por conta disso, o narrador de *Clara dos Anjos* comenta com bastante melancolia as características antigas desses espaços, evidenciando essa transformação:

Hoje, é raro ver-se, no Rio de Janeiro, um muro coberto de hera; entretanto, há trinta anos, nas Laranjeiras, na Rua Conde de Bonfim, no Rio Comprido, no Andaraí, no Engenho Novo, enfim, em todos os bairros que foram antigamente estações de repouso e prazer, encontravam-se, a cada passo, longos muros cobertos de hera, exalando melancolia e sugerindo recordações (CA, I, p.640).

Na obra de Machado de Assis são mencionadas casas de campo principalmente na Tijuca, enquanto locais de antigas chácaras – como Laranjeiras – são tratados como cidade. Félix, de *Ressurreição*, possui na Tijuca uma casa de recreio, à qual vai periodicamente passar alguns dias, alterando sua estada entre este bairro e sua casa em Laranjeiras, como ele mesmo afirma: “Olhe, os meus dois polos estão nas Laranjeiras e na Tijuca; nunca passei destes dois

extremos do meu universo. Confesso que é monótono, mas eu acho felicidade nesta mesma monotonia” (RE, III, p. 129). Aqui podemos associar a personalidade de Félix à sua fala sobre o ambiente que escolhe para viver.

A ida à Tijuca se comporta como uma fuga da vida urbana e agitada da cidade, marcada diversas vezes no texto, como na seguinte passagem: “No dia seguinte partiu Félix para a Tijuca, onde tinha uma casa de recreio e refúgio; regressou duas semanas depois. Durante esse tempo nada soube do que ocorrera na cidade: não leu jornais nem abriu cartas de amigos” (RE, IV, p. 131). Félix, portanto, usa o ambiente da Tijuca como um espaço de fuga de compromissos e comportamentos típicos da cidade.

A fuga da situação também ocorre na mesma Tijuca, agora na chácara pertencente à família Cubas. Brás vai lá passar uma temporada depois da morte de sua mãe. A fuga de Brás parece mais próxima de um comportamento mimado, como tantos outros de Brás. Comportamento de fuga em uma situação que não lhe agradou. Brás não passa os dias na Tijuca meditando sobre a morte de sua mãe, buscando compreender o sentido da vida, pensando em sua família, enfim, Brás não se recua da cidade para o luto que, tratando de sua mãe, deveria ser maior que sete dias, mas sim para gozar de descanso pleno e peraltices – é lá que Brás tem um pequeno deslize por Eugênia (MP, XXXIII, p.554). É como se a reclusão de Brás, que deveria ser o luto, acontecesse exatamente para que ninguém notasse a falta de luto dele.

No sétimo dia, acabada a missa fúnebre, travei de uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque, — o Prudêncio do capítulo XI, — e fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade. [...]
[...] Às vezes, caçava, outras dormia, outras lia, — lia muito, — outras enfim não fazia nada; deixava-me atoar de ideia em ideia, de imaginação em imaginação, como uma borboleta vadia ou faminta. As horas iam pingando uma a uma, o sol caía, as sombras da noite velavam a montanha e a cidade. Ninguém me visitava; recomendei expressamente que me deixassem só. Um dia, dois dias, três dias, uma semana inteira passada assim, sem dizer palavra, era bastante para sacudir-me da Tijuca fora e restituir-me ao bulício (MP, XXV, pp. 546/547).

Outras personagens moram com residência fixa nestas regiões mais distantes, como Dona Úrsula (IG), em Andaraí, onde possuía uma grande casa com chácara, capela e jardim. Os recém-casados Sancha e Escobar escolhem este bairro para viver. O casal, porém, mais tarde se muda para o Flamengo, facilitando a aproximação com Bento e Capitu.

Demais, as nossas relações de família estavam previamente feitas; Sancha e Capitu continuavam depois de casadas a amizade da escola, Escobar e eu a do seminário. Eles moravam em Andaraí, aonde queriam que fôssemos muitas vezes, e, não podendo ser tantas como desejávamos, íamos lá jantar alguns domingos, ou eles vinham fazê-lo conosco (DC, CIV, p. 910).

A mudança de casa dos recém-casados Sancha e Escobar pode ser interpretada como mais uma das formas de Bento afirmar as pistas da traição de Capitu. Inicialmente Escobar e Sancha moravam longe do casal protagonista, e o narrador afirma que queriam a presença de Bento e Capitu muitas outras vezes. Impossibilitados de ficarem bastante tempo juntos, Escobar então, segundo a indicação da narração, teria até mesmo mudado de casa – para um bairro provavelmente com um custo de vida bem maior – somente para ficar mais perto de Capitu.

O capítulo que narra esse fato tem o título de “Amigos próximos” que sugere a grande amizade dos casais, mas pode sugerir também a aproximação excessiva (ao olhar de Bento enciumado) de Escobar e Capitu. A primeira frase deste capítulo é exatamente “Já então Escobar deixara Andaraí e comprara uma casa no Flamengo” (DC, CXVII, p. 922). Note-se que não se trata de “Escobar e sua família”, “o casal”, “os amigos” ou “Escobar e Sancha” que deixam Andaraí e se mudam para o Flamengo, mas simplesmente Escobar, como se fosse uma decisão que afetasse unicamente a ele. Esse capítulo, aliás, é o seguinte ao “Filho do Homem” (CXVI), capítulo-chave na leitura guiada que Bento constrói, no qual o narrador-personagem demonstra ao leitor a semelhança de seu filho Ezequiel com Escobar.

Ainda, neste CXVII, onde narra a mudança de Escobar, Bento continua comentando sobre a moradia próxima dos casais:

“[...] uma vez que estávamos tão próximos, tínhamos por assim dizer uma só casa, eu vivia na dele, ele na minha, e o pedaço de praia entre a Glória e o Flamengo era como um caminho de uso próprio e particular. Fazia-me pensar nas duas casas de Mata-cavalos, com o seu muro de permeio” (DC, CXVII, p.922).

Bento enfatiza a aproximação dos casais. Logo no capítulo seguinte, Bento confessa que se sentiu atraído por Sancha (DC, CXVIII, p.924) e, a partir disso, podemos avaliar quão sugestivo é a sua colocação sobre suas casas serem como uma só, com ele vivendo na casa de Escobar e este na sua. Ainda, a proximidade dos bairros, na nova escala da cidade é comparada com a divisão da casa de sua infância com a de Capitu, que era feita por uma porta muito frouxa, como se sabe, que “não tinha chave nem taramela; abria-se empurrando de um lado ou puxando de outro, e fechava-se ao peso de uma pedra pendente de uma corda” (DC, XIII, p.822).

Nesta sequência de *Dom Casmurro*, pode-se notar como os espaços são abordados no romance não só no sentido de localização, mas para informar algo além dela: suas conexões.

Moradias mais distantes também podem ser interpretadas nos romances como uma forma do autor nos dizer algo. Também em Andaraí vivia a irmã do conselheiro Aires, que, quando o visita eventualmente para almoços e jantares, o narrador deixa clara a distância que os

separava: “A mana não costuma dizer pilhérias, mas quando lhe sai alguma tem pico. Foi o que eu lhe disse então, ao metê-la no carro que a levou a Andaraí, enquanto eu vim a pé para o Catete” (MA, 25/01/88. p. 1105).

Mas poucas são as visitas de Rita ao irmão. Diversas vezes, entretanto, ocorre o contrário: Aires vai até a casa da irmã. Essa boa vontade de Aires de cruzar a cidade para ver a irmã parece, porém, pouco ter de fraternal. Aires é um amante da cidade, gosta de caminhar, passear por “bairros excêntricos” (EJ, XXXIII, p. 989) conversar com os amigos no bonde. Assim, a marcação da distância que separa os irmãos contribui para a caracterização do personagem de Aires nesse sentido de conhecedor e desfrutador da cidade.

Bento, já velho, quando constrói sua nova casa a faz também em um destes bairros distantes e novos, isto é, no Engenho Novo que se afastava do centro da cidade, fazendo com que Bento utilizasse o trem para chegar até sua casa (DC, I). A nova casa de Bento metaforiza a dificuldade que ele tem entre deixar o passado para trás ou buscar compreendê-lo de forma quase maníaca. Bento escolhe um local totalmente novo para morar, desamarrado dos espaços da infância, mas ao invés de manter os novos ares, reproduz aí exatamente a sua casa do passado. A sua colocação sobre a nova casa no romance nos possibilita inclusive, avaliar outros aspectos da sua moradia:

Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... [...] O mais é também análogo e parecido. Tenho chacinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa (DC, II, pp. 809/810).

Vemos que Bento reproduz, ao fim do século XIX, uma casa tal qual aquelas com chácaras e grandes espaços ao fundo. A decoração interna, com pinturas e adornos temáticos demonstra a posição social elevada em sua infância, pois remete à casa de sua família³⁰.

A pintura dos medalhões não passa despercebida a Caldwell (2002). A pesquisadora associa tais figuras às questões de poder e adultério, sendo referenciais à sua chave de leitura³¹.

³⁰ Reis Filho (1978, p. 117) comenta a associação da estética neoclássica na decoração dos interiores das habitações oitocentistas, com figuras representando as estações do ano, os continentes e outras imagens temáticas, paredes pintadas de cores suaves ou sobre elas, muitas vezes aplicados papéis coloridos de motivos ornamentais.

Não cabe aqui a reprodução do estudo de Caldwell, mas notar como Machado, utilizando de um elemento comum nas habitações mais refinadas da época, veicula uma informação de forma bastante sutil.

Também a casa de Gonzaga conta com pinturas neoclássicas, como retrata Augusto Machado ao entrar no local:

Entrei para a sala principal da casa, da qual mestre Gonzaga de Sá fizera a sua de estudos. Tinha o teto em tronco de pirâmide retangular e estucado, e as estantes, a não ser nos vãos das janelas e portas, eram pequenas, da altura do peitoril da janela, e guarneciam a sala em toda a extensão das quatro faces. Uma delas, ao gesto de um longo consolo, havia bustos, quadrinhos e minerais insignificantes; e, nas paredes, além de dois ou três pequenos quadros a óleo, uma reprodução da «Primavera» de Botticelli e um Rouget de Lisle, cantando pela primeira vez a Marselhesa. Havia também sobre a secretaria um busto de Júlio César e, pregado à parede em que ele se encostava, bem alto, um magnífico retrato do Dante, enquadrado em moldura vulgar. Lia-se-lhe embaixo, em letras góticas, este verso do Inferno: “Amor, che a nullo amato amar perdona”. Pairava por toda a sala o olhar transcendente de um mocho de bronze, empoleirado na «bandeira» da porta de entrada. Com isso, tudo em muita ordem e sem luxo; havia desordem só na grande mesa do centro, em que livros, revistas, papéis se baralhavam familiarmente (MJ, VII, p. 587).

Novamente aqui, como no outro trecho que descrevia a habitação de Gonzaga, há certa confusão entre a habitação e os modos de vida de Gonzaga, como forma de evidenciar a decadência da família, já apontada por Lins (1976).

Assim como a marcação do local de moradia dos personagens demonstra a sua posição social nos romances, a decoração interna muitas vezes é instrumentos dos romancistas para sugerir sentimentos e maneiras de pensar ou viver dos personagens.

A casa da família de Edgarda, mulher de Numa (NN) tinha a decoração interna alinhada com os pressupostos da época, ou ao menos na sala de visitas. Numa, em uma manhã vai até “a sala de visitas espairecer um pouco” (NN, II, p. 430) para observar a rua, enquanto avaliava os adornos da sala e prossegue refletindo:

Julgou uns antipáticos, gostou dos antigos, pesados e amplos; examinou os bibelôs e demorou-se a considerar uma estatueta de bronze. Sentada em êxedra, de marfim, uma mulher tinha os braços abertos sobre os ramos da cadeira. O busto estava nu, a parte inferior coberta, e, aos pés, uma coroa de louros. Viu-lhe o olhar perscrutador, a expressão do rosto de serena imaterialidade, a atitude geral de suspensão. Olhou-a ainda demoradamente e descobriu qualquer coisa naquele pedaço de bronze que até ali não tinha sentido nunca. Afastou-se um pouco, examinou um biscuit, um outro bronze; mas, sempre aquela mulher em expectativa, à espera não sei de que atraía o seu exame (NN, II, p. 430)

³¹O estudo completo desse e de outros elementos simbólicos da casa de Bento se encontra no capítulo 8. *Alguns Símbolos*, da obra de Caldwell (2002).

A sala parecia apresentar uma decoração repleta, com bustos de bronze e bibelôs, mas Numa, de origem pobre e possivelmente sem apuro no gosto para avaliá-los, traz ao leitor a impressão de um ambiente sisudo e não muito acolhedor.

A descrição geral da casa não parece remeter a uma habitação impecável, apenas afirma uma habitação mediana e bem localizada, como vimos acima (ver p. 108). Muito boa, comparativamente a outras descritas em Lima, mas nada que se sobressaísse, como as moradias dos personagens mais enriquecidos de Machado. A sala de visitas de Numa, porém, é bastante rebuscada. A sala de visitas funcionava como cartão-postal de uma casa, ou seja, a sala de aparências, onde tudo deve estar apresentável. *Numa e Ninfa* é, claramente, um romance que problematiza as aparências. Numa pouco sabe de política, mas sobrevive no meio devido à sua mulher e ainda, mesmo sabendo ser traição dela, mantém uma atitude passiva para não prejudicar sua carreira política. O espaço da sala é reflexo, portanto, da própria questão chave do romance que Lima parece querer discutir.

Já na casa de Marcela, em *Memórias Póstumas*, o narrador demonstra o apuro da personagem em decorar a sua casa da forma julgada mais adequada na época, afinal de contas, suas atividades contavam com muitas visitas diariamente: “A casa em que morava, nos Cajueiros, era própria. Eram sólidos e bons os móveis, de jacarandá lavrado, e todas as demais alfaias, espelhos, jarras, baixela, — uma linda baixela da Índia, que lhe doara um desembargador” (MP, XV, p. 535). A enumeração dos itens presentes na casa de Marcela finalizado com a colocação do presente de um desembargador nos faz compreender que os itens da sua casa – móveis bons e decoração completa – foram presentes e mimos dos homens com quem Marcela se relacionava. Isso se afirma ao fim do romance, quando é retratada já envelhecida e muito decadente, trabalhando em uma joalheria.

A decoração mais marcante dessa mudança interna dos personagens parece ser a da casa de Rubião, que se modifica ao longo do romance e demonstra a transformação pela qual ele passa. Na sua casa em Botafogo, logo que recebe a herança de Quincas Borba, há a exaltação do refinamento dos seus móveis e acessórios:

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, — primor de argenteria, execução fina e acabada [...] (QB, III, p. 643).

Quando nele a loucura se instala, sua casa já não é cuidada e apurada como antes. A partir

de então toda a decoração demonstra abandono, similar à saúde mental do protagonista. Ainda assim, Rubião enxerga beleza e brilho em tudo a sua volta.

Já sem prataria, quase sem porcelana nem cristais, ainda assim aparecia aos olhos de Rubião regamente esplêndida. Pobres galinhas magras eram graduadas em faisões; picados triviais, assados de má morte traziam o sabor das mais finas iguarias da Terra. [...] Toda a mais casa, gasta pelo tempo e pela incúria, tapetes desbotados, mobílias truncadas e descompostas, cortinas enxovalhadas, nada tinha o seu atual aspecto, mas outro, lustroso e magnífico (QB, CLVI, p. 775).

Análoga à casa simples de Rubião no fim deste romance, é a decoração da casa de Luís Garcia, de *Iaiá Garcia*. Mas, enquanto a moradia de Rubião está associada à sua pobreza e loucura, a de Luís Garcia é marcada pela modéstia do atencioso pai de Iaiá que usa suas economias para comprar à filha um piano “tão novo e lustroso” que contrasta “[...] com os outros móveis da casa, modestos, usados, encardida a palhinha das cadeiras, roído do tempo e dos pés um velho tapete, contemporâneo ao sofá [...]” (IG, I, p.398). Todo o sacrifício econômico de Luís Garcia é justificado pelo fato de que a peça – que não podia faltar no mobiliário da elite e que já era presente até mesmo nas habitações mais modestas – era considerada indispensável à educação das moças (VAL, 1977, p. 45).

Já a casa em que reside o Padre Melchior (HE), com a ausência de adornos, procura acentuar a simplicidade de um padre, aquele que não preza pelos bens materiais. Padre Melchior vivia numa

[...] casinha, situada no centro de um jardim diminuto, a algumas braças da residência de Estácio. Tinha duas salas o prédio, janelas por todos os lados, uma porta na frente e outra nos fundos. A da frente abria entre duas janelas de venezianas. A sala de visitas era ao mesmo tempo gabinete de estudo e de trabalho. Simples era a mobília, nenhuns adornos, uma estante de jacarandá, com livros grossos in-quarto e in-fólio; uma secretária, duas cadeiras de repouso e pouco mais.

[...] Entre as quatro paredes da casa, limitada a vista pelos arbustos e as flores do jardim, Melchior olvidava o tempo e eliminava o espaço [...] (HE, XVIII, p. 345).

Como também analisa Lins (1976), a casa da tia Maria Rita, de *Policarpo Quaresma*, demonstra quase tudo o que precisamos saber sobre ela (LINS, 1976, p. 132). Tia Maria Rita era “uma preta velha, que morava em Benfca, antiga lavadeira da família Abernaz” (PQ, II, p. 272), a qual Policarpo e Albernaz vão visitar para que ela os ajude a organizar uma festa no estilo típico do Norte. A preta velha deveria ser conhecedora de cantigas e tradições, mas não se lembra de quase nada. A casa parece demonstrar a pobreza da personagem e o confronto do seu universo religioso com imagens diversas que lhes chegam às mãos:

Chegaram à casa da velha. Era baixa, caiada e coberta com as pesadas telhas

portuguesas. Ficava um pouco afastada da estrada. À direita havia um monturo: restos de cozinha, trapos, conchas de mariscos, pedaços de louça caseira — um sambaqui a fazer-se para gáudio de um arqueólogo de futuro remoto; à esquerda, crescia um mamoeiro e bem junto à cerca, no mesmo lado, havia um pé de arruda. Bateram. Uma pretinha moça apareceu na janela aberta.

[...]

A sala era pequena e de telha-vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas acima até dois terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vítor Emanuel com enormes bigodes em desordem; um cromo sentimental de folhinha — uma cabeça de mulher em posição de sonho — parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça (PQ, II, p. 273).

As habitações mais simples estão mais evidentes nos romances de Lima do que em Machado. Machado trata de algumas, mas pouco sobressalientes em seus romances, talvez até mesmo ofuscadas pelas outras diversas descrições das mais refinadas. As presenças das moradias em Lima também não são tantas, mas quando existem, prevalecem as dos mais pobres de forma mais enfática.

Exemplo destas é a casa de Barba-de-Bode (NN), caracterizado como um mulato, pobre, desempregado que trabalha a serviço de alguns políticos. Sua casa parece seguir o padrão da casa unifamiliar dos mais empobrecidos do século XIX. Na sua descrição, é exaltada sua simplicidade, pequenas dimensões e o fato de ter poucos moradores. Enfim, é retratada como uma casa

comum da Cidade Nova, uma pequena casa com a indefectível rótula, janela, duas alcovas, salas, onde moravam ele, a mulher, uma irmã e um filho menor, além de um hóspede, um russo, o Dr. Bogoloff. Não era das mais povoadas, pois outras havia em que se amontoavam no seu estreito âmbito oito e dez pessoas. A mobília era a mais reduzida possível. Na sala principal, havia duas ou três cadeiras de madeira, com espaldar de grades, a sair de quando em quando do encaixe, ficando na mão do desajeitado como um enorme pente; havia também uma cômoda, com o oratório em cima, onde se acotovelavam muitas imagens de santos, e, cá do lado de fora, queimava uma lamparina e secavam em uma velha xícara ramos de arruda. Na sala de jantar, havia uma larga mesa de pinho, um armário com alguma louça, um grande banco e cromos e folhinhas adornavam as paredes (NN, II, p. 452-453).

No mesmo estilo parece ser a “casa modesta, muito pobre de aparência” (NN, IV, p. 465) que Benevenuto e Edgarda utilizam para se encontrar. Nela, moram algumas pessoas para que o verdadeiro motivo da casa seja disfarçado e é retratada como pequena, não tendo “mais que duas salas e dois quartos, dando um destes para a sala de jantar [...] Mas, assim mesmo, a casa bastava para o destino que ela tinha merecido” (NN, IV, p. 465).

Esta casa, tal qual a casa da Gamboa, em *Memórias Póstumas* (ver item 1, capítulo II), tem a simplicidade destacada justamente para disfarçar o seu real motivo de existência. Certamente uma

casa modesta em que mora uma simples senhora não traria dúvidas da castidade que reinaria em seus interiores.

Em Clara dos Anjos, a presença das habitações mais simples fica mais evidente. Exemplo dessas são as casas de Marramaque e de Meneses que foram vistas no Capítulo II (Item 1). Além dessas, outras tantas são descritas neste romance, compondo um panorama rico das habitações típicas do subúrbio.

A casa onde mora Clara, de seu pai Joaquim dos Anjos, demonstra a simplicidade, porém cheia de honestidade da família. Clara é, com certeza, a vítima ingênua do romance, que busca seus direitos ao fim do enredo e termina de forma trágica. Seus pais e a casa que elegem para viver refletem a educação que recebeu:

[...] Vendeu a modesta herança e tratou de adquirir aquela casita nos subúrbios em que ainda morava e era dele. O seu preço fora módico, mas, mesmo assim, o dinheiro da herança não chegara, e pagou o resto em prestações. Agora, porém, e mesmo há vários anos, estava em plena posse do seu buraco, como ele chamava a sua humilde casucha. Era simples. Tinha dois quartos; um que dava para a sala de visitas e outro para a sala de jantar, aquele ficava à direita e este à esquerda de quem entrava nela. À de visitas, seguia-se imediatamente a sala de jantar. Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, onde estavam a cozinha e uma despensa minúscula. Comunicava-se esse puxadito com a sala de jantar por uma porta; e a despensa, à esquerda, apertava o puxado, a jeito de um curto corredor, até à cozinha, que se alargava em toda a largura dele. A porta que o ligava à sala de jantar ficava bem junto daquela, por onde se ia dessa sala para o quintal. Era assim o plano da propriedade de Joaquim dos Anjos (CA, I, p. 638).

No extremo oposto, há a descrição da casa de Cassi Jones, o vilão da história:

Tinha boa aparência a residência da família do Senhor Azevedo; mas quem a observasse com cuidado, concluiria que a parte imponente dela, a parte da cimalha, sacadas gradeadas e compoteiras ao alto, era nova. De fato, quando o pai de Cassi a comprou, a casa era um simples e modesto chalet, mas, com o tempo, e com sua vagarosa, mas segura, prosperidade, pôde ir, também devagar, aumentando o imóvel, dando um aspecto de boa burguesia remediada. Na frente, não era alto; o terreno, porém, inclinava-se rapidamente para os fundos, de forma que, nessa parte, havia um porão razoável, onde, ultimamente, habitava Cassi. O puxado, na traseira da casa, também tinha porão, porém, com maus quartos, que eram ocupados pelas galinhas do filho e por coisas velhas ou sem préstimo, que a família refugava, sem querer pôr fora de todo (CA, X, p. 746).

A casa em que mora Cassi é descrita com um fator que chama atenção: a sua aparência enganosa, que espelha uma prosperidade recente. Embora tenha uma boa aparência, ao se deter em olhá-la com cuidado, é possível perceber que os elementos que chamam atenção são postigos, sobrepostos em uma casa simples. Postigo também é o prestígio social de Cassi no subúrbio, que desaparece quando pisa no centro. Ainda, Cassi mora na parte mais obscura da casa, o porão.

Cassi divide o espaço com animais e com “coisas velhas ou sem préstimo, que a família refugava, sem querer pôr fora de todo”. A simbologia é simples e direta, Cassi parece fazer parte destas coisas que a família não consegue se livrar. Embora o pai de Cassi não tenha uma boa relação com ele, a família o continua amparando, especialmente sua mãe, que ofende Clara no fim do romance.

Um dos poucos personagens em Machado indicado como pobre, mas que tenta se igualar ao seu círculo social de homens mais abastados, era o Major Siqueira, do romance *Quincas Borba*. Sua casa demonstra uma decoração precária e simples, mas marcada pelo trabalho da filha, em limpar e arrumar.

Era em casa do major, não já na Rua Dois de Dezembro, mas na dos Barbonos, modesto sobradinho.

[...] a casa dizia a pobreza da família, poucas cadeiras, uma mesa redonda velha, um canapé gasto; nas paredes duas litografias encaixilhadas em pinho pintado de preto, uma era o retrato do major em 1857, a outra representava o Veronês em Veneza, comprado na Rua do Senhor dos Passos. Mas o trabalho da filha transparecia em tudo; os móveis reluziam de asseio, a mesa tinha um pano de crivo, feito por ela, o canapé uma almofada (QB, CXXX, p. 756).

A partir do mapeamento das habitações presentes nas obras analisadas (ao lado), percebe-se que em Machado as moradias se espalham pela parte ligada ao centro e à orla, o que compunha, no período de seus romances, a parte principal da mancha urbana da cidade. Estas localizações se referem, a bairros aqui citados: Catete, Glória, Laranjeiras e Botafogo, ou às áreas mais periféricas destinadas principalmente às habitações de veraneio, como a Tijuca. Como já apontado, à época de Machado, a área suburbana ainda não estava muito desenvolvida³².

A presença predominante das moradias da elite nos romances machadianos não é sinônimo, entretanto, da pouca relevância da pobreza e das moradias precárias no Rio de meados do XIX, como pode ser visto na literatura sobre a história urbana carioca aqui discorrida. Com a população em crescente aumento já no século XIX, a pobreza urbana se transforma em preocupação das elites, sendo alvo de estudos de médicos, engenheiros, entre outros campos do saber (VALLADARES, 2000, p. 06). Valladares ainda aponta alguns espaços como ocupações que antecedem as favelas (Mangueira, Quinta do Caju e Serra Morena), datados no século XIX (VALLADARES, 2000, p. 07-08). Os cortiços, por sua vez, se proliferavam em torno da área central. Isto é, já nas últimas décadas do fim do século a questão habitacional era importante no Rio. Problemas estes explorados em passagens pontuais por Machado.

³² A constituição dos subúrbios se dará após a instalação da linha férrea (1870) e o seu crescimento populacional intenso associa-se às reformas nas áreas centrais, prioritariamente no início do XX, que deixam muitos dos menos favorecidos com poucas opções de moradia – pelo encarecimento da área central e demolição de muitos prédios – entre as quais as áreas suburbanas, como discutido no início do capítulo anterior.

Mapeamento esquemático dos espaços de habitação presentes nos romances de Machado de Assis.

Produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1913) e Andreatta (2006).

Machado, portanto, em termos espaciais, compreende grande parte do território urbano da cidade do Rio em meados do XIX para alocar os seus personagens, mas socialmente não dá a mesma atenção a todas as classes existentes então na capital. Poucos são os personagens pobres em Machado e as descrições das habitações mais humildes.

Uma outra das poucas presenças das habitações mais pobres nos romances machadianos é a do pai de *Helena* (HE), que vive numa casinha com aspecto envelhecido. Na passagem de Estácio por essa habitação, é perceptível a repugnância do mesmo quanto ao prédio, aos móveis e às condições destes:

O prédio parecia ainda mais velho do que a primeira vez que o vira; a calça das paredes e das colunas ia caindo, e o esqueleto de tijolo estava a nu, em mais de um lugar. Alguma erva mofina brotava a custo junto às paredes, cobrindo com folhas descoloridas o chão desigual e úmido. Por baixo de uma das janelas havia um banco de pau, gretado pelo tempo, com as bordas roliças de longo uso. Tudo ali respirava penúria e senilidade [...]

Estácio pôde então examinar, à pressa, a sala em que se achava. Era pequena e escura. A parede, pintada a cola já de longa data, tinha em si todos os sinais do tempo; primitivamente de uma só cor, a pintura apresentava agora uma variedade triste e desagradável. Aqui o bolor, ali uma greta, acolá o rasgão produzido por um móvel; cada acidente do tempo ou do uso dava àquelas quatro paredes o aspecto de um asilo da desgraça. A mobília era pouca, velha, mesquinha e desigual. Cinco ou seis cadeiras, nem todas sãs, uma mesa redonda, uma cômoda e uma marquesa, um aparador com duas mangas de vidro cobrindo castiçais de latão, sobre a mesa um vaso de louça com flores, e na parede dois pequenos quadros cobertos de escumilha encardida, tais eram as alfaías da sala. Só as flores davam ali um ar de vida. Eram frescas, colhidas de pouco. Atentando nelas, Estácio estremeceu: pareceu-lhe reconhecer uma acácia plantada em sua chácara. Quando a suspeita germina na alma, o menor incidente assume um aspecto decisivo. Estácio sentiu um calafrio (HE, XX/XXI, p. 353-354).

Nota-se que a única parte deste trecho em que algo não é caracterizado de forma negativa – velho, sujo, desordenado – é em relação às flores que estavam na sala, as quais Estácio imagina que sejam justamente as que Helena havia levado ao pai, isto é, provinham de alguma forma, do próprio Estácio.

A descrição das moradias dos personagens machadianos, como se pôde notar nesta e em outras passagens, em sua maioria, funciona como marcadores sociais e parecem avançar na composição da trama, muitas vezes com a função de informar ao leitor, de modo sutil e metaforizado, algo sobre a situação ou personagem, ou mesmo como veículo de crítica a um grupo ou a uma prática social.

Em Lima, a incidência da descrição dos espaços e ambientes internos é menor, principalmente no romance talvez mais marcante sobre o Rio, o *Vida e Morte*. Neste, “o que

vemos são o mar e os morros do Rio, sua arquitetura, os pontos de reunião, nunca as salas e os quartos, encontráveis em outros romances do autor” (LINS, 1976, p. 123). Ainda que Lins indique que em outros romances há presença dos espaços internos, pôde-se ver aqui que, comparativamente à Machado, essa presença é menor. As descrições das habitações em Lima aparecem em sua maioria para nos indicar a posição social dos moradores. Estas indicações acontecem nos bairros que ele mesmo marca como símbolo da elite, como Botafogo, ou no extremo oposto, na simplicidade suburbana.

Essa dualidade pode ser sintetizada no próprio pensamento de Numa (NN) comparando a sua posição social anterior ao doutoramento e presente, já político:

Lembrava-se bem da casa, caiada, meio de telha vã, meio forrada, com um largo quintal, tendo, aqui e ali, uma árvore, um cajueiro e os urubus teimosos misturados com as aves domésticas. E agora? Habitava um palácio, no meio da abundância, ao lado de uma linda mulher bem educada, onde iria... Muito pode a formatura! Se ele não se fizesse doutor, que seria?... (NN, I, p.426).

No mapa relativo às obras de Lima Barreto (ao lado), as áreas de habitação são diminutas. O autor descreve a cidade mais pelas paisagens cariocas e críticas à transformação da cidade (como foi abordado no item anterior) que através da localização das moradias de seus personagens. O Rio que aparece em seus romances é a cidade de longas descrições de paisagens que não necessariamente estão atrelados de forma estrita ao enredo, mas funcionam como momentos de exaltação do narrador, seja para criticar a forma da cidade naquele momento, seja para exaltar as paisagens em tom nostálgico. Desta forma a composição da trama do romance e das características dos personagens não é predominantemente feita pela ambientação dos bairros e descrição das moradias, como ocorre em Machado. As mais fortes ligações entre ambiente e enredo se dão, sobretudo, no romance que tem intensos traços do espaço suburbano, *Clara dos Anjos* (ver Item 1 do capítulo II).

Embora não ocorra em grande quantidade, a habitação em Lima, comparativamente às outras categorias mapeadas aqui, é a categoria mais equilibrada entre centro e subúrbio. Esse equilíbrio evidencia essa dualidade – a atenção de Lima tanto se volta à moradia dos suburbanos, quando para a dos que moram em bairros de elite.

Assim, como já discutido no capítulo anterior, a cidade que Lima descreve é todo o Rio de Janeiro, não só o subúrbio. Suas imagens das áreas suburbanas, quando ocorrem, são bastante marcantes, como se avaliou ao longo do trabalho. Tal constatação não nega, entretanto, que o conjunto de sua obra trata dos diversos espaços do Rio oitocentista.

Figura 10

Mapeamento esquemático dos espaços de habitação presentes nos romances de Lima Barreto.

LEGENDA

--- linhas de bonde

— linhas de trem

morros

áreas verdes

habitações

Fonte

Produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1913) e Andreatta (2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido procurou mostrar a maneira como a cidade é percebida e incorporada na obra literária de dois autores que tratam o Rio de maneiras distintas, mas complementares. A apropriação dos elementos urbanos pelos romances é feita a partir de diferentes formas, entre elas: retratando as características físicas e sociais dos bairros nobres ou suburbanos e seus moradores; descrevendo o centro e suas conexões com a cidade; criticando às carências e contrastes urbanos e a ação da administração pública diante delas; mostrando ao leitor as diferentes classes sociais, os espaços urbanos por elas utilizados e as formas como se apropriam e sentem estes espaços.

Embora pluralizadas através da visão dos seus diversos personagens, tempos e situações, tais marcações se projetam como visões sintetizadas da cidade carioca nos fins do XIX e início do XX, sob duas óticas distintas. Nota-se que, ainda que os temas se entrelacem a todo instante nos dois escritores, o foco sobre a crítica à cidade e à sociedade é adensado em alguns aspectos em cada um deles.

Machado de Assis sintetiza a cidade através, prioritariamente, da descrição da sociedade, principalmente da elite carioca, descrição esta feita a partir da narração de suas práticas, de suas formas de viver e pensar, e, claramente, dos espaços que frequentam. Lima Barreto compõe a cidade nas obras através da clara descrição e crítica denunciativa direta dos problemas urbanos,

mostrando, concomitante a isso, o modo de vida dos diversos personagens-síntese das camadas sociais.

Para a composição destas nuances urbanas nas obras, os autores se apropriam de maneiras de ver e pensá-la. Nesse sentido, como foi colocado no capítulo II (Item 1), a presença da ideia difundida entre médicos, urbanistas e higienistas, principalmente durante o século XIX, do meio como formador do indivíduo - tema recorrente na literatura especializada - aparece com força nos romances analisados. Presente de forma sutil em Machado de Assis, em Lima, a relação entre meio e indivíduo é central em seu romance que se concentra no estudo dos subúrbios e de seus moradores: *Clara dos Anjos*. Em Lima é visível a força da teoria do meio e dos saberes e ideias a ela associados que circulavam na época na construção da trama e dos personagens e no tratamento de suas possibilidades e destinos.

É também necessário sempre lembrar que, intrínseco ao texto, está sua construção. De forma mais enfática no capítulo II (Item 2), mas presente nas análises em todo o trabalho, foi possível ver que, além das ideias vigentes da época, pautam a construção dos textos aspectos ligados a sua própria linguagem. Cada um dos autores utiliza, para construir o texto e, portanto, as descrições dos espaços que nele estão presentes, recursos próprios que variam desde a escolha das palavras, dos verbos e da estrutura das frases, até figuras de linguagem refinadas e diversas marcações que podem ser entendidas nas entrelinhas da leitura. Os autores aqui analisados entendem e inserem a cidade de maneiras múltiplas, ora expostas diretamente pela visão do narrador, ora guiadas pela visão dos personagens em uma determinada situação. Várias cidades emergem das obras destes autores, conforme o lugar que o narrador ou o personagem ocupam nela e a experiência destes com a cidade ao longo de suas trajetórias de vida.

Assim, quando se fala sobre o Rio de Janeiro nos textos literários destes autores, tal presença não pode ser entendida como um retrato inerte da cidade, mas sim como algumas das maneiras de compreender a complexidade urbana e social que dela emerge, sob olhares diversos.

Pôde-se também constatar, em todo o capítulo III, que a colocação comum e dicotômica que foi consagrada pela História da Literatura de que Lima trata dos subúrbios, enquanto Machado discorre sobre o Rio elitista, mostra-se generalizante.

A visão de Lima Barreto como o “ficcionista dos subúrbios” cariocas não se confirma na análise de suas obras e é claramente desautorizada pelos mapas das figuras 6, 8 e 10, que revelam como o centro, os bairros burgueses e os subúrbios populares são contemplados em suas descrições dos comércios, paisagens e moradias do Rio de Janeiro. Há muito de todo o território do Rio de Janeiro em Lima. Mais do que tratar dos subúrbios, interessa a ele investigar as

conexões e desconexões entre os diferentes territórios da cidade, através dos percursos dos personagens, dos usos que fazem da cidade e das sensações neles despertadas pelos diferentes e contrastantes territórios que a compunham.

Em Machado, de fato, as marcações espaciais se limitam, basicamente, às áreas mais centrais, aos bairros habitados pelas elites e a alguns arrabaldes distantes onde estas eventualmente tinham uma segunda residência, tais como Tijuca e Andaraí, conforme mostram os mapas das figuras 7 e 9. Se de um lado, podemos considerar que grande parte da cidade que se desenvolveu na virada do século – inclusive a área suburbana – ainda estava em formação na época que Machado escrevia, de outro, não se pode negar que nesta época um número muito significativo de moradias precárias, sobretudo cortiços, ocupava as vizinhanças do centro e dos bairros nobres. Aguiar, com o bom humor que sua obra apresenta, aponta esta característica em Machado:

saindo da rua, um pouco acima ou abaixo, dava-se com os cortiços dos pobres, mas na maioria dos romances e contos da época, inclusive em Machado de Assis, os personagens saíam de suas boas casas e desembarcavam na Rua do Ouvidor, como se ‘via dolorosa dos maridos pobres’ estivesse localizada não na geografia, mas exatamente onde esses romances e contos a encontravam, no imaginário da cidade. E do país” (AGUIAR, 2002, p. 147).

No entanto, o Rio dos cortiços assinalados por Aguiar, é pouco presente em Machado. A colocação de que Machado trata de todo o Rio de Janeiro, como muito se vê em análises sobre o escritor, parece ser uma visão reducionista do que caracterizaria o Rio de Janeiro oitocentista dentro da literatura.

À Machado, parece interessar mais a maneira como se comporta a elite que estava se formando no Rio oitocentista, fruto de uma cidade em crescimento que buscava ser cosmopolita e se equiparar à Europa. A cidade machadiana, extremamente presente, se comporta, portanto, como um elemento de alta importância para descrição, caracterização e ambientação de toda a narrativa, principalmente das pessoas que as habitavam. Sem a forte presença do Rio do XIX escorando seus romances, a narrativa poderia se perder, talvez nem fosse passível existir como é. Não só o elemento urbano, mas toda ambientação (social, cultural, política) do Rio de Janeiro do final do século XIX, é importante para tudo aquilo que parece ser o seu projeto literário: a crítica à sociedade carioca e ao que ele entendia ser o Brasil, entendido de seu viés carioca.

Em Lima, a crítica é muito mais direta à própria cidade tanto quanto à sociedade. Lima Barreto parece se indignar com a forma que o Rio tomou no início do XX, e suas críticas são, muitas vezes, diretas ao elemento urbano, físico e àqueles que seriam os principais responsáveis por esta formação: os envolvidos à administração pública em geral e os representantes dos

interesses do capital. Os personagens, as passagens barretianas e todo seu enredo parecem se comportar como elementos de denúncia de todo um emaranhado complexo de interesses e preconceitos que se reproduzem em diferentes níveis sociais e territórios urbanos. A cidade, formada pelos elementos físicos, visíveis, palpáveis, se coloca quase como expressão máxima neste contexto, como uma denúncia direta dessa sociedade da República Velha. A crítica barretiana não deixa de se aproximar à de Machado do ponto de vista do confronto entre realidade e aspiração, mas a cidade ocupa um lugar mais central nesta crítica em Lima que em Machado.

Em ambos os autores, entretanto, muito da cidade do Rio de Janeiro oitocentista e da Primeira República é amplamente retratado em seus diversos aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos que, juntos, tratam de mostrar ao leitor como se estruturava a cidade carioca neste período de efervescência urbana. O que torna os romances algo mais que um simples relato descritivo desta cidade é que, tanto Machado quanto Lima, procuram não só retratá-la com suas transformações urbanas e habitacionais, mas compreendê-la. Para isso, lançam mão de diversos aspectos e tratam das várias problemáticas que podem ser associadas ao ambiente urbano.

Com uma visão sensível a estes diversos aspectos intrínsecos ao meio urbano e que se entrelaçam à construção e transformação da cidade, os romances de Machado e Lima se colocam como exemplares estudos, contribuindo para ampliar a visão da historiografia sobre o Rio de Janeiro neste período. Não só estas obras, mas a Literatura, de maneira geral, se mostra uma excelente fonte de pesquisa para entender as nuances da cidade que nem sempre se configuram como ponto central nas buscas objetivas da historiografia sobre Arquitetura e Urbanismo.

Por outro lado, o recurso a métodos de estudo da arquitetura e do urbanismo - o olhar atento ao espaço e o recurso à transposição das marcações espaciais dos romances para mapas – revelou a inconsistência da noção consagrada pela História da Literatura de Lima Barreto como um “ficcionalista dos subúrbios”, mostrando que, muito mais que isto, sua atenção se estendeu aos diferentes recantos de uma cidade, cuja configuração social e espacial acentuava desníveis e uma complexidade que a sociedade e os governantes pareciam incapazes enxergar e tratar de forma adequada.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Da habitação ao hábitat - a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n° 10, p.210-234, mai-ago de 2003.
- ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 3 ed. Rio de Janeiro, IPLANRIO, 1988.
- ABREU, Maurício de Almeida. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão das favelas no Rio de Janeiro. **Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos**, Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos – NERU, São Paulo, v.14, n° 37, p. 34-46, 1994.
- AGUIAR, Luiz Antonio. **Almanaque Machado de Assis: vida, obra, curiosidades e**
- ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: NOVAIS, F. **História da Vida Privada no Brasil**, V.1 São Paulo, Cia das Letras, 1997.
- ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e Vida Doméstica in: **História da Vida Privada no Brasil**, V.1 São Paulo, Cia das Letras, 1997.
- ANDREATTA, Verena. **Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2006.
- ARISTOTELES, HORÁRIO, LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- ARTUR COSTA, Luis; FONSECA, Tânia Mara Gali. A construção da civilidade: Urbanismo, arquitetura e loucura na Porto Alegre de fins do século XIX e início do XX. **Arquitextos**. São Paulo, 09.101, Vitruvius, oct 2008
<<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.101/105>>
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- BARCELLOS, Frederico Roza. Espaço, Lugar e Literatura: o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. **Espaço E Cultura**, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n°. 25, p. 41-52, janeiro./junho de 2009.
- BEGUIN, François. As Máquinas Inglesas do Conforto. **Espaços & Debates**. São Paulo, N.34: 39-54, 1991.
- BELCHIOR, Pedro. **Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto**. 2011. 188 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann Tropical - A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, divisão de Editoração, 1992.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRUAND Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Perspectiva, São Paulo, 1981.

bruxarias literárias. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CALDWELL, Hellen. **O Otelô Brasileiro de Machado de Assis**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CALLADO, Antonio. Mesa-Redonda (reprodução do debate). In: BOSI, Alfredo e outros. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982, p. 318-319.

CANDIDO, Antonio & CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira**: história e antologia, das origens ao Realismo. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

CARRIER, Aline (concepção). **Rio de Assis**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. **A paisagem desenhada**: o Rio de Pereira Passos. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1994.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. **O Rio de Janeiro de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1989.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis**: Historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido**: cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2003.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CLEMENTE, Ana Tereza. **Machado de Assis**. São Paulo: Globo, 2007.

COARACY, Vivaldo. **Memórias da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955

CORREIA, Telma de Barros. **A Construção do habitat Moderno no Brasil, 1870-1950**. São Carlos, RIMA. Cap. 1 e 2. pp. 3-45.

COUTINHO, Afrânio (org.) **Machado de Assis**: Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Um mulato no reino de Jambom**: as classes sociais na obra de Lima Barreto. São Paulo: Cortez, 1981.

CZAJKOWSKI, Jorge. **Do cosmógrafo ao satélite**: mapas da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. 6 ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1975.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática, 1994.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

ERMAKOFF, George. **Rio de Janeiro 1840-1900 - Uma crônica fotográfica**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2006.

EWBANK, Thomas. **Vida no Brasil**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1976.

FACIOLI, Valentim. **Um Defunto Estrambótico**: Análise e Interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Nankin – Edusp, 2008.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio, **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1991.

FREITAS, Celi Silva Gomes de. **Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central**: a dupla exterioridade de Lima Barreto. 2002. 143f. Dissertação (Mestrado em História Política). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**. 8. ed. Rio de Janeiro, Record, 1991.

GANCHÓ, Candida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 1999.

GERSON, Brasil. **História das Ruas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.

GLEDON, John. Machado de Assis e o Rio de Janeiro em vários tempos. In: GLEDON, John. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GLEDSON, John. **Machado de Assis**: Ficção e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GUIMARÃES, H.S. & SACCHETTA, V. (orgs.) **A olhos vistos**: uma iconografia de Machado de Assis. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008.

KESSEL, Carlos. **A Vitrine e o Espelho**: O Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEME, M. Cristina da Silva (organizadora). **Urbanismo no Brasil**. Studio Nobel, São Paulo, 1999.

LEMOS, Carlos. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

- LINS, Osman. **Lima Barreto e o Espaço Romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.
- LOWE, Elizabeth. **The city in Brazilian literature**. East Brunswick: Associated University Presses, Inc, 1982.
- MARQUES, Eduardo Cesar. Da higiene à construção da cidade: o Estado e o Saneamento no Rio de Janeiro. **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**, II: 51-67, Jul-Oct, 1995.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 2 ed. São Paulo, 1997.
- MAUAD, Ana Maria. Imagem e Auto-Imagem do Segundo Reinado. In: NOVAIS, F. **História da Vida Privada no Brasil**, V.1 São Paulo, Cia das Letras, 1997.
- MOISES, Massaud. **A Análise Literária**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MOISES, Massaud. **História da literatura brasileira**. Vol III, Realismo. São Paulo: Cultrix, 1984.
- MOISES, Massaud. **História da literatura brasileira**. Vol IV, Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em obras romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- MORETTI, F. **Atlas do Romance Europeu 1800-1900**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- NORONHA, Carlos Alberto Machado. Lima Barreto e a “reconstrução” da cidade do Rio de Janeiro: uma análise histórica do romance Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional De História** – ANPUH. São Paulo, 2011.
- PEREIRA, Lucia Miguel. **Machado de Assis**: estudo crítico e biográfico. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 1999.
- RABHA, Nina M, M. C. Elias, (coord), MURICY, C., HOUAISS, E., REGO, H. A., ARAÚJO, R. L., OLIVEIRA, S. M. Q. – Grupo Executivo de Estudos dos Planos Urbanos (Decreto 26.643/2006). **Planos Urbanos**, Rio de Janeiro, o Século XIX. Rio de Janeiro: IPP, 2008.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- REIS, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil**. São Paulo, Liv Pioneira Ed/EDUSP, 1968.
- RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: Editora. UFRJ; Editora Unicamp, 1993.
- RODRIGUES, Henrique. **Machado de Assis**: o Rio de Janeiro de seus personagens. Rio de Janeiro, Pinakothke, 2008.
- SANTOS, Afonso Carlos Marques(org). **O Rio de Janeiro de Lima Barreto**. Rio de Janeiro, RIOARTE, 1983.

SANTOS, Afonso Carlos Marques. Do Livramento ao Cosme Velho: O Rio de Machado de Assis. **Ipotesi**: Revista de Estudos Literários, Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, vol. 2, nº 3, p. 9- 29, julho/dezembro de 1998.

SANTOS, Noronha F. A. **As freguesias do Rio Antigo**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1905.

SANTOS, Paulo F. **Quatro Séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro, IAB, 1981.

SCHWARZ, Roberto. **Um Mestre na Periferia do Capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina: mentes inanas em corpos rebeldes**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Adriana Carvalho. A Leitura Urbana de Lima Barreto em Clara dos Anjos. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, nº 25, p. 7-16, jan/jun de 2009.

SILVA, Alessandro Castro. **Relíquias da Casa Velha**: Uma leitura do Rio de Janeiro e do Brasil do século XIX e início do XX através do olhar do escritor e do funcionário público Machado de Assis. 2005. 198 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura Brasileira). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SILVA, H. Pereira. **Lima Barreto: escritor maldito**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

TÁTI, Miécio. **O Mundo de Machado de Assis: o Rio de Janeiro na obra de Machado de Assis**. São Paulo: São José, 1961.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Imagens Urbanas da Cena Escrita: Machado e Assis e Lima Barreto: um Rio De Janeiro escrito a quatro mãos. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais, vol. 5, nº 1, janeiro/março de 2008.

TRIGO, Luciano. **O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VAL, Valdir Ribeiro do. **Geografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: São José, 1977.

VALLADARES, Lícia. A GÊNESE DA FAVELA CARIOCA: A produção anterior às ciências sociais. **RBCS**, Vol. 15, nº 44 outubro/2000.

VASCONSELOS, Eliane (org.) **Lima Barreto**: Prosa seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

VILLAÇA, Flávio. **O espaço intra-urbano brasileiro**. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP / Lincoln Institute, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **Brás Cubas autor Machado de Assis Leitor**. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2012.

APÊNDICE

A. Tabelas de sistematização das referências nas obras analisadas

MACHADO DE ASSIS

A Mão e a Luva

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Botafogo	Onde morava Luís Alves, sem sua mãe, que faleceu,	II; XI	206; 238
	Casa da baronesa e de Guiomar	IV; XI; XIII; XVIII	214; 239; 247; 266
Caju	Estêvão viu um enterro a caminho do cemitério dos Cajus	XI	239
Campo da Aclamação	Sobre as lutas lá travadas	II	204
Cassino	Sobre a abertura de seus salões para o lazer da corte	II	204
Clube	Sobre a abertura de seus salões para o lazer da corte	II	204
Congresso	Sobre a abertura de seus salões para o lazer da corte	II	204
Ginásio	Estêvão vê Guiomar lá uma vez, numa peça	VI; VI; VII	219; 219; 219
	Dois homens comentavam sobre a última peça na casa da baronesa	XII	243
Lírico (Teatro)	Estêvão vê Guiomar lá uma vez, numa peça	VI; VI	219; 219
Praia de Botafogo	Casa de Luis Alves ficava quase no fim da praia	II	206
Rua da Constituição (Rua dos Ciganos)	Casa de Luís Alves	I	199
Rua do Ouvidor	Comentários sobre teatro lá ocorriam	XI	238
	Pensamentos de Mrs. Oswald sobre algum homem que se apaixonasse por Guiomar	XIV	250
Rua dos Inválidos	Onde se localizava o colégio em que Guiomar estudava	I; II	200; 204
São Francisco (Igreja ?)	Família de Guiomar sai do Ginásio descendo pela escada ao lado de São Francisco	VI	219

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
África	Comentários sobre os teatros na Rua do Ouvidor	XI	238
Cabo das Tormentas	Metáfora sobre disciplinas	II	205
Cantagalo	Fazenda de amigo da baronesa, para onde ela iria passar um tempo na roça	XII; XII; XIII; XIV; XIV	242; 244; 245; 248; 250
Endiburgo	Referência ao romance que Mrs. Oswald lia	IX	231
Europa	Luís Alves fala de ir viajar a passeio para lá	VI	219
Índia	Metáfora sobre disciplinas	II	205
Inglaterra	Exclamação de Mrs. Oswald	IV; XVII; XVII	214; 261; 261
Norte	Notícias de lá viriam sobre a candidatura de Luís Alves	XI; XV	240; 252;
Paris	Referência ao romance que Guiomar lia para a baronesa	IX	231
São Paulo	Estêvão e Luís Alves estudavam direito em São Paulo	I; I; I; II; III;	200; 202; 203; 204; 210
Tróia	Citação no pensamento e reflexão do autor	II	204
Vassouras	Luís Alves lá esteve	II	206

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
H A B I T A Ç Õ E S	Casa de Luís Alves (quando morava com sua mãe)		
	Eram nove horas da noite; Luís Alves recolhia-se para casa, justamente na ocasião em que Estêvão o ia procurar; encontraram-se à porta. [...]	I	
	[...] Vamos nós com eles, escada acima, até a sala de visitas, onde Luís foi beijar a mão da sua mãe.		
	[...] Dalí foram os dois para o quarto, que era uma vasta sala, com três camas, cadeiras de todos os feitios, duas estantes com livros e uma secretária, — vindo a ser ao mesmo tempo, alcova e gabinete de estudo.	I	
	Casa de Luís Alves (morando sozinho)		
E	A casa de Luís Alves ficava quase no fim da praia de Botafogo, tendo ao lado direito outra casa, muito maior e de aparência rica.[...]	II	
	O jardim ficava nos fundos da casa; era separado da chácara vizinha por uma cerca. Relanceando os olhos pela chácara, viu Estêvão que era plantada com esmero e arte, assaz vasta, recortada por muitas ruas curvas e duas grandes ruas retas. Uma destas começava das escadas de pedra da	II	

C I D A D E	casa e ia até o fim da chácara; a outra ia da cerca de Luís Alves até à extremidade oposta, cortando a primeira no centro. Do lugar em que ficava Estevão só a segunda rua podia ser vista de ponta a ponta.		
	Casa da baronesa		
	Foram as três andando, subiram a escada e entraram na sala de jantar, que era vasta, com seis janelas para a chácara. Dali seguiram para uma saleta, onde a baronesa sentou-se na sua poltrona, a esperar a hora do almoço.	IV	
	Guiomar chegou daí a pouco e achou-os na saleta de trabalho, eufemismo elegante, que queria dizer literalmente — saleta de conversação entremeada de crochet.[...]	IX	
	Casa da Guiomar na infância		
	A casa em que moravam era naturalmente modesta.[...]	V	
	A primeira vez que esta gravidade da menina se lhe tornou mais patente foi uma tarde, em que ela estivera a brincar no quintal da casa. O muro do fundo tinha uma larga fenda, por onde se via parte da chácara pertencente a uma casa da vizinhança. A fenda era recente; [...]	V	
	Quarto de Guiomar		
	Na alcova, se ele pudesse vê-la mais tarde na alcova, solitária e toda consigo, sentada na poltrona rasa ao lado da cama, com os cabelos desfeitos, os pezinhos metidos nas chinelas de cetim preto, as mãos no regaço e os olhos vagando de objeto em objeto [...]	IX	
	Cidade		
	Ao voltar para casa, uma criança que brincava na rua, em camisa, com os pés na água barrenta da sarjeta, fê-lo parar alguns instantes, invejoso daquela boa fortuna da infância, que ri com os pés no charco.[...] (Estevão voltando para a casa por onde passou próximo ao caminho para Cajus)	XI	
	— Quatro meses não é a eternidade, mas Cantagalo, para uma carioca da gema, há de ser um degredo, ou quase...[...]	XIII	
	O argumento que mais influía no ânimo de todos, o que devera ter afastado a idéia de semelhante viagem, era o perigo de afrontar o cólera-morbo que por aquele tempo percorria alguns pontos do interior. Um dia de manhã soube-se que em Cantagalo havia aparecido o terrível inimigo.[...]	XIV	
P E R S O N A G E N S	O casamento efetuou-se, no dia marcado com as solenidades do estilo. A manhã daquele dia trajava um manto de neblina cerrada, que o nosso inverno lhe pôs aos ombros, como para resguardá-la do rigor benigno da temperatura, manto que ela sacudiu dali a nada, a fim de se mostrar qual era, uma deliciosa e fresca manhã fluminense. Não tardou que o sol batesse de chapa nas águas tranqüilas e azuis, e nessas colinas onde o verde natural ia alternando com a alvura das habitações humanas. Vento nenhum; apenas uma aragem, branda e fresca, que parecia o último respirar da noite já remota, e que só a trechos agitava as folhas do arvoredor.		
	Estevão e Luís Alves		
	Cursavam estes dois moços a academia de São Paulo, estando Luís Alves no quarto ano e Estevão no terceiro. Conheceram-se na academia, e ficaram amigos íntimos, tanto quanto podiam sê-lo dois espíritos diferentes, ou talvez por isso mesmo que o eram. Estevão, dotado de extrema sensibilidade, e não menor fraqueza de ânimo, afetuoso e bom, não daquela bondade varonil, que é apanágio de uma alma forte, mas dessa outra bondade mole e de cera, que vai à mercê de todas as circunstâncias, tinha, além de tudo isso, o infortúnio de trazer ainda sobre o nariz os óculos cor-de-rosa de suas virginais ilusões. Luís Alves via bem com os olhos da cara. Não era mau rapaz, mas tinha o seu grão de egoísmo, e se não era incapaz de afeição, sabia regê-las, moderá-las, e sobretudo guiá-las ao seu próprio interesse. Entre estes dois homens travara-se amizade íntima, nascida para um na simpatia, para outro no costume. Eram eles os naturais confidentes um do outro, com a diferença que Luís Alves dava menos do que recebia, e, ainda assim, nem tudo o que dava exprimia grande confiança.	I	
	Guiomar		
	A namorada de Estevão, — é tempo de dizer alguma coisa dela, — era uma moça de 17 anos, e, por ora, simples aluna-professora no colégio de uma tia do nosso estudante, à Rua dos Inválidos.[...]	I	
	O penteado era um capricho seu, expressamente inventado para realçar a um tempo a abundância dos cabelos e a senhoril beleza da testa. As pontas bordadas de um colarinho de cambraia dobravam-se faceiramente sobre o azul do vestido de glacé, talhado e ornado com uma simplicidade artística.	IV	
	Guiomar tivera humilde nascimento; era filha de um empregado subalterno não sei de que repartição do Estado, homem probo, que morreu quando ela contava apenas sete anos, legando à viúva o cuidado de a educar e manter.	V	
	Estevão		
	Posto fizesse boa figura na academia, mais prezava do que amava a ciência do direito. Suas preferências intelectuais dividiam-se, ou antes abrangiam a política e a literatura, e ainda assim, a política só lhe acenava com o que podia haver literário nela. Tinha leitura de uma e outra coisa, mas leitura	II	

R E N D A S	veloz e à flor das páginas. Estevão não compreenderia nunca este axioma de lorde Macaulay — que mais aproveita digerir uma lauda que devorar um volume. Não digerira nada; e daí vinha o seu nenhum apego às ciências que estudara. Venceu a repugnância por amor-próprio; mas, uma vez dobrado o Cabo das Tormentas disciplinares, deixou a outros o cuidado de aproar à Índia.		
	Mrs. Oswald		
	Interrompeu-as uma mulher de quarenta e quatro a quarenta e cinco anos, alta e magra, cabelo entre louro e branco, olhos azuis, asseadamente vestida, a Sra. Oswald, — ou mais britanicamente, Mrs. Oswald, — dama de companhia da baronesa, desde alguns anos. Mrs. Oswald conhecera a baronesa em 1846; viúva e sem família, aceitou as propostas que esta lhe fez. Era mulher inteligente e sagaz, dotada de boa índole e serviçal. Antes da ida de Guiomar para a companhia da madrinha, era Mrs. Oswald a alma da casa; a presença de Guiomar, que a baronesa amava extremosamente, alterou um pouco a situação.	IV	
	Baronesa		
	Era ela uma senhora de cinqüenta anos, refeita, vestida com esse alinho e esmero da velhice, que é um resto da elegância da mocidade. Os cabelos, cor de prata fosca, emolduravam-lhe o rosto sereno, algum tanto arrugado, não por desgostos, que os não tivera, mas pelos anos. Os olhos luziam de muita vida, e eram a parte mais juvenil do rosto. Tendo casado cedo, coube-lhe a boa fortuna de ser igualmente feliz desde o dia do noivado até o da viuvez. A viuvez custara-lhe muito; mas já lá iam alguns anos, e da crua cor que tivera ficara-lhe agora a consolação da saudade.	IV	
	Jorge		
	Era um rapaz de vinte e cinco a vinte seis anos. Jorge chamava-se ele; não era feio, mas a arte estragava um pouco a obra da natureza. O muito mimo empeceia planta, disse o poeta, e essa máxima não é só aplicável à poesia, mas também ao homem. Jorge tinha um lindo bigode castanho, untado e retesado com excessivo esmero. Os olhos, claros e vivos, seriam mais belos, se ele não os movesse com afetação, às vezes feminina. O mesmo direi dos modos, que seriam fáceis e naturais, se os não tornasse tão alinhados e medidos. As palavras saíam-lhe lentas e contadas, como a fazer sentir toda a munificência do autor. Não as proferia como as demais pessoas; cada sílaba era por assim dizer espremida, sendo fácil ver ao cabo de alguns minutos, que ele fazia consistir toda a beleza da elocução nesse alongar do vocábulo. As idéias orçavam pelo modo de as exprimir; eram chochas por dentro, mas traziam uma côdea de gravidade pesadona, que dava vontade de ir espiarescer o ouvido em coisas leves e folgazãs.	VII	
R E N D A S	Estevão		
	Por agora militava nas fileiras do lagruísmo, com ardor, dedicação e fidelidade de bom apóstolo. Não era abastado para pagar o luxo de uma opinião lírica; nascera pobre e não tinha parente em boa posição. Alguns poucos recursos possuía, provenientes do seu ofício de advogado, que exercia com o amigo Luís Alves.	II	
	Guiomar		
	— Não há, repetiu Guiomar. Não duvido, nem posso negar o amor que a senhora me tem; mas a cada qual cabe uma obrigação, que se deve cumprir. A minha é... é ganhar o pão. Estas últimas palavras passaram-lhe pelos lábios como que à força. O rubor subiu-lhe às faces; dissera-se que a alma cobria o rosto de vergonha.	V	
	[...] Criança, iam-lhe os olhos com as sedas e as jóias das mulheres que via na chácara contígua ao pobre quintal de sua mãe; moça, iam-lhe do mesmo modo com o espetáculo brilhante das grandezas sociais. Ela queria um homem que, ao pé de um coração juvenil e capaz de amar, sentisse dentro em si a força bastante para subi-la aonde a vissem todos os olhos. Voluntariamente, só uma vez aceitara a obscuridade e a mediania; foi quando se propôs a seguir o ofício de ensinar; mas é preciso dizer que ela contava com a ternura da baronesa.	XIII	
	Jorge		
	Tais eram os defeitos aparentes de Jorge. Outros havia, e desses, o maior era um pecado mortal, o sétimo. O nome que lhe deixara o pai, e a influência da tia podiam servir-lhe nas mãos para fazer carreira em alguma coisa pública; ele, porém, preferia vegetar à toa, vivendo do pecúlio que dos pais herdara e das esperanças que tinha na afeição da baronesa. Não se lhe conhecia outra ocupação.	VII	
R E N D A S	[...] O sacrifício da parte dele era compensado pela probabilidade da vitória, a qual não consistia só em haver por esposa uma moça bela e querida, mas ainda em tornar muito mais sumárias as partilhas do que a baronesa deixaria por sua morte a ambos. Esta consideração, que não era a principal, tinha ainda assim seu peso no espírito de Jorge, e, sejamos justos, devia tê-lo: possuir era o seu único ofício. Assim era que não só a moça deixava de obter um bem, mas caía de um mal em outro maior; tê-lo ao pé de si, onde	XIV	

	as distrações seriam menos prontas e variadas, equivalia a adoecer de fastio e morrer de inanição. (Sobre a viagem a Cantagalo)		
R E L I G I Ã O	<i>Não há referências religiosas relevantes no romance</i>	-	
T R A N S P O R T E S	[...] Dava o braço à baronesa um moço de vinte e cinco anos, figura elegante, ainda que um tanto afetada. Desceram todos três e ficaram à espera do carro alguns minutos.[...]	VI	
	Ao meio-dia meteu-se Guiomar no carro, com Mrs. Oswald, e saíram a uma visita.[...]	IX	
	[...] Guiomar lia, para a madrinha ouvir, um romance francês, recentemente publicado em Paris e trazido pelo último paquete.[...]	IX	
	Escreveu rapidamente duas linhas de resposta, e à uma hora da tarde apeava-se de um tálburi à porta da funesta e deliciosa casa [...]	XI	
	[...] Ia ele a refletir nisto e a aproximar-se da porta, onde parava ao mesmo tempo um carro. Estevão estremeceu naturalmente, antes de ver quem ia apear-se; grudou-se ao portal, com os olhos fitos na portinhola, que um laçao abria apressadamente. A primeira figura que desceu foi a nossa conhecida Mrs. Oswald, que o fez, sem dar tempo a que Estevão lhe oferecesse a mão. O bacharel, desde que a viu, aproximara-se rapidamente da portinhola.	XI	
	[...] Meia-noite estava a pingar; uma pessoa descia de um tálburi e batia-lhe à porta. (Estevão chegava a casa de Jorge)	XVI	
	Mas só lhe respondeu o rumor dos pés que desciam, e pouco depois o do tálburi que rolava surdamente na terra úmida da praia.	XVI	
	Lazer, passeio e costumes		
	A Corte divertia-se, apesar dos recentes estragos do cólera —; bailava-se, cantava-se, passeava-se, ia-se ao teatro. O Cassino abria os seus salões, como os abria o Clube, como os abria o Congresso, todos três fluminenses no nome e na alma. Eram os tempos homéricos do teatro lírico, a quadra memorável daquelas lutas e rivalidades renovadas em cada semestre, talvez por um excesso de ardor e entusiasmo, que o tempo diminuiu, ou transferiu, — Deus lhe perdoe, — a coisas de menor tomo.[...]	II	
	Nem por isso deixou Estevão de ir esperá-la à saída, colocar-se francamente no seu caminho, solicitar-lhe audazmente os olhos e atenção. A família desceu da 2ª ordem pela escada do lado de São Francisco; a estreiteza do lugar era excelente. Dava o braço à baronesa um moço de vinte e cinco anos, figura elegante, ainda que um tanto afetada. Desceram todos três e ficaram à espera do carro alguns minutos. Na meia sombra que ali havia destacava-se o rosto marmóreo de Guiomar e a gentileza de seu talhe. Seus grandes olhos vagavam pela multidão, mas não fitavam ninguém. Ela possuía, como nenhuma outra, a arte de gozar, sem as ver, as homenagens da admiração pública.	VI	
E S C R A V I D Ã O	De noite foi à casa da tia. Achou as senhoras à volta de uma mesa; Guiomar lia, para a madrinha ouvir, um romance francês, recentemente publicado em Paris e trazido pelo último paquete. Mrs. Oswald lia também, mas para si, um grosso volume de Sir Walter Scott, edição Constable, de Edimburgo.	IX	
	<i>Não há referências sobre a escravidão relevantes no romance</i>	-	
P O L Í T I C A	[...] A preocupação de Luís Alves por aqueles dias era a candidatura eleitoral; a boa nova devia chegar-lhe na primeira mala do Norte. Ora, em boa razão, um homem que está prestes a ser inscrito nas tábuas do parlamento, não pode cogitar muito dos amores de um rapaz, ainda que o rapaz seja amigo e os amores verdadeiros.	XI	
	No quarto dia recebeu um bilhete da baronesa que o cumprimentava pela eleição. A mala do Norte chegara, e com ela a notícia da vitória eleitoral. Estava Luís Alves deputado; ia enfim dar a sua demão no fabrico das leis. Estevão foi o primeiro que o felicitou; era o antigo companheiro dos bancos da academia; tanto ou mais do que os outros devia aplaudir aquela boa fortuna.[...]	XV	

Helena

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Aljube	Cita o Aljube, sobre a carreira de deputado de Estácio	VII	301
	Salvador fala que ou ficava com Helena, ou ia para o Aljube	XXV	376
Andaraí	Bairro do conselheiro Vale	I; I; II; VIII; VIII; X; XIV; XIV; XIV; XV; XVI; XVII; XVII; XIX; XXI; XXIV; XXVIII	273; 276; 281; 305; 305; 315; 327; 328; 330; 333; 335; 340; 341; 350; 357; 368; 388
	Onde nasceu e morava Padre-mestre Melchior	IV	287
	Casa de Dr. Matos e do Coronel Macedo	IV	287
Botafogo	Onde havia o colégio onde estudava Helena	II; XXVI	276; 377
Cadeia Velha	A Câmara, a qual Camargo cita para falar para Estácio ser deputado	VII	301
Câmara	Sobre a carreira política de Estácio	VII; VII	301; 302
Cidade Nova	Salvador fica lá numa estalagem alugada	XXV	375
Estrada de Andaraí	Por onde passeavam Helena e Estácio	XI	316
Pão de Açúcar	Citação sobre Camargo ir para Europa (conhecer além do Pão de Açúcar)	XII	320
Passeio Público	Helena e sua mãe haviam ido lá	XXVI; XXVI	378; 378
Rio Comprido	Onde morava Camargo	I; II; VI; VIII; VIII; IX; X; XIII; XIV; XXVIII	275; 281; 293; 305; 308; 311; 315; 324; 329; 389
Rua do Ouvidor	Citação de Estácio sobre esta estar longe de Cantagalo – na fazenda	XV	332
São Cristóvão	Ângela, mãe de Helena, se mudara para lá	XXV; XXV; XXV	374; 374; 376
Tijuca	Por onde Helena e Estácio passeavam à cavalo	VI	297
	Camargo ia lá ver dois doentes	VII	304

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
Ásia	Reflexões do padre sobre as religiões	XXIII	363
Cabo da Boa Esperança	Divagações de Camargo sobre a carreira de Estácio	VII	302
Cabo Tormentório	Divagações de Camargo sobre a carreira de Estácio	VII	302
Café Tortoni	Vida parisiense de Mendonça	X	313
China	Divagações de Camargo sobre a carreira de Estácio	VII	301
Cantagalo	Fazenda da madrinha de Eugênia	V; XIV; XVII; XVII; XX	289; 329; 341; 341; 352
Europa	Luís Mendonça, amigo de Estácio, havia morado lá	VI; VI; VI; VI; X	292; 292; 292; 292; 315
	Camargo pensa em ir para lá	XII	320
Grand Boulevard	Vida parisiense de Mendonça	X	313
Ilha da Barra	Referência ao romance que D. Úrsula lia	III	282
Mato Grosso	Divagações de Camargo sobre a carreira de Estácio	VII	301
Minas	O Conselheiro diz que Helena é filha órfã de um amigo de Minas	XXVI	377
Montevideu	Onde foram morar os pais de Helena por um tempo	XXV	372
Niterói	Divagações de Camargo sobre a carreira de Estácio	VII	301
	Divagações de Camargo sobre o casamento de Estácio e Eugênia	XII	320
Paris	Mendonça lá viveu quando foi à Europa	X	
	Comparação com o Rio	X	315
Pernambuco	Luís Mendonça, amigo de Estácio, morava lá	VI; VI	292; 292
Rio Grande do Sul	De onde era o avô de Helena, um lavrador	XXV; XXV; XXV; XXV; XXVI	372; 373; 374; 375; 378
Roma	Citações sobre a viagem de Mendonça	X	313
Rubicon	Divagações sobre o casamento de Eugênia	XIII	326
São Paulo	Filho do Coronel Macedo estudava lá	IV	288
Suíça	Citações sobre a viagem de Mendonça	X	313
Vaudeville	Vida parisiense de Mendonça	X	313

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
H A B I	Casa de D. Úrsula (Conselheiro Vale)		
	Ouviru-se descer a escada um passo rápido, e não tardou que Helena aparecesse à porta da sala de jantar. Estácio estava então encostado à janela que ficava em frente da porta e dava para a extensa varanda, donde	III	

T A Ç O E S E C I D A D E	se viam os fundos da chácara.[...]		
	[...] Melchior era capelão em casa do conselheiro, que mandara construir alguns anos antes uma capelinha na chácara, onde muita gente da vizinhança ouvia missa aos domingos.[...]	IV	
	[...] O portador saiu para o Rio Comprido, e ele desceu ao terreiro que ficava nos fundos da casa, ao pé do qual estava situada a cavalariça. Naquele lado da casa corria a varanda antiga, onde a família costumava às vezes tomar café ou conversar nas noites de luar, que ali penetrava pelas largas janelas. Do meio da varanda descia uma escada de pedra que ia ter ao terreiro.	VI	
	Apear-se os dois no terreiro e dirigiram-se para a escada que ia ter à varanda. Pisando o primeiro degrau [...]	VII	
	[...] Subiram a escada, atravessaram a varanda e entraram na sala de jantar, onde acharam Dona Úrsula dando as ordens daquele dia a dois escravos.[...]	VII	
	[...] Estácio abriu uma das janelas do quarto e relanceou os olhos pela chácara. A alguns passos de distância, entre duas laranjeiras, viu Helena a ler atentamente um papel. [...]	VIII	
	Fazendo esta última reflexão, Estácio sacudiu do espírito o assunto e seguiu a examinar as novas obras da chácara, entre as quais figurava um vasto tanque. Já ali estavam os operários; ia começar o trabalho do dia. [...]	VIII	
	No dia em que ela pôde sair do quarto pela primeira vez, Helena deu-lhe o braço e levou-a até à sala de costura e das reuniões íntimas. [...]	IX	
	Os dois estavam na sala de jantar; passaram à varanda, e viram efetivamente entrar no terreiro Helena e o pajem. Helena deu um salto e entregou a rédea de Moema ao pajem que acabava de apear-se. Depois subiu a escada da varanda. Ao colocar o pé no primeiro degrau, deu com os olhos no irmão e na tia. [...]	IX	
	[...] De tarde, acabado o jantar, Estácio desceu à chácara.[...]	IX	
	[...] Helena, tão cansada como D.Úrsula, retira-se por alguns instantes para a sala contígua à principal; [...]	XII	
	[...] interrompeu Helena sentando-se na borda da rede em que Estácio costumava ler.[...]	XIII	
	[...] Dobrou-a e foi pô-la sobre a mesa de costura de D. Úrsula. Dali passou à sala de jantar, depois à varanda. Aqui chegando, deu com os olhos em Helena, que o esperava ao pé da escada. [...]	XV	
	[...] Recuou até à porta da sala de jantar, fez um gesto de despedida e entrou. Estácio desceu a custo as escadas. Helena viu-o descer e sair; depois subiu cautelosamente ao seu aposento.[...]	XV	
	[...] Helena não estava nem na sala de jantar, nem na do jogo, onde achou D. Úrsula com o Dr. Matos e o coronel-major. Dali passou à sala de visitas. Helena não o viu entrar; [...]	XVI	
	Saíram da sacristia, atravessaram a capela, e penetraram na chácara. [...]	XVI	
	Entrando na chácara, — era de noite, — viu Estácio que a sala que ficava no ângulo esquerdo da frente da casa, estava alumiada e tinha gente. A sala ficava ao rés-do-chão e as janelas estavam abertas.[...]	XVII	
	Seguiram os dois até à saleta que ficava ao pé da sala de jantar.[...]	XXIV	
	Casa de Melchior		
	Melchior habitava uma casinha, situada no centro de um jardim diminuto, a algumas braças da residência de Estácio. Tinha duas salas o prédio, janelas por todos os lados, uma porta na frente e outra nos fundos. A da frente abria entre duas janelas de venezianas. A sala de visitas era ao mesmo tempo gabinete de estudo e de trabalho. Simples era a mobília, nenhuns adornos, uma estante de jacarandá, com livros grossos in-quarto e in-fólio; uma secretária, duas cadeiras de repouso e pouco mais. [...]	XVIII	
	[...]Entre as quatro paredes da casa, limitada a vista pelos arbustos e as flores do jardim, Melchior olvidava o tempo e eliminava o espaço [...]	XVIII	
	[...] sentaram-se ao pé de uma das janelas laterais [...]	XVIII	
	Casa no caminho de Estácio e Helena, na qual havia uma bandeira azul		
	[...] A casa era velha, abrindo por uma porta para o alpendre antigo que lhe corria na frente. As colunas deste estavam já lascadas em muitas partes, aparecendo, aqui e ali, a ossada de tijolo. A porta estava meio aberta. Havia absoluta solidão, aparente ao menos. Quando eles lhe passaram pela frente, a porta abriu-se, mas se alguém espreitava por ela, ficou sumido na sombra, porque ninguém de fora o viu.	VI	
	O prédio parecia ainda mais velho do que a primeira vez que o vira; a calça das paredes e das colunas ia caindo, e o esqueleto de tijolo estava a nu, em mais de um lugar. Alguma erva mofina brotava a custo junto às paredes, cobrindo com folhas descoloridas o chão desigual e úmido. Por baixo de uma das janelas havia um banco de pau, gretado pelo tempo, com as bordas roliças de longo uso. Tudo ali respirava penúria e senilidade.	XX	
	Estácio pôde então examinar, à pressa, a sala em que se achava. Era	XX	

P E R S O N A G E N S	pequena e escura. A parede, pintada a cola já de longa data, tinha em si todos os sinais do tempo; primitivamente de uma só cor, a pintura apresentava agora uma variedade triste e desagradável. Aqui o bolor, ali uma greta, acolá o rasgão produzido por um móvel; cada acidente do tempo ou do uso dava àquelas quatro paredes o aspecto de um asilo da desgraça. A mobília era pouca, velha, mesquinha e desigual. Cinco ou seis cadeiras, nem todas sãs, uma mesa redonda, uma cômoda e uma marquesa, um aparador com duas mangas de vidro cobrindo castiçais de latão, sobre a mesa um vaso de louça com flores, e na parede dois pequenos quadros cobertos de escumilha encardida, tais eram as alfaias da sala. Só as flores davam ali um ar de vida. Eram frescas, colhidas de pouco. Atentando nelas, Estácio estremeceu: pareceu-lhe reconhecer uma acácia plantada em sua chácara. Quando a suspeita germina na alma, o menor incidente assume um aspecto decisivo. Estácio sentiu um calafrio.		
	[...] Aqui é a sala de visitas e a sala de jantar; a cozinha é contígua; além, ficam duas braças de quintal; para lá do quintal... o infinito da indiferença humana.	XXI	
	Casa de Ângela em São Cristóvão		
	Voei a São Cristóvão; gastei tempo em procurar a casa, mas dei com ela. Quando a vi, duvidei de meus olhos ou das indicações. Era uma casa elegante, escondida entre o arvoredo, no meio de um pequeno jardim. [...]	XXV	
	Conselheiro Vale		
	[...] O conselheiro, posto não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade, pelas relações adquiridas, cabedais, educação e tradições de família. Seu pai fora magistrado no tempo colonial, e figura de certa influência na corte do último vice-rei. Pelo lado materno descendia de uma das mais distintas famílias paulistas. Ele próprio exercera dois empregos, havendo-se com habilidade e decoro, do que lhe adveio a carta de conselho e a estima dos homens públicos. Sem embargo do ardor político do tempo, não estava ligado a nenhum dos dois partidos, conservando em ambos preciosas amizades, que ali se acharam na ocasião de o dar à sepultura.[...]	I	
	Dr. Estácio (filho Conselheiro Vale)		
	[...]Estácio tinha vinte e sete anos, e era formado em matemáticas. O conselheiro tentara encarrê-lo na política, depois na diplomacia; mas nenhum desses projetos teve começo de execução.	I	
	[...] Não sendo grande talento, deveu à vontade e à paixão do saber a figura notável que fez entre seus companheiros de estudos. Entregara-se à ciência com ardor e afínco. Aborrecia a política; era indiferente ao ruído exterior. Educado à maneira antiga e com severidade e recato, passou da adolescência à juventude sem conhecer as corrupções de espírito nem as influências deletérias da ociosidade; viveu a vida de família, na idade em que outros, seus companheiros, viviam a das ruas e perdiam em coisas ínfimas a virgindade das primeiras sensações.[...]	II	
	Camargo		
	Camargo era pouco simpático à primeira vista. Tinha as feições duras e frias, os olhos perscrutadores e sagazes, de uma sagacidade incômoda para quem encarava com eles, o que o não fazia atraente. Falava pouco e seco. Seus sentimentos não vinham à flor do rosto. Tinha todos os visíveis sinais de um grande egoísta; contudo, posto que a morte do conselheiro não lhe arrancasse uma lágrima ou uma palavra de tristeza, é certo que a sentiu deveras. Além disso, amava sobre todas as coisas e pessoas uma criatura linda, — a linda Eugênia, como lhe chamava, — sua filha única e a flor de seus olhos; mas amava-a de um amor calado e recôndito. Era difícil saber se Camargo professava algumas opiniões políticas ou nutria sentimentos religiosos. Das primeiras, se as tinha, nunca deu manifestação prática; e no meio das lutas de que fora cheio o decênio anterior, conservara-se indiferente e neutral. Quanto aos sentimentos religiosos, a aferi-los pelas ações, ninguém os possuía mais puros. Era pontual no cumprimento dos deveres de bom católico. Mas só pontual; interiormente, era incrédulo.	I	
	Helena		
	'Era uma moça de dezesseis a dezessete anos, delgada sem magreza, estatura um pouco acima da mediana, talhe elegante e atitudes modestas. A face, de um moreno-pêssego, tinha a mesma imperceptível penugem da fruta de que tirava a cor; naquela ocasião tingiam-na uns longes cor-de-rosa, a princípio mais rubros, natural efeito do abalo. As linhas puras e severas do rosto parecia que as traçara a arte religiosa. Se os cabelos, castanhos como os olhos, em vez de dispostos em duas grossas tranças lhe caíssem espalhadamente sobre os ombros, e se os próprios olhos alçassem as pupilas ao céu, disséreis um daqueles anjos adolescentes que traziam a Israel as mensagens do Senhor. Não exigiria a arte maior correção e harmonia de feições, e a sociedade bem podia contentar-se com a polidez de maneiras e a gravidade do aspecto. Uma só coisa pareceu menos aprazível ao irmão: eram os olhos, ou antes o olhar, cuja	III	

	expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno.		
	<p>Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, os seus dotes por excelência eficazes. O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo, era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres. Helena praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse e gosto, frívola com os frívolos, grave com os que o eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes.</p> <p>Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera ocasião de fazer-se ouvir.[...]</p>	IV	
	Padre-mestre Melchior		
	[...] Tinha sessenta anos o padre; era homem de estatura mediana, magro, calvo, brancos os poucos cabelos, e uns olhos não menos sagazes que mansos. De compostura quieta e grave, austero sem formalismo, sociável sem mundanidade, tolerante sem fraqueza, era o verdadeiro varão apostólico, homem de sua Igreja e de seu Deus, íntegro na fé, constante na esperança, ardente na caridade. Conhecera a família do conselheiro algum tempo depois do consórcio deste. Descobriu a causa da tristeza que minou os últimos anos da mãe de Estácio; respeitou a tristeza, mas atacou diretamente a origem. O conselheiro era homem geralmente razoável, salvo nas coisas do amor; ouviu o padre, prometeu o que este lhe exigia, mas foi promessa feita na areia; o primeiro vento do coração apagou a escritura. Entretanto, o conselheiro ouvia-o sinceramente em todas as ocasiões graves, e o voto de Melchior pesava em seu espírito. Morando na vizinhança daquela família, tinha ali o padre todo o seu mundo. Se as obrigações eclesiásticas não o chamavam a outro lugar, não se arredava de Andaraí, sítio de repouso após trabalhosa mocidade.	IV	
	Dr. Matos		
	O Dr. Matos era um velho advogado que, em compensação da ciência do direito, que não sabia, possuía noções muito aproveitáveis de meteorologia e botânica, da arte de comer, do voltarete, do gamão e da política. Era impossível a ninguém queixar-se do calor ou do frio, sem ouvir dele a causa e a natureza de um e outro, e logo a divisão das estações, a diferença dos climas, influência destes, as chuvas, os ventos, a neve, as vazantes dos rios e suas enchentes, as marés e a pororoca. Ele falava com igual abundância das qualidades terapêuticas de uma erva, do nome científico de uma flor, da estrutura de certo vegetal e suas peculiaridades. Alheio às paixões da política, se abria a boca em tal assunto era para criticar igualmente de liberais e conservadores, — os quais todos lhe pareciam abaixo do país. O jogo e a comida achavam-no menos cético; e nada lhe avivava tanto a fisionomia como um bom gamão depois de um bom jantar. Estas prendas faziam do Dr. Matos um conviva interessante nas noites que o não eram. Posto soubesse efetivamente alguma coisa dos assuntos que lhe eram mais prezados, não ganhou o pecúlio que possuía, professando a botânica ou a meteorologia, mas aplicando as regras do direito, que ignorou até a morte.	IV	
	D. Leonor (esposa Dr. Matos)		
	A esposa do Dr. Matos fora uma das belezas do primeiro reinado. Era uma rosa fanada, mas conservava o aroma da juventude. Algum tempo se disse que o conselheiro ardera aos pés da mulher do advogado, sem repulsa desta; mas só era verdade a primeira parte do boato. Nem os princípios morais, nem o temperamento de D. Leonor lhe consentiam outra coisa que não fosse repelir o conselheiro sem o molestar. A arte com que o fez iludir os malévolos; daí o sussurro, já agora esquecido e morto. A reputação dos homens amorosos parece-se muito com o juro do dinheiro: alcançado certo capital, ele próprio se multiplica e avulta. O conselheiro desfrutou essa vantagem, de maneira que, se no outro mundo lhe levassem à coluna dos pecados todos os que lhe atribuíam na Terra, receberia dobrado castigo do que mereceu.	IV	
	Coronel Macedo		
	O Coronel Macedo tinha a particularidade de não ser coronel. Era major. Alguns amigos, levados de um espírito de retificação, começaram a dar-lhe o título de coronel, que a princípio recusou, mas que afinal foi compelido a aceitar, não podendo gastar a vida inteira a protestar contra ele. Macedo tinha visto e vivido muito; e, sobre o pecúlio da experiência, possuía imaginação viva, fértil e agradável. Era bom companheiro,	IV	

R E N D A S	folgazão e comunicativo, pensando sério quando era preciso. Tinha dois filhos, um rapaz de vinte anos, que estudava em São Paulo, e uma moça de vinte e três, mais prendada que formosa.		
	Eugênia		
	[...] Eugênia era uma das mais brilhantes estrelas entre as menores do céu fluminense. Agora mesmo, se o leitor lhe descobrir o perfil em camarote de teatro, ou se a vir entrar em alguma sala de baile, compreenderá, — através de um quarto de século, — que os contemporâneos de sua mocidade lhe tivessem louvado, sem contraste, as graças que então alvoreciam com o frescor e a pureza das primeiras horas. Era de pequena estatura; tinha os cabelos de um castanho escuro, e os olhos grandes e azuis, dois pedacinhos do céu, abertos em rosto alvo e corado; o corpo, levemente refeito, era naturalmente elegante; mas se a dona sabia vestir-se com luxo, e até com arte, não possuía o dom de alcançar os máximos efeitos com os meios mais simples.	V	
	Mendonça		
	Mendonça era da mesma estatura que Estácio, um pouco mais cheio, ombros largos, fisionomia risonha e franca, natureza móbil e expansiva. Vestia com o maior apuro, como verdadeiro parisiense que era, arrancado de fresco ao grand boulevard, ao café Tortoni e às récitas do Vaudeville. A mão larga e forte calçava fina luva cor de palha, e sobre o cabelo, penteado a capricho, pousava um chapéu de fábrica recente. [...] Era narrador agradável, fluente e pintoresco, dotado de grande memória e certa força de observação. Espírito galhofeiro, achava facilmente o lado cômico das coisas e mais se comprazia em dizer os acidentes de um jantar de hotel ou de uma noite de teatro que em descrever as belezas da Suíça ou os destroços de Roma.	X	
	Homem da casa velha da bandeira azul		
	Era um homem de trinta e seis a trinta e oito anos, forte de membros, alto e bem proporcionado. Uma cabeleira espessa e comprida, de um castanho escuro, descia-lhe da cabeça até quase tocar nos ombros. Os olhos eram grandes, e geralmente quietos, mas riam, quando sorriam os lábios, animando-se então de um brilho intenso, ainda que passageiro. Havia naquela cabeça, — salvo as suíças, — certo ar de tenor italiano. O pescoço, cheio e forte, surgia dentre dois ombros largos, e, pela abertura da camisa, que um lenço atava frouxamente na raiz do colo, podia Estácio ver-lhe a alva cor e a rija musculatura. Vestia pobre, mas limpamente, um rodado branco, calça de ganga e colete de brim pardo. O vestuário, disparatado e mesquinho, não diminuía a beleza máscula da pessoa; acusava semente a penúria de meios.	XXI	
R E N D A S	[...] Quanto à camada social a que pertencia a mãe de Helena, não se preocupou muito com isso, certo de que eles saberiam levantar a filha até à classe a que ela ia subir. [...] (Pensamento de Helena)	II	
	— Valem muito os bens da fortuna, dizia Estácio; eles dão a maior felicidade da Terra, que é a independência absoluta. Nunca experimentei a necessidade; mas imagino que o pior que há nela não é a privação de alguns apetites ou desejos, de sua natureza transitórios, mas sim essa escravidão moral que submete o homem aos outros homens. A riqueza compra até o tempo, que é o mais precioso e fugitivo bem que nos coube. Vê aquele preto que ali está? Para fazer o mesmo trajeto que nós, terá de gastar, a pé, mais uma hora ou quase. (Palavras de Estácio)	VI	
	— Interrompo a minha, e talvez para sempre. Preciso cuidar da vida; não sou capitalista, nem meu pai tampouco. Adeus, viagens! (Mendonça falando sobre sua vida de viajante)	X	
	O pior que lhe acontecia era a disparidade entre os desejos e os meios. Filho de um comerciante, apenas remediado, não teria ele podido realizar a viagem à Europa, nas proporções largas em que o fez, a não ser a intervenção benéfica de uma parenta velha, que se incumbira de lhe ministrar os recursos de que ele carecesse durante aquela longa ausência. Nem a parenta continuaria a abrir-lhe a bolsa, nem o pai queria criar-lhe hábitos de ociosidade. Tratava este, portanto, de obter-lhe um emprego público. Mendonça estava longe de recusar; pedia somente que o emprego o não deslocasse da Corte.	X	
	[...] Acresce que Estácio é rico, e tal circunstância podia fazer supor de minha parte um sentimento de cobiça, que está longe de meu coração. [...]	XII	
	— Econômica, sem avareza, emendou Camargo. A riqueza não deve ser dissipada, mas é certo que impõe obrigações imprescindíveis, e seria da maior inconveniência viver a gente abaixo de seus meios. Não farás isso nem cairás no extremo oposto; procura um meio-termo, que é a posição do bom senso. Nem dissipada, nem miserável. (Conselho de Camargo à filha)	XIV	
	Em qualquer outra ocasião, Estácio teria recusado o convite, porque o espetáculo da pobreza lhe repugnava aos olhos saturados de abastança.[...]	XXI	

R E L I G I Ã O	[...] o Padre Melchior não pôde dar-lhe as consolações da religião: a morte fora instantânea.[...]	I	
	[...] Como arrependida, voltou a escrever outra carta, mas não chegou a acabar seis linhas; rasgou-a como fizera à primeira, e só então recorreu ao remédio melhor de uma alma ulcerada e pia: rezou. A prece é a escada misteriosa de Jacó: por ela sobem os pensamentos ao céu; por ela descem as divinas consolações.	XIII	
	No dia seguinte, que era domingo, Helena dirigiu-se à capela a ouvir a missa do Padre Melchior.[...]	XVI	
	— Estive-a ouvindo de confissão, respondeu Melchior. — E pôde absolvê-la? — Decerto. — Mas com grande penitência, não? — A mais fácil de todas, acudiu Helena, olhando para o padre. — Oh! então é que os pecados são leves! concluiu D. Úrsula. Não lhe parece?	XVI	
	[...] Deus de que te falo, não é só essa sublime necessidade do espírito, que apenas contenta alguns filósofos; falo-te do Deus criador e remunerador, do Deus que lê no fundo de nossas consciências, que nos deu a vida, que nos há de dar a morte, e, além da morte, o prêmio ou o castigo. Crês? — Creio. (Diálogo Padre Melchior e Estácio)	XXIII	
	[...] Estácio saiu dali, para ir, longe, desabafar o desespero; desceu à chácara, vagou por ela delirante, a soluçar como uma criança, ora abraçado a uma árvore, ora ajoelhado e pedindo a Deus a vida de Helena. O coração do moço não conhecia o fervor religioso; mas a imagem da morte deu-lhe o que a vida lhe levava, e ele rezou, rezou sozinho, sem hipocrisia nem dúvida.[...]	XXVIII	
T R A N S P O R T E S	[...] Dona Úrsula meteu-se na carruagem, logo depois do jantar. [...]	II	
	Estácio acompanhou Eugênia e D. Tomásia na carruagem que as levou ao Rio Comprido. [...]	VIII	
	[...] Um sábado, porém, tinha Helena doze anos, vindo ambas do colégio, parou o carro defronte do Passeio Público. Vi-as descer e entrar.[...]	XXVI	
C O S T U M E S	Educação		
	[...] Eugênia ao piano, executando um trecho de Bellini. Eugênia tocava com habilidade; e Camargo gostava de a ouvir. [...]	I	
	[...] e se alguma coisa há ainda que acrescentar, é que ele não cedia nem esquecia nenhum dos direitos e deveres que lhe davam a idade e a classe em que nascera. Elegante e polido, obedecia à lei do decoro pessoal, ainda nas menores partes dela. Ninguém entrava mais corretamente numa sala; ninguém saía mais oportunamente. Ignorava a ciência das nugas, mas conhecia o segredo de tecer um cumprimento.	II	
	Na seguinte manhã, Estácio levantou-se tarde e foi direito à sala de jantar, onde encontrou D.Úrsula, pavorosamente sentada na poltrona de seu uso, ao pé de uma janela, a ler um tomo do Saint-Clair das Ilhas, enternecida pela centésima vez com as tristezas dos desterrados da ilha da Barra; boa gente e moralíssimo livro, ainda que enfadonho e maçudo, como outros de seu tempo.[...]	III	
	[...] Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, — não humilde, mas digna, — conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis.	IV	
	[...] D. Úrsula. D. Úrsula estava então na sala de costura, relendo algumas páginas do seu Saint-Clair, encostada a uma mesa. Do outro lado, ficava Helena, a concluir uma obra de crochet .	VI	
	— Você devia ter nascido... — Homem? — Homem e advogado. Sabe defender com habilidade as causas mais melindrosas. Nem estou longe de crer que o próprio cativoiro lhe parecerá uma bem-aventurança, se eu disser que é o pior estado do homem. (Diálogo de Estácio e Helena)	VI	
	Lazer, passeio e costumes		
	[...] Morreu de apoplexia fulminante, pouco depois de cochilar a sesta, — segundo costumava dizer, — e quando se preparava a ir jogar a usual partida de voltarete em casa de um desembargador, seu amigo. (Sobre conselheiro Vale)	I	
	[...] Estácio costumava dar um passeio a cavalo quase todas as manhãs.	VI	

	O do dia seguinte foi dispensado; começariam as lições de Helena.[...]		
	— Que é isso? Já aprendeu? interveio D. Úrsula, do alto da varanda, aonde acabava de chegar. — Estava caçoando conosco, disse Estácio. Vê como sabe montar? — Ela sabe tudo, murmurou D. Úrsula entre dentes.	VI	
	Um dos teatros estava aberto; comprou um bilhete e entrou. Não era desejo de divertir-se ou interessar-se pelo drama, que aliás expirava de parceria com o protagonista; era necessidade de ver gente, de apalpar a realidade das coisas, tão quimérico se lhe afigurava tudo o que se passara desde manhã. (Mendonça após saber que se casaria com Helena)	XVII	
	Festas, cerimônias e comemorações		
	A festa correu animada, posto a reunião fosse restrita. Alguns giros da valsa, duas ou três quadrilhas, jogo e música, muita conversa e muito riso, tal foi o programa da noite, que a encheu e fez mais curta. (Festa de aniversário de Estácio)	XII	
	[...] ela via já na imaginação a cerimônia do consórcio, as carruagens, o apuro do noivo, a sua própria graça, a coroa de flores de laranjeira, que a havia de adornar; enfim talhava já o vestido branco e pregava as rendas de Malines com que havia de levar os olhos a ambas as metades do gênero humano. Da		
E S C R A V I D A O	[...]Dos próprios escravos não obteve Helena desde logo a simpatia e boa vontade; esses pautavam os sentimentos pelos de D. Úrsula. Servos de uma família, viam com desafeto e ciúme a parenta nova, ali trazida por um ato de generosidade. Mas também a esses venceu o tempo. Um só de tantos pareceu vê-la desde princípio com olhos amigos; era um rapaz de 16 anos, chamado Vicente, cria da casa e particularmente estimado do conselheiro. Talvez esta última circunstância o ligou desde logo à filha do seu senhor. Despida de interesse, porque a esperança da liberdade, se a podia haver, era precária e remota, a afeição de Vicente não era menos viva e sincera; faltando-lhe os gozos próprios do afeto, — a familiaridade e o contato, — condenado a viver da contemplação e da memória, a não beijar sequer a mão que o abençoava, limitado e distanciado pelos costumes, pelo respeito e pelos instintos, Vicente foi, não obstante, um fiel servidor de Helena, seu advogado convicto nos julgamentos da senzala.	IV	
	O preto de quem Estácio falara, estava sentado no capim, descascando uma laranja, enquanto a primeira das duas mulas que conduzia, olhava filosoficamente para ele. O preto não atendia aos dois cavaleiros que se aproximavam. Ia esburgando a fruta e deitando os pedaços de casca ao focinho do animal, que fazia apenas um movimento de cabeça, com o que parecia alegrá-lo infinitamente. Era homem de cerca de quarenta anos; ao parecer, escravo. As roupas eram rafadas; o chapéu que lhe cobria a cabeça, tinha já uma cor inverossímil. No entanto, o rosto exprimia a plenitude da satisfação; em todo o caso, a serenidade do espírito.	VI	
	[...] A rigor, o tempo corre do mesmo modo, quer o desperdicemos, quer o economizemos. O essencial não é fazer muita coisa no menor prazo; é fazer muita coisa aprazível ou útil. Para aquele preto o mais aprazível é, talvez, esse mesmo caminhar a pé, que lhe alongará a jornada, e lhe fará esquecer o cativo. É uma hora de pura liberdade.	VI	
	[...] Há alguma coisa que o escravo não pode saber; mas também o escravo pode saber alguma coisa que os brancos tenham vontade de ouvir...	XXIV	
P O L Í T I C A	[...] Ele próprio exercera dois empregos, havendo-se com habilidade e decoro, do que lhe adveio a carta de conselho e a estima dos homens públicos. Sem embargo do ardor político do tempo, não estava ligado a nenhum dos dois partidos, conservando em ambos preciosas amizades, que ali se acharam na ocasião de o dar à sepultura. Tinha, entretanto, tais ou quais idéias políticas, colhidas nas fronteiras conservadoras e liberais, justamente no ponto em que os dois domínios podem confundir-se. Se nenhuma saudade partidária lhe deu a última pá de terra, matrona houve, e não só uma, que viu ir a enterrar com ele a melhor página da sua mocidade. (Sobre Conselheiro Vale)	I	
	[...]Alheio às paixões da política, se abria a boca em tal assunto era para criticar igualmente de liberais e conservadores, — os quais todos lhe pareciam abaixo do país.[...] (Sobre Dr. Matos)	IV	
	[...]Uma vez sós, Camargo pousou a mão no ombro de Estácio, fitou-o paternalmente, enfim perguntou-lhe se queria ser deputado. Estácio não pode reprimir um gesto de surpresa. — Era isso? disse ele. — Creio que não se trata de um suplício. Uma cadeira na Câmara! Não é a mesma coisa que um quarto no Aljube.. — Mas a que propósito... — Esta idéia apoquentava-me há algumas semanas. Doía-me vê-lo vegetar os seus mais belos anos numa obscuridade relativa. A política é a melhor carreira para um homem em suas condições; tem instrução, caráter, riqueza; pode subir a posições invejáveis. Vendo isso, determinei	VII	

	metê-lo na Cadeia... Velha. Fala-se em dissolução. Para facilitar-lhe o sucesso, entendi-me com duas influências dominantes. O negócio afigura-se-me em bom caminho.		
	[...] O partido que lhe der a mão, — se não for o seu, — ficará consolado com a idéia de ter ajudado um adversário talentoso e honesto. Mas a verdade é que não escolheu ainda entre os dois partidos; não tem opiniões feitas. Que importa? Grande número de jovens políticos seguem, não uma opinião examinada, ponderada e escolhida, mas a do círculo de suas afeições, a que os pais ou amigos imediatos honraram e defenderam, a que as circunstâncias lhe impõem. Daí vêm algumas legítimas conversões posteriores. Tarde ou cedo o temperamento domina as circunstâncias da origem, e do botão luzia ou saquarema nasce um magnífico lírio saquarema ou luzia. Demais, a política é ciência prática; e eu desconto de teorias que só são teorias. Entre primeiro na Câmara; a experiência e o estudo dos homens e das coisas lhe designarão a que lado se deve inclinar.	VII	

Iaiá Garcia

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Câmara dos Deputados	Onde ia Sr. Antunes	XVII	508
Carceler	Onde passeava Sr. Antunes	XVII	508
Penha	Jorge animava Maria das Dores dizendo que iriam à Penha	XIV	484
Rua da Olinda	Onde morava Eulália	VII	438
Rua de D. Luísa	Casa do Sr. Antunes	III; III; III; IV	407; 414; 415; 415
Rua do Ouvidor	Jorge ocupada um dos primeiros lugares entre os dândis da Rua do Ouvidor	II	402
	Jorge encontra Procópio Dias	VIII	441
Rua dos Arcos	Luís Garcia ia buscar Iaiá num colégio	I; I	395; 396
Rua dos Inválidos	Onde Valéria morava	I; II; II; III; III; III; VI; VI; VII; VIII;	393; 399; 402; 406; 411; 414; 426; 427; 437; 442
Santa Teresa	Onde vivia Luís Garcia	I; I; I; III; III; VII; VIII; VIII; VIII; VIII;	393; 396; 399; 406; 407; 434; 439; 439; 441; 441; 491
	Maria das Dores aluga uma casa lá para ficar próxima de Iaiá	I;	399
	Valeria tinha uma casa de verão	VI; VI; VI; VI; VIII; VIII; XI;	424; 426; 427; 427; 444; 444; 462
	Jorge vê um casebre em Santa Teresa da chácara de sua casa	XIV	485
São Cristóvão	Onde morava Maria das Dores	I	399
Tijuca	Valéria tinha uma casa de aluguel lá	III; IV; IV; IV; VI; VII; VII; XV; XVII	411; 415; 415; 418; 425; 435; 438; 490; 508
	Procópio Dias havia passado a noite na Tijuca	VII	435
	Jorge vê uma varanda na Tijuca da chácara de sua casa	XIV	485

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
África	Raimundo tocava músicas da África	I	395
Assunção	Sobre a guerra do Paraguai	V; VI	423; 424
Buenos Aires	Lia Jorge e a família as correspondências de lá	III	410;
	Sobre a guerra do Paraguai	VI	424
	Notícia da morte do irmão de Procópio Dias	XII; XII; XII; XII; XIII; XIII; XV;	464; 464; 465; 470; 471; 478; 490
Campo Grande	Local por onde passou Jorge na guerra	V	423
Ceará	Referência a um major	V	420
Curupaiti	Sobre a Guerra do Paraguai	II; III; VI	402; 406; 424
Europa	Luís Garcia cogita que Jorge viaje à Europa	II; II; II; II; III	404; 404; 404; 404; 415;
Humaitá	Sobre a guerra do Paraguai	VI	424
Lomas Valentinas	Jorge se feriu lá	V; V	423; 423
Minas Gerais	Mãe de Jorge foi para lá tomar outros ares quando adoeceu	V	423
	Jorge fez uma viagem para lá para visitar a sepultura da mãe	VII	438

Montevideu	Onde Jorge aporta antes de ir para o Paraguai	IV	419
Paraguai	Sobre a Guerra do Paraguai	II; II; II; II; II; II; III; III; IV; IV; V; V; VII; VIII; XIII;	399; 402; 403; 403; 404; 405; 410; 415; 416; 419; 421; 423; 436; 440; 472
Piribebuí	Local por onde passou Jorge na guerra	V	423
Rio da Prata	Procópio Dias foi para lá por conta da morte do irmão	XII; XII	464; 465
São Paulo	Jorge lá estudou	III	408
	Estela vai para o norte de São Paulo, dirigir uma escola	XVII	507
Sul	Jorge vai para lá (ref. Guerra do Paraguai)	III; IV; VI; X	406; 417; 428; 451
Tuiu-Cué	Marcha do exército da guerra	V	422
Tuiuti	Onde estava acampado o exército de Jorge	V; V; V	420; 421; 422

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPITULO	PÁGINA
HABITAÇÕES	Casa de Luís Garcia		
	[...]A casa era de poucos amigos; havia lá dentro a melancolia da solidão. Um só lugar podia chamar-se alegre; eram as poucas braças de quintal que Luís Garcia percorria e regava todas as manhãs.[...]	I	
	[...] A casa não era já a mesma; tinha dimensões um pouco maiores que a outra. Era nova, ladeada de verdura, com as telhas ainda da primeira cor. Havia duas entradas, uma para a sala, ficando a porta entre quatro janelas, outra para o jardim, e era uma porta de grade de ferro, aberta no centro de um pequeno muro, por cima do qual vinha debruçar-se a verdura de uma trepadeira. Aí achou Raimundo, mais velho do que o deixara, mas não menos forte. [...]	VIII	
	Tinha-se demorado muito e era preciso sair do quarto; mas, como houvesse chorado, podiam ler-lhe os vestígios da dor. Iaiá foi ao lavatório, deitou água na bacia e começou a banhar os olhos e o rosto. O rumor da água impediu-lhe ouvir que alguém abria a porta. Estela apareceu repentinamente. [...]	X	
	Iaiá pegou do retrato que pusera na borda do mármore do lavatório, e olhou alguns instantes para ele. Estela quis conchegá-la a si, mas a enteada fugiu-lhe com o corpo.		
	Iaiá preparou o xadrez, no gabinete contíguo à sala; Jorge sentou-se pacientemente diante da adversária [...]	XII	
	Não pôde acabar, porque a moça, erguendo-se de súbito, afastou-se da mesa, com um arremesso, e dirigiu-se à janela, que dava para o jardim. [...] Assim jogando, ouvia o som do tacão de Iaiá que feria o ladrilho do chão, com um movimento precipitado e nervoso. Durou isto cinco minutos. Iaiá voltou-se para dentro, saiu da janela, e aproximou-se da mesa. Jorge ergueu então a cabeça para ela e sorriu.	XII	
	[...] Quando a moça voltou, Jorge e Estela estavam no jardim, ao pé da porta da sala; entre ambos havia uma cadeira vaga, — a de Luís Garcia, que fora dentro alguns minutos antes. [...]	XIII	
	Casa de Valéria na Tijuca		
	De sala em sala, chegaram a uma pequena varanda, onde uma circunstância nova os deteve algum tempo. Numa das extremidades da varanda havia um pombal velho [...]	III	
	Estela recusou, mas o bacharel resolvera e ia satisfazer ele próprio o desejo da moça. O pombal não ficava ao alcance da mão; era preciso trepar ao parapeito da varanda, crescer na ponta dos pés e estender o braço. Ainda assim, precisaria contar com a boa vontade dos pombos. Jorge trepou ao parapeito. Se perdesse o equilíbrio poderia cair ao chão da chácara; para evitá-lo, Jorge lançou a mão esquerda a um ferro que havia na coluna do canto, e que o amparou; [...]	III	
	Jorge recuara até a porta, única das três que estava aberta.[...]	III	
	[...] Mas as paredes eram as mesmas; eram os mesmos o parapeito e o ladrilho do chão.[...]	VII	
CIDADE	O homem galgou os seis degraus da escada de tijolo e entrou na varanda, onde Jorge assumira exclusivamente o papel de proprietário, olhando atentamente para as paredes do edifício.	VII	
	Casa do Sr. Antunes		
	Quando o pai voltou à sala, instantes depois, Jorge estava com uma das mãos no encosto de uma cadeira, pálido como um defunto. Estela fora até à porta da alcova da sala, resolvida a fechar-se por dentro.	IV	
	Casa de Valéria em Santa Teresa (?- não fica claro no texto)		
	[...] Valéria ergueu-se e foi até a varanda, donde se olhava para a chácara; depois voltou-se para dentro. — Ande ver sua noiva, disse ela. Luís Garcia foi até à varanda; a viúva apontou-lhe para o grupo de Estela e Iaiá. Na chácara havia um canteiro circular, plantado de grama, no centro do qual	VI	

	jorrava a água de um repuxo. A bacia deste era orlada de plantas, cujas folhas largas, rajadas umas de escarlate, outras de branco, interrompiam a monotonia da relva. [...] Inclinou-se; laiá, que trepara a um banco, cingiu-lhe a cabeça, como a outra lhe fizera, e, satisfeito o seu capricho, saltou do banco ao chão. Nesse momento, como Valéria falava a Luís Garcia, não viram estes dois que a menina, saltando precipitadamente e mal, caíra na areia; [...]		
	Casa de Maria das Dores		
	A casa ficava numa pequena elevação; laiá sentou-se numa pedra lisa, que servia de banco, [...]	XIII	
	Cidade		
	[...] Desde 1860 elegera no lugar menos povoado de Santa Teresa uma habitação modesta, onde se meteu a si e a sua viuvez. Não era frade, mas queria como eles a solidão e o sossego. A solidão não era absoluta, nem o sossego ininterrompido; mas eram sempre maiores e mais certos que cá embaixo. Os frades que, na puerícia da cidade, se tinham alojado nas outras colinas, desciam muita vez, — ou quando o exigia o sacro Ministério, ou quando o governo precisava da espada canônica, — e as ocasiões não eram raras; mas geralmente em derredor de suas casas não ia soar a voz da labutação civil. Luís Garcia podia dizer a mesma coisa; e, porque nenhuma vocação apostólica o incitava a abrir a outros a porta de seu refúgio, podia dizer-se que fundara um convento em que ele era quase toda a comunidade, desde prior até noviço.	I	
	[...] Quando a noite caía de todo e a cidade abria os seus olhos de gás, recolhiam-se eles a casa, a passo lento, à ilharga um do outro.	I	
	[...] Saíram cedo, e a viagem foi alegre para a moça, que pela primeira vez ia aquele arrabalde. [...] (Sobre Estela conhecer a Tijuca)	III	
	[...] É grande demais; e depois, fica muito longe da cidade. Se fosse mais para baixo... (Sobre a casa da Tijuca)	VII	
	De tarde, saiu a cavalo, costeando o aqueduto, segundo costumava, e ia pensando seriamente na conveniência de casar os dois. [...]	XII	
	Luís Garcia		
P E R S O N A G E N S	No momento em que começa esta narrativa, tinha Luís Garcia quarenta e um anos. Era alto e magro, um começo de calva, barba rapada, ar circunspecto. Suas maneiras eram frias, modestas e corteses; a fisionomia um pouco triste. Um observador atento podia adivinhar por trás daquela impassibilidade aparente ou contraída as ruínas de um coração desenganado. Assim era; a experiência, que foi precoce, produziu em Luís Garcia um estado de apatia e cepticismo, com seus laivos de desdém. O desdém não se revelava por nenhuma expressão exterior; era a ruga sardônica do coração. Por fora, havia só a máscara imóvel, o gesto lento e as atitudes tranqüilas. Alguns poderiam temê-lo, outros detestá-lo, sem que merecesse execração nem temor. Era inofensivo por temperamento e por cálculo. Como um célebre eclesiástico, tinha para si que uma onça de paz vale mais que uma libra de vitória. Poucos lhe queriam deveras, e esses empregavam mal a afeição, que ele não retribuía com afeição igual, salvo duas exceções. Nem por isso era menos amigo de obsequiar. Luís Garcia amava a espécie e aborrecia o indivíduo. Quem recorria a seu préstimo, era raro que não obtivesse favor. Obsequiava sem zelo, mas com eficácia, e tinha a particularidade de esquecer o benefício, antes que o beneficiado o esquecesse.	I	
	laiá Garcia		
	Contava onze anos e chamava-se Lina. O nome doméstico era laiá. No colégio, como as outras meninas lhe chamassem assim, e houvesse mais de uma com igual nome, acrescentavam-lhe o apelido de família. Esta era laiá Garcia. Era alta, delgada, travessa; possuía os movimentos súbitos e incoerentes da andorinha. A boca desabrochava facilmente em riso, — um riso que ainda não toldavam as dissimulações da vida, nem ensurdeciam as ironias de outra idade. Longos e muitos eram os beijos trocados com o pai. Luís Garcia punha-a no chão, tornava a subi-la aos joelhos, até que consentia finalmente em separar-se dela por alguns instantes. laiá ia ter com o preto.	I	
	Valéria		
	Valéria Gomes era viúva de um desembargador honorário, falecido cerca de dois anos antes, a quem o pai de Luís Garcia devera alguns obséquios e a quem este prestara outros. Não havia entre ela e Luís Garcia relações assíduas ou estreitas; mas a viúva e seu finado marido sempre o tiveram em boa conta e o tratavam com muito carinho. [...] Valéria recebeu-o afetuosamente, estendendo-lhe a mão, ainda fresca, apesar dos anos, que subiam de quarenta e oito. Era alta e robusta. A cabeça, forte e levantada, parecia protestar pela altivez da atitude contra a moleza e tristura dos olhos. Estes eram negros, a sobrancelha basta, o cabelo abundante, listrado de alguns fios de prata. Posto não andasse alegre nos últimos tempos, estava naquele dia singularmente preocupada. [...]	II	
	Jorge		
	[...] Naqueles olhos não morava habitualmente a tristeza; eles eram, de	II	

	<p>costume, brandos e pacíficos. Um bigode negro e basto, obra comum da natureza e do cabeleireiro, cobria-lhe o lábio e dava ao rosto a expressão viril que este não tinha. A estatura esbelta e nobre era a única feição que absolutamente podia ser militar. Elegante, ocupava Jorge um dos primeiros lugares entre os dândis da Rua do Ouvidor; ali podia ter nascido, ali poderia talvez morrer.</p> <p>[...] Jorge sabia muita coisa do que aprendera; tinha inteligência pronta, rápida compreensão e memória vivíssima. Não era profundo; abrangia mais do que penetrava. Sobretudo, era uma inteligência teórica; para ele, o praxista representava o bárbaro. Possuindo muitos bens, que lhe davam para viver à farta, empregava uma partícula do tempo em advogar o menos que podia — apenas o bastante para ter o nome no portal do escritório e no Almanaque de Laemmert. Nenhuma experiência contrastava nele os ímpetos da juventude e os arroubos da imaginação. A imaginação era o seu lado fraco, porque não a tinha criadora e límpida, mas vaga, tumultuosa e estéril. Era generoso e bom, mas padecia um pouco de fatuidade, que lhe diminuía a bondade nativa. Havia ali a massa de um homem futuro, à espera que os anos, cuja ação é lenta, oportuna e inevitável, lhe dessem fixidez ao caráter e virilidade à razão.</p>		
	Sr. Antunes		
	<p>[...] Chamava-se o Sr. Antunes. Foram serviços de certa ordem que os ligaram mais intimamente. A fortuna troca às vezes os cálculos da natureza; uma e outra iam de acordo na pessoa daquele homem, nado e criado para as funções subalternas. Familiar com todas as formas da adulação, o Sr. Antunes ia do elogio hiperbólico até o silêncio oportuno. Tornou-se dentro de pouco, não só um escrevente laborioso e pontual, mas também, e sobretudo, um fac-totum do desembargador, seu braço direito, desde os recados eleitorais até às compras domésticas, vasta escala em que entrava o papel de confidente das empresas amorosas. Assim que, nunca lhe fez minguar a proteção do desembargador. Viu crescer-lhe o ordenado, multiplicarem-se-lhe as gratificações; foi admitido a comer algumas vezes em casa, nos dias comuns, quando não havia visitas de cerimônia. Nas ocasiões mais solenes era ele o primeiro que se esquivava. Ao cabo de três anos de convivência tinha consolidado a situação.</p>	III	
	Estela		
	<p>Pálida era, mas sem nenhum tom de melancolia ascética. Tinha os olhos grandes escuros, com uma expressão de virilidade moral, que dava à beleza de Estela principal característico. Uma por uma, as feições da moça eram graciosas delicadas, mas a impressão que deixava o todo estava longe da meiguice naturado sexo. Usualmente, trazia roupas pretas, cor que preferia a todas as outras. Nu de enfeites, o vestido punha-lhe em relevo o talhe esbelto, elevado e flexível. Nem usava nunca trazê-lo de outro modo, sem embargo de algum dixe ou renda com que a viúva a presenteava de quando em quando; rejeitava de si toda a sorte de ornatos; nem folhos, nem brincos, nem anéis. Ao primeiro aspecto dissera-se um Diógenes feminino, cuja capa, através das roturas, deixava entrever a vaidade de beleza que quer afirmar-se tal qual é, sem nenhum outro artifício. Mas, conhecido o caráter da moça, eram dois os motivos — um sentimento natural de simplicidade, e, mais ainda, a consideração de que os meios do pai não davam para custosos atavios, e assim não lhe convinha afeiçoar-se ao luxo.</p>	III	
	Procópio Dias		
	<p>Os olhos de Procópio Dias eram cor de chumbo, com uma expressão refletida e sonsa. Tinha cinqüenta anos esse homem, uns cinqüenta anos ainda verdes e prósperos. Era mediano de carnes e de estatura, e não horivelmente feio; a porção de fealdade que lhe coubera, ele a disfarçava, quando podia, por meio de qualidades que adquirira com o tempo e o trato social. Fazia às vezes um movimento que lhe descrevia na testa cinco rugas horizontais. Era uma das suas maneiras de rir. Além dessa particularidade, havia o feitio do nariz, que representava um triângulo de lados iguais, ou quase: nariz a um tempo sarcástico e inquisidor. Não obstante a expressão dos olhos, Procópio Dias tinha a particularidade de parecer simplório, sempre que lhe convinha; nessas ocasiões é que ria com a testa. Não usava barba; ele próprio a fazia com o maior esmero. Via-se que era homem abastado. As roupas, graves no corte e nas cores, eram da melhor fazenda e do mais perfeito acabado. Naquela manhã trazia uma longa sobrecasaca abotoada até metade do peito, deixando ver meio palmo de camisa, infinitamente bordada. Entre o último botão da sobrecasaca e o único colarinho, fulgia um brilhante vasto, ostensivo, escandaloso. Um dos dedos da mão esquerda ornava-se com uma soberba granada. A bengala tinha o castão de ouro lavrado, com as iniciais dele por cima, — de forma gótica.</p>	VII	
	<p>[...] No dia seguinte, Luís Garcia encheu-se de valor, pegou da caderneta da Caixa Econômica e foi retirar o dinheiro preciso para comprar um piano. Eram da filha as poucas economias que ajuntava; o piano era para ela igualmente; não lhe diminuía a herança.</p>	I	
	Quando no seguinte sábado, Iaiá viu o piano, que o pai lhe foi mostrar, sua	I	

R E N D A S	alegria foi intensa, mas curta. [...] A causa da mudança, desconhecida para Luís Garcia, era a penetração que madrugava no espírito da menina. Lembrara-se ela, repentinamente, das palavras que proferira e do gesto que fizera, no domingo anterior; por elas explicou a existência do piano; comparou-o, tão novo e lustroso, com os outros móveis da casa, modestos, usados, encardida a palhinha das cadeiras, roído do tempo e dos pés um velho tapete, contemporâneo do sofá. Dessa comparação extraiu a idéia do sacrifício que o pai devia ter feito para condescender com ela; idéia que a pôs triste, ainda que não por muito tempo, como sucede às tristezas pueris. A penetração madrugava, mas a dor moral fazia também irrupção naquela alma até agora isenta da jurisdição da fortuna.		
	[...] Demais, que lhe poderia ele desejar, senão aquilo que a tornasse independente e lhe desse os meios de viver sem favor? Ia lá tinha por si a beleza e a instrução; podia não ser bastante para lhe dar casamento e família. Uma profissão honesta aparava os golpes possíveis da adversidade. Não se podia dizer que Ia lá tivesse talento musical: que importa? Para ensinar a gramática da arte, era suficiente conhecê-la.	I	
	[...] Possuindo muitos bens, que lhe davam para viver à farta, empregava uma partícula do tempo em advogar o menos que podia — apenas o bastante para ter o nome no portal do escritório e no Almanaque de Laemmert.[...]	II	
	— Tua mãe é quem tem razão, bradava uma voz interior; ias descer a uma aliança indigna de ti; e se não soubeste respeitar nem a tua pessoa nem o nome de teus pais, justo é que pagues o erro indo correr a sorte da guerra. A vida não é uma égloga virgiliana, é uma convenção natural, que se não aceita com restrições, nem se infringe sem penalidade. Há duas naturezas, e a natureza social é tão legítima e tão impiedosa como a outra. Não se contrariam, completam-se; são as duas metades do homem, e tu ias ceder à primeira, desrespeitando as leis necessárias da segunda. (Sobre a união de Jorge e Estela, contrária a ideia de Valeria por serem de distintas classes sociais)	IV	
	Três meses depois da chegada ao Rio de Janeiro, tinha Jorge liquidado todos os negócios de família. Os haveres herdados podiam dispensá-lo de advogar ou de seguir qualquer outra profissão, uma vez que não fosse ambicioso e regesse com critério o uso de suas rendas. Tinha as qualidades precisas para isso, umas naturais, outras obtidas com o tempo. Os quatro anos de guerra, de mãos dadas com os sucessos imediatamente anteriores, fizeram-lhe perder certas preocupações que eram, em 1866, as únicas de seu espírito. A vida à rédea solta, o desperdício elegante, todas as seduções juvenis eram inteiramente passadas.	VII	
R E L I G I A O	Procópio Dias tinha dois credos. Era um deles o lucro. Mediante alguns anos de trabalho assíduo e finuras encobertas, viu engrossarem-lhe os cabedais. Em 1864, por um instituto verdadeiramente miraculoso, farejou a crise e o descalabro dos bancos, e retirou a tempo os fundos que tinha em um deles. Sobre vindo a guerra, atirou-se a toda a sorte de meios que pudessem tresdobrar-lhe as rendas, coisa que efetivamente alcançou no fim de 1869.	VII	
	[...]Era dia de ano-bom, — uma bela manhã, fresca, límpida, azul. Tinham ido à missa na capela do convento;[...]	X	
T R A N S P O R T E S	[...] Quando a carruagem parou, supunha Estela que mal tivera tempo de sair da Rua dos Inválidos.	III	
	Daí a nada meteram-se no carro.[...]	III	
	Pouco tempo depois, perdendo de vista a cidade natal, sentiu Jorge que dobrara a primeira lauda de seu destino, e ia encetar outra, escrita com sangue. O espetáculo do mar abateu-o ainda mais: alargava-se-lhe a solidão até o infinito.[...]	IV	
	Jorge fez um gesto de enfado e mandou buscar um tálburi. Daí a uma hora parava à porta de Luís Garcia. [...]	VIII	
	[...] Se ele a visse em algum salão aristocrático pensaria nela numa noite, talvez uma semana, até esquecê-la ou substituí-la. Mas o que o prendeu a Ia lá Garcia foi justamente a mediocridade do nascimento. Possui-la era fazer-lhe um favor. Quantas outras lhe não levaram os olhos de sátiro, ao descer de uma carruagem, ou ao resvalar indolentemente o seu talhe na contradança de bom-tom? Ele via-as passar ou estar, com os ombros nus ou cingidos da caxemira elegante, risonhas umas, outras sérias, todas altivas e compassadas, e sentia que os anos, feições e maneiras o distanciavam delas; não era difícil apagá-las da memória. (Sobre Ia lá)	XI	
	[...] Jogou o voltarete com Jorge e acompanhou a mulher até à carruagem,	XVII	

	não sem lançar um olhar furtivo ao estribo, onde laiá pousou o pé, cansado de valsar.		
	Educação		
	— Papai quer ouvir tocar piano? disse ela um dia; olhe, é assim. E com os dedos na borda da mesa, executava um trecho musical, sobre teclas ausentes. Luís Garcia sorriu, mas um véu lhe empanou os olhos. laiá não tinha piano! Era preciso dar-lhe um, ainda com sacrifício. Se ela aprendia no colégio, não era para tocar mais tarde em casa? Este pensamento enraizou-se-lhe no cérebro e turbou o resto do dia.	I	
	Lazer, passeio e costumes		
	Erguia-se com o sol, tomava do regador, dava de beber às flores e à horta; depois, recolhia-se e ia trabalhar antes do almoço, que era às oito horas. Almoçado, descia a passo lento até à repartição, onde, se tinha algum tempo, folheava rapidamente as gazetas do dia. Trabalhava silenciosamente, com a fria serenidade do método. Fechado o expediente, voltava logo para casa, detendo-se raras vezes em caminho. Ao chegar a casa, já o preto Raimundo lhe havia preparado a mesa, — uma mesa de quatro a cinco palmos, — sobre a qual punha o jantar, parco em número, medíocre na espécie, mas farto e saboroso para um estômago sem aspirações nem saudades. Ia dali ver as plantas e reler algum tomo truncado, até que a noite caía. Então, sentava-se a trabalhar até às nove horas, que era a hora do chá. (Dia-a-dia de Luís Garcia)	I	
	[...] Jorge sorriu com ar afável, e despediu-se de Luís Garcia; foi dali vestir-se para ir ao teatro. [...]	II	
	[...] e as noites, quando não havia pessoas de fora, passava-as à volta de uma mesa, lendo ou jogando com as duas, ou vendo-as trabalhar, enquanto contava anedotas da academia, lia as correspondências do Paraguai e de Buenos Aires, ou simplesmente alguma página de romance.[...]	III	
	[...] Devia ser entretanto interessante uma página somente da vida daquele militar, jovem, bonito, abastado, que não ia ao teatro nem aos saraus do acampamento, que ria poucas vezes e mal, que só falava da guerra, quando falava de alguma coisa. (No acampamento da guerra)	V	
	[...] Ficando sós, a viúva e Estela jogaram uma partida de cartas, mas jogaram sem atenção; depois tomaram chá, mas sem apetite; finalmente dormiram, mas sem sono.[...]	VI	
	— Ninguém o vê, — dizia ele daí a duas horas, à mesa do almoço de Jorge, na casa da Rua dos Inválidos. Não conheço os seus amigos de outro tempo, mas devo crer que todos lhe censuram essa vida de bicho-do-mato. — Nos teatros... nunca vai aos teatros? — Quase nunca. — Vamos hoje? — Corruptor! disse Jorge sorrindo. De noite foram ao teatro.[...]	VII	
	[...] Nos intervalos deste é que visitava a casa de Luís Garcia, uma ou duas vezes por semana. Aos domingos, tinha sempre a jantar o Sr. Antunes, com quem jogava uma partida de bilhar. Tentou ensinar-lhe o xadrez, mas desanimou ao fim de cinco lições.	VIII	
	Luís Garcia jogava o xadrez. Era o recreio usual entre ele e Jorge; outras vezes saíam a passeio até curta distância. Luís Garcia aceitava de boa sombra essas distrações, que não eram turbulentas nem cansativas, mas brandas e pausadas, como ele. Demais nem sempre eram distrações sem fruto [...]	VIII	
	[...] laiá ficou só, e um instante pensativa; mas, logo depois ergueu os ombros, pegou de um trabalho de agulha, inventado para matar o tempo, e caminhou para o gabinete do pai, onde o foi achar com Estela. [...]	X	
	[...] Duas ou três vezes encontrou laiá e o marido. A última foi num sarau. Jogou o vultrete com Jorge e acompanhou a mulher até à carruagem [...]	XVII	
C O S T U M E S			
	[...] Raimundo parecia feito expressamente para servir Luís Garcia. Era um preto de cinqüenta anos, estatura mediana, forte, apesar de seus largos dias, um tipo de africano, submisso e dedicado. Era escravo e livre. Quando Luís Garcia o herdou de seu pai, — não avultou mais o espólio, — deu-lhe logo carta de liberdade. Raimundo, nove anos mais velho que o senhor, carregara-o ao colo e amava-o como se fora seu filho. Vendo-se livre, pareceu-lhe que era um modo de o expelir de casa, e sentiu um impulso atrevido e generoso. Fez um gesto para rasgar a carta de alforria, mas arrependeu-se a tempo. Luís Garcia viu só a generosidade, não o atrevimento; palpou o afeto do escravo, sentiu-lhe o coração todo. Entre um e outro houve um pacto que para sempre os uniu.	I	
E S C R A V I D Ã O	Raimundo foi dali em diante um como espírito externo de seu senhor; pensava por este e refletia-lhe o pensamento interior, em todas as suas ações, não menos silenciosas que pontuais. Luís Garcia não dava ordem nenhuma; tinha tudo à hora e no lugar competente. Raimundo, posto fosse o único servidor da casa, sobrava-lhe tempo, à tarde, para conversar com o antigo senhor, no jardinete, enquanto a noite vinha caindo. [...]	I	

	Raimundo acendia as velas, ia buscar a marimba, caminhava para o jardim, onde se sentava a tocar e a cantarolar baixinho umas vozes de África, memórias desmaiadas da tribo em que nascera. O canto do preto não era de saudade; nenhuma de suas cantilenas vinha afinada na clave pesarosa. Alegres eram, guerreiras, entusiastas; por fim calava-se. O pensamento, em vez de volver ao berço africano, galgava a janela da sala em que Luís Garcia trabalhava e pousava sobre ele como um feitiço protetor.[...]	I	
P O L Í T I C A	— Sim, porque também a mim custaria a separação. Mas não se trata do que eu ou ele podemos sentir: trata-se de coisa mais grave, — da pátria, que está acima de nós. (Valeria sobre o filho ir à Guerra do Paraguai)	II	

Memórias Póstumas De Brás Cubas

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Ajuda (Convento da)	As madres fazem os doces da festa de comemoração da queda de Napoleão	XII	529
Banco do Brasil	Leva o dinheiro do embrulho	LII	568
Beco das Escadinhas	Onde mora Dona Plácida depois de ser abandonada por Brás Cubas e Virgília	CXLII; CXLIII	629; 630
Botafogo (praia)	Para onde ia Brás Cubas quanto encontra o embrulho	LII; LXX; CXLII	567; 583; 630
Cajueiros	Onde Marcela morava	XI; XV	533; 535
Cajueiros	Onde morava Damasceno	CXXI	618
Câmara dos Deputados	Citação da instituição	XL; XC	559; 599
	Brás Cubas assiste um discurso	CXXVIII	622
Cassino	Brás Cubas fala das recordações do Rio de Janeiro	CXV	613
Catete	Sobre o Baile do Catete	XLVIII	564
Catumbi	Chácara de Brás Cubas	I	513
Engenho Velho	Brás Cubas e Quincas Borba vão passear	CXLI	628
Flamengo (Praia)	Cita enquanto filosofa sobre fenômenos sociais	C	605
Gamboa	Casa de encontro de Brás Cubas e Virgília	LXVII; LXIX; LXXIII; LXXXVIII; LXXXI; LXXXIII; XCVI; XCVII; XCIX	581; 582; 584; 588; 590; 593; 602; 603; 604
Hospital da Ordem	Onde morreu Marcela	CLVIII	638
Hotel Pharoux	Brás Cubas acaba chegando enquanto caminha pensando em Virgília	LXVI; LXVI	580; 580
	Brás Cubas espalha a notícia que vai ser secretário da província	LXXXII	591
	Brás Cubas almoça quando Virgília parte	CXV	613
Igreja de São Domingos	Batizado de Brás Cubas	X	526
Igreja São Francisco	Quincas Borba mora no terceiro degrau da escada da igreja	LIX; XCI; CIX	573; 599; 610
Largo de São Francisco de Paula	Onde a sege espera Brás Cubas	XXXVIII; XL	556; 559
Matacavalos	Uma das casas da família	XXVI	548
Misericórdia	Virgília pede pra Brás Cubas levar Dona Plácida para lá	CXLII; CXLIII; CXLIV	629; 630; 631
Morro da Conceição	Brás Cubas e Quincas Borba brincavam na infância	XIII	532
Morro do Livramento	Brás Cubas e Quincas Borba brincavam na infância	XIII	532
	Brás Cubas vai à missa na capela	CXXXI	618
Passeio Público	Brás Cubas passeia e encontra Quincas Borba mendigo	LIX; LXI; XCI; CIX; CIX; CLIX	572; 575; 599; 610; 610; 638
Praia do Flamengo	Reflexões de Brás Cubas	C	605
Rocio Grande	Brás Cubas viu Marcela pela primeira vez	XIV; XV	533; 534
Rua dos Ourives	Onde Brás Cubas compra joia para Marcela	XVII	538
	Brás Cubas quebra o relógio enquanto passeia e entra na loja onde está Marcela	XXXVIII	557
Rua do Ouvidor	Brás Cubas encontra Virgília	L	566
	Brás Cubas espalha a notícia que vai ser secretário da província	LXXXII	591
	Brás Cubas encontra Lobo Neves quando ele ia partir para o Norte	CXII	612
Rua do Piolho	Onde morava o professor de Brás Cubas	XIII	532
Rua dos Barbonos	Brás Cubas passa ao sair da casa de Lobo	LIX	572

São Cristóvão	Comparação de Viegas sobre sua casa (velha) e as daí (também)	LXXXVIII	597
Sé (Igreja)	Pai de Dona Plácida era sacristão	LXXIV; LXXV	585; 586; 631
Teatro São Pedro	Damasceno foi com sua família	XCII	600
	Brás Cubas vai para lá depois de se separar de Virgília	XCVIII	603
Tijuca	Festa de São João que Brás Cubas vê Virgília	VI	519
	Chácara da família Cubas	XXV; XXV; XXXIII; XXXV; XXXVI CXL	546; 547; 554; 555; 556; 628
	Referência na explicação do Humanitismo	CXVII	615
Tipografia Plancher	Brás Cubas encontra Virgília	L	566
Tivoli	Brás Cubas fala das recordações do Rio de Janeiro	CXV	613
Valongo	Caminho de Brás depois de achar a casa da Gamboa e onde vê Prudêncio maltratar o preto	LXVIII; LXVIII	581; 582

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
África	Referência nas reflexões de Brás	I	514
África	Sobre a história fictícia da genealogia dos Cubas	III	515
Angola	Referência na explicação do Humanitismo	CXVII	618
Arábias	Interjeição de Marcela sobre Brás	XV	536
Astúrias	Marcela era filha de um hortelão das Astúrias	XIV	533
Atenas	Reflexões do alienista	CLIV	636
Augsburgo	Reflexões sobre ideias fixas	IV	516
Bagdá	Comparação com a rua da casa de Marcela	XVIII	539
Barbacena	Tio de Quincas que deixa herança era de lá	CIX	610
Botequim do Nicola	Sobre o Bocage em Lisboa	XII	529
Brasil	Sobre os tempos dos vice-rei	XLVI	563
Cadaval	Referência a Duquesa de Cadaval	XII; XII	530; 530
Cantuária	Reflexões de Brás	CLIII	635
Coimbra	Luís Cubas havia estudado em Coimbra	III	515;
Coimbra	Brás vai para a Universidade de Coimbra	XVII; XX; XX	536; 542; 542
Coimbra	Sobre a enferma do navio que ainda queria ir a Coimbra	XIX	540
Dalmácia	Sobre a revolução dalmata	CI; CI; CI	605; 605; 605
Espanha	Sobre a nacionalidade de Marcela	XIV	533
Europa	Referência ao touro da Europa	XV	534
Europa	Brás vai à Europa	XVII; XVII; XXII; XXII; XX; XXX; XCII;	536; 536; 543; 543; 551; 600
Europa	Possibilidade de fuga de Brás e Virgília	LXIII	576
Europa	Jornais vinham da Europa	CI	605
Flandres	Referência às toalhas da família Cubas	XII	529
Holanda	Sobre os conflitos do Norte	X	526
Holanda	Reflexões sobre o bibliômano	LXXII	584
Ilisso	Referência nas reflexões de Brás	I; V	514; 518
Índia	Referência às jarras da família Cubas	XII	529
Índia	Referência sobre a baixela de Marcela	XV	535
Índia	Reflexões sobre o bibliômano	LXXII	584
Inglaterra	Sobre as relações políticas com o Brasil	XCII	600
Itália	Brás vai à Europa	XXII	544
Itália	Reflexões sobre o bibliômano	LXXII	584
Lisboa	Sobre o Bocage que Vilaça ouviu em Lisboa	XII	529
Lisboa	Brás vai para a Europa	XVIII; XIX; XIX; XX XXII; XXII; XX; XXII; XXII	539; 539; 540; 542; 543; 543;
Lisboa	Sobre a enferma do navio que ainda queria ir a Lisboa	XIX; XIX	
Madri	Sobre a nacionalidade de Marcela	XIV	533
Minas	Quincas ganha herança de seus parentes de lá	XCI	599
Minas Gerais	Quincas vai para lá	CLIX	638
Módena	Sobre as reflexões de um cabeleireiro de lá	XXIV	545
Mondego	Metáfora sobre o diploma de Brás	XX	542
Navarra	Sobre a rainha – reflexões	CXXXI; CXXXXI	624; 624
Nilo	Sobre a origem do mundo no delírio de Brás	VII	520
Norte	Padrinhos de Brás descendiam das famílias do Norte	X	526
Norte	Lobo Neves seria presidente da província	LXXX; LXXXI; LXXXI; LXXXII	589; 591; 591; 591
Norte	Damasceno havia vindo do Norte	XCII; XCII	600; 600
Paris	Sobre o cozinheiro do Hotel Pharoux	CXV	613
Petrópolis	Brás Cubas fala da Ideia (de seus sonhos) de transformar o arcebispo da Cartuária em coletor de Petrópolis	CLIII	

Petrópolis	Reflexões de Brás	CLIII	635
Pireu	Reflexões do alienista	CLIV	636
Ponte dos Suspiros	Brás vai à Europa	XXII	544
Praia Grande	Baile onde Damasceno havia conhecido o pai de Brás Cubas	XCII	600
Rialto	Sobre suas damas - Brás vai à Europa	XXII	544
Roma	Sobre Tito – Reflexões sobre ideias fixas	IV	516
Roma	Referência ao governo de Roma	XV	534
São Paulo	Virgília havia chegado de São Paulo	XLVIII; XLIV	564; 565
São Vicente	Sobre o Brás Cubas que fundou a vila de São Vicente	III	516
Suíça	Presente no nome da peça que Damasceno vai ver no teatro	XCII	600
Veneza	Brás vai à Europa	XXII	544

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
H A B I T A Ç Õ E S E C I D A D E	Casa e costumes de Marcela		
	A casa em que morava, nos Cajueiros, era própria. Eram sólidos e bons os móveis, de jacarandá lavrado, e todas as demais alfaías, espelhos, jarras, baixela, — uma linda baixela da Índia, que lhe doara um desembargador.	XV	
	Trouxe-lho a mucama, numa salva de prata, que fazia parte dos meus onze contos. Marcela ofereceu-me polidamente o refresco [...]	XVII	
	No fim da escada, ao fundo do corredor escuro, parei alguns instantes para respirar [...]	XVIII	
	Casa dona Eusébia		
	Saimos à varanda, dali à chácara, e foi então que notei uma Circunstância [...]	XXXII	
	Casa Brás Cubas (Infância)		
	Em casa, quando lá ia passar alguns dias, não poucas vezes me aconteceu achá-lo, no fundo da chácara, no lavadouro, a palestrar com as escravas que batiam roupa; aí é que era um desfiar de anedotas, de ditos, de perguntas, e um estalar de risadas, que ninguém podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa.	XI	
	Casa da chácara de Brás Cubas		
	Trouxeram-nos café; era uma hora da tarde, estávamos na minha sala de estudo, uma bela sala, que dava para o fundo da chácara, bons livros, objetos d'arte, um Voltaire entre eles, um Voltaire de bronze, que nessa ocasião parecia acentuar o risinho de sarcasmo, com que me olhava, o ladrão; cadeiras excelentes; fora, o sol, um grande sol, que o Quincas Borba, não sei se por chalaça ou poesia, chamou um dos ministros da natureza; corria um vento fresco, o céu estava azul. De cada janela, — eram três — pendia uma gaiola com pássaros, que chilreavam as suas óperas rústicas. Tudo tinha a aparência de uma conspiração das coisas contra o homem: e, conquanto eu estivesse na minha sala, olhando para a minha chácara, sentado na minha cadeira, ouvindo os meus pássaros, ao pé dos meus livros, alumiado pelo meu sol, não chegava a curar-me das saudades daquela outra cadeira, que não era minha.	CXL	
	Casinha na Gamboa		
	[...] recanto da Gamboa. Um brinco! Nova, caiada de fresco, com quatro janelas na frente e duas de cada lado, — todas com venezianas cor de tijolo, — trepadeira nos cantos, jardim na frente; mistério e solidão. Um brinco!	LXVII	
	Formas de morar		
	No sétimo dia, acabada a missa fúnebre, travei de uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque, — o Prudêncio do capítulo XI, — e fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade.	XXV	
	[...] ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitiço moderno, porque a dele era das antigas, contemporânea de el-rei D. João VI, à maneira de algumas que ainda hoje (creio eu) se podem ver no bairro de São Cristóvão, com as suas grossas colunas na frente. Parecia-lhe que o casarão em que morava podia ser substituído, e já tinha encomendado o risco a um pedreiro de fama. Ah! então sim, então é que Virgília chegaria a ver o que era um velho de gosto.	LXXXVIII	
	Cidade		
	Vim. Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política; era-o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher de mantilha, o preto do ganho, as coisas e cenas da meninice, buriladas na memória. Nada menos que uma renascença. O espírito, como um pássaro, não se lhe deu da corrente dos anos, arrepiou o voo na direção da fonte original, e foi beber da água fresca e pura, ainda não mesclada do enxurro da vida.	XXIII	
	Dadas as voltas, ao passar pela Rua dos Ourives, consulto o relógio e caime o vidro na calçada. Entro na primeira loja que tinha à mão; era um cubículo, — pouco mais, — empoeirado e escuro.	XXXVIII	

P E R S O N A G E N S	...Velhos do meu tempo, acaso vos lembrais desse mestre cozinheiro do Hotel Pharoux, um sujeito que, segundo dizia o dono da casa, havia servido nos famosos Véry e Véfour, de Paris, e mais nos palácios do Conde Molé e do Duque de la Rochefoucauld? Era insigne. Entrou no Rio de Janeiro com a polca... A polca, M. Prudhon, o Tivoli, o baile dos estrangeiros, o Cassino, eis algumas das melhores recordações daquele tempo; mas sobretudo os acepipes do mestre eram deliciosos.	CXV	
	Acrece que eu não sabia ou não me lembrava do tal Beco das Escadinhas; mas, pelo nome, parecia-me algum recanto estreito e escuro da cidade. Tinha de lá ir, chamar a atenção dos vizinhos, bater à porta, etc. Que maçada! Não vou.	CXLIII	
	Família Cubas O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós — dos avós que a minha família sempre confessou, — porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei Conde da Cunha. Como este apelido de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto de Damião, que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um calembour. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos.	III	
	— Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste; não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para te não ver brilhar, como deves, e te convém, e a todos nós; é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais [...]	XXVIII	
	Cotrim Era um bom rapaz este Cotrim; passara de estróina a circunspecto. Agora comerciava em gêneros de estiva, labutava de manhã até à noite, com ardor, com perseverança.	XXV	
	O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. (Sobre Cotrim, que era negociante de escravos)	CXXIII	
	Damasceno Ao sopé detivemo-nos alguns minutos, à espera de Damasceno; ele veio daí a pouco rodeado dos apostadores, a comentar com eles a briga. Um destes, tesoureiro das apostas, distribuía um velho maço de notas de dez tostões, que os vencedores recebiam duplamente alegres. [...]Eu fui andando, vexado; Nhã-loló vexadíssima.	CXXI	
	Nhã-Loló [...]Juma D. Eulália, ou mais familiarmente Nhã-loló, moça graciosa, um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio. Faltava-lhe elegância, mas compensava-a com os olhos, que eram soberbos [...]	XCIII	
	Marcela Era filha de um hortelão das Astúrias; disse-mo ela mesma, num dia de sinceridade, porque a opinião aceita é que nascera de um letrado de Madri, vítima da invasão francesa, ferido, encarcerado, espingardeado, quando ela tinha apenas doze anos. Cosas de España. Quem quer que fosse, porém, o pai, letrado ou hortelão, a verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica, e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes.	XIV	
	D. Plácida Era filha natural de um sacristão da Sé e de uma mulher que fazia doces para fora. Perdeu o pai aos dez anos. Já então ralava coco e fazia não sei que outros trabalhos de doceira, compatíveis com a idade. Aos quinze ou dezesseis casou com um alfaiate, que morreu tísico algum tempo depois, deixando-lhe uma filha. Viúva e moça, ficaram a seu cargo a filha, com dois anos, e a mãe, cansada de trabalhar. Tinha de sustentar a três pessoas. Fazia doces, que era o seu ofício, mas cosia também, de dia e de noite, com afinco, para três ou quatro lojas, e ensinava algumas crianças do bairro, a dez tostões por mês. Com isto iam-se passando os	LXXIV	

	<p>anos, não a beleza, porque não a tivera nunca. Apareceram-lhe alguns namoros, propostas, sedução, a que resistia.</p> <p>— Se eu pudesse encontrar outro marido, disse-me ela, creia que me teria casado; mas ninguém queria casar comigo.</p> <p>Um dos pretendentes conseguiu fazer-se aceito; não sendo, porém, mais delicado que os outros, D. Plácida despediu-o do mesmo modo, e, depois de o despedir, chorou muito. Continuou a coser para fora e a escumar os tachos. A mãe tinha a rabugem do temperamento, dos anos e da necessidade; mortificava a filha para que tomasse um dos maridos de empréstimo e de ocasião que lhe pediam. E bradava:</p> <p>— Queres ser melhor do que eu? Não sei donde te vêm essas fidúcias de pessoa rica. Minha camarada, a vida não se arranja à toa; não se come vento. Ora esta! Moços tão bons como o Policarpo da venda, coitado... Esperas algum fidalgo, não é?</p> <p>D. Plácida jurou-me que não esperava fidalgo nenhum. Era gênio. Queria ser casada. Sabia muito bem que a mãe o não fora, e conhecia algumas que tinham só o seu moço delas; mas era gênio e queria ser casada. Não queria também que a filha fosse outra coisa. Trabalhava muito, queimando os dedos ao fogão, e os olhos ao candeeiro, para comer e não cair. Emagreceu, adoeceu, perdeu a mãe, enterrou-a por subscrição, e continuou a trabalhar. A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, a não ser namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula. D. Plácida vivia com imensos cuidados, levando-a consigo, quando tinha de ir entregar costuras. A gente das lojas arregalava e piscava os olhos, convencida de que ela a levava para colher marido ou outra coisa. Alguns diziam graçolas, faziam cumprimentos; a mãe chegou a receber propostas de dinheiro...</p>		
	<p>Lobo Neves</p> <p>Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família. Outra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi; tal foi o começo da minha derrota. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.</p>	XLIII	
	<p>Damasceno</p> <p>O portador era casado com uma irmã do Cotrim, chegara poucos dias antes do Norte, chamava-se Damasceno, e fizera a revolução de 1831. Foi ele mesmo que me disse isto, no espaço de cinco minutos. Saiu do Rio de Janeiro, por desacordo com o Regente, que era um asno, pouco menos asno do que os ministros que serviram com ele. De resto, a revolução estava outra vez às portas. Neste ponto, conquanto trouxesse as idéias políticas um pouco baralhadas, consegui organizar e formular o governo de suas preferências: era um despotismo temperado, — não por cantigas, como dizem alhures, — mas por penachos da guarda nacional. Só não pude alcançar se ele queria o despotismo de um, de três, de trinta ou de trezentos. Opinava por várias coisas, entre outras, o desenvolvimento do tráfico dos africanos e a expulsão dos ingleses. Gostava muito de teatro; logo que chegou foi ao Teatro de São Pedro, onde viu um drama soberbo, a Maria Joana, e uma comédia muito interessante, Kettly, ou a volta à Suíça. Também gostara muito da Deperini, na Safo, ou na Ana Bolena, não se lembrava bem. Mas a Candiani! sim, senhor, era papa-fina. Agora queria ouvir o Ernani, que a filha dele cantava em casa, ao piano: Ernani, Ernani, involami... — E dizia isto levantando-se e cantarolando a meia voz.</p> <p>— No Norte essas coisas chegavam como um eco. A filha morria por ouvir todas as óperas. Tinha uma voz muito mimosa a filha. E gosto, muito gosto. Ah! ele estava ansioso por voltar ao Rio de Janeiro. Já havia corrido a cidade toda, com umas saudades... Palavra! em alguns lugares teve vontade de chorar. Mas não embarcaria mais. Enjoara muito a bordo, como todos os outros passageiros, exceto um inglês... Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora. Que é que a Inglaterra podia fazer-nos? Se ele encontrasse algumas pessoas de boa vontade, era obra de uma noite a expulsão de tais godemes... Graças a Deus, tinha patriotismo, — e batia no peito, — o que não admirava porque era de família; descendia de um antigo capitão-mor muito patriota. Sim, não era nenhum pé-rapado. Viesse a ocasião, e ele havia de mostrar de que pau era a canoa... Mas fazia-se tarde, ia dizer que eu não faltaria ao jantar, e lá me esperava para maior palestra. — Levei-o até à porta da sala; ele parou dizendo que simpatizava muito comigo. Quando casara, estava eu na Europa. Conheceu meu pai, um homem às direitas, com quem dançara num célebre baile da Praia Grande... Coisas! coisas! Falava depois, fazia-se tarde, tinha de ir levar a resposta ao Cotrim. Saiu; fechei-lhe a porta...</p>	XCII	

R E N D A S	Renda de Brás Cubas e sua família		
	Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei.	I	
	Teve duas fases a nossa paixão [...]. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. (Sobre Marcela)	XV	
	...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raías de um capricho juvenil. (Sobre Marcela)	XVII	
	Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacudiu-mos na cara. — Vês, peralta? é assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma	XVII	
	[...] — Mas afinal, disse Cotrim; esta casa pouco mais pode valer de trinta contos; demos que valha trinta e cinco... — Vale cinqüenta, ponderei; Sabina sabe que custou cinqüenta e oito... — Podia custar até sessenta, tornou Cotrim; mas não se segue que os valesse, e menos ainda que os valha hoje. Você sabe que as casas, aqui há anos, baixaram muito. Olhe, se esta vale os cinqüenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campo? — Não fale nisso! Uma casa velha. — Velha! exclamou Sabina, levantando as mãos ao teto. [...] Tínhamos falado na prata, a velha prataria do tempo de D. José I, a porção mais grave da herança, já pelo labor, já pela vetustez, já pela origem da propriedade; dizia meu pai que o Conde da Cunha, quando vice-rei do Brasil, a dera de presente a meu bisavô Luís Cubas. [...] — Não falta mais nada. Quer a sege, quer o boleiro, quer a prata, quer tudo. [...] Estava tão agastado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação; dividir a prata. Riu-se e perguntou-me a quem caberia o bule e a quem o açucareiro; e depois desta pergunta, declarou que teríamos tempo de liquidar a pretensão, quando menos em juízo. Entretanto, Sabina fora até à janela que dava para a chácara, — e depois de um instante, voltou, e propôs ceder o Paulo e outro preto, com a condição de ficar com a prata; eu ia dizer que não me convinha, mas Cotrim adiantou-se e disse a mesma coisa. (Discussão sobre a herança dos Cubas)	XXXVIII	
	De noite, no dia seguinte, em toda aquela semana pensei o menos que pude nos cinco contos, e até confesso que os deixei muito quietinhos na gaveta da secretária. Gostava de falar de todas as coisas, menos de dinheiro, e principalmente de dinheiro achado; todavia não era crime achar dinheiro, era uma felicidade, um bom acaso, era talvez um lance da Providência. Não podia ser outra coisa. Não se perdem cinco contos, como se perde um lenço de tabaco. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos, apalpam-se a miúdo, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para se perderem assim tolamente, numa praia, é necessário que... Crime é que não podia ser o achado; nem crime, nem desonra, nem nada que embaciasse o caráter de um homem. Sobre o jantar fui outra vez ao gabinete, examinei o dinheiro, e ri-me dos meus cuidados maternos a respeito de cinco contos, — eu, que era abastado.	LII	
	Eram as contas das despesas com a construção da casa: contas de pedreiro, de carpinteiro, de pintor; contas do papel da sala de visitas, da sala de jantar, das alcovas, dos gabinetes; contas das ferragens; custo do terreno. Ele abria-as, uma por uma, com a mão trêmula, e pedia-me que as lesse, e eu lia-as. — Veja; mil e duzentos, papel de mil e duzentos a peça. Dobradiças francesas... Veja, é de graça, concluiu ele depois de lida a última conta. (Contas da casa de Viegas)	LXXXIX	
R E L I G I A O	Virgília era um pouco religiosa. Não ouvia missa aos domingos, é verdade, e creio até que só ia às igrejas em dia de festa, e quando havia lugar vago em alguma tribuna. Mas rezava todas as noites, com fervor, ou, pelo menos, com sono. Tinha medo às trovoadas; nessas ocasiões, tapava os ouvidos, e resmoneava todas as orações do catecismo. Na alcova dela havia um oratóriozinho de jacarandá, obra de talha, de três palmos de altura, com três imagens dentro; mas não falava dele às amigas; ao contrário, tachava de beatas as que eram só religiosas. Algum tempo desconfiei que havia nela certo vexame de crer, e que a sua religião era uma espécie de camisa de flanela, preservativa e clandestina; mas evidentemente era engano meu.	LVII	
	Não era homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões. Vinha	XI	

	antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. (Sobre um tio de Brás Cubas)		
	Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam, lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão, a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um... Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.	XLV	
	Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, — os cinco contos achados em Botafogo, — como um pão para a velhice. D. Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.	LXX	
TRANSPORTES	Vi-a sair de uma cadeirinha, airosa e vistosa, um corpo esbelto, ondulante, um desgarre, alguma coisa que nunca achara nas mulheres puras. (Sobre Marcela)	XIV	
	[...] meteram-me numa sege, meu pai à direita, meu tio cônego à esquerda, o da libré na boléia, e lá me levaram à casa do intendente de polícia [...]	XVIII	
	Bebeu o último gole de café; repolteou-se, e entrou a falar de tudo, do Senado, da Câmara, da Regência, da restauração, do Evaristo, de um coche que pretendia comprar, da nossa casa de Mata-cavalos... (Sobre o pai de Brás Cubas)	XXVI	
	Aceitei o convite. No dia seguinte, mandei que a sege me esperasse no Largo de São Francisco de Paula, e fui dar várias voltas.	XXXVIII	
	Interrompeu-nos o rumor de um carro na chácara. Veio um escravo dizer que era a baronesa X.	LXV	
	Tinham ido todos; só o meu carro esperava pelo dono. Acendi um charuto; afastei-me do cemitério. Não podia sacudir dos olhos a cerimônia do enterro, nem dos ouvidos os soluços de Virgília.	CLII	
COSTUMES	Educação		
	Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa. Meu tio cônego fazia às vezes alguns reparos ao irmão; dizia-lhe que ele me dava mais liberdade do que ensino, e mais afeição do que emenda; mas meu pai respondia que aplicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado; e por este modo, sem confundir o irmão, iludia-se a si próprio. (Educação de Brás Cubas)	XI	
	Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as franquezas, depois mais, depois mais.	XII	
	Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos. Tinha amarguras esse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições árduas e longas, e pouco mais, muito pouco e muito leve. Só era pesada, a palmatória, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o compelle intrare com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorâncias, e o meu espadim, aquele espadim de 1814, tão superior à espada de Napoleão! Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição de cor e compostura na aula; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é das últimas letras; com a diferença que tu, se me metias medo, nunca me meteste zanga. Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois à lição. E fizeste isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da Rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho, — ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita.	XIII	
	E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, — principalmente de saudades. Tinha eu	XX	

	conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava a liberdade, dava-me a responsabilidade. Guardei-o, deixei as margens do Mondego, e vim por ali fora assaz desconsolado, mas sentindo já uns ímpetos, uma curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver, — de prolongar a Universidade pela vida adiante..		
	Festas, comemorações e cerimônias.		
	Não se contentou a minha família em ter um quinhão anônimo no regozijo público; entendeu oportuno e indispensável celebrar a destituição do imperador com um jantar, e tal jantar que o ruído das aclamações chegasse aos ouvidos de Sua Alteza, ou quando menos, de seus ministros. Dito e feito. Veio abaixo toda a velha prataria, herdada do meu avô Luís Cubas; vieram as toalhas de Flandres, as grandes jarras da Índia; matou-se um capado; encomendaram-se às madres da Ajuda as compotas e as marmeladas; lavaram-se, arearam-se, poliram-se as salas, escadas, castiçais, arandelas, as vastas mangas de vidro, todos os aparelhos do luxo clássico.	XII	
	Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazeirar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dois peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.	XIII	
	Oito dias depois, encontrei-a num baile; creio que chegamos a trocar duas ou três palavras. Mas noutro baile, dado daí a um mês, em casa de uma senhora, que ornara os salões do primeiro reinado, e não desornava então os do segundo, a aproximação foi maior e mais longa, porque conversamos e valsamos. (Brás e Virgília)	L	
	Passeios, Lazer, Costumes		
	— Já; virei amanhã ou depois. — Não sei se se faz bem, retorqui; o doente é um solteirão e a casa não tem senhoras... [...] — Estou velha! Ninguém mais repara em mim. Mas, para cortar dúvidas, virei com o Nhonhô. (Virgília, sobre visitar Brás Cubas sozinha)	VI	
	Uma só vez falamos nisso, de passagem, quando meu pai fez recair a conversa na Regência: foi então que aludiu à carta de pêsames que um dos Regentes lhe mandara. Trazia a carta consigo, já bastante amarrutada, talvez por havê-la lido a muitas outras pessoas. Creio haver dito que era de um dos Regentes. Leu-ma duas vezes.	XXVI	
	Vivi meio recluso, indo de longe em longe a algum baile, ou teatro ou palestra, mas a maior parte do tempo passei-a comigo mesmo Vivia; deixava-me ir ao curso e recurso dos sucessos e dos dias, ora buliçoso, ora apático, entre a ambição e o desânimo. Escrevia política e fazia literatura. Mandava artigos e versos para as folhas públicas, echeguei a alcançar certa reputação de polemista e de poeta.	XLVII	
	Como o Viegas gostasse de jogar damas, Virgília cumpria-lhe o desejo, aturando-o por largo tempo, a mover as pedras com a mão frouxa e tarda.	LXXXVIII	
	Gostava muito de teatro; logo que chegou foi ao Teatro de São Pedro, onde viu um drama soberbo, a Maria Joana, e uma comédia muito interessante, Kettly, ou a volta à Suíça. Também gostara muito da Deperini, na Safo, ou na Ana Bolena, não se lembrava bem. Mas a Candiani! sim, senhor, era papa-fina. Agora queria ouvir o Ernani, que a filha dele cantava em casa, ao piano: Ernani, Ernani, involami... — E dizia isto levantando-se e cantarolando a meia voz. (Sobre Damasceno)	XCII	
	De noite fui ao teatro de São Pedro; representava-se uma grande peça, em que a Estela arrancava lágrimas. Entro; corro os olhos pelos camarotes [...]	XCVIII	
E	Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de menino diabo; e	XI	

S C R A V I D Ã O	verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce por pirraça; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — ‘ai, nhonhô!’ — ao que eu retorquia: — ‘Cala a boca, besta’ [...]		
	Por exemplo, Cotrim não aceita os pretos, quer só o boleeiro de papai e o Paulo... — O boleeiro não, acudi eu; fico com a sege e não hei de ir comprar outro. — Bem; fico com o Paulo e o Prudêncio. (Sobre a herança dos Cubas)	XLVI	
	Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto! (Sobre escravo livre Prudêncio)	LXVIII	
	O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. (Sobre Cotrim, que era negociante de escravos)	CXXIII	
P O L Í T I C A	De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.	XIII	
	Riu-se meu pai, e depois de rir, tornou a falar sério. Era-me necessária a carreira política, dizia ele, por vinte e tantas razões, que deduziu com singular volubilidade, ilustrando-as com exemplos de pessoas do nosso conhecimento.	XXVI	
	Comecei devagar. Três dias depois, discutindo-se o orçamento da justiça, aproveitei o ensejo para perguntar modestamente ao ministro se não julgava útil diminuir a barretina da guarda nacional. Não tinha vasto alcance o objeto da pergunta; mas ainda assim demonstrei que não era indigno das cogitações de um homem de Estado; [...] Vária foi a impressão deste discurso. Quanto à forma, ao rpto eloquente, à parte literária e filosófica, a opinião foi só uma; disseram-me todos que era completo, e que de uma barretina ninguém ainda conseguira tirar tantas idéias. Mas a parte política foi considerada por muitos deplorável; alguns achavam o meu discurso um desastre parlamentar; enfim, vieram dizer-me que outros me davam já em oposição, entrando nesse número os oposicionistas da Câmara, que chegaram a insinuar a conveniência de uma moção de desconfiança.	CXXXVII	
	Há coisas que melhor se dizem calando; tal é a matéria do capítulo anterior. Podem entendê-lo os ambiciosos malogrados. Se a paixão do poder é a mais forte de todas, como alguns inculcam, imaginem o desespero, a dor, o abatimento do dia em que perdi a cadeira da Câmara dos Deputados. Iam-se-me as esperanças todas; terminava a carreira política.	CXL	
	A nova doutrina que professamos há de inevitavelmente derrubar o atual ministério. Confesso que, nas circunstâncias políticas da ocasião, o programa pareceu-me uma obra-prima. A ameaça do fim, que o Quincas Borba achou mesquinha, demonstrei-lhe que era saturada do mais puro Humanitismo, e ele mesmo o confessou depois. Porquanto, o Humanitismo não excluía nada; as guerras de Napoleão e uma contenda de cabras eram, segundo a nossa doutrina, a mesma sublimidade, com a diferença que os soldados de Napoleão sabiam que morriam, coisa que aparentemente não acontece às cabras.	CXLVI	

Quincas Borba

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Aljube	De onde vinha o preto o qual Rubião viu o enforcamento	XLVII	679
Banco do Brasil	Quincas deixa apólices do Banco do Brasil para Rubião	XIV	654
	Rubião vai lá tratar de negócios	CXV; CXV	739; 739
Botafogo (bairro e praia)	Onde Rubião morava (casa herdada)	I; III; XXVI; XXXI; XLII; XLV; XLVII; LIV; LXIX LXXXV; CVIII; CXV; CXXXIII; CXLV; CLII; CLVI; CLXV;	643; 644; 661; 665; 674; 677; 678; 688; 702; 716; 735; 741; 759; 766; 770; 774; 781
	Onde Palha e Sofia constroem um palacete	CLXXXV; CLXXXIX; CXCII;	799; 802; 803
Cais Pharoux	Onde se despedem de Carlos Maria e Maria Benedita quando estes vão à Europa e onde chegam os mesmos mais tarde	CXXVI; CLXIX	754; 784
Cajueiros	Major Siqueira se muda para lá	CLXXX	794
Câmara (dos Deputados)	Rubião visitava para passar o tempo	LXXX	712
	Conselheiro descrevia a Câmara	LVIII	691
	Rubião imaginava-se na Câmara	C	728
Campo da Aclamação	Onde Rubião o carro esperava Rubião, depois de ele visitar o Major Siqueira	CLXXXI; CLXXXI; CLXXXI; CLXXXI; CLXXXI; CLXXXI; CLXXXI	796; 796; 796; 796; 796; 796; 796
Capela Imperial (era Capela Real)	Avó de Quincas Borba morre em frente	VI	646
Carceler	Rubião ia ler as correspondências da Europa lá	CLVI	774
Catete	Baile onde Rubião conhece gosta da viúva Mendes	L	684
	Carlos Maria passa pelo Catete certa noite	LXIX	704
	Por onde passeia Carlos Maria à cavalo	LXXV	709
	Rubião passava por lá indo embora da casa de Palha e Sofia	XCIV; XCV; XCVII	723; 723; 724
	Passeio de Sofia	CLII; CLII	770; 770
Cemitério dos Ingleses	Rubião passeia a pé na volta da visita a Freitas	LXXXVI	717
Convento da Ajuda	Passaram por lá no passeio de Sofia	CLIII	773
Engenho Velho	Rubião tinha visto lá uma parelha soberba – para o casamento de Carlos Maria e Maria Benedita	CXVI	742
	Carlos Maria passeio a cavalo por lá na manhã de seu casamento	CXXII	751
Flamengo (bairro e praia)	Sofia, a prima e Palha, mudam-se para uma casa na praia do Flamengo	LXIX; LXXV LXXXIII; LXXXIII; LXXV; XCII; CIII; CVIII; CVIII; CXV; CXV; CLXXXVII; CLXXXVIII	702; 709; 714; 714; 716; 721; 729; 733; 735; 739; 740; 800; 800
	Carlos Maria passeia pela praia do Flamengo certa noite	LXIX; LXXIV;	704; 708
Gamboa	Rubião passeia a pé na volta da visita a Freitas	LXXXVI	717
Glória	Para onde foi a costureira Dondon e um homem que a acompanhou	XCVII	724
Hospedaria da União	Rubião se hospedaria indo para o Rio de Janeiro	XXII	660
Hotel de la Bourse	Almoçaram Rubião e Camacho	LVIII	691
Igreja de Santo Antônio dos Pobres	D. Fernanda vai lá num domingo e conversa com Carlos Maria	CXX	749
Igreja de São Francisco do Paula	Onde foi rezada a missa de sétimo dia de Maria Augusta	CIII	729
Largo da Ajuda	Passaram por lá no passeio de Sofia	CLIII; CLIII; CLIII	773; 773; 773
Largo da Carioca	Passaram por lá no passeio de Sofia	CLIII; CLIII	773; 773
Largo de São Francisco	Rubião vai pegar tálburi para ir pra casa depois de passear no Largo de São Francisco pensando em Sofia	XLV	677
Largo de São Francisco	Trajeto que Rubião faz quando jovem para ir resolver negócios mas acaba vendo o enforcamento de um preto	XLVII; XLVII	678; 678

Largo do Moura	Para onde iam os pretos que seriam enforcados	XLVII	679
Largo do Paço	Onde a cadeirinha esperava a avó de Quincas Borba	VI	646
Loja do Bernardo	Rubião ia lá	CXXXVII	760
Mataporcos	Onde ocorreu o assassinato pelo qual o preto ia ser enforcado	XLVII	679
Paço Imperial	Por onde Rubião caminhava depois da visita ao Major Siqueira – caminhava como que conversando com alguém, em seu delírio, a imperatriz	CLXXXII	797
Passeio Público	Alguém fala a Rubião que salvou uma menina prestes a afogar no boqueirão do Passeio – análoga a história que Rubião salva o menino do carro	LXVII	700
	Passaram por lá no passeio de Sofia	CLIII	773
Porto do Rio de Janeiro	Sobre a Empresa Melhoradora dos Embarques, em que Rubião investe	CX	736
Praça da Constituição	Onde acaba chegando Rubião pensando em Sofia	XLV	677
Praça do Comércio	Onde tinha a assinatura da subscrição para as Alagoas	CVIII	734
Praia de Santa Luzia	Rubião queria parar por lá quando foi passear com Sofia	CLII	770
Praia de São Cristóvão	Próximo a Praia Formosa, onde Rubião vista Freitas	LXXXVI; CII;	717; 729
Praia dos Lázarus	Próximo a Praia Formosa, onde Rubião vista Freitas	LXXXVI	717
Praia Formosa	Onde Freitas morava	LXXXV; LXXXVI; LXXXVII; LXXXIX	716; 717; 718; 719
Praia Vermelha	Palha não quer mandar Rubião se tratar lá	CLXIV	780
Rua Bela da Princesa	Por onde entra o carro no caminho à passeio de Sofia	CLI; CLII	769; 770
Rua da Ajuda	Onde era o editorial do jornal do Dr. Camacho	LX; LXI; LXVII;	693; 694; 699
	Passeava Rubião falando sozinho depois da visita ao Major Siqueira	CLXXXII; CLXXXIV	797; 797
Rua da Alfândega	Casa de importação da sociedade de Palha e Rubião	LXIX	702
Rua da Direita	A avó de Quincas Borba foi levada depois de ter sido atropelada pelas bestas	VI	646
Rua da Harmonia	Morava uma costureira que supostamente o moço da Rua dos Inválidos vai ver, contado pelo cocheiro	LXXXIX; LXXXIX; XC; XC; XCVII; XCVII; XCVII; XCIX; CVI; CVI	719; 719; 720; 720; 724; 724; 724; 726; 732; 733
	Onde Dondon morava (amiga de Sofia)	XCIII; XCIII; XCV; CVI	722; 722; 723; 733
Rua da Lapa	Sobe com o cocheiro para chegar a sua casa em Botafogo	XLVIII	680
Rua da Misericórdia	Botica do Bernardes, na rua São José com a Misericórdia	XXXIV	668
Rua da Princesa (dos Cajueiros)	Major Siqueira se muda para lá	CLXXX	794
Rua da Quitanda	Por onde Rubião deveria ir para ver sobre seus negócios	XLVII	679
Rua da Saúde	Fim do trajeto de Rubião na volta da visita a Freitas	LXXXVII; CVI	717; 733
Rua das Mangueiras	Vira Rubião ao sair da casa do Major Siqueira	CXXXII	757
Rua de Matacavalos	Chácara onde d. Fernanda disse à Maria Benedita que deveria se casar com Carlos Maria	CXVIII	746
Rua de São Cristóvão	Por onde passava Rubião na volta do enterro de Freitas	CII	729
Rua de São José	Botica do Bernardes, onde Major Siqueira conheceu o seu amigo João das Panturilhas (Ao desembocar na Rua da Misericórdia)	XXXIV; XXXIV	668; 668
Rua de São Lourenço	Por onde Rubião deveria seguir para ir até o Campo de Aclamação (Praça da República) para pegar o carro e ir embora, após visitar o Major Siqueira	CLXXXI	796
Rua do Cano (Sete de Setembro)	Rubião morava quando jovem junto a um amigo	XLVII	678
Rua do Ouvidor	Trajetos que Rubião faz quando jovem para ir resolver negócios mas acaba vendo o enforcamento de um preto	XLVII; XLVII; XLVII	678; 678; 679
	Rubião pensa em passear por lá	LXXXV	716
	Rubião conhece várias pessoas de lá	CXXXIII	758
	Onde se situava a charutaria do Bernardo	CXXXVII	760
	Rubião chama barbeiro da Rua do Ouvidor	CXLV	765
	Sofia entra numa livraria	CLXII; CLXIV	779; 780
Rua do Passeio	Onde morava uma amiga de Sofia, da comissão	XCIII	722
Rua do Príncipe	Rubião pretende encontrar a Dondon no meio do caminho a casa	XCV	723
	Palha aluga uma casa para morar Rubião	CLXV; CLXVII; CLXXXVIII	781; 782; 800
Rua do Senado	Casa Major Siqueira e filha Tonica	XLIII	675
Rua do Senhor dos Passos	Onde foi comprado um quadro do Major Siqueira	CXX	757
Rua Dois de Dezembro	Para onde se muda Major Siqueira	LXXXVIII;	711; 756

		CXXX	
Rua dos Arcos	Onde tinha um baile	LXIX; CXVIII	702; 744
Rua dos Barbonos	Para onde se muda Major Siqueira num modesto sobradinho	CXXX	756
Rua dos Inválidos	Casa de Carlos Maria	LXXV; LXXXVIII; CV; CXV	709; 711; 731; 739
	Onde morava o moço que o cocheiro levou aos bairros da Praia Formosa para ver uma mulher	LXXXIX; LXXXIX; LXXXIX; LXXXIX; CVI	719; 719; 719; 719; 733
Rua dos Ourives	Trajetos que Rubião faz quando jovem para ir resolver negócios mas acaba vendo o enforcamento de um preto – atrás do préstito, seriam enforcados os pretos	XLVII; XLVII; XLVII	678; 678; 679;
	Onde ve Sofia passando de carro com uma senhora da comissão de Alagoas	CXV	739
	Para onde vai Sofia depois de ignorar a presença de Rubião na livraria	CLXIV	780
Rua Marques de Abrantes	Palha acompanha Rubião até aí depois de almoçarem com Camacho no Hotel de la Bourse	LIX	693
Rua Municipal	Armazém onde Rubião conhece Freitas	XXIX	663
Rua São José	Para onde virou o carro que levava o menino que quase foi atropelado e que Rubião salvou	LX	693
	Para onde foi Rubião depois de sair da casa do Major Siqueira	CLXXXII	797
Saco do Alferes	Próximo a Praia Formosa, onde Rubião visita Freitas	LXXXVI; LXXXVI	717; 717
Santa Teresa	Casa de Palha e Sofia	XXII; XXIII; XXIII; XXXIV; L; LV; LVI; LIX; LXIII; LXIX; LXX; LXXI; LXXVIII; CIII; CXV; CXXVIII; CXLIV	660; 660; 660; 667; 681; 688; 689; 693; 696; 702; 706; 707; 711; 730; 740; 755; 765
São Clemente	Para onde Freitas imagina que vá Carlos Maria depois de almoçar na casa de Rubião	XXXII	667
São Cristóvão	Referência ao Imperador – Quinta da Boa Vista	CLXXV	789
Saúde	Rubião passeia a pé na volta da visita a Freitas	LXXXVI; LXXXVII	717; 718
Teatro Lírico	Palha convida Rubião para irem lá	LXXXII	714
Tijuca	Rubião, Sofia e Palha vão lá passear	CXXXIX; CXL; CXLI; CXLIII; CLII;	761; 762; 764; 764; 770
	Onde é alugada uma casa para Carlos Maria e Maria Benedita	CLXIX; CXC	784; 802

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
Alagoas	Sobre a comissão das senhoras, organizada por Sofia	XCII; CVIII; CXV; CXV; CXV; CXV; CXVII; CXVIII; CXXVII; CXXX; CXXX; CXXXIII; CXXXVIII; CLXI	721; 734; 739; 740; 740; 741; 743; 744; 754; 756; 756; 758; 760; 778
	Marido de Dona Fernanda era de lá	CXVIII	744
Alemanha	Delírios de Rubião	CLXXI	787
Atenas	Freitas diz que iria às ruínas se fosse à Europa	XXX	664
Atlântida	Sonhos de viagens de Rubião	CXXVII	754
Babilônia	Metáfora dos amigos de Rubião	CLXV	781
Barbacena	Onde vivia Quincas Borba quando morre	IV; X; X; XI; XIV;	644; 651; 652; 653; 654
	Onde nasceu e vivia Rubião	XV; XVIII; XXI; XXI; XXI; XLII; LVI; LIX; LIX; LIX; LIX; LXI; LXII; LXVII; LXXXII; CLVI;	655; 657; 658; 658; 659; 673; 689; 692; 692; 692; 692; 695; 696; 700; 714; 775; 800; 803;

		CLXXXVII; CXCIV; CXCIV; CXCIV	804; 804
	Dona Tônica diz que gostaria de conhecer	XXXVII; XXXVII	670; 671
Biarritz	Imaginações de Rubião	CXLVII	767
Boêmia	Sobre os cristais do casamento que Rubião imaginava	LXXXI	713
Cartago	Citação sobre Santo Agostinho	X	651
Catas-Altas	Sobre os contatos políticos de Dr. Camacho em Minas	C	727
Ceará	Maria José, prima de Sofia, morava lá	LXIV; LXXXIII	697; 715
Compiègne	Imaginações de Rubião	CXLVII; CXLVII; CXLVII	767; 767; 767
Europa	Chegavam coisas da Europa para Rubião	CLVI	774
	Carlos Maria e Maria Benedita se casam e vão para a Europa	CXXIV	753
	Dona Fernanda propõe ir à Europa com Teófilo	CLXXV; CLXXV	790; 790
	Rubião pensa em ir	XXI; XXI; XXI; XXI; XXX	658; 659; 659; 659; 664
França	Pessoas queriam ver o delírio de Rubião, e falavam sobre a França	CLV	774
	Sobre os romances de Dumas	LXXX	712
Garanhuns	Assassinato lá	LXVII	699
Hungria	Sobre a louça do casamento que Rubião imaginava	LXXXI	713
Icarai	Citada por Major Siqueira	XLII	673
Iguaçu	De onde eram a tia e prima de Sofia, da roça	LXIV; LXVIII	697; 701
Inglaterra	Sobre a casa de importação de Palha e Rubião	LXIX	703
Israel	Sobre a lenda da virgem de Israel	XLIII	676
Londres	Sobre a política do Brasil com o exterior	CLXXV	791
	Comparação com o Rio	XXI	658
Milão	Sobre um duque de Milão	LXXXII	713
Minas	Onde vivia Rubião	III; III; XLII; XLII; XLII; LVI; LVI; LVI; LVI; LIX; LIX; LIX; LIX; LXXXV; LXXXVI; C; C; CXXXIII; CLVIII; CLXXXVIII	643; 644; 674; 674; 675; 689; 689; 689; 689; 692; 693; 693; 693; 716; 717; 726; 726; 758; 775; 800
	Palha quer lá ir passear	LIX; LIX; LIX	692; 695; 693
Minas	Dona Tônica diz que gostaria de conhecer	XXXVII	670
Monte-caseros	Delírios de Rubião	CLXXXI	796
Nápoles	Sobre a estátua do Museu de Nápoles	CLXXXIII	788
Nova Friburgo	Para onde pensa Sofia em ir caso pensem que ela tem um caso com Rubião	LI	686
Ouro Preto	Os jornais de Quincas chegavam de lá	IV	645
Paraguai	Rubião e Palha conversam sobre a guerra	XXI	658
Paraná	Sobre o Marquês do Paraná	LVII; LXI; CLXXIX	690; 695; 794
Paris	Carlos Maria e Maria Benedita haviam estado lá	CLXX	785
	Sobre de onde havia vindo o busto de Napoleão III	CXLVI	766
	Comparação com o Rio	XXI	658
Pelotas	Sobre uma moça que Dona Fernanda conheci	CXVIII; CXVIII; CXVIII; CXVIII; CXX; CXX	744; 744; 745; 745; 749; 749
Petrópolis	Carlos Maria passa um tempo lá	LXIX	704
	Pessoas desciam de lá para a cidade	CLXXXV	799
Piauí	Sobre o baile da baronesa de Piauí	LXVIII	700
Pinheiros	Sobre a política do Dr. Camacho	C; CX; CX; CX	727; 737; 737; 737
Porto Alegre	Dona Fernanda nascera lá	CXVIII	744
Portugal	Em meio a frase do papagaio real – imaginação de José Maria	CXXII	752
Prússia	Delírios de Rubião	CXCIX	805
Recife	Camacho era formado pela faculdade do Recife	LVII	690
	Sobre um colega do Dr. Camacho, formado na Faculdade do Recife	CX	737
Reno	Delírios de Rubião	CLXXI	787
Rio Grande	Dona Fernanda era de lá	CXX; CLXXV	750; 790
Rua Tiradentes	Em Barbacena, onde Rubião chega	CXCIV	804
Rússia	Sobre o ministro da Rússia	LXXXI	713

São João d'El Rei	Sobre um fazendeiro rico de lá, padrinho de Maria Benedita	LXVIII; LXXXIII	701; 715
	Sobre a preta que falou a Rubião da transmigração das almas	XLVIII	680
São José dos Campos	Um dos convidados do baile de Camacho tinha um parente lá	LXX	706
São Paulo	Palha quer visitar São Paulo	LIX	692
Saquarema	Onde nasceu Padre Mendes	XLII	674
Sèvres	Sobre os vasos do casamento que Rubião imaginava	LXXXI	713
Sião	Metáfora dos amigos de Rubião	CLXV; CLXV	781; 781
Suécia	Delírios de Rubião	CLXXI	787
Sul	Sobre Dona Fernanda	CXVIII	744
Tulherias	Delírios de Rubião	CLXXXI; CXC VII	796; 805
Túnis	Chinelas de Rubião eram de Túnis	I	643
Varsóvia	Dona Fernanda propõe ir à Europa com Teófilo	CLXXV; CLXXV; CLXXV	790; 790; 790
Vassouras	Estavam a viagem, Palha e Sofia	XXI; XXI; LIX	658; 658; 692
	Dr. Camacho está em Vassouras	LXXXV; C; C	716; 726; 726
Vassouras (estação de)	Encontro de Quincas com Sofia e Palha	III; XXI; XXI; XXI;	644; 657;
Veneza	Delírios de Rubião	CLXXI	787

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
HABITAÇÕES E CIDADADE	Casa de Rubião		
	[...] à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta [...]	I	
	Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, — primor de argenteira, execução fina e acabada [...]	III	
	Depois, Rubião deixou vagar os olhos pelo jardim. As rosas e as margaridas estavam lindas e frescas, alguns cravos desabrochavam, outras flores e folhagens, begônias e trepadeiras, todo esse pequeno mundo parecia estender os olhos invisíveis ao Rubião [...]	XCVIII	
	Já sem prataria, quase sem porcelana nem cristais, ainda assim aparecia aos olhos de Rubião regamente esplêndida. Pobres galinhas magras eram graduadas em faisões; picados triviais, assados de má morte traziam o sabor das mais finas iguarias da Terra. [...] Toda a mais casa, gasta pelo tempo e pela incúria, tapetes desbotados, mobílias truncadas e descompostas, cortinas enxovalhadas, nada tinha o seu atual aspecto, mas outro, lustroso e magnífico.	CLVI	
	Tudo na antiga habitação fazia parte deles: o jardim, a grade, os canteiros, os degraus de pedra, a enseada.	CLXV	
	Casa Maria Benedita e Carlos Maria		
	A varanda, que comunicava para a sala, por três portas, tinha uma destas abertas. Dali viera a voz; dali espiava e ria a cabeça de Rubião [...]	CLXXI	
	Casa do Major Sirqueira		
	Olhou em volta de si, mirou a alcova de solteira, arrumadinha com arte, — dessa arte engenhosa que faz da chita seda e de um retalho velho uma fita, que recama, enlaça, alegre o mais que pode a nudez das coisas, enfeitada as paredes tristes, aprimora os trastes modestos e poucos. (Quarto Dona Tonica)	XLIII	
	Era em casa do major, não já na Rua Dois de Dezembro, mas na dos Barbonos, modesto sobradinho. [...] a casa dizia a pobreza da família, poucas cadeiras, uma mesa redonda velha, um canapé gasto; nas paredes duas litografias encaixilhadas em pinho pintado de preto, uma era o retrato do major em 1857, a outra representava o Veronês em Veneza, comprado na Rua do Senhor dos Passos. Mas o trabalho da filha transparecia em tudo; os móveis reluziam de asseio, a mesa tinha um pano de crivo, feito por ela, o canapé uma almofada.	CXXX	
	Formas de morar		
	la cumprimentá-lo, ver se estava bem ali, ou se preferia a casa dele, que ficava no alto (Palha à Rubião)	XXIII	
	— O senhor dá-se bem com a residência aqui em Botafogo? interrompeu Carlos Maria dirigindo-se ao dono da casa. [...] Rubião respondeu que se dava bem, que a praia era linda. — A vista é bonita, mas nunca pude tolerar o mau cheiro que há aqui, em	XXXI	

P E R S O N A G E N S	certas ocasiões, disse Carlos Maria. Que lhe parece? continuou voltando-se para o Freitas.		
	Cidade		
	Ver melhor o quê? Não, seguramente, os morros doentios. A praia era outra coisa. Posta à janela, dali a meia hora, Sofia contemplava as ondas que vinham morrer defronte, e, ao longe, as que se levantavam e desfaziam à entrada da barra. A imaginosa dama perguntava a si mesma se aquilo era a valsa das águas, e deixava-se ir por essa torrente abaixo, sem velas nem remos. Deu consigo olhando para a rua, ao pé do mar, como procurando os sinais do homem que ali estivera, na antevéspera, alta noite...	LXXI	
	Em verdade, era curioso. Aquelas grandes braçadas de mato, brotando do lodo, e postas ali ao pé da cara do Rubião, davam-lhe vontade de ir ter com elas. Tão perto da rua! [...] Entretanto, a praia ia mudando de aspecto. Dobrava para o Saco do Alferes, vinham as casas edificadas do lado do mar. De quando em quando, não eram casas, mas canoas, encalhadas no lodo, ou em terra, fundo para o ar. Ao pé de uma dessas canoas, viu meninos brincando, em camisa e descalços, em volta de um homem que estava de barriga para baixo. [...] Foi ainda a pé durante largo tempo; passou o Saco do Alferes, passou a Gamboa, parou diante do cemitério dos Ingleses, com os seus velhos sepulcros trepados pelo morro, e afinal chegou à Saúde. Viu ruas esguias, outras em ladeira, casas apinhadas ao longe e no alto dos morros, becos, muita casa antiga, algumas do tempo do rei, comidas, gretadas, estripadas, o caio encardido e a vida lá dentro. E tudo isso lhe dava uma sensação de nostalgia... Nostalgia do farrapo, da vida escassa, alcanhada e sem vexame. Mas durou pouco; o feiticeiro que andava nele transformou tudo. Era tão bom não ser pobre!	LXXXVI	
	Sofia		
	A bela dama é filha de um velho funcionário público. Casou aos vinte anos [...]	XXXV	
	Palha		
	[...] Cristiano de Almeida e Palha, zangão da praça, que então contava vinte e cinco. O marido ganhava dinheiro, era jeitoso, ativo, e tinha o faro dos negócios e das situações. Em 1864, apesar de recente no ofício, adivinhou, — não se pode empregar outro termo, — adivinhou as falências bancárias.	XXXV	
	Dr. Camacho		
	Camacho era homem político. Formado em direito em 1844, pela Faculdade do Recife, voltara para a província natal, onde começou a advogar; mas a advocacia era um pretexto. Já na academia, escrevera um jornal político, sem partido definido, mas com muitas idéias colhidas aqui e ali, e expostas em estilo meio magro e meio inchado. Pessoa que recolheu esses primeiros frutos de Camacho fez um índice dos seus princípios e aspirações: — ordem pela liberdade, liberdade pela ordem; — a autoridade não pode abusar da lei, sem esbofetear-se a si própria; — a vida dos princípios é a necessidade moral das nações novas como das nações velhas; — dai-me boa política, dar-vos-ei boas finanças (Barão Louis); — mergulhem no Jordão constitucional; — dai passagem aos valentes, homens do poder; eles serão os vossos sustentáculos, etc., etc. Na província natal, essa ordem de idéias teve de ceder a outras; e o mesmo se pode dizer do estilo. Fundou ali um jornal; mas, sendo a política local menos abstrata, Camacho aparou as asas e desceu às nomeações de delegados, às obras provinciais, às gratificações, à luta com a folha adversa, e aos nomes próprios e impróprios. A adjetivação exigiu grande apuro. Nefasto, esbanjador, vergonhoso, perverso, foram os termos obrigados, enquanto atacou o governo; mas, logo que, por uma mudança de presidente, passou a defendê-lo, as qualificações mudaram também: enérgico, ilustrado, justiceiro, fiel aos princípios, verdadeira glória da administração, etc., etc. Esse tiroteio durou três anos. No fim deles, a paixão política dominava a alma do jovem bacharel.	LVII	
	Freitas		
	Freitas elogiava tudo, saudava cada prato e cada vinho com uma frase particular, delicada, e saía de lá com as algibeiras cheias de charutos, provando assim que os preferia a quaisquer outros. Tinha-lhe sido apresentado em certo armazém da Rua Municipal, onde jantaram uma vez juntos. Contaram-lhe ali a história do homem, a sua boa e má fortuna, mas não entraram em particularidades. Rubião torceu o nariz; era naturalmente algum náufrago, cuja convivência não lhe traria nenhum prazer pessoal nem consideração pública. Mas o Freitas atenuou logo essa primeira impressão; era vivo, interessante, anedótico, alegre como um homem que	XXIX	

	tivesse cinquenta contos de renda. Como Rubião falasse das bonitas rosas que possuía, ele pediu-lhe licença para ir vê-las: era doido por flores. Poucos dias depois apareceu lá, disse que ia ver as belas rosas, eram poucos minutos, não se incomodasse o Rubião, se tinha que fazer.		
R E N D A S	Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista.	I	
	E outra vez pensou no legado. Calculou o algarismo. Menos de dez contos, não. Compraria um pedaço de terra, uma casa, cultivaria isto ou aquilo, ou lavraria ouro. O pior é se era menos, cinco contos... Cinco? Era pouco; mas, enfim, talvez não passasse disso. Cinco que fossem, era um arranjo menor, e antes menor que nada. Cinco contos... Pior seria se o testamento ficasse nulo. Vá, cinco contos!	X	
	Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, jóias, dinheiro amodado, livros, — tudo finalmente passava às mãos do Rubião, sem desvios, sem deixas a nenhuma pessoa, nem esmolas, nem dívidas.	XIV	
	E quanto seria tudo? ia ele pensando. Casas, apólices, ações, escravos, roupa, louça, alguns quadros, que ele teria na Corte, porque era homem de muito gosto, tratava de coisas de arte com grande saber. E livros? devia ter muitos livros, citava muitos deles. Mas em quanto andaria tudo? Cem contos? Talvez duzentos. Era possível; trezentos mesmo não havia que admirar. Trezentos contos! trezentos! E o Rubião tinha ímpetos de dançar na rua. Depois aquietava-se; duzentos que fossem, ou cem, era um sonho que Deus Nosso Senhor lhe dava, mas um sonho comprido, para não acabar mais.	XV	
	Pediam-lhe uns bons pares de contos de réis, não entendia de comércio, não lhe tinha inclinação. Demais, os gastos particulares eram já grandes; o capital precisava do regime do bom juro e alguma poupança, a ver se recobrava as cores e as carnes primitivas. O regime que lhe indicavam não era claro; Rubião não podia compreender os algarismos do Palha, cálculos de lucros, tabelas de preço, direitos da alfândega, nada; mas, a linguagem falada supria a escrita. Palha dizia coisas extraordinárias, aconselhava ao amigo que aproveitasse a ocasião para pôr o dinheiro a caminho, multiplicá-lo.	LXIX	
	Mostrei a carta a Cristiano, que me declarou ter liquidado os bens do Sr. Rubião: apurou três contos e duzentos.	CXCI	
R E L I G I A O	Ouçã, ignaro. Sou Santo Agostinho; descobri isto anteontem: ouçã e cale-se. Tudo coincide nas nossas vidas. O santo e eu passamos uma parte do tempo nos deleites e na heresia, porque eu considero heresia tudo o que não é a minha doutrina de Humanitas; ambos furtamos, ele, em pequeno, umas péras de Cartago, eu, já rapaz, um relógio do meu amigo Brás Cubas. Nossas mães eram religiosas e castas. Enfim, ele pensava, como eu, que tudo que existe é bom, e assim o demonstra no capítulo XVI, livro VII das Confissões, com a diferença que, para ele, o mal é um desvio da vontade, ilusão própria de um século atrasado, concessão ao erro, pois que o mal nem mesmo existe, e só a primeira afirmação é verdadeira; todas as coisas são boas, omnia bona, e adeus. (Carta de Quincas Borba)	X	
	Não esqueça dizer que Rubião tomou a si mandar dizer uma missa por alma do finado, embora soubesse ou pressentisse que ele não era católico. Quincas Borba não dizia pulhices a respeito de padres, nem desconhecia doutrinas católicas; mas não falava nem da igreja nem dos seus servos. Por outro lado, a veneração de Humanitas fazia desconfiar ao herdeiro que essa era a religião do testador. Não obstante, mandou dizer a missa, considerando que não era ato da vontade do morto, mas prece de vivos; considerou mais que seria um escândalo na cidade se ele, nomeado herdeiro pelo defunto, deixasse de dar ao seu protetor os sufrágios que não se negam aos mais miseráveis e avaros deste mundo.	XIX	
	— Francamente, não esperava tanta devoção em você. Os homens são, em geral, uns ímpios. Teófilo não pisa na igreja, a não ser para batizar os filhos. Você então é religioso? — Não posso responder com certeza; mas tenho horror à banalidade, que é dzermal da religião. E basta; vim à missa, não vim confessar-me; agora vou conduzi-la à casa e, se me oferecer almoço, almoçarei com vocês. Salvo se quiserem vir almoçar comigo; é nesta rua, como sabe. (Diálogo D. Fernanda e Carlos Maria)	CXX	
	— Foi no Rio de Janeiro, começou ele, defronte da Capela Imperial, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó saiu, atravessou o adro, para ir ter à cadeirinha, que a esperava no Largo do Paço. Gente como formiga. O povo queria ver entrar as grandes senhoras nas suas ricas traquitanas. No momento em minha avó saía do adro para ir à cadeirinha, um pouco distante, aconteceu espantar-se uma das bestas de uma sege; a besta disparou, a outra imitou-a, confusão, tumulto, minha avó caiu, e tanto as mulas como a sege passaram-lhe por cima.	VI	

TRANSPORTES	Pensou em ir ao teatro, mas era tarde. Então dirigiu-se ao Largo de São Francisco para meter-se em um tîlburi e ir para Botafogo.	XLV	
	Se o primeiro carro que passasse viesse da direita, iria; se viesse da esquerda, não. E deixou-se estar na sala, no pouf central, olhando. Veio logo um tîlburi da esquerda. Estava dito; não ia a Santa Teresa. Mas aqui a consciência reagiu; queria os próprios termos da proposta: um carro. Tîlburi não era carro. Devia ser o que vulgarmente se chama carro, uma caleça inteira ou meia, ou ainda uma vitória. Daí a pouco vieram chegando da direita muitas caleças, que voltavam de um enterro. Foi.	LXIII	
	Naquele dia e nos outros, compôs de cabeça as pompas matrimoniais, os coches, — se ainda os houvesse antigos e ricos, quais ele via gravados nos livros de usos passados. Oh! grandes e soberbos coches! Como ele gostava de ir esperar o imperador, nos dias de grande gala, à porta do paço da cidade, para ver chegar o préstito imperial, especialmente o coche de Sua Majestade, vastas proporções, fortes molas, finas e velhas pinturas, quatro ou cinco parelhas guiadas por um cocheiro grave e digno! Outros vinham, menores em grandeza, mas ainda assim tão grandes que enchiam os olhos. Um desses outros, ou ainda algum menor, podia servir-lhe às bodas, se toda a sociedade não estivesse já nivelada pelo vulgar coupé. Mas, enfim, iria de coupé; imaginava-o forrado magnificamente, de quê? De uma fazenda que não fosse comum, que ele mesmo não distingua, por ora; mas que daria ao veículo o ar que não tinha. Parelha rara. Cocheiro fardado de ouro. Oh! mas um ouro nunca visto.	LXXXI	
	Rubião acordou. Era a primeira vez que ia a um paquete. Voltava com a alma cheia dos rumores de bordo, a lufa-lufa das gentes que entravam e saíam, nacionais, estrangeiros, estes de vária casta, franceses, ingleses, alemães, argentinos, italianos, uma confusão de línguas, um cafarnaum de chapéus, de malas, cordoalha, sofás, binóculos a tiracolo, homens que desciam ou subiam por escadas para dentro do navio, mulheres chorosas, outras curiosas, outras cheias de riso, e muitas que traziam de terra flores ou frutas, — tudo aspectos novos	CXXVII	
	Sofia não foi a bordo; mandou o coupé esperá-los no Cais Pharoux, mas D. Fernanda já ali tinha uma caleça, que os levou, e mais a ela e ao Palha. De tarde, Sofia foi visitar os recém-chegados.	CLXIX	
COSTUMES	Educação		
	Nascera na roça e gostava da roça. A roça era perto, Iguaçu. De longe em longe vinha à cidade, passar alguns dias; mas, ao cabo dos dois primeiros, já estava ansiosa por tornar a casa. A educação foi sumária: ler, escrever, doutrina e algumas obras de agulha. Nos últimos tempos (ia em dezenove anos), Sofia apertou com ela para aprender piano; a tia consentiu; Maria Benedita veio para a casa da prima, e ali esteve uns dezoito dias. Não pôde mais; doeram-lhe as saudades da mãe e voltou para a roça, deixando consternado o professor, que anunciou nela, desde os primeiros dias, um grande talento musical. (Sobre Maria Benedita)	LXIV	
	Maria Benedita consentiu finalmente em aprender francês e piano. Durante quatro dias a prima teimou com ela, a todas as horas, de tal arte e maneira, que a mãe da moça resolveu apressar a volta à fazenda, para evitar que ela acabasse aceitando. A filha resistiu muito; respondia que eram coisas supérfluas, que moça de roça não precisa de prendas da cidade.	LXVIII	
	Festas, Comemorações e Cerimônias		
	Em outubro, Sofia inaugurou os seus salões de Botafogo, com um baile, que foi o mais célebre do tempo. Estava deslumbrante. Ostentava, sem orgulho, todos os seus braços e espáduas. Ricas jóias; o colar era ainda um dos primeiros presentes do Rubião, tão certo é que, neste gênero de atavios, as modas conservam-se mais. Toda a gente admirava a gentileza daquela trintona fresca e robusta; alguns homens falavam (com pena) das suas virtudes conjugais, da profunda adoração que ela tinha ao marido.	CXCII	
	Lazer, Passeios e Costumes		
	O pior é que ele despendia todo o ganho e mais. Era dado à boa-chira; reuniões freqüentes, vestidos caros e jóias para a mulher, adornos de casa, mormente se eram de invenção ou adoção recente, — levavam-lhe os lucros presentes e futuros. Salvo em comidas, era escasso consigo mesmo. Ia muita vez ao teatro sem gostar dele, e a bailes, em que se divertia um pouco, — mas ia menos por si que para aparecer com os olhos da mulher, os olhos e os seios. Tinha essa vaidade singular; decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares. Era assim um rei Candaules, mais restrito por um lado, e, por outro, mais público. (Sobre Palha e Sofia)	XXXV	
	Cantava uma senhora. Os três maridos de fora, que ali estavam de visita, interromperam o voltarete, em atenção à cantora, e vieram à sala, por alguns instantes; a cantora era mulher de um deles.	XXXVI	
	— Bem, conversem, vou ver as amigas, que não podem estar sós. Os homens já acabaram o maldito voltarete?	XLII	

	Mas lá passaram cinco anos, cumpriu os trinta e nove, e os quarenta não tardam. Quarentona, solteirona; D. Tonica teve um calafrio. Olhou ainda, recordou tudo, ergueu-se de golpe, deu duas voltas e atirou-se à cama chorando... (Sobre Dona Tonica solteira)	XLIII	
	Não cuidou de nada; calçou as chinelas africanas sem interesse, não mirou as alfaias belas, ou simplesmente ricas, que lhe enchiam a casa. Não pôde suportar as carícias do cão mais de dois minutos; tão depressa o recebeu na sala, como o mandou embora.	LVI	
	Sofia acostumava habilmente a prima às distrações da cidade; teatros, visitas, passeios, reuniões em casa, vestidos novos, chapéus lindos, jóias.	LXVIII	
	[...] algumas vezes, não sabia dizer o que eram, tão estritamente adequado era o seu vocabulário às coisas do vestido, da sala e do galanteio. (Sobre o francês de Sofia)	LXVIII	
	Carlos Maria abria os olhos, estirava os membros, e, antes de ir para o banho, vestir-se e dar um passeio a cavalo, reconstruiu a véspera.	LXXIV	
	Maria Benedita teve um sobressalto, mas aquietou-se logo; dormira mal, e acordou cedo. Não estava para aquelas folias até tão tarde, disse ela; mas a outra replicou logo que era preciso acostumar-se, a vida do Rio de Janeiro não era a mesma da roça, dormir com as galinhas e acordar com os galos. Depois perguntou-lhe que impressões trouxera do baile; Maria Benedita levantou os ombros com indiferença, mas verbalmente respondeu que boas. As palavras saíam-lhe poucas e moles. Sofia, entretanto, ponderou-lhe que dançara muito, salvo polcas e valsas. E por que não havia de polcar e valsar também? A prima lançou-lhe uns olhos maus.	LXXVII	
	Sofia, depois de estar alguns segundos à escuta, tornou à sala, e foi sentar-se com grande rumor de saias, na otomana de cetim azul, compra de poucos dias. [...] Sofia bateu com o leque no lado direito do vestido para o abaixar e compor depois levantou os braços sacudindo as pulseiras de vidro preto; [...]	CIV	
E S C R A V I D Ã O	Ora o Palha, um pé-rapado! Já o envergonho. Antigamente: major, um brinde. Eu fazia muitos brindes, tinha certo desembaraço. Jogávamos o vultarete. Agora está nas grandezas; anda com gente fina. Ah! vaidades deste mundo! Pois não vi outro dia a mulher dele, num coupé, com outra? A Sofia de coupé! Fingiu que me não via, mas arranhou os olhos de modo que percebesse se eu a via, se a admirava. Vaidades desta vida! Quem nunca comeu azeite, quando come se lambuza.	CXXX	
	O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cede com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.	III	
	Cristiano Palha maldisse o governo, que introduzira na fala do trono uma palavra relativa à propriedade servil; mas, com grande espanto seu, Rubião não acudiu à indignação. Era plano deste vender os escravos que o testador lhe deixara, exceto um pajem [...]	XXI	
P O L Í T I C A	Da lavoura passaram ao gado, à escravatura e à política. Cristiano Palha maldisse o governo, que introduzira na fala do trono uma palavra relativa à propriedade servil; mas, com grande espanto seu, Rubião não acudiu à indignação. Era plano deste vender os escravos que o testador lhe deixara, exceto um pajem; se alguma coisa perdesse, o resto da herança cobriria o desfalque. Demais, a fala do trono, que ele também lera, mandava respeitar a propriedade atual. Que lhe importavam escravos futuros, se os não compraria? O pajem ia ser forro, logo que ele entrasse na posse dos bens. Palha desconversou, e passou à política, às Câmaras, à guerra do Paraguai, tudo assuntos gerais, ao que Rubião atendia, mais ou menos.	XXI	
	Dias antes, indo passar a noite em casa de um conselheiro, viu ali Rubião. Falava-se da chamada dos conservadores ao poder, e da dissolução da Câmara. Rubião assistira à reunião em que o Ministério Itaboraí pediu os orçamentos. Tremia ainda ao contar as suas impressões, descrevia a Câmara, tribunas, galerias cheias que não cabia um alfinete, o discurso de José Bonifácio, a moção, a votação... Toda essa narrativa nascia de uma alma simples; era claro. A desordem dos gestos, o calor da palavra tinham a eloquência da sinceridade. Camacho escutava-o atento. Teve modo de o levar a um canto da janela, e fazer-lhe considerações graves sobre a situação. Rubião opinava de cabeça, ou por palavras soltas e aprobatórias.	LVIII	
	Rubião agarrou-se às eleições próximas; mas aqui interveio Camacho, afirmando que não era preciso, que a serpente devia ser esmagada cá mesmo na capital; não faltaria tempo depois para ir matar saudades e	LIX	

	receber a recompensa. Rubião agitou-se no canapé. A recompensa era, com certeza, o diploma de deputado. Visão magnífica, ambição que nunca teve, quando era um pobre diabo... Ei-la que o toma, que lhe aguça todos os apetites de grandeza e de glória.		
	<p>Teófilo mordida os beijos, puxando uma das suíças. Não ouvira nada do que a mulher dissera, nem exortações nem consolações. Ouvira as conversas da noite anterior e daquela manhã, as combinações políticas, os nomes lembrados, os recusados e os aceitos. Nenhuma combinação o incluiu, posto que ele falasse com muita gente acerca do verdadeiro aspecto da situação. Era ouvido com atenção por uns, com impaciência por outros. Uma vez, os óculos do organizador pareceram interrogá-lo; mas foi rápido o gesto e ilusório. Teófilo recompunha agora a agitação de tantas horas e lugares, — lembrava os que o olhavam de esguelha, os que sorriam, os que traziam a mesma cara que ele. Para o fim já não falava; as últimas esperanças estalavam-lhe nos olhos como lamparina de madrugada. Ouvira os nomes dos ministros, fora obrigado a achá-los bons; mas que força não lhe era precisa para articular alguma palavra! Receava que lhe descobrissem o abatimento ou despeito, e todos os seus esforços concluíam por acentuá-los ainda mais. Empalidecia, tremiam-lhe os dedos.</p> <p>— É perfídia, é intriga, murmurava ele, olhando para ela; eu conheço toda essa canalha. Se eu contasse a você tudo, tudo... Mas para quê? Prefiro esquecer... Não é por causa de uma miserável pasta que estou aborrecido, continuou ele depois de alguns instantes. Pastas não valem nada. Quem sabe trabalhar e tem talento pode zombar das pastas, e mostrar que é superior a elas. A maior parte dessa gente, Nana, não me chega aos calcanhares. Disso estou certo e eles também. Súcia de intrigantes! Onde acharão mais sinceridade, mais fidelidade, mais ardor para a luta? Quem trabalhou mais na imprensa, no tempo do ostracismo? Desculpam-se; dizem que os gabinetes já vêm organizados de São Cristóvão... Ah! eu quisera falar ao imperador! [...]</p> <p>— Eu diria ao imperador: Senhor, Vossa Majestade não sabe o que é essa política de corredores, esses arranjos de camarilha. Vossa Majestade quer que os melhores trabalhem nos seus conselhos, mas os medíocres é que se arranjam... O merecimento fica para o lado.</p>	CLXXIV	
	— Pobre Nanã! Ai vamos com a trouxa às costas. O marquês pediu-me instantemente que aceitasse uma presidência de primeira ordem. Não podendo meter-me no gabinete, onde tinha lugar marcado, desejava, queria e pedia que eu partilhasse a responsabilidade política e administrativa do governo, assumindo uma presidência. Não podia, em nenhum caso, dispensar o meu prestígio (são palavras dele), e espera que na Câmara assumo o lugar de chefe da maioria. Que dizes?	CLXXVII	

Dom Casmurro

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Aljube	O escritório do Tio Cosme era perto	VI	815
Andaraí	Casa Sancha e Escobar	CIV; CIV; CVI; CVIII; CVIII; CXVII	910; 910; 912; 913; 913; 922
Arcos	Caminho seminário-casa	LXVII	879
Campo de Aclamação (antigo)	Onde morava o cavaleiro que olhou Capitu	LXXIII	885
Capela Imperial	Sobre as curiosidades de Capitu	XXXI	840
Casa de Correção	Divagações sobre Bentinho ser preso	XLIII	855
Catete	Sobre a poesia de Álvares de Azevedo	LXXIII	884
	Casa Alugada de Dona Glória	XCIII	900
	Passeio de Dom Casmurro	CXVII	922
	Onde para Bento depois do enterro de Escobar	CXXVI	928
Catumbi	Sobre a poesia de Álvares de Azevedo	LXXIII	884
Cemitério de São João Batista	Sepultura de Dona Glória	CXLII	940
Central (Estrada)	Encontrou um rapaz no trem da Central	I	809;
	Bento quer explodir o trem da Central	LXVIII	881
	Sobre o trem	LXXXV	893
Cidade Nova	Casa alugada de Dona Glória	XCIII	900
Corcovado	Capitu sonha voar com Bentinho até o Corcovado	XII	821
Engenho Novo	Moradia D. Casmurro	I; I; II; XL; LXIV; LXVII; XCI; CXLIV;	809; 809; 809; 852; 875; 881; 898; 941; 941;

		CXLIV	
Escola de Medicina	De onde vinha o imperador	XXIX; XXIX; XXIX; XXIX	837; 837; 837; 837
	Bento diz que pode estudar lá	LIII; LIII	863; 863
Flamengo	Casa de Escobar e Sancha	CXVII; CXVII; CXVII; CXVIII; CXXI; CXXII; CXXVI; CXXXII;	922; 922; 923; 923; 925; 926; 928; 932
Glória	Casa de Bento e Capitu	CII; CIV; CIV; CV; CV; CVIII; CXIV; CXVII; XXXV; CXLVIII; CXXXV;	909; 909; 910; 910; 910; 913; 919; 922; 923; 935;
Igreja da Candelária	Divagações de Capitu sobre onde seria a primeira missa de Bento	XLIV; XLIV	857; 857
Igreja de Santo Antônio dos Pobres	Onde Bento vai ver a missa depois de sua mãe ficar doente	LXIX	881
Igreja de São Francisco	Divagações de Capitu sobre onde seria a primeira missa de Bento	XLIV	857
Igreja de São Pedro	Sobre o colega de seminário de Bento, que estava no coro de São Pedro	LIV	864
Igreja do Carmo	Divagações de Capitu sobre onde seria a primeira missa de Bento	XLIV	857
Ladeira da Glória	Bento diz que vai subir de joelhos para pagar promessa	XX	831
Lapa	Capitu e prima Justina vão ver a missa	CXX	925
	Colégio Ezequiel	CXLV	942
Largo da Lapa (antigo)	Colégio de Ezequiel	CXXXII	933
Morro de Santa Tereza	Para onde foram as andorinhas que passavam no quintal de Capitu	XLIV	857
Passeio Público	Bento e José Dias param com o ônibus no Passeio Público, onde vão conversar	XXIII; XXV; XXVII; XXV;	834; 834; 836; 837
Passeio Público	Passeios de Escobar, Bento e Capitu	CVIII	915
Praça da Glória	Por onde passava o enterro de Escobar	CXXII	926
Praia da Glória	Passeios de Bento e Capitu	CVI	911
	Referencia a casa de Bento e Capitu, na Glória	CX; CXLVIII	915; 944
Praia do Flamengo	Para onde fogem os cães que Bento quer matar	CXI	917
Quartel dos Barbonos	Divagações sobre Bentinho ser preso	XLIII	855
Quartel dos Municipais Permanentes	Caminho seminário-casa	LXVII	879
Rio Comprido	Casa alugada de Dona Glória	XCIII	900
Rua da Princesa	Passeio de Dom Casmurro	CXVII	922
Rua da Quitanda	Armazém de Gurgel, pai de Sancha	LXX	882
	Casa alugada de D. Glória	XCIII	900
Rua das Violas	Escritório do Tio Cosme	VI	815
Rua de Mata-cavalos	Casa de Dona Glória (infância de Bentinho)	II; II; III; VII; XL; LXIV; LXVII; LXVIII; LXXXIV; LXXXVII; XCIII; CII; CIV; CX; CXIV; CXVI; CXVII; CXXX; CXLIV; CXLVIII	809; 810; 811; 816; 852; 875; 879; 880; 892; 895; 899; 909; 909; 915; 919; 921; 922; 931; 941
	Casa de Capitu na infância	XLIV; CXVI; CXLVIII	857; 921; 944
	Casa de Manduca	XCII	898
Rua do Catete	Bento vai dar uma volta pensando sobre Capitu	CXXVI	
	Passeio de Bento após o enterro de Escobar	CXXVI	929
Rua do Ouvidor	Caracterizando-a como rua em que há francesas	LVIII	869
Rua do Senado	Casa para onde caminha o Santíssimo	XXX	840
	Caminho seminário-casa	LXVII	879
Rua dos Barbonos	Caminho de Bento do seminário à casa quando a mãe estava doente	LXVII	879
	Morava a moça com quem o cavaleiro da vizinhança ia se casar	LXXXVI	886
Rua dos Inválidos	Caminho seminário-casa	LXVII	879
	Casa Sancha	LXXXVIII; LXXXI; LXXXI; LXXXII	888; 890; 890; 891; 895; 914

		LXXXVIII; CVIII	
Rua dos Pescadores	Armazém do correspondente de Escobar	LXXI	883
Santa Tereza	Passeio de família	XX	831
São José	Provavelmente Seminário – sobre a vocação de Bentinho para ser padre	XXXIX; XLI	851; 853
Seminário de São Jose	Bentinho vai estudar para ser padre	L; LI; LXXX; CXLV	861; 863; 889; 942
Tijuca	Lua-de-Mel de Bento e Capitu	CI; CII; CIII	908; 909; 909

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
América	Sobre a descoberta de Colombo	XXXIV	846
Bahia	Sobre o monge poeta	LV	866
	Sobre o colega seminarista de Bentinho que era cônego lá	LVI	867
Bordéus	Divagações de Bentinho sobre sua suposta fuga	XVIII	829
Brasil	Sobre o clero no país	III	812
	Bento volta ao Brasil deixando Capitu na Suíça	CXLI	939
Cantagalo	Referência a fazenda e a homeopatia de José Dias	XXXI	841
Constantinopla	Sobre a guerra da Criméia	XC; XC; XC; XC	897; 897; 897; 898
Criméia	Sobre a guerra da Criméia	XC; XC	896; 896
Curitiba	Pai de Escobar era advogado lá	LVI	868
Egito	Sobre os estudos de Ezequiel	CXLV; CXLV	942; 943
Escócia	Reflexão de Bentinho sobre as fadas que fiz ouvir	C	907
Estados Unidos	Reflexões de Bentinho sobre os sonhos	LXIV	876
Europa	José Dias havia estado lá e queria voltar	V; L	814;
	Reflexões do narrador	IX	817
	Pádua queria importar coisas da Europa quando ganhou na loteria	XVI	825
	Capitu diz que fugiria com Bento à Europa	XVIII; XVIII	829; 829
	Sobre Bento ir a Europa estudar	XXVI; XXVI; XXVI; XXX; XXXI; L; LXI; XCVI	837; 837; 837; 838; 840; 861; 872
	Sobre Bento ir à Roma	XCVI	903
	Sobre a futura viagem dos casais	CXVIII	923
	Conversas de José Dias	CXV	919
	Reflexões de Bentinho sobre os sonhos	LXIV	876
	Capitu propõe à Bentinho, para cessar seu mal humor	CXXX	931
	Capitu e Bento vão para lá quando estão em crise	CXLI; CXLII; CXLV	939; 939; 942
	Metáfora de José Dias para a morte	CXLII	940
Filipinas	Reflexões de Bentinho sobre os sonhos	LXIV	876
Fortaleza da Laje	Divagações de Bentinho sobre sua suposta fuga	XVIII	829
Fortaleza de Santa Cruz	Passeio de Dom Casmurro - pensando	CXXXV	935
Grécia	Viagem científica de Ezequiel	CXLV	943
Itaguaí	Fazenda onde morava a família de Bentinho antes do RJ	V; V; VII; XXXI;	814; 814; 816; 842
Itália	Sobre Bento ir à Roma	XCVI	903
	Sobre o Papa Pio IX	XXXV	847
Jerusalém	Proximidades de onde Ezequiel é enterrado	CXLVI	943
Lisboa	José Dias tinha amigos lá	V	814
Meia-Ponte	Sobre os colegas seminaristas de Bento	LVI	867
Minas	Capitu propõe à Bentinho, para cessar seu mal humor	CXXX	931
Norte	Administrador da repartição de Pádua vai para o Norte	XVI	825
Palestina	Viagem científica de Ezequiel	CXLV	943
Paraná	Escobar é paranaense	CXXVIII; CXXVIII	930; 930
Pernambuco	Sobre as universidades no Brasil	XXVI	836
Petrópolis	Casa de veraneio de algum amigo	I	809
	Capitu propõe à Bentinho, para cessar seu mal humor	CXXX	931
Renânia	Referência a casa de veraneio de Petrópolis	I	809
Rio Grande	Professora de lá que acompanha Capitu na Europa	CXLI	939
Roma	Sobre a possível ida do Padre Cabral, por ser protonotário apostólico	XXXV	847
	Bento e José Dias querem ir para pedir absolvição	XCV; XCV; XCV; XCV; XCVI	902; 903; 903; 903; 903
Rússia	Sobre a guerra da Criméia	XC; XCI	896; 898
Santa Rita	Sobre o pai do Padre Cabral	XXXIX	851

São Paulo	Bento vai estudar Direito	XVIII; XVIII; XXV; XXVI; XXX; CX; CXIV; CXIV;	829; 829; 836; 836; 838; 916; 919; 919
Serra dos Órgãos	Passeio de Dom Casmurro - pensando	CXXXV	935
Suíça	Capitu e Bento vão para lá quando estão em crise	CXLI; CXLV	939; 942
Terra Santa	Referência nas divagações das promessas de Bentinho	XX	831
Turquia	Sobre a guerra da Criméia	XC; XC; XC	896; 898; 898
Vaticano	Bento e José Dias querem ir para pedir absolvição	XCV	903

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
H A B I T A Ç Õ E S E C I D A D E	Casa de Matacavalos [...] é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... [...] O mais é também análogo e parecido. Tenho chacinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.	II	
	Parei na varanda; ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora. Não me atrevia a descer à chácara, e passar ao quintal vizinho. [...] Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda, segundo eu ia ou vinha, em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um gozo novo [...]	XII	
	Na chácara, antes de entrar em casa [...]	XIX	
	[...]. No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha e o lavadouro, nada sabia de mim. A casuarina era a mesma que eu deixara ao fundo, mas o tronco, em vez de reto, como outrora, tinha agora um ar de ponto de interrogação; naturalmente pasmava do intruso. [...] Ao contrário, a ramagem começou a sussurrar alguma coisa que não entendi logo, e parece que era a cantiga das manhãs novas. Ao pé dessa música sonora e jovial, ouvi também o grunhir dos porcos, espécie de troça concentrada e filosófica.	CXLIV	
	Casa de Pádua		
	Era o pai de Capitu, que estava à porta dos fundos, ao pé da mulher.	XV	
	[...] a casa em que morava, assobradada como a nossa, posto que menor, era propriedade dele.	XVI	
	Caímos no canapé, e ficamos a olhar para o ar. Minto; ela olhava para o chão. Fiz o mesmo, logo que a vi assim... Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si mesma, enquanto que eu fitava deveras o chão, o ruído das fendas, duas moscas andando e um pé de cadeira lascada.	XLII	
	Casa Bento e Capitu		
	[...] subi as escadas sem estrépito, empurrei a cancela, que estava apenas encostada, e dei com prima Justina e José Dias jogando cartas na saleta próxima.	CXXVIII	
	Casa/Loja de louças de Manduca		
	A casa era uma loja de louça, escassa e pobre; tinha as portas meio cerradas, e a pessoa que me chamava era um pobre homem grisalho e mal vestido.	LXXXIV	
	A loja era escura, e o interior da casa menos luz tinha, agora que as janelas da área estavam cerradas. A um canto da sala de jantar vi a mãe chorando; à porta da alcova duas crianças olhavam espantadas para dentro, com o dedo na boca. O cadáver jazia na cama; a cama...	LXXXV	
	Formas de Morar		
	Estávamos contentes, entramos a falar do futuro. Eu prometia à minha esposa uma vida sossegada e bela, na roça ou fora da cidade. Viríamos aqui uma vez por ano. Se fosse em arrabalde, seria longe, onde ninguém nos fosse aborrecer. A casa, na minha opinião, não devia ser grande nem pequena, um meio-termo; plantei-lhe flores, escolhi móveis, uma sege e um oratório. Sim, havíamos de ter um oratório bonito, alto, de jacarandá, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Demorei-me mais nisto que no resto, em parte porque éramos religiosos, em parte para compensar a batina que eu ia deitar às urtigas; mas ainda restava uma parte que atribuo ao intuito secreto e inconsciente de captar a proteção do céu. Havíamos de acender uma vela aos sábados... (Divagações de Bentinho)	XLIX	
	- O que me admira é que D. Glória se acostumasse logo a viver em casa da cidade, onde tudo é apertado; a de lá é naturalmente grande.	XCIII	
	Cidade		
	Entramos no Passeio Público. Algumas caras velhas, outras doentes ou só	XXV	

P E R S O N A G E N S	vadias espalhavam-se melancolicamente no caminho que vai da porta ao terraço. Seguimos para o terraço. Andando, para me dar ânimo, falei do jardim [...]		
	Ouvia-se o mar forte, — como já se ouvia de casa, — a ressaca era grande e, a distância, viam-se crescer as ondas. Capitu e prima Justina, que iam adiante, detiveram-se numa das voltas da praia, e fomos conversando os quatro; mas eu conversava mal.	CXVIII	
	No caminho para o cemitério, iam-lhe lembrando uma porção de coisas, alguma rua, alguma torre, um trecho de praia, e era todo alegria. Assim acontecia sempre que voltava para casa, ao fim do dia; contava-me as recordações que ia recebendo das ruas e das casas. Admirava-se que muitas destas fossem as mesmas que ele deixara, como se as casas morressem meninas.	CXLV	
	Dona Glória		
	Minha mãe era boa criatura. Quando lhe morreu o marido, Pedro de Albuquerque Santiago, contava trinta e um anos de idade, e podia voltar para Itaguaí. Não quis; preferiu ficar perto da igreja em que meu pai fora sepultado. Vendeu a fazendola e os escravos, comprou alguns que pôs ao ganho ou alugou, uma dúzia de prédios, certo número de apólices, e deixou-se estar na casa de Mata-cavalos, onde vivera os dois últimos anos de casada. Era filha de uma senhora mineira, descendente de outra paulista, a família Fernandes.	VII	
	José Dias		
	Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor. Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama. Esta é a melhor apólice, dizia ele muita vez. Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalham depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado, de uma elegância pobre e modesta. Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor e do frio, dos pólos e de Robespierre. Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo.	V	
	Novamente me recomendou que não me desse por achado, e recapitulou todo o mal que pensava de José Dias, e não era pouco, um intrigante, um bajulador, um especulador, e, apesar da casca de polidez, um grosseirão. (Prima Justina)	XXI	
	Prima Justina		
	Era quadragenária, magra e pálida, boca fina e olhos curiosos. Vivia conosco por favor de minha mãe, e também por interesse; minha mãe queria ter uma senhora íntima ao pé de si, e antes parenta que estranha.	XXI	
	Pádua		
	Pádua era empregado em repartição dependente do ministério da guerra. Não ganhava muito, mas a mulher gastava pouco, e a vida era barata.	XVI	
	Demais, a casa em que morava, assobradada como a nossa, posto que menor, era propriedade dele. Comprou-a com a sorte grande que lhe saiu num meio bilhete de loteria, dez contos de réis. A primeira idéia do Pádua, quando lhe saiu o prêmio, foi comprar um cavalo do Cabo, um adereço de brilhantes para a mulher, uma sepultura perpétua de família, mandar vir da Europa alguns pássaros, etc.; mas a mulher, esta D. Fortunata que ali está à porta dos fundos da casa, em pé, falando à filha, alta, forte, cheia, como a filha, a mesma cabeça, os mesmos olhos claros, a mulher é que lhe disse que o melhor era comprar a casa, e guardar o que sobrasse para acudir às moléstias grandes. Pádua hesitou muito; afinal, teve de ceder aos conselhos de minha mãe, a quem D. Fortunata pediu auxílio. [...] Pádua, ou por ordem regulamentar, ou por especial designação, ficou substituindo o administrador com os respectivos honorários. Esta mudança de fortuna trouxe-lhe certa vertigem; era antes dos dez contos. Não se contentou de reformar a roupa e a copa, atirou-se às despesas supérfluas, deu jóias à mulher, nos dias de festa matava um leitão, era visto em teatros, chegou aos sapatos de verniz. Viveu assim vinte e dois meses na suposição de uma eterna interinidade. Uma tarde entrou em nossa casa, aflito e desvairado, ia perder o lugar, porque chegara o efetivo naquela manhã. Pediu à minha mãe que velasse pelas infelizes que deixava; não podia sofrer a desgraça, matava-se. Minha mãe falou-lhe com bondade, mas ele não atendia a coisa nenhuma.	XVI	
	Capitu		
	Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As	XIII	

	mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos.		
R E N D A S	Renda família Santiago		
	Mamãe tem outras casas maiores que esta; diz porém que há de morrer aqui. As outras estão alugadas	XCIII	
	Considera que eram não menos de nove casas, e que os aluguéis variavam de uma para outra, indo de 70\$000 a 180\$000. Pois tudo isto em que eu gastaria três ou quatro minutos, — e havia de ser no papel, — fê-lo Escobar de cor, brincando. Olhava-me triunfalmente, e perguntava se não era exato. Eu, só por lhe mostrar que sim, tirei do bolso o papelzinho que levava com a soma total, e mostrei-lho; era aquilo mesmo, nem um erro: 1:070\$000.	XCIV	
	— Quem tem boca vai a Roma, e boca no nosso caso é a moeda. Ora, você pode muito bem gastar consigo... Comigo, não; um par de calças, três camisas e o pão diário, não preciso mais. (Dito por José Dias)	XCV	
	Escobar observou que, pelo lado econômico, a questão era fácil; minha mãe gastaria o mesmo que comigo, e um órfão não precisaria grandes comodidades. Citou a soma dos aluguéis das casas, 1.070\$000, além dos escravos...	XCVI	
	Finanças de Capitu		
	Ergueu-se, foi ao quarto e voltou com dez libras esterlinas, na mão; eram as sobras do dinheiro que eu lhe dava mensalmente para as despesas.	CVI	
R E L I G I A O	E minha mãe, que era religiosa, gostou de ver que ele punha Deus no devido lugar, e sorriu aprovando.	V	
	Capitu gostava tanto de minha mãe, e minha mãe dela, que eu não podia entender tamanha explosão. [...]; mas os impropérios, como entender que lhe chamasse nomes tão feios, e principalmente para deprimir costumes religiosos, que eram os seus? Que ela também ia à missa, e três ou quatro vezes minha mãe é que a levou, na nossa velha sege. Também lhe dera um rosário, uma cruz de ouro e um livro de Horas... Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola [...]	XVIII	
	E então disse de mim para mim: Prometo rezar mil padre-nossos e mil ave-marias, se José Dias arranjar que eu não vá para o seminário. A soma era enorme. A razão é que eu andava carregado de promessas não cumpridas. A última foi de duzentos padre-nossos e duzentas ave-marias, se não chovesse em certa tarde de passeio a Santa Teresa. Não choveu, mas eu não rezei as orações. Desde pequenino acostumara-me a pedir ao Céu os seus favores, mediante orações que diria, se eles viessem. Disse as primeiras, as outras foram adiadas, e à medida que se amontoavam iam sendo esquecidas. Assim cheguei aos números vinte, trinta, cinquenta. Entrei nas centenas e agora no milhar. Era um modo de peitar a vontade divina pela quantia das orações; além disso, cada promessa nova era feita e jurada no sentido de pagar a dívida antiga. Mas vão lá matar a preguiça de uma alma que a trazia do berço e não a sentia atenuada pela vida! O Céu fazia-me o favor, eu adiava a paga. Afinal perdi-me nas contas.	XX	
	O Padre Cabral recebera na véspera um recado do internúncio; foi ter com ele, e soube que, por decreto pontifício, acabava de ser nomeado protonotário apostólico. [...] E para agradar a minha mãe, novamente pegou em mim, descrevendo o meu futuro eclesiástico, e queria saber se ia para o seminário agora, no ano próximo, e oferecia-se a falar ao senhor bispo, tudo marchetado do 'protonotário Santiago.'	XXXV	
	Sim, havíamos de ter um oratório bonito, alto, de jacarandá, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Demorei-me mais nisto que no resto, em parte porque éramos religiosos, em parte para compensar a batina que eu ia deitar às urtigas;	XLIX	
T R A N S P O R T E S	[...] minha mãe achou o dia quente e não consentiu que eu fosse a pé; entramos no ônibus, à porta de casa.	XXIII	
	Em caminho, encontramos o Imperador, que vinha da Escola de Medicina. O ônibus em que íamos parou, como todos os veículos; os passageiros desceram à rua e tiraram o chapéu, até que o coche imperial passasse.	XXIX	
	Escobar despediu-se logo depois de jantar; fui levá-lo à porta, onde esperamos a passagem de um ônibus.	LXXI	
	Em pequeno, lembra-me que ia assim muita vez com minha mãe às visitas de amizade ou de cerimônia, e à missa, se chovia. Era uma velha sege de meu pai, que ela conservou o mais que pôde. [...] [...] Era uma velha sege obsoleta, de duas rodas, estreita e curta, com duas cortinas de couro na frente, que corriam para os lados quando era preciso entrar ou sair. Cada cortina tinha um óculo de vidro, por onde eu gostava de espiar para fora. [...]	LXXXVII	

C O S T U M E S	A sege ia tanto com a vida recôndita de minha mãe, que quando já não havia nenhuma outra, continuamos a andar nela, e era conhecida na rua e no bairro pela sege antiga. Afinal minha mãe consentiu em deixá-la, sem a vender logo; só abriu mão dela porque as despesas de cocheira a obrigaram a isso.		
	Poucas mais seriam. Tinha-as escrito com receio de que a emoção me impedisse de improvisar. No tálburi em que andei uma ou duas horas, não fizera mais que recordar o tempo do seminário, as relações de Escobar, as nossas simpatias, a nossa amizade, começada [...]	CXXII	
	Educação		
	A verdade é que eu só vim a aprender equitação mais tarde, menos por gosto que por vergonha de dizer que não sabia montar. Agora é que ele vai namorar deveras, disseram quando eu comecei as lições.	VI	
	No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lhe ensinasse. Se não estudou latim com o Padre Cabral foi porque o padre, depois de lhe propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber. Em compensação, quis aprender inglês com um velho professor amigo do pai e parceiro deste ao solo, mas não foi adiante. Tio Cosme ensinou-lhe gamão [...]	XXXI	
	Ainda assim, estou que aprenderia facilmente pintura, como aprendeu música mais tarde. Já então namorava o piano da nossa casa, velho traste inútil, apenas de estimação. Lia os nossos romances, folheava os nossos livros de gravuras, querendo saber das ruínas, das pessoas, das campanhas, o nome, a história, o lugar. José Dias dava-lhe essas notícias com certo orgulho de erudito.		
	[...] discreta, prendada, amiga da gente... e uma dona de casa, que não lhe digo nada. Depois da morte da mãe, tomou conta de tudo. Pádua, agora que se aposentou, não faz mais que receber o ordenado e entregá-lo à filha. A filha é que distribui o dinheiro, paga as contas, faz o rol das despesas, cuida de tudo, mantimento, roupa, luz;	C	
	Passeios, lazer, costumes		
	Tio Cosme respondeu com um 'Oral' que, traduzido em vulgar, queria dizer: 'São imaginações do José Dias; os pequenos divertem-se, eu divirto-me; onde está o gamão?'	III	
	Tio Cosme viu exaltar-se no parceiro de voltarete, e repetia: — Protonotário apostólico!	XXXV	
	O resto fez-me ficar mais algum tempo, no corredor, pensando. Vi entrar o Doutor João da Costa, e preparou-se logo o voltarete do costume. Minha mãe saiu da sala, e, dando comigo, perguntou se acompanhara Capitu.	XLI	
	— Este gosto de imitar as francesas da Rua do Ouvidor, dizia-me José Dias andando e comentando a queda, é evidentemente um erro. As nossas moças devem andar como sempre andaram, com seu vagar e paciência, e não este tique-tique afrancesado...	LVIII	
	A alegria com que pôs o seu chapéu de casada, e o ar de casada com que me deu a mão para entrar e sair do carro, e o braço para andar na rua, tudo me mostrou que a causa da impaciência de Capitu eram os sinais exteriores do novo estado. Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também. E quando eu me vi embaixo, pisando as ruas com ela, parando, olhando, falando, senti a mesma coisa. Inventava passeios para que me vissem, me confirmassem e me invejassem. Na rua, muitos voltavam a cabeça curiosos, outros paravam, alguns perguntavam: Quem são? e um sabido explicava: Este é o Doutor Santiago, que casou há dias com aquela moça, D. Capitolina, depois de uma longa paixão de crianças; moram na Glória, as famílias residem em Mata-cavalos. E ambos os dois: É uma mocetona! (Costumes de casados)	CII	
	No mais, tudo corria bem. Capitu gostava de rir e divertir-se, e, nos primeiros tempos, quando íamos a passeios ou espetáculos, era como um pássaro que saísse da gaiola. [...]		
	A nossa vida era mais ou menos plácida. Quando não estávamos com a família ou com amigos, ou se não íamos a algum espetáculo ou serão particular (e estes eram raros), passávamos as noites à nossa janela da Glória, mirando o mar e o céu, a sombra das montanhas e dos navios, ou a gente que passava na praia. Às vezes, eu contava a Capitu a história da cidade, outras dava-lhe notícias de astronomia; notícias de amador que ela escutava atenta e curiosa, nem sempre tanto que não cochilasse um pouco. Não sabendo piano, aprendeu depois de casada, e depressa, e daí a pouco tocava nas casas de amizade. Na Glória era uma das nossas recreações; também cantava, mas pouco e raro, por não ter voz; um dia chegou a entender que era melhor não cantar nada e cumpriu o alvitre. De dançar gostava, e enfeitava-se com amor quando ia a um baile; os braços é que... Os braços merecem um período. (Costumes Capitu e Bento)	CV	

	Ao teatro íamos juntos; só me lembra que fosse duas vezes sem ela, um benefício de ator, e uma estréia de ópera, a que ela não foi por ter adoecido, mas quis por força que eu fosse. Era tarde para mandar o camarote a Escobar; saí, mas voltei no fim do primeiro ato. Encontrei Escobar à porta do corredor. (Costumes de Capitu e Bento)	CXIII	
	Porquanto, um dia Capitu quis saber o que é que me fazia andar calado e aborrecido. E propôs-me a Europa, Minas, Petrópolis, uma série de bailes, mil desses remédios aconselhados aos melancólicos. Eu não sabia que lhe respondesse; recusei as diversões. [...] Ela propôs-me jogar cartas ou damas, um passeio a pé, uma visita a Mata-cavalos; e, como eu não aceitasse nada, foi para a sala, abriu o piano, e começou a tocar; eu aproveitei a ausência, peguei do chapéu e saí. (Propostas de diversão de Capitu a Bento)	CXXX	
	Jantei fora. De noite fui ao teatro. [...] Vaguei pelas ruas o resto da noite. Ceei, é verdade, um quase nada, mas o bastante para ir até à manhã. Vi as últimas horas da noite e as primeiras do dia, vi os derradeiros passeadores e os primeiros varredores, as primeiras carroças, os primeiros ruídos, os primeiros albores, um dia que vinha depois do outro e me veria ir para nunca mais voltar. As ruas que eu andava como que me fugiam por si mesmas. Não tornaria a contemplar o mar da Glória, nem a serra dos Órgãos, nem a fortaleza de Santa Cruz e as outras. A gente que passava não era tanta, como nos dias comuns da semana, mas era já numerosa e ia a algum trabalho, que repetiria depois; eu é que não repetiria mais nada. (Costumes de Dom Casmurro)	CXXXIV	
	[...] Trajava à moderna, naturalmente, e as maneiras eram diferentes, mas o aspecto geral reproduzia a pessoa morta. [...] A voz era a mesma de Escobar, o sotaque era afrancesado.[...] (Sobre Ezequiel)	CXLV	
	Festas, Comemorações e Cerimônias		
	Então, como eu quisesse ir para dentro, prima Justina reteve-me alguns minutos, falando do calor e da próxima festa da Conceição, dos meus velhos oratórios, e finalmente de Capitu.	XXII	
	Em caminho, encontramos o Imperador, que vinha da Escola de Medicina. O ônibus em que íamos parou, como todos os veículos; os passageiros desceram à rua e tiraram o chapéu, até que o coche imperial passasse.	XXIX	
	- Parece que vai sair o Santíssimo, disse alguém no ônibus. Ouço um sino; é, creio que é em Santo Antônio dos Pobres. Pare, Sr. recebedor! O recebedor das passagens puxou a correia que ia ter ao braço do cocheiro, o ônibus parou, e o homem desceu. José Dias deu duas voltas rápidas à cabeça, pegou-me no braço e fez-me descer consigo. Iríamos também acompanhar o Santíssimo. Efetivamente, o sino chamava os fiéis àquele serviço da última hora.	XXX	
	- Oh! conte-me as festas da Coroação! Sabia já o que os pais lhe haviam dito, mas naturalmente tinha para si que eles pouco mais conheceriam do que o que se passou nas ruas. Queria a notícia das tribunas da Capela Imperial e dos salões dos bailes. Nascera muito depois daquelas festas célebres. (Capitu querendo saber sobre tais acontecimento)	XXXI	
	Assim falara na véspera e no quarto. Agora não dizia nada, ou proferia algum aforismo sobre a religião e a família; lembro-me deste: Dividi-lo com Deus é ainda possuí-lo. Quando minha mãe me deu o último beijo: Quadro amantíssimo! suspirou ele. Era manhã de um lindo dia. Os moleques cochichavam; as escravas tomavam a bênção: Bênção, nhô Bentinho! não se esqueça de sua Joana! Sua Miquelina fica rezando por você!	LIII	
E S C R A V I D Ã O	O cocheiro, que era nosso escravo, tão velho como a sege, quando me via à porta, vestido, esperando minha mãe, dizia-me rindo: — Pai João vai levar nhonhô! E era raro que eu não lhe recomendasse: — João, demora muito as bestas; vai devagar. — Nhá Glória não gosta. — Mas demora!	LXXXVII	
	Estávamos na horta da minha casa, e o preto andava em serviço; chegou-se a nós esperou. — É casado, disse eu para Escobar. Maria onde está? — Está socando milho, sim, senhor. — Você ainda se lembra da roça, Tomás? — Alembra, sim, senhor. — Bem, vá-se embora. Mostrei outro, mais outro, e ainda outro, este Pedro, aquele José, aquele outro Damião... — Todas as letras do alfabeto, interrompeu Escobar. Com efeito, eram diferentes letras, e só então reparei nisto; apontei ainda outros	XCIII	

	<p>escravos, alguns com os mesmos nomes, distinguindo-se por um apelido, ou da pessoa, como João Fulo, Maria Gorda, ou de nação como Pedro Benguela, Antônio Moçambique...</p> <p>— E estão todos aqui em casa? perguntou ele.</p> <p>— Não, alguns andam ganhando na rua, outros estão alugados. Não era possível ter todos em casa. Nem são todos os da roça; a maior parte ficou lá.</p>		
P O L Í T I C A	<p>Queria a notícia das tribunas da Capela Imperial e dos salões dos bailes. Nascera muito depois daquelas festas célebres. Ouvindo falar várias vezes da Maioridade, teimou um dia em saber o que fora este acontecimento; disseram-lho, e achou que o Imperador fizera muito bem em querer subir ao trono aos quinze anos. Tudo era matéria às curiosidades de Capitu, mobílias antigas, alfaías velhas, costumes, notícias de Itaguaí, a infância e a mocidade de minha mãe, um dito daqui, uma lembrança dali, um adágio dacolá..</p>	XXXI	
	<p>Meu pai, se vivesse, é possível que alterasse os planos, e, como tinha a vocação da política, é provável que me encaminhasse somente à política, embora os dois ofícios não fossem nem sejam inconciliáveis, e mais de um padre entre na luta dos partidos e no governo dos homens. Mas meu pai morreria sem saber nada, e ela ficou diante do contrato, como única devedora.</p>	LXXX	

Esaú e Jacó

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Andaraí	Onde Rita, irmã de Aires, morava e queria que ele se mudasse para lá	XXXII; XXXII; XXXII; XCIX; XCIX; C; CIII; CVI; CVI	987; 987; 988; 1070; 1071; 1072; 1075; 1078; 1078
Biblioteca Nacional	Paulo precisava fazer uns estudos	XCI; XCI; XCI; XCI; XCIX; CX; CX	1062; 1063; 1063; 1063; 1071; 1082; 1082
Botafogo	Natividade e Santos moravam no Botafogo	I; II; VI; VI; VIII; IX; XXIII; XLVII; L; LXIV; LXVII; LXVII; LXXVII; LXXIX; LXXXIV; LXXXIV; XC; CV	946; 950; 956; 961; 961; 976; 1005; 1011; 1032; 1034; 1035; 1046; 1048; 1054; 1055; 1060; 1077;
	Reflexões dos gêmeos	XXXVI	992
	Família Batista mora próxima a Santos, em Botafogo	XXX	983
	Aires diz que viverá com ele, não sozinho (praia)	XXXII	987
Cais Pharoux	Chega Batista e a família	LXXIII	1041
	Desembarca Aires	CXVI	1088
Caixa Econômica	Santos fala sobre a caderneta de seu futuro filho	VII	958
Cajus	Citação sobre a casa dos gêmeos	XVIII	971
Câmara (dos Deputados)	As irmãs descem do coupé próximo a Câmara	II; VIII; CXVIII	950; 960; 1090
	Gêmeos se tornam deputados	CXVII; CXVIII; CXX; CXXI	1088; 1090; 1091; 1092
Carceler	Nóbrega chega e engraxa as botas	LXXXVI	1046
Cassino Fluminense	Natividade e Santos iam à bailes no cassino	VI	956
Catete	Caminho de volta das irmãs depois de terem ido à cabocla	IV; IX	953; 961
	Santo vê o Palácio Nova Friburgo, indo encontrar Natividade e sua irmã	IX	961
	Volta da igreja de São Domingos	VI	955
	Casa de Aires	XXXII; XXXVIII; XLIV; LX; XC	987; 993; 1001; 1025; 1060
	Confeitaria do Custódio	LXII; LXIII;	1028; 1030
	Um deputado amigo de Aires morava numa pensão no Catete	CXXI	1093
Cemitério de São João Batista	Citado por Aires, como local de encerramento de sua vida	XXXVIII	995
Cemitério São Francisco Xavier	Enterrado o pai de Natividade	XIX	974
Colégio de Dom Pedro	Pedro e Paulo estudavam	XXIII	977

II			
Copacabana	Aires visitava bairros excêntricos	XXXIII	989
Escola de Medicina	Pedro estudava Medicina no Rio	XXXV	990
Flamengo	Citação sobre a casa dos gêmeos	XVIII	971
Glória	Citação sobre a casa dos gêmeos	XVIII	971
	Citado por Aires, seus passeios (cais)	XXXVIII	995
Hotel de D. Pedro	Onde Aires conheceu Capponi	XII	966
Hotel dos Estrangeiros	Aires vai jantar com um amigo	LXIV	1032
Igreja da Glória (Matriz)	Natividade preferia ter ido a essa igreja rezar a missa de João de Melo	VI	955
	Missa de dois anos da morte do vô dos gêmeos	XCI	1061
Igreja de São Domingos	Onde foi a missa de João de Melo	IV; IV; LXV	953; 953; 1032
Igreja do Carmo	Caminho do irmão das almas (Nóbrega) já depois que enriquece e volta ao bairro para ver como tudo está;	LXXXVI	1046
Igreja São Francisco de Paula	Natividade preferia ter ido a essa igreja rezar a missa de João de Melo	VI	955
	Proximidade do caso do cocheiro que não tira o chapéu ao imperador	LXIV	1031
Igreja São José	Onde o coupé esperava as irmãs na visita à cabocla (Entre a Igreja de São José e a Câmara dos Deputados)	II; VIII	950; 960
	Natividade a vê no fim do romance, saindo da cerimônia de posse dos gêmeos.	CXVIII	1089
	Entrou Nóbrega	LXXIV	1044
Ilha Fiscal	Baile da Ilha Fiscal	XLVIII; XLVIII; XLVIII; LXX;	1006; 1006; 1007; 1037;
Itamarati	O Itamarati estava iluminado	CVI	1079
Largo da Carioca	Aonde chega o bonde em que estava Natividade e Aires, indo esta à Rua do Ouvidor;	XXXIX	996
	Citação para falar a altura da rua Gonçalves Dias;	LVII	1021
	Para lá vai Aires depois de ouvir rumores no dia 15 no Passeio Público;	LX	1025
	Passeio de Aires com os gêmeos	XC	1060
Largo da Glória	O cocheiro pega alguém e o deixa aí e é quem conta para ele sobre a revolução	LX	1025
Largo da Lapa	Caminho de volta das irmãs depois de terem ido à cabocla	IV	953
Largo do Machado	Aires diz que viverá com ele, não sozinho	XXXII	987
	Santos observa no dia da proclamação	LXIV	1032
Largo São Francisco de Paula	Várias carruagens se enfileiravam no largo ao fim da tarde	LXXIII	1042
	Aires caminhava nessa direção (pela Rua do Ouvidor)	LXXXVII	1057
Morro do Castelo	Natividade e Perpétua visitaram a cabocla do morro do Castelo, que lá morava e previa o futuro	I; I; II; IV; VI; VII; VII VIII; VIII; VIII; VIII; VIII; IX; X; X; XII; XII; XII; XV; XV; XXVI; XXVI; XXXVIII; XLVI; LXXV; LXXXIV; LXXXIV; XCI; CXVIII; CXVIII; CXVIII	947; 947; 950; 953; 955; 957; 958; 960; 960; 960; 960; 961; 961; 962; 962; 965; 965; 965; 968; 969; 981; 981; 993; 1003; 1045; 1055; 1055; 1063; 1089; 1090; 1090
Palácio Isabel	Onde lêem o discurso de Paulo	XLIII	1000
Palácio Nova Friburgo	Santos passou lá em frente indo encontrar as irmãs	IX	961
Passeio Público	Aires passeia por lá pela manhã do dia 15 de novembro, quando acorda cedo	LX; LX	1025; 1025
Ponta do Caju	Aires diz que lá há uns mares tenebrosos	XXXVIII	995
Praça da Glória	Caminho de Santos ao encontro do coupé com as irmãs	IX	961
Praia de Botafogo	Caminho de Santos e Natividade depois da missa de João de Melo	VI	956
	Aires diz que viverá com ele, não sozinho	XXXII	987
Praia de Santa Luzia	Caminho de volta das irmãs depois de terem ido à cabocla;	IV	953
	Caminho do irmão das almas (Nóbrega) já depois que enriquece e volta ao bairro para ver como tudo está	LXXIV	1043
Praia de Santa Luzia	Caminho de volta de Natividade, depois da cerimônia de posse dos gêmeos	CXVIII	1090
Praia do Flamengo	Aires diz que viverá com ele, não sozinho	XXXII	987

	Paulo quer passar a noite da proclamação lá	LXVII	1034
Rua da Assembleia	Onde tinha o pintor que ia reformar a tabuleta da confeitaria de Custódio	XLIX; LXII; LXII	1009; 1027; 1027
Rua da Carioca	Pedro e Paulo iam descendo e era onde tinha uma loja de vidraceiro com espelhos	XXIV; XC	978; 1061
	Aires vai por aí depois de saltar do bonde	XXXIX	996
Rua da Catete	Passava por lá a padiola levando o ministro ferido na revolução;	LXI	1026
	Confeitaria do Custódio	LXII;	1028;
Rua da Misericórdia	Caminho das irmãs à cabocla e do irmão das almas	II; VIII; LXXIV	950; 960; 1043
	Caminho do irmão das almas (Nóbrega) já depois que enriquece e volta ao bairro para ver como tudo está	LXXIV	1043
Rua da Quitanda	Aires vê a Capponi aí	XII	966
Rua de Dom Manuel	Caminho do irmão das almas (Nóbrega) já depois que enriquece e volta ao bairro para ver como tudo está;	LXXIV	1043
Rua de São José	Caminho de volta das irmãs depois de terem ido à cabocla e do irmão das almas	II; LXXIV	950; 1043
	Caminho do irmão das almas	III	952
	Caminho do irmão das almas (Nóbrega) já depois que enriquece e volta ao bairro para ver como tudo está	LXXIV; LXXIV	1043; 1044
Rua do Caminho Novo	Citação, para explicar a Rua do Caminho Velho	XI	964
Rua do Carmo	Caminho das irmãs à visita da cabocla	I; VIII	947; 961
Rua do Ouvidor	Natividade vai fazer compras	XXXVIII	993
	Reflexões de Aires sobre seus passeios	XXXVIII	995
	Aires vai lá passear	XLIX	1009
	Dona Claudia e Flora vão fazer compras	LVII; LXXXVII	1020; 1057
	Aires ouve sobre a revolução no dia 15	LX	1025
	Santos disse que viu descer as tropas nesta rua, na ocasião da revolução	LXIV	1031
	Onde se podia contemplar as várias carruagens enfileiradas no Largo São Francisco de Paula	LXXIII	1042
Rua do Senador Vergueiro / Rua Caminho Velho	Casa de Dr. Plácido	XI	964
Rua dos Inválidos	O cocheiro pega alguém na aí e é quem conta para ele sobre a revolução	LX	1025
Rua Gonçalves Dias	Por onde caminha Natividade em seu passeio às compras	XXXIX	996
	Passeavam às compras Flora e D. Claudia (indo pro Largo da Carioca);	LVII	1021
Rua Sete de Setembro	Por onde Aires desceria	XXXIX	997
Rua Uruguaiana	História de Aires de um café aí que foi transformado em teatro	LXXXIX	1059
Santa Casa	Pedro precisava fazer uns estudos	XCI; XCI; XCI; XCI; XCIX; XC	1062; 1063; 1063; 1063; 1071; 1082
	Referencia do lugar onde passava o coupé de volta da cerimônia de posse dos gêmeos, com Natividade (Praia Santa Luzia)	CX	1090
	Citação sobre o velho maltrapilho da barba pintada	XXIII	978
São Clemente	Onde morava família Batista	XXXIV; L; LII; LII; LVIII; LXXVII; LXXXII; LXXXIV; XCII; XCII; XCV; CIX; XCIX; CI	989; 1011; 1013; 1015; 1022; 1046; 1051; 1054; 1065; 1065; 1067; 1070; 1071; 1072
São Cristóvão	Batista ia lá (onde estava o imperador?)	XXX	985
Secretaria do Império	Aires lá entra	XXXIX	997
Teatro Lírico	Família Santos tinha camarote	VI	956
Teatro São Pedro de Alcântara	Imperador vai ao teatro e o cocheiro não tira o chapéu para o imperador – caso lembrado por Santos	LXIV	1031
Tijuca	Aires visitava bairros excêntricos	XXXIII	989
	Passeios de Pedro	XXXV	991
	Flora desenha a estrada da Tijuca em casa de D. Rita	C	1072
Travessa de São Francisco	Aires viu o episódio do burro	XLI	998

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPITULO	PAGINA
--------	-----------	----------	--------

Alemanha	Aires quer tomar um vinho que ganhou do ministro da Alemanha	XLIV	1001
	Sobre Dom Miguel de Bragança	XXIV	979
Amazonas	Sobre a cidade em que a família moraria se Batista fosse nomeado presidente	LII	1013
América	Sobre vestir o continente com a lã dos carneiros	LXXXVII	1047
Boston	Reflexões do narrador sobre os namorados	XCV	1067
Brasil	Sobre a volta de Aires da Europa	CXVI	1087
Cabo da Boa Esperança	Metáfora sobre a idade de Natividade	XIX	974
Cabo das Tormentas	Metáfora sobre a idade de Natividade	XIX	974
Caracas	Aires se recorda	XL; XLI; XLII; XCVIII	997; 998; 999; 1070
Carlsbad	Sobre a volta de Aires da Europa	CXVI	1087
China	Sobre um cozinheiro chinês	XIX	974
Egito	Sobre Israel	XXIV	978
Esmirina	Móveis de Nóbrega eram europeus	CIII	1074
Espanha	Expressão de Perpétua	VII	957
	Sobre a eleição do espanhol	XXX	984
	Metáfora de D. Rita para o casamento de Flora com Nóbrega	CIII	1075
Estados Unidos da América	Reflexões de Pedro sobre a futura república	XXXVI	992
Europa	Retratos de Europeus no quarto de Pedro	XLVIII	1007
	Sobre vestir o continente com a lã dos carneiros	LXXXVII	1047
	Móveis de Nóbrega eram europeus	CIII	1074
	Aires havia ido para a Europa	CXVI	1087
	Aires propõe que Natividade vá viajar	CXVII	1088
Faculdade De Direito	Paulo cursava Direito	XXXV	990
Índia	Metáfora sobre a idade de Natividade	XIX	974
Londres	Sobre o conhecimento da cidade de um certo velho	I; I	946; 947
Maricá	De onde era a família de Santos (e onde morreu seu parente pobre, João de Melo)	IV; IV; IV; IV; IV; V; XXX;	953; 954; 954; 954; 954; 955; 983
Mato Grosso	Sobre a cidade em que a família moraria se Batista fosse nomeado presidente	LII	1013
Minas	Frade amigo de Pedro ia para lá	XXIII	977
	Sobre um caso publicitário em Minas	LXX	1038
	Paula havia ido à Minas	CXXXI	1092
Monte de Samaria	Sobre as vacas gordas, passagem no artigo de Paulo	XLIV	1001
Norte	Pai da Cabocla canta uma cantiga do Norte	I	949
	A cabocla era do Norte	CXVIII	1090
	Presidência de Batista era no Norte	LVI	1019
Nova York	Reflexões do narrador sobre os namorados	XCV	1067
Pará	Sobre a cidade em que a família moraria se Batista fosse nomeado presidente	LII	1013
Paraguai	Marido de Perpétua havia morrido na guerra	VIII; XLIV	959; 1001
Paraná	Frade amigo de Pedro ia para lá	XXIII	977
	Criação de carneiros lá para fazer lã	LXXXVII	1047
Petrópolis	Com o memorial do conselheiro Aires, da pra matar o tempo na barca de Petrópolis	Advertência	946
	Natividade e Santos tinham também uma casa em Petrópolis	VI; LIX; LXXXIV; XCI; XCI; XCI; XCI; XCI; XCIII; XCV; XCVIII; XCVIII; XCVIII; XCVIII; XCIX; XCIX; C; CV; CV; CV; CVI; CVI; CX; CX; CX	956; 1024; 1054; 1062; 1062; 1062; 1063; 1063; 1063; 1064; 1067; 1069; 1069; 1070; 1070; 1070; 1070; 1071; 1072; 1077; 1077; 1077; 1078; 1078; 1082; 1082; 1082
	Falavam de festas lá	LIX	1023
	Imperador tinha sido capturado em Petrópolis no dia 15	LX; LXI	1025; 1026
Piauí	Sobre a cidade em que a família moraria se Batista fosse nomeado presidente	LII	1013
Praia Grande	Sobre a cidade em que a família moraria se Batista fosse nomeado presidente	LII	1013
Província do Rio	Família Santos e Batista se conhecem em 'não sei que fazenda da Província do Rio'	XXX	983

Quitandinha	Pedro e Paulo iam a passeio	XCII	1064
República Francesa	Reflexões de Pedro sobre a futura república	XXXVI	992
Ribeirão das Moças	Onde houve duas mortes, comentadas por Batista	XXX	984
Rio de Janeiro (interior)	Frade amigo de Pedro ia para lá	XXIII	977
Rio Grande do Sul	Sobre a política de Batista	LXXII	1041
Roma	Reflexões de Pedro sobre a futura república	XXXVI	992
São Paulo	Frade amigo de Pedro ia para lá	XXIII	977
	Paulo cursava Direito	XXVI; XXXV; XXXVII; XLIII; XLVIII; LVII; LVII; LVII;	982; 990; 992; 999; 1007; 1021; 1021; 1021
Sevilla	Carmén, que estava com Aires, era de Sevilla	XL	997
Sèvres	Móveis de Nóbrega eram europeus	CIII	1074
Sul	Sobre os combates do Sul	CXIV	1085
Veneza	Comparação a Botafogo, nas reflexões de Paulo	XXXVI	992
	Aires vê Caponi dançar	XII	966
Vichy	Sobre a volta de Aires da Europa	CXVI	1087

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
HABITAÇÕES E CIDADE	Casa da cabocla (no Morro do Castelo) A casa era como as outras, trepada no morro. Subia-se por uma escadinha, estreita, sombria, adequada à aventura. [...] Velho caboclo, pai da adivinha, conduziu as senhoras à sala. Esta era simples, as paredes nuas, nada que lembrasse mistério ou incutisse pavor, nenhum petrecho simbólico, nenhum bicho empalhado, esqueleto ou desenho de aleijões. Quando muito um registro da Conceição colado à parede podia lembrar um mistério, apesar de encardido e roído, mas não metia medo. Sobre uma cadeira, uma viola.	I	
	Casa de Santos e Natividade A casa descobria-se a distância, magnífica; Santos deleitou-se de a ver, mirou-se nela, cresceu com ela, subiu por ela. A estatueta de Narciso, no meio do jardim, sorriu à entrada deles, a areia fez-se relva, duas andorinhas cruzaram por cima do repuxo, figurando no ar a alegria de ambos. A mesma cerimônia à descida. Santos ainda parou alguns instantes para ver o coupé dar a volta, sair e tornar à cocheira; depois seguiu a mulher que entrava no saguão.	VI	
	Casa Dr. Plácido No primeiro domingo, Santos pegou em si, e foi à casa do Doutor Plácido, Rua do Senador Vergueiro, uma casa baixa, de três janelas, com muito terreno para o lado do mar. Creio que já não exista: datava do tempo em que a rua era o Caminho Velho, para diferenciar do Caminho Novo.	XI	
	Casa de Batista O gabinete era pequeno; poucos livros e bons, os móveis graves, um retrato de Batista com a farda de presidente, um almanaque sobre a mesa, um mapa na parede, algumas lembranças do governo da província.	LIII	
	Quarto de Flora Flora, no quarto, não cuidava então de bilhetes nem camarotes; também não acudia à dor de cabeça, que não tinha. Se falou nela foi por ser uma razão próxima e aceitável, breve ou longa, conforme a necessidade da ocasião. Não suponhas que está rezando, embora tenha ali um oratório e um crucifixo. Não viria pedir a Jesus que lhe livrasse a alma daquela inclinação desencontrada. Posta à beira da cama, os olhos no chão, pensava naturalmente em alguma coisa grave, se não era nada, que também agarra os olhos e o pensamento de uma pessoa. Mordeu os beijos sem raiva; meteu a cabeça entre as mãos, como se quisesse concertar os cabelos, mas os cabelos estavam e ficavam como dantes. Quando se levantou era totalmente noite, e acendeu uma vela. Não queria gás. Queria uma claridade branda que desse pouca vida ao quarto e aos seus móveis, que deixasse algumas partes na meia escuridade. O espelho, se fosse a ele, não lhe repetiria a beleza de todos os dias, com a vela posta em cima de uma papeleira antiga, a distância.	XCIV	
	Casa de Nóbrega Um deles valia mais que todos pela carruagem, — tirada por uma bela parelha de cavalos, — capitalista do bairro. A casa dele era um palacete, os móveis feitos na Europa, estilo império, aparelhos de Sèvres e de prata, tapetes de Esmirna, e uma vasta câmara com dois leitos, um de solteiro, outro de casados. O segundo esperava a esposa.	CIII	
	Formas de Morar Já lhe não bastava o que era. A casa de Botafogo, posto que bela, não era um palácio, e depois, não estava tão exposta como aqui no Catete, passagem obrigada de toda a gente, que olharia para as grandes janelas, as grandes portas, as grandes águias no alto, de asas abertas. Quem	IX	

viesses pelo lado do mar, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos... Oh! gozo infinito! Santos imaginava os bronzes, mármore, luzes, flores, danças, carruagens, músicas, ceias... (Divagações de Santos)		
Cidade		
[...] mas o Morro do Castelo, por mais que ouvissem falar dele e da cabocla que lá reinava em 1871, era-lhes tão estranho e remoto como o clube. O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. Não obstante, continuavam a subir, como se fosse penitência, devagarinho, cara no chão, véu para baixo. A manhã trazia certo movimento; mulheres, homens, crianças que desciam ou subiam, lavadeiras e soldados, algum empregado, algum lojista, algum padre, todos olhavam espantados para elas, que aliás vestiam com grande simplicidade; mas há um donaire que se não perde, e não era vulgar naquelas alturas. A mesma lentidão do andar, comparada à rapidez das outras pessoas, fazia desconfiar que era a primeira vez que ali iam.	I	
Perpétua compartia as alegrias da irmã, as pedras também, o muro do lado do mar, as camisas penduradas às janelas, as cascas de banana no chão. Os mesmos sapatos de um irmão das almas, que ia a dobrar a esquina da Rua da Misericórdia para a de São José, pareciam rir de alegria, quando realmente gemiam de cansaço.	II	
Já então havia na igreja meia dúzia de crianças maltrapilhas, e, fora, alguma gente às portas e no largo, esperando. O senhor, chegando à porta, relanceou os olhos, ainda que vagamente, e viu que era objeto de curiosidade. [...] A gente local não falou de outra coisa naquele e nos dias seguintes. Sacristão e vizinhos relembavam o coupé, com orgulho. Era a missa do coupé. As outras missas vieram vindo, todas a pé, algumas de sapato roto, não raras descalças, capinhas velhas, morins estragados, missas de chita, ao domingo, missas de tamancos. Tudo voltou ao costume, mas a missa do coupé viveu na memória por muitos meses. Afinal não se falou mais nela; esqueceu como um baile.	IV	
— Venho cheia de pulgas, continuou ela; por que não fomos a São Francisco de Paula ou à Glória, que estão mais perto, e são limpas? Santos trocou as mãos à conversa, e falou das ruas mal calçadas, que faziam dar solavancos ao carro. Com certeza, quebravam-lhe as molas.	VI	
Não vou viver com ninguém. Viverei com o Catete, o Largo do Machado, a Praia de Botafogo e a do Flamengo, não falo das pessoas que lá moram, mas das ruas, das casas, dos chafarizes e das lojas. Há lá coisas esquisitas, mas sei eu se venho achar em Andaraí uma casa de pernas para o ar, por exemplo? Contentemo-nos do que sabemos. Lá os meus pés andam por si. Há ali coisas petrificadas e pessoas imortais, como aquele Custódio da confeitaria, lembra-se? (Comentário de Aires)	XXXII	
No meio desta, Aires encontrou um magote de gente parada, logo depois andando em direção ao largo. Aires quis arrepiar caminho, não de medo, mas de horror. Tinha horror à multidão. Viu que a gente era pouca, cinquenta ou sessenta pessoas, e ouviu que bradava contra a prisão de um homem. Entrou num corredor, à espera que o magote passasse. Duas praças de polícia traziam o preso pelo braço. De quando em quando, este resistia, e então era preciso arrastá-lo ou forçá-lo por outro método. Tratava-se, ao que parece, do furto de uma carteira.	XXXIX	
Note-se que, estando na ilha, teria o mar em volta, e o mar era um dos seus encantos; mas, se lhe lembrasse o mar, e se consolasse com a esperança de o mirar, advertiria também que a noite escura tolheria a consolação. [...] Foi uma bela idéia do governo, leitor. Dentro e fora, do mar e de terra, era como um sonho veneziano [...]	XLVIII	
— Aqui está uma obra, que é mais velha que o tinteiro do Evaristo e a tabuleta do Custódio, e, não obstante, parece mais moça, não é verdade, D. Perpétua? A noite é clara e quente; podia ser escura e fria, e o efeito seria o mesmo. A enseada não difere de si. Talvez os homens venham algum dia a atulhá-la de terra e pedras para levantar casas em cima, um bairro novo, com um grande circo destinado a corridas de cavalos. Tudo é possível debaixo do sol e da lua. A nossa felicidade, barão, é que morreremos antes. (Comentário de Aires)	L	
Desta vez foi ao Passeio Público. Chegou às sete horas e meia, entrou, subiu ao terraço e olhou para o mar. O mar estava crespo. Aires começou a passear ao longo do terraço, ouvindo as ondas, e chegando-se à borda, de quando em quando, para vê-las bater e recuar. Gostava delas assim; achava-lhes uma espécie de alma forte, que as movia para meter medo à terra. A água, enroscando-se em si mesma, dava-lhe uma sensação, mais que de vida, de pessoa também, a que não faltavam nervos nem músculos, nem a voz que bradava as suas cóleras. Enfim, cansou e desceu, foi-se ao lago, ao arvoredor, e passeou à toa,	LX	

	<p>revivendo homens e coisas, até que se sentou em um banco. Notou que a pouca gente que havia ali não estava sentada, como de costume, olhando à toa, lendo gazetas ou cochilando a vigília de uma noite sem cama. (Passeio Público)</p>		
	<p>Um dia, porém, tais foram as saudades dele que pensou em afrontar o perigo e lá foi. Tinha côcegas de mirar as ruas e as pessoas, recordava as casas e as lojas, um barbeiro, os sobrados de grade de pau, onde apareciam tais e tais moças... Quando ia a ceder, teve outra vez medo e enfiou por outra parte. Só passava de carro; depois quis ver tudo a pé, devagar, parando, se fosse possível, e revivendo o extinto.</p> <p>Lá se foi a pé; desceu pela Rua de São José, dobrou a da Misericórdia, foi parar à Praia de Santa Luzia, tornou pela Rua de D. Manuel, enfiou de beco em beco. A princípio olhava de esguelha, rápido, os olhos no chão. Aqui via a loja de barbeiro, e o barbeiro era outro. Dos sobrados de grade de pau debruçaram-se ainda moças, velhas e meninas e nenhuma era a mesma. Nóbrega foi-se animando e encarando. Talvez esta velha fosse moça, há vinte anos; a moça talvez mamasse, e dá agora de mamar a outra criança. Nóbrega acabou parando e andando devagar.</p> <p>Voltou mais vezes. Só as casas, que eram as mesmas, pareciam reconhecê-lo, e algumas quase que lhe falavam. Não é poesia. O ex-andador sentia necessidade de ser conhecido das pedras, ouvir-se admirar delas, contar-lhes a vida, obrigá-las a comparar o modesto de outrora com o garrido de hoje, e escutar-lhes as palavras mudas: Vejam, manas, é ele mesmo. Passava por elas, fitava-as, interrogava-as, quase ria, quase as tocava para sacudi-las com força: Falem, diabos, falem!</p> <p>Não confiaria de homem aquele passado, mas às paredes mudas, às grades velhas, às portas gretadas, aos lampiões antigos, se os havia ainda, tudo o que fosse discreto, a tudo quisera dar olhos, ouvidos e boca, uma boca que só ele escutasse, e que proclamasse a prosperidade daquele velho andador.</p> <p>Uma vez, viu a matriz de São José aberta e entrou. A igreja era a mesma; aqui estão os altares, aqui está a solidão, aqui está o silêncio. Persignou-se, mas não orou; olhava só a um lado e outro, andando na direção do altar-mor. Tinha receio de ver aparecer o sacristão, podia ser o mesmo, e conhecê-lo. Ouviu passos, recuou depressa e saiu.</p> <p>Ao subir pela Rua de São José, encostou-se à parede, para deixar passar uma carroça. A carroça subiu a calçada, ele refugiou-se num corredor. O corredor podia ser qualquer; aquele era o próprio em que ele fez a operação da nota de dois mil-réis de Natividade. (A volta de Nóbrega ao seu antigo bairro)</p>	LXXIV	
P E R S O N A G E N S	<p>Natividade</p> <p>Nem tinha só esta casa de Botafogo, mas também outra em Petrópolis; nem só carro, mas também camarote no Teatro Lírico, não contando os bailes do Cassino Fluminense, os das amigas e os seus; todo o repertório, em suma, da vida elegante. Era nomeada nas gazetas, pertencia àquela dúzia de nomes planetários que figuram no meio da plebe de estrelas. O marido era capitalista e diretor de um banco.</p>	VI	
	<p>Santos</p> <p>Santos estimou ouvir este louvor; achava-lhe uma intenção direta à sua pessoa, aos seus méritos, ao seu nome, à posição que tinha na sociedade, à casa, à chácara, ao Banco, aos coletes. É talvez muito; seria um modo enfático de explicar a força da ligação dele aos charutos. Valiam pela tabuleta e pelo tinteiro, com a diferença que estes significavam só afeição e veneração, e aqueles, valendo pelo sabor e pelo preço, tinham a superioridade do milagre, pela reprodução de todos os dias.</p>	L	
	<p>Batista</p> <p>Batista, o pai da donzela, era homem de quarenta e tantos anos, advogado do civil, ex-presidente de província e membro do Partido Conservador. A ida à fazenda tivera por objeto exatamente uma conferência política para fins eleitorais, mas tão estéril que ele tornou de lá sem, ao menos, um ramo de esperança. Apesar de ter amigos no governo, não alcançara nada, nem deputação nem presidência. Interrompera a carreira desde que foi exonerado daquele cargo a pedido, disse o decreto, mas as queixas do exonerado fariam crer outra coisa. De fato, perdera as eleições, e atribuiu a esse desastre político a demissão do cargo.</p>	XXX	
	<p>Flora</p> <p>Nem a paixão de D. Cláudia, nem o aspecto governamental de Batista distinguia a alma ou a figura da jovem Flora. Quem a conhecesse por esses dias, poderia compará-la a um vaso quebradiço ou à flor de uma só manhã, e teria matéria para uma doce elegia. Já então possuía os olhos grandes e claros, menos sabedores, mas dotados de um mover particular, que não era o espalhado da mãe, nem o apagado do pai, antes mavioso e pensativo, tão cheio de graça que faria amável a cara de um avarento. Põe-lhe o nariz aquilino, rasga-lhe a boca meio risonha, formando tudo um rosto comprido, alisa-lhe os cabelos ruivos, e aí tens a moça Flora.</p>	XXXI	

	<p>[...]</p> <p>Era retraída e modesta, avessa a festas públicas, e dificilmente consentiu em aprender a dançar. Gostava de música, e mais do piano que do canto. Ao piano, entregue a si mesma, era capaz de não comer um dia inteiro. Há aí o seu tanto de exagerado, mas a hipérbole é deste mundo, e as orelhas da gente andam já tão entupidas que só à força de muita retórica se pode meter por elas um sopro de verdade.</p>		
R E N D A S	<p>Natividade acabou entendendo a cabocla, apesar de lhe não ouvir mais nada; bastou saber que as coisas futuras seriam bonitas, e os filhos grandes e gloriosos para ficar alegre e tirar da bolsa uma nota de cinquenta mil-réis. Era cinco vezes o preço do costume, e valia tanto ou mais que as ricas dádivas de Creso à Pítia.</p>	II	
	<p>As oito horas parou um coupé à porta; o lacaio desceu, abriu a portinhola, desbarreteou-se e perfilou-se. Saiu um senhor e deu a mão a uma senhora, a senhora saiu e tomou o braço ao senhor, atravessaram o pedacinho de largo e entraram na igreja. Na sacristia era tudo espanto. A alma que a tais sítios atraía um carro de luxo, cavalos de raça, e duas pessoas tão finas não seria como as outras almas ali sufragadas.</p> <p>[...]</p> <p>A missa foi mandada dizer por aquele senhor, cujo nome é Santos, e o defunto era seu parente, ainda que pobre. Também ele foi pobre; também ele nasceu em Maricá. Vindo para o Rio de Janeiro, por ocasião da febre das ações (1855), dizem que revelou grandes qualidades para ganhar dinheiro depressa. Ganhou logo muito, e fê-lo perder a outros. Casou em 1859 com esta Natividade, que ia então nos vinte anos e não tinha dinheiro, mas era bela e amava apaixonadamente. A Fortuna os abençoou com a riqueza. Anos depois tinham eles uma casa nobre, carruagem, cavalos e relações novas e distintas. Dos dois parentes pobres de Natividade morreu o pai em 1866; restava-lhe uma irmã. Santos tinha alguns em Maricá, a quem nunca mandou dinheiro, fosse mesquinhez, fosse habilidade. Mesquinhez não creio; ele gastava largo e dava muitas esmolas. Habilidade seria; tirava-lhes o gosto de vir cá pedir-lhe mais.</p>	IV	
	<p>Poucos meses depois, Nóbrega abandonou as almas a si mesmas, e foi a outros purgatórios, para os quais achou outras opas, outras bacias e finalmente outras notas, esmolas de piedade feliz. Quero dizer que foi a outras carreiras. Com pouco deixou a cidade, e não se sabe se também o país. Quando tornou, trazia alguns pares de contos de réis, que a fortuna dobrou, redobrou e tresdobrou. Enfim, alvoreceu a famosa quadra do encilhamento. Esta foi a grande opa, a grande bacia, a grande esmola, o grande purgatório. Quem já sabia do andador das almas? A antiga roda perdera-se na obscuridade e na morte. Ele era outro; as feições não eram as mesmas, senão as que o tempo lhe veio compondo e melhorando.</p>	LXXIV	
	<p>Senão quando, morre-lhe o padrinho ao Gouveia, e em testamento deixou ao afilhado três contos de réis.</p>	XCV	
	<p>Houve mais; supondo que ela o tivesse aceitado e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria. Desenhava na imaginação o carro, o mais rico de todos, os cavalos e as suas plumas negras, o caixão, uma infinidade de coisas que, à força de compor, cuidava feitas. Depois o túmulo; mármore, letras de ouro... O secretário, para o arrancar à tristeza, falava dos objetos da rua.</p>	CVIII	
R E L I G I A O	<p>Os mesmos sapatos de um irmão das almas, que ia a dobrar a esquina da Rua da Misericórdia para a de São José, pareciam rir de alegria, quando realmente gemiam de cansaço. Natividade estava tão fora de si que, ao ouvir-lhe pedir: Para a missa das almas! tirou da bolsa uma nota de dois mil-réis, nova em folha, e deitou-a à bacia. A irmã chamou-lhe a atenção para o engano, mas não era engano, era para as almas do purgatório.</p>	II	
	<p>A missa foi mandada dizer por aquele senhor, cujo nome é Santos, e o defunto era seu parente, ainda que pobre. Também ele foi pobre; também ele nasceu em Maricá.</p>	IV	
	<p>Santos, meio arrependido da expansão, fez-se sério e conversou da missa e da igreja. Concordou que esta era decrépita e metida a um canto, mas alegou razões espirituais. Que a oração era sempre oração, onde quer que a alma falasse a Deus. Que a missa, a rigor, não precisava estritamente de altar; o rito e o padre bastavam ao sacrifício.</p> <p>[...]</p> <p>Santos pensou em fazer sobre isso uma consulta espírita. Começava a ser iniciado nessa religião, e tinha a fé novíça e firme. Mas a mulher opôs-se; a consultar alguém, antes a cabocla do Castelo, a adivinha célebre do tempo, que descobria as coisas perdidas e predizia as futuras.</p>	VII	
	<p>Um dia, estando Perpétua à missa, rezou o Credo, advertiu nas palavras: ... os santos apóstolos São Pedro e São Paulo, e mal pôde acabar a oração. Tinha descoberto os nomes; eram simples e gêmeos. Os pais concordaram com ela e a pendência acabou.</p>	VIII	

	<p>[...]</p> <p>Natividade não dizia nada ao pé de estranhos, apenas sorria, como se tratasse de folguedo de São João, um lançar de dados e ler no livro de sortes a quadra correspondente ao número. Não importa; lá dentro de si cobiçava algum brilhante destino aos filhos. Cria deveras, esperava, rezava às noites, pedia ao Céu que os fizesse grandes homens.</p>		
	<p>Um tal Aires não era fácil de convencer. Plácido falou-lhe de leis científicas para excluir qualquer mácula de seita, e Santos foi com ele. Toda a terminologia espírita saiu fora, e mais os casos, fenômenos, mistérios, testemunhos, atestados verbais e escritos... Santos acudiu com um exemplo: dois espíritos podiam tornar juntos a este mundo; e, se brigassem antes de nascer?</p>	XIV	
	<p>Ao pé de cada um dos castiçais acharam um bilhete de Natividade. Aqui está o que ela dizia: Algum de vocês quer ir comigo à missa, amanhã? Faz anos que seu avô morreu, e Perpétua está adoentada.</p>	XC	
	<p>— Foram à missa aniversária, e desconfio que foram também ao cemitério, não juntos, nem à mesma hora. Se foram, é que verdadeiramente gostavam dela; logo, não foi um incidente.</p>	CXVII	
TRANSPORTES	<p>E seguiram lépidas para o coupé, que as esperava no espaço que fica entre a igreja de São José e a Câmara dos Deputados. Não tinham querido que o carro as levasse até ao princípio da ladeira, para que o cocheiro e o laçao não desconfiassem da consulta.</p>	II	
	<p>No Catete, o coupé e uma vitória cruzaram-se e pararam a um tempo. Um homem saltou da vitória e caminhou para o coupé. Era o marido de Natividade, que ia agora para o escritório, um pouco mais tarde que de costume, por haver esperado a volta da mulher.</p> <p>[...]</p> <p>Tudo isso foi pensado depressa, porque a vitória, embora não corresse (os cavalos tinham ordem de moderar a andadura), todavia, não atrasava as rodas para que os sonhos de Santos acabassem. Assim foi que, antes de chegar à Praia da Glória, a vitória avistou o coupé da família, e as duas carruagens pararam, a curta distância uma da outra, como ficou dito.</p>	IX	
	<p>Quando, às duas horas da tarde do dia seguinte, Natividade se meteu no bonde, para ir a não sei que compras na Rua do Ouvidor, levava a frase consigo. A vista da enseada não a distraiu, nem a gente que passava, nem os incidentes da rua, nada [...]</p>	XXXVIII	
	<p>Voltou ao largo, onde três tálburis o disputaram; ele entrou no que lhe ficou mais à mão, e mandou tocar para o Catete.</p> <p>[...]</p> <p>Aires olhava para o cocheiro, cuja palavra saía deliciosa de novidade. Não lhe era desconhecida esta criatura. Já a vira, sem o tálburi, na rua ou na sala, à missa ou a bordo [...]</p>	LX	
	<p>No cais pharoux esperavam por eles três carruagens, — dois coupés e um landau, com três belas parelhas de cavalos. A gente Batista ficou lisonjeada com a fineza da gente Santos, e entrou no landau. Os gêmeos foram cada um no seu coupé. A primeira carruagem tinha o seu cocheiro e o seu laçao, fardados de castanho, botões de metal branco, em que se podiam ver as armas da casa. Cada uma das outras tinha apenas o cocheiro, com igual libré. E todas três se puseram a andar, estas atrás daquela, os animais batendo rijo e compassado, a golpes certos, como se houvessem ensaiado, por longos dias, aquela recepção. De quando em quando, encontravam outros trens, outras librés, outras parelhas, a mesma beleza e o mesmo luxo.</p>	LXXIII	
	<p>Um vitória da Santos esperava ali os rapazes, a conselho e por ordem da mãe, que buscava todas as ocasiões e meios de os fazer andar juntos e familiares. Teimava em emendar a natureza. Levava-os muita vez a passeio, ao teatro, a visitas. Naquela noite, como soubesse que iam ao teatro, mandou aprestar a vitória que os conduziu para a cidade, e ficou à espera deles.</p> <p>[...]</p> <p>Faz anos que seu avô morreu, e Perpétua está adoentada. Natividade esquecera de lhes falar antes, e, aliás, andava bem sem eles, mormente de carruagem; mas gostava de os ter consigo.</p>	XC	
	<p>Pode ser que conhecesse algum, Gouveia, por exemplo; em verdade, era como se os não visse.</p> <p>Um deles valia mais que todos pela carruagem, — tirada por uma bela parelha de cavalos, — capitalista do bairro.</p>	CIII	
	<p>Educação</p> <p>Pedro seria médico, Paulo advogado; tal foi a primeira escolha das profissões. Mas logo depois trocaram de carreira. Também pensaram em dar um deles à engenharia. A marinha sorria à mãe, pela distinção particular da escola. Tinha só o inconveniente da primeira viagem remota; mas Natividade pensou em meter empenhos com o ministro. Santos falava em fazer um deles banqueiro, ou ambos. Assim passavam as horas vadias. Íntimos da casa entravam nos cálculos. Houve quem os fizesse</p>	VIII	

C O S T U M E S	ministros, desembargadores, bispos, cardeais...		
	Os rapazes, apesar de ser domingo, estudavam a um canto; vieram dar-lhe o beijo do costume e tornaram aos livros.	XX	
	Era retraída e modesta, avessa a festas públicas, e dificilmente consentiu em aprender a dançar. Gostava de música, e mais do piano que do canto. Ao piano, entregue a si mesma, era capaz de não comer um dia inteiro. Há aí o seu tanto de exagerado, mas a hipérbole é deste mundo, e as orelhas da gente andam já tão entupidas que só à força de muita retórica se pode meter por elas um sopro de verdade.	XXXI	
	Como recebiam as mesmas aprovações e distinções nos exames, faltava-lhes matéria a invejas; e, se a ambição os dividisse algum dia, não era por ora águia nem condor, ou sequer filhote; quando muito, um ovo. No colégio de Pedro II todos lhe queriam bem. As barbas é que não queriam vir.	XXIII	
	Bateu paternalmente na palma da mão de Flora, e perguntou pelos estudos. Os estudos iam bem; como é que não iriam bem os estudos? E sentando-se ao pé dele, a mocinha confessou que tinha idéia justamente de aprender desenho e pintura, mas se havia de pôr tinta de mais ou de menos, e acabar não pintando nada, melhor seria ficar só na música. A música ia bem com ela, o francês também, e o inglês.	XXXIV	
	Já então os dois gêmeos cursavam, um a Faculdade de Direito, em São Paulo; outro a Escola de Medicina, no Rio. Não tardaria muito que saíssem formados e prontos, um para defender o Direito e o torto da gente, outro para ajudá-la a viver e a morrer.	XXXV	
	Pedro iria, e é natural que dançasse, e muito, não obstante o afinco e paixão dos seus estudos. Vivia enfeitado pela medicina. No quarto de dormir, além do busto de Hipócrates, tinha os retratos de algumas sumidades médicas da Europa, muito esqueleto gravado, muita moléstia pintada, peitos cortados verticalmente para se lhes verem os vasos, cérebros descobertos, um cancro de língua, alguns aleijões, coisas todas que a mãe, por seu gosto, mandaria deitar fora, mas era a ciência do filho, e bastava. Contentava-se de não olhar para os quadros.	XLVIII	
	Lazer, Passeio e Costumes		
	Não alteraram os hábitos, nos primeiros tempos, e as visitas e os bailes continuaram como dantes, até que pouco a pouco, Natividade se fechou totalmente em casa. As amigas iam vê-la. Os amigos iam visitá-los ou jogar cartas com o marido.	VII	
	Jogou essa noite, como de costume; na seguinte, foi ao teatro; na outra a uma visita; e tornou ao voltarete do costume, e a briga sempre com ele. Era um mistério. (Sobre Santos)	XI	
	Os peraltas nutriam-se ao contrário dos pais, sem as artes do cozinheiro, nem a vista das comidas e bebidas, todas postas em cristais e porcelanas para emendar ou colorir a dura necessidade de comer. [...] Cavalinhos de pau, bandeirolas, teatros de bonecos, barretinas e tambores, toda a quinquilharia da infância ocuparia muito mais que o lugar de seus nomes.	XVII	
	Era tão bom chegar à província! Tudo anunciado, as visitas a bordo, o desembarque, a posse, os cumprimentos... Ver a magistratura, o funcionalismo, a oficialidade, muito calva, muito cabelo branco, a flor da terra, enfim, com as suas cortesias longas e demoradas, todas em ângulo ou em curva, e os louvores impressos. As mesmas descomposturas da oposição eram agradáveis.	XXX	
	Achou algum movimento mais, alguma ópera menos, cabeças brancas, pessoas defuntas; mas a velha cidade era a mesma. (Pensamentos de Aires)	XXXII	
	Assim foi a princípio. As quintas-feiras ia jantar com a irmã. As noites passeava pelas praias, ou pelas ruas do bairro. O mais do tempo era gasto em ler e reler, compor o Memorial ou rever o composto, para relembrar as coisas passadas.	XXXII	
	Aires entrou a sentir uma ponta de aborrecimento; bocejava, cochilava, tinha sede de gente viva, estranha, qualquer que fosse, alegre ou triste. Metia-se por bairros excêntricos, trepava aos morros, ia às igrejas velhas, às ruas novas, à Copacabana e à Tijuca. O mar ali, aqui o mato e a vista acordavam nele uma infinidade de ecos, que pareciam as próprias vozes antigas.	XXXIII	
	Vejamos o que é que estes ajustaram. Vinham de estar com Aires no teatro, uma noite, matando o tempo. [...] Não sei que teatro foi, nem que peça, nem que gênero; fosse o que fosse, a questão era matar o tempo, e os três o deixaram estirado no chão. Foram dali a um restaurante. Aires disse-lhes que, antigamente, em rapaz, acabava a noite com amigos da mesma idade. Era o tempo de Offenbach e da opereta. Contou anedotas, disse as peças, descreveu as damas e os partidos, quase deu por si repetindo um trecho, música e palavras.	LXXXIX	

	Assim que, não foi por ciúme, mas para os trazer a outras seduções e separá-los da guerra ante a bela Flora, que a mãe teimou em levar os filhos para Petrópolis. Subiriam na primeira semana de janeiro. A estação seria excelente; anunciou festas, citou nomes, notou-lhe que Petrópolis era a cidade da paz. O governo pode mudar cá embaixo e nas províncias... [...] Natividade ponderou que eles podiam fazer tudo entre as duas barcas de Petrópolis; desciam, almoçavam, trabalhavam, e às quatro horas subiriam, como a demais gente. Em cima achariam visitas, música, bailes, mil coisas belas, sem contar as manhãs, a temperatura e os domingos.	XCI	
	Festas, Comemorações e Cerimônias		
	Mais depressa cuidaria do baile da ilha Fiscal, que se realizou em novembro para honrar os oficiais chilenos. Não é que ainda dançasse, mas sabia-lhe bem ver dançar os outros, e tinha agora a opinião de que a dança é um prazer dos olhos. [...] Por exemplo, D. Cláudia. Também ela pensava no baile da ilha Fiscal, sem a menor idéia de dançar, nem a razão estética da outra. Para ela, o baile da ilha era um fato político, era o baile do ministério, uma festa liberal, que podia abrir ao marido as portas de alguma presidência.	XLVIII	
	D. Cláudia colheu as rosas do último baile do ano, primeiro da República, e adornou a filha com elas.	LXX	
	Flora viu uma semelhança entre o baile da ilha Fiscal e este, apesar de particular e modesto. Este era dado por pessoa que vinha dos tempos da propaganda e um dos ministros lá esteve, ainda que só meia hora.	LXX	
E S C R A V I D A O	Nesse ofício portavam-se sem rivalidade, a não ser quando as amas estavam às boas, e eles mamavam ao pé um do outro; [...] A operação de desmamar podia fazer-se em meia linha, mas as lástimas das amas, as despedidas, as bichas de ouro que a mãe deu a cada uma delas, como um presente final, tudo isso exigia uma boa página ou mais. Poucas linhas bastariam para as amas-secas, porquanto não diria se eram altas nem baixas, feias ou bonitas. Eram mansas, zelosas do ofício, amigas dos pequenos, e logo uma da outra.	XVII	
	E os rapazes saíram a espalhar a notícia pela casa. Os criados ficaram felizes com a mudança dos amos. Os próprios escravos pareciam receber uma parcela de liberdade e condecoravam-se com ela: Nhã Baronesa! exclamavam saltando. E João puxava Maria, batendo castanholas com os dedos: 'Gente, quem é esta crioula? Sou escrava de Nhã Baronesa!'	XX	
	Não esqueça dizer que, em 1888, uma questão grave e gravíssima os fez concordar também, ainda que por diversa razão. A data explica o fato: foi a emancipação dos escravos. Estavam então longe um do outro, mas a opinião uniu-os. A diferença única entre eles dizia respeito à significação da reforma, que para Pedro era um ato de justiça, e para Paulo era o início da revolução. Ele mesmo o disse, concluindo um discurso em São Paulo, no dia 20 de maio: A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco.	XXXVII	
P O L Í T I C A	Natividade não sabia que fizesse; dava a mão aos filhos, ao marido, e tornava ao jornal para ler e reler que no despacho imperial da véspera o Sr. Agostinho José dos Santos fora agraciado com o título de Barão de Santos. Compreendeu tudo. O presente do dia era aquele; o ourives desta vez foi o imperador.	XX	
	A imaginação os levou então ao futuro, a um futuro brilhante, com ele é em tal idade. Botafogo teria um papel histórico, uma enseada imperial para Pedro, uma Veneza republicana para Paulo, sem doge, nem conselho dos dez, ou então um doge com outro título, um simples presidente, que se casaria em nome do povo com este pequenino Adriático. Talvez o doge fosse ele mesmo. Esta possibilidade, apesar dos anos verdes, enfunou a alma do moço. Paulo viu-se à testa de uma república, em que o antigo e o moderno, o futuro e o passado se mesclassem, uma Roma nova, uma Convenção Nacional, a República Francesa e os Estados Unidos da América. Pedro, à sua parte, construía a meio caminho como um palácio para a representação nacional, outro para o imperador, e via-se a si mesmo ministro e presidente do conselho. Falava, dominava o tumulto e as opiniões, arrancava um voto à Câmara dos Deputados ou então expedia um decreto de dissolução. É uma minúcia, mas merece inseri-la aqui: Pedro, sonhando com o governo, pensava especialmente nos decretos de dissolução. Via-se em casa, com o ato assinado, referendado, copiado, mandado aos jornais e às Câmaras, lido pelos secretários, arquivado na secretaria, e os deputados saindo cabisbaixos, alguns resmungando, outros irados. Só ele estava tranqüilo, no gabinete, recebendo os amigos que iam cumprimentá-lo e pedir os recados para a província.	XXXVI	

	<p>A sós consigo, Batista pensou muita vez na situação pessoal e política. Apalpava-se moralmente. Cláudia podia ter razão. Que é que havia nele propriamente conservador, a não ser esse instinto de toda criatura, que a ajuda a levar este mundo? Viu-se conservador em política, porque o pai o era, o tio, os amigos da casa, o vigário da paróquia, e ele começou na escola a execrar os liberais. E depois não era propriamente conservador, mas saquarema, como os liberais eram luzias.</p>	XLVII	
	<p>Ultimamente teve a fantasia de ser deputado. Natividade abanou a cabeça, por mais que ele explicasse que não queria ser orador nem ministro, mas tão somente fazer da Câmara um degrau para o Senado, onde possuía amigos, pessoas de merecimento, e que era eterno. (Sobre Santos)</p>	XLVIII	
	<p>A imaginação de Batista era menos longa que a de Natividade. Quero dizer que ia antes do princípio do século, Deus sabe se antes do fim do ano. Ao som da música, à vista das galas, ouvia umas feitiçarias cariocas, que se pareciam com as escocesas; pelo menos, as palavras eram análogas às que saudaram Macbeth: — Salve, Batista, ex-presidente de província! — Salve, Batista, próximo presidente de província! — Salve, Batista, tu serás ministro um dia! A linguagem dessas profecias era liberal, sem sombra de solecismo. Verdade é que ele se arrependia de as escutar, e forcejava por traduzi-las no velho idioma conservador, mas já lhe iam faltando dicionários. A primeira palavra ainda trazia o sotaque antigo: Salve, Batista, ex-presidente de província! mas a segunda e a última eram ambas daquela outra língua liberal, que sempre lhe pareceu língua de preto. Enfim, a mulher, como lady Macbeth, dizia nos olhos o que esta dizia pela boca, isto é, que já sentia em si aquelas futurações. O mesmo lhe repetiu na manhã seguinte, em casa. Batista, com um sorriso disfarçado, descrevia das feitiçarias, mas a memória guardava as palavras da ilha: Salve, Batista, próximo presidente! Ao que ele respondia com um suspiro: Não, não, filhas do Diabo...</p>	XLVIII	
	<p>E foi à estante e tirou um dos relatórios para ser melhor visto. Aberto, mostrou a impressão e as vinhetas; lido, podia mostrar o estilo por um lado, e por outro, a prosperidade das finanças. Batista limitou-se aos algarismos totais: despesa, mil duzentos e noventa e quatro contos, setecentos e noventa mil-réis; receita, mil quinhentos e quarenta e quatro contos, duzentos e nove mil-réis; saldo, duzentos e quarenta e nove contos, quatrocentos e dezenove mil-réis. Verbalmente, explicou o saldo, que alcançou pela modificação de alguns serviços, e por um pequeno aumento de impostos. Reduziu a dívida provincial, que achou em trezentos e oitenta e quatro contos, e deixou em trezentos e cinquenta contos. Fez obras novas e consertos importantes; iniciou uma ponte... (Relatório de Batista, das contas do governo).</p>	LIII	
	<p>Quando Aires saiu do Passeio Público, suspeitava alguma coisa, e seguiu até o Largo da Carioca. Poucas palavras e sumidas, gente parada, caras espantadas, vultos que arrepiavam caminho, mas nenhuma notícia clara nem completa. Na Rua do Ouvidor, soube que os militares tinham feito uma revolução, ouviu descrições da marcha e das pessoas, e notícias desencontradas. Voltou ao largo, onde três tiburis o disputaram; ele entrou no que lhe ficou mais à mão, e mandou tocar para o Catete. Não perguntou nada ao cocheiro; este é que lhe disse tudo e o resto. Falou de uma revolução, de dois ministros mortos, um fugido, os demais presos. O imperador, capturado em Petrópolis, vinha descendo a serra.</p>	LX	
	<p>Só às duas horas da tarde, quando Santos lhe entrou em casa, acreditou na queda do império. — É verdade, conselheiro, vi descer as tropas pela Rua do Ouvidor, ouvi as aclamações à república. As lojas estão fechadas, os bancos também, e o pior é se se não abrem mais, se vamos cair na desordem pública; é uma calamidade.</p>	LXIV	
	<p>A capital oferecia ainda aos recém-chegados um espetáculo magnífico. Vivia-se dos restos daquele deslumbramento e agitação, epopéia de ouro da cidade e do mundo, porque a impressão total é que o mundo inteiro era assim mesmo. Certo, não lhe esqueceste o nome, encilhamento, a grande quadra das empresas e companhias de toda espécie. Quem não viu aquilo não viu nada. Cascatas de idéias, de invenções, de concessões rolavam todos os dias, sonoras e vistosas para se fazerem contos de réis, centenas de contos, milhares, milhares de milhares, milhares de milhares de milhares de contos de réis. Todos os papéis, aliás ações, saíam frescos e eternos do prelo. Eram estradas de ferro, bancos, fábricas, minas, estaleiros, navegação, edificação, exportação, importação, ensaques, empréstimos, todas as uniões, todas as regiões, tudo o que esses nomes comportam e mais o que esqueceram. Tudo andava nas ruas e praças, com estatutos, organizadores e listas. Letras grandes enchiam as folhas públicas, os títulos sucediam-se, sem que se repetissem, raro morria, e só morria o que era frouxo, mas a princípio nada era frouxo. Cada ação trazia a vida intensa e liberal, alguma vez imortal,</p>	LXXIII	

	que se multiplicava daquela outra vida com que a alma acolhe as religiões novas. Nasceram as ações a preço alto, mais numerosas que as antigas crias da escravidão, e com dividendos infinitos.		
	No meio dos sucessos do tempo, entre os quais avultavam a rebelião da esquadra e os combates do Sul, a fuzilaria contra a cidade, os discursos inflamados, prisões, músicas e outros rumores, não lhes faltava campo em que divergissem. Nem era preciso política. Cresciam agora mais em número as ocasiões e as matérias. Ainda quando combinassem de acaso e de aparência, era para discordar logo e de vez, não deliberadamente, mas por não poder ser de outro modo.	CXIV	
	Quinta-feira, quando os gêmeos tomaram assento na Câmara, Natividade e Perpétua foram ver a cerimônia. Pedro ou Paulo arranhou-lhes uma tribuna [...] Natividade confirmou a notícia; foram eleitos em oposição um ao outro. Ambos apoiavam a República, mas Paulo queria mais do que ela era, e Pedro achava que era bastante e sobeja. Mostravam-se sinceros, ardentes, ambiciosos; eram bem aceitos dos amigos, estudiosos, instruídos...	CXVII	

Memorial de Aires

LOCAL	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Andaraí	Onde Rita morava	10/01/88; 10/01/88; 25/01/88; 10/02/88; 08/09/88; 06/10/88; 06/10/88; 17/10/88; Meia-Noite; 09/03/89	1098; 1099; 1105; 1111; 1147; 1157; 1158; 1160; 1162; 1187
Banco do Brasil	Fidélia estava com um empregado	02/03/88	1112
Banco do Sul	Aires ia saindo e encontrou Aguiar	16/01/88; 12/10/88	1100
	Os Aguiar tem ações do Banco do Sul	05/02/88; 26/05/89; Quinta-feira; 18/07/89	1111; 1194; 1194; 1198
	Desembargador Campos trabalha lá	20/03/88; 10/10/88; 28/10/88; 08/04/89	1114; 1159; 1164; 1190
	Osório é advogado do Banco do Sul	26/05/88; 09/09/88; 14/09/88	1122; 1147; 1149
	Aires vai lá depositar umas apólices e encontra o Desebargador	02/07/88; 02/07/88	1131; 1132
Botafogo	Para onde Fidélia ia com seu carro (lá morava Campos?)	22/09/88; 10/10/88; 12/10/88; 13/10/88; Meia-Noite; 13/11/88; 13/11/88; 05/12/88; 02/01/89; 29/01/89; 12/02/89; 13/02/89; 15/02/89; 06/05/89; 25/06/89;	1154; 1159; 1159; 1160; 1162; 1169; 1169; 1173; 1176; 1179; 1181; 1182; 1182; 1192; 1196
Cais Pharoux	Aires vai lá se despedir de Tristão e Fidélia	Véspera do Embarque	1197
Carceler	Tomavam café Aires e Tristão	19/04/89; 19/04/89	1191; 11914
Catete	Aires aí morava	09/01/88; 25/01/88; 07/04/88; 12/04/88; 25/06/89	1097; 1105; 1115; 1117; 1196

	O leiloeiro morava no Catete	21/05/88	1120
Cemitério de São João Batista	Enterrada a família de Aires, Rita ia visitar	09/01/88; 02/11/88	1097; 1165
Engenho Velho	D. Carmo estudou num colégio	04/02/88	1107
Escola da Marinha	Primo de Fidélia (filho do desembargador) é aluno	02/03/88; 02/03/88	1114; 1114
Escola de Medicina	Eduardo, marido de Fidélia, estudava aí	10/02/88	1112
Escola Politécnica	Aires passeava em direção à Escola Politécnica	12/09/88	1149
Flamengo	Aires havia encontrado Desembargador Campos	Segunda-feira	1106
	Proposta para Fidélia pintar um trecho do Flamengo	22/10/88;	1163
Flamengo (Praia do)	Casa dos Aguiar	25/01/88; 10/02/88; 10/02/88; 04/04/88; 07/04/88; 14/05/88; 16/05/88; 26/05/88; Fim de Maio; 27/07/88; 31/07/88; 08/09/88; 09/09/88; 09/09/88; 22/09/88; 10/10/88; 17/10/88; 17/10/88; Meia -noite; 22/10/88; 22/10/88; 22/10/88; 28/10/88; 28/10/88; 13/11/88; 13/11/88; 30/11/88; 05/12/88; 15/12/88; 22/12/88; 22/12/88; 23/01/89; 25/01/89; 12/02/89; 16/02/89; 26/03/89; 04/04/89; 15/05/89; Quinta-Feira; 29/06/89; 18/07/89; Dez horas da noite; 29/08/89; Sem data	1105; 1112; 1112; 1115; 1115; 1118; 1119; 1122; 1123; 1133; 1135; 1147; 1148; 1148; 1153; 1158; 1160; 1161; 1161; 1163; 1163; 1163; 1164; 1164; 1169; 1170; 1170; 1173; 1175; 1176; 1176; 1178; 1179; 1181; 1182; 1189; 1190; 1193; 1195; 1196; 1198; 1199; 1199; 1200
Glória	Fidélia ia a Glória ver a missa com D. Carmos	13/11/88	1169
Hotel da América	Onde fica Santa-Pia em visita ao Rio	27/03/88	1115
Hotel dos Estrangeiros	Fidélia e Tristão ficam lá antes de embarcarem	25/06/89	1195
Igreja da Candelária	Aires encontra por aí o desembargador Campos	02/07/88	1132
Igreja da Glória (Matriz)	Debate entre Fidélia e Aires	02/03/88; 07/04/88	1114; 1115
	Aires vai à missa da Glória no dia de Finados	02/11/88	1165
	Fidélia e D. Carmo costumavam ir na missa aos domingos	13/11/88	1169
	Casamento de Tristão e Fidélia	08/05/89; 08/05/89; 15/05/89	1192; 1192; 1193
Igreja de São Francisco de Paula	Missa do Barão de Santa-Pia	27/06/88; 27/06/88	1130; 1130
Laranjeiras	Casa dos Guimarães (pais de Tristão)	04/02/88	1109
Largo de São Francisco	Onde Rita ia pegar o bonde	23/05/88	1121
	Onde estava o carro de Fidélia	22/09/88; 22/09/88; 02/12/88	1154; 1154; 1172
Largo do Machado	Passeio de Aires pela cidade	07/04/88	1115

Mauá	Quando chega a Mauá, o humor de Aires está bom	Segunda-Feira	1106
Praia do Flamengo	D. Carmos caminha por lá, quando o joelho está melhor	03/10/88	1155
	Proposta para Fidélia pintar um trecho do Flamengo	09/11/88	1166
Praia do Russell	D. Carmos caminha por lá, quando o joelho está melhor	03/10/88	1155
Praia Formosa	Morava o padre que batizou Tristão	31/07/88; 08/05/89	1135; 1192
Prainha	Quando Aires de lá saía, encontrou o desembagador a bordo	Segunda-feira	1106
	Os Aguiar levaram Tristão até a barca na Prainha	Sem data	1185
	Serão levados lá Fidélia e Tristão depois do casamento	04/04/89; 15/05/89; 15/05/89; Quinta-Feira; Quinta-Feira; Quinta-feira	1190; 1193; 1193; 1194; 1194; 1195;
Rocio	Aires e Aguiar caminham por lá e vão pegar bonde	13/11/88	1169
Rua da Glória	Caminho de Aires	09/09/88	1148
Rua da Princesa	Caminho de Aires de volta pra casa	18/09/88	1153
	Caminho de volta de Fidélia e Rita, saindo dos Aguiar	Meia-Noite	1162
Rua da Quitanda	Separaram-se Aires e Tristão após haverem se encontrado no Largo São Francisco	22/09/88	1154
	Aires vê passar os Aguiar com Tristão e os acompanha até a Prainha	Sem data	1185
Rua de Ipiranga	Aires encontra Fidélia, Tristão e o casal Aguiar passeado	27/08/88	1142
Rua do Catete	Caminho de Aires de volta pra casa	18/09/88	1153
Rua do Ouvidor	Onde Aires vê a agitação geral por conta da aprovação da lei da abolição	13/05/88	1118
	Conversa com D. Carmo	21/06/88	1128
	Aires vê Tristão descendo a rua	27/07/88	1133
	Por onde Aires caminha com Fidélia e vê Tristão	22/09/88; 22/09/88; 11/06/89	1154; 1154; 1194
Rua Nova	Um amigo de Aires da imprensa oferece carro (parado nesta rua) para Aires cortejar a comemoração da abolição	13/05/88	1118
Rua Primeiro de Março	De onde saíram o amigo e companheiros de Aires para cortejar a abolição	13/05/88	1118
Teatro Lírico	Onde se viram Fidélia e Eduardo, nas torrinhass	10/02/88	1112
Tesouro	Aguiar e Aires estavam lá por negócios e saem caminhando	13/11/88	1169
Tijuca	Aires pensa em mandar o seu criado José para lá	17/05/88	1119

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
África	Citação sobre o rei da literatura de João de Barros	12/02/89	1181
Alemanha	Fidélia lembra da sua viagem	02/03/88	1114
Bahia	Tristão havia chegado lá	18/07/88	1133
	Tristão fala sobre lá	19/08/88	1139
Bélgica	Aires tinha um jantar com o encarregado de negócios	13/02/89; 13/02/89	1181; 1182
Brasil	Os Aguiar querem que Tristão volte ao Brasil	04/02/88; 04/02/88; 18/06/88	1110; 1111; 1127
	Referência a ausência de Aires	09/01/88; 25/01/88; 25/01/88;	1097; 1105; 1105
	Sobre a libertação dos escravos	19/04/88	1117
Bruxelas	Tristão lá esteve	03/08/88	1136
Escola Médica de Lisboa	Tristão começa a estudar lá	04/02/88; 04/08/88; 04/08/88	1110; 1137; 1137
Espanha	Tristão fala sobre política	19/08/88	1139
Estados Unidos	Sobre a inveja do poker	05/07/88	1132
	Referência ao discurso de Abraham Lincoln	19/04/88	1117
Europa	Tristão e os pais vão para a Europa	04/02/88; 04/02/88; 04/08/88; 30/11/88; 16/02/89; 29/08/89	1110; 1110; 1136; 1170; 1183; 1199
	Aires havia voltado da Europa	09/01/88; 09/01/88; 12/04/88; 18/09/88; 09/11/88	1097; 1097; 1117; 1153; 1167

	Fidélia quer ir todos os quatro juntos para lá	26/05/89; Quinta-Feira	1194; 1194;
	Fidélia e marido para lá vão viajar	10/02/88	1112
	Corretor Miranda havia chegado da Europa	05/07/88	1132
	Tristão olha para o mar como se quisesse ir à Europa	04/08/88	1136
	Conversas na casa dos Aguiar	08/09/88	1147
	Tristão e Aires conversam sobre as galerias	22/10/88	1164
França	Tristão assistiu a Comuna	25/03/89	1188
Hotel Bragança (Petrópolis)	Aires e Campos aí ficam	Segunda-Feira	1106
Inglaterra	Sobre as preferências políticas de Tristão	25/03/89; 25/03/89	1189; 1189
Itália	Sobre a viagem para a Europa que Fidélia quer fazer	Quinta-Feira	1195
	Sobre as preferências políticas de Tristão	25/03/89	1189
	Fidélia lembra da sua viagem	02/03/88	1114
	Tristão estava na Itália	14/05/88	1119
Lisboa	Tristão e a família vão para lá	04/02/88; 14/05/88; 22/05/88; 28/07/88; 03/09/88; 18/09/88; 06/10/88; 10/10/88; 12/10/88; 17/10/88; 22/10/88; 28/12/88; 02/01/89; 13/01/89; 26/03/89; 19/04/89; 19/04/89; 06/05/89; 15/05/89; Quinta-Feira; 11/06/89; 30/06/89; Véspera do Embarque; 29/08/89; 29/08/89	1110; 1119; 1120; 1134; 1144; 1150; 1158; 1158; 1159; 1160; 1163; 1176; 1177; 1178; 1189; 1191; 1192; 1192; 1193; 1194; 1195; 1196; 1197; 1199; 1199;
	Marido de Fidélia morre lá e a viúva fez transportar o marido de Lisboa ao Rio	12/01/88; 10/02/88	1100; 1112
Minas	Mãe de Tristão precisou ir a Minas – pai dele tinha negócios lá	04/02/88	1109
Niterói	Aires vai para lá e encontra Tristão na barca	04/08/88;	1136
	Reflexões de Aires acerca do nome da cidade	04/08/88; 04/08/88	1137; 1137
Norte	Osório é filho de um lavrador do Norte	26/05/88	1122
Nova Friburgo	Mãe de D. Carmo era de lá	04/02/88; 07/08/88; 07/08/88; 11/08/88; 11/08/88; 19/08/88; 06/10/88;	1107; 1138; 1138; 1138; 1139; 1139; 1158
Paineiras	Tristão convida Aires para lá subirem	30/11/88; 01/12/88; 02/12/88	1170; 1171; 1172
Paraíba do Sul	Fidélia é filha de um fazendeiro de lá	10/01/88; 14/01/88; 14/01/88; 14/01/88; 27/03/88; 09/06/88; 15/06/88; 20/06/88; 10/08/88	1098; 1100; 1100; 1100; 1115; 1126; 1126; 1128; 1138;
Paris	Sobre as novelas de Paris	18/09/88	1152
	Sobre a viagem para a Europa que Fidélia quer fazer	Quinta-Feira	1195
Pernambuco	Tristão havia chegado lá	18/07/88	1133
Petrópolis	Memorial de Aires da para ler na barca de Petrópolis	Advertência	1096
	Aires vai lá jantar com um velho conhecido da diplomacia	Sábado;	1105; 1106;

		Segunda-Feira; Segunda-Feira	1106;
	Conversa com Campos no caminho	Segunda-feira; Segunda-feira; 04/02/88; 05/02/88; 06/02/88	1106; 1106; 1107; 1111; 1111
	Citação de que vai algumas vezes até lá	12/04/88; 12/02/89	1117; 1180
	Fidélia pensa em ir no verão	22/12/88	1176
	Tristão vai lá alugar uma casa para os noivos (Fidélia e ele)	Sem data; Sem data; Sem data; 09/03/89; 20/03/89; 04/04/89; 15/05/89; 15/05/89; 26/05/89; Quinta-Feira; Quinta-Feira; 25/06/89	1185; 1185; 1186; 1186; 1187; 1190; 1193; 1194; 1194; 1194; 1194; 1195
Portugal	Tristão fala sobre política	19/08/88	1139
Praia Grande (Niterói)	Tristão e Aires lá chegam	04/08/88	1136
	Reflexões de Aires acerca do nome da cidade	04/08/88	1137
Recife	Pai de Osório tem pretensões morar lá	26/05/88; 09/06/88; 09/06/88; 15/06/88; 09/09/88	1122; 1124; 1124; 1126; 1147
	Tristão fala sobre lá	19/08/88	1139
Roma	Referência às senhoras de Roma	10/01/88	1098
São Paulo	Aires estudara em São Paulo	Segunda-feira; 24/02/88	1106; 1114
	Mãe de Tristão era de lá	04/02/88	1109
Sul	Comendador Josino vai com a família para o Sul	09/03/89	1186
Taubaté	Mãe de Tristão era de lá	04/02/88	1109
Tuiuti	Celebração da Batalha homônima	24/05/88; 24/05/88	1122; 1122
Verona	Referência a Romeu e Julieta	14/01/88; 14/01/88	1100; 1100
Vestfália	Tristão aluga uma casa lá (Petrópolis)	Sábado	1186
Viena	Mulher de Aires está enterrada em Viena	12/01/88; 30/09/88	1099; 11558

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
HABITAÇÕES CIDADE	Fazenda Santa-Pia		
	Trata longamente dele e das saudades que ela foi achar lá, das lembranças que lhe acordaram as paredes dos quartos e das salas, as colunas da varanda, as pedras da cisterna, as janelas antigas, a capela rústica. Mucamas e moleques deixados pequenos e encontrados crescidos, livres com a mesma afeição de escravos, têm algumas linhas naquelas memórias de passagem. Entre os fantasmas do passado, o perfil da mãe, ao pé do pai, e ao longe como ao perto, nas salas como no fundo do coração, o perfil do marido, tão fixo que cheguei a vê-lo e me pareceu eterno.	30/06/88	
	Casa dos Aguiar		
	Esqueceu-me dizer que a casa Aguiar é na Praia do Flamengo, ao fundo de um pequeno jardim, casa velha mas sólida.	25/01/88	
	Ao cabo de alguns minutos cuidava eu de sair, quando vi aparecer à porta da casa nada menos que Tristão. A porta é larga, dá para um saguão, donde se comunica para cima por dois pequenos lanços de degraus, teto baixo. Tristão vinha de concluir a correspondência que vai mandar para o correio, segundo soube logo depois, e tornava ao lugar em que estivera, ao pé das duas. Mandou vir cadeira; a que eu ocupava era a que ele ocupava antes, e não havia outra.	11/11/88	
	Quarto de Tristão		
	Preparam-lhe alojamento em casa. Aguiar anda tão satisfeito que, contra os seus hábitos de discrição, já me disse ter em vista a mobília do quarto que lhe destinam; é simples e elegante. Provavelmente a mulher começará já a obra dos seus ornamentos de lã e de linho para as cadeiras e a mesa	01/07/88	
	Cidade		

	A distração faz das suas. Hoje, vindo da cidade para casa, passei por esta, e dei comigo no Largo do Machado, quando o bonde parou. Apeei-me, e antes de arrear caminho, a pé, detive-me alguns instantes, e enfiei pelo jardim, em direção à Matriz da Glória, a olhar para a fachada do templo com a torre por cima. Fiz isto porque me lembrou a conversação da outra noite no Flamengo.	07/04/88	
	Um conhecido meu, homem de imprensa, achando-me ali, ofereceu-me lugar no seu carro, que estava na Rua Nova, e ia enfileirar no cortejo organizado para rodear o paço da cidade, e fazer ovação à Regente. Estive quase, quase a aceitar, tal era o meu atordoamento, mas os meus hábitos quietos, os costumes diplomáticos, a própria índole e a idade me retiveram melhor que as rédeas do cocheiro aos cavalos do carro, e recusei. Recusei com pena. Deixei-os ir, a ele e aos outros, que se juntaram e partiram da Rua Primeiro de Março. Disseram-me depois que os manifestantes erguiam-se nos carros, que iam abertos, e faziam grandes aclamações, em frente ao paço, onde estavam também todos os ministros. Se eu lá fosse, provavelmente faria o mesmo e ainda agora não me teria entendido... Não, não faria nada; meteria a cara entre os joelhos.	13/05/88	
	D. Carmo foi a Nova Friburgo com o afilhado para lhe mostrar novamente a cidade em que nasceu, creio que também a rua, e parece que a própria casa.	07/08/88	
	— Se ela sabe pintar pareceu-me que, melhor quadro que o seu jardim, é um trecho marinho do Flamengo, por exemplo, com a serra ao longe, a entrada da barra, alguma das ilhas, uma lancha, etc. A madrinha concordou logo, e foi propor à amiga a troca do quadro. Agradou-lhe este outro, prometeu vir ao Flamengo desenhá-lo, e não veio.	22/10/88	
P E R S O N A G E N S	Fidélia		
	A única particularidade da biografia de Fidélia é que o pai e o sogro eram inimigos políticos, chefes de partido na Paraíba do Sul. Inimizade de famílias não tem impedido que moços se amem, mas é preciso ir a Verona ou alhures.	14/01/88	
	— Conheceram-se aqui na Corte, disse Rita; na roça nunca se viram. Fidélia passava uns tempos em casa do desembargador (a tia ainda era viva), e o rapaz, Eduardo, estudava na Escola de Medicina. A primeira vez que ele a viu foi das torrinhas do Teatro Lírico, onde estava com outros estudantes; viu-a à frente de um camarote, ao pé da tia. Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados um do outro. Quando souberam quem eram, já o mal estava feito, mas provavelmente o mal se faria, ainda que o soubessem desde princípio, porque a paixão foi repentina. O pai de Fidélia, vindo à Corte, teve notícia do caso pelo próprio irmão, que cautelosamente lhe disse o que desconfiava, e insinuou que era boa ocasião de fazerem as pazes as duas famílias.	10/02/88	
	Aguiar e D. Carmo		
	Aguiar casou guarda-livros. D. Carmo vivia então com a mãe, que era de Nova Friburgo, e o pai, um relojoeiro suíço daquela cidade. Casamento a grado de todos. Aguiar continuou guarda-livros, e passou de uma casa a outra e mais outra, fez-se sócio da última, até ser gerente de banco, e chegaram à velhice sem filhos. É só isto, nada mais que isto. Viveram até hoje sem bulha nem matinada. [...] Aguiar contara uma vez ao desembargador os tempos amargos em que, ajustado o casamento, perdeu o emprego por falência do patrão. Teve de procurar outro; a demora não foi grande, mas o novo lugar não lhe permitiu casar logo, era-lhe preciso assentar a mão, ganhar confiança, dar tempo ao tempo. [...] A pobreza foi o lote dos primeiros tempos de casados. Aguiar dava-se a trabalhos diversos para acudir com suprimentos à escassez dos vencimentos. D. Carmo guiava o serviço doméstico, ajudando o pessoal deste e dando aos arranjos da casa o conforto que não poderia vir por dinheiro. Sabia conservar o bastante e o simples; mas tão ordenadas as coisas, tão completadas pelo trabalho das mãos da dona que captavam os olhos ao marido e às visitas. Todas elas traziam uma alma, e esta era nada menos que a mesma, repartida sem quebra e com alinhamento raro, unindo o gracioso ao preciso. Tapetes de mesa e de pés, cortinas de janelas e outros mais trabalhos que vieram com os anos, tudo trazia a marca da sua fábrica, a nota íntima da sua pessoa. Teria inventado, se fosse preciso, a pobreza elegante.	04/02/88	
	Aguiar		
	Aguiar não tem costela de homem público; todo ele é família, todo esposo, e agora também filhos, os dois filhos postiços, — Tristão mais que Fidélia, pela razão que penso haver já dito.	03/08/88	
	D. Carmo		
	Havendo estudado em um colégio do Engenho Velho, a moça acabou sendo considerada a primeira aluna do estabelecimento, não só sem	04/02/88	

	desgosto, tácito ou expresso, de nenhuma companheira, mas com prazer manifesto e grande de todas, recentes ou antigas. A cada uma pareceu que se tratava de si mesma. Era então algum prodígio de talento? Não, não era; tinha a inteligência fina, superior ao comum das outras, mas não tal que as reduzisse a nada. Tudo provinha da índole afetuosa daquela Criatura.		
	Osório Aqui ficam os sinais do sujeito mordido pela viúva Noronha. Vinte e oito anos, solteiro, advogado do Banco do Sul, donde lhe vieram as relações com o gerente Aguiar; boa feição, boas maneiras, acaso tímido. É filho de um antigo lavrador do Norte, que reside agora no Recife. Dizem que tem muito talento e grande futuro. Chama-se Osório.	26/05/88	
R E N D A S	Não falei das ações do Banco do Sul, nem das apólices, nem das casas que o Aguiar possui, além dos honorários de gerente; terá uns duzentos e poucos contos. Tal foi a afirmação do Campos, à beira do rio, em Petrópolis. Campos é homem interessante, posto que sem variedade de espírito; não importa, uma vez que sabe despendar o que tem. Verdade é que tal regra levaria a gente a aceitar toda a casta de insípidos. Ele não é destes. (Sobre os Aguiar)	05/02/88	
	Nessa ocasião entrou um íntimo da casa e conversou também do fazendeiro. Disse que os negócios dele, apesar do desfalque, não iam mal; deve ter uns trezentos contos. Aguiar não sabe exatamente, mas aceitou o cálculo. (Sobre o barão de Santa-Pia)	16/06/88	
	<p>Talvez a idéia que o levou à mala fosse a esperança de algum valor extraviado, uma jóia, por exemplo, ou ainda menos, uma camisa, um colete, um lenço, e sendo assim o silêncio era muito possível. Achou papéis velhos, veio fielmente entregar-mos.</p> <p>Não lhe quero mal por isso. Não lho quis no dia em que descobri que ele me levava dos coletes, ao escová-los, dois ou três tostões por dia. Foi há dois meses, e possivelmente já o faria antes, desde que entrou cá em casa. Não me zanguei com ele; tratei de acautelar os níqueis, isso sim; mas, para que não se creia descoberto, lá deixo alguns, uma vez ou outra, que ele pontualmente diminui; não me vendo zangar é provável que me chame nomes feios, descuidado, tonto, papalvo que seja... Não lhe quero mal do furto nem dos nomes. Ele serve bem e gosta de mim; podia levar mais e chamar-me pior.</p>	17/10/88	
	<p>Não entendendo, perguntei-lhe que água benta era, e que batizado. O marido, com a sua rabugem do costume, respondeu que a água benta era o dinheiro, e esfregou o polegar e o índice; ela riu apoiando, e eu compreendi que atribuíam ao moço uma afeição de interesse.</p> <p>[...]</p> <p>Comigo, sim, logo que eles me deixaram, vim pensando no Tristão, que é também rico, que ama deveras a viúva, é amado por ela, e acabará casando.</p>	13/01/89	
R E L I G I A O	Rita orou diante dele alguns minutos, enquanto eu circulava os olhos pelas sepulturas próximas. Em quase todas havia a mesma antiga súplica da nossa: Oraí por ele! Oraí por ela! Rita me disse depois, em caminho, que é seu costume atender ao pedido das outras, rezando uma prece por todos os que ali estão. Talvez seja a única. A mana é boa criatura, não menos que alegre.	10/01/88	
	<p>Missa do Barão de Santa-Pia em São Francisco de Paula. O filho do desembargador representava a família; este e a sobrinha ouviram missa na fazenda. Há de ter sido outra recordação antiga para a viúva. A fazenda tem capela, onde um padre dizia missa aos domingos e confessava pela quaresma. Também eu conheci esse costume em pequeno, e ainda me lembra que, na quaresma, eu e outros rapazes íamos esconder-nos do confessor embaixo das camas ou nos desvãos da casa. Já então confundíamos as práticas religiosas com as canseiras da vida, e fugíamos delas.</p> <p>[...]</p> <p>Bastante gente em São Francisco de Paula. Na sacristia havia folhas de papel onde se inscreveram as pessoas que lá foram, e uma ou outra que não foi mas encomendou o cuidado a um terceiro. Vi magistrados, advogados, pessoas do comércio e do funcionalismo, senhoras, algumas senhoras.</p>	27/06/88	
	<p>Para me dar razão no que lhe disse da subordinação graciosa da viúva, referiu-me que as duas costumavam ir à missa, ao domingo, na Matriz da Glória; a viúva vinha sempre acompanhar D. Carmo ao Flamengo, donde tornava logo para Botafogo, se não almoçava com eles.</p> <p>[...]</p> <p>— Agora Carmo é que não vai a uma nem a outra parte, ou só raro. A minha pobre mulher anda cansada; lá tem o seu livro, com as suas rezas marcadas. Ao domingo, à mesma hora, antes de catar notícias nas gazetas, pega em si e no livro, e acompanha a missa toda. Eu, que já sei a hora, não a perturbo nunca; se me acontece por acaso entrar no gabinete</p>	13/11/88	

	onde ela tem o seu altazinho e o seu Cristo, recuo a tempo, mas não lhe arranco os olhos da página; é como se não entrasse ninguém. Acaba, beija a imagem e torna ao mundo.		
T R A N S P O R T E S	Encoberto por um mausoléu, não a pude ver mais nem melhor que a princípio. Ela foi descendo até o portão, onde passava um bonde em que entrou e partiu. Nós descemos depois e viemos no outro.	10/01/88	
	Desci hoje de Petrópolis. Sábado, ao sair a barca da Prainha, dei com o Desembargador Campos a bordo, e foi um bom encontro, porque daí a pouco o meu mau humor cedia, e cheguei a Mauá já meio curado. Na estação de Petrópolis estava restabelecido inteiramente. [...] Campos achava grande prazer na viagem que íamos fazendo em trem de ferro. Eu confessava-lhe que tivera maior gosto quando ali ia em caleças tiradas a burros, umas atrás das outras, não pelo veículo em si, mas porque ia vendo, ao longe, cá embaixo, aparecer a pouco e pouco o mar e a cidade com tantos aspectos pinturescos. O trem leva a gente de corrida, de afogadilho, desesperado, até à própria estação de Petrópolis. E mais lembrava as paradas, aqui para beber café, ali para beber água na fonte célebre, e finalmente a vista do alto da serra, onde os elegantes de Petrópolis aguardavam a gente e a acompanhavam nos seus carros e cavalos até à cidade; alguns dos passageiros de baixo passavam ali mesmo para os carros onde as famílias esperavam por eles.	Segunda-feira	
	Quando cheguei hoje à cidade, eram duas horas, e ia a sair do bonde, chegou-se a ele a bela Fidélia, com o seu gracioso e austero meio-luto de viúva. Vinha de compras, naturalmente. Cumprimentamo-nos, dei-lhe a mão para subir.	12/09/88	
	Um conhecido meu, homem de imprensa, achando-me ali, ofereceu-me lugar no seu carro, que estava na Rua Nova, e ia enfileirar no cortejo organizado para rodear o paço da cidade, e fazer ovação à Regente.	13/05/88	
	No Largo de São Francisco estava um carro dela, perto da igreja. Íamos da Rua do Ouvidor, a dez passos de distância ou pouco mais. Parei na esquina, vi-a caminhar, parar, falar ao cocheiro, entrar no carro, que partiu logo pela travessa, naturalmente para os lados de Botafogo.	22/09/88	
	Estávamos no Tesouro, aonde fomos por negócios, e saímos dali a pé, caminho do Rocio, a pegar um bonde, mas não pegamos nada. A conversação foi o melhor veículo; é desses que têm as rodas surdas e rápidas, e fazem andar sem solavancos.	13/11/88	
C O S T U M E S	Educação Aos treze anos, sabendo que o pai o destinava ao comércio, foi ter com a madrinha e confiou-lhe que não tinha gosto para tal carreira. [...] Tristão confessou-lhe que a sua vocação era outra. Queria ser bacharel em Direito. A madrinha defendeu a intenção do pai, mas com ela Tristão era ainda mais voluntarioso que com ele e a mãe, e teimou em estudar Direito e ser doutor. Se não havia propriamente vocação, era este título que o atraía. [...] e Tristão começou o curso da Escola Médica de Lisboa. Nem comércio nem jurisprudência.	04/02/88	
	Tristão conhece música, e à noite, a pedido dela, executou ao piano um pedaço de Wagner, que ele achou muito bem. Além do Campos, jantou lá um Padre Bessa, o que batizou Tristão.	31/07/88	
	Fidélia não voltou ao Flamengo, apesar da promessa que D. Carmo lhe fez fazer. D. Carmo fora achá-la a pintar; Fidélia lembrara-se de haver pintado em menina, e começara um trecho do jardim da própria casa. Prometeu voltar ao Flamengo no dia seguinte, e não foi. Tristão, ao saber do motivo da ausência, advertiu que a viúva Noronha podia ter em pintura talento igual ao da música, e não sei se lho chamou grande; não mo disse.	22/10/88	
	Passeios, Lazer, Costumes		
	Conversamos da cidade e suas diversões. Não vai a teatro, qualquer que seja, nada sabe de dramas nem de óperas; não insisti no assunto. Apenas me servi da segunda parte, a parte lírica, para lhe falar dos seus talentos de pianista, que ouvira gabar muito. (Costumes de Osório)	29/05/88	
	Obrigado pela palavra a ir passar a noite com o corretor Miranda, lá fui hoje. Veio mais gordo da Europa, onde só esteve alguns meses; é o mesmo impetuoso de sempre, mas bom sujeito e excelente marido. Nada novo, a não ser um jogo, parece que inventado nos Estados Unidos e que ele aprendeu a bordo. No meu tempo não se conhecia. Chama-se poker; eu trouxe o whist, que ainda jogo, e peguei no meu velho voltarete. Parece que o poker vai derrubar tudo. Na casa do Miranda até a senhora deste jogou.	05/07/88	
	Eu nunca esqueci coisas que só vi em menino. Ainda agora vejo dois sujeitos barbados que jogavam o entrudo, teria eu cinco anos; era com bacias de madeira ou de metal, ficaram inteiramente molhados e foram pingando para as suas casas.	28/07/88	

	A alegria do casal Aguiar é coisa manifesta. Marido e mulher andam a inventar ocasiões e maneiras de viver com os dois e com alguns amigos, entre os quais parece que me contam. Jantam, passeiam, e se não projetam bailes é porque os não amam de si mesmos, mas se Fidélia e Tristão os quisessem, estou que eles os dariam. A verdade, porém, é que os dois hóspedes não chegaram a tal ponto, mormente Fidélia que se contenta de conversar e sorrir; não vai a teatros, nem a festas públicas	27/08/88	
	Os quatro passam os dias em conversa, e ontem a viúva Noronha tocou piano, um pouquinho, é verdade, mas tocou. Parece que já uma vez jogaram cartas. Rita disse mais: — Fidélia, que desde que saiu do colégio nunca mais fez trabalhos de agulha, começa agora a imitar a amiga, e já ontem trabalharam juntas. Quando eu lá cheguei às duas horas da tarde e dei com elas, defronte uma da outra, movendo agulhas, você não imagina a alegria com que me receberam; D. Carmo mostrava um pouco de orgulho também, ou coisa parecida. Faziam um par de sapatinhos de criança.	08/09/88	
	Observando a moça e os seus gestos, pensei no que me disseram há uma semana, a idéia que ela teve de ir passar o verão em Santa-Pia, que ainda não vendeu. Não lhe importaria lá ficar com os seus libertos; faltou-lhe pessoa que a acompanhasse. Ultimamente pensou em ir para Petrópolis, mas aí é provável que fosse também Tristão, e a intenção dela era fugir-lhe, creio eu.	22/12/88	
	Festas, Comemorações e Cerimônias		
	Voltei só e fui à casa Aguiar, onde os quatro e o desembargador conversaram de festas religiosas, a propósito do dia santo de hoje. Ainda uma vez os dois deram impressões européias, e realmente ajustaram as reminiscências.	08/09/88	
	A mão da viúva foi pedida naquele mesmo dia, justamente por ser o 26º aniversário do casamento dos padrinhos de Tristão; foi pedida em Botafogo, na casa do tio, e em presença deste, concedida pela dona, com assentimento do desembargador, que, aliás, nada tinha que opor a dois corações que se amam.	29/01/89	
	O casamento foi ao meio-dia em ponto, na Matriz da Glória, poucas pessoas, muita comoção. Fidélia vestia escuro e afogado, as mangas presas nos pulsos por botões de granada, e o gesto grave. D. Carmo, austeramente posta, é verdade, ia cheia de riso, e o marido também. Tristão estava radiante. [...] Na igreja havia curiosos do bairro, damas principalmente. Cada uma destas era pouca para apanhar com os olhos as figuras dos noivos, desde a porta até o altar-mor. Movimento, sussurro, cabeças inclinadas, tudo isso encheria este pedaço de papel sem proveito.	15/05/89	
	Ao Desembargador Campos parece que alguma coisa se fará no sentido da emancipação dos escravos, — um passo adiante, ao menos. Aguiar, que estava presente, disse que nada corre na praça nem lhe chegou ao Banco do Sul.	20/03/88	
	Santa-Pia chegou da fazenda, e não foi para a casa do irmão; foi para o Hotel da América. É claro que não quer ver a filha. Não há nada mais tenaz que um bom ódio. Parece que ele veio por causa do boato que corre na Paraíba do Sul acerca da emancipação dos escravos.	27/03/88	
	Grande novidade! O motivo da vinda do barão é consultar o desembargador sobre a alforria coletiva e imediata dos escravos de Santa-Pia.	10/04/88	
E S C R A V I D Ã O	Lá se foi o barão com a alforria dos escravos na mala. Talvez tenha ouvido alguma coisa da resolução do governo; dizem que, abertas as câmaras, aparecerá um projeto de lei. Venha, que é tempo. Ainda me lembra do que lia lá fora, a nosso respeito, por ocasião da famosa proclamação de Lincoln: Eu, Abraão Lincoln, Presidente dos Estados Unidos da América... Mais de um jornal fez alusão nominal ao Brasil, dizendo que restava agora que um povo cristão e último imitasse aquele e acabasse também com os seus escravos. Espero que hoje nos louvem. Ainda que tardiamente, é a liberdade, como queriam a sua os conjurados de Tiradentes.	19/04/88	
	O ministério apresentou hoje à Câmara o projeto de abolição. É a abolição pura e simples. Dizem que em poucos dias será lei.	07/05/88	
	Enfim, lei. Nunca fui, nem o cargo me consentia ser propagandista da abolição, mas confesso que senti grande prazer quando soube da votação final do Senado e da sanção da Regente. Estava na Rua do Ouvidor, onde a agitação era grande e a alegria geral.	13/05/88	
	Fidélia chega da Paraíba do Sul no dia 15 ou 16. Parece que os libertos vão ficar tristes; sabendo que ela transfere a fazenda pediram-lhe que não, que a não vendesse, ou que os trouxesse a todos consigo. Eis aí o que é ser formosa e ter o dom de cativar. Desse outro cativo não há cartas nem leis que libertem; são vínculos perpétuos e divinos. Tinha graça vê-la chegar à Corte com os libertos atrás de si, e para quê, e como sustentá-los? Custou-lhe muito fazer entender aos pobres sujeitos que eles	10/08/88	

P O L Í T I C A	precisam trabalhar, e aqui não teria onde os empregar logo. Prometeu-lhes, sim, não os esquecer, e, caso não torne à roça, recomendá-los ao novo dono da propriedade.		
	Não entendi bem, mas não me cabia pedir explicação. Campos incumbiu-se de me dizer que também ele não entendia bem a idéia da sobrinha, e acrescentou que, por gosto, ela partiria já. A doença de D. Carmo é que a fez aceitar o que lhe propôs o tio, a saber, que adiassem a viagem para as férias. — Iremos pelas férias, concluiu ele; provavelmente já o trabalho estará parado de todo; o administrador, que não tem tido força para deter a saída dos libertos até hoje, não a terá até então. Fidélia cuida que a presença dela bastará para suspender o abandono. — Logo, se for mais depressa... aventurei eu, querendo sorrir. — Foi o argumento dela; eu creio que não será tanto assim, e, como tenho de acompanhar, prefiro dezembro a outubro. Quer-me parecer que ela teme menos a fuga dos libertos que outra coisa...	03/10/88	
	— Sabe o que D. Fidélia me escreveu agora? perguntou-me Aguiar. Que o Banco tome a si vender Santa-Pia. — Creio que já ouvi falar nisso... — Sim, há tempos, mas era idéia que podia passar; vejo agora que não passou. — Os libertos têm continuado no trabalho? — Têm, mas dizem que é por ela.	08/04/89	
	O que ouvi depois é que Tristão, sabendo da resolução da viúva, formulou um plano e foi comunicar-lho. Não o fez nos próprios termos claros e diretos, mas por insinuação. Uma vez que os libertos conservam a enxada por amor da sinhá-moça, que impedia que ela pegasse da fazenda e a desse aos seus cativos antigos? Eles que a trabalhem para si. Não foi bem assim que lhe falou; pôs-lhe uma nota voluntariamente seca, em maneira que lhe apagasse a cor generosa da lembrança.	15/04/89	
	A única particularidade da biografia de Fidélia é que o pai e o sogro eram inimigos políticos, chefes de partido na Paraíba do Sul.	14/01/88	
	Campos disse-me hoje que o irmão lhe escrevera, em segredo, ter ouvido na roça o boato de uma lei próxima de abolição. Ele, Campos, não crê que este ministério a faça, e não se espera outro.	18/02/88	
	A data de hoje (revolução de 1848) lembra-me a festa de rapazes que tivemos em São Paulo, e um brinde que eu fiz ao grande Lamartine. Ai, viçosos tempos! Eu estava no meu primeiro ano de Direito. Como falasse disso ao desembargador, disse-me este: — Meu irmão crê que também aqui a revolução está próxima, e com ela a República.	24/02/88	
	Afinal houve sempre mudança de gabinete. O Conselheiro João Alfredo organizou hoje outro. Daqui a três ou quatro dias irei apresentar as minhas felicitações ao novo ministro dos negócios estrangeiros.	10/03/88	
	— A separação que se deu entre nós era impossível impedi-la. Conselheiro, o senhor que viveu lá fora a maior parte da vida não calcula o que são aqui esses ódios políticos locais. Papai é o melhor dos homens, mas não perdoa a adversário. Hoje creio que está tudo acabado; a abolição fê-lo desgostoso da vida política. Já mandou dizer aos chefes conservadores daqui que não contem mais com ele para nada. Foram os ódios locais que trouxeram a nossa separação, mas pode crer que ele padeceu tanto como eu e meu marido.	09/06/88	
	— Sabe. O que ele ainda não sabe, mas vai saber, é que nas vésperas de partir aceitei a proposta de entrar na política, e vou ser eleito deputado às cortes no ano que vem. Não fosse isso, e eu cá ficava com ele; iria buscar meu pai e minha mãe. Sei que ele me há de querer dissuadir do plano; meu padrinho não gosta de política, menos ainda de política militante, mas eu estou obrigado pelo gosto que lhe tenho e pelo acordo a que cheguei com os chefes do partido. Escrevi algum tempo num jornal de Lisboa, e dizem que não inteiramente mal. Também falei em comícios.	04/08/88	

LIMA BARRETO

Recordações do Escrivão Isaías Caminha

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Alfândega	Vista no caminho de Isaías ao sair da Câmara	III	140
Andaraí	Passeios de Isaías	VII	170
	Vista da casa de cômodos de Rio Comprido	XI	220
Apostolado Positivista	Isaías vai com Leiva lá	VII; VII; VII	174; 174; 174
Banco do Brasil	Aires D'Ávila queria ser diretor	XIII	239
Banco Inglês	De onde Aires D'Ávila recebera dinheiro pra o caso das telas falsificadas	XIII	240
Biblioteca Nacional	Isaías vai lá ler	VII	170
Botafogo	Isaías vai a um passeio pragmático	IV	150
	Abelardo, o poeta, tinha admiração pelas senhoras de lá	VII	170
	Sobre Pilar de Giralda, uma burguesa	X	215
	Sobre as Irmãs do Botafogo	XI	225
Câmara (dos Deputados)	Isaías quer entregar a carta ao deputado	III; III; III; III; III; III; III; V;	135; 136; 137; 137; 137; 137; 138; 154;
Campo de Sant'Anna	Caminho de Isaías da delegacia para o hotel	VI	165
	Onde Isaías e Lêda saltam do bonde	XIV	256
Campo Grande	Estação próxima de Santa Cruz, que inventaram na notícia do crime	X; X	214; 214
Cascadura	Caxias achava que os criminosos de Santa Cruz tinham vindo de lá	X; X; X	214; 214; 214
Catete	Lêda morava numa rua transversal	XIV	254
Confeitaria da Estrada	Onde Isaías vai passear com o padeiro	II	132
Convento do Carmo	Vista no caminho de Isaías ao sair da Câmara	III	140
Escola de Aprendizes	Charadista do jornal organizou o catálogo da biblioteca	VIII	189
Escola de Belas Artes	Consultada para o caso das telas encontradas em Pernambuco	XIII	240
Escola Normal	Meninas da Escola Normal no bonde	IV	152
	Um professor ataca Lobo, o revisor do jornal	XI	223
Escola Politécnica	Proximidades do motim da revolta pelo uso dos calçados	XII	234
Estrada de Ferro (Central do Brasil)	Carlos Oliveira trazia as notícias sobre	X	212
	Sobre a notícia de Santa Cruz	X	217
Galeão	Loberant, Isaías e Lêda caminham em direção a	XIV	254
Gamboa	Sobre a lei dos calçados obrigatórios nesses lugares	XII	232
Glória	Leiva e Isaías caminhavam por lá	VII	174
Hospício Nacional dos Alienados	Jornal publica uma crítica sobre	IX	196
Hotel Kenilalé	Onde estava Isaías	V; V	157; 157
Hotel Términus	Onde vivia deputado Castro	IV; IV	143; 150
Ilha do Governador	Onde vão Loberant, Isaías e Lêda jantar	XIV	254
Irmãos Araújo	Casa do deputado Castro	IV	150
Jornal do Rio	Florêncio dirigia a seção lá	VII	176
Lapa	Laje da Silva explorava uma casa de divertimentos lá	X	209
Laranjeiras	Isaías vê um anúncio de emprego para lá	VI	166
	Casa da viúva Pais Brandão	IX	205
	Doutor Ricardo era relacionado por lá	X	216
	Casa de Veiga Filho	XIII	242
Largo da Carioca	Caminho de Isaías	XIV	256
Largo de São Francisco	Sobre um roubo de lá	V	156
	Acontecia o motim da revolta pelo uso dos calçados	XII; XII	234; 236
Largo do Lapa	Caminho do carro em que estavam Isaías e Lêda	XIV	256
Largo do Machado	Caminho de Isaías saindo de Laranjeiras	VI	167
Largo do Paço	Caminho de Isaías ao sair da Câmara	III	140
Leme	Onde iriam Loberant, Isaías e Lêda jantar	XIV	254
Lírico	Floc iria ao Lírico	XIII	242
Livraria Garnier	Isaías, na Breve Notícia, fala que não está nos registros da livraria Garnier, no Rio	Breve Notícia	117
Mangue (Estação do)	Bonde havia deixado a estação	XII	234
Martinelli	Sapateiro onde Leiva mandou fazer suas botinas	VII	172
Mercado	Vista no caminho de Isaías ao sair da Câmara	III	140
Misericórdia	Para onde vai a Maria, da casa de cômodos	XI	221
Museu Nacional	Leporace é nomeado chefe das antiguidades	XIII	238
Pão de Açúcar	Comentários sobre os doutores indo lá	III	141
Paquetá	Onde iriam Loberant, Isaías e Lêda jantar	XIV	254
Parque Fluminense	Leiva o frequentava	VII	171
Pascoal	Barros estava lá	V	156

Passeio Público	Isaías passeia a noite por lá	VI	169
	Isaías e Leiva vão para lá passear	VII	176
Ponta do Caju	Loberant, Isaías e Lêda voltam de bote para lá	XIV	255
Portier	Florêncio foi lá ler	VII	177
Praça da República	Hotel onde Isaías vai ficar	II	130
Provisório	Figueira vê a paisagem e comenta o Rio antigo	IV; IV	145; 145
Realengo	Sobre as possíveis estações próximas de Santa Cruz	X	214
Recreio	Onde Isaías vai passear com o padeiro	II	132
Rio Comprido	Casa de cômodos onde vivia Isaías	XI; XI	219; 220
Rua Benjamin Constant	Caminho de Isaías e Leiva	VII	174
Rua da Alfandega	Onde tinha a hospedaria que Raul entrou	VII	173
Rua da Lapa	Caminho de Leiva e Isaías	VII	176
Rua de São Jorge	Sobre as notícias de lá	VIII	190
Rua do Ouvidor	Isaías vê de longe ao chegar	II	130
	Citação sobre sua elegância	III	137
	Caminho de Isaías ao sair da Câmara	III	140
	Isaías se encontrava com doutor Ivã	V	156
	Isaías caminha para lá	VI	166
	Isaías evitava passar por lá	VII	170
	Estava cheia por causa da notícia do crime de Santa Cruz	X	215
	Doutor Ricardo passava por lá	X	216
	Por onde acontecia o motim (da questão dos calçados)	XII; XII	234; 235
Rua do Rosário	Caminho de Isaías	VI	168
Rua dos Voluntários	Referência aos contos que saiam no jornal	X	216
Rua Malvino Reis	Casa de cômodos onde vivia Isaías	XI	219
Rua Primeiro de Março	Caminha encontra o repórter com quem briga	XIV	249
Santa Cruz	Um crime havia sido praticado lá	X; X; X; X; X; X; X; XIV	210; 210; 212; 214; 214; 217; 217; 251
	Muralhas da paisagem do gabinete do ministro	XIV	246
Santa Teresa	Vista da casa de cômodos de Rio Comprido	XI	220
São Francisco Xavier	Caxias nunca passara de São Francisco Xavier	X	214
São Marcos	Um crime havia sido praticado por lá	X	210
Saúde	Sobre a lei dos calçados obrigatórios nesses lugares	XII	232
	Onde vivia um tipógrafo	XII	236
Tijuca	Passeios de Isaías	VII	170
	Vista da casa de cômodos de Rio Comprido	XI	220
	Isaías iria com Lobertant lá, para jantar	XIV; XIV	253; 254
Vila Isabel	Casa do deputado Castro	IV	150
	Passeios de Isaías	VII	170
Vista Alegre	Sobre os telégrafos	X	212
Western	Isaías estava lá	IX	203
Zumbi	A barca passava por lá	XIV	254

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
Alemanha	Floc fala sobre a recepção do ministro da Alemanha	XIII	238
Amazônia	Referencia em um poema	X	208
América	Gregoróvitch havia viajado	V	154
Arcis-sus-Aube	Onde nascera Charles (nota de morte do jornal)	XIII	237
Argentina	Comparação com o Brasil	X	210
	Caminha lia seus jornais	XIV	250
	Gregorovitch ataca no jornal	XIV	252
Ásia	Gregoróvitch havia viajado	V	154
Auterlitz	Citação na notícia sobre Veiga Filho	VIII	192
Azambuja	Referencia ao Visconde de Azambuja	XII	231
Bahia	Plínio havia sido estudante lá	VII	178
	Carlos Oliveira era da Bahia	X	212
	Franco de Andrade era premiado na Faculdade da Bahia	X; X	217; 217
Bangu	Sobre o operariado de Bangu	VI	171
Barcas	Sobre o bonde de lá	V	156
Belém	Dos jornais que Rostóloff trabalhou	III	140
Belo Horizonte	Caxias havia estado lá	X	214
Blumenau	Dos jornais que Rostóloff trabalhou	III	140
Brasil	Sobre o Jornal do Brasil	III	140
	Sobre a polícia no Brasil	IV; IV	149; 149
	Gregórovitch fala sobre	V	155
	Sobre os direitos dos cidadãos	V	157
	Sobre a superioridade de Teixeira Mendes	VII	174
	Sobre os poderosos do Brasil	VIII	180
	Citação da vida política do charadista	VIII	189
	Sobre os literatos brasileiros	VIII	190

	Veiga tinha retratos nos quatro cantos do Brasil	VIII	191
	A notícia de Veiga Filho seria lido pelo Brasil	VIII	193
	Isaías achava que Loberant era o homem mais poderoso do Brasil	VIII	194
	Sobre uma notícia polêmica do jornal	IX	201
	Referência ao Jornal do Brasil	IX	201
	Sobre a fama de Rui Barbosa	X	210
	Sobre o pai de Dona Inês	XI	225
	Sobre os poetas brasileiros	XII	228
	Rolim achava-se como um vice-rei do Brasil	XII	231
	Para onde viera Charles (nota de morte do jornal)	XIII	237
	Sobre a abrangência das notícias do ministro	XIV	247
	Sobre as pessoas nascidas no Brasil – visão de Loberant	XIV	248
Buenos Aires	Comparação com o Rio	X; X; x	209; 210; 210
	O homem do crime de Santa Cruz vivia lá	X	219
Cairo	Rostóloff inicia seus estudos universitários aí	III; V; XI	141; 154; 224
Calcutá	Rostóloff para lá foi	III	141
Cantão	Rostóloff para lá foi	III	140
Caracas	Referência ao primeiro secretário de Caracas	XII	229
	Gregorovitch vai para lá	XIV	252
Caxambi	Sobre o Diário de Caxambi	VI	163
	Isaías Caminha era escrever da Coleteria Federal de Caxambi	Breve Notícia	115
	Assinatura da Breve Notícia	Breve Notícia	117
China	Rostóloff para lá foi	III	140
Esmirna	Sobre os vinhos	III	133
Espirito Santo	Localização de Caxambi	Breve Notícia	115
	Assinatura da Breve Notícia	Breve Notícia	117
Estado do Norte	Marques vai para lá a negócios	VII	179
Europa	Antonio Noronha Santos vai para lá e oferece-se para arranjar um editor para Isaías	Breve Notícia	115
	Sobre a fama do jornalista Raí	III	141
	Comentários sobre os doutores na Europa	III	141
	Histórias da mãe de Isaías	IV	146
	Gregoróvitch havia viajado	V	154
	Os calçados vinham de lá	VII	172
	Sobre as notícias europeias	X; X; X	213; 213; 214
	Para onde desejava ir o homem do crime de Santa Cruz	X	219
	Comparação com o Rio (e a lei dos calçados)	XII; XII	232; 232
Forte de São Joaquim	Oliveira fala de uma inundação	III; III	134; 134
França	Caminha lia seus jornais	XIV	250
Grécia	Florêncio rouba livro sobre aGrécia	VII	177
	Comparação com o Rio (e a lei dos calçados)	XII	232
Índia	Rostóloff para lá foi	III; III	140; 140
	Imaginação de Isaías na redação do jornal	VIII	182
	Citação em comparação com as formas de investigação no Brasil – ref. crime de Santa Cruz	X	217
Inglaterra	Para onde fora Charles (nota de morte do jornal)	XIII	237
	Sobre o secretário da Inglaterra	XIII; xiii	239; 239
Itália	Referência às cantoras italianas	XIII	243
Itaporanga	Onde o padeiro vivia	II; II; II; III; X	131; 131; 132; 135; 209
Japão	Rostóloff para lá foi	III	140
Lisboa	Livreiros A. M. Teixeira & Cia eram de lá	Breve Notícia	115
	Encomenda de um redator português para o jornal	IX; IX. IX	203; 203; 204
Londres	Comparação com o Rio (e a lei dos calçados)	XII; XII	232; 232
	Sobre o Savoi de Londres	XIII	237
Maranhão	Adelermo era do Maranhão	X	213
Mato-Grosso	Sobre a falta de elegância dos nascidos lá	III	137
Moulin-Rouge	Sobre a nova estreia	XIV	247
Nápoles	Comparação com o Rio (e a lei dos calçados)	XII	232
Niterói	Vista no caminho de Isaías ao sair da Câmara	III	140
Norte	Oliveira fala de uma inundação	III	134
	Adelarmo era do Norte	X	213
	Partia um pacote para o norte	XI	225
	Sobre o domínio batavo no Norte	XIII	240
Paraná	Sobre uma notícia no jornal	IX	199
Paris	Rostóloff para lá foi	III	140
	Floc havia estado lá	VIII	190
	Exemplo de algum homem que ia a Paris procurar esposa	X	207
	Comparação com o Rio (e a lei dos calçados)	XII; XII	232; 232
	Referência ao jornais (caso das telas encontradas em	XIII	240

	Pernambuco)		
Pernambuco	Referencia a um jornal de lá	XIII	240
Petrópolis	Sobre Pilar de Giralda, uma burguesa	X	215
Plaza de la Concepción	Referencia ao palácio, onde havia tido um baile	XIII	239
'Portugal	Antonio Noronha Santos vai para lá e oferece-se para arranjar um editor para Isaías	Breve Notícia	115
	Floc chega com um plaquete de Portugal	IX	198
	Encomenda de um redator português para o jornal	IX	203
	Caminha lia seus jornais	XIV	250
Purus	Oliveira fala de uma inundação	III; III	134; 134
Quios	Sobre os vinhos	III	133
Quito	Floc havia estado lá	VIII; VIII; XII; XIII; XIII	190; 190; 228; 238; 239
Raiz da Serra	Pai de Figueira tinha fazendo lá	IV	145
Rio da Capivaras	Reflexões de Oliveira sobre a geografia	III	134
România	De onde era Gregoróvitch		
Rua dos Pescadores	Sobre o Martins (Proximidades da casa de Isaías na roça)	I	124
Rússia	Citação na notícia sobre Veiga Filho	VIII	192
Santa Catarina	Sobre o discurso do deputado da Câmara	III	139
São Paulo	Dos jornais que Rostóloff trabalhou	III	140
	Deputado ia para lá estudar o café	IV	152
	Sobre Abílio Gonçalves, e seu pai, senador	XII	229
	Referencia de distância da ilha que estavam Loberant, Isaías e Lêda	XIV	254
Sedan	Sobre a batalha de Napoleão	VIII	191
Sófia	Rostóloff se forma na Universidade de Sófia	III; V; XI	141; 154; 224
Sul	Figueira havia ido ao Sul	IV	145
Sul (da Europa)	Comparação com o Rio (e a lei dos calçados)	XII	232
Teresópolis	Cenário de um conto escrito por Veiga Filho	XIII	241
Toulouse	Sobre a fama do jornalista Raí	III	141
Tróia	Referencia ao mundo grego	VIII	188
Varenes	Sobre a viscondessa de Varenes	X; XI; XIII	214; 225; 237
Waterloo	Sobre a batalha de Napoleão	VIII	191

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
HABITAÇÃO E CIDADE	Habitação		
	Casa de Castro		
	Não seriam ainda nove horas quando bati no número vinte e sete, uma casa apalacetada, afastada da rua, no centro do terreno, entrada do lado e varanda, jardim na frente e bojudas compoteiras no telhado. A casa erguia-se do solo sobre um porão de boa altura, com mezaninos gradeados e as janelas, de sacadas a olhar para os pequenos canteiros do jardim, a essa hora povoados de flores que desabrochavam, murchas por aquela manhã quente. Bati. Quem é — perguntou uma senhora do alto da escada, à soleira da porta de entrada.	IV	150
	Casa de Cômodos Isaías		
	Estava na casa de cômodos havia perto de quinze dias. Uma noite, acabara de chegar e despia-me, quando me bateram à porta. Abri: "Boa noite, falou-me um rapaz do lado de fora. O senhor podia permitir que eu acendesse a minha vela na sua? Cheguei sem fósforos e vendo que no seu quarto havia luz, vinha-lhe pedir esse favor".	VII	170
	Durante todo esse tempo, residi em uma casa de cômodos na altura do Rio Comprido. Era longe; mas escolhera-a por ser barato o aluguel. Ficava a casa numa eminência, a cavaleiro da Rua Malvino Reis e, atualmente, os dois andares do antigo palacete que ela fora estavam divididos em duas ou três dezenas de quartos, onde moravam mais de cinquenta pessoas. O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarellecidos, servia de coradouro. Da chácara toda, só ficaram as altas árvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem simpatia, sombra às lavadeiras, coqueiros e criados, como antes o fizeram aos ricos que ali tinham habitado. Guardavam o portão duas esguias palmeiras que marcavam o ritmo do canto de saudades que a velha casa suspirava; e era de ver, pelo estio, a resignação de uma velha e nodosa mangueira, furiosamente atacada pela variegada pequenada a disputar-lhe os grandes frutos, que alguns anos atrás bastavam de sobra para os antigos proprietários. Houve noites em que como que ouvi aquelas paredes falarem, recordando o fausto sossegado que tinham presenciado, os cuidados que tinham merecido e os quadros e retratos veneráveis que tinham	XI	219-220

	<p>suportado por tantos anos. Lembrar-se-iam certamente dos lindos dias de festa, dos casamentos, dos aniversários, dos batizados, em que pares bem-postos dançavam entre elas os lanceiros e uma veloz valsa à francesa.</p> <p>À noite, quando entravam aqueles cocheiros de grandes pés, aqueles carregadores suados, o soalho gemia, gemia particularmente, dolorosamente, dolorosamente, angustiadamente... Que saudades não havia nesses gemidos dos breves pés das meninas quebradiças que o tinham palmilhado tanto tempo!</p> <p>A casa pertencera talvez a um oficial de Marinha, um chefe de esquadra. Havia ainda no teto do salão principal um Netuno com todos os atributos. O salão estava dividido ao meio por um tabique; os cavalos-marinhos e uma parte da concha ficaram de um lado e o deus do outro, com um pedaço do tridente, cercado de tritões e nereidas.</p> <p>Num cômodo (em alguns) moravam as vezes famílias inteiras e eu tive ali ocasião de observar de que maneira forte a miséria prende solidamente os homens.</p> <p>De longe, parece que toda essa gente pobre, que vemos por aí, vive separada, afastada pelas nacionalidades ou pela cor; no palacete, todos se misturavam e se confundiam. Talvez não se amassem, mas viviam juntos, trocando presentes, protegendo-se, prestando-se mútuos serviços. Bastava, entretanto, que surgisse uma desinteligência para que os tratamentos desprezíveis estalassem de parte a parte.</p>		
	Casa de Veiga Filho		
	<p>Voltava eu nessa tarde da casa de Veiga Filho, onde tinha ido levar umas provas. Voltava admirado de que os seus amigos, toda vez que a ele se referiam, lembrassem a grande miséria em que vivia. Não o tinha visto assim. Morava numa casa apalaçada, numa rua do bairro das Laranjeiras, com altos e baixos, dois andares. Esperei as provas na sala de visitas, transformada em gabinete de trabalho, mobiliada com relativa opulência. Havia bronzes, divãs, mesas com incrustações de laca e charão, vasos de porcelana, estantes com guarnições de bronze... Onde estava a miséria? O Artur sempre se referia a ela e o Bilac, no seu "Registro", lastimava-a como indicando o atraso da nossa civilização</p>	XIII	242
	Casa de Rosalinda		
	<p>Penetrei com tristeza naquela casa famosa entre os rapazes ricos da cidade, pelas suas orgias e pelas mulheres que a habitavam. Ali moravam as cantoras de cafés-concertos, húngaras, espanholas, francesas, inglesas, turcas, cubanas; ali moravam também as Laís da cidade, as devoradoras de patrimônios e dos grandes desfalques. Subi a grande escada do palácio e tomei por um corredor. Dos quartos, vinha um ruído abafado do ranger de camas, um cício de beijos, mas o Pecado pairava nela com o seu silêncio constrangido no recato que simulava ter.</p> <p>Ao fundo do corredor, quase ao tomar uma pequena escada para o segundo andar, dei com uma velha prostituta em camisa, polaca pelo sotaque, de seios moles e quase sem pintura [...]</p>	XIII	245
	Casa de Isaías (da infância)		
	<p>Chegamos afinal a uma casa. Lembrei-me da minha casa paterna. Era o mesmo aspecto, baixa, caiada, uma parte de tijolos, outra de pau-pique; em redor, uma plantação de aipins e batata-doce. Deram-nos água, ofereceram-nos café e continuamos para o Galeão que estava próximo. Quando chegamos à praia, o dia tinha agonizado de todo. Fomos a uma venda, pedimos algumas latas de sardinha, pão e vinho. Fomos servidos em velhos pratos azuis com uns desenhos chineses e as facas tinham ainda aquele cabo de chifre de outros tempos. À vista deles, dos pratos velhos e daquelas facas, lembrei-me muito da minha casa, e da minha infância. Que tinha eu feito? Que emprego dera à minha inteligência e à minha atividade? Essas perguntas angustiavam-me.</p>	XIV	255
	Prédio do Jornal "O Globo"		
	<p>Era uma sala pequena, mais comprida que larga, com duas filas paralelas de minúsculas mesas, em que se sentavam os redatores e repórteres, escrevendo em mangas de camisa. Pairava no ar um forte cheiro de tabaco; os bicos de gás queimavam baixo e eram muitos.</p> <p>O espaço era diminuto, acanhado, e bastava que um redator arrastasse um pouco a cadeira para esbarrar na mesa de trás, do vizinho. Um tabique separava o gabinete do diretor, onde trabalhavam o secretário e o redator-chefe; era também de superfície diminuta, mas duas janelas para a rua davam-lhe ar, desafogavam-no muito.</p>	VIII	179/180
	Cidade		
	<p>Então, durante horas, através das minhas ocupações quotidianas, punha-me a medir as dificuldades, a considerar que o Rio era uma cidade grande, cheia de riqueza, abarrotada de egoísmo, onde eu não tinha conhecimentos, relações, protetores que me pudessem valer...</p>	I	122

	Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em fente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem beleza alguma.	II	130
	Pelo almoço, a uma pergunta minha, o copeiro avisou-me que o padeiro tinha ido aos subúrbios e não voltaria senão à tarde. Almocei vagarosamente e tranquilo. O dia estava fresco e azul. Pela janela avistava os grandes relvados do jardim, muito verdes e macios, de uma maciez de tapete e de um verde que afagava o olhar. Soavam onze horas quando sai do hotel e vim vindo a pé até às ruas centrais da cidade. Era cedo; não fui logo à Câmara. Fiquei vagueando pelas ruas à espera da hora conveniente. Cansado de andar pelo centro, aventurei-me tomar um daqueles bondes pequenos; chegando ao termo, bebi um refresco num botequim sórdido das proximidades e tomei outro bonde que, me informaram, levava à Câmara [...]	III	135
	Atravessei o Largo do Paço. A fachada do velho Convento do Carmo apresentava uma grande calma; os anos já lhe tinham dado a suficiente resignação para suportar o sol terrível dos trópicos; o cavalo da estátua, porém, parecia ter um movimento de impaciência para lhe fugir aos ardores implacáveis. O ar fizera-se rarefeito e percebia-se a poeira que flutuava na sua massa. As montanhas de Niterói recortavam-se nitidamente sobre o céu azul e fino, que começava a ser manchado, lá no fundo da baía, por cima do casario da Alfândega e do Mercado, por grandes pastas de nuvens brancas. Ainda pouco familiarizado com o trânsito pesado da rua, atravessei a Rua Direita cheio de susto, cercando-me de mil cautelas, olhando para aqui e para ali, admirado que aquela porção de gente trabalhasse sob sol tão ardente, sem examinar que valor tinham as suas Câmaras e o seu Governo. E a facilidade com que os aceitava, pareceu-me sentimento mais profundo, mais espontâneo, mais natural que a minha ponta de crítica que já começava a duvidar deles. Aventurei-me pela Rua do Ouvidor já preso a outros pensamentos. Agora, tinha rápidas recordações de minha casa. Por momentos, em face daquelas damas a arrastar toilettes de baile pela poeira da rua, lembrei-me dos tristes vestidos de minha mãe, da sua cassa eterna, da sua chita e do seu morim...	III	140
	— Como isto está mudado! Conheci isto quando ainda era um brejo, um depósito de cisco... Havia barrancos, covas, capinzais... As lavadeiras faziam disto coradouro... Acolá (apontou) estava o teatro, o Provisório... Oh! o Provisório... Eu me lembro que... (eu era muito rapaz, muito...) vim com meu pai assistir à "Sonâmbula"... Nunca vi uma sala tão bonita... A Stoltz cantava... Nunca ouviu falar nela? — Não senhor! E perguntei logo: O senhor é do Rio? — Não, mas vinha quase sempre aqui. Meu pai tinha fazenda na Raiz da Serra. Hoje, aquilo não vale nada, mas no tempo dele a estrada a não tinha matado e era lugar rico... Conheço muito o Rio... Quando fui para o Sul em 65, passei por aqui... O Imperador veio ver o desfile do batalhão... Eu ia triste, pensava em morrer... Não morri, voltei, estou aqui... Está tudo mudado: Abolição, República... Como isso mudou! Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; botam abaixo, derrubam casas, levantam outras, tapam umas ruas, abrem outras... Estão doidos!!!	IV	145
	Eu não conhecia bem os bairros da cidade. Não lhes sabia a importância, o valor, nem as suas vias de comunicações com o centro, donde não me tinha afastado até ali, senão para fazer um passeio de pragmática a Botafogo, de que não gostei. [...] As ruas estavam animadas, havia um grande trânsito de veículos, criadas com cestos, quitandeiros, vendedores de peixe. Aqui e ali, com os cestos arriados, à porta de uma ou outra casa, discutiam a venda das suas mercadorias com as donas das casas ainda quase em traje de dormir. Pelas esquinas, as vendas estavam cheias.	IV	150
	O ambiente não era de luz nem de treva — era uma penumbra algodoada e nevoenta com que começam certas manhãs no Rio de Janeiro. Os raros transeuntes moviam-se esbatidos naquela ambiência indecisa. Andei. Ao chegar à Rua do Ouvidor, a rua dos lentos passeios elegantes, havia uma agitação de mercado. Cestos de verduras, de peixes, de carnes, passavam à cabeça de mulheres e homens; os quitandeiros ambulantes corriam por ela acima; pequenas carroças de hotéis caros davam-se ao luxo de atravessá-la em toda a extensão; e pelas soleiras das portas imensas moles de jornais diários eram subdivididos pelos vendedores de todos os pontos da	VI	166

	<p>cidade. As polêmicas malcriadas de uns contra os outros sobrepunham-se, abraçavam-se fraternalmente ao impulso do italiano indiferente: Gazeta! País! Jornal do Comércio!</p> <p>Os cafés já estavam abertos e ainda iluminados. Comprei um jornal e entrei num deles. Por essa hora, têm uma freguesia apressada e especial. Noctívagos, vagabundos, operários, jogadores, empregados em jornais — gente um tanto heterogênea que lá vai e se serve rapidamente.</p>		
	<p>Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu próprio raciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao interior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.</p>	VI	167
	<p>Saía, mas evitava a Rua do Ouvidor e o Laje da Silva, que passara a tratar-me de outro modo. Dei em passear de bonde, saltando de um para outro, aventurando-me por travessas afastadas, para buscar o veiculo em outros bairros. Da Tijuca ia ao Andaraí e daí à Vila Isabel; e assim, passando de um bairro para outro, procurando travessas despovoadas e sem calçamento, conheci a cidade — tal qual os bondes a fizeram alternativamente povoada e despovoada, com grandes hiatos entre ruas de população condensada, e toda ela, agitada, dividida, convulsionada pelas colinas e contrafortes da montanha em cujas vertentes crescera. Jantava, uns dias; em outros, almoçava unicamente; e houve muitos que nem uma coisa ou outra fiz. Descobri a Biblioteca Nacional, para onde muitas vezes fui, cheio de fome, ler Maupassant e Daudet.</p>	VII	170
	<p>Olhei um instante a seda azul do mar levemente enrugada e sorvi um pouco da viração que soprava da barra; depois perdemos-la de vista e a viração deixou de açoitar-nos com força e fomos descendo a Rua da Lapa, transitada, ladeada de sobrados, donde pendiam mulheres públicas em peignoir, como descoradas orquídeas de milionário europeu, cujo brilho natural o ambiente de estufa lhes tirou ou não soube dar. [...]</p>	VII	176
	<p>Nascera a questão dos sapatos obrigatórios de um projeto do Conselho Municipal, que foi aprovado e sancionado, determinando que todos os transeuntes da cidade, todos que saíssem à rua seriam obrigados a vir calçados. Nós passávamos então por uma dessas crises de elegância, que, de quando em quando, nos visita. Estávamos fatigados da nossa mediania, do nosso relaxamento; a visão de Buenos Aires, muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualá-la. Havia nisso uma grande questão de amor-próprio nacional e um estulto desejo de não permitir que os estrangeiros, ao voltarem, enchessem de críticas a nossa cidade e a nossa civilização. Nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente. Era como se um literato tivesse inveja dos carros e dos cavalos de um banqueiro. Era o argumento apresentado logo contra os adversários das leis voluptuárias que aparecem pelo tempo: “A Argentina não nos devia vencer; o Rio de Janeiro não podia continuar a ser uma estação de carvão, enquanto Buenos Aires era uma verdadeira capital européia. Como é que não tínhamos largas avenidas, passeios de carruagens, hotéis de casaca, clubes de jogo?”</p> <p>Laje da Silva, farejando o que continha de negociatas nos melhoramentos em projetos, propugava-os com ardor. Nas suas conversas na redação constantemente dizia:</p> <p>— Que são dez ou vinte mil contos que o Estado gaste! Em menos de cinco anos, só com as visitas dos estrangeiros, esse capital é recuperado... Há cidade no mundo com tantas belezas naturais como esta? Qual!</p> <p>Aires d'Ávila chegou mesmo a escrever um artigo, mostrando a necessidade de ruas largas para diminuir a prostituição e o crime e desenvolver a inteligência nacional.</p> <p>E os da frente, os cinco mil de cima, esforçavam-se por obter as medidas legislativas favoráveis à transformação da cidade e ao enriquecimento dos patrimônios respectivos com indenizações fabulosas e especulações sobre terrenos. Os Hausmanns pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas squares, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais de moda da Inglaterra. Foi esse estado de espírito que ditou o famoso projeto dos sapatos.</p>	X	209-210
	<p>Isaías Caminha</p> <p>A tristeza, a compreensão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de modo curioso: deram-me anseios de inteligência.</p> <p>[...]</p> <p>Ouvia uma tentadora sibila falar-me, a toda a hora e a todo o</p>	I	121-122

P E R S O N A G E N S	instante, na minha glória futura. Agia desordenadamente e sentia a incoerência dos meus atos, mas esperava que o preenchimento final do meu destino me explicasse cabalmente. Veio-me a pose, a necessidade de ser diferente. Relaxei-me no vestuário e era preciso que minha mãe me repreendesse para que eu fosse mais zeloso. Fugia aos brinquedos, evitava os grandes grupos, punha-me só com um ou dois, à parte, no recreio do colégio; lá vinha um dia, porém, que brincava doidamente, apaixonadamente. Causava com isso espanto aos camaradas: Oh! O Isaías brincando! Vai chover... [...] Quando acabei o curso do liceu, tinha uma boa reputação de estudante, quatro aprovações plenas, uma distinção e muitas sabatinas ótimas.		
	Os meus dezenove anos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os ombros largos e os membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que a sua condição, a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azeitonada.	II	129
	Oliveira O próprio Oliveira, tão parvo e tão besta tinha alguma coisa dele, do seu fingimento de superioridade, dos seus gestos fabricados, da sua procura de frases de efeito, de seu galope para o espanto e para a surpresa. Era já o genial, com quem viria travar conhecimento mais tarde, que me assombrava com o seu maquinismo de pose e me colhia nos alcapões de apanhar os simples.	III	134
	Loberant Era o doutor Ricardo Loberant, um homem muito alto e muito magro, anguloso, com um grande bigode de grandes guias, louro, de um louro sujo, tirando para o castanho, e um olhar erradio, cheio de desconfiança. Era um homem temido, temido pelos fortes, pela gente mais poderosa do Brasil, ministros, senadores, capitalistas; mas em quem, com espanto, notei uma falta de firmeza, de certa segurança de gestos e olhar, própria dos vencedores. Fora uma irrupção. Ninguém o sabia jornalista, mesmo durante o seu curso mal-amanhado não sacrificara às letras: fora sempre tido como viveur, gostando de gastar e freqüentar a sociedade das grandes cocottes. Um belo dia, o público da cidade ouviu os italianos gritarem: O Globo! O Globo! Os curiosos compraram-no e com indiferença leram ao alto o nome do diretor: Ricardo Loberant. Quem é? Ninguém sabia. Mas o jornal atraía, tinha um desempenho de linguagem, um grande atrevimento, uma crítica corajosa às coisas governamentais, que, não se sabendo justa, era acerba e parecia severa.	VIII	180-181
	Gregorvitch (visão de Isaías) Só, subindo a rua movimentada, pus-me a interrogar-me sobre o tal Gregoróvitch. De que nacionalidade era? Que espécie de moralidade seria a sua? Com aquele título burlesco de doutor em Línguas Orientais e Exegese Bíblica, quem poderia ser ao certo? Um bandido? Um aventureiro simplesmente? Ou um homem honesto, de sensibilidade pronta a fatigar-se logo com o espetáculo diário e que por isso corria o mundo? Quem seria? E jornalista! Jornalista em dez línguas desencontradas! Mas era simpático o diabo, de fisionomia inteligente...	III	141-142
	Gregoróvitch era a artilharia. Com o seu estilo desconjuntado e a sua violência injuriosa, abria brecha nas linhas adversárias e dizimava-as de longe. Estrangeiro, nada sabendo da nossa história, nem pelo estudo nem a sentindo pelo sangue, a sua crítica e o seu ataque tinham uma violência desmedida. Não poupava, não desculpava, não sentia até que ponto o homem era culpado, até que ponto a marcha das coisas fazia o homem culpado. Ligeiramente enfronhado nas causas da política do momento, ele só via diante de si um aspecto do fato, não sentia inconscientemente os outros que se ligavam com o passado que ele não conhecia, nem os outros que o futuro pressentido condicionava. Um brasileiro, educado e criado no meio das tradições, dos usos, dos hábitos, das qualidades, dos defeitos do seu meio, não teria a violência de sua linguagem, a sua força de crítica, a brutalidade de seu ataque.	VIII	186-187
	Floc e Lobo Esperava-se o doutor Loberant, mas entrou o fino, o elegante, o diplomático, o macio Frederico Lourenço do Couto, com a sua linda barba perfumada e o seu grande queixo erguido e atirado para adiante como um ariete de couraçado. Vinha todo perfumado, de olhar lustroso, desprendendo essências, com o peitinho da camisa a brilhar imaculadamente e um grande botão de coral ao centro, rodeado de	VIII	186

	brilhantes. Trazia o sobretudo debaixo do braço e entrou pisando forte, dando amáveis boas-noites. Vim a conhecê-lo melhor e a minha antipatia não diminuiu; entretanto, hoje, ao recordar-me com que sombria energia ele pôs fim ao meu desespero, ao ver diante de meus olhos a imagem do seu cadáver com aquela fraca cabecinha estourada por uma bala, tenho uma grande e imensa pena e lastimo que a minha total ignorância das coisas da Igreja não me permita rezar uma oração em favor de sua alma. Era o Floc, pseudônimo com que assinava os seus artigos, os artigos de três tiras, ligeiros e originais, em que, na máxima parte, ele contava uma linda anedota literária donde concluía as suas substanciosas opiniões. Na redação, era conhecido e respeitado como entendido em literatura e coisas internacionais. Ele e o Lobo, o consultor gramatical, eram os dois mais altos ápices da intelectualidade do O Globo. Eram os intelectuais, os desinteressados, ficavam fora da ação ordinária daquele exército. Nunca se metiam nas polêmicas, não procuravam escândalos, não escreviam alusões. Eram os estandartes; as águias...		
R E N D A S	É bem fácil de imaginar com que sorte de cogitações eu ia passando esses dias. O meu dinheiro dentro em breve, pago o hotel, ficaria reduzido a alguns mil-réis insignificantes. Não conhecia ninguém, não tinha a mínima relação que me pudesse socorrer, dar-me qualquer coisa, casa ao menos, até que me arranjasse. [...] Os meus únicos amigos eram aquelas notas sujas encardidas; eram elas o meu único apoio; eram elas que me evitavam as humilhações, os sofrimentos, os insultos de toda a sorte; e quando eu trocava uma delas, quando as dava ao condutor do bonde, ao homem do café, era como se perdesse um amigo, era como se me separasse de uma pessoa bem amada... Eu nunca compreendi tanto a avareza como naqueles dias que dei alma ao dinheiro, e o senti tão forte para os elementos da nossa felicidade externa ou interna...	IV	143
	— Mas doutor eu não queria grande coisa... Cem mil-réis por mês me bastava... Todos por aí arranjam e eu...	IV	152
	Ganhava noventa mil-réis no Centro dos Varredores, gastava vinte e cinco no quarto e o que sobrava era mais para as coisas de toilette do que para a sua alimentação. Frequentava os lugares elegantes, ou todos como tal, e uma noite levou-me ao Parque Fluminense [...]	VII	171
	Custou-me muito curvar-me a tão vil necessidade; com o tempo, porém, conformei-me, e de tal modo me habituei que, mais tarde, quando a minha situação mudou, foi-me preciso grande esforço, para me habituar a comprar roupa em primeira mão. Achava-a cara, e o dinheiro gasto nela, despendido inutilmente, como se o gastasse em orgias e bebedeiras. Os meus vencimentos eram aumentados pelas gorjetas. Havia-as de duzentos réis, mas, em geral, eram de quinhentos réis para cima. A gente dos jornais é pródiga como jogadores e gosta de aparentar desprezo pelo dinheiro e generosidade. Uma vez, recordo-me bem, um repórter, entrando alta noite na redação, com o olhar brilhante e o passo um tanto trôpego, disse-me cheio de efusão: — Caminha, tens dinheiro? — Tenho, sim senhor, dois mil-réis... O senhor... Ele não entendeu bem a minha resposta e continuou com a voz pastosa: — Sabes donde venho? Do Aplomb Club. Ganhei oitocentos mil-réis no baccarat... Arre! Que desta vez levei a melhor ao Laje... Sabes quem bancava? O Demóstenes, o doutor Demóstenes Brandão, pretor, primo de um ministro. O repórter falava bamboleando a cabeça e agitando os braços molemente. Esteve alguns instantes calado, a revirar os olhos, e depois puxou da algibeira uma nota de vinte mil-réis e disse-me: — Toma! Vai procurar um bom fim de noite... Eu tinha cem mil-réis por mês. Vivia satisfeito e as minhas ambições pareciam assentes.	IX	193
R E L I G I A O	E ela tinha razão. Sempre foi do meu temperamento fugir daquilo que a Bíblia denomina tão rigorosamente para os nossos ouvidos modernos, pois não podia compreender que homens de gosto, de coração e inteligência, vivessem escravizados ao que S. Paulo, na I Epístola aos Coríntios, classificou tão duramente, para aconselhar o casamento. Além de desejar que existisse entre mim e a mulher alguma coisa de mais delicado, de mais espiritual, uma comunhão que não se tem com a primeira vinda, tinha em mim não sei que pensamento evangélico a proibir-me de proceder como todos, pois, fazendo-o, concorria para manter uma desgraça e fazer desgraçadas.	XIII	245
T	A viagem de trem correu enfadonha. Não sei se devido a falta de	II	128

R A N S P O R T E S	comodidade do banco, não sei se às grandes emoções por que passara, [...] Encostado ao espaldar do banco, viajava meio acordado, meio dormindo; de quando em quando, um solavanco do carro abria-me violentamente os olhos e obrigava-me a considerar mais detidamente a paisagem que fugia pela portinhola do vagão.		
	Saía, mas evitava a Rua do Ouvidor e o Laje da Silva, que passara a tratar-me de outro modo. Dei em passear de bonde, saltando de um para outro, aventurando-me por travessas afastadas, para buscar o veículo em outros bairros. Da Tijuca ia ao Andaraí e daí à Vila Isabel; e assim, passando de um bairro para outro, procurando travessas despovoadas e sem calçamento, conheci a cidade — tal qual os bondes a fizeram alternativamente povoada e despovoada, com grandes hiatos entre ruas de população condensada, e toda ela, agitada, dividida, convulsionada pelas colinas e contrafortes da montanha em cujas vertentes crescera.	VII	170
	Olhei aquelas encostas cobertas de árvores, de florestas que quase desciam por elas abaixo até às ruas da cidade cortadas de bondes elétricos.	XI	220
	Chegavam em carros, coupés e espalhavam-se pelo jardim, disputando as sombras das árvores em grupos de homens e senhoras. O pessoal masculino era soberbo: a nata — Senado, Câmara, altos tribunais, grandes patentes do Exército e da Marinha — cartolas reluzentes e negras sobrecasacas a enquadrar os dourados dos uniformes. Tudo vergado ao sol indiferente e forte.	XI	225
	Antes de embarcar, Floc foi até ao trem e ela despediu-se dele, estendendo a mão pela portinhola do coupé, com metade do rosto a aparecer, sorrindo, muito graciosa, muito lenta, numa atitude de fidalga do século XVIII. E o negro cortejo desfilou pela rua como um triunfo sui generis para a vitória do diretor. Na frente, ia o coche fúnebre, sarapintado de dourados, crivado de grinaldas com flores roxas e brancas de pano e as fitas votivas cheias de inscrições a esvoaçar lentamente como se fossem todos os adeuses que o morto quisesse dar naquele momento, às coisas e às pessoas. Seguiam-se-lhe as caleças, as vitórias e coupés, transportando a alta administração, civil e militar, as finanças, as letras e a revolução profissional, em tocante homenagem ao grande homem que era o cozinheiro do doutor Ricardo Loberant, diretor-proprietário d'O Globo.	XIII	238
C O S T U M E S	Educação		
	A minha situação no Rio estava garantida. Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria às aulas, e todo o fim de ano, durante seis, faria os exames, ao fim dos quais seria doutor! [...] Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos... Era um pallium, era alguma coisa como clâmide sagrada, tecida com um fio tênue e quase imponderável, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. De posse dela, as gotas da chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisível distribuidor dos raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoráveis, com o comum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-intanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobre-humano!...	I	126
	Depois de acobardado, tornei-me superior e enervado e não tentei mais mudar de situação, julgando que não havia no Rio de Janeiro lugar mais digno para o genial aluno de Dona Ester que o de continuo numa redação sagrada. Não estudei mais, não mais abri livro. Só a leitura d'O Globo me agradava, me dava prazer. Comecei a admirar as sentenças literárias do Floc, as pilhérias do Losque, a decorar a gramática homeopática do Lobo e a não suportar uma leitura mais difícil, mais densa de idéias, mais logicamente arquitetada, mesmo quando vinha em jornal.	IX	194-195
	Vivia, então, satisfeito, gozando a temperatura, com almoço e jantar, ignobilmente esquecido do que sonhara e desejara. Houve mesmo um dia em que quis avaliar ainda o que sabia. Tentei repetir a lista dos Césares — não sabia; quis resolver um problema de regra de três composta, não sabia; tentei escrever a fórmula da área da esfera, não sabia. E notei essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me daquilo tudo como impressões de uma festa a que fora e a que não devia voltar mais. Nada me afastava da delícia de almoçar e jantar por sessenta mil-réis mensais.	XII	233
	Lazer, passeio e costumes		
	— Doutor, pode haver ladroeira na loteria?	IV	148-149

	<p>Pensei um instante, mas sem encontrar base para uma resposta segura, respondi dubitativamente:</p> <p>— Pode ser.</p> <p>E logo o velho coronel, com a sua voz nasal e cheia, em que havia no momento uma grande satisfação:</p> <p>— Eu não dizia?... É, sim... Como não pode?</p> <p>— Mas por quê, coronel?</p> <p>Então explicou-me que discutia isso com Laje e como ele me soubesse um rapaz preparado, apelara para mim.</p> <p>— Mas como pode haver ladroeira... É impossível... As rodas são examinadas, suspensas do solo... Se houvesse qualquer fio, dava-se logo com ele — não acha?</p> <p>— Mas então, “seu” Laje, como explica que o “gato” possa ficar “preso” três meses?</p> <p>— E a sorte, objetou Laje.</p> <p>— Qual sorte, fez o coronel furioso. É bandalheira; é eletricidade ... Ninguém me tira disso. Olhe: há vinte dias sigo a “borboleta”... Dava sempre, agora não dá mais... Vejo os jornais, a Joaninha, a Chapinha, compro o Palpite, a Mascote, a Ronda — todos dão a “borboleta”. Jogo... “borboleta” não dá. Faça o favor, doutor, veja aqui o Jornal do Brasil.</p> <p>Desdobrou com cuidado a folha popular e apresentou-me o lugar em posição conveniente.</p> <p>Eu não cogitava que aquele assunto pudesse apaixonar tão intensamente o velho coronel que me parecia ser um homem rico; mesmo não entendia daquilo, mas embora admirado e fora da matéria, prestei-me graciosamente:</p> <p>— Procure, disse ele, à esquerda o número 154... Viu?</p> <p>— Sim senhor.</p> <p>— Junte o “peru”... Não é “peru” que está pintado?</p> <p>— É... Mas como?</p> <p>— Junte o “peru”.</p> <p>— Como?</p> <p>— Ora, some o “peru”, grupo 20.</p> <p>— Ahn! 174.</p> <p>— Inverta.</p> <p>— 471.</p> <p>— Qual! nada! 714, borboleta — não é? E sem esperar a resposta continuou: Está aí, o Jornal dá, a Gazeta dá também e o bicho não sai há vinte dias... O doutor não joga?</p> <p>— Não senhor.</p> <p>— Por quê?</p> <p>— Não gosto; depois, é proibido.</p> <p>— Proibido! A polícia! exclamou Laje.</p> <p>— Não é isso, fiz eu vexado daquela minha confissão. Temo perder dinheiro.</p> <p>— Ah, bom! Diga isso! Pela polícia, não; ela vive com os bicheiros... não serve pra nada, fique certo.</p>		
	<p>Tinha-me recolhido cedo, depois de ter ido ao clube buscar provas ao Aires d'Ávila. Era hábito seu ir pelas cinco horas ao clube arriscar, na roleta, alguma coisa antes de jantar e quando pretendia demorar-se levava as provas, indo eu ou o outro continuo buscá-las já revistas. Em certas ocasiões, quando pelo correr do dia, não tinha tempo de escrever, era tão forte o seu hábito que, dada a hora, corria ao clube e voltava de lá às dez ou onze horas para escrever o artigo.</p>	XII	234
	<p>Queria-me um homem do mundo, sabendo jogar, vestir-se, beber, falar às mulheres; mas as sombras e as nuvens começavam a invadir-me a alma, apesar daquela vida brilhante. Eu sentia bem o falso da minha posição, a minha exceção naquele mundo; sentia também que não me parecia com nenhum outro, que não era capaz de me soldar a nenhum e que, desajeitado para me adaptar, era incapaz de tomar posição, importância e nome. Sofria com essa “consideração” especial que tanto irritava o poeta cubano Plácido. Continuava, porém, a ir com ele aos teatros, às pândegas. Saíamos com raparigas, jantávamos nos arrabaldes pitorescos. Eu ia contente mas o meu contentamento durava pouco. Não sei o que sentia de ignóbil em mim mesmo e naquilo tudo, que no fim estava sombrio, calado e cheio de remorsos. Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e grandeza... Sentia bem a desproporção entre o meu destino e os meus primeiros desejos; mas ia.</p>	XIV	253
E	Acabado o chá, eu ainda ouvia “história” da tia Benedita, uma preta	IV	147

S C R A V I D Ã O	velha, antiga escrava do meu reverendo pai.		
	<i>Várias referências sobre preconceito racial mas, devido a temporalidade do enredo (pós-abolição), não há recorrência de passagens sobre escravidão em si. As referências sobre preconceito fazem jus a um trabalho a parte, portanto, não figuram aqui pela sua imensidão.</i>		
P O L Í T I C A	O deputado sentou-se; a desordem aumentou. Encostado à primeira bancada, um rapaz lia um folheto, ao longo da mesa presidencial, na frente, atrás, dos lados, havia um vaivém continuado. Num momento dado, por entre aquela mó de gente, surgiu toda de branco a híbrida figura de Raul Gusmão, com a sua fisionomia de porco Yorkshire e o seu corpo alentado de elefante indiano, tendo sempre nos lábios aquele sorriso afetado, um horroroso rictus, decerto o jeito de sorrir do Pithecanthropus erectus. [...] Durante cinco minutos, a Câmara ouviu-o atenciosamente; dentro em breve, porém, o zunzum recomeçou. Não havia o ruído do começo, mas a desatenção era geral. Para a mesa da presidência enxameava uma multidão; o presidente já não era o mesmo; era um moço louro e magro.	III	139
	Eram todos honestos, orgulhosos, independentes e isso não leva ninguém à riqueza e à abastança. Leiva era quem mais exagerava nos traços do caráter comum e se encarregava de pintar os sofrimentos da massa humana. Era um grupo de protestantes, detestando a política, dando-se ares de trabalhar para obra maior, a quem as periódicas “revoluções” não serviam. Um ou outro acontecimento vinha-lhes dar a ilusão de que eram guias da opinião. Leiva gabava-se de ter feito duas greves e de ter modificado as opiniões do operariado do Bangu com as suas conferências aplaudidas. Os outros, sem a sua enfiatura, os seus rompantes de atrevimento e a sua ambição oculta, mais sinceros talvez por isso, limitavam-se a falar e a manifestar as suas terríveis opiniões em publicações pouco lidas.	VII	171
	No meio daquele fervilhar de ambições pequeninas, de intrigas, de hipocrisia, de ignorância e filáucia, todas as coisas majestosas, todas as grandes coisas que eu amara, vinham ficando diminuídas e desmoralizadas. Além do mecanismo jornalístico que tão de perto eu via funcionar, a política, as letras, as artes, o saber — tudo o que tinha suposto até aí grande e elevado, ficava apoucado e achincalhado.	XIII	241

Triste Fim de Policarpo Quaresma

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Aquidaban (fortaleza)	Sobre os bombardeios na Revolta	3II	376
Arsenal da Guerra	Onde Policarpo era subsecretário	I	261
Arsenal da Marinha	Caldas vai para aí	2V	354
Asilo dos Inválidos	Inocência Bustamante pedia inclusão lá	III	286
Benfica	Onde morava tia Maria Rita	I	272
Botafogo	Comparação com a população dos subúrbios	I	266
	Ricardo queria que sua fama chegasse no Botafogo	I; 2V	267; 359
	Policarpo vai visitar o compadre (Casa de Coleoni)	3I	366
	Estava bonito, próximo ao hospício	V	301
Café do Rio	Quaresma passeia e vê uma multidão	3I	369
	Passeio de Armando	3III	385
	Levitas se reuniam	3III	388
Cais Pharoux (fortaleza de)	Sobre os bombardeios na Revolta	3II; 3II	374; 376
Campo de Sant'Anna	Por onde caminhavam Quaresma e Albernaz	3III	381
	Por onde passam e conversam Bustamante e Policarpo	3I	366
	Ricardo espera Olga lá enquanto ela vai no Itamarati	3V	411
Casa de Correção	Coleoni tinha medo de ser mandado para lá	3III	385
Cidade Nova	Quartel provisório ficava por lá	3I; 3III	370; 387
Colégio Militar	Albernaz queria que seu filho fosse para lá	II	272
Escola da Praia Vermelha	Onde o diretor do Arsenal da Guerra havia estudado	IV	299
Escola Militar	Havia um cadete falando com Floriano	3I; 3I	361; 361
Estação da estrada de ferro Rio Douro	Situava-se na Quinta da Ponta do caju	3II	373
Fortaleza de Santa Cruz	Citação sobre o governo de Floriano	3I	363
	Sobre os bombardeios na Revolta	3II; 3II	374; 376

Gamboa	Vista da casa em que estava o destacamento (à direita)	3II	373
Hospital de Santa Bárbara	Armando havia sido nomeado médico	3III	385
Hospital Sírio	Armando, marido de Olga, era médico lá	2V	355
Ilha das Cobras	Tenente Fontes a observava	3II	374
	Sobre a Revolta	3II; 3IV; 3V	379; 402; 403
Ilha das Enxadas	Quaresma e seu batalhão vão para lá (um dos postos)	3IV; 3IV; 3V	401; 401; 403
Ilha do Governador	Vista da casa em que estava o destacamento (à esquerda)	3II	373
	Foi tomada na Revolta	3III; 3III	383; 383
Ilha dos Ferreiros	Vista da casa em que estava o destacamento (em frente)	3II	373
Imprensa Nacional	Genelício publica um livro por lá	2II	324
Instituto dos Cegos	Descrição da paisagem na saída do hospício	V	304
Instituto Histórico	Policarpo lia as revistas de lá	I	271
Itamarati (Palácio do)	Policarpo sai de lá depois de falar com Floriano	3I	365
	Passeio de Armando	3III	385
	Referência ao local de concentração de ordens e poder	3III; 3III; 3IV; 3IV; 3IV; 3IV; 3V; 3V	387; 387; 402; 402; 402; 402; 404; 410
Largo da Carioca	Olga e seu pai descem do bonde	V	305
	Policarpo vai para lá quando sai do bonde	3I	368
Largo de São Francisco	Olga e seu pai tomam o bonde para irem à casa de Quaresma	V	305
	Trajetos do bonde	3I	368
	Ricardo vai para lá (para pegar o bonde)	3V	406
Largo do Moura	Sobre o arquivo organizado por Albernaz	2V	355
Largo do Paço	Caminho de Quaresma quando encontra o quitandeiro	II	278
Leopoldina	A casa de tia Maria Rita ficava para além da estação da estrada de ferro Leopoldina	II	273
Lírico	Coleoni tinha que levar a filha lá	IV	295
Matadouro de Santa Cruz	Referência na charge de Policarpo que saiu nos jornais	IV	292
Méier	Ricardo Coração dos Outros frequentava as melhores famílias do Méier	I	266
Pagadoria da Guerra	Quaresma encontra Albernaz	3III	381
Palacete de Real Grandeza	Onde morava Coleoni	IV	294
Pão de Açúcar	Descrição da paisagem na saída do hospício	V	304
Parque	Amiga de Ismênia a aconselha a comprar o enxoval lá	III	283
Passeio Público	O terraço ficava cheio quando havia bombardeiro durante a revolta	3II	376
Pedregulho	Caminho do bonde até Benfica	II	272
Piedade	Ricardo Coração dos Outros frequentava as melhores famílias da Piedade	I	266
	Vista da janela da casa de Ricardo Coração dos Outros	2II; 2V	320; 359
Portão da Cancela (da Quinta Imperial)	Albernaz e Caldas caminharam por aí	2V	351
Praça da República	O trem passa por aí	2V	354
Praia da Saudade	Onde ficava o hospício	V; V; 2I	300; 300; 310
Quartel-General	Albernaz e Bustamante entram aí	2V	354
Quinta da Ponta do Caju	Localização da casa onde estava o posto em que Quaresma ficava (na Revolta)	3II; 3II; 3II; 3III; 3III; 3III	373; 376; 379; 381; 384; 387
Quinta Imperial	Albernaz e Caldas caminhavam por lá	2V	350
Real Grandeza	Casa do Coleoni	3V	408
Retiro Saudoso	Vista da casa em que estava o destacamento (à esquerda)	3II	373
Riachuelo	Ricardo Coração dos Outros frequentava as melhores famílias de Riachuelo	I	266
Rua da Assembleia	Quaresma passeia para matar as saudades	3I	369
Rua da Constituição	Amiga de Ismênia fala sobre o dormitório de casal que lá viu	III	284
	Trajetos do bonde	3I	366
Rua da Constituição			
Rua dos Ourives	Quaresma passeia para matar as saudades	3I	369
Rua do Ouvidor	Na rua do Ouvidor, os suburbanos perdem seu brilho	I	267
	Ricardo desceu do bonde nesta rua	IV	299
	Quaresma passeia para matar as saudades	3I; 3I	369; 369
Rua do Rosário	Albernaz vai para lá quando sai do bonde	3I	368
Rua Larga	Por onde passam e conversam Bustamante e Policarpo	3I	366
	Rua onde se situava o Palácio do Itamarati	3V	411
Rua Primeiro de Março	Genelício lá precisava ir	3IV	400
Saco da Raposa	Vista da casa em que estava o destacamento (à esquerda)	3II	373
Santa Tereza	Olga vê a paisagem	3V	411

São Cristóvão	Fama de Ricardo chegava até lá	I	267
	Casa do major Quaresma	I; 2I	270; 311
	Passeios de Quaresma quando deixava o posto	3II	377
	Policarpo envia os versos ao poeta de lá (Ricardo?)	2IV	343
São Cristóvão (estação)	Albernaz e Caldas caminhavam em direção à estação	2V	351
São Januário	Casa do Major Quaresma	I; I	261; 262
Saúde	Vista da casa em que estava o destacamento (à direita)	3II	373
	Hospital de Santa Barbara ficava em frente	3III	385
Senado	Citação da instituição	IV; 3IV	292; 398
Todos os Santos	Vista da janela da casa de Ricardo Coração dos Outros	2II; 2V	320; 359
Villegagnon	Sobre o navio que se perdeu próximo ali	3III	384

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
África	Pensamento de Olga que em todo lugar se plantava	2III	337
	Referência aos negros vindos de lá	3III; 3III	382; 383
Amazonas (estado)	Policarpo defendia que tinha um dos melhores climas	I	265
Amazonas (rio)	Policarpo defendia a proeminência de tal rio	I; I	264; 264
	Caldas acha que o navio poderia estar lá	III	285
América	Policarpo lia um livro sobre História da América Portuguesa	I	266
Angra	O parati que Policarpo serve é de Angra	I	268
Aquidauana	Sobre um ofício que Policarpo traduziu para tupi	IV	297
Argentina	De onde era o Sr. Paysandón queria músicas de Ricardo	V	305
Bahia	Sobre os conhecimentos de Policarpo	I	265
	De onde possivelmente era Campos	2IV	346
Borgonha	Comparação com o vinho gaúcho	I	268
Brasil	Patriotismo de Policarpo	I; I; I; II; IV; IV; 2I; 2I; 2III; 2III; 3II; 3V	263; 264; 264; 271; 291; 297; 311; 312; 339; 339; 378; 404
	Sobre as experiências na guerra de Albernaz	II; III; 2II; 3II	272; 286; 325; 379
	O literato conhecia contos e canções populares do Brasil	II	275
	Coleoni havia se mudado para cá	IV	296
	Ricardo queria fazer as músicas para Paysandón para o Brasil ficar conhecido no estrangeiro	V	305
	Sogra de Olga era fazendeiro no Brasil	2III	328
	Citação sobre a vila do sítio	2III	329
	Sobre as revoltas no país	2V	358
	Sobre os planos que Quaresma faz para o país	3I	364
	Sobre o fim da Revolta	3IV	399
	Da vila do Sítio Sossego	2I; 2III; 2III; 2III; 2III; 2III; 2IV	317; 329; 330; 330; 331; 336; 346
Câmara Municipal			
Carico	Cachoeira de Curuzu	2III; 2III	336; 338
Conchinchina	Pensamento de Olga que em todo lugar se plantava	2III	337
Córdova	De onde era o Sr. Paysandón queria músicas de Ricardo	V	305
Curato de Santa Cruz	Sobre o Pedregulho e sua história	II; II	272; 272
Curuzu (fictícia)	Onde ficava o sítio Sossego	2III; 2IV; 2IV; 2V; 3IV	336; 346; 346; 353; 392
Estrada de Caxias	Onde estava o engenheiro, sobrinho de Chavantes	III	284
Europa	Policarpo também conhecia os autores europeus	I	264
	Alguém da repartição queria ir à Europa	I	265
	Comparação com o Brasil (sobre as modinhas)	II	280
	Sobre os títulos europeus	2III	328
	Sobre as aldeias europeias	2III	336
	Sobre as terras férteis europeias	2III; 2II; 2III	339; 339; 339
	Viagem do pai de Olga	2IV; 2V; 3III	346; 357; 384
Gragoatá	Sobre o navio que se perdeu	3III	384
Guanabara	Policarpo gostava do Brasil inteiro	I	264
Humaitá	Gal Albernaz contando suas experiências nas guerras	2II; 2II; 3II	325; 325; 379
Índia	Pensamento de Olga que em todo lugar se plantava	2III	337
Inglaterra	Comparação com o Brasil	II	271
Itália	Sobre o governo de Marechal Floriano	3I	363
	De onde era Coleoni	3III	385

Itaqui	Onde fica Caldas	III	285
Lapa (SP)	Sobre a Revolta das Armadas	3III	383
Lisboa	Policarpo explica a origem das modinhas	I	263
	Mármore da escada do eram de Lisboa	V	300
Majé	Havia sido tomado na Revolta	3III	383
	Pensamentos de Quaresma sobre seu destino	3III	388
Maranhão	Onde estava o engenheiro, sobrinho de Chavantes	III	284
Mato Grosso	Sobre os conhecimentos de Policarpo	I	265
	O Contra-almirante Caldas foi para o Mato Grosso	III	285
	Sobre um ofício que Policarpo traduziu para tupi	IV	297
Matriz	Da vila do Sítio Sossego	2III	328
Minas	Maricota diz que levará Ismênia para lá, para melhorar	3III	389
	Policarpo gostava do Brasil inteiro	I; I	264; 264
	Sobre o Pedregulho e sua história	II; II	272; 272
Nilo	Comparação de Policarpo com o Amazonas	I; I	264; 264
Niterói	Vista da casa em que estava o destacamento (em frente)	3II	373
	Um dos postos da Revolta	3II; 3II; 3III; 3IV	374; 376; 388; 400
Norte	Pai de Ismênia era do Norte e apreciava modinhas	I	270
	Albernaz queria organizar uma chegada à moda do Norte	II	272
Orgãos	Vista da casa em que estava o destacamento (à esquerda)	3II	373
	Policarpo via em seus passeios	3IV	401
Pará	Não foi onde Policarpo nasceu	I	264
Paraguai	Policarpo conhecia sobre as suas guerras	I	264
	General Albernaz só conhecia sobre a guerra do Paraguai	II; 2II; 3I; 3I	272; 325; 366; 367
	Sobre a ida de Caldas à guerra	III; III; III	285; 285; 285
	Bustamante usava o uniforme do Paraguai	2V	353
	Sobre a guerra	3I; 3III; 3V	365; 384; 408
	Citação em meio a conversa de Ricardo	3II	373
Paraná	Bustamante ia para o Paraná	3V	408
Paranaguá	Soldado encontrado por Albernaz era de lá	2V	352
Pernambuco	Sobre os cargos do Marechal Floriano	3I	362
	Sobre o fim da Revolta	3IV	398
Petrópolis	Comparação com a população dos subúrbios	I	266
Piauí	Soldado encontrado por Albernaz era de lá	2V	352
Ponta-Porã	Sobre um ofício que Policarpo traduziu para tupi	IV	297
Praça da República	Da vila do Sítio Sossego	2III	329
Recife	Sobre a Revolta	3IV	399
Rio Grande	Caldas vai para a flotilha do Rio Grande	III	285
Rio Grando do Sul	Não foi onde Policarpo nasceu	I	264
	Origem do vinho que Policarpo serviria	I	268
Rio Pardo	Sobre os conhecimentos de Policarpo	I	265
Rua Marechal Deodoro	Da vila do Sítio Sossego	2III; 2III	328; 329
Rua Marechal Floriano	Da vila do Sítio Sossego	2III	328
Rússia	Sobre suas terras negras férteis	2III	339
Salão Rio de Janeiro	Ricardo fez a barba. Da vila do Sítio Sossego	2III	329
São Paulo	Não foi onde Policarpo nasceu	I	264
	Policarpo gostava do Brasil inteiro	I	264
	Sobre o Pedregulho e sua história	II	272
	Sobre a Revolta das Armadas	3III	383
Sapucaia	Vista da casa em que estava o destacamento (à esquerda)	3II	373
Sergipe	De onde possivelmente era Campos	2IV	346
Sul	Referência das pampas. Policarpo gostava do Brasil inteiro	I	264
	Sobre a origem do vinho que Policarpo serviria	I	268
	Fala-se das revoltas	2V; 3V	358; 407
	Pensamentos de Quaresma sobre seu destino	3III	388
	Sobre a Revolta das Armadas	3III	383
Uruguai	Caldas fez parte da esquadrilha do Uruguai	III; III	285; 285

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
	Casa do Major Quaresma		
	Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às três e quarenta, por ai assim, tomava o bonde, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de São Januário, bem exatamente às quatro e quinze [...]	I	261

HABITAÇÃO E CIDADE	O major entrou para um aposento próximo, enquanto sua irmã seguia em direção ao interior da casa. Quaresma despiu-se, lavou-se, enfiou a roupa de casa, veio para a biblioteca, sentou-se a uma cadeira de balanço, descansando. Estava num aposento vasto, com janelas para uma rua lateral, e todo ele era forrado de estantes de ferro.	I	263
	De manhã, depois da <i>toilette</i> e do café, sentava-se no divã da sala principal e lia os jornais.	II	270
	Vicente fora com Dona Adelaide para o interior da casa e os dois conversavam a sós na sala dos livros.	II	279
	Casa de tia Maria Rita		
	Chegaram à casa da velha. Era baixa, caiada e coberta com as pesadas telhas portuguesas. Ficava um pouco afastada da estrada. À direita havia um monturo: restos de cozinha, trapos, conchas de mariscos, pedaços de louça caseira — um sambaqui a fazer-se para gáudio de um arqueólogo de futuro remoto; à esquerda, crescia um mamoeiro e bem junto à cerca, no mesmo lado, havia um pé de arruda. Bateram. Uma pretinha moça apareceu na janela aberta. [...] A sala era pequena e de telha-vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas acima até dois terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vítor Emanuel " com enormes bigodes em desordem; um cromo sentimental de folhinha — uma cabeça de mulher em posição de sonho — parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça.	II	273
	Casa do literato		
	A sala em que foram recebidos, era ampla; mas estava tão cheia de mesas, estantes, peçadas de livros, pastas, latas, que mal se podia mover nela. Numa lata lia-se: Santa Ana dos Tocos; numa pasta: São Bonifácio do Cabresto.	II	275
	Casa do general Albernaz		
	Para o lado de Cavalcânti, que se achava na sala de visitas, vieram os menos importantes. O general ficara na sala de jantar, fumando, cercado dos mais titulados e dos mais velhos. Estavam com ele o Contra-Almirante Caldas, o Major Inocêncio, o doutor Florêncio e o Capitão de Bombeiros Sigismundo.	III	285
	Chegaram à sala. Era vasta. Tinha dois grandes retratos em pesadas molduras douradas, furiosos retratos a óleo de Albernaz e da mulher; um espelho oval e alguns quadrinhos, e a decoração estava completa. Da mobília não se pode julgar, tinha sido retirada, para dar mais espaço aos dançantes. A noiva e o noivo estavam no sofá sentados a presidir a festa. Havia um ou outro decote, poucas casacas, algumas sobrecasacas e muitos fraques. Por entre as cortinas de uma janela, Ricardo pôde ver a rua. A calçada defronte estava cheia. A casa era alta e tinha jardim; só de lá os curiosos, os "serenos", podiam ver alguma coisa da festa. Lalá, no vão de uma sacada, conversava com o Tenente Fontes. O general contemplou-os e abençoou-os com um olhar aprovador...	2II	327
	Palacete de Real Grandeza (casa de Coleoni)		
	A extensa publicidade, que o fato tomou, atingiu o palacete de Real Grandeza, onde morava o seu compadre Coleoni. Rico com os lucros das empreitadas de construções de prédios, viúvo, o antigo quitandeiro retirara-se dos negócios e vivia sossegado na ampla casa que ele mesmo edificara e tinha todos os remates arquitetônicos do seu gosto predileto: compoteiras na cimalha, um imenso monograma sobre a porta da entrada, dois cães de louça, nos pilares do portão da entrada e outros detalhes equivalentes. A casa ficava ao centro do terreno, elevava-se sobre um porão alto, tinha um razoável jardim na frente, que avançava pelos lados, pontilhado de bolas multicores; varanda, um viveiro, onde pelo calor os pássaros morriam tristemente. Era uma instalação burguesa, no gosto nacional, vistosa, cara, pouco de acordo com o clima e sem conforto. No interior o capricho dominava, tudo obedecendo a uma fantasia barroca, a um ecletismo desesperador. Os móveis se amontoavam, os tapetes, as sanefas, os bibelots e a fantasia da filha, irregular e indisciplinada, ainda trazia mais desordem àquela coleção de coisas caras.	IV	294
	O doutor desceu a escada da varanda, atravessou o jardim e ainda do portão disse adeus à mulher, que lhe seguia a saída, debruçada na varanda, conforme o ritual dos bem ou mal casados.	2V	359
	Hospício		
	Não era a primeira vez que ela vinha ali. Mais de uma dezena já subira aquela larga escada de pedra, com grupos de mármore de Lisboa de um lado e do outro, a Caridade e Nossa Senhora da Piedade; penetrara por aquele pórtico de colunas dóricas, atravessara o átrio ladrilhado, deixando	V	300

	<p>à esquerda e à direita, Pinel e Esquirol, meditando sobre o angustioso mistério da loucura; subira outra escada encerada cuidadosamente e fora ter com o padrinho lá em cima, triste e absorvido no seu sonho e na sua mania. Seu pai a trazia às vezes, aos domingos, quando vinha cumprir o piedoso dever de amizade, visitando Quaresma. Há quanto tempo estava ele ali? Ela não se lembrava ao certo; uns três ou quatro meses, se tanto.</p> <p>[...]</p> <p>No primeiro aspecto, não se compreendia bem esse pasmo, esse espanto, esse terror do povo por aquela casa imensa, severa e grave, meio hospital, meio prisão, com seu alto gradil, suas janelas gradeadas, a se estender por uns centos de metros, em face do mar imenso e verde, lá na entrada da baía, na Praia das Saudades. Entrava-se, viam-se uns homens calmos, pensativos, meditabundos, como monges em recolhimento e prece.</p> <p>De resto, com aquela entrada silenciosa, clara e respeitável, perdia-se logo a idéia popular da loucura; o escarcéu, os trejeitos, as fúrias, o entrechoque de tolices ditas aqui e ali.</p>		
	Sítio "Sossego"		
	<p>A casa erguia-se sobre um soccalco, uma espécie de degrau, formando a subida para a maior altura de uma pequena colina que lhe corria nos fundos. Em frente, por entre os bambus da cerca, olhava uma planície a morrer nas montanhas que se viam ao longe; um regato de águas paradas e sujas cortava-a paralelamente à testada da casa; mais adiante, o trem passava vincando a planície com a fita clara de sua linha capinada; um carreiro, com casas, de um e de outro lado, saía da esquerda e ia ter à estação, atravessando o regato e serpenteando pelo plano. A habitação de Quaresma tinha assim um amplo horizonte, olhando para o levante, a "noruega", e era também risonha e graciosa nos seus muros caiados. Edificada com a desoladora indigência arquitetônica das nossas casas de campo, possuía, porém, vastas salas, amplos quartos, todos com janelas, e uma varanda com uma colunata heterodoxa. Além desta principal, o sítio do "Sossego", como se chamava, tinha outras construções: a velha casa da farinha, que ainda tinha o forno intacto e a roda desmontada, e uma estrebaria coberta de sapê.</p>	VI	310
	Casa do Ricardo Coração dos Outros		
	<p>Ricardo Coração dos Outros morava em uma pobre casa de cômodos de um dos subúrbios.</p> <p>Não era das sórdidas, mas era uma casa de cômodos dos subúrbios. Desde anos que ele a habitava e gostava da casa que ficava trepada sobre uma colina, olhando a janela do seu quarto para uma ampla extensão edificada que ia da Piedade a Todos os Santos.</p>	2II	320
	<p>O seu quarto tinha o mobiliário mais reduzido possível. Havia uma rede com franjas de rendas, uma mesa de pinho, sobre ela objetos de escrever; uma cadeira, uma estante com livros, e, pendurado a uma parede, o violão na sua armadura de camurça. Havia também uma máquina para fazer café.</p>	2II	322
	Quinta Imperial		
	<p>O velho edifício imperial se erguia sobre a pequena colina, Eles lhe viam o fundo, aquela parte de construção mais antiga, joanina, com a torre do relógio um pouco afastada e separada do corpo do edifício.</p> <p>Não era belo o palácio, não tinha mesmo nenhum traço de beleza, era até pobre e monótono. As janelas acanhadas daquela fachada velha, os andares de pequena altura impressionavam mal; todo ele, porém, tinha uma tal ou qual segurança de si, um ar de confiança pouco comum nas nossas habitações, uma certa dignidade, alguma coisa de quem se sente viver, não para um instante, mas para anos, para séculos... As palmeiras cercavam-no, eretas, firmes, com os seus grandes penachos verdes, muito altos, alongados para o céu...</p>	2V	351
	Palácio (do Itamarati)		
	<p>O palácio tinha um ar de intimidade, de quase relaxamento, representativo e eloquente. Não era raro ver-se pelos divãs, em outras salas, ajudantes-de-ordens, ordenanças, contínuos, cochilando, meio deitados e desabotoados. Tudo nele era desleixo e moleza. Os cantos dos tetos tinham teias de aranha; dos tapetes, quando pisados com mais força, subia uma poeira de rua mal varrida.</p>	3I	360
	Cidade		
	<p>Dessa maneira, Ricardo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana. É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo. Isto é só lá, nos bailes, nas festas e nas ruas, onde se algum dos seus representantes vê um tipo mais ou menos, olha-o da cabeça aos pés, demoradamente, assim como quem diz:</p>	I	266

	<p>aparece lá em casa que te dou um prato de comida. Porque o orgulho da aristocracia suburbana está em ter todo dia jantar e almoço, muito feijão, muita carne-seca, muito ensopado — aí, julga ela, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linha, da distinção.</p> <p>Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente mingua, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas.</p>		
	<p>Entre nós tudo é inconsistente, provisório, não dura. Não havia ali nada que lembrasse esse passado. As casas velhas, com grandes janelas, quase quadradas, e vidraças de pequenos vidros eram de há bem poucos anos, menos de cinquenta. (Quaresma e Albernaz passando próximo ao Curato de Santa Cruz)</p>	II	273
	<p>A casa da velha preta ficava além do ponto, para as bandas da estação da estrada de ferro Leopoldina. Lá foram ter. Passaram pela estação. Sobre um largo terreiro, negro de moinha de carvão-de-pedra, medas de lenha e imensas tulhas de sacos de carvão vegetal se acumulavam; mais adiante um depósito de locomotivas e sobre os trilhos algumas manobravam e outras arfavam sob pressão.</p> <p>Apanharam afinal o carreiro onde ficava a casa da Maria Rita. O tempo estivera seco e por isso se podia andar por ele. Para além do caminho, estendia-se a vasta região de mangues, uma zona imensa, triste e feia, que vai até ao fundo da baía e, no horizonte, morre ao sopé das montanhas azuis de Petrópolis.</p>	II	273
	<p>Todos se calaram e olharam a noite que chegava. Da janela da sala onde estavam, não se via nem um monte. O horizonte estava circunscrito aos fundos dos quintais das casas vizinhas com as suascordas de roupa a lavar, suas chaminés e o piar de pintos. Um tamarineiro sem folhas lembrava tristemente o ar livre, as grandes vistas sem fim. O sol já tinha desaparecido do horizonte e as tênues luzes dos bicos de gás e dos lâmpões familiares começavam a acender-se por detrás das vidraças.</p>	III	287
	<p>Coleoni tinha-se sentado. Quaresma também e a moça estava de pé, para melhor olhar o padrinho com os seus olhos muito luminosos e firmes no encarar. Guardas, internos e médicos passavam pelas portas com a indiferença profissional. Os visitantes não se olhavam, pareciam que não queriam conhecer-se na rua. Lá fora, era o dia lindo, os ares macios, o mar infinito e melancólico, as montanhas a se recortar num céu de seda — a beleza da natureza imponente e indecifrável, Coleoni, embora mais assíduo nas visitas, notava as melhoras do compadre com satisfação que errava na sua fisionomia, num ligeiro sorriso.</p>	V	303
	<p>O bonde tardou um pouco. Chegou. Tomaram. Desceram no Largo da Carioca. É bom ver-se a cidade nos dias de descanso, com as suas lojas fechadas, as suas estreitas ruas desertas, onde os passosressoam como em claustros silenciosos. A cidade é como um esqueleto, faltam-lhe as carnes, que são a agitação, o movimento de carros, de carroças e gente. Na porta de uma loja ou outra, os filhos do negociante brincam em velocípedes, atiram bolas e ainda mais se sente a diferença da cidade do dia anterior.</p> <p>Não havia ainda o hábito de procurar os arrabaldes pitorescos e só encontravam, por vezes, casais que iam apressadamente a visitas, como eles agora. O Largo de São Francisco estava silencioso e a estátua, no centro daquele pequeno jardim que desapareceu, parecia um simples enfeite. Os bondes chegavam preguiçosamente ao largo com poucos passageiros. Coleoni e sua filha tomaram umque os levasse à casa de Quaresma. Lá foram.</p>	V	305
	<p>Os subúrbios do Rio de Janeiro são a mais curiosa coisa em matéria de edificação da cidade. A topografia do local, caprichosamente montuosa, influiu decerto para tal aspecto, mais influíram, porém, os azares das construções.</p> <p>Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer, pode ser imaginado. As casas surgiram como se fossem semeadas ao vento e, conforme as casas, as ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como boulevards e acabam estreitas que nem vielas; dão voltas, circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto com um ódio tenaz e sagrado.</p> <p>Às vezes se sucedem na mesma direção com uma freqüência irritante, outras se afastam, e deixam de permeanço um longo intervalo coeso e fechado de casas. Num trecho, há casas amontoadas umas sobre outras numa angústia de espaço desoladora, logo adiante um vasto campo abre ao nosso olhar uma ampla perspectiva.</p> <p>Marcham assim ao acaso as edificações e consequentemente o arruamento. Há casas de todos os gostos e construídas de todas as formas. Vai-se por uma rua a ver um correr de chalets, de porta e janela, parede de frontal, humildes e acanhados, de repente se nos depara uma casa</p>	2II	319-320

	<p>burguesa, dessas de compoteiras na cimbalha rendilhada, a se erguer sobre um porão alto com mezaninos gradeados. Passada essa surpresa, olha-se acolá e dá-se com uma choupana de pau-a-pique, coberta de zinco ou mesmo palha, em torno da qual formiga uma população; adiante, é uma velha casa de roça, com varanda e colunas de estilo pouco classificável, que parece vexada e querer ocultar-se diante daquela onda de edifícios disparatados e novos.</p> <p>Não há nos nossos subúrbios coisa alguma que nos lembre os famosos das grandes cidades européias, com as suas vilas de ar repousado e satisfeito, as suas estradas e ruas macadamizadas ecuidadas, nem mesmo se encontram aqueles jardins, cuidadinhos, aparadinhos, penteados, porque os nossos, se os há, são em geral pobres, feios e desleixados.</p> <p>Os cuidados municipais também são variáveis e caprichosos. Às vezes, nas ruas, há passeios, em certas partes e outras não; algumas vias de comunicação são calçadas e outras da mesma importância estão ainda em estado de natureza. Encontra-se aqui um pontilhão bem cuidado sobre o rio seco e passos além temos que atravessar um ribeirão sobre uma pinguela de trilhos mal juntos.</p> <p>[...]</p> <p>Casas que mal dariam para uma pequena família, são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino.</p>		
	<p>Vistos assim do alto, os subúrbios têm a sua graça. As casas pequeninas, pintadas de azul, de branco, de oca, engastadas nas comas verde-negras das mangueiras, tendo de permeio, aqui e ali, um coqueiro ou uma palmeira, alta e soberba, fazem a vista boa e a falta de percepção do desenho das ruas põe no panorama um sabor de confusão democrática, de solidariedade perfeita entre as gentes que as habitam; e o trem minúsculo, rápido, atravessa tudo aquilo, dobrando à esquerda, inclinándose para a direita, muito flexível nas suas grandes vértebras de carros, como uma cobra entre pedrouços. (Vista da janela da casa de Ricardo Coração dos Outros)</p>	2II	320
	<p>Ainda agora estava ele lá, debruçado no peitoril, com a mão em concha no queixo, colhendo com a vista uma grande parte daquela bela, grande e original cidade, capital de um grande país, de que ele a modos que era e se sentia ser, a alma, consubstanciando os seus tênues sonhos e desejos em versos discutíveis, mas que a plangência do violão, se não lhes dava sentido, dava um quê de balbúcio, de queixume dorido da pátria criança ainda, ainda na sua formação...</p>	2II	321
	<p>O seu primeiro trabalho foi ir à vila. Ficava a quatro quilômetros adiante da casa de Quaresma e a estrada de ferro tinha uma estação lá. Ricardo dispensou a estrada e foi a pé, pela estrada de rodagem, se assim se pode chamar um trilho, cheio de caldeirões, que subia e descia morros, cortava planícies e rios em tascas pontes. A vila!... Tinha duas ruas principais: a antiga, determinada pelo velho caminho de tropas, e a nova, cuja origem veio da ligação da velha com a estrada de ferro. Elas se encontravam em T, sendo o braço vertical o caminho da estação. As outras partiam delas, as casas juntavam-se urbanamente no começo, depois iam espaçando, espaçando, até acabar em mato, em campo. A antiga chamava-se Marechal Deodoro, ex-Imperador; e a nova, Marechal Floriano, ex-Imperatriz. De uma das extremidades da Rua Marechal Deodoro, partia a da Matriz, que ia ter à igreja, ao alto de uma colina, feia e pobre no seu estilo jesuítico. À esquerda da estação, num campo, a Praça da República, a que ia dar uma rua mal esboçada por espaçadas casas, ficava a Câmara Municipal. (Arredores do Sítio Sossego)</p>	2III	329
	<p>O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros idéia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele "sopapo" que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que, ao redor dessas casas, não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? E não havia gado, nem grande nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro. Por quê? Mesmo nas fazendas, o espetáculo não era mais animador. Todas soturnas, baixas, quase sem o pomar olente e a horta suculenta. A não ser o café e um milharal, aqui e ali, ela não pôde ver outra lavoura, outra indústria agrícola. Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para uso próprio, o homem tem sempre energia para trabalhar. As populações mais acusadas de preguiça, trabalham relativamente. Na África, na Índia, na Cochinchina, em toda parte, os casais, as famílias, as tribos, plantam um pouco, algumas coisas para eles. Seria a terra? Que seria? E todas essas questões desafiavam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e</p>	2III	337

P E R S O N A G E N S	também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos!... (Sobre a vida rural)		
	Sentia necessidade de rever aquelas ruas estreitas, com as suas lojas profundas e escuras, onde os empregados se moviam como em um subterrâneo. A tortuosa Rua dos Ourives, a esburacada Ruada Assembléia, a casquinha Rua do Ouvidor davam-lhe saudades. A vida continuava a mesma. Havia grupos parados e moças a passeio; no Café do Rio, uma multidão. Eram os avançados, os "jacobinos", a guarda abnegada da República, os intransigentes, a cujos olhos, a moderação, a tolerância e o respeito pela liberdade e a vida alheias eram crimes de lesa-pátria, sintomas de monarquismo criminoso e abdicação desonesta diante do estrangeiro. O estrangeiro era sobretudo o português, o que não impedia de haver jornais "jacobiníssimos" redigidos por portugueses da mais bela água. A não ser esse grupo gesticulante e apaixonado, a Rua do Ouvidor era a mesma. Os namoros se faziam e as moças iam e vinham.	3I	370
	No centro da cidade, a noite era alegre e jovial. Havia muito dinheiro, o governo pagava soldos dobrados, e, às vezes, gratificações, além do que havia também a morte sempre presente; e tudo isso estimulava o divertir-se. Os teatros eram freqüentados e os restaurants noturnos também. Quaresma, porém, não se metia naquele ruído de praça semi-sitiada. Ia às vezes ao teatro, à paisana, e, logo acabado o espetáculo, voltava para o quarto da cidade ou para o posto. Em outras tardes, logo que Polidoro chegava, saía a pé, pelas ruas dos arredores, pelas praias até ao Campo de São Cristóvão. Ia vendo aquela sucessão de cemitérios, com as suas campas alvas que sobem montanhas, como carneiros tosquiados e limpos a pastar; aqueles ciprestes meditativos que as vigiam; e como que se lhe representava que aquela parte da cidade era feudo e senhorio da morte. As casas tinham um aspecto fúnebre, recolhidas e concentradas; o mar marulhava lugubremente na ribanceira lodosa; as palmeiras ciciavam doridas; e até o tilintar da campainha dos bondes era triste e lúgubre. A paisagem se impregnava da Morte e o pensamento de quem passava ali mais ainda, para fazer sentir nela tão forte aspecto funéreo.	3II	377
	Policarpo Quaresma		
	Quaresma era um homem pequeno, magro, que usava pince-nez, olhava sempre baixo, mas, quando fixava alguém ou alguma coisa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, e era como se ele quisesse ir à alma da pessoa ou da coisa que fixava. Contudo, sempre os trazia baixos, como se se guiasse pela ponta do cavanhaque que lhe enfeitava o queixo. Vestia-se sempre de fraque, preto, azul, ou de cinza, de pano listrado, mas sempre de fraque, e era raro que não se cobrisse com uma cartola de abas curtas e muito alta, feita segundo um figurino antigo de que ele sabia com precisão a época.	I	262
	A razão tinha que ser encontrada numa disposição particular de seu espírito, no forte sentimento que guiava sua vida. Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa.	I	264
P E R S O N A G E N S	Desinteressado de dinheiro, de glória e posição, vivendo numa reserva de sonho, adquirira a candura e a pureza d'alma que vão habitar esses homens de uma idéia fixa, os grandes estudiosos, os sábios, e os inventores, gente que fica mais terna, mais ingênua, mais inocente que as donzelas das poesias de outras épocas.	IV	293
	Ricardo Coração dos Outros		
	Acabava de entrar em casa do Major Quaresma o Senhor Ricardo Coração dos Outros, homem célebre pela sua habilidade em cantar modinhas e tocar violão. Em começo, a sua fama estivera limitada a um pequeno subúrbio da cidade, em cujos "saraus" ele e seu violão figuravam como Paganini e a sua rebeca em festas de duques; mas, aos poucos, com o tempo, foi tomando toda a extensão dos subúrbios, crescendo, solidificando-se, até ser considerada como coisa própria a eles. Não se julgue, entretanto, que Ricardo fosse um cantor de modinhas aí qualquer, um capadócio. Não; Ricardo Coração dos Outros era um artista a freqüentar e a honrar as melhores famílias do Méier, Piedade e Riachuelo. Rara era a noite em que não recebesse um convite.	I	266
	Ismênia		
P E R S O N A G E N S	Não era feia a menina, a filha do general, vizinho de Quaresma. Era até bem simpática, com a sua fisionomia de pequenos traços mal desenhados e cobertos de umas tintas de bondade.	I	270

	Aquele seu noivado durava há anos; o noivo, o tal Cavalcânti, estu- dava para dentista, um curso de dois anos, mas que ele arrastava há qua- tro, e Ismênia tinha sempre que responder à famosa pergunta: — "Então quando se casa?" — "Não sei... Cavalcânti forma-se para o ano e..." Intimamente ela não se incomodava. Na vida, para ela, só havia uma coisa importante: casar- se; mas pressa não tinha, nada nela a pedia. Já agarrara um noivo, o resto era questão de tempo...		
	Ela não era feia; amorenada, com os seus traços acanhados, o narizinho mal feito, mas galante, não muito baixa nem muito magra e a sua apa- rência de bondade passiva, de indolência de corpo, de idéia e de sentidos — era até um bom tipo das meninas a que os namorados chamam — "bonitinhas". O seu traço de beleza dominante, porém, eram seus cabelos: uns bastos cabelos castanhos, com tons de ouro, sedosos até ao olhar. Aos dezenove anos arranhou namoro com o Cavalcânti, e à fraqueza de sua vontade e ao temor de não encontrar marido não foi estranha a facilidade com que o futuro dentista a conquistou.	III	281-282
	General Albernaz		
	O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. Fora sempre ajudante-de-ordens, assistente, encarregado disso ou daquilo, escriturário, almoxarife, e era secretário do Conselho Supremo Militar, quando se reformou em general. Os seus hábitos eram de um bom chefe de seção e a sua inteligência não era muito diferente dos seus hábitos. Nada entendia de guerras, de estratégia, de tática ou de história militar; a sua sabedoria a tal respeito estava reduzida às batalhas do Paraguai, para ele a maior e a mais extraordinária guerra de todos os tempos.	II	272
	Coleoni		
	Este seu compadre era italiano de nascimento. A história das suas relações vale a pena contar. Quitandeiro ambulante, fora fornecedor da casa de Quaresma há vinte e tantos anos. O major já tinha as suas idéias patrióticas, mas não desdenhava conversar com o quitandeiro e até gostava de vê-lo suado, curvado ao peso dos cestos, com duas rosas vermelhas nas faces muito brancas de europeu recém-chegado.	II	278
	[...] Quase sempre, quando chegavam tais visitas, Coleoni afastava-se, ia para o interior da casa. Entretanto, não lhe era sempre possível fazer isso; nas grandes festas e recepções tinha que estar presente e era quando mais sentia o velado pouco-caso da alta nobreza da terra que o freqüentava. Ele ficava sempre empreiteiro, com poucas idéias além do seu ofício, não sabendo fingir, de modo que não se interessava por aquelas tagarelices de casamentos, de bailes, de festas e passeios caros.	IV	295
	Adelaide		
	Dona Adelaide, a irmã de Quaresma, tinha uns quatro anos mais que ele. Era uma bela velha, com um corpo médio, uma tez que começava a adquirir aquela pátina da grande velhice, uma espessacabeleira já inteiramente amarelada e um olhar tranqüilo, calmo e doce. Fria, sem imaginação, de inteligência lúcida e positiva, em tudo formava um grande contraste com o irmão; contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem tampouco uma penetração perfeita. Ela não entendia nem procurava entender a substância do irmão, e sobre ele em nada reagia aquele ser metódico, ordenado e organizado, de idéias simples, médias e claras. Ela já atingira aos cinquenta e ele para lá marchava; mas ambos tinham ar saudável, poucos achaques, e prometiam ainda muita vida. A existência calma, doce e regrada que tinham levado até ali, concorrera muito para a boa saúde de ambos. Quaresma incubou as suas manias até depois dos quarenta e ela nunca tivera qualquer. Para Dona Adelaide, a vida era coisa simples, era viver, isto é, ter uma casa, jantar e almoço, vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos. Moça, não sonhara príncipes, belezas, triunfos, nem mesmo um marido. Se não casou foi porque não sentiu necessidade disso; o sexo não lhe pesava e de alma e corpo ela sempre se sentiu completa. O seu aspecto tranqüilo e o sossego dos seus olhos verdes, de um brilho lunar de esmeralda, emolduravam e realçavam naquele interior familiar a agitação e a inquietude, o alanceado do irmão.	2IV	340
	Campos		
	O edil entrou com a sua jovialidade, a sua mansidão e o seu grande corpo. Era alto e gordo, pançudo um pouco, tinha os olhos castanhos, quase à flor do rosto, uma testa média e reta; o nariz, malfeito. Um tanto trigueiro, cabelos corridos e já grisalhos, era o que se chama por aí um caboclo, embora o seu bigode fosse crespo. Não nascera em Curuzu, era da Bahia ou de Sergipe, habitava, porém, o lugar há mais de vinte anos, onde casara e prosperara, graças ao dote da mulher e à sua atividade clínica. Com esta, não gastava grande energia mental: tendo de cor uma meia	2IV	346

	dúzia de receitas, ele, desde muito, conseguira enquadrar as moléstias locais no seu reduzido formulário. Presidente da Câmara, era das pessoas mais consideráveis de Curuzu, e Quaresma o estimava particularmente pela sua familiaridade, pela sua afabilidade e simplicidade.		
R E N D A S	Vivendo em casa própria e tendo outros rendimentos além do seu ordenado, o Major Quaresma podia levar um trem de vida superior ao seus recursos burocráticos, gozando, por parte da vizinhança, da consideração e respeito de homem abastado.	I	261
	No fim do primeiro ano, tendo notícia das dificuldades com que o futuro genro lutava para acabar os estudos, o general foi generosamente em seu socorro. Pagou-lhe taxas de matrículas, livros e outras coisas. Não era raro que após uma longa conversa com a filha, Dona Maricota viesse ao marido e dissesse: "Chico, arranja-me vinte mil-réis que o Cavalcânti precisa comprar uma Anatomia".	III	282
	[... Consultou as algibeiras. Não chegava a dois mil-réis a sua fortuna. Como ir? Arranjaria um passe e iria. Bateram à porta. [...]	2II	322
	—Abacates! Ora! Tenho muitos... Estão muito baratos! —Entretanto, disse Quaresma, ainda hoje indaguei em uma confeitaria e pediram-me pela dúzia cinco mil-réis. —Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, se quer mande-os... Depois, tilintou a pesada corrente de ouro, pôs uma das mãos na cava do colete e quase de costas para o major: —É preciso vê-los... O tamanho influi... Quaresma os mandou e, quando lhe veio o dinheiro, teve a satisfação orgulhosa de quem acaba de ganhar uma grande batalha imortal. Acariciou uma por uma aquelas notas encardidas, leu-lhes bem o número e a estampa, arrumou-as todas uma ao lado da outra sobre uma mesa e muito tempo levou sem ânimo de trocá-las. Para avaliar o lucro, descontou o frete, de estrada de ferro e carroça, o custo dos caixões, o salário dos auxiliares e, após esse cálculo que não era laborioso, teve a evidência de que ganhara mil e quinhentos réis, nem mais nem menos. O Senhor Azevedo tinha-lhe pago pelo cento a quantia com que se compra uma dúzia.	2IV	342-343
	—Sabes qual foi o lucro, Adelaide? —Não. Menor do que o dos abacates? —Um pouco mais. —Então... Quanto? —Dois mil quinhentos e setenta réis, respondeu Quaresma, destacando sílaba por sílaba. —O quê? —Foi isso. Só de frete paguei cento e quarenta e dois mil e quinhentos.	2IV	345
R E L I G I A O	A casa da velha preta ficava além do ponto, para as bandas da estação da estrada de ferro Leopoldina. Lá foram ter. Passaram pela estação. Sobre um largo terreiro, negro de moínha de carvão-de-pedra, medas de lenha e imensas tulhas de sacos de carvão vegetal se acumulavam; mais adiante um depósito de locomotivas e sobre os trilhos algumas manobravam e outras arfavam sob pressão.	II	273
T R A N S P O R T E S	Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às três e quarenta, por aí assim, tomava o bonde, sem erro de um minuto [...] (sobre Policarpo)	I	261
	O bonde que os levava até à velha Maria Rita, percorria um dos trechos mais interessantes da cidade. Ia pelo Pedregulho, uma velha porta da cidade, antigo término de um picadão que ia ter a Minas, se esgalhava para São Paulo e abria comunicações com o Curato de Santa Cruz.	II	272
	Deu umas voltas, foi ao livreiro buscar uns livros. Quando ia tomar o bonde encontrou o Ricardo Coração dos Outros.	IV	299
	No bonde vinham outros visitantes e todos não tardaram em saltar no portão do manicômio.	V	302
	Na porta já havia alguns visitantes à espera do bonde. Como não estivesse o veículo no ponto, foram indo ao longo da fachada do manicômio até lá. [...] O bonde tardou um pouco. Chegou. Tomaram. Desceram no Largo da Carioca.	V	304-305
	Às vezes num cubículo desses se amontoa uma família, e há ocasiões em que os seus chefes vão a pé para a cidade por falta do níquel do trem. (Sobre os suburbanos)	2II	320
	O trem atracava na estação. Veio chegando manso, vagaroso; a locomotiva, muito negra, bufando, suando gordurosamente, com a sua grande lanterna na frente, um olho de ciclope, avançava que nem uma aparição sobrenatural. Foi chegando; o comboio estremeceu todo e parou por fim	2V	353

	Quaresma veio ao seu encontro. Floriano vestia chapéu de feltro mole, abas largas, e um acurta sobrecasaca surrada. Tinha um ar de mal- feitor ou de exemplar chefe de família em aventuras extraconjugais. [...] Quaresma veio acompanhá-lo até ao bonde. Atravessaram o velho sítio de recreio dos imperadores. Floriano já ouvia Quaresma muito aborrecido. O bonde chegou; ele se despediu do major [...]	3II	381
	O general não respondeu; estava deveras combalido. Bustamante e Caldas continuavam a conversar baixo. Ouviu-se o rodar de uma carruagem na rua. Quinota chegou à sala de jantar: —Papai, está aí o coche. [...] Quaresma adiantou-se, foi saindo com o chapéu na mão. No corre- dor, ainda ouviu Estefânia dizer a alguém: o coche é bonito.	3III	391
C O S T U M E S	Educação		
	[...] e a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: "Se não era formado, para quê? Pedantismo!" O subsecretário não mostrava os livros a ninguém, mas acontecia que, quando se abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua poder-se- iam ver as estantes pejudadas de cima a baixo.	I	261
	[...] Desde menina, ouvia a mamãe dizer: "Aprenda a fazer isso, por- que quando você se casar"... ou senão: "Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar..." A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele — "porque, quando você se casar..." — e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar. —Devia até ser proibido, disse Genelício, a quem não possuísse um título "acadêmico" ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham?	III	281
	Lazer, passeios e costumes		
	A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se aí pelas quatro e meia, logo que o viam passar, a dona gritava à criada: "Alice, olha que são horas; o Major Quaresma já passou."	I	261
	Além do compadre e da filha, as únicas pessoas que o visitavam até então, nos últimos dias, era visto entrar em sua casa, três vezes por semana e em dias certos, um senhor baixo, magro, pálido, com um violão agasalhado numa bolsa de camurça. Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança. Um violão em casa tão res- peitável! Que seria? [...] À vista de tão escandaloso fato, a consideração e o respeito que o Major Policarpo Quaresma merecia nos arredores de sua casa, diminuíram um pouco. Estava perdido, maluco, diziam. Ele, porém, continuou serenamente nos seus estudos, mesmo porque não percebeu essa diminuição.	I	261-262
	—Mas você está muito enganada, mana. É preconceito supor-se que todo homem que toca violão é um desclassificado. [...] Acabado o almoço, dava umas voltas pela chácara, chácara em que predominavam as fruteiras nacionais, recebendo a pitanga e o cambuí os mais cuidadosos tratamentos aconselhados pela pomologia, como se fossem bem cerejas ou figos.	I	263
	Os seus hábitos burocráticos faziam-no almoçar cedo, e, embora estivesse de férias, para os não perder, continuava a tomar a primeira refeição de garfo às nove e meia da manhã.	II	270
	Uma vez ou outra um mais delicado propunha-lhe jogar o poker, aceitava e sempre perdia. Chegou mesmo a formar uma roda em casa, de que fazia parte o conhecido advogado Pacheco. Perdeu e muito, mas não foi isso que o fez suspender o jogo. Que perdia? Uns contos — uma ninharia! A questão, porém, é que Pacheco jogava com seis cartas.	IV	295
	Então, para espantar os maus pensamentos, ela se punha a olhar o aspecto pueril da rua, marchetada de papeluchos multicores, e as serpentinas irisadas pendentes nas sacadas, mas o que fazia bem à sua natureza pobre, comprimida, eram os cordões, aquele ruído de atabaques, e adufes, de tambores e pratos. Mergulhando nessa barulheira, o seu pensamento repousava e como que a idéia que a perseguia desde tanto tempo ficava impedida de lhe entrar na cabeça. De resto, aqueles vestuários extravagantes de índios, aqueles adornos de uma mitologia francamente selvagem, jacarés, cobras, jabutis, vivos, bem vivos, traziam à pobreza de sua imaginação imagens risonhas de rios claros, florestas imensas, lugares de sossego e pureza que a reconfortavam.	V	308

E S C R A V I D A O	Quaresma fez com a cabeça sinal afirmativo e a preta velha, talvez com grandes saudades do tempo em que era escrava e ama de alguma grande casa, farta e rica, ergueu a cabeça, como para melhor recordar-se, e entou:	II	274
	Aborrecia-se com o rival, por dois fatos: primeiro: pelo sujeito ser preto; e segundo: por causa das suas teorias. Não é que ele tivesse ojeriza particular aos pretos. O que ele via no fato de haver um preto famoso tocar violão, era que tal coisa ia diminuir ainda mais o prestígio do instrumento. Se o seu rival tocasse piano e por isso ficasse célebre, não havia mal algum; ao contrário: o talento do rapaz levantava a sua pessoa, por intermédio do instrumento considerado; mas, tocando violão, era o inverso: o preconceito que lhe cercava a pessoa, desmoralizava o misterioso violão que ele tanto estimava. E além disso com aquelas teorias! Ora! Querer que a modinha diga alguma coisa e tenha versos certos! Que tolice!	V	306
P O L Í T I C A	<i>Todo o romance possui crítica política, sendo esta presente em inúmeros trechos. Aqui se reproduz alguns dos que pareceram mais interessantes.</i>		
	O seu entusiasmo por aquele ídolo político era forte, sincero e desinteressado. Tinha-o na conta de enérgico, de fino e supervidente, tenaz e conhecedor das necessidades do país, manhoso talvez um pouco, uma espécie de Luís XI forrado de um Bismarck. Entretanto, não era assim. Com uma ausência total de qualidades intelectuais, havia no caráter do Marechal Floriano uma qualidade predominante: tibieza de ânimo, e no seu temperamento, muita preguiça. Não a preguiça comum, essa preguiça de nós todos; era uma preguiça mórbida, como que uma pobreza de irrigação nervosa, provinda de uma insuficiente quantidade de fluido no seu organismo. Pelos lugares que passou, tornou-se notável pela indolência e desamor às obrigações dos seus cargos.	3I	362
	A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia, Aque existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati.	3V	404

Numa e Ninfa

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPITULO	PAGINA
Arcos (da Lapa)	Por onde o bonde passava	IV	457
	Por onde Benevenuto passeia	VII	511
Avenida	Onde Benevenuto vai tomar café	III	448
	Por onde Benevenuto passeia	VII	511
	Sobre o incêndio	VII	512
	Onde era o Jornal Diário Mercantil	VIII	523
Botafogo	Autor fala sobre a beleza das manhãs do Rio	II	428
	Casa do deputado Numa Pompílio	II; II; II	430; 430; 431;
	Edgarda era educanda das irmãs (colégio?)	II	433
Café do Rio	Lá se juntaram os romeros do préstito	IX	534
Câmara	Citação da instituição	I; II; III; VI; VIII; X; X; X	417; 438; 449; 485; 521; 550; 553; 553
Campo de Santana	Sobre as casas dos amantes naquelas proximidades	IV	464
	Benevenuto pegou o bonde	VII	511
Candelária	Descrição da cidade vista do bonde	IV	457
Catete	Sobre Totonho do Catete, amigo de Lucrécio	II	436
	Casa de Benevenuto	VII	510
	Bogoloff se muda para uma pensão	VIII	518
	Passagem do préstito	IX; IX	531; 531
	Numa imagina	X	554
Central	Amigo de Lucrécio era manobreiro na Central	II	436
Central de Telégrafos	Lucrécio vai lá	X	545
Cidade Nova	Casa de Lucrécio	III; III; III; III; VI; VIII; X	450; 450; 450; 451; 485; 518; 542
	Descrição da cidade vista do bonde	IV	457
Citéria	Clodoveu ia sempre lá	V	472
Corcovado	Curvara-se para a casa de Numa e sua mulher em um belo dia	I	424
Escola de Agricultura	Dr. Campelo é colocado com o cargo de professor	VI	485
Escola dos Desvalidos	Macieira coloca Lúcio lá	VIII	519

Escola Militar	Costa era da Escola Militar	I	418
Escola Politécnica	Via-se do Largo de São Francisco	III	449
Farol da Rasa	Via-se do paquete com Bogoloff	IX	539
Flamengo	Casa de Arlete	VI	490
Itamarati	Presidente do tribunal de contas vai lá	VIII	516
Jardim (estação)?	Por onde Benevenuto passeia	VII	511
Lapa	Bando de Totonho influencia as eleições de lá	VI	485
Largo de São Francisco	Lucrécio vai para lá	III	449
	Por onde Benevenuto passeia	VII	511
Largo do Guimarães	Onde o bonde chega	IV	458
Largo do Lapa	Por onde Benevenuto passeia	VII	511
	Benevenuto espera o bonde	IX	532
Largo do Machado	Zeca rouba um cocheiro	VII	502
Lírico (Teatro)	Perguntam a Edgarda se ela lá foi	IV	462
Mangue	Descrição da cidade vista do bonde	IV	457
Mata-cavalos	Onde Edgarda salta do bonde para visitar uma casa / Casa de encontros com Benevenuto	IV	465
Misericórdia	Descrição da cidade vista do bonde – via-se carros	IV	457
Nheco	Proximidades da Cidade Nova	III	450
Ordem do Carmo	Sobre o incêndio	VII	512
Palácio do Catete	Manifestação em frente ao palácio, pela morte do cocheiro	VII	502
Palácio Nova Friburgo	Citação sobre a influência política	VIII	524
Passeio Público	Por onde Benevenuto passeia	VII	511
Pedreira de São Diogo	Descrição da cidade vista do bonde	IV	457
Pinto	Proximidades da Cidade Nova	III	450
Providência	Proximidades da Cidade Nova	III	450
Rio Comprido	Povo acharia que Edgarda iria para lá	IV	465
Rossio Pequeno	Edgarda pega o bonde	IV	465
Rua 1º de Março	Caminho de Lucrécio	X	544
	Passeio de Mme Farfaible	X	545
Rua Conde do Bonfim	O Estado tinha uma casa disponível lá	VII	509
Rua da Lapa	Benevenuto observa e passeia por ela	VII	511
Rua do Ouvidor	Numa é notado na Rua do Ouvidor depois do sucesso de seu discurso	I	418
	Mme Forfaible, ia muito lá	III; III	442; 444
	Benevenuto não quer tomar café lá	III	448
	Amantes gostam da proximidade de suas casas de encontro à rua	IV	464
	Por onde Benevenuto passeia	VII	511
	Romeros do préstito estavam lá	IX	534
	Caminho de Lucrécio	X	544
Rua do Senado	Pessoas comentavam do incêndio	VII	511
Rua Humaitá	Casa do deputado Numa Pompílio	II	430
	Casa de Cogominho	VIII	520
Rua Paissandu	Descrição do ambiente numa manhã	II	428
Rua Riachuelo	Pessoas comentavam do incêndio	VII	511
Santa Teresa	Proximidades da Cidade Nova	III	450
	Bonde sobe o morro	IV	457
	Edgarda caminha para pegar o bonde	IV	465
	Edgarda cita para Benevenuto	IV	468
	Lucrécio e Bogoloff iam pegar o caminho de Sta Teresa	VI	487
	Casa de Macieira	VI	491
São Cristóvão	Cidade Nova é passagem obrigatória para ir para lá	III	450
São Gonçalo Garcia	Na paisagem podia-se ver a torre	VII	512
Senado	Citação da instituição	II; III; VI; VIII;	437; 444; 488; 521;
Teatro Municipal	Por onde Benevenuto passeia	VII	511
Tijuca	Citação sobre a Cidade Nova	III	450
	Povo acharia que Edgarda iria para lá	IV	465
Tribunal	Sobre o incêndio	VII	512

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
Acre	Mulher de Xandu queria mandar todo mundo para lá	V	474
Alexandria	Citação metafórica sobre política	VI	484
América	Sobre o regime político da América	I	419
	Sobre a escravidão no Brasil	VI	488
Atlântico	Sobre a viagem de Bogoloff	VI	488
Bacia do São Francisco	Sobre a proposta de navegação de Bentes	VIII	514
Brasil	Sobre a república e a integração do Brasil	I	419;

	Fuas vivia no Brasil e aqui fazia seus lucros	II; II; II; VII	429; 430; 430; 510
	Gregory (russo) veio para o Brasil	III; III; III	455; 456; 456
	Bogoloff fala da política comparando com a Rússia	VI	485
	Sobre a iniciativa privada no país	VI	490
	Citação sobre a política no país	VI	492
	Sobre o seu exército (na guerra do Paraguai)	VII	498
	Sobre sua capital, o Rio	VII	505
	Explicações de Xandu	VII	508
	Para onde veio Bogoloff	VII	509
	Benevenuto vê o mapa do Brasil	VII	510
	Sobre a proposta de navegação de Bentes	VIII; VIII	514; 514
	Bogoloff viaja pelo Brasil	IX; IX	538; 539
	Queriam que Bentes fosse presidente	X	541
Cachoeira de Paulo Afonso	Sobre a proposta de navegação de Bentes	VIII	514
Cambuci	Liberato era chefe político	VIII; VIII; VIII	513; 513; 519
capital das Palmeiras	Mandaram um batalhão para lá	IX	535
Cascatinha	Onde vivia a viúva de Lopo Xavier	VIII	526
Catimbau	Numa havia sido trabalhado e subido de cargo aí	I; II; VII	422; 433; 504
Cazã	De onde era Bogoloff	VII	509
Clube de Santo Humberto (Petrópolis)	Cogominho participa de uma partida de caça	V	471
Cumbandê	Comentário sobre o coronel chefe político deste município	X	548
Egito	Citação metafórica sobre política	VI	484
	Lenda contada por Benevenuto	VII; VII; VII; VII	501; 501; 501; 501
Espírito Santo	Sobre o caso Espírito Santo	V	476
Estado das Palmeiras	Onde morava o governador Macieira Galão	IV; IV	458; 458
	Comparações entre este e Niterói (e o Rio)	IV	460
	Sobre a sucessão presidencial	VIII; VIII; VIII; VIII; VIII; VIII; IX; IX; IX	517; 518; 518; 518; 519; 523 535; 536; 537
	Bogoloff vai para lá	IX; IX; X;	538; 539; 548;
	Gama Silveira era engenheiro lá	X	543
Estado das Tâmaras	Xandu queria chefia lá	IX	536
EUA	Comparação com a política brasileira	V	473
Europa	Citação sobre a ida à Europa do proprietário do Diário	II	429
	Cunhado de Numa estava na Europa	II	430
	Sobre a escravidão no Brasil	VI	488
	Bogoloff queria empregados europeus	VII	508
	Comentário sobre os países europeus	VIII	514
	Bentes tinha ido para a Europa	VIII	525
Europa	Sobre os animais europeus	V	471
Guaxupé	Sobre o projeto de formação do Estado de Guaxupé (projeto 224-A)	I	417
Itália	Sobre os imigrantes da Cidade Nova	III	450
Itaoca	Para onde vai Cogominho	I; I; I	421; 422; 423
	Edgarda queria a biografia de Numa no órgão oficial do partido (em Itaoca)	II	434
Jurujuba	Paisagem que se via da casa de Arlete (Flamengo)	VI	490
Mato Grosso	Sobre a venda da estrada de ferro	II; V; VI; X	435; 476; 490; 550
Niterói	Comparação com o Estado das Palmeiras	IV	460
	Benevenuto vê a paisagem	VI	510
Norte	Numa era filho de um empregado de um hospital do Norte	I	419
Palácio das Pitangueiras	Sobre a sucessão presidencial no Estado das Palmeiras	VIII	517
Paraguai	Sobre os enviados para a guerra	VII	498
	Sobre a canção de Dona Florinda	IX	531
Paraná	Caboclos de Dona Florinda eram de lá	IX	527
Paris	Sobre a mulher de Lussigny	X	545
Pernambuco	Político Carneiro embarca para lá	V	470
Petrópolis	Cogominho tinha um cargo lá	II; VIII	430; 520
	Sobre a atividade de Neves (caça)	V	471
	Onde vivia a viúva de Lopo Xavier	VIII; VIII	526; 526
Piabanha	Cidade nobre onde havia atividades de caça	V	471

Portugal	Fuas Bandeiras era emigrado de lá	II	429
	Sobre os imigrantes da Cidade Nova	III	450
Rio Grande do Sul	Caboclos de Dona Florinda eram de lá	IX	527
Roma	Sobre o Numa romano	X	553
Rússia	Bogoloff fala da política comparando com o Brasil	VI; VIII	485; 517
	De onde era Bogoloff	VII	509
Santos	Porto de chegada de escravos	VII	498
Sepotuba	De onde era a família de Cogominho	I; II; IV; IV; V; VIII	421; 431; 434; 458; 467; 471; 520
	De onde era Mme. Forfaible	IX	534
Sernambi	Sobre a sucessão presidencial	VIII	518
Tatuí	Capital do Estado das Palmeiras	IX; IX	538; 540
	Lurecio manda Telegrama	X	545
	Bogoloff vai para lá	X	548
Vestfalia	Fuas pergunta sobre a moradia da viúva de Lopo Xavier	VIII	526

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
HABITAÇÃO E CIDADE	Casa do pai de Numa Lembrava-se bem da casa, caiada, meio de telha vã, meio forrada, com um largo quintal, tendo, aqui e ali, uma árvore, um cajueiro e os urubus teimosos misturados com as aves domésticas. E agora? Habitava um palácio, no meio da abundância, ao lado de uma linda mulher bem educada, onde iria... Muito pode a formatura! Se ele não se fizesse doutor, que seria?... Bem lhe pareceu desde menino, que a carta era a chave da riqueza, uma chave mágica a abrir todas as fechaduras da vida, suavemente, docemente, rapidamente, sem o mais tênue ruído. Uma gazua...	I	426
	Casa de Numa Era um casarão comum, sem movimento, quer na fachada, quer na massa toda do edifício. Muito simplesmente um paralelepípedo, com largas aberturas de portas e janelas, tinha um só pavimento, mas o porão era tão alto que bem se podia contar como outro. Vasto de fato era, e as seis janelas da frente e a situação ao centro do jardim, mais amplo que os comuns, com velhas fruteiras nodosas, corrigiam de algum modo a indigência de sua arquitetura. Tinha uma certa imponência e, demais, com o fundo para a escarpa verde-negra dos contrafortes do Corcovado, o casarão ressaltava, saía, adquiria certa distinção solarenga entre as jovens e acanhadas edificações dos arredores. Não era novo; pertencera aos avós da mulher de Numa e fora edificado aí pelos meados do século passado. O velho Gomes (assim fora conhecido o avô de Edgarda) era português de origem humilde, traficava, enriquecera e se fizera, com os anos, uma potência comercial a cidade. Quando edificou aquele casarão, ainda era roça Botafogo e o fizera amplo e franco como uma casa de campo. Viveu muito e enterrou quase todos os descendentes, exceto a filha, que se casou com o Dr. Neves Cogominho.	II	430
	Após a café e a leitura dos jornais, viera o deputado até a sala de visitas espiares um pouco. Vinha ver pelas janelas a rua que lhe ficava em frente da casa. Antes de espiar o movimento matinal do bairro, quis o acaso que examinasse um pouco os adornos da sala. Aí, parou um pouco, convidado por esse ou aquele móvel. Julgou uns antipáticos, gostou dos antigos, pesados e amplos; examinou os bibelôs e demorou-se a considerar uma estatueta de bronze. Sentada em êxedra, de marfim, uma mulher tinha os braços abertos sobre os ramos da cadeira. O busto estava nu, a parte inferior coberta, e, aos pés, uma coroa de louros. Viu-lhe o olhar perscrutador, a expressão do rosto de serena imaterialidade, a atitude geral de suspensão. Olhou-a ainda demoradamente e descobriu qualquer coisa naquele pedaço de bronze que até ali não tinha sentido nunca. Afastou-se um pouco, examinou um biscuit, um outro bronze; mas, sempre aquela mulher em expectativa, à espera não sei de que atraía o seu exame.	II	431
	A visita de Fuas fê-la adiar de propósito e ocupou toda a manhã em coisas caseiras. Foi ao jardim, correu à chácara, viu bem a horta, porque era ela unicamente quem se interessava por aquelas dependências da casa. O marido, apesar de ter nascido em cidade pequena do interior, não as apreciava; e se ia por ali, passava por sobre os canteiros um olhar distraído e indiferente. Só uma mangueira despertava-lhe interesse e era de antipatia. Ele não notava a beleza da fruteira, os seus grandes ramos alongados como braços, a sua sombra maternal e piedosa; Numa antipatizava com a árvore porque não dava frutos. [...] D. Edgarda viu com prazer a visita de Fuas. Estava no fundo do quintal, mas de lá mesmo pode reconhecê-lo pelo automóvel. Continuou, porém, na	II	434

chácara e não notou a saída do jornalista. Até quase à hora do almoço ficou vendo as hortalças, os preparativos do chacareiro para protegê-las do verão; e, quando deixou a horta, já a mesa estava posta.		
As mulheres afastaram-se, enquanto Numa sentado à cadeira de balanço, fumava, vendo desfazer-se a mesa do almoço. [...] O copeiro acabava de tirar a toalha e sacudiu pela janela lateral as migalhas que tinham ficado nela.	II	439
Casa Mariquinhas		
Foram para a sala e jantar. Sentando-se à mesa Mme. Forfaible descansou a bolsa, tirou as luvas, juntou tudo - lenço, luvas e carteira - e pôs do lado esquerdo. A dona da casa começou a colocar as xícaras; ia e vinha do guarda-louça, para a mesa, conversando.	II	443
Casa Lucrécio		
Barba-de-Bode morava por uma rua daquelas em que os lajedos dos passeios fazem montanhas russas e macadame da rua dá saudades do barro batido. Era a casa comum da Cidade Nova, uma pequena casa com a indefectível rótula, janela, duas alcovas, salas, onde moravam ele, a mulher, uma irmã e um filho menor, além de um hóspede, um russo, o Dr. Bogoloff. Não era das mais povoadas, pois outras havia em que se amontoavam no seu estreito âmbito oito e dez pessoas. A mobília era a mais reduzida possível. Na sala principal, havia duas ou três cadeiras de madeira, com espaldar de grades, a sair de quando em quando do encaixe, ficando na mão do desajeitado como um enorme pente; havia também uma cômoda, com o oratório em cima, onde se acotovelavam muitas imagens de santos, e, cá do lado de fora, queimava uma lamparina e secavam em uma velha xícara ramos de arruda. Na sala de jantar, havia uma larga mesa de pinho, um armário com alguma louça, um grande banco e cromos e folhinhas adornavam as paredes.	II	452-453
Desvencilhou-se da mulher; ela, porém, ainda o deteve na sala de visitas, quase chorando. — Não vá lá, Lucrécio! Não vá! — Deixe-me! Deixe-me! Vocês não sabem o que é ser mulato! Ora bolas! Por aí a porta do quarto que dava para a sala de visitas foi aberta e apareceu o hóspede:	II	455
Casa Macieira		
O bonde avizinhou-se mais: Edgarda saltou e desceu em pouco uma rua transversal que escorregava suavemente pelas abas do morro. Metros após descansava a sua longa mão enluvada no botão da campainha que brilhava, no portão de um amplo "chalet" risonho. A casa toda era cercada pelo jardim e a varanda ao lado desaparecia sob um dossel de trepadeiras.	IV	459
[...] foi recebido Bogoloff no gabinete de trabalho da casa de Santa Teresa. Havia uma mesa rica, cheia de gavetas, com incrustações de marfim e sobre ela, além de objetos próprios para escrever, um ou outro bronze. A mesa era trabalho antigo e de gosto. Havia também um armário envidraçado, meio cheio de livros.	VI	491
Casa de Benevenuto		
[...] dobrou esta e aquela rua e entrou com segurança em uma casa modesta. muito pobre de aparência. Nem preciso era que ela desconfiasse e tomasse precauções, porquanto a rua estava deserta e silenciosa, como sói sempre estar à qualquer hora do dia e da noite. Acresce mais que a casa era conhecida e os seus habitantes sabiam perfeitamente que lá residiam uma velha rapariga e uma filha que viviam de costuras, além do filho que trabalhava, como embarcadão de um paquete. A sala tinha uma pobre mobília e sobravam utensílios de costura. Havia máquinas, manequins. uma mesa para o corte, figurinos, e a mãe e a filha, uma na máquina e a outra à tesoura, trabalhavam distraídas.	IV	465
Edgarda atravessou o corredor e foi à sala de jantar. A casa era pequena, não tinha mais que duas salas e dois quartos, dando um destes para a sala de jantar. Havia de permeio aos aposentos uma área que iluminava mal, tanto um como o outro quarto. Mas, assim mesmo, a casa bastava para o destino que ela tinha merecido.	IV	465
Casa de Arlete		
Morava no Flamengo e tinha uma casa principesca e risonha, que saltava de um jardim bem tosado, olhando Jurujuba do outro lado. Recebia, dava pequenas festas, jogava-se em sua casa e muita moça de boa família teve desejos de lhe ver as salas. Gostava do interior, sabia encantá-lo e aos criados, educava com um jeito peculiar, de modo a tê-los durante anos, sem queixas nem ralhos. Nas salas do seu "chalet", muita cartada política foi jogada, muita traição foi combinada com segurança, pois, em geral, as suas visitas femininas eram de atrizes, cantoras e damas de semelhante jaez, estrangeiras em geral,	VI	490

	<p>tidas por doidivas e mais do que doidivas, sem nenhum interesse pelos destinos do país.</p> <p>Secretaria do Estado Xandu</p> <p>No mesmo dia não procurou Costale, o Xandu; Bogoloff quis degustar a maravilhosa impressão que recebera da meditação política. Se fosse ao ministério talvez ela se obliterasse. procurou-o ao dia seguinte na sua catita Secretaria de Estado.</p> <p>Esperou um pouco na ante-sala com pretensões a luxo e majestade. Havia um busto de Floriano e pelas paredes, em telas médias, um prematuro retrato de Bentes e o de uma senhora, D. Anita Garibaldi, certamente uma glória italiana. Uma coleção de litografias ocupava grande parte de uma parede; eram os retratos dos ministros passados.</p> <p>Pelas cadeiras, havia aquela fisionomias tristes das ante-salas dos ministérios. Pobres e remediados, pretos e brancos, mulheres e crianças, moços e velhos, todos compungidos, incertos, esperavam a graça do Estado quase divina. Uma atmosfera de angústia.</p>		
	<p>Cidade</p> <p>Quando terminou, recebendo abraços, ouvindo aqui e acolá comentários, a sua lembrança ia para a casa paterna, lá no seu Estado longínquo; e agora, passada a emoção da estréia, colecionando parabéns e olhares admirativos, naquela rua que sagra as celebridades nacionais, as recordações lhe voltavam mais vivas e mais cheias de ternura. (Sobre a Rua do Ouvidor)</p>	VI	493
	<p>O ar estava translúcido e fino. A manhã ia adiantada mas tinha ainda um pouco do encanto das primeiras horas. Botafogo é dos lugares do Rio de Janeiro aquele em que mais agradável é o amanhecer. A proximidade do mar e a vizinhança das altas montanhas, cobertas de vegetação, quando o sol é meigo, aí pelas primeiras horas do dia, casam-se, unem-se, fundem-se sob a luz macia e o céu azul, de tal forma que o encanto da manhã é inesquecível. Esqueçemo-nos da áspera e violenta atmosfera das outras horas e mesmo de certas manhãs; deixamo-nos envolver na tênue e carinhosa gaze azulada do momento, totalmente, inteiramente, corpo e alma, idéias e sonhos, como se nos preparássemos para suportar os outros bravios instantes do dia.</p> <p>Aquele dia amanhecera soberbo e quem andasse pelo arrabalde, pouco notaria as pretensiosas fachadas das casas, os gradis pelintras dos jardins, o movimento da criadagem, dos banhistas, para só aspirar o ar, aspirar e vê-lo e também as flores daqueles prudentes jardins minúsculos que bem medem a nossa riqueza, a nossa magnificência e o nosso luxo. (Sobre Botafogo)</p>	I	426
	<p>O café não ficava longe, mas não era visitado pelos “habitués” da Avenida. Ocupava uma velha casa baixa, cujo andar térreo, tendo as paredes violadas em portas, aqui e ali, dava a entender que suportavam com esforço o pavimento superior. Não nascera para aquele destino e as colunas de ferro mal dissimulavam a fadiga. Benevenuto sentou-se e emendou a leitura do jornal que vinha começada. Em uma mesa próxima, um grupo conversava. O recém-chegado não os examinou bem, mas ouviu-lhes a conversa.</p>	II	428
	<p>Lucrécio cumprimentou Benevenuto e seguiu com os companheiros em direitura ao largo de São Francisco. Anoitecia e o largo tinha um maior movimento. Os sinos da igreja soavam Angelus; soavam quase sem ser ouvidos pelos transeuntes apressados, correndo atrás desse ou daquele bonde. A igreja, porém, continuava imóvel, a anunciar, como fazia há séculos e tanto, as Ave-Marias. Barba-deBode lembrou-se de ir para casa, jantar e voltar. Uma força estranha o prendia no centro da cidade. Não se cansava de andar deste para aquele ponto, de subir e descer as escadas da Câmara e dos escritórios, de estar de pé horas e horas; fatigava-se da monotonia do interior, do sossego da sua rua pobre, sem bonde, sem trânsito algum, povoada à tarde pelos brincos das crianças da vizinhança.</p> <p>Não foi; ficou ainda. A noite foi fechando e pelas nesgas abertas pelas ruas no horizonte, ele viu, sem demorar-se vendo, um pouco do crepúsculo rosado.</p> <p>Quando de todo veio a noite, o largo tomou outro aspecto. Eram só mulheres, moças, às duas, às três, às quatro. Eram modistas, eram as costureiras. Quase todas, traindo o ofício no apuro do vestuário, fazendas pobres, mas bem talhadas e provadas; e todas elas gárrulas, louçãs, contentes, como se não tivessem trabalhado doze horas e não trabalhassem. As retardatárias passaram e o largo ficou um instante vazio. Não vinham mais homens aos magotes, nem moças aos bandos, nem dos bondes desembarcavam levas de passageiros. Havia passeantes solitários, homens e mulheres. Paravam nas vitrines, demoravam-se no ponto dos bondes, sempre marchando vagarosamente como se esperassem alguém. Por vezes um deles se encontrava com uma delas, trocavam breves palavras e o caminho de casa era encontrado. A igreja se escondia na</p>	II	448
	<p>Quando de todo veio a noite, o largo tomou outro aspecto. Eram só mulheres, moças, às duas, às três, às quatro. Eram modistas, eram as costureiras. Quase todas, traindo o ofício no apuro do vestuário, fazendas pobres, mas bem talhadas e provadas; e todas elas gárrulas, louçãs, contentes, como se não tivessem trabalhado doze horas e não trabalhassem. As retardatárias passaram e o largo ficou um instante vazio. Não vinham mais homens aos magotes, nem moças aos bandos, nem dos bondes desembarcavam levas de passageiros. Havia passeantes solitários, homens e mulheres. Paravam nas vitrines, demoravam-se no ponto dos bondes, sempre marchando vagarosamente como se esperassem alguém. Por vezes um deles se encontrava com uma delas, trocavam breves palavras e o caminho de casa era encontrado. A igreja se escondia na</p>	II	449

	<p>sombra e a s Escola Politécnica, muito alta, parecia dormir filosoficamente. Lucrécio olhou o relógio e despediu-se dos companheiros. Não gostava daquela hora ali no largo, preferia-a na Avenida, onde sempre encontrava um conhecido ou outro que lhe oferecia de beber.</p>		
	<p>Lucrécio morava na Cidade Nova, naquela triste parte da cidade, de longas ruas quase retas, com uma edificação muito igual de velhas casas de rótula, porta e janela, antigo charco, aterrado com detritos e sedimentos dos morros que a comprimem, bairro quase no coração da cidade, curioso por mais de um aspecto.</p> <p>Muito baixo e comprimido entre as vertentes e contrafortes de Santa Teresa e a cinta de colinas graníticas - Providência, Pinto, Nheco - ainda hoje as chuvas copiosas do estio teimam em encontrar depósito naquela bacia, transformam as vias públicas em regatos barrentos, saltam dos leitos das ruas, invadem, por vezes, as casas; os móveis bóiam e saem pelas janelas ainda boiando, para se perderem no mar, ou irem ao acaso encontrar outros donos.</p> <p>Irregular como é o Rio, não se pode dizer que fique bem ao centro da cidade; é, porém, ponto obrigado de passagem para a Tijuca e adjacências, S. Cristóvão e subúrbios.</p> <p>O velho "aterrado" que conheceu atribulações de fidalgos em caminho do beija-mão de D. João VI, é hoje o Mangue, com asfalto e meios-fios; mas, de quando em quando, manhosamente, o canal enche desde que o céu queira, para lembrar as suas origens aos que passam por elas nos bondes e nos automóveis.</p> <p>A Cidade Nova não teve tempo de acabar de levantar-se do charco que era; não lhe deram tempo para que as águas trouxessem das alturas a quantidade necessária de sedimento: mas ficou sendo o depósito dos detritos da cidade nascente, das raças que nos vão povoando e foram trazidas a estas plagas pelos negreiros, pelos navios de imigrantes, à força e à vontade. A miséria uniu-as ou acamou-as ali; e elas lá afloram com evidência. Ela desfez muito sonho que partiu da Itália e Portugal em busca de riqueza; e, por contrapeso, muita fortuna se fez ali, para continuar a alimentar e excitar esses sonhos.</p> <p>Para os imitadores, nas "revistas" de ano e nos jornais, de velhos e obsoletos folhetins, a população da Cidade Nova é quase que inteiramente de cor, no que se enganam e em tudo o que mais se segue.</p> <p>A Cidade Nova de França Júnior já morreu, como já tinha morrido a do Sargento de Milícias" quando França escreveu.</p> <p>As mesmas razões que levaram a população de cor, livre, a procurá-la, há sessenta anos, levou também a população branca necessitada de imigrantes e seus descendentes, a ir habitá-la também.</p> <p>Em geral, era e ainda é, a população de cor, composta de gente de fracos meios econômicos, que vive de pequenos empregos; tem, portanto, que procurar habitação barata, nas proximidades do lugar onde trabalha e veio daí a sua procura pelas cercanias do aterrado;</p> <p>desde, porém, que a ela se vieram juntar os imigrantes italianos ou e outras procedências, vivendo de pequenos ofícios, pelas mesmas razões eles a procuraram.</p> <p>Já se vê, pois, que, ao lado da população de cor, naturalmente numerosa, há uma grande e forte população branca, especialmente de italianos e descendentes. Não é raro ver-se naquelas ruas, valentes napolitanos a sopesar na cabeça fardos de costuras que levaram a manufaturar em casa; e a marcha esforçada faz os seus grandes argolões de ouro balançarem nas orelhas, tão intensamente que se chega a esperar que chocalhem. Por toda a parte há remendões; e, de manhã, muito antes que o sol se levante, daquelas medíocres casas, daquelas tristes estalagens, saem os vendedores de jornais, com suas correias e bolsas a tiracolo, que são o seu distintivo, saindo também peixeiros e vendedores de hortaliças com os cestos vazios.</p> <p>A nacional, branca ou não, é composta de tipógrafos, de impressores, e contínuos e serventes de repartições, de pequenos empregados públicos ou de casas particulares, que lá moram por encontrar habitação barata e evitar a despesa de condução.</p> <p>Basta examinar um pouco para se verificar a verdade disso e é de admirar que os observadores profissionais não tenham atinado com fato tão evidente.</p> <p>É de ver aquelas ruas pobres, com aquelas linhas de rótulas discretas em casas tão frágeis, dando a impressão de que vão desmoronar-se, mas, de tal modo umas se apoiam nas outras, que duram anos, e constituem um bom emprego de capital. Porque não são tão baratos assim aqueles casebres e a pontualidade no pagamento é regra geral. A não ser aos domingos, a Cidade Nova é sorumbática e cismadora, entre as suas montanhas e com a sua mediocridade burguesa. O namoro, como em toda parte, impera; é feito, porém, com tantas precauções, é cercado de tanto</p>	<p>II</p>	<p>450-451</p>

	<p>mistério, que fica tendo o amor, além de sua tristeza inevitável, uma caligem de crime, de coisa defendida.</p>		
	<p>O bonde ia agora atravessando os Arcos. Sob a luz de um dia brumoso, encoberto, um dia pardo, a cidade se estendia irregular e triste. Bondes, carros, transeuntes passavam por debaixo da arcaria secular. Escachoavam, marulhavam, redemoinhavam como as águas de um rio. As casas eram vistas pelos fundos e os passageiros entravam um pouco na vida íntima dos seus habitantes.</p> <p>Viam-se criadas a lavar, homens em trajes de banho, casais que almoçavam - todas essas cenas familiares iam sendo desvendadas pelo elétrico que rodava devagar, quase roçando as bordas do velho aqueduto do conde de Bobadela.</p> <p>Foi um alívio quando penetrou pelo flanco da montanha de Santa Teresa, guinchando estrepitosamente, vencendo a rampa que o levava morro acima. A cidade se foi vendo melhor. Lá estavam as ruas centrais, cobertas de mercancia; mais além a Cidade Nova; acolá a pedreira de São Diogo, chanfrada, esfolada e roída pela teimosa humanidade; a estrada de ferro, o Manguê...</p> <p>As torres das igrejas subiam aos céus com os seus votos e desejos. Do zimbório da Candelária, muito calmo na sua curva suave, o lanternim olhava tudo aquilo com superioridade e curiosidade e curiosa indiferença.</p> <p>O mar parecia coagulado ou feito de um líquido pesado e espelhante; os navios estavam como incrustados nele e as ilhas pareciam borrões naquele espelho fosco.</p> <p>A vista caía sobre um veículo, um carro, por exemplo, e, dali, poucos metros acima do solo, não se podia perceber se era um "coupé" de luxo ou um carro da Misericórdia, se era uma traquitana de praça ou o "landau" do presidente.</p> <p>Não se separavam bem as pessoas e as coisas: o que se via era aquele ajuntamento, aquela aglomeração, que lá do alto parecia ser uma existência, uma vida, feita de muitas vidas e muitas existências. Não era o palacete ou o cortiço, não era o patrão ou o criado, não era o teatro ou o cemitério, não era o capitalista ou o mendigo; era a cidade, a grande cidade, a soma de trabalho, de riqueza, de miséria, de dores, de crimes de quase quatro séculos contados.</p> <p>O bonde chegou ao largo do Guimarães, e D. Edgarda se viu novamente mergulhada numa atmosfera urbana. Uma praça cercada de casas, "rails" a cruzarem-se, bodegas, armarinhos, um cenário de praça de cidade pequena. O veículo continuou e agora lhe veio pensar para onde marchava aquilo tudo, para que fim, para que destino, se encaminhava o resultado de tanto trabalho e de tanta inteligência empregados na criação, na edificação daquela imensa colmeia humana. Pensava, mas não viu nenhum; não quis, porém, o seu espírito acreditar que tudo o que aquilo representava de inteligência, todo o amor acumulado ali, todo o sofrimento que porejava daquelas paredes e se evolava daqueles telhados, não se destinassem a um remate, a um destino superior qualquer.</p>	IV	458
	<p>O bonde chegou ao largo do Guimarães, e D. Edgarda se viu novamente mergulhada numa atmosfera urbana. Uma praça cercada de casas, "rails" a cruzarem-se, bodegas, armarinhos, um cenário de praça de cidade pequena.</p>	IV	458
	<p>O acaso que traçou a cidade, parece ter deixado aqui e ali pequenas ruas, travessas, becos, próprios aos amores que não podem ser suspeitados.</p> <p>Ao lado das ruas principais, ficam o seu sossego e discrição para asilar os amorosos, evitando-lhes grandes rodeios e afastando as suspeitas de quem os vê por elas.</p> <p>Casas há ainda mais favoráveis aos que amam fora da lei; são as que tem duas ou mais entradas para ruas diferentes. Essas, porém, só são achadas nas ruas centrais, onde o temor de encontrar conhecidos não permite que os apaixonados prudentes as procurem.</p> <p>Contudo, os mais afoitos e menos cautelosos não as desprezam; e, das ruas centrais, escolhem aquelas mais compridas, as que se alongam até o Campo de Santana, em cujas proximidades, então, armam seus ninhos amorosos.</p> <p>Escolhem essas travessas mortas em ruas de pouco movimento e à pouca distância da cidade, e de onde, em dez minutos, possam voltar à rua do Ouvidor.</p> <p>Há sempre uma velha ou um casal complacente, antigos fâmulos da casa, protegidos da senhora ou do amante, que simulam à vizinhança serem donos da casa e acolhem generosamente o amor clandestino.</p>	IV	464
	<p>[...] entretanto, antes que o veículo começasse a trepar a ladeira que existe quase ao fim da velha azinhaga de Mata-Cavalos, ela saltou muito naturalmente, apanhou a calçada, dobrou esta e aquela rua e entrou com segurança em uma casa modesta. muito pobre de aparência.</p>	IV	465

	Afogada no luar, a cidade oferecia um aspecto de paz serena e tranqüilidade satisfeita. Pelas ruas, não havia ninguém e aquelas casas inteiramente fechadas, mudas, tranqüilas, enchiam os dois passageiros de uma suave satisfação. Era como se esquecêsemos que, dentro delas, havia muita angústia, muito tormento, muita paixão e ódio. Verificando isso, tinha-se vontade de que todos nós, toda a humanidade, viesse a dormir assim, pelo séculos em fora...	V	481
	Na sala em que estava, ouviram longinquamente os ruídos das ruas. os zumbidos dos elétricos, o buzinar dos automóveis, o pegão dos mercados, mas, assim mesmo, sentia a palpitação do Rio de Janeiro, capital do Brasil, cheia de comodidades, mas de oposição e de crítica.	VII	505
	O largo da Lapa tinha as sua habitual agitação noturna e o seu trânsito; lá, mais além os Arcos, o aqueduto - um pontilhão sobre o lago infernal em que as almas ardiam como corpos e os corpos como miseráveis fragmentos de palha. Os botequins estavam cheios; as garrafas espoucavam; músicas fanhosas e cansadas esforçavam-se por dar compasso e medida àquela agitação; os carros dormiam às portas dos clubes e os automóveis passavam céleres; o Passeio Público esperava o dia para o encontro dos amorosos e dos namorados inocentes. Benevenuto entrou num café, quis encontrar, no atordoamento e na alegria dos outros, o pensamento calmo que lhe fugia. Um instante viu aquelas mulheres, aqueles chapéus, aquelas plumas; e o seu pensamento continuou triste. A lua se ocultara. Continuou a descer, encaminhou-se para a cidade. Avenida. O Teatro Municipal enterrava-se um pouco mais. Tubos de borracha sobre patins de roda lavavam o asfalto e os lavadores viam com indiferença a sua vagabundagem atormentada. Na estação do Jardim, os bondes demoravam-se mais um pouco a reconhecer o lugar e a rua do Ouvidor já tinha aqui e ali, os seus ambulantes cafés noturnos. Foi no largo de São Francisco que notou alguma coisa de anormal na cidade. Doidas galopadas de moleques, correrias de garotos com a cabeça ao ar provocaram-lhe a curiosidade. As ruas se animavam. Bandos de homens, mulheres, corriam, apressavam o passo. Plácidas travessas de medíocres movimento agitavam-se como em dia de festa. Que era?... Diziam: é grande... é na rua do Senado... na rua do Riachuelo... E ele tinha com grande dificuldade a explicação para aquela estranha excitação de gente de condição mais vária, naquela hora. Que seria? Era um incêndio. Por sobre as casas, viu um penacho de nuvens negras, às vezes, na base, percebia-se uma barra alaranjada de ouro. Tomou um bonde no Campo de Sant'Ana, distinguiu nitidamente o incêndio. Existiam no edifício queimado ingredientes químicos. Era deslumbrante. No fogaréu havia tal variedade de vermelho que foi como se coroasse o cone ardente de um vulcão em erupção. No núcleo central, por cima dos telhados, a chama era rubra com os tons de ouro, para as bordas, cor de laranja; e, alçando-se assim, quase ao tope do morro que iluminava, transformava-se em novelos negros, leves, a voar, ao vento ligeiro que soprava.	VII	511
	Sentado, o visitante olhou a casa, os móveis pobres, tirou o pince-nez e enxugou em seguida o suor do rosto. A mulher de Lucrécio voltou logo e ele pode dizer: — Este Rio está muito mudado. Quase não o conhecia mais... Reformaram quase todo.— Há muito que não fazem outra coisa senão por abaixo casas... E as coisas encarecem de uma forma, meu senhor, que não sei onde iremos parar.	X	543
	Teve a ocasião na sua lenta volta, de verificar Bogoloff que todas as cidades do Brasil se parecem, tem a mesma fisionomia, possuem casas edificadas da mesma forma e até as ruas têm os mesmo nomes e os apelidos das lojas de comércio são os mesmos. Um país tão vasto, que se desenvolveu através de climas e regiões tão diferentes, é, entretanto, nos seus aspectos sociais, monótono e uno. Já tinha o russo notado isso na sua viagem para o Estado das Palmeiras, e, na volta, foi que se certificou com vagar.	X	545
	Bastos		
	Bastos, o seu poderoso e temido chefe, que detinha o domínio político do país, hesitava em apoiar ou contrariar francamente [...]	I	415
	Numa Pompílio de Castro		
	Apesar de nome tão auspicioso para o ofício de legislador, os próprios contínuos não lhe guardavam com facilidade nem o nome nem os traços fisionômicos. Durante muito tempo, chamaram-no de Nuno; e, nos primeiros meses de seu mandato, freqüentemente impediram-lhe a entrada em certas dependências, a menos que o fizesse pela porta por onde penetrara na véspera. Reconhecido e empossado, não deu sinal de si durante o primeiro ano e meio de legislatura. Passou todos esses longos meses a dormir na sua bancada, pouco conversando, enigmático,	I	416

P E R S O N A G E N S	votando automaticamente com o líder e designado pelos informados como - O genro do Cogominho.		
	<p>Numa Pompílio de Castro, a recente glória da tribuna política nacional, cuja biografia ocupou quatro páginas da Os Sucessos, não tinha história nem interessante nem longa. Filho de um pequeno empregado de um hospital do Norte, fizera-se bacharel em Direito à custa das maiores privações. Logo menino, não lhe solicitaram os lados extraordinários da vida. Embora humilde não foram as cumeadas da vida que ele viu. Viu a formatura, o doutorado, isto é, ser um dos brâmanes privilegiados, dominando sem grande luta e provas de valor, pois, com ele, afastava uma grande parte dos concorrentes.</p> <p>O filho do escrivão, desprezado pelos doutores, percebeu logo que era preciso ser doutor fosse como fosse.</p> <p>Arranjou daqui e dali os preparatórios; e, durante o curso, levou a mais miserável vida que se pode imaginar. Alimentava-se dias inteiros de café e pão, dormia em ciam de jornais, mas não deixava jamais de ir às aulas, de sentar-se ao banco da música, de fazer perguntas ao lente e prestar exames.</p> <p>De quando em quando, arranjava um emprego efêmero, lições e munia-se de roupa. Formou-se aos vinte e quatro anos, tendo vivido desde os dezesseis sobre si.</p>	I	419
	<p>Era de supor que Numa esperasse por tudo isso, mas não pedia tanto a sua ambição de posição e dinheiro. Nela, não havia necessidade interna de grandeza, de luxo, de comodidade, de magnificência; havia tão somente preguiça, preguiça física preguiça mental, vontade de ficar a coberto dos vaivéns da sorte, das rebordosas, o pavor nacional do dia de amanhã. Ficou estranho à casa, às alfaia e continuou com os seus hábitos medíocres.</p>	II	431
	Pieterzoon		
	O deputado Pieterzoon, um gordo descendente de holandês, mas cuja malícia não tinham nem o peso do seu corpo, nem o da sua raça, disse certa vez: —Numa ainda não ouviu a Ninfa; quando o fizer - ai de nós!	I	416
	Costa		
	<p>Este Costa era funcionário público e fora da Escola Militar, donde trouxera uma fórmulas positivistas e um forte crença nos efeitos milagrosos da palavra república. Havia no seu feitio mental uma grande incapacidade para a crítica, para a comparação e fazia depender toda a felicidade da população numa simples modificação na forma de transmissão da chefia do Estado. Passara pelos jacobinos, florianistas e tinha a intolerância que os caracteriza, e a ferocidade política que os caracterizou.</p>	I	418
	Fuas Bandeira		
	<p>Fuas Bandeira era português de nascimento e desde muito se achava no Brasil, metido em coisas de jornal. Homem inteligente, não era nem ignorante, nem instruído. Tinha a instrução e a inteligência de homem de comércio e pusera na sua atividade jornalística o seu espírito e educação comerciais. Escrevia, mas escrevia como um guarda-livros hábil. A influência da correspondência sentia-se bem na sua redação econômica de pontos, períodos longos, procurando dizer tudo sem suspender a pena.</p> <p>Emigrado de Portugal, por motivos suspeitos, tendo recebido unicamente os princípios da educação secundária, Fuas foi durante muito tempo um fura-vidas sem felicidade. Sucessivamente guarda-livros, gerente de frontões, professor de montar em velocípedes de que era alugador, editor de pequenas revistas, concessionário de patentes que escondiam jogos de azar, um belo dia a magnanimidade de um patricio fê-lo empregado da gerência do Diário, mais tarde gerente e, quando o proprietário foi à Europa, deu-lhe procuração em causa própria para tratar dos negócios da empresa; e Fuas se serviu do instrumento para se apossar dos cabedais do protetor, não só dos que giravam na empresa, como dos particulares que ele soube, com a mais requintada má-fé e com a ousadia de ladrão profissional, arrancar à inexperiência de uma velha parenta do seu benfeitor e amigo, sob cuja guarda estavam.</p> <p>Voltando precipitadamente o proprietário que fora prevenido dos desvios dos seus bens, levado a efeito pelo procurador infiel, reclamou imediatamente a restituição dos haveres, sob pena de queixar-se à polícia. Fuas foi ter com o chefe de Estado que ordenou ao Tesouro fornecer-lhe os fundos necessários. Daí em diante sua fortuna estava feita e os seus processos de foliculário firmemente estabelecidos. Nunca mais lhe faltou dinheiro, e muito sempre obteve, por este ou aquele meio escuso e cínico. Apesar disto, a sua folha sempre andava em concordatas, devendo ao pessoal; o que, a todos, causava admiração, pois Fuas, ao que diziam, tinha até aí, recebido de vários governos do Brasil cerca de três mil contos. Não é de espantar, quando se considera que só da vez que em que seu viu atropalhado com o antigo proprietário do Diário, ele conseguiu em dias, graças às ordens do Presidente da República, obter quase mil e quinhentos contos. Todo esse dinheiro que ele cavava, empregava em aparentar</p>	II	429

	largueza, peitar disfarçadamente os influentes e mais depressa perdia cinqüenta contos no jogo do que pagava, dos três em atraso, um mês à reportagem. Era preciso não perder a linha...		
	Lucrécio Barba-de-Bode		
	Lucrécio, ou melhor: Lucrécio Barba-de-Bode, por sua alcunha, que tão intempestivamente interrompia o almoço do deputado Numa Pompílio, não era propriamente um político, mas fazia parte da política e tinha o papel de ligá-la às classes populares. Era um mulato moço, nascido por aí, carpinteiro de profissão, mas de há muito não exercia o ofício. Um conhecido, certo dia, disse-lhe que ele era bem tolo em estar trabalhando que nem um mouro; que isso de ofício não dava nada; que se metesse em política. Lucrécio julgava que esse negócio de política era para os graúdos, mas o amigo lhe afirmou que todos tinham direito a ela, estava na Constituição.	II	436
	Benevenuto		
	Benevenuto não fazia versos nem coisa alguma. A sua preocupação era mesmo não fazer nada. Não tinha isso como sistema e até estimava que os outros o fizessem. Era o seu modo de viver, modo seu, porque se julgava defeituoso de inteligência para fazer qualquer coisa e inútil fazê-la desde que fosse defeituoso. Gastara uma parte da fortuna em prodigalidades e ações vulgares e ganhara a fama de extravagante. Moço, ilustrado, a par de tudo, rico ainda, podia bem viver fora do Rio, mas dava-se mal fora dele, sentia-se desarraigado, se não respirasse a atmosfera dos amigos, dos inimigos, dos conhecidos, das tolices e bobagens do país. Lia, cansava-se de ler, passeava por toda a parte, bebia aqui e ali, às vezes mesmo embebedava-se, ninguém lhe conhecia amores e as confeitarias o tinham por literato. Não evitava conversas, tinha relações em toda a parte e, por sinal, depois de passar por Mme. Forfaible e Albuquerque, encontrou o Inácio Costa, com quem foi tomar café.	II	445
R E N D A S	Voltando precipitadamente o proprietário que fora prevenido dos desvios dos seus bens, levado a efeito pelo procurador infiel, reclamou imediatamente a restituição dos haveres, sob pena de queixar-se à polícia. Fuas foi ter com o chefe de Estado que ordenou ao Tesouro fornecer-lhe os fundos necessários. Daí em diante sua fortuna estava feita e os seus processos de foliculário firmemente estabelecidos. Nunca mais lhe faltou dinheiro, e muito sempre obteve, por este ou aquele meio escuso e cínico. Apesar disto, a sua folha sempre andava em concordatas, devendo ao pessoal; o que, a todos, causava admiração, pois Fuas, ao que diziam, tinha até aí, recebido de vários governos do Brasil cerca de três mil contos. Não é de espantar, quando se considera que só da vez que em que seu viu atrapalhado com o antigo proprietário do Diário, ele conseguiu em dias, graças às ordens do Presidente da República, obter quase mil e quinhentos contos. Todo esse dinheiro que ele cavava, empregava em aparentar largueza, peitar disfarçadamente os influentes e mais depressa perdia cinqüenta contos no jogo do que pagava, dos três em atraso, um mês à reportagem. Era preciso não perder a linha... (Sobre Fuas Bandeira)	II	429
	— Esperar! Como? Pois se vai casar-se brevemente, como pode esperar? A fortuna dele é insignificante e o emprego que tem rende a ninharia de novecentos mil réis. Preciso fazê-lo deputado quanto antes... Havemos de ver.	VI	493
	Não se demorou muito Bogoloff em organizá-lo com todo o capricho. Nele, além de muitas coisas, exigia dez auxiliares hábeis, práticos e sabidos na bioquímica, os quais deviam ser contratados na Europa; exigia também um numeroso pessoal subalterno; pedia uma fazenda e uma grande verba para material e aparelhos. Só em pessoal gastavam-se quatrocentos contos e outro tanto com a fazenda, aparelhos e material. Fuas, sabedor do caso, pôs algumas observações no seu jornal, sobre a criação da Estação Experimental da Reversão Animal e Quadruplicação do Bois. O russo procurou-o, os comentários cessaram e Fuas ficou encarregado da aquisição da fazenda, material e aparelhos. Vencido esse pequeno tropeço, Bogoloff procurou o ministro, a quem apresentou o orçamento.	VII	508
R E L I G I A O	<i>Não há referências religiosas relevantes no romance</i>		
T R A N	O bonde ia agora atravessando os Arcos. Sob a luz de um dia brumoso, encoberto, um dia pardo, a cidade se estendia irregular e triste. Bondes, carros, transeuntes passavam por debaixo da arcaria secular. Escachoavam, marulhavam, redemoinhavam como as águas de um rio. As	IV	457

S P O R T E S	casas eram vistas pelos fundos e os passageiros entravam um pouco na vida íntima dos seus habitantes.		
	[...] O bonde galgava a montanha relinchando longamente, traindo o esforço que fazia, e aproximava-se da residência do Dr. Macieira Galvão.	IV	458
	D. Edgarda já estava no bonde que parou um pouco adiante para dar entrada a um senhor alto que todos os passageiros cumprimentaram.	IV	462
	Juntos atravessaram as salas e, em breve, estavam na rua, onde um luxuoso automóvel esperava entre a fila de muitos outros. Sem esperar que o ajudante abrisse a portinhola, Chaveco a foi abrindo e convidou:	V	481
	Lucrecio e Bogoloff logo o encontraram na primeira esquina, pouco depois de saltarem do bonde.	VI	487
	Xandu passou no desfile, sentado sobre o selote de uma “charrua-tílburi”, que governava com a naturalidade e elegância de quem guia um “tonneau” num parque de luxo.	IX	531
C O S T U M E S	Educação		
	Sua jovem mulher empregava o ócio matrimonial fazendo visitas, correndo casa de modas, assistindo a sessões cinematográficas. Havia ente ambos uma efusiva simpatia. Não era bem marido e mulher; eram pai e filha. Mais do que a diferença de idade, cerca do dobro entre os dois, determinava esse aspecto de suas relações a diferença de temperamento. O general era bonachão, simplório, lento de espírito, já um tanto desmilitarizado; a mulher, porém, era viva, convencida dos bordados do marido e das prerrogativas que os dourados lhe davam. (Sobre o casamento do General Forfaible e sua mulher)	II	442
	O namoro, como em toda parte, impera; é feito, porém, com tantas precauções, é cercado de tanto mistério, que fica tendo o amor, além de sua tristeza inevitável, uma caligem de crime, de coisa defendida. Por parte dos pais, dada a sua condição, há o temor de sedução, da desonra e a vigilância se opera com redobrado vigor sobre as filhas; e, para vencê-la, há os processos avelhantados da linguagem das flores, dos meneios do leque e da bengala, e o geral, aos bairros, do “abarracamento”. Não é verdade como fazem crer os panurgianos de “revistas” e folhetins “surrenês”, que os seus bailes sejam coisas licenciosas. Há neles até exagero de vigilância materna ou paterna, de preceitos, de regras costumeiras de grupo social inferior que realiza a criação ou a invenção. Mais do que neles, nos grandes bailes luxuosos teria razão o árabe de Anatole France. (Sobre o namoro na Cidade Nova)	II	451
	Quem o visse falar assim e mesmo na tribuna, não suporia que toda a sua educação e instrução se fizera nos comícios, clubes eleitorais e assembléias políticas; e fora neles que aprendera desde as boas maneiras até finanças, desde noções de aritmética até literatura - o bastante para ser uma notabilidade política, com influência e vencendo todos os obstáculos à manutenção de sua situação. (Sobre o doutor Carlos Gerpes)	IV	462
	Lazer, passeios e costumes		
	A mulher lia, lia muito e ele, a princípio, admirou-se muito com aquela leitura. Para quê? Não sabia bem que prazer pudesse ela encontrar nos livros com os quais só lidou por obrigação... Nada disse, no entanto; ambos se entenderam e ele mesmo, as mais das vezes, se prontificou a trazer este ou aquele volume. (Sobre a mulher de Numa).	I	424
	O jornal do “bicho” é procurado e lido; é o mensageiro da abundância, é a esperança de salvar compromissos e poderosamente concorre para a realização de casamentos e batizados. A nossa triste humanidade sempre pôs grandes esperanças no Acaso... Se uma viúva, tem que casar a filha e meios não lhe sobram, só um recurso há: acertar no “bicho”, na dezena e centena, com o auxílio do jornal bem informado. Os redatores desses jornais vivem assediados de cartas, pedindo palpites nas dezenas e centenas; e, nestas cartas, os missivistas, em geral do sexo feminino, confessam as suas misérias e necessidades, mais íntimas, segredos do coração. O primeiro cuidado da mulher de Lucrecio e da irmã era comprar o jornal e, muitas vezes, sem dinheiro para jogar, compravam por prazer e devoção.	II	453
	Já vivia em “collage” com Macieira, nesse tempo deputado, fraco de recursos, mal podendo sustentar as duas casas com o subsídio. O seu fraco era jogar pôquer e, nas rodas de pôquer, conhecera Fuas Bandeira, com quem travara amizade. Os dois aos poucos, firmaram relações solidamente e jogavam clandestinamente de parceriada.	VI	489
	Fuas e Macieira, com outros parceiros, entre os quais o mais assíduo era o major Crótalo, formavam lá, quase diariamente uma mesa de pôquer, onde se jogavam contos de réis; e foi em uma dessas partidas que se decidiu adotar Bentes como “belier” contra a chapeada teimosia em que estava o “Velho” na candidatura de Xisto.	vi	490
E	Ele - que mal conhecia a história daquelas águas e a das terras que	VI	488

S C R A V I D Ã O	banhavam - só se lembrou que estava ali o mar da escravidão moderna, o mar dos negreiros, que assistira durante três séculos o drama de sangue, de opressão e de morte, o sinistro drama do aproveitamento das terras da América pelas gentes da Europa.		
	Outra fonte de irritação para esses espíritos diplomáticos estava nos pretos. Dizer um viajante que vira pretos, perguntar uma senhora num "hall" de hotel se os brasileiros eram pretos, dizer que o Brasil tinha uma grande população de cor, eram causas para zangas fortes e tirar o sono a estadistas aclamados. Ainda aí havia um lamentável esquecimento de um fato de pequena observação. Hão de concordar esses cândidos espíritos diplomáticos que o Brasil recebeu durante séculos muitos milhões de negros e que esses milhões não eram estéreis; hão de concordar que os pretos são gente muito diferentes dos europeus; sendo assim, os viajantes pouco afeitos a essa raça de homens, hão de se impressionar com eles. Os diplomatas e jornalistas que se sentiam ofendidos com a verdade tão simplesmente corriqueira, esqueciam tristemente que por sua vez a zanga ofendia os seus compatriotas de cor; que essa rezinga queria dizer que estes últimos eram a vergonha do Brasil e seu desaparecimento uma necessidade.	VI	497-498
P O L Í T I C A	<i>Todo o romance possui crítica política, sendo esta presente em inúmeros trechos. Aqui se reproduz alguns dos que pareceram mais interessantes.</i>		
	Ainda uma vez ele não compreendia esse negócio de política e ainda uma vez sentia bem que, ao contrário dos que abraçam uma qualquer profissão, os políticos não pretendem nunca realizar o que a política supõe, e isto logo ao começarem. Singular e honesta gente! Que se diria de um médico que não pretendesse curar os seus doentes? (Pensamentos de Benevenuto)	II	447
	A fortuna de Totonho seguiu-se a do seu protetor Campelo, o Dr. Campelo. Não tendo sido possível dar a este um lugar de deputado, foi feito professor de meteorologia da Escola de Agricultura e diretor das Fundições da Ponta da Areia. Era bacharel em Direito, advogado sem renome, mas dispunha do bando de Totonho, que influía nas eleições da Lapa. Esse bando tinha uma existências duradoura e aliava-se a este ou àquele candidato, por mais ou menos tempo, às vezes desinteressadamente, conforme a fé que tinha na lealdade deles. Nem todos mereciam-lhe essa consideração de candidato. Uma das condições era ser bacharel, advogado, relacionado na política e fora dela, garantindo proteção para casas de jogo, para delegados e para absolvições. Nas mais das vezes, como acontecia com Campelo, o candidato não podia garantir coisa alguma, sobretudo quanto ao júri. É verdade que muitos são ali prisioneiros políticos deste ou daquele, mas não é tão difícil juntá-los em conselho que essa proteção é mais uma burla com que os candidatos incitam os seus apaniguados a desordens e assassinatos, esperançados com a impunidade. Totonho era encarregado de várias casas de cômodos e estalagens; e, na pobreza dos seus inquilinos e nas suas necessidades, arrepanhava eleitores, "fósforos" e desordeiros úteis. Campelo juntara-se-lhe desde muito e Totonho punha muita esperança na estrela do doutor. De resto, este era delicado, acessível, apertava a mão de toda a gente, vestia-se bem, supondo-se até bonito; e com tantas qualidades não podia deixar de ir longe.	VI	485
	Seria difícil a Bogoloff explicar ao amigo as diferenças e as semelhanças existentes entre o mecanismo político da Rússia e o do Brasil; uma diferença, porém, logo notou naquela procura de um médico para pleitear eleições de vereadores. Só o mandonismo republicano com a sua concepção estupidamente cruel da política, é que podia lembrar-se de transformar comícios eleitorais em emboscadas de salteadores, com um médico entre eles. Curiosa piedade	VI	487
	Macieira prosperou e foi fazendo a sua carreira na política e nos arredores da política: gorjetas em concessões, advocacias duvidosas e o mais semelhante. Essa pequena anedota poucos conhecem, mas a sua ligação era quase pública.	VI	489
	Liberato era coronel da Guarda Nacional e o velho chefe político de uma longínqua freguesia do Rio de Janeiro. Nela, em Cambuci, estava habituado a vencer ou simular vencer, sem protesto, as eleições. De uns tempos a esta parte, porém, o seu prestígio decaía e os eleitores se insurgiam contra o seu mando infecundo e nocivo. Tendo chegado a época de escolher novos vereadores, Liberato temeu uma derrota mais completa, tanto mais que Cambuci, como o resto do país, se rebelava contra a ascensão de Bentes. Liberato, logo em começo, avariado como estava no seu prestígio, tratou de hipotecar seus préstimos a Bentes, por intermédio de Campelo. Escusado é dizer que foram bem recebidos e em troca ele pode contar com o apoio incondicional dos promotores da candidatura Bentes. Aproximando-se o dia da eleição dos vereadores, Liberato verificou que, apesar das ameaças, muitas seções do seu distrito não lhe registrariam	VIII	513

	votos de que precisava para a vitória total. Convém não esquecer que as eleições são as mais vezes simuladas, que os mesários as fazem ao sabor de suas conveniências partidárias e raro se consegue apurar a votação que as urnas recebem efetivamente. Sabendo que algumas seções resistiam às suas ameaças e ao suborno governamental, Liberato entendeu-se com Campelo e outros chefes de primeira categoria que o animaram a proceder das forma que entendesse, contando que o partido fosse o vencedor		
--	---	--	--

Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Arsenal da Marinha	Sobre o trabalho lá, comparativamente ao dos ministros	X	614
Avenida Beira-Mar	Citação da vista do Passeio Público	I	564
Avenida Central	Para onde vão Gonzaga e Machado depois de jantarem	X	617
Barbonos (rua dos)	Caminho de Gonzaga e Machado	I	566
Barracão da Guarda Velha	Onde haveria espetáculo pelo feriado nacional	XI	618
Botafogo	Crítica de Gonzaga aos que só conhecem isso do Rio	IV	574
	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V; V	578; 578
	A moça do Campo de Sant'Anna cheirava ao balcão do Botafogo	VI	581
	Comparação das casas suburbanas com os palacetes de Botafogo	IX	604
	Comentário de Machado comparando a Buenos Aires	IX	606
	Comparação de seu luxo com os menos luxuosos	X	614
	Citação da história imaginada de alguém rico	X	615
Café Papagaio	Machado estava numa tarde lá	IX	598
Cais dos Mineiros	Sobre as comunicações antes do trem	IV	576
Caju	Onde vão enterrar o defunto	X	610
Cambambe (Ilha)	Vista do trem que estão Gonzaga e Machado	IV	576
Campo de Sant'Anna	Deodoro havia proclamado a república lá	II	569
	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
	Machado e Gonzaga estão conversando	VI; VI	580; 581
	Caminho de Machado para sua casa	XI	618
Candelária	Caminho de Machado para a casa de Gonzaga	VII	587
Cascadura	Gonzaga assinava revista de lá	VII; VII; VII	589; 590; 590
Cassino	Comentário do último rolo do Cassino	IX	599
	Reflexões sobre o luxo das mulheres	XI	626
Castelo	Gonzaga vai lá contemplar um castelo	V	577
	Sobre a formação do Rio	V	578
Catete	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
	Tropas desfilariam lá no feriado	XI; XI	618; 620
	Perto de onde tomaram o bonde Gonzaga e Machado	XI	629
Catumbi	Citação sobre a vida de Petrópolis	IV	575
Central	Machado vê Gonzaga caminhar	V	576
	Saltam todos na Central para o enterro do compadre	X	610
Chafariz do Mestre Valentim	Gonzaga o avalia	III	572
Cidade Nova	Citação sobre a vida de Petrópolis	IV	575
Convento de Santa Teresa	Vista no caminho de Gonzaga e Machado	I	566
Copacabana	Sobre a distância até Meier (reflexão sobre o aspecto da cidade do Rio)	V	577
	Machado está com Gonzaga num Botequim	VII	586
Engenho da Penha	Passeio de Gonzaga e Machado enquanto conversam	IV	574
Engenho Novo	Destino do trem que estavam Gonzaga e Machado	IX	602
Escola Central	Pai de Gonzaga havia lecionado lá	VIII	595
Escola Politécnica (Mecânica)	Referência a um professor de lá	Explicação necessária	559
Estação do Rocha	Caminho de Gonzaga e Machado para o enterro	IX	602
Fundão	Sobre a localização do Engenho da Penha	IV	574
Galeão	Sobre a localização do Engenho da Penha	IV; IV	574; 574
	Paisagem do trem que estão Gonzaga e Machado	IV	576
Gamboa	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
Garnier	Gonzaga quer ir lá	VI	584
Gávea	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
Glória	Citação da vista do Passeio Público	I	564
	Vista do jardim da casa de Gonzaga	I	567
Guaratiba (Morro de)	Vista da casa de Gonzaga	XI	623
Ilha do Governador	Sobre a localização do Engenho da Penha	IV	574

	Sobre a localização do Engenho da Penha	IV	574
	Sobre a morte de Estácio de Sá	IV	576
Imperial Colégio Dom Pedro II	(Dado como antigo) – Gonzaga era bacharel em letras por lá	II	568
Jardim Botânico	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
Jôquei	Passeio de Gonzaga e Machado enquanto conversam	IV	574
Lapa	Vista do jardim da casa de Gonzaga	I	567
Laranjeiras	Sobre a distância até Rio Comprido (reflexão sobre o aspecto da cidade do Rio)	V	578
Largo da Glória	Caminho de Machado voltando da casa de Gonzaga	VIII	597
Largo de São Francisco	Machado e Gonzaga tomam o bonde	IX	601
Largo do Paço	Local da conversa de Gonzaga e Machado	III	572
Largo do Rossio	Caminho de Gonzaga e Machado	VI	584
	Machado se perde no caminho	XI	620
Leopoldina (estação)	Passeio de Gonzaga e Machado enquanto conversam	IV	574
Lírico (Teatro)	Citação da lembrança de D. Escolástica	VIII; VIII; VIII	597; 597; 597
	Gonzaga e Machado lá vão	XI; XI	625; 626
	Comentário sobre os frequentadores dos teatros	XI; XI	628; 629
Meier	Sobre a distância até Copacabana (reflexão sobre o aspecto da cidade do Rio)	V	577
Nheco	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
Pão de Açúcar	Citação da vista do Passeio Público	I	564
Passeio Público	Vista no caminho de Machado voltando da casa de Gonzaga	VIII	597
	Encontro de Gonzaga e Augusto Machado	I; I	564; 564
	Gonzaga quer ir lá passear	X	613
Pavilhão Monroe	Caminho de Gonzaga e Machado depois de jantarem	X	617
Pavilhão Mourisco	Reflexões de Machado	XI	620
Pedregulho	Passeio de Gonzaga e Machado enquanto conversam	IV	574
Pedro II (Teatro)	Machado comenta sobre suas idas lá	XI	626
Piedade (estação)	Sobre o homem que estava no trilho do trem	VII; VII	588; 588
Pinto	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
Prainha	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
Providência	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
Provisório	Citação da lembrança de D. Escolástica	VIII; VIII	596; 597
	Comentário sobre os frequentadores dos teatros	XI	628
Real Grandeza	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
Rio Comprido	Sobre a distância até Laranjeiras (reflexão sobre o aspecto da cidade do Rio)	V	578
Rua Bento Lisboa	Perto de onde tomaram o bonde Gonzaga e Machado	XI	629
Rua da Alfândega	Sobre os casarões de lá	V	579
Rua da Carioca	Sobre uma peça de teatro	IX	600
Rua da Constituição	Caminho de Gonzaga e Machado	VI	584
Rua da Lapa	Caminho do bonde que tomaram os dois amigos	XI	630
Rua de São Cristóvão	Caminho para o cemitério de Caju	X	611
Rua do Catete	Caminho de Machado voltando da casa de Gonzaga	VIII	597
Rua do Ouvidor	Gonzaga diz que vai gritar pela rua sobre sua origem	IV	574
	A moça do Campo de Sant'Anna cheirava à Rua do Ouvidor	VI	581
	Gonzaga e Machado vão em direção a	VI	584
	Reflexões de Machado sobre as mulheres	IX	598
	Pensamento de Machado sobre a moça que apreciava	IX	606
Rua General Câmara	Sobre os casarões de lá	V	579
Rua Gonçalves Dias	Machado observa as mulheres desfilar	IX	598
Rua Larga	Descrição da paisagem noturna de domingo	X	617
Rua Primeiro de Março	Reflexões de Machado sobre as mulheres	IX	598
Rua Senador Dantas	Carros que chegavam ao teatro apareciam por ela	XI	625
Santa Teresa	Caminho de Gonzaga e Machado	I	566
	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
	Casa de Gonzaga	VII	587
	Perto de onde tomaram o bonde Gonzaga e Machado	XI	629
São Cristóvão	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
Saúde	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
	Sobre a formação do Rio	V	579
Teatro Provisório	Gonzaga mostra a Machado onde é	VI	580
Tijuca	Crítica de Gonzaga aos que só conhecem isso do Rio	IV	574
	Reflexão sobre a cidade do Rio e suas distâncias	V	578
	Comparação de seu luxo com os menos luxuosos	X	614
Valongo	Sobre a formação do Rio	V	579
Villegagnon	Citação da vista do Passeio Público	I	564
Zé dos Bifes	Sobre uma peça de teatro	IX	600

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
África	Origem da família de Augusto Machado	I	565
	Reflexões de Machado vendo a paisagem	X	613
Amapá	Sobre Juca Paranhos	VI	580
América	Reflexões de Machado sobre as mulheres	IX	598
	Sobre seu descobrimento (estudos de Aleixo no colégio)	XII; XII; XII; XII; XII; XII	631; 631; 631; 631; 631; 631
América do Sul	Explanações de Gonzaga	II	570
Armação	Citação da vista do Passeio Público	I	564
	Vista do jardim da casa de Gonzaga	I	567
Ásia	Reflexões de Machado vendo a paisagem	X	613
Bahia	Irmã de Gonzaga ainda vivia lá	VIII	595
Belém	Sobre o caso do bispo que reclamou sobre o número de tiros de salva	I	561
Birmânia	Sobre os cultos de cada religião	I	562
Boa Viagem	Citação da vista do Passeio Público	I	564
Bom Sucesso	Gonzaga e Machado tomam o trem para lá	IV	574
Bordeaux	Reflexões de Machado sobre as mulheres	IX	598
Brasil	Citação sobre os estudiosos brasileiros	II	569
	Sobre o símbolo do Reino do Brasil	III	572
	Sobre os jornais brasileiros	IV	573
	Citação numa revista	VII	589
	Sobre o serviço no Ministério dos Cultos	VII	585
	Reflexões de Machado sobre as mulheres	IX; IX; IX	599; 599; 599
	Machado vê bandeiras	XI	618
	Sobre a paixão de Xisto pela legislação cultural	XI	620
	O Lírico era o ponto mais elegante do país	XI	626
	Reflexões de Machado	XI	629
	Aleixo Manuel estudava História do Brasil no colégio	XII; XII; XII; XII; XII; XII; XII; XII	630; 631; 631; 631; 631; 631; 631; 631
	Referencia aos sábios brasileiros	XII	632
Buenos Aires	Comentário de Machado comparando a Botafogo	IX	606
China	Sobre o regulamentos dos cultos	I	561
	Reflexões de Machado vendo a paisagem	X	613
Cruz Alta	Pedreira era professor lá	IX	600
Egito	Comparação do Rio com o Egito	VI	580
	Reflexões de Machado vendo a paisagem	X	613
Estados Unidos	Sobre as cidades serem diferentes	V	277
Estrela	Sobre a formação do Rio	V	579
Europa	Sobre o caso do escrivão que foi para lá	II	569
	Reflexões de Gonzaga sobre o caso da costureira	VI	582
	Quando jovem, Gonzaga queria ir para lá	VI	583
	Sobre os estudos em suas universidades	IX	608
	Reflexões de Machado vendo a paisagem	X; X	613; 613
	Sobre os camponeses que sofrem	X	614
França	A avó de Gonzaga tinha vivido lá	VIII	592
Havre	Reflexões de Machado sobre as mulheres	IX	598
Holanda	Sobre os chalés nos subúrbios	IX	604
Ilhas de Sonda	Sobre Maomé, reflexões de Machado	X	616
Inhomirim	Sobre as comunicações antes do trem	IV	576
	Sobre a formação do Rio	V	579
Jurujuba	Citação da vista do Passeio Público	I	564
México	Reflexões sobre o luxo das mulheres	XI	626
Minas	Machado escreve carta para parentes lá	III	572
	Sobre as lavras de Minas	V	578
Montenegro	Sobre o regulamentos dos cultos	I	561
Mortona (?)	Reflexão de Gonzaga sobre as pessoas felizes	VI; VI	583; 584
Niterói	Citação da vista do Passeio Público	I	564
	Vista do jardim da casa de Gonzaga	I	567
	Machado vê Gonzaga caminhar	V	576
	Sala de visitas de Gonzaga tinha vista para lá	VIII	595
	Comentário de Gonzaga sobre um almirante	XI	627
Oceania	Reflexões de Machado vendo a paisagem	X	613
Órgãos	Sobre a localização do Engenho da Penha	IV	574
Paraguai	Citação remetendo à guerra	VIII; VIII	595; 596
Petrópolis	Gonzaga e Machado tomam o trem que vêm de lá	IV	574
	Sobre as notícias e a vida de lá	IV; IV; IV; IV	575; 575; 575; 575
	Reflexão de Gonzaga sobre as pessoas felizes	VI; VI	583; 584

	Citação da história imaginada de alguém rico	X	615
Pirineus	Sobre Maomé, reflexões de Machado	X	616
Porto da Estrela	Sobre as comunicações antes do trem	IV	576
Portosi	Reflexões de Machado sobre as mulheres	IX	599
Portugal	Origem da família de Augusto Machado	I	565
	Sobre o símbolo do Brasil	III	572
	Sobre as revistas brasileiras	VII	591
Praia das Flechas	Machado vê Gonzaga caminhar	V	576
Roma	Alguém indica a Secretaria da Propaganda, em Roma	VII	585
Serra dos Orgãos	Citação da vista do Passeio Público	I	565
Suíça	Sobre os chalés nos subúrbios	IX	604
Sumaré	Consulta do Vigário de Sumaré à Gonzaga	I	562
Tabatinga	Sobre a Cia de Obras do Porto	XI	627
Tibete	Sobre os cultos de cada religião	I	562
Tocantins	Sobre o caso do bispo que reclamou sobre o número de tiros de salva	I	561
Turquia	Sobre os cultos de cada religião	I	562
Uberaba	Sobre a gazeta de Uberaba	VII; VIII; VIII; VIII; VIII	591; 593; 593; 593; 593

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
HABITAÇÃO E CIDADE	Casa de Gonzaga de Sá Entrei para a sala principal da casa, da qual mestre Gonzaga de Sá fizera a sua de estudos. Tinha o teto em tronco de pirâmide retangular e estucado, e as estantes, a não ser nos vãos das janelas e portas, eram pequenas, da altura do peitoril da janela, e guarneciam a sala em toda a extensão das quatro faces. Por cima delas, ao gesto de um longo consolo, havia bustos, quadrinhos e minerais insignificantes; e, nas paredes, além de dois ou três pequenos quadros a óleo, uma reprodução da «Primavera» de Boticelli e um Rouget de Lisle, cantando pela primeira vez a Marselhesa. Havia também sobre a secretaria um busto de Júlio César e, pregado à parede em que ele se encostava, bem alto, um magnífico retrato do Dante, enquadrado em moldura vulgar. Lia-se-lhe embaixo, em letras góticas, este verso do Inferno: «Amor, che a nullo amato amar perdona». Pairava por toda a sala o olhar transcendente de um moço de bronze, empoleirado na «bandeira» da porta de entrada. Com isso, tudo em muita ordem e sem luxo; havia desordem só na grande mesa do centro, em que livros, revistas, papeis se baralhavam familiarmente. Uma cadeira de balanço destinava-se às longas meditações vadias; à direita da mesa, uma cegonha de pescoço esticado, naquele meneio arisco de cabeça tão característico desse pernaltá, presidia com elegância e desconfiança ao laboratório das cismas e dos pensares de Gonzaga de Sá.	VII	587
	D. Escolástica obrigara-me a passar diante dela e Gonzaga de Sá seguira-nos com o jornal na mão. Penetramos na sala contígua, onde parei um bocado, a ver os retratos de família. O Mestre não rompera com a tradição, que os quer na sala de visitas. Aí os tinha, e não no seu gabinete de trabalho. Havia uma galeria de mais de seis veneráveis retratos de homens de outros tempos, agaloados, uns, e cheios de veneras, todos; e de algumas senhoras. Sem bigodes, de barba em colar, com um olhar imperioso e sobrececho carregado, um deles me pareceu que ia erguer o braço de sob a moldura dourada, para sublinhar uma ordem que me dizia respeito. [...] E seguimos para a sala de jantar, não sem que eu deitasse um longo olhar sobre aqueles velhos moveis de jacarandá, tão amplos e fortes que se diria feitos para outra raça de homens que não a nossa, aquela que vemos por aí nas ruas, nos teatros, nas regatas, nas corridas, mesquinha e sórdida.	VIII	592-593
	E os bicos de gás foram acesos vagarosamente. O velho piano Érard, de cauda, monstruoso, muito grande, surgiu todo inteiro na sala iluminada, como um animal fantástico. Mal as luzes brilharam, a paz externa quebrou-se. Houve um pequeno sussurro e a vida das coisas continuou.	VIII	596
	Dormi magnificamente, em um amplo quarto desses das velhas casas do Rio de Janeiro que dão bem a imagem da fartura e da liberdade da nossa burguesia nos meados do século passado. Era maior do que as salas das nossas apelintradas casas de hoje. Despertei manhã adiantada. O quarto em que dormi, dava para a sala de jantar.	XII	630
	Teatro Lírico Vi algumas de perto e as cadeiras do camarotes, que me pareceram bem inferiores as da sala de jantar da minha modesta casa. Notei-lhes o forro de reles pape! pintado, o assoalho de taboas de pinho barato; alonguei-o olhar pelo corredor e, além de acanhados, julguei-os sujos, vulgares, a guiar os passos para lugares excusos. O teto sempre me intrigou. Com os seus	XI	626

	varões de ferro atravessados, supus que se destinassem a trapézios e outras coisas de acrobacia. Opera, ou circo? Entretanto, eu estava no ponto mais elegante do Brasil; no ponto para que converge tudo que ha de mais fino na minha terra.		
	Cidade		
	Quando cheguei ao terraço do Passeio, já os morros de Jurujuba e de Niterói haviam perdido o violeta com que eu os vinha vendo cobertos pela viagem de bonde a fora; sobre a Armação, porém, pairava ainda o jorro de densas nuvens luminosas, por onde, nas oleografias devotas, acostumamos a ver surgir os santos e anjos da nossa fé. Fazia uma tarde dúbia, de luz irregular e ameaçando tempestade; mas, a minha secreta correspondência com o meio avisara-me que não choveria. Chegado que fui, sentei-me a um banco embutido no muro, bem defronte a uma das novas escadarias que levam á gabada avenida «Beira-mar». Em seguida puxei um cigarro e pus-me a fumá-lo com paixão, olhando as montanhas do fundo, afogadas em nuvens de chumbo; e, engastado na barra de anil, um farrapo de purpura, que se estendia por sobre os ilhotes de fora da baía. Considerei também a calma face da Guanabara, ligeiramente crispada, mantendo certo sorriso simpático na conversa que entabulara com a grave austeridade das serras graníticas, naquela hora de efusão e confiança. Villegagnon boiava na placidez das águas, com seus muros brancos e suas arvores solitárias. Notei então o acordo entre o mar e as serras. O negro costão do Pão de Açúcar dissolvia-se nas mansas ondas da enseada; e da magoa insondável do mar, se fazia a tristeza da Boa-Viagem. Transmutavam-se naturalmente e tocavam-se amigavelmente. O mar espelhejante e movei realçava a majestade e a firmeza da serra e, em face da sua suntuosidade, por vezes conselheiral, o sorriso complacente do golfo tinha uma segurança divina. O poeta tinha razão: era verdadeiramente a grandiosa Guanabara que eu via! A Gloria, do alto do outeiro, com o seu séquito de palmeiras pensativas, provocou-me pensar e rememorar minha vida, cujo desenvolvimento, — conforme o voto que os meus exprimiram no meu baptismo — se devia operar sob a alta e valiosa proteção de N. S. da Gloria. E, quando alguma cousa nos recorda essa apagada e augusta cerimonia, vêm á lembrança factos passados, cuja memória vamos perdendo.	I	564-565
	Gonzaga de Sá disse-me isto certa vez, no largo do Paço, olhando o chafariz do mestre Valentim. Depois continuou: — Este chafariz é feio, é massudo; mas a esfera armilar que o encima, dá-lhe certa grandeza, certa majestade. Mas já foi bonito... — Quando? — Quando o mar chegava-lhe aos pés. Ele tinha essa moldura, ou melhor: esse «repoussoir» e possuía certa beleza. Eu ainda o conheci assim...	III	572
	Nas ruas da cidade, já não me causava surpresa vê-lo. Era em todas, pela manhã e pela tarde. Segui-o uma vez. Gonzaga de Sá andava metros, parava em frente a um sobrado, olhava, olhava e continuava. Subia morros, descia ladeiras, de vagar sempre, e fumando voluptuosamente, com as mãos atrás das costas, agarrando a bengala. Imaginava ao vê-lo, nesses trejeitos, que, pelo correr do dia lembrava-se do pé para a mão: como estará aquela casa, assim assim, que eu conheci em 1876? E tocava pelas ruas em fora para de novo contemplar um velho telhado, uma sacada e rever nelas fisionomias que já mais não são objeto... Não me enganei. Gonzaga de Sá vivia da saudade da sua infância- garrula e da sua mocidade angustiada. Ia em procura de sobrados, das sacadas, dos telhados, para que á vista deles não se lhe morressem de todo na inteligência as varias impressões, noções e conceitos que essas cousas mortas sugeriram durante aquelas épocas de sua vida. Entendi que havia nele uma parada de sentimento e que o volumoso caudal, de encontro ao dique incógnito, crescera com os meses, com os anos, subira muito, e se extravasara pelas coisas, pelo total de vivo e de morto que lhe assistia viver. Um dia faltou á Repartição (contou-me isso mais tarde) para contemplar, ao sol do meio-dia, um casebre do Castello, visto cinquenta e tantos anos atrás, em hora igual por ocasião, de uma gazeta da aula primária. Pobre Gonzaga! A casa tinha ido abaixo. Que dor! Assim, vivendo todo o dia nos mínimos detalhes da cidade, o meu benévolo amigo conseguira ama-la por inteiro, exceto aos subúrbios, que ele não admitia como cidade nem como roça, a que amava também com aquele amor de cousa d'arte com que os habitantes dos grandes centros presam as coisas do campo. Desse modo era um gosto ouvi-lo sobre as coisas velhas da cidade, principalmente os episódios tristes e pequeninos. Com uma memória muito plástica, de uma exatidão relativa mas criadora, ele não tinha securas de foral, de cartas de arrendamento ou sesmaria, nem tinha inclinação por tais documentos; e animava a narração	V	576-577

	<p>pontilhando-a de graça, de considerações eruditas, de aproximações imprevistas. Era um historiador artista e, ao modo daqueles primevos poetas da Idade-Média, fazia história oral, como eles faziam as epopeias. Das coisas, dois ou três aspectos feriam-no intensamente e sobre eles edificava uma outra mais bela e mais viva. Certa vez, não sei a que propósito, lembrei-me de observar ao meu amigo o seguinte:</p> <p>— Este Rio é muito estrambótico. Estende-se pra aqui, pra ali; as partes não se unem bem, vivem tão segregadas que, por mais que aumente a população, nunca apresentará o aspecto de uma grande capital, movimentada densamente.</p>		
	<p><i>Ver todo o capítulo V (O Passeador), que se trata de uma descrição dos aspectos históricos e da formação da cidade do Rio de Janeiro.</i></p>	V	577-579
	<p>Em seguida pus-me a folhear, lendo aqui e ali as páginas da suburbana publicação mensal. Não o fiz sem surpresa. Causava admiração que em tão detratado subúrbio, se agitassem tantas ideias diferentes e novas. Gonzaga manteve-se calado, sem perder um só dos meus gestos. Gozava...</p>	VII	590
	<p>Tomamos uma rua transversal e fomos indo quase sós, por ela afora. Eu ainda não tinha visto a casa, embora Gonzaga m'a tivesse apontado. O arruamento do subúrbio é delirante. Uma rua começa larga, ampla, reta; vamos-lhe seguindo o alinhamento, satisfeitos, a imaginar os grandes palácios que a bordarão daqui a anos, de repente estrangula-se, bifurca-se, subdivide-se num feixe de travessas, que se vão perder em outras muitas que se multiplicam e oferecem os mais transtornados aspectos. Há o capinzal, o arremedo de pomar, alguns canteiros de horta; há a casinha acaçapada, saudosa da toca troglodita; há a velha casa senhorial de fazenda com as suas colunas heterodoxas; há as novas edificações burguesas, com ornatos de gesso, cimbalha e compoteira, varanda ao lado e gradil de ferro em roda. Tudo isso se baralha, confunde-se, mistura-se, e bem não se colhe logo como a população vai-se irradiando da via férrea. As épocas se misturam; os anos não são marcados pelas coisas mais duradouras e perceptíveis. Depois de um velho pouso dos tempos das cangalhas, depois de bamboeantes casas roceiras, andam-se cem, duzentos metros e vamos encontrar um palacete estilo Botafogo. O chalé, porém, é a expressão arquitetônica do subúrbio. Alguns proprietários, poupando a platibanda e os lambrequins, não esquecem de dar ao telhado tio edifício o jeito característico e de rematar as duas extremidades da cumeeira com as flechas denunciativas. Em dias de nevoa em dia de frios, se olhamos um trecho do alto é como se estivéssemos na Suíça ou na Holanda...</p>	IX	604
	<p>Deixando o hotel, ao chegarmos à Avenida Central, havia um movimento por ela acima. Subimos até o pavilhão Monroe. O público noturno de Domingo, nas ruas, tem uma certa nota própria. Há os mesmos "flâneurs", artistas, escritores e boêmios; os mesmos camelôs, mendigos e rôdeuses, que dão o encanto do pitoresco à via pública. No domingo, porém, como eles, vêm as moças dos arrabaldes distantes, com os seus pálidos semblantes e os vestidos característicos. Vêm as armênias das adjacências da rua Larga, em cujos grandes olhos negros, guarnecidos de longos cílios, e com uns duros reflexos de turmalina, a gente vê por vezes passar alguma coisa de ferocidade asiática. Além destes, há operários em passeio, com as suas roupas amarfanhadas pela longa estadia nos baús. Há caixeiros com roupas eternamente novas e grandes pés violentamente calçados... Por entre essa gente, fomos indo até a balaustrada que dá para o mar, junto à qual nos encostamos, olhando em todo o comprimento a Avenida iluminada e movimentada.</p>	X	617
	<p><i>Diversas outras descrições da cidade mas que tratam mais da paisagem do que da urbanização (sendo o último mais relevante à pesquisa)</i></p>		
P E R S O N A G E N S	<p>Gonzaga</p> <p>Era Gonzaga um velho alto, já não de todo grisalho, mas avançado em idade, todo seco, com um longo pescoço de ave, um grande gogó, certa macieza na voz grave, tendo uns longes de doçura e sofrimento no olhar enérgico. A sua tez era amarelada, quase dessa cera amarela de certos cirios.</p> <p>[...]</p> <p>Vi logo nele um velho inteligente, de amplo campo visual a abranger um grande sector da vida; entendi-o ilustrado e de uma recalcada bondade. Não sei também porque adivinhei que tinha um bom nascimento e a antiguidade do aparecimento dos seus antepassados nestas terras não datava da República nem do encilhamento.</p> <p>[...]</p> <p>Além disso era cético, regalista, voltairiano. Usava, como vim a verificar mais tarde, para estar em dia com o seu Deus, dele, frequentar as cerimônias religiosas; e não, como a burguesia republicana, para firmar-se nos frades, padres, freiras e irmãs de caridade e enriquecer-se ignobilmente, criminosamente, cinicamente, sem caridade e amor, senão</p>	I	563

	<p>aquelas de aparato. Era antimonástico, mas não maçom.</p> <p>Manuel Joaquim Gonzaga de Sá era bacharel em letras pelo antigo Imperial Colégio D. Pedro II. Possuía boas luzes e teve sólidos princípios de educação e instrução. Conhecia psicologia clássica e a metafísica de todos os tempos.</p> <p>[...]</p> <p>Aliava a tudo isso, uma estoica despreocupação da notoriedade, ou melhor, da posição fácil e barulhenta. Filho de um general titular do Império, podia ser muita coisa; não quis. Era preciso ser doutor, formar-se, exames, pistolões, hipocrisias, solenidades .. . Um aborrecimento, enfim!.. Não quis; fez-se praticante e foi indo. Foi empregado assíduo e razoável trabalhador. A Republica veio encontra-lo quase só na secção, redigindo um decreto do Defensor Perpetuo e, ao lhe avisarem: “seu” Gonzaga, hoje não se trabalha; o Deodoro, de manhã, proclamou a Republica no Campo de Sant’Ana.</p>	II	568
R E N D A S	Não há referências de renda relevantes no romance		
R E L I G I Ã O	Citações pouco relevantes (porque imparciais) sobre os diferentes tipos de cultos, visto o trabalho de Gonzaga na Secretaria dos Cultos		
T R A N S P O R T E S	Tomamos o trem. Era um dos de Petrópolis. Ia cheio dos tais de que me falava ainda havia pouco Gonzaga. Compramos primeira classe para Bom Sucesso, mas passamos logo para a segunda.	IV	574
	Se considerarmos a topografia do Rio, havemos de ver que as condições do meio físico justificam o que digo. As montanhas e as colunas afastam e separam as partes componentes da cidade. E' verdade que mesmo com os nossos atuais meios rápidos de locomoção publica ainda é difícil e demorado ir-se do Meyer á Copacabana: gastam-se quase duas horas. Mesmo do Rio Comprido ás Laranjeiras, logres tão próximos na planta, o dispêndio não será muito menor. S. Cristóvão é quase nos antípodas de Botafogo; e a Saúde, a Gamboa, a Prainha graças aquele delgado cordão de colinas graníticas — Providencia, Pinto, Nheco — ficam muito distantes do Campo de Sant’Anna, que está na vertente oposta; mas com o aperfeiçoamento da viação, abertura de túneis, etc., todos os inconvenientes ficarão sanados.	V	578
	<p>O bonde, porém, perturbou essa metódica distribuição de camadas. Hoje (ponho de parte os melhoramentos), o geólogo de cidades atormenta-se com o aspecto transtornado dos bairros. Não ha terrenos mais ou menos paralelos; as estratificações misturam-se; os depósitos baralham-se; e a divisão da riqueza e novas instituições sociais ajudam o bonde nesse trabalho plutônico.</p> <p>No entanto, esse veiculo alastra a cidade; mas serve aos caprichos de cada um, de forma a fazer o rico morar n'um bairro pobre e o pobre morar n'um bairro rico.</p> <p>O mal é o isolamento entre eles; é a falta de penetração mutua, fazendo que sejam verdadeiras cidades próximas, pedindo, portanto, órgãos próprios para levarem até aos ouvidos das autoridades as suas necessidades e os seus anseios, mas o aperfeiçoamento da viação sanará tudo isto.</p>		
	Tomamos o bonde no Largo de S. Francisco. O veiculo ia cheio. Viajei comprimido com volúpia, sofrendo aquele contato humano; dando-me bem ao absorver a maior porção de calor vital do meu semelhante próximo. Não estava só no mundo e toda aquela gente tinha que morrer, como eu . O trem, também cheio. Na fila ao lado, em vis à vis, sentaram-se quatro sujeitos. [...]	IX	601
	E o caixão nos foi pesando até que o descansamos nos bancos da estação. Em breve, o trem correu conosco e o morto pelos rails afora, velozmente atravessando as paragens suburbanas. O carro fúnebre era o primeiro e, quando havia uma curva, eu podia lobrigar pelas janelas abertas, nos carros de primeira classe, algumas plumas de chapéus femininos.. Dentro do carro fazia um calor insuportável e os bancos duros nos torturavam. Saltamos enfim na Central. Tínhamos vindo oito. e só quatro iriam ao cemitério.	X	610
	'Dentro em pouco, tomamos o bonde e viajamos silenciosamente. O veiculo encheu-se do curioso publico de Domingo. Gonzaga de Sá mantinha-se calado, de quando em quando olhava um pouco a rua, depois descansava	X	613

	as mãos na bengala, baixava a cabeça e se punha a ver o chão da rua, por entre as grades do assoalho do veículo. Quando saltamos, quis me despedir dele. Não deixou.		
	Quando saltamos na porta do Teatro, já começavam os carros a chegar. Em geral, os coupés traziam três pessoas e as vitórias seis, sem contar o nhonhô na boleia, ao lado do cocheiro. Havia um único palafreireiro para todos os carros. Logo que um apontava no canto da rua Senador Dantas, o pobre homem corria e seguia emparelhado ao veículo até o ponto justo de abrir a portinhola. Se, por acaso, um chegava trazendo o numero normal da lotação e com ajudante de cocheiro próprio, causava pasmo. Era como se fosse uma carruagem de príncipe. Dos «ceroulas» é que saltava o grosso dos frequentadores. E, ainda uma vez, eu me admirei que gente, que pagava vestidos e trajes tão caros, não pudesse vir em carruagens condignas e menos abarrotadas.	XI	625
C O S T U M E S	Educação Gostava Gonzaga de Sá muito de revistas. A variada instrução que recebeu, e o seu gosto policrômico permitiam-lhe seguir, sem esforço, a anarquia dos seus artigos. Assignava a «Revue», o «Mercure», a «Revue Philosophique»; mas, de todas, a «Revue des Deux Mondes» é a que mais queria e citava. Não apreciava as nossas, muito «chies», disse-me ele. Abria, entretanto, exceção para as obscuras e para os jornais ilustrados meteóricos. Havemos de saber mais tarde a sua opinião a respeito.	II	571
	— Fui. Cada vez mais interessantes, os subúrbios. Sobremodo namoradores e feministas... — Feministas? — Feministas! Como não? A atividade intelectual daquela parte da cidade, ao se entrar no trem, parece estar entregue às moças... Tal é o numero das que trazem livros, violinos, rolos de musica, que a gente se põe a pensar: estamos no reino da Grã Duqueza? Conheces a Grã Duqueza? [...] Nos subúrbios, dá vontade de perguntar — quem ha de dar de mamar aos futuros filhos dessas meninas? — Não há perigo algum, disse-lhe eu. Quando vier o casamento, fecham as gramaticas, queimam as musicas, e começarão a repetir a historia igual e enfadonha de todos os casamentos burgueses ou não. — Ha de ser assim mesmo, pois a eternidade de nossa espécie parece repousar sobre bases sólidas. Que achas? — De pleno acordo, repliquei eu. Basta que as mulheres, sejam quase forem as condições delas, não pensem em outra coisa e queiram-na de qualquer modo até o ponto de fazer a raça humana a mais perfeitamente desgraçada de todas as raças, espécies, gêneros e variedades animais e vegetais do planeta. Eu as acuso!	VII	587
	Tomei café e fui ter com Gonzaga de Sá na sua vasta sala de trabalho. Ele, recostado na cadeira de balanço, lia atentamente um jornal. Saudamo-nos e logo lhe observei: — Julgava-te na arrumação; mas vejo que estás embevecido na leitura das gazetas. — Uns jornais franceses que acabo de receber. Adie a arrumação. — Qual é, o jornal? — O «Figaro». Leio um por dia, como se fosse publicado aqui e entregue de manhã na minha porta. Ando sempre por isso mesmo, atrasado com os acontecimentos mundiais.	XI	632
	Lazer, passeios e costumes — Já reparaste que não ha nada mais cediço que as noticias de Petrópolis? — Quase não as leio, respondi. — Fazes mal; é preciso que nos preocupemos com as culminâncias de nós mesmos... Não te patenteias? Interessa-te por Petrópolis, homem!... Insignificantes, embora, merecem atenção as noticias de lá... E só quem “sobe” quem “desce”, não ha dúvida!... Não censuro um cronista mundano que se preocupa com quem “sobe”, mas com quem “desce”! Não é lá muito do seu officio; deixe isso para a irmã Paula... E não é só isso! O pior é que são noticias iguais ás de qualquer lugar, vulgares, chatas... Que pobreza!...	IV	575
	[...] Acabado o jantar, Gonzaga de Sá vestiu-se pacientemente, carinhosamente. íamos em cadeira de segunda classe, eu, por causa do traje, não o podia acompanhar em primeira como ele queria; entretanto, abotoou-se bem, fez com que as calças caíssem com justeza sobre as botinas, amarrou bem a gravata, perfumou-se e fomos com antecedência comprar os bilhetes. Quando saltamos na porta do Teatro, já começavam os carros a chegar. [...] A representação ainda não começara. Damas conversavam com cavalheiros, á entrada dos camarotes. Eu ficava bem junto á fila direita. Vi algumas de perto e as cadeiras do camarotes, que me pareceram	XI	626

	<p>bem inferiores as da sala de jantar da minha modesta casa. [...] Entretanto, eu estava no ponto mais elegante do Brasil; no ponto para que converge tudo que ha de mais fino na minha terra.</p>		
E S C R A V I D ã O	<p>Dentro em pouco o velho preto Inácio entrou com os copos e a garrafa numa bandeja. — Deixa aí, Inácio. Embora Gonzaga de Sá falasse com toda a brandura, o pobre velho quase deixou cair a garrafa. — Não imaginas, menino, que tesouro de dedicação ha nesse homem. Eu não sei donde ele o tira e de que maneira argamassou tão grandes sentimentos. Nasceu escravo, uns dias antes de mim; meu pai o libertou na pia, por isso. A mim me acompanha desde os primeiros dias do nascimento. É um irmão de leite. Viu-me nas atitudes mais humildes; apreciou-me em propósitos repugnantes; assistiu ao desmoronamento da grandeza da minha casa familiar; entretanto, não sendo, como parece a todos, destituído de inteligência critica, sou para ele o mesmo, o mesmíssimo, cuja representação se lhe fez na consciência, no correr dos seus primeiros lustros de vida. Eu não o chego absolutamente a compreender. Acho-o obscuro; mas me deslumbra — é grandioso!... Às vezes, confesso, me parece uma subalterna dedicação animal; às vezes, também confesso, me parece um sentimento divino ..E u não sei, mas amo-o.</p>	VII	589
P O L Í T I C A	<p><i>Críticas presentes em partes do romance, mas nada exatamente direta e relevante das citações políticas</i></p>		

Clara dos Anjos

ESPAÇO	REFERÊNCIA NA OBRA	CAPÍTULO	PÁGINA
Andaraí	Exemplo de bairros de repouso	I	640
Avenida Central	Citação em comparação as ruas do subúrbio	VII	694
Boca do Mato	Considerado um subúrbio mais elegante	X*	745
Cais do Porto	Cassi fala de um emprego lá	X	734
Caixa Econômica	Citação das leis de Praxedes	IV	667
	Cassi vai depositar o dinheiro dos galos lá	IX; IX; IX	727; 728; 730
Campo de Santana	Cassi ia ao centro e passa por aí	IX; IX; IX	728; 729; 729
Candelária	Pai de Dona Margarida havia vindo para o Brasil trabalhar nas obras da Candelária	III	665
Capitania do Porto	Irmão de Meneses era remador na Capitania do Porto	VII; VII; VII	696; 696; 698
Casa de Detenção	Filho de Cassi e Inês estava detido	IX	733
Cascadura	De onde vinha o bonde que Cassi tomou	VI	688
	De onde Cassi embarcou para São Paulo	X*	741
	Considerado um subúrbio não muito elegante	X*	745
Catete	Conversa de Seu Joaquim com Seu Nascimento, sobre alguém se repimpar no Catete	VIII	709
Caxambi	Onde os suburbanos moram – considerado longe	VII	693
Central	A rua em que morava Joaquim dos Anjos era caminho da Central para a freguesia de Inhaúma	I	639
	Onde havia o Brandão, que fazia as roupas de Cassi	II	646
	A casa de Cassi e sua família era numa das primeiras estações de quem vem da Central	II; X*	651; 745
	Cassi vai à Central pegar o trem (a linha)	II; IX; IX	652; 729; 729
	Sobre a delimitação dos subúrbios (a linha)	VII; IX	691; 729
	A sua construção levou à decadência algumas cidades litorâneas (a linha)	VII	691
	Marramaque às vezes tomava os trens nas estações da Central (a linha)	VII	696
	Cassi desce na Central (estação)	IX; IX	723; 730
Colégio das Irmãs de Caridade	Onde havia estudado Dona Salustiana e se orgulhava disso	II	647
Engenho de Dentro	João Pintor trabalhava nas oficinas deste local	I	640
	Clara ia ao cinema lá as vezes	I; V	642; 674
	Por onde ficou Cassi um tempo ao voltar da casa de seu tio	II	651

	Casa de Lafões, próximo ao reservatório	VI; VI	683; 683
	Meneses vai caminhando em direção ao Engenho de Dentro	VII	702
Engenho Novo	Exemplo de bairros de repouso	I	640
	Botequim onde ia Dr. Meseses e os companheiro de Cassi	V	678
	Cassi estava por lá	VI	690
	Irene ia se formar lá	II	648
Escola Normal do Rio de Janeiro			
Estação de Todos os Santos	Timbó levou uma Surra de Dona Margarida	V	681
Estrada Real	Casa de Arnaldo	VI	688
	Leonardo Flores morava não muito longe daí	VII	702
Guaratiba	Cassi foi passar uns dias na fazenda do tio	II; V	649; 679
Imprensa Nacional	José Brito Condeixa – cliente da farmácia – e publicou um livro	III	659
Inhaúma	A rua em que morava Joaquim dos Anjos era caminho da Central para a freguesia de Inhaúma	I	639
	Sobre o cemitério	VII	692
	Onde os suburbanos moram – considerado longe	VII	693
	Marramaque as vezes pegava o bonde de Inhaúma, próximo a sua casa	IX	723
Instituto Nacional de Música	Catarina ia se formar em música e piano por lá	II	648
Jacarepaguá	Por onde o bonde passava	VI	683
	Onde os suburbanos moram – considerado longe	VII	693
	Considerado um subúrbio mais elegante	X*	745
Laranjeiras	Exemplo de bairros de repouso	I	640
Largo do Moura	Caminho de Cassi de volta da Caixa Econômica	IX	730
Largo do Rossio	Caminho de Cassi até a Caixa Econômica	IX	730
Largo do São Francisco	Caminho de Cassi de volta da Caixa Econômica	IX	730
Maxambomba	Onde os suburbanos moram – considerado longe	VII	693
Meier	Clara ia ao cinema lá as vezes	I; V	642; 674
	Cassi passa por aí indo à casa de Lafoes	VI	683
	Cassia ia tomar o trem	VI	688
	Cassi estava na estação	VII	694
	Considerado um subúrbio não muito elegante	X*	745
Mercado	Caminho do pai de Marramaque para vender suas mercadorias	III	658
Outeiro da Glória	Dona Engrácia subia todo dia 15 de agosto	V	674
Parc Royal	Caminho de Cassi até a Caixa Econômica	IX	730
Piedade	Onde morava Leonardo Flores, poeta porrista que escreveu a carta de amor que Cassi usa como modelo	II	648
	Lafões toma o bonde	VI	683
	Cassi era conhecido	IX	729
Porto de Inhaúma	Edmundo fazia pescarias	VII	701
Prefeitura	Caminho de Cassi até a Caixa Econômica	IX	730
Riachuelo	Cassi era conhecido	IX	729
Rio Comprido	Bairro onde, há anos atrás, podia-se ver casas com hera nos muros – bairros de repouso	I	640
Rio das Pedras	Cassi era conhecido	IX	729
Rocha (estação)	Sobre a delimitação dos subúrbios	VII	691
	Manuel (pai de Cassi) compra lá uma casa, quando melhora suas condições financeiras	II	655
Rua Barão do Bom Retiro	Caminho de Cassi depois da conversa com Arnaldo	VI	690
Rua Conde de Bonfim	Bairro onde, há anos atrás, podia-se ver casas com hera nos muros – bairros de repouso	I	640
Rua da Alfândega	Pensão de Dona Margarida	III	665
Rua da Misericórdia	Caminho de Cassi de volta da Caixa Econômica	IX	730
Rua da Quitanda	Papelaria onde trabalhava Marramaque	III	659
Rua da Redenção	Casa de tia Vivência, que sabia de tudo de Cassi	VIII	710
Rua da Saúde	Casa do irmão de Meneses	VII	696
Rua de Dom Manuel	Caminho de Cassi de volta da Caixa Econômica	IX	730
Rua do Livramento	Casa da irmã de Mensess	VII	698
Rua do Ouvidor	Joaquim dos anjos vendeu duas de suas composições para uma casa de música na Rua do Ouvidor	I	637
	Cassi Jones vestia-se à moda da Rua do Ouvidor	II	646
	Ninguém conhecia Cassi	IX	729
	Caminho de Cassi até a Caixa Econômica	IX	730
Rua Teresina	Casa de Joaquim dos Anjos	VII	694
Rua Valentim	Onde morava a Santinha, uma das vítimas de Cassi	II	647
Santa Casa	Onde havia morrido o poeta Aquiles Varejão	III	660

	Mme. Bacamarte se atira num trem mas salva-se na Santa Casa	V	676
	Mme. Bacamarte tinha sempre que ir lá	V	676
São Francisco Xavier	Sobre a delimitação dos subúrbios	VII	691
Sapopemba	Sobre a delimitação dos subúrbios	VII	691
Serra do Mateus	Por onde o bonde passava	VI	683
Sete de Setembro	Caminho de Cassi até a Caixa Econômica	IX	730

Outros municípios e locais fora da cidade do Rio de Janeiro

ESPAÇO	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
América	Explicando o Ovo de Colombo	VIII	722
Brasil	O pai de Marramaque veio ao Brasil e começou o cultivo de alguns gêneros da pequena lavoura	III	657
	Dona Margarida havia vindo muito cedo para o Brasil com o pai	IV	665
	Leonardo Flores era celebridade no Brasil todo	IV; V; VII	665; 677; 705
China	Leonardo Flores cita, sobre sua carreira de poeta	VII	706
Cubandê	Os protetores de Babá tinham terras por lá	V	673
Diamantina	Joaquim dos Anjos aprendeu lá a arte musical	I; I	637; 638
	Mãe de Joaquim dos Anjos lá morreu	I	638
Distrito	Trens na fronteira do Distrito com o Estado do Rio são cheios	VII	693
	Sobre as condições sanitárias do local	VII	693
Estado do Rio	Marramaque havia vivido numa cidadezinha no Estado do Rio	III	657
	Seu Nascimento era do interior	V	677
	Trens na fronteira do Distrito com o Estado do Rio são cheios	VII	693
	Sobre as estradas construídas	VII	693
	Meneses havia nascido no litoral, ao sul do Estado	VII	696
Europa	O inglês para o qual trabalhava Joaquim dos Anjos volta para Europa	I	638
Inglaterra	Mãe de Cassi fala sobre seu avô, cônsul da Inglaterra	IX; X*	727; 747
Inhaí	Freguesia de Diamantina, onde ficava a casa que Joaquim dos Anjos herdou	I	638
Japão	Leonardo Flores cita, sobre sua carreira de poeta	VII	706
Londres	O inglês John Herbert Brown era da Real Sociedade de Londres	I	638
Mangaratiba	Meneses fala do licor da sua terra	VII	702
Marrocos	A cerimonia de iniciação à religião de Mr. Quick Shays tinha um ar de cavalaria guerreira que combateria o mouro infiel, na Palestina ou em Marrocos.	I	641
Mato Grosso	Cassi diz que irá para lá trabalhar na construção de uma estrada de ferro	IX; IX	727; 728
Matriz (da cidade de Marramaque)	Um caixeiro-viajante havia jogado manilha na casa de um sacristão da matriz	III	658
Minas	Meneses foi até o interior das antigas províncias	VII	696
	Joaquim dos Anjos tinha uma garrucha, tal qual se viajava em Minas	III	711
Niterói	Sobre os Salesianos – colégio que vai estudar Cassi	II	655
	Joaquim leva Clara a passeio	VIII	717
Palestina	A cerimonia de iniciação à religião de Mr. Quick Shays tinha um ar de cavalaria guerreira que combateria o mouro infiel, na Palestina ou em Marrocos.	I	641
Paraguai	As filhas de Salustiana sempre se referiam ao avô como se ele fosse um general do Paraguai	II	647
Riga	De onde vinha dona Margarida, a russa	III	665
Rio Grande do Sul	De onde era a vizinha de Cassi	III	661
Salesianos de Niterói	Onde Manuel põe o filho para estudar quando se encontra viciado	II	656
Santa Catarina	Mãe de Cassi fala sobre seu avô, cônsul da Inglaterra em Santa Catarina	X*	747
São Gonçalo	Os protetores de Babá tinham terras por lá	V	673
São Paulo	Meneses foi até o interior das antigas províncias	VII	696
	Cassi havia ido a São Paulo	X*	741
Sul	De onde era a vizinha de Cassi	III	661

TEMA	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA
H	Casa de Joaquim dos Anjos		
A	‘[...] Vendeu a modesta herança e tratou de adquirir aquela casita nos subúrbios em que ainda morava e era dele. O seu preço fora módico, mas, mesmo assim, o dinheiro da herança não chegara, e pagou o resto em	I	638
B			
I			

T C A O E C I D A D E	prestações. Agora, porém, e mesmo há vários anos, estava em plena posse do seu buraco, como ele chamava a sua humilde casucha. Era simples. Tinha dois quartos; um que dava para a sala de visitas e outro para a sala de jantar, aquele ficava à direita e este à esquerda de quem entrava nela. À de visitas, seguia-se imediatamente a sala de jantar. Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, onde estavam a cozinha e uma despensa minúscula. Comunicava-se esse puxadito com a sala de jantar por uma porta; e a despensa, à esquerda, apertava o puxado, a jeito de um curto corredor, até à cozinha, que se alargava em toda a largura dele. A porta que o ligava à sala de jantar ficava bem junto daquela, por onde se ia dessa sala para o quintal. Era assim o plano da propriedade de Joaquim dos Anjos. Fora do corpo da casa, existia um barracão para banheiro, tanque, etc., e o quintal era de superfície razoável, onde cresciam goiabeiras, dois pés ou três de laranjeiras, um de limão-galego, mamoeiros e um grande tamarineiro copado, bem aos fundos. [...]		
	Quando todos se foram e Clara recolheu-se a seu quarto, que dava para a sala de jantar, Joaquim e a mulher ficaram nela, comendo ainda alguma coisa que sobrara. [...]	IV	672
	Todos os domingos, aí pelas nove horas, lá batiam à porteira da casa do postal; não entravam no corpo da habitação e, pelo corredor que mediava entre ela e a vizinha, dirigiam-se ao grande tamarineiro, aos fundos do quintal, debaixo do qual estava armada a mesa, com os seus tentos, vermelhos e pupilas negras, de grão de aroeira, o seu baralho, os seus pires, um cálice e um litro de parati, ao centro, muito pimpão e arrogante, impondo um cínico desafio às conveniências protocolares.	I	642
	Chácara		
	[...] Havia, porém, uma casa digna de ser vista. Erguia-se quase ao centro de uma grande chácara e era a característica das casas das velhas chácaras dos outros tempos; longa fachada, pouco fundo, teto acaçapado, forrada de azulejos até a metade do pé direito. Um tanto feia, é verdade, que ela era, sem garridice; mas casando-se perfeitamente com as mangueiras, com as robustas jaqueiras e os coqueiros petulantes e com todas aquelas grandes e pequenas árvores avelhantadas, que, talvez, os que as plantaram não as tivessem visto frutificar. Por entre elas, onde se podiam ver vestígios do antigo jardim, havia estatuetas de louça portuguesa, com letreiros azuis. Uma era a Primavera; outra era a Aurora; quase todas, porém, estavam mutiladas; umas, num braço; outras não tinham cabeça, e ainda outras jaziam no chão, derrubadas dos seus toscos suportes. Os muros que cercavam a casa, a razoável distância, e mesmo aquele em que se apoiava o gradil de ferro da frente do imóvel, estavam cobertos de hera, que os envolvia em todo ou em parte, não como um sudário, mas como um severo, cerimonioso e vivo manto de outras épocas e de outras gentes, a provocar saudades e evocações, animando a ruína. Hoje, é raro ver-se, no Rio de Janeiro, um muro coberto de hera; entretanto, há trinta anos, nas Laranjeiras, na Rua Conde de Bonfim, no Rio Comprido, no Andaraí, no Engenho Novo, enfim, em todos os bairros que foram antigamente estações de repouso e prazer, encontravam-se, a cada passo, longos muros cobertos de hera, exalando melancolia e sugerindo recordações [...]	I	639
	Casa de Cassi Jones (família)		
	Foi-lhe reservado o porão, na parte dos fundos, e a chácara, como recreio, onde raramente o pai ia. Jantava, almoçava e tomava café, no compartimento do porão onde morava. Logo na primeira manhã que despertou no seu humilhante aposento familiar, pensou logo em ir ver as suas gaiolas de galos de briga [...]	II	651
	O seu socavão doméstico ficava bem debaixo da sala de jantar da casa, que aí acabava o seu corpo principal. As dependências restantes ocupavam um puxado longo. Quando ele entrou, percebeu que na sala de jantar, além do pai, mãe e irmãs, havia alguém que não era de hábito e dissera, ouvindo-lhe os passos:	VI	687
	Tinha boa aparência a residência da família do Senhor Azevedo; mas quem a observasse com cuidado, concluiria que a parte imponente dela, a parte da cimalha, sacadas gradeadas e compoteiras ao alto, era nova. De fato, quando o pai de Cassi a comprou, a casa era um simples e modesto chalet, mas, com o tempo, e com ser sua vagarosa, mas segura, prosperidade, pôde ir, também devagar, aumentando o imóvel, dando um aspecto de boa burguesia remediada. Na frente, não era alto; o terreno, porém, inclinava-se rapidamente para os fundos, de forma que, nessa parte, havia um porão razoável, onde, ultimamente, habitava Cassi. O puxado, na traseira da casa, também tinha porão, porém, com maus quartos, que eram ocupados pelas galinhas do filho e por coisas velhas ou sem préstimo, que a família refugava, sem querer pôr fora de todo.	X*	746
	Casa de Dona Margarida		

[...]Continuou com a pensão; mas bem cedo vendeu-a e comprou uma casita nos subúrbios, aquela em que morava, quase junto de Joaquim.[...]	III	665
Casa de Dona Laurentina		
[...] Dona Laurentina Jácome, uma velha, sempre metida com rezas e padres, pensionista do ex-Imperador e empregada numa capelinha da vizinhança, de cuja limpeza era encarregada, inclusive da lavagem das toalhas dos altares. [...]	IV	667
Casa de Mme. Bacamarte		
[...] O marido devia seis meses de casa - um modesto barracão de madeira, com uma sala, um quarto e um pequeno adendo para a cozinha. O senhorio perseguia-o; ele fugia e deixava com a mulher o encargo de explicar os atrasos. Um belo dia, ela vê entrar o proprietário com dois homens. Nada dizem. [...]	V	676
Casa de Lafões		
[...] Era uma pequena casa, mas bem tratada e limpa. O pequeno jardim na frente merecia cuidados e, no quintal, aos fundos, cresciam couves e repolhos, a dar saudades de um bom caldo à portuguesa.	VI	683
[...] Sentava-se a uma cadeira de balanço, austríaca, que a punha bem junto à janela, tendo, à esquerda, uma cadeira, em querepousavam o isqueiro (não usava fósforos) e os cigarros Fuzileiros. Estava assim, naquela postura, e enrolava melhor um cigarro pacientemente, quando lhe bateram no portão de ripas de madeira. [...]	VI	683
Casa de Etelvina, irmã de Meneses		
A irmã logo convidou o irmão mais velho a ficar com eles. Havia um barracão no quintal, que, bem reparado, podia servir para Leopoldo, e o quarto deste ficaria para o Juca. Enquanto não estivesse em estado, ele teria a paciência de dormir com Leopoldo. Meneses aceitou o alvitre, dizendo [...]	VII	698
Casa de Meneses		
[...] A casa era um tanto longe, pelos bons caminhos; mas, cortando-se caminhos desertos, subindo e descendo morros, chegava-se a ela com mais presteza. Não hesitou e tomou os atalhos, que conhecia bem; e, quase por instinto, os seguia até à sua residência. Ficava esta numa campina nua; e só era cercada na frente, toscamente, e, do lado direito, graças ao vizinho. Tinha um cajueiro mofino, que disfarçava a casinha e dava uma escassa sombra à torneira d'água, onde a irmã lavava roupa, de casa e de fora. De onde em onde, Meneses cismava em plantar algumas árvores de rápido crescimento, para sombra; mas lá vinham os cabritos da vizinhança e matavam-lhe os brotos. A muito custo, conseguiu fazer um caramanchão tosco com que ensombrasse a sala de jantar, onde dormia, e que se prestasse a cozinha, nos dias normais. A casa só tinha dois aposentos iguais, que se comunicavam por uma porta. Não fora a rua, não teria frente nem fundos, tão semelhantes eram essas extremidades dela. A irmã habitava o aposento da frente, dividido por uma cortina, que corria do portal da porta interior até ao da que dava para a rua. Era de telha-vã e de chão.	VII	700-701
Chegou em casa e comeu o feijão e arroz com pirão de fubá de milho, que a irmã lhe guardava sempre. Fez isto à luz de um vagabundo, espécie de lanterna, de querosene, reduzida aos seus últimos elementos. Bebeu dois ou três cálices de parati, pois sempre o tinha em casa; e estirou-se num velho canapé, com um fundo de tábuas de caixões, acolchoado com jornais. A roupa, ele a tinha tirado com todo o cuidado e com todo o cuidado depositado na guarda de uma cadeira de pau, a única existente na casa. A mesa de pinho, uma carcomida velha mesa de cozinha, tomava o resto do aposento; e, nela, roncava o palerma do sobrinho. Cobriu-se com uma manta, feita de metades de duas outras, e dormiu serenamente.	VII	701
Casa de Leonardo Flores		
Embora dissesse que sim, Flores teimou em servir-lhe outra xícara, que foi buscar à cozinha. A sala de visitas era a mesma de há vinte anos. Tinha resistido a todas as mudanças e todas as despesas. Um sofá austríaco, velho, esburacado; duas cadeiras de braço da mesma marca, um trio de cadeiras de todos os feitios. Pela parede, além de outros, um magnífico retrato a óleo de pintor, feito por uma celebridade, quando nos seus começos. Uma velha estante de ferro com brochuras expandongadas e uma mesa furada com toalha de aniagem, bordada a lã de várias cores. Tinteiro, canetas e o mais para escrever.	VII	702
Casa de Marramaque		
A sua casa era inteiramente o contrário da de Meneses. Estava sempre limpa, móveis em ordem, completamente cercada, o jardimzinho da frente bem tratado. Helena, a tia de Marramaque, era muito metódica e econômica, de forma que a vida doméstica do sobrinho era regular e plácida. Ela costurava para os arsenais do governo e, com o que Marramaque lhe dava dos seus exíguos vencimentos, a vida deles corria sem contratempos	IX	723

	Habitação em geral		
	O menino já roçava pelos dezesseis anos e mostrava-se assim precoce na carreira de falcatuas. Havia sido preso, pelo respectivo vigia, no interior de uma casa vazia, quando procurava arrancar encanamentos de chumbo para vender.	II	655
	Cidade		
	[...] A rua em que estava situada a sua casa se desenvolvia no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. Carroções, carros, autocaminhões que, quase diariamente, andam por aquelas bandas a suprir os retalhistas de gêneros que os atacadistas lhes fornecem, percorriam-na do começo ao fim, indicando que tal via pública devia merecer mais atenção da edilidade. Era uma rua sossegada e toda ela, ou quase toda, edificada ao gosto antigo do subúrbio, ao gosto do chalet. Estava povoada e edificada quase inteiramente, de um lado e de outro. Dela, descortinava-se um lindo panorama de montanhas de cores cambiantes, conforme fosse a hora do dia e o estado da atmosfera. Ficavam-lhe muito distantes, mas pareciam cercá-la, e ela, a rua, ser o eixo daquele redondel de montes, em que, pelo dia em fora, pareciam ser iluminados por projeções luminosas, revestindo-se de toda a gama do verde, de tons azuis; e, pelo crepúsculo, ficavam cobertos de ouro e púrpura. Além dos clássicos chalets suburbanos, encontravam-se outros tipos de casas. Algumas relativamente recentes, uns certos requififes e galanteios modernos, para lhes encobrir a estreiteza dos cômodos e justificar o exagero dos aluguéis [...]	I	639
	Hoje, é raro ver-se, no Rio de Janeiro, um muro coberto de hera; entretanto, há trinta anos, nas Laranjeiras, na Rua Conde de Bonfim, no Rio Comprido, no Andaraí, no Engenho Novo, enfim, em todos os bairros que foram antigamente estações de repouso e prazer, encontravam-se, a cada passo, longos muros cobertos de hera, exalando melancolia e sugerindo recordações [...]	I	640
	[...] Demais, a sua casa de negócio ficava num lugar pitoresco, calmo, pouco transitado, diante das velhas árvores da chácara de Mr. Quick Shays e olhando para uns cumes caprichosos de montanhas distantes. Compravam muitas pessoas, para as quais tinha freguesia certa. (Sobre o armazém de Seu Nascimento)	V	677
	- Lá, ele encontrou um político daqui da Capital, que estava na chácara, a responder processo, como mandante de um assassinio. O homem aproximou-se de Barcelos, e puseram-se a conversar. Não estavam no cubículo; estavam na enfermaria, ou na sala livre, ou em outro compartimento especial. Barcelos narrou sua vida, que, apesar daquele transtorno, não corria mal. Tinha uma venda em ***; vendia a dinheiro e a crédito, para o operariado das fábricas lá existentes; mas era feliz, pois, apesar de fazer muitos fiados, quase não os perdia. Era até estimado, pelo seu gênio folgazão e prestativo. O político, que tinha um chefe adversário, naquela estação, viu bem como, para desbancá-lo, podia aproveitar os serviços de Barcelos. Você por que não se mete na política?, disse ele um dia. O vendeiro de *** respondeu: Mas não sou brasileiro, doutor. O seu alto companheiro de cárcere retrucou-lhe: Eu faço você brasileiro naturalizado, capitão da Guarda Nacional, e você, nas eleições, trabalha para mim e os meus. Trate logo de alistar o maior número de fregueses que você puder. Barcelos assentiu, trabalhou sempre para o tal político, por intermédio do qual arranhou melhoramentos para o lugarejo, valorizando as suas terras e prédios.	V	680-681
	Lafões morava bem próximo do reservatório do Engenho de Dentro. Uma tarde, Cassi tomou o bonde de Piedade, que, para ir a essa estação, logo após o Méier, se interna para os lados da serra, toma ruas despovoadas e, por fim, a do Engenho de Dentro. O caminho era então pitoresco, não só pelos restos de capoeira grossa que ainda havia, mas também pelas casas roceiras de varanda e pequenas janelas de outros tempos. Caminho de tropa, talvez, os engenheiros da Light só se deram ao trabalho de fazer sumários nivelamentos. Os altos e baixos, os atoleiros e atascadeiros, consolidados com gravetos e varreduras de capinas, transformaram o caminho do bonde, naquele trecho, numa montanha-russa, com a lembrança, de um lado e outro, do espetáculo do que seriam ou do que são os caminhos do nosso interior, pelos quais nos chegam os cereais e a carne que comemos.	VI	683
	O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio continua invadindo, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e morrotes.	VII	691

	<p>Passa-se por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma gruta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco, que, para ser alcançado, se torna preciso descer uma ladeira quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso.</p> <p>Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato.</p> <p>Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo.</p> <p>Afastando-nos do eixo da zona suburbana, logo o aspecto das ruas muda. Não há mais gradis de ferros, nem casas com tendências aristocráticas: há o barracão, a choça e uma ou outra casa que tal. Tudo isto muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vezes, correres de pequenas casas, de duas janelas e porta ao centro, formando o que chama- mos avenida.</p> <p>As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e de capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até à noite, ficam povoadas de toda a espécie de pequenos animais domésticos: galinhas, patos, marrecos, cabritos, carneiros e porcos, sem esquecer os cães, que, com todos aqueles, fraternizam. Quando chega a tardinha, de cada portão se ouve o toque de reunir: Mimoso! É um bode que a dona chama. Sereia! É uma leitoa que uma criança faz entrar em casa; e assim por diante. Carneiros, cabritos, marrecos, galinhas, perus - tudo entra pela porta principal, atravessa a casa toda e vai se recolher ao quintalejo aos fundos.</p> <p>Se acontece faltar um dos seus bichos, a dona da casa faz um barulho de todos os diabos, descompõe os filhos e filhas, atribui o furto à vizinha tal. Esta vem a saber, e eis um bate-boca formado, que às vezes desanda em pugilato entre os maridos.</p> <p>A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres.</p>		
	<p>Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro.</p>	VII	692
	<p>Toda essa gente que vai morar para as bandas de Maxambomba e adjacências, só é levada a isso pela relativa modicidade do aluguel de casa. Aquela zona não lhes oferece outra vantagem. Tudo é tão caro como no subúrbio, propriamente. Não há água, ou, onde há, é ainda nos lugarejos do Distrito Federal que o governo federal caridosamente supre em algumas bicas públicas; não há esgotos; não há médicos, não há farmácias. Ainda dentro do Rio de Janeiro, há algumas estradas construídas pela Prefeitura, que se podem considerar como tal; mas, logo que se chega ao Estado, tudo falta, nem nada há embrionário.</p>	VII	693
	<p>[...] Meneses, José Castanho de Meneses, nascera de pais portugueses, numa cidade do litoral - sul do Estado do Rio de Janeiro. Naqueles tempos, essas cidades eram prósperas; mas, atualmente, têm, para demonstrar a sua irremediável decadência, o fato de não se ter notícia de haver sido construída em quaisquer delas, de quarenta anos a esta parte, uma única casa. O pai tinha uma loja, um bazar, que ia próspero; mas, com a decadência da localidade, de que foi um dos fatores a construção da Central, o estabelecimento comercial foi decaindo. O pai viu-se obrigado a suprimir despesas, uma das quais era a da educação e instrução dos filhos.[...]</p>	VII	696
	<p>[...] Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da avenida, pouco após a morte de ambos, pouco ou nada tinha.[...] (Sobre Meneses e seu trabalho de engenheiro)</p>	VII	699
	<p>- Se você fosse mais moço, aconselharia até, porque se projetam grandes obras, no Rio; mas, já tendo passado dos cinqüenta, é fazer o que parecer melhor a você. Em todo o caso, vou pedir ao Coronel Carvalho uma recomendação. (Sobre Meneses ir trabalhar no Rio nas obras de engenharia)</p>	VII	698
	<p>[...] Quando chegou em casa, já se fazia escuro, e os lampiões da iluminação pública estavam acesos e prontos a suceder, consoante o seu poder, à soberba luz do sol, que ia morrendo, num crepúsculo cambiante e lento, por detrás das montanhas, que se destacavam num fundo de prata, de ouro e de púrpura, na parte do horizonte em que ele se escondia.</p>	VIII	711

	<p>[...] Raramente, vinha ao centro. Quando muito, descia até o Campo de Sant'Ana e daí não passava. Não gostava mesmo do centro. Implicava com aqueles elegantes que se postavam nas esquinas e nas calçadas. Achava-os ridículos, exibindo luxo de bengalas, anéis e pulseiras de relógio. É verdade, pensava consigo, que ele usava tudo aquilo; mas era com modéstia, não se exibia. Recordava que não tinha poses, mas, mesmo que as tivesse, não se daria a tal ridículo... Essa sua filosofia sobre a elegância, de elegante suburbano, ele aplicava às moças. Quanto dengue! Para que aqueles passos estudados? Aqueles modos de dizer adeus?</p> <p>Achava tudo ridículo, exagerado, copiado, mas não sabia bem de que modelo. O que, de fato, sentia não era isso que expunha aos amigos ou às belezas suburbanas que, porventura, requestrasse. O que ele sentia diante daquilo tudo, daquelas maneiras, daqueles ademanos, daquelas conversas que não entendia, era a sua ignorância, a sua grosseria nativa, a sua falta de educação e de gosto. O seu ódio, então, ia forte para os poetas e jornalistas, sobretudo, para estes. Não perdoava as descalçaadeiras, os deboches que lhe passavam, quando tinham de denunciar alguma das suas ignóbeis proezas. Uns sujos! - dizia - ; uns malandros! - continuava - que querem ditar moral. O seu primeiro ímpeto, quando lia notícias a seu respeito, era atirar-se contra um deles, naturalmente o que lhe parecesse mais fraco; e desancá-lo de pancadas. Sustinha, porém, o ímpeto, porque sabia, se tal fizesse, estaria perdido. A guerra seria sem tréguas, e novos e velhos da sua interminável conta sairiam à luz. Secretamente, tinha um respeito pela cidade, respeito de suburbano genuíno que ele era, mal-educado, bronco e analfabeto.</p> <p>[...].</p> <p>Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant'Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant'Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarronice evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles caras todos, que nem o olhavam. Fosse no Riachuelo, fosse na Piedade, fosse em Rio das Pedras, sempre encontrava um conhecido, pelo menos, simplesmente de vista; mas, no meio da cidade, se topava com uma cara já vista, num grupo da Rua do Ouvidor ou da avenida, era de um suburbano que não lhe merecia nenhuma importância. Como é que ali, naquelas ruas elegantes, tal tipo, tão mal-vestido, era festejado, enquanto ele, Cassi, passava despercebido? Atinava com a resposta, mas não queria responder a si mesmo. Mal a formulava, apressava-se em pensar noutra coisa.</p> <p>[...]</p> <p>Saltando na Central, não procurou bonde. Engolfou-se num filete de multidão que se alastrava em direitura à Prefeitura e marchou a pé até o centro. Desde o Largo do Rossio, foi parando diante das montras. Demorava-se a ver jóias através de fortes vidros que as protegiam contra a cobiça alheia. Mirava anéis e relógios, braceletes e brincos, mais àqueles do que a estes, porquanto não lhe brotava no coração nenhuma necessidade de dar presentes às amadas. Tão caros, não valia a pena!... Uma bengala de junco, esquinada, com castão de ouro, tentou-o. Os quinhentos mil-réis que tinha na algibeira murmuraram-lhe alguma coisa ao ouvido. Prontamente repudia a tentação; precisava estar seguro...</p> <p>Entrou pela Rua Sete de Setembro e, daí em diante, foi admirando as roupas feitas - por toda a longa fachada do Parc Royal, foi parando diante das vitrines, onde havia roupas e outras peças de vestuário, para homens. Viu fraques, viu suspensórios, viu ligas, viu colarinhos, viu camisas... Que coisas lindas!</p> <p>Tomou a Rua do Ouvidor e foi descendo, sempre parando em frente das casas que tinham artigos para homens. Por desfastio, desviou-se a olhar as vitrines de uma livraria. Olhou-lhe também o interior. Livros de alto a baixo. Para que tantos livros? Aquilo tudo só seria para fazer doidos. Ele tinha livros, na verdade; mas eram alguns, livros de amor... Que livros, meu Deus! Teve vontade de tomar café; hesitou um pouco! Mas, afinal, animou-se. Estava quase na hora. A Caixa Econômica não tardaria em abrir-se.</p> <p>[...]</p> <p>O dinheiro devia estar sempre ao alcance da mão... Saiu e, a fim de não ser visto por algum conhecido, procurou alcançar o Largo de São Francisco, atravessando aqueles velhos becos imundos que se originam da Rua da Misericórdia e vão morrer na rua Dom Manuel e Largo do Moura. Penetrou naquela vetusta parte da cidade, hoje povoada de lôbregas hospedarias, mas que já passou por sua época de relativo realce e brilho. Os botequins e</p>	IX	728-730
--	---	----	---------

	<p>tascas estavam povoados do que há de mais sórdido na nossa população. Aqueles becos escuros, guarneçados, de um e outro lado, por altos sobrados, de cujas janelas pendiam peças de roupa a enxugar, mal varridos, pouco transitados, formavam uma estranha cidade à parte, onde se iam refugiar homens e mulheres que haviam caído na mais baixa degradação e jaziam no último degrau da sociedade. Escondiam, na sombra daquelas betesgas coloniais, nas alcovas sem luz daqueles sobrados, nos fundos caliginosos das sórdidas tavernas daquele tristonho quarteirão, a sua miséria, o seu opróbrio, a sua infinita infelicidade de deserdados de tudo deste mundo. Entre os homens, porém, ainda havia alguns com ocupação definida; marítimos, carregadores, soldados; mas as mulheres que ali se viam, haviam caído irremissivelmente na última degradação. Sujas, cabelos por pentear, descalças, umas, de chinelos e tamancos, outras. Todas metiam mais pena que desejo. Como em toda e qualquer seção da nossa sociedade, aquele agrupamento de miseráveis era bem um índice dela. Havia negras, brancas, mulatas, caboclas, todas niveladas pelo mesmo relaxamento e pelo seu triste fado.</p>		
	<p>A residência dos pais de Cassi ficava num subúrbio tido como elegante, porque lá também há estas distinções. Certas estações são assim consideradas, e certas partes de determinadas estações gozam, às vezes, dessa consideração, embora em si não o sejam. O Méier, por exemplo, em si mesmo não é tido como chique; mas a Boca do Mato é ou foi; Cascadura não goza de grande reputação de fidalguia, nem de outra qualquer prosápia distinta; mas Jacarepaguá, a que ele serve, desfrutava da mais subida consideração.</p> <p>A casa da família do famoso violeiro não ficava nas ruas fronteiras à gare da Central; mas, numa transversal, cuidada, limpa e calçada a paralelepípedos. Nos subúrbios, há disso: ao lado de uma rua, quase oculta em seu cerrado matagal, topa-se uma catita, de ar urbano inteiramente. Indaga-se por que tal via pública mereceu tantos cuidados da edilidade, e os historiôgrafos locais explicam: é porque nela, há anos, morou o deputado tal ou o ministro sicrano ou o intendente fulano.</p>	X*	745
P E R S O N A G E N S	<p>Joaquim dos Anjos</p> <p>O carteiro Joaquim dos Anjos não era homem de serestas e serenatas; mas gostava de violão e de modinhas. Ele mesmo tocava flauta, instrumento que já foi muito estimado em outras épocas, não o sendo atualmente como outrora. [...]</p> <p>Apesar disso, na sua simplicidade de nascimento, origem e condição, Joaquim dos Anjos acreditava-se músico de certa ordem, pois, além de tocar flauta, compunha valsas, tangos e acompanhamentos de modinhas. [...]</p> <p>Aprendeu a artinha musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. Embora gozando desta fama animadora, nunca quis ampliar os seus conhecimentos musicais. Ficara na artinha de Francisco Manuel, que sabia de cor; mas não saíra dela, para ir além.</p> <p>Pouco ambicioso em música, ele o era também nas demais manifestações de sua vida. Desgostoso com a existência medíocre na sua pequena cidade natal, um belo dia, aí pelos seus vinte e dois anos, aceitara o convite de um engenheiro inglês que, por aquelas bandas, andava a explorar terras e terrenos diamantíferos. [...]</p> <p>Logo ao chegar o geólogo, Joaquim empregou-se como seu pajem, guia, encaixotador, servente, etc., e tanto foi obediente e serviu a contento o sábio, que este, ao dar por terminadas as suas pesquisas, o convidou a vir ao Rio de Janeiro, encarregando-se de movimentar a sua pedregulhenta ou pedregosa bagagem, até que ela fosse posta a bordo. O sábio comprometeu-se a pagar-lhe a estadia no Rio, o que fez, até embarcar-se para a Europa.</p> <p>Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo Navy Cut; Joaquim já se havia habituado ao Rio de Janeiro, no mês e pouco em que estivera aqui, a serviço do Senhor John Herbert Brown, da Real Sociedade de Londres; e resolveu não voltar para Diamantina. Vendeu as perneiras num belchior e o chapéu de cortiça também; e pôs-se a fumar o saboroso fumo inglês no cachimbo que lhe fora ofertado, passeando pelo Rio, enquanto teve dinheiro. Quando acabou, procurou conhecidos que já tinha; e, em breve, entrou para o serviço de empregado de escritório de um grande advogado, seu patrício, isto é, mineiro.</p> <p>[...]</p> <p>Viu bem que o doutor lhe falava a verdade, e toda sua ambição se cifrou em obter um pequeno emprego público que lhe desse direito a aposentadoria e a montepio, para a família que ia fundar. Conseguira, ao fim de dois anos de trabalho, aquele de carteiro, havia bem quatro lustros,</p>	I	637

	com o qual estava muito contente e satisfeito da vida, tanto mais que merecera sucessivas promoções. Casara meses depois de nomeado; e, tendo morrido sua mãe, em Diamantina, como filho único, herdara-lhe a casa e umas poucas terras em Inhaí, uma freguesia daquela cidade mineira. Vendeu a modesta herança e tratou de adquirir aquela casita nos subúrbios em que ainda morava e era dele.		
	João Pintor		
	Esse João Pintor trabalhava nas oficinas do Engenho de Dentro, no ofício de que proviera o seu apelido. Era um preto retinto, grossos lábios, malares proeminentes, testa curta, dentes muito bons e muito claros, longos braços, manoplas enormes, longas pernas e uns tais pés, que não havia calçado, nas sapatarias, que coubessem neles. Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, mal os punha hoje, no dia seguinte tinha que os retalhar à navalha, se queria dar alguns passos e manquejar menos até o Mafuá. Dizia o Turuna, adepto do Padre Sodré, capelão do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, que João Pintor se metera com os bíblias, porque estes lhe haviam dado um quarto, na chácara, para ele morar de graça, com certas obrigações pequenas a cumprir. João Pintor contestava com veemência; o certo, porém, é que ele morava na chácara.	I	640
	Mr. Quick Shays		
	Chefiava os protestantes um americano, Mr. Quick Shays, homem tenaz e cheio de uma eloquência bíblica, que devia ser magnífica em inglês; mas que, no seu duvidoso português, se tornava simplesmente pitoresca. Era Shays Quick ou Quick Shays daquela raça curiosa de yankees fundadores de novas seitas cristãs. De quando em quando, um cidadão protestante dessa raça que deseja a felicidade de nós outros, na terra e no céu, à luz de uma sua interpretação de um ou mais versículos da Bíblia, funda uma novíssima seita, põe-se a propagá-la e logo encontra dedicados adeptos, os quais não sabem muito bem por que foram para tal novíssima religiãozinha e qual a diferença que há entre esta e a de que vieram.	I	641
	Clara dos Anjos		
	Eram casados há quase vinte anos, e esta Clara, sua filha, sendo o segundo filho do casal, orçava pelos seus dezessete anos. Era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou pai, só saía com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras. No mais, isto era raro e só acontecia aos domingos, Clara deixava, às vezes, a casa paterna, para ir ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, quando a sua professora de costuras se prestava a acompanhá-la [...]	I	642
	Lafões		
	Lafões não era operário, como se poderia pensar. Era guarda das obras públicas. Português de nascimento, viera menino para o Brasil, isto há mais de quarenta anos; entrara muito cedo para a repartição de águas da cidade, chamara a atenção dos seus superiores pelo rigor de sua conduta; e, aos poucos, fizeram-no chegar a seu generalato de guarda de encanamentos e de torneiras que vazassem nos tanques de lavagem das casas particulares. Vivia muito contente com a sua posição, a sua portaria de nomeação, a sua carta de naturalização, e, talvez, não estivesse tanto, se tivesse enriquecido de centenas de contos de réis. Assim tudo fazia crer, pois era de ver a importância ingênua do campônio que se faz qualquer coisa do Estado, e a solenidade de maneiras com que ele atravessava aquelas virtuais ruas dos subúrbios. Trazia sempre a farda de cáqui e o boné com as iniciais da repartição; um chapéu-de-sol de cabo, que, quando não o trazia aberto, a protegê-lo contra os raios do sol, manejava como a bengala de um vigário de aldeia portuguesa, furando o chão e levantando-o, para pousá-lo de novo, à medida que executava as suas longas passadas.	I	644
	Marramaque		
	[...] Marramaque era e sempre havia sido mais ou menos político, a seu modo. Embora atualmente fosse um simples contínuo de ministério, em que não fazia o serviço respectivo, nem outro qualquer, devido a seu estado de invalidez, de semi-aleijado e semiparálitico do lado esquerdo, tinha, entretanto, pertencido a uma modesta roda de boêmios literatos e poetas, na qual, a par da poesia e de coisas de literatura, se discutia muita política, hábito que lhe ficou. Quando veio a revolta de 93, a roda se dissolveu. Uns foram acompanhar o Almirante Custódio; e outros, o Marechal Floriano. Marramaque foi um destes e até obteve as honras de alferes do Exército. Por aí é que teve a primeira congestão, isto é, nos fins do governo do marechal, em 94. A sua roda não tinha ninguém de destaque, mas alguns eram estimáveis. Mesmo alguns de rodas mais cotadas procuravam a dele. Quando narrava episódios dessa parte de sua vida, tinha grande garbo e orgulho em dizer que havia conhecido Paula Nei e se dava com Luís Murat.	I	642-643

	<p>Não mentia, enquanto não confessasse a todos em que qualidade fizera parte do grupo literário. Os que o conheciam, daquela época, não ocultavam o título com que partilhava a honra de ser membro de um cenáculo poético. Tendo tentado versejar, o seu bom senso e a integridade de seu caráter fizeram-lhe ver logo que não dava para a coisa. Abandonou e cultivou as charadas, os logogrifos, etc. Ficou sendo um hábil charadista e, como tal, figurava quase sempre como redator ou colaborador dos jornais, que os seus companheiros e amigos de boêmia literária, poetas e literatos, improvisavam do pé para a mão, quase sempre sem dinheiro para um terno novo. Envelhecendo e ficando semi-inutilizado, depois de dois ataques de apoplexia, foi obrigado a aceitar aquele humilde lugar de contínuo, para ter com que viver. Os seus méritos e saber, porém, não estavam muito acima do cargo. Aprendera muita coisa de ouvido e, de ouvido, falava de muitas delas. Tivera, em moço, uma boa convivência. Estava aí o segredo de sua ilustração. Marramaque, apesar de tudo, do seu estado de saúde, da sua dificuldade de locomover-se, não deixava a mania inócua da política e ia votar, com risco de se ver envolvido num barulho de sufrágio universal, puxado a navalha, rabo-de-arraia, cabeçadas, tiros de revólver e outras eloqüentes manifestações eleitorais, das quais, em razão do seu precário estado de pernas, não poderia fugir com segurança e a necessária rapidez.</p>		
	<p>Cassi Jones</p> <p>Cassi Jones de Azevedo era filho legítimo de Manuel Borges de Azevedo e Salustiana Baeta de Azevedo. O Jones é que ninguém sabia onde ele o fora buscar, mas usava-o, desde os vinte e um anos, talvez, conforme explicavam alguns, por achar bonito o apelido inglês. O certo, porém, não era isso. A mãe, nas suas crises de vaidade, dizia-se descendente de um fantástico Lord Jones, que fora cônsul da Inglaterra, em Santa Catarina; e o filho julgou de bom gosto britanizar a firma com o nome do seu problemático e fidalgo avô.</p> <p>Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido como consumado modinhoso, além de o sertambém por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuoso do violão, nem outro qualquer traço de capadócio. Vestia-se seriamente, segundo as modas da Rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o degagé suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros, que teimavam em descobrir aquele aperfeiçoadíssimo Brandão, das margens da Central, que lhe talhava as roupas. A única pelintragem, adequada ao seu mister, que apresentava, consistia em trazer o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio - a famosa pastinha. Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão.</p> <p>Era bem misterioso esse seu violão; era bem um elixir ou talismã de amor. Fosse ele ou fosse o violão, fossem ambos conjuntamente, o certo é que, no seu ativo, o Senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez deflorescimentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas.</p> <p>Todas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalo, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas ele, pela boca dos seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios da prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado ou de alguns anos na correção.</p> <p>Quando a polícia ou os responsáveis pelas vítimas, pais, irmãos, tutores, punham-se em campo para processá-lo convenientemente, ele corria à mãe, Dona Salustiana, chorando e jurando a sua inocência, asseverando que a tal fulana - qualquer das vítimas - já estava perdida, por esse ou por aquele; que fora uma cilada que lhe armaram, para encobrir um mal feito por outrem, e por o saberem de boa família, etc., etc.</p> <p>Em geral, as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de todas as cores. Não escolhia. A questão é que não houvesse ninguém, na parentela delas, capaz de vencer a influência do pai, mediante solicitações maternais.</p> <p>A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.</p>	II	645-646
	<p>Galos de briga eram a força de suas indústrias e do seu comércio equívocos. Às vezes, ganhava bom dinheiro nas apostas de rinhadeiro, o que vinha ressarcir os prejuízos que, porventura, anteriormente houvesse tido nos dados; e, assim, conseguia meios para saldar o alfaiate ou comprar sapatos catitas e gravatas vistosas. Com os galos, fazia todas as operações possíveis, a fim de ganhar dinheiro; barganhava-os, com volta, vendia-os, chocava as galinhas, para venda dos frangos a criar e educar,</p>	II	651-652

<p>presenteava pessoas importantes, das quais supusesse, algum dia, precisar do auxílio e préstimos delas, contra a polícia e a justiça.</p> <p>Incapaz de um trabalho continuado, causava pasmo vê-lo cuidar todas as manhãs daqueles horripilantes galináceos, das ninhadas, às quais dava milho moído, trigoilho, examinando os pintainhos, um por um, a ver se tinham boubá ou gosma.</p> <p>Fosse se deitar a que hora fosse, pela manhã lá estava ele atrapalhado com os galos malaíes e a sua descendência de frangos e pintos.</p> <p>Nunca suportara um emprego, e a deficiência de sua instrução impedia-o que obtivesse um de acordo com as pretensões de muita coisa que herdara da mãe; além disso, devido à sua educação solta, era incapaz para o trabalho assíduo, seguido, incapacidade que, agora, roçava pela moléstia. A mórbida ternura da mãe por ele, a que não eram estranhas as suas vaidades pessoais, junto à indiferença desdenhosa do pai, com o tempo, fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. É um tipo bem brasileiro.</p>		
D. Salustiana		
<p>[...] A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.</p>	II	646
<p>Sua mulher não era lá muito querida, nem prezada. Tinha fumaças de grande dama, de ser muito superior às pessoas de sua vizinhança e mesmo às dos seus conhecimentos. O seu orgulho provinha de duas fontes: a primeira, por ter um irmão médico do Exército, com o posto de capitão; e a segunda, por ter andado no Colégio das Irmãs de Caridade.</p>	II	647
Maneco		
<p>O pai desse Cassi era verdadeiramente um homem sério. Estreito de idéias, familiarizado no emprego público, que, há cerca de trinta anos, exercia, ele tinha profundos sentimentos morais, que lhe guiavam a conduta no seu comércio com os filhos. Nunca fora afetuoso: evitava até todas as exhibições e exageros sentimentais; era, porém, capaz de estimá-los profundamente, amá-los, sem abdicar, entretanto, do dever paterno de julgá-los lucidamente e puni-los consoante a natureza das suas respectivas faltas.</p> <p>Era homem de pouca altura, trazia a cabeça sempre erguida, testa reta e alta, queixo forte e largo, olhar firme, debaixo do seu pince-nez de aros de ouro. Conquanto alguma coisa obeso, era deveras um velho simpático e respeitável; e, apesar da sua imponência de antigo burocrata, dos seus modos um tanto ríspidos e secos, todos o estimavam na proporção em que seu filho era desprezado e odiado. Tinham até pena dele, confrontando a severidade de sua vida com a crapulice de Cassi.</p>	II	647
Catarina e Irene		
<p>[...] Catarina e Irene sonhavam casar com doutores, bem empregados ou ricos, porque elas se julgavam prestes a se formar, a primeira em música e piano, pelo trampolineiro Instituto Nacional de Música; e a segunda, pela indigesta Escola Normal desta Capital.</p>	II	647-648
Ataliba do Timbó		
<p>Ataliba do Timbó era um mulato claro, faceiro, bem-apegoado, mas antipático pela sua falsa arrogância e fatuidade. Havia sido operário em uma oficina do Estado. Meteu-se com Cassi e, aos poucos, abandonou o emprego, abandonou a mãe, de quem era único arrimo, e quis imitar o mestre até o fim. Foi infeliz. Arranjou uma complicação policial e matrimonial de donzelas, nas quais Cassi era useiro e vezeiro, e saiu-se mal. Obrigaram-no a casar; mas teve a hombridade de ficar com a mulher, embora, resignadamente, ela sofresse toda a espécie de privações, no horrível subúrbio de Dona Clara, enquanto ele andava sempre muito suburbanamente elegante e tivesse vários uniformes de football.</p> <p>Tirava proventos do jogo de dados ou campista, e também do football, em que era considerado bom jogador - plêiel, como dizem lá.</p> <p>De vários clubes, havia sido expulso ou se havia demitido voluntariamente, porque os companheiros suspeitavam-no ser peitado pelos adversários, para facilitar estes fazer pontos. Ultimamente, era agente de jogo de bicho, e sua mulher viera gozar de mais algum conforto.</p>	II	653-654
Ernestina (mulher de Ataliba do Timbó)		
<p>Pobre Ernestina! Era tão alegre, tão tagarela, era moça, e bonitinha, na sua fisionomia miúda e na sua tez pardo-clara, um tanto baça, é verdade, mas não a ponto de enfeá-la, quando conheceu Ataliba; e hoje? Estava escanzelada, cheia de filhos, a trair sofrimentos de toda a espécie, sempre mal calçada, quando, nos tempos de solteira, o seu luxo eram os sapatos! Quem te viu e quem te vê!</p>	II	654
Zezé Mateus		
<p>Zezé Mateus era um verdadeiro imbecil. Não ligava duas idéias; não guardava coisa alguma dos acontecimentos que assistia. A sua única mania era beber e dizer-se valente. Topava todos os ofícios; capinava,</p>	II	654

R E N D A S	<p>vendia peixe e verdura, com cesto à cabeça; era servente de pedreiro, apanhava e vendia passarinhos, como criança; e tinha outras habilidades desse jaez.</p> <p>Era branco, com uma fisionomia empastada, cheia de rugas precoces, sem dentes, todo ele mole, bambo. A sua testa era deprimida, e era longo e estreito o seu crânio, do feitio daqueles a que o povo chama cabeça de mamão-macho.</p> <p>Totalmente inofensivo, quase inválido pela sua imbecilidade nativa e pela bebida, uma família a quem ele prestava pequenos serviços - ir às compras, ao açougue, lavar a casa - dava-lhe um barracão na chácara, onde dormia, e comida, se estivesse presente às refeições. Encontrava-se nessa ruína humana o melhor da turma e o único que não tinha maldade no coração. Era um ex-homem e mais nada.</p>		
	Franco Souza		
	<p>Franco Sousa, este, era um malandro mais apurado, que, uma vez ou outra, aderiu ao grupo de Cassi. Intitulava-se advogado e vivia de embrulhar os crédulos clientes que lhe caíam nas mãos. Todos sabiam que ele não tratava de coisa alguma, pois não podia absolutamente tratar, já por não saber coisa alguma das tricas forenses, já por não ser, de verdade, advogado. Assim mesmo, sempre apareciam ingênuos roceiros, simplórias viúvas, que, no pressuposto de que os seus serviços, na justiça, sobre a demarcação de terras litigiosas ou despejos de inquilinos relapsos, fossem mais baratos, procuravam-no. Ele recebia os adiantamentos e, em seguida, mais algum dinheiro, conforme a ingenuidade e a falta de experiência do cliente, e não fazia nada. Entretanto, vivia muito decentemente com a mulher, filhos e filhas. Cassi não lhe pisava em casa, e, aos poucos, foi se afastando do violeiro, a conselho da mulher, que zelava extremamente pela reputação das filhas, que se faziam moças.</p>	II	654
	Arnaldo		
	<p>O último dos asseclas do modinheiro era um tal Arnaldo, Arnaldo tout court. Nele, talvez houvesse tipo mais nojento do que mesmo em Cassi. A sua profissão consistia em furtar, no trem, chapéus-de-sol, bengalas, embrulhos dos passageiros que estivessem a dormir ou distraídos. De tarde, ele fazia a especialidade dos embrulhos; e, à noite, às vezes, a altas horas, postava-se na beira da plataforma de estação pouco freqüentada e, quando o trem tomava movimento e impulso, arrebatava rapidamente os chapéus dos passageiros, através da portinhola, principalmente se de palha e novos. Vendia-os, no dia seguinte, como vendia os chapéus-de-sol, as bengalas e o conteúdo dos embrulhos, se fosse de coisa vendável; roupas de lã ou branca, livros, louça, talheres, etc.</p>	II	654
	<p>No fim de um mês, porém, era despedido, porque, tendo ido receber uma conta de cartões de visitas, uns cinco mil-réis ou pouco mais do que isso, voltara sem dinheiro, dizendo que o tinha perdido. Revistado convenientemente, foi-lhe o dinheiro encontrado quase intacto entre a botina e a meia.</p>	II	655
	<p>Conheço bem esse carteiro. Ele não trabalha aqui; mas na cidade, na zona dos bancos. Deve ter dinheiro. Tem um pancadão de filha, meu Deus! Que torrão de açúcar! (Amigos de Cassi sobre Joaquim dos Anjos)</p>	III	664
	<p>Os fregueses continuavam a chegar; em geral, eram crianças e mulheres. As suas compras eram pobres: dois tostões disso, quatrocentos réis daquilo - compras de gente pobre, em que raramente se via nelas incluído meio quilo de carne-seca ou um de feijão. Tudo não excedia a tostões. Mesmo atendendo aos fregueses, sozinho, pois os caixeiros tinham ido correr a clientela fixa do armazém, Seu Nascimento não perdia o fio da conversa, e ela continuava naturalmente.</p>	V	680
R E N D A S	<p>- É verdade, Seu Nascimento. Daí, data a pouca prosperidade de Barcelos, que possui perto de duzentos contos, em casas, terrenos e apólices, afora o giro do negócio.</p>	V	681
	<p>Alguns já lhe haviam oferecido quinhentos mil-réis e ele estava disposto a vendê-las, por esse preço, depois que a coisa estivesse acabada... (Sobre os galos de Cassi)</p>	VI	688
	<p>Cassi deu-lhe dois mil-réis e ele se pôs a caminho, mas a pé, para poupar o tostão do bonde.[...]</p>	VI	689
	<p>[...] A irmã ficara com uma pequena pensão mensal da Caixa dos Remadores, cerca de trinta mil-réis, e um filho; e ele, com seus ferros de dentista.[...]</p>	VII	699
	<p>- Sei bem; mas sei também que o senhor tem grande influência sobre ele. Veja se me arranja? Olhe, doutor, não é para afrontar; tem aqui dez mil-réis para as primeiras despesas. Cinco são para o senhor e cinco para ele.</p> <p>[...]</p> <p>Já passavam das sete horas, e, logo que o violeiro desapareceu, o dentista levantou, foi a um ângulo do balcão e disse para o caixeiro, dando-lhe a nota de dez mil-réis que havia recebido das mãos de Cassi:</p> <p>- Paga aqueles seiscentos réis que estou devendo e me dá mais outra lambada.</p>	VII	700

	- Precisamos de açúcar, café, e já devemos ao padeiro seiscentos réis. - Você vai ao bolso do colete e tira de lá todas as pratas e níqueis que encontrastes. Deixa só quatrocentos réis. Julgo que deve haver uns três mil e tantos a quatro mil-réis. Fica com tudo. Dá-me um cálice, aí!	VII	701
	- Juca, foi bom você aparecer. Estou sem dinheiro para carvão, farinha e querosene. O que você deu não chegou... Fui comprar carne-seca - lá se foi todo o dinheiro. O velho Meneses, semi-embriagado, já sem decidir perfeitamente, tirou os cinco mil-réis que estavam escondidos na algibeira e destinados a Flores, juntou mais dez tostões e disse para a irmã: - Tens aí seis mil-réis até segunda-feira. Mana, você até lá não tem direito de me pedir mais dinheiro. Hoje é sexta-feira, temos sábado e domingo garantidos.	VII	702
	[...] Cassi encheu-se de fúria má e, na maior fúria, tomou a firme resolução de remover aquele trambolho de aleijado, que estava sempre estragando os seus planos, com os quais até já tinha gasto bastante dinheiro. Não subiam as despesas a mais de cinqüenta mil-réis...	VIII	719
	Vendidos os galos, galinhas, frangos e pintos, apurou quinhentos mil-réis, que se dispôs a depositar na Caixa Econômica, logo no dia seguinte ao do recebimento.	IX	728
R E L I G I O S	Chefiava os protestantes um americano, Mr. Quick Shays, homem tenaz e cheio de uma eloquência bíblica, que devia ser magnífica em inglês; mas que, no seu duvidoso português, se tornava simplesmente pitoresca. Era Shays Quick ou Quick Shays daquela raça curiosa de yankees fundadores de novas seitas cristãs. De quando em quando, um cidadão protestante dessa raça que deseja a felicidade de nós outros, na terra e no céu, à luz de uma sua interpretação de um ou mais versículos da Bíblia, funda uma novíssima seita, põe-se a propagá-la e logo encontra dedicados adeptos, os quais não sabem muito bem por que foram para tal novíssima religiãozinha e qual a diferença que há entre esta e a de que vieram. Lá, na sua terra, como aqui, esses pequenos luteranos fazem prosélitos; lá, mais do que aqui. Mr. Shays obtinha, nas vizinhanças do carteiro Joaquim dos Anjos, não prosélitos, mas muitos ouvintes, dos quais uma quinta parte afinal se convertia. Quando se tratava de iniciar uma turma, os noviços dormiam em barracas de campanha, erguidas ao redor da casa, nos vãos existentes entre as velhas árvores da chácara, maltratada e desprezada. As cerimônias preparatórias à iniciação, na religião de Mr. Quick Shays, duravam uma semana, farta de jejuns e cânticos religiosos, cheios de unção e apelos contritos a Deus, Nosso Pai; e a velha propriedade de recreio, com as barracas militares e salmodias contínuas, adquiria um aspecto esquisito e imprevisto, o de convento ao ar livre, mascarado por uma rebarbativa carranca de acampamento guerreiro. Dir-se-ia um destacamento de uma ordem de cavalaria monástico-guerreira, que se preparava para combater o turco ou o mouro infiel, na Palestina ou em Marrocos.	I	641
	Joaquim dos Anjos não freqüentava Mr. Shays nem o reverendo Padre Sodré, do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, pois, apesar de ter nascido numa cidade embalsamada de incenso e plena de ecos sonoros de litanias e o contínuo repicar de sinos festivos, não era animado de grande fervor religioso. Sua mulher, Dona Engrácia, porém, o era em extremo, embora fosse pouco à igreja, devido às suas obrigações caseiras. Ambos, porém, estavam de acordo num ponto religioso católico-romano: batizar quanto antes os filhos, na Igreja Católica Apostólica Romana. Foi assim que procederam, não só com a Clara, o único filho sobrevivente, como com os demais, que haviam morrido.	I	641
	Não saía quase. Era regra que só o fizesse duas vezes por ano: no dia 15 de agosto, em que subia o outeiro da Glória, a fim de deixar uma espórtula à Nossa Senhora de sua íntima devoção; e, no dia de Nossa Senhora da Conceição, em que se confessava. Levava sempre a filha e não a largava de a vigiar [...]	V	674
	- Bem. A mulher saiu mais o mais moço; foram a não sei que ladainha por aí. É um inferno! Estes padres têm invadido estes subúrbios com mais rapidez que os turcos de prestações. É dinheiro para esse santo, é dinheiro para as obras da igreja... Não posso mais [...]	VI	683
	[...] Manuel de Azevedo, o pai de Cassi, quando leu no trem o jornal, saltou na primeira estação, voltou e entrou pela casa adentro que nem um furacão, transtornado de fisionomia, com rictus de ódio que o fazia outro homem muito diferente daquele reservado, bondoso e simpático burocrata que era.	II	649
	Não foi logo diretamente para a casa paterna, que era numa das primeiras estações de quem vem da Central.[...]	II	651
	Algumas boas lhe aconteceram. Tinha ele notado que uma moçoila com livros e atirail de normalista, na viagem de trem, o olhava muito. Marcou-lhe a fisionomia e, ao dia seguinte, à mesma hora, pôs-se, na	II	652

TRANSPORTES	estação, à espera dela; não veio. Esperou outro trem, não veio. Assim, esperou diversos [...]		
	A sua profissão consistia em furtar, no trem, chapéus-de-sol, bengalas, embrulhos dos passageiros que estivessem a dormir ou distraídos (Sobre Arnaldo)	II	654
	Às vezes, o bonde cruzava com uma tropa de carvoeiros de Jacarepaguá, da Serra do Mateus e outras localidades ainda com florestas aproveitáveis; e tínhamos uma imagem mais viva. Os tropeiros eram gente de sangue muito mesclado, ossudos, jarretes nervosos e finos, pés espalmados, às vezes de feições regulares, mas sempre cobertos de barbas maltratadas e de uma insondável tristeza. Não eram só homens feitos; havia crianças também, a guiar os burros em fila. Quando o bonde apontava a sacolejar as suas ferragens, estourando que nem um besouro, avisando-os da sua presença próxima com o zunido contínuo do tímpano, ou, senão, com um apito, ao grito de locomotiva, aqueles homens, vivendo tão perto da terra e da natureza espontânea, não deixavam de se assustar e tomar precauções, para sua segurança e dos seus pacientes animalejos. Encostavam bem a tropa a uma ribanceira lateral da rua, quando na encosta; ou afastavam-se para o lado, se havia terreno baldio e sem cerca, quando ela era planície; e ficavam pasmos, diante daquele monstro zunidor que se movia por intermédio de um grosso fio de arame. Os burros, quer num, quer noutro caso, permaneciam indiferentes e punham-se a roer a erva escassa do campo ou a pastar a folhagem que lhes dava sombra e crescia no alto da chanfradura do corte.	VI	683
	[...] Estavam cansadíssimos e semi-embriagados. Resolveram alugar uma carroça e ir buscar o camarada falecido, que já tinha duas velas piedosas a arder-lhe à cabeceira. E o pobre homem, que devia receber dos amigos aquela tocante homenagem, dos camaradas levarem-no a pé ao cemitério, só a recebeu a meio, pois, o resto do caminho para a última morada, ele a fez graças aos esforços de dois burros, que estavam habituados a puxar carga bem diferente e muito menos respeitável.	VII	693
	[...] Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Cachambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até às dez horas da manhã e há toda uma população de certo ponto da cidade no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, do dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis.[...] Nessas horas, as estações se enchem e os trens descem cheios. Mais cheios, porém, descem os que vêm do limite do Distrito com o Estado do Rio. Esses são os expressos. Há gente por toda a parte. O interior dos carros está apinhado e os vãos entre eles como que trazem quase a metade da lotação de um deles. Muitos viajam com um pé num carro e o outro no imediato, agarrando-se com as mãos às grades das plataformas. Outros descem para a cidade sentados na escada de acesso para o interior do vagão; e alguns, mais ousados, dependurados no corrimão de ferro, com um único pé no estribo do veículo.	VII	693
	Terminado o trabalho, procurava os seus colegas de arte e, aí pelas cinco, cinco e meia, metia-se no trem para a casa. (Joaquim dos Anjos)	VIII	711
	[...] Não eram difíceis as suas comunicações com as estações da Central, quando feitas pelo bonde de Inhaúma, que passava na esquina; e, se o contínuo, na noite fatídica do assassinio, tomava aqueles atalhos e subidas, sempre que passava pela venda do Nascimento ou ia à casa do Joaquim, procurava aquele caminho mais curto.	IX	724
COSTUMES	Educação		
	Entre as relações de suas irmãs, havia uma moça muito pobre, que morava na redondeza. Sua mãe era viúva de um capitão do Exército, e ela, a Nair, era filha única. Com auxílio de alguns parentes, a viúva ia encaminhando a filha, nos estudos próprios de seu sexo. Ela tinha tendência para música e procurou aproximar-se de Catarina, para explicar-lhe a matéria. Contava dezoito anos, muito risonha, de um morenado sombrio, cabelos muito negros, pequenina e viva, com os seus olhinhos irrequietos e luminosos.	II	648
	[...] Não que ela fosse vadia, ao contrário; mas tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher. (Sobre Clara dos Anjos)	VIII	708
	Lazer, passeio e costumes		
	O carteiro Joaquim dos Anjos não era homem de serestas e serenatas; mas gostava de violão e de modinhas. Ele mesmo tocava flauta, instrumento que já foi muito estimado em outras épocas, não o sendo atualmente como outrora. Os velhos do Rio de Janeiro, ainda hoje, se lembram do famoso Calado e das suas polcas, uma das quais - Cruzes, minha prima! ¾ é uma lembrança emocionante para os cariocas que estão a roçar pelos setenta.	I	637

	De uns tempos a esta parte, porém, a flauta caiu de importância, e só um único flautista dos nossos dias conseguiu, por instantes, reabilitar o mavioso instrumento - delícia, que foi, dos nossos pais e avós. Quero falar do Patápio Silva. Com a morte dele a flauta voltou a ocupar um lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância. Voltou a ser novamente plebeu. (Sobre o uso da flauta no Rio)		
	Quase sempre saíam à tarde, iam a festas, a teatros; aos domingos, procuravam visitar os arrabaldes pitorescos e voltavam à noite. Tomavam comida fora e só tinham uma rapariguita preta, de uns dezesseis anos, para os serviços leves da casa. (Sobre o casal vizinho de Cassi)	III	661
	Raramente saía, a não ser para ir bem perto, à casa de Dona Margarida, aprender a bordar e a costurar, ou com esta ir ao cinema e a compras de fazendas e calçado. A casa dessa senhora ficava a quatro passos de distância da do carteiro. Apesar de ser uso, nos subúrbios, irem as senhoras e moças às vendas fazer compras, Dona Engrácia, sua mãe, nunca consentiu que ela o fizesse, embora de sua casa se avistasse tudo o que se passava, no armazém do Seu Nascimento, fornecedor da família. (Passeios de Clara)	III	664
	Não saía quase. Era regra que só o fizesse duas vezes por ano: no dia 15 de agosto, em que subia o outeiro da Glória, a fim de deixar uma espórtula à Nossa Senhora de sua íntima devoção; e, no dia de Nossa Senhora da Conceição, em que se confessava. Levava sempre a filha e não a largava de a vigiar. Tinha um enorme temor que sua filha errasse, se perdesse... A não ser com ela, Clara, muito a contragosto da mãe, saía de casa para ir ao cinema, no Méier e Engenho de Dentro, e outras vezes - poucas - para fazer compras nas lojas de fazendas, de sapatos e outras congêneres, acreditadas nos subúrbios.	V	674
	Dos bondes continuava a descer gente aos magotes, que se encaminhava apressadamente para a plataforma da estrada de ferro. Alguns iam tomar um café, antes de se encaminharem, definitivamente, para os varais da repartição; outros iam até às casas de bicho e deixavam lá o jogo; mas todos iam afinal trabalhar, fazer alguma coisa para ganhar dinheiro. Só o Senhor Cassi Jones de Azevedo ficava..	VII	694
	Meneses ficou mais seguro de si e continuou a beber com vontade, enquanto Cassi contava-lhe os seus ganhos extraordinários no cangueiro, jogo suburbano.	VIII	715
	Joaquim fez a necessária comunicação à mulher, que ficou de se entender com Dona Margarida, para fazer-se acompanhar da filha, sempre que tivesse de sair, ir a lojas, etc. Ele mesmo, Joaquim, levou-a no próximo domingo, a passear em Niterói.	VIII	717
	Festas, cerimônias e comemorações		
	Joaquim dos Anjos ainda conhecera a chácara habitada pelos proprietários respectivos; mas, ultimamente, eles se tinham retirado para fora e alugado aos bíblias. Os seus cânticos, aos sábados (era o seu dia da semana de descanso sagrado), entoados quase de hora em hora, enchiam a redondeza e punham na sua audiência uma soturna sombra de misticismo. O povo não os via com hostilidade, mesmo alguns humildes homens e pobres raparigas dos arredores freqüentavam-nos, já por encontrar nisso um sinal de superioridade intelectual sobre os seus iguais, já por procurarem, em outra casa religiosa que não a tradicional, lenitivo para suas pobres almas alanceadas, além das dores que seguem toda e qualquer existência humana.	I	640
E S C R A V I D Ã O	Estávamos em plena escravatura, se bem que nos fins, mas a antiga Província do Rio de Janeiro era próspera e rica, com as suas rumorosas fazendas de café, que a escravaria negra povoava e penava sob os açoites e no suplício do tronco. (Quando Marramaque começou a trabalhar no armazém)	III	658
	Havia, quando rapazola, muitas névoas na sua alma, um diluído desejo de vaziar suas mágoas e os sonhos, no papel, em verso ou fosse como fosse; e um forte sentimento de justiça. O espectro da escravidão, com todo o seu cortejo de infâmias, causava-lhe secretas revoltas. (Sobre Marramaque)	III	658
P O L Í T I C A	[...] Marramaque, apesar de tudo, do seu estado de saúde, da sua dificuldade de locomover-se, não deixava a mania inócua da política e ia votar, com risco de se ver envolvido num barulho de sufrágio universal, puxado a navalha, rabo-de-arraia, cabeçadas, tiros de revólver e outras eloqüentes manifestações eleitorais, das quais, em razão do seu precário estado de pernas, não poderia fugir com segurança e a necessária rapidez.	I	643
	[...] Deixou o emprego da papelaria, sem zanga; e atirou-se às refregas e às decepções da pequena imprensa, com ardor e entusiasmo, sangue republicano e abolicionista, sobretudo abolicionista. (Sobre Marramaque)	III	660

B. Locais não encontrados para os mapeamentos

Machado de Assis

ROMANCE	ESPAÇO	CAT.	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA	
MA	Banco do Sul	S	Aires ia saindo e encontrou Aguiar	16/01/88; 12/10/88	1100	Sem referências encontradas
MA	Banco do Sul	S	Os Aguiar tem ações do Banco do Sul	05/02/88; 26/05/89; Quinta-feira; 18/07/89	1111; 1194; 1194; 1198	Sem referências encontradas
MA	Banco do Sul	S	Desembargador Campos trabalha lá	20/03/88; 10/10/88; 28/10/88; 08/04/89	1114; 1159; 1164; 1190	Sem referências encontradas
MA	Banco do Sul	S	Osório é advogado do Banco do Sul	26/05/88; 09/09/88; 14/09/88	1122; 1147; 1149	Sem referências encontradas
MA	Banco do Sul	S	Aires vai lá depositar umas apólices e encontra o Desembargador	02/07/88; 02/07/88	1131; 1132	Sem referências encontradas
ML	Congresso	L	Sobre a abertura de seus salões para o lazer da corte	II	204	Sem referências encontradas
HE	Estrada de Andaraí	L	Por onde passeavam Helena e Estácio	XI	316	Sem referências encontradas
QB	Hospedaria da União	S	Rubião se hospedaria indo para o Rio de Janeiro	XXII	660	Sem referências encontradas
MA	Hotel da América	S	Onde fica Santa-Pia em visita ao Rio	27/03/1988	1115	Sem referências encontradas
EJ	Hotel de D. Pedro	S	Onde Aires conheceu Capponi	XII	966	Sem referências encontradas
QB	Hotel de laBourse	S	Almoçaram Rubião e Camacho	LVIII	691	Sem referências encontradas
QB	Loja do Bernardo	S	Rubião ia lá	CXXXVII	760	Sem referências encontradas
MP	Tivoli	L	Brás Cubas fala das recordações do Rio de Janeiro	CXV	613	Sem referências encontradas

Lima Barreto

ROMANCE	ESPAÇO	CAT.	DESCRIÇÃO	CAPÍTULO	PÁGINA	
PQ	Aquidaban (fortaleza)	R	Sobre os bombardeios na Revolta	3II	376	Aparece no texto entre aspas
IC	Banco Inglês	S	De onde Aires D'Ávila recebera dinheiro pra o caso das telas falsificadas	XIII	240	Sem referências encontradas
IC	Campo Grande	R	Estação próxima de Santa Cruz, que inventaram na notícia do crime	X; X	214; 214	Ilha não aparece no mapa
CA	Capitania do Porto	S	Irmão de Meneses era remador na Capitania do Porto	VII; VII;	696; 696; 698	Possível citação como entidade
NN	Citéria	R	Clodoveu ia sempre lá	V	472	Rua citéria (?) Irajá - não aparece no mapa
IC	Confeitaria da Estrada	L	Onde Isaías vai passear com o padeiro	II	132	Sem referências encontradas
MJ	Engenho da Penha	L	Passeio de Gonzaga e Machado enquanto conversam	IV	574	"Engenho da pedra" ?
NN	Farol da Rasa	P	Via-se do pacote com Bogoloff	IX	539	Ilha não aparece no mapa
CA	Guaratiba	L	Cassi foi passar uns dias na fazenda do tio	II; V	649; 679	Ilha não aparece no mapa
MJ	Guaratiba (Morro de)	P	Vista da casa de Gonzaga	XI	623	Ilha não aparece no mapa
PQ	Hospital de	S	Armando havia sido	3III	385	Sem referências

	Santa Bárbara		nomeado médico			encontradas
PQ	Hospital Sírío	S	Armando, marido de Olga, era médico lá	2V	355	Sem referências encontradas
IC	Hotel Kenilalé	S	Onde estava Isaías	V; V	157; 157	Sem referências encontradas
IC	Hotel Términus	S	Onde vivia deputado Castro	IV; IV	143; 150	Sem referências encontradas
IC	Irmãos Araújo	H	Casa do deputado Castro	IV	150	Sem referências encontradas
IC	Jornal do Rio	S	Florêncio dirigia a seção lá	VII	176	Sem referências encontradas
IC	Martinelli	S	Sapateiro onde Leiva mandou fazer suas botinas	VII	172	Pode se referir ao nome do sapateiro
PQ	Matadouro de Santa Cruz	R	Referência na charge de Policarpo que saiu nos jornais	IV	292	Não aparece no mapa
CA	Maxambomba	R	Onde os suburbanos moram – considerado longe	VII	693	Não aparece no mapa
PQ	Pagadoria da Guerra	C	Quaresma encontra Albernaz	3III	381	Possível citação como entidade
IC	Paquetá	L	Onde iriam Loberant, Isaías e Lêda jantar	XIV	254	Ilha não aparece no mapa
IC	Parque Fluminense	L	Leiva o frequentava	VII	171	Citado (luisedmundo), mas sem precisão da localização
IC	Pascoal	L	Barros estava lá	V	156	Rua do ouvidor, mas sem precisão do local
IC	Portier	S	Florêncio foi lá ler	VII	177	Sem referências encontradas
CA	Prefeitura	C	Caminho de Cassi até a Caixa Econômica	IX	730	
CA	Rua da Redenção	H	Casa de tia Vivência, que sabia de tudo de Cassi	VIII	710	Não encontrada no bairro citado
CA	Rua Teresina	H	Casa de Joaquim dos Anjos	VII	695	Não encontrada no bairro citado
IC	Santa Cruz	R	Um crime havia sido praticado lá	X; X; X; X; X; X; X; XIV	210; 210; 212; 214; 214; 217; 217; 251	Ilha não aparece no mapa
IC	Santa Cruz	P	Muralhas da paisagem do gabinete do ministro	XIV	246	Ilha não aparece no mapa
IC	São Marcos	R	Um crime havia sido praticado por lá	X	210	Ilha não aparece no mapa
IC	Western	S	Isaías estava lá	IX	203	Sem referências encontradas
MJ	Zé dos Bifes	R	Sobre uma peça de teatro	IX	600	Hoteleiro que fazia almoços a bons preços

Categorias:

H – Habitação;

S – Comércio e Serviços;

L – Lazer e Passeios;

C – Caminhos e Passagens;

R – Espaços Referenciais;

I – Igrejas;

P – Paisagens

C. Mapeamentos produzidos e não utilizados no corpo do texto

Figura 11 - Mapeamento esquemático dos passeios e lazeres presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).

Figura 12 - Mapeamento esquemático dos passeios e lazeres presentes nos romances de Lima Barreto. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).

Figura 13 - Mapeamento esquemático dos caminhos e passagens presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).

Figura 14 - Mapeamento esquemático dos caminhos e passagens presentes nos romances de Lima Barreto. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).

Figura 15 - Mapeamento esquemático dos espaços referenciais presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).

Figura 16 - Mapeamento esquemático dos espaços referenciais presentes nos romances de Lima Barreto. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1906) e de Andreatta (2006).

Figura 17 - Mapeamento esquemático dos igrejas presentes nos romances de Machado de Assis. Fonte: produção própria sobre bases adaptadas do AGCRJ (1913) e de Andreatta (2006).